

REVISTA DO MUSEU  
DE  
ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

---

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Nº 13

MAE

2003

# REVISTA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

## Comissão Editorial

Maria Beatriz Borba Florenzano  
Maria Christina de Souza Lima Rizzi  
Maria Cristina Mineiro Scatamacchia  
Maria Isabel D'Agostino Fleming  
Paulo De Blasis

## Editora Responsável

Maria Isabel D'Agostino Fleming

## Conselho Editorial

Ana Mae Tavares Barbosa	Lux Vidal
Antonio Porro	Maria Luiza Corassin
Augusto Titarelli	Maria Manuela Carneiro da Cunha
Aziz N. Ab'Saber	Maria Margareth Lopes
Carlos Serrano	Niède Guidon
Fábio Leite	Noberto Luiz Guarinello
Felipe Tirado Segura	Oscar Landmann
Gabriela Martin D'Ávila	Pedro Ignacio Schmitz
Igor Chmyz	Pedro Paulo Abreu Funari
Jacyntho Lins Brandão	Roberto Cardoso de Oliveira
José Antonio Dabdab Trabulsi	Rudolf Winkes
Kabengele Munanga	Solange Godoy

*Pede-se permuta*  
*We ask for exchange*



Av. Prof. Almeida Prado, 1.466  
Cidade Universitária – São Paulo, SP  
CEP 05508-900 – Fax 3091-4977  
<http://www.mae.usp.br> – [revmae@edu.usp.br](mailto:revmae@edu.usp.br)



REVISTA DO MUSEU  
DE  
ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

---

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

publicação anual

Nº 13

2003

SÃO PAULO, BRASIL





# Sumário

## ARTIGOS

- 3 Rosa Cristina Corrêa  
Luz de Souza  
Flavio da Costa Fernandes  
Edson Pereira da Silva  
A study on the occurrence of the brown mussel *Perna perna* on the sambaquis of the Brazilian coast
- 25 Manoel M.B. Gonzalez-  
Sandra Nami Amenomori  
Osteologia e utilização de dentes de Tubarão-Branco, *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Elasmobranchii, Lamnidae) em sambaquis do estado de São Paulo
- 39 Angela Buarque  
Claudia Rodrigues-Carvalho  
Elizabeth Christina da Silva  
Programa funerário dos Tupinambá em Araruama, RJ – Sítio Bananeiras
- 57 Maria Beatriz Cremonete  
Producción cerámica de la Tradición Tafi. Estudios tecnológicos de la alfarería arqueológica de la Ciénega (Tucumán, noroeste de Argentina)
- 75 Marcos Rogério Ribeiro de Carvalho  
Pratos, xícaras e tigelas; um estudo de arqueologia histórica em São Paulo, séculos XVIII e XIX: os sítios Solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa nº 1
- 101 Lourdes M.G.C. Feitosa  
História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos
- 117 Raquel Rech  
Natureza e função das estruturas romanas escavadas no sítio arqueológico de Apollonia, Israel
- 131 Cássio de Araújo Duarte  
Novas considerações quanto à datação do relevo de Wep-wawet proveniente de Lisht
- 139 Marcia M. Arcuri  
Trocas, tributos e comércio: o papel dos *pochteca* na organização do Estado Mexica
- 153 Flavia Prado Moi  
Etnoarqueologia entre os Xerente: a construção de um modelo de organização e uso do espaço das aldeias Porteira e Rio Sono
- 175 Sintia de Assis Viana  
A produção cerâmica de Varginha (MT): uma prática tradicional

## ESTUDOS DE CURADORIA

- 199 Fernando R. Espinoza Quiñones  
Carlos R. Appoloni  
Adenilson O. dos Santos  
Luzeli M. da Silva  
Paulo F. Barbieri  
Pedro H. Aragão  
Virgílio F. do Nascimento Filho  
Melayne M. Coimbra EDXRF study of Tupi-Guarani archaeological ceramics
- 211 Lucas de Melo Reis Bueno Estilo, forma e função: das flechas Xikrin aos artefatos líticos
- 227 Ademir Ribeiro Junior  
Marta Heloísa Leuba Salum Estudo estilístico e iconográfico das esculturas *edan* do acervo do MAE-USP

## ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS

- 261 Márcia Barbosa da Costa Guimarães Revisiting concepts: the social structure of prehistoric fishermen and gatherers
- 269 Maria Dulce Gaspar História da construção da Arqueologia Histórica brasileira
- 303 Francisco Silva Noelli Resenha: FREITAS, M.V. *Charles Frederick Hart, um naturalista no império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. 282pp. ISBN 85-7041-268-1
- 305 Renata Senna Garraffoni Resenha: BOMGARDNER, D.L. *The Story of the Roman Amphitheatre*. Londres e Nova York: Routledge, 2002, 276 pp. ISBN 0-415-30185-8
- 307 Charles E. Orser, Jr. Resenha: FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2003, 126pp. ISBN 85-7244-251-0
- 309 Francisco Silva Noelli Resenha: OLIVEIRA SCHIAVETTO, S.N. de *A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: Anna Blume; FAPESP, 2003, 138pp. ISBN 85-7419-363-1

## NOTAS

- 313 Francisco Silva Noelli  
Marcos Rafael Nanni  
Lúcio Tadeu Mota  
Margarida Cardozo Lavado  
Eurides Roque de Oliveira  
Carlos Panek Jr.  
Ana Paula Simão  
Fernando Jerônimo  
Washington C. Castilho  
João Batista da Silva  
Levantamento arqueológico no noroeste do Paraná,  
entre a foz dos rios Paranapanema e Ivaí
- 319 Marcelo Campagno  
Consideraciones adicionales acerca del proceso de  
unificación del valle del Nilo
- 325 Sandra Lacerda Campos  
A educação indígena no MAE-USP
- 331 Maria Cristina Mineiro Scatamacchia  
A recuperação da capela de Nossa Senhora da  
Escada: arqueologia urbana em Barueri
- 337 Maria Beatriz Borba Florenzano  
Tendências da numismática moderna: o XIII  
Congresso Internacional de Numismática – Madrid,  
setembro de 2003
- 343 Resumos de teses e dissertações do  
MAE/USP, 2003



# Contents

## ARTICLES

- 3 Rosa Cristina Corrêa  
Luz de Souza  
Flávio da Costa Fernandes  
Edson Pereira da Silva  
A study on the occurrence of the brown mussel *Perna perna* on the sambaquis of the Brazilian coast
- 25 Manoel M.B. Gonzalez-  
Sandra Nami Amenomori  
Osteology and utilization of white shark teeth, *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Elasmobranchii, Lamnidae) at shell mounds of São Paulo
- 39 Angela Buarque  
Claudia Rodrigues-Carvalho  
Elizabeth Christina da Silva  
Funerary Program of the Tupinambá in Araruama, RJ – Bananeiras Site
- 57 Maria Beatriz Cremonete  
Ceramic production of the Tafi Tradition. Technological studies applied to la Cienega archaeological pottery. (Tucumán, northwestern Argentina)
- 75 Marcos Rogério Ribeiro de Carvalho  
Plates, cups and bowls; a study of historical archaeology in São Paulo at the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries: the sites Solar da Marquesa, Beco do Pinto and Casa Nº 1
- 101 Lourdes M.G.C. Feitosa  
History, gender, love and sexuality: methodological views
- 117 Raquel Rech  
Nature and function of the Roman structures excavated at the archaeological site of Apollonia, Israel
- 131 Cássio de Araújo Duarte  
New considerations about the dating of Wep-wawet relief from Lisht
- 139 Marcia M. Arcuri  
Trade, tribute and market: the role of the *pochteca* in the organization of the Mexica State
- 153 Flavia Prado Moi  
Xerente Ethnoarchaeology: the construction of organization and space use model of the villages Porteira and Rio Sono
- 175 Sintia de Assis Viana  
The pottery production of Varginha (MT): a traditional practice

## CURATORSHIP STUDIES

- 199 Fernando R. Espinoza Quiñones  
Carlos R. Appoloni  
Adenilson O. dos Santos  
Luzeli M. da Silva  
Paulo F. Barbieri  
Pedro H. Aragão  
Virgílio F. do Nascimento Filho  
Melayne M. Coimbra  
EDXRF study of Tupi-Guarani archaeological ceramics
- 211 Lucas de Melo Reis Bueno  
Style, form and function: from Xikrin's arrows to lithic artifacts
- 227 Ademir Ribeiro Junior  
Marta Heloísa Leuba Salum  
Stylistic and iconographic study of the *edan* sculptures of MAE-USP collections

## BIBLIOGRAPHICAL STUDIES

- 261 Márcia Barbosa da Costa Guimarães  
Revisiting concepts: the social structure of prehistoric fishermen and gatherers
- 269 Maria Dulce Gaspar  
Historical construction of Brazilian Historic Archaeology
- 303 Francisco Silva Noelli  
Review: FREITAS, M.V. *Charles Frederick Hart, um naturalista no império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. 282p. ISBN 85-7041-268-1
- 305 Renata Senna Garraffoni  
Review: BOMGARDNER, D.L. *The Story of the Roman Amphitheatre*, London, New York: Routledge, 2002, 276 pp, (ISBN: 0-415-30185-8)
- 307 Charles E. Orser, Jr.  
Review: FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2003, 126pp. ISBN 85-7244-251-0
- 309 Francisco Silva Noelli  
Review: OLIVEIRA SCHIAVETTO, S.N. de *A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo, Anna Blume; FAPESP, 2003. 138pp. ISBN 85-7419-363-1

## NOTES

- 313 Francisco Silva Noelli  
Marcos Rafael Nanni  
Lúcio Tadeu Mota  
Margarida Cardozo Lavado  
Eurides Roque de Oliveira  
Carlos Panek Jr.  
Ana Paula Simão  
Fernando Jerônimo  
Washington C. Castilho  
João Batista da Silva  
Archaeological survey in northwestern Paraná,  
between the mouths of the Paranapanema and Ivaí  
rivers
- 319 Marcelo Campagno  
Additional considerations about the unification process  
of the Nile Valley
- 325 Sandra Lacerda Campos  
Indigenous education at MAE-USP
- 331 Maria Cristina Mineiro Scatamacchia  
The recovery of the Nossa Senhora da Escada chapel:  
urban archaeology in Barueri, SP
- 337 Maria Beatriz Borba Florenzano  
Trends of the modern numismatics: the XIII<sup>th</sup>  
International Congress of Numismatics – Madrid,  
september, 2003
- 343 Abstracts of PhD and master dissertations.  
MAE/USP, 2003





# Artigos



## A STUDY ON THE OCCURRENCE OF THE BROWN MUSSEL *Perna perna* ON THE SAMBAQUIS OF THE BRAZILIAN COAST

Rosa Cristina Corrêa Luz de Souza\*

Flavio da Costa Fernandes\*\*

Edson Pereira da Silva\*\*\*

SOUZA, R.C.C.L.; FERNANDES, F.C.; SILVA, E.P. A study on the occurrence of the brown mussel *Perna perna* on the sambaquis of the Brazilian coast. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 3-24, 2003.

**RESUMO:** *Perna perna* é um molusco bivalve encontrado nas regiões tropicais e subtropicais dos oceanos Atlântico e Índico e também se estende pelo Mediterrâneo. O objetivo deste trabalho é investigar a hipótese de que a distribuição da espécie *Perna perna* no Brasil pode ser o resultado de eventos de bioinvasão. Para tal, verificou-se a ocorrência desta espécie nos sambaquis do litoral brasileiro. Não foram encontradas conchas desta espécie em nenhum dos sambaquis analisados. Naqueles em que a espécie é citada, o registro é dúbio. *Perna perna* talvez seja uma espécie exótica, podendo ter sido introduzida no Brasil há muitos anos atrás, possivelmente com o incremento do comércio marítimo, à época do tráfico de escravos.

**UNITERMOS:** *Perna perna* – Sambaqui – Bioinvasão – Espécie exótica.

### Introduction

A good part of the Brazilian seashore started to be colonized by human groups around 6,500 B.P.,<sup>1</sup> which began to exploit the marine environment, living mainly of fishing and mollusc harvesting, although they also hunted and gathered various plant products (Gaspar 2000a). These fishers,

hunters and gatherers left as the main testimony of their existence a type of archaeological site known as *sambaqui* (shellmound) (Gaspar 2000b).

The word *sambaqui* is thought to be derived from the tupi words *tamba* (shell) and *ki* (piling) (Prous 1991). A *sambaqui* is thus an artificial mound of mollusc shells which constitutes vestiges of human group habitation sites, where they buried their

(\*) Programa de Pós-graduação em Biologia Marinha. Instituto de Biologia – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

(\*\*) Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira. Departamento de Oceanografia – Divisão de Biologia. Arraial do Cabo, RJ.

E-mail: [flaviocofe@yahoo.com](mailto:flaviocofe@yahoo.com)

(\*\*\*) Laboratório de Genética Marinha. Departamento de

Biologia Marinha. Instituto de Biologia – Universidade Federal Fluminense, RJ.

(1) “B.P.” stands for “years before the present”, the present being defined by convention as 1950, a reference to the discovery of Carbon 14 dating, which happened in 1952. The event referred to thus took place 6,500 years before 1950.

dead and gathered food and craftsmanship remains.

Formations of the sambaqui type are not endemic to Brazil. They receive different names depending on where they occur: in different parts of the Brazilian territory, *concheiros*, *berbigueiros*, *ostreiras* and *sernambis* (Kneip 1987); in Hispanic America, *conchales* or *basurales* (Duarte 1968). The Danish call them *kjökkenmødding*, and the English *kitchen-midden* or *shellmound*. Such formations are distributed throughout the Americas, Africa, Europe etc.. It was only after 1845 that they started to be viewed with interest and that the historical, archaeological and anthropological value of these “kitchen remains” was recognized (Gikovate 1933).

According to Mendonça de Souza (1981), sambaquis are thanocenoses *par excellence*, i.e., ensembles of dead organisms representative of the fauna existing in the area at the time in which they were formed. There are two possibilities of deposition of the remains that constitute them: the first has to do, predominantly, with microscopic fauna and young mollusc forms, subjected to random deposition, together with possible vacancy of the sites, and carried by river or sea water, or else, associated with the collection of species of economic interest to the sambaqui populations; the second, more specific to the macrofauna, conditions the accumulation to the habits, cultural traditions, occupation patterns and ways of group subsistence.

Built on plains as well as on hill sides, sambaquis occur along most of the Brazilian coast, from Rio Grande do Sul state to Todos os Santos bay in Bahia state. On the northeastern coast they disappear, to reappear in the states of Maranhão and Pará in the Northern Region (Lima 2000). However, the studies done in the North and Northeastern Regions are localized, and do not allow for safe correlations with the ones done in the South Region; systematic studies exist only for the north of Rio de Janeiro state (Gaspar 2000a).

The leftovers of prehistoric human populations gathering activity that inhabited the Rio de Janeiro state shores frequently show, in different archaeological sites, the presence of mollusc species belonging to classes Gastropoda and Bivalvia. Collection of these animals, their utilization in the diet of prehistoric man – as calcium and protein sources –, as well as the use of their shells in the manufacture of artifacts – knives, scrapers, hooks, drills and adornment objects – or as funereal accompaniment, has been

documented by records in archaeological sites, especially in sambaquis. It is worth noting that the remains of molluscs preserved in archaeological sites enable the reconstitution of the paleoenvironment (Beltrão *et al.* 1978).

Molluscs played a fundamental role for the fisher-gatherers, but they surely did not constitute their diet's staple, which was mainly made of fish. Nevertheless, everything seems to indicate that molluscs were their favorite food, their main object of desire, such was the intensity with which they searched for them, so that these groups came to be primarily viewed as mollusc gatherers (Lima 1991; Bandeira 1992; Figuti 1993; Lima 2000).

Curiously, in the majority of archaeological vestiges left by hunters and mollusc gatherers who lived on the shores of Rio de Janeiro state, no shells of *Perna perna*, the most abundant bivalve mollusc on the adjacent rocky shores, as well as the organism most consumed by the local population, were found. In those sites where *Perna* was cited, the records are dubious, since the records refer to triturated shells, which are difficult to identify (Beltrão *et al.* 1978). At the same time most of the sites were partially destroyed when they were studied, indicating that contamination of the archaeological record may have occurred (Mendonça de Souza 1981).

In principle, it seems that *Perna* was cited in an attempt to correlate the archaeological fauna with the surrounding environment. Both the historical records, which would define the species as exotic, and the archaeological record, which would characterize the species as cryptogenic or native, are faulty, thus casting a great doubt on the origin of this species in the present-day ecological community.

On the other hand, *Pinctada imbricata*, a species that is rare in today's rocky shores, due to its competition for space with *Perna perna*, is abundant in the sambaquis of Ribeira Bay at Angra dos Reis, in Santana island at Macaé (Lima 1991), and in Cabo Frio island at Arraial do Cabo (Tenório 2001, pers. com.). The *Pinctada imbricata* records, in the sites where its shells were found, are undeniable. In spite of the fragility of this mollusc's valves, its shells are found in good condition, which seems to indicate that this organism was collected frequently for feeding purposes (Lima 1988).

In 1990, two biological invasions by populations

of the genus *Perna*, of unknown origin, were reported from the Caribbean and from the Gulf of Mexico. Hicks & Tunnell (1993) identified the mussels collected in the Gulf of Mexico as *Perna perna*, while Agard *et al.* (1993) identified the species found in the Caribbean as *Perna viridis*. Biological invasion is defined as the arrival, establishment and subsequent diffusion of species in natural communities where they did not previously occur. There are two kinds of invasions: expansions and introductions. Expansions consist in the dispersal of species by natural mechanisms. These natural expansions of organisms extend over a vast geological time. Species are considered native if they include prehistoric invasions. Species are considered exotic when they performed historical invasions through natural expansion or through introduction by human activity (Carlton 1996). There is little information on the invasion of marine organisms, which implies that many introductions may have taken place without having been identified as such (Borrero & Díaz 1998).

Thus, the absence of consistent fossil records that attest to the existence of *Perna perna* in prehistoric times in Brazil, and the existence of recent cases of the invasive behavior of this genus, lead us to raise the possibility that the mussel *Perna perna* may be an exotic species, possibly introduced in Brazil several years ago. It is also possible that *Pinctada imbricata*, which is rare today on rocky shores but was abundant in prehistoric times, as indicated by its undisputed occurrence in many sambaquis, may have been replaced by the invading *Perna perna*. In order to investigate this hypothesis, the occurrence of *Perna perna* in sambaquis near the rocky shores where this species occurs today was verified, and the current populations of *Perna perna* and of *Pinctada imbricata* in the rocky shores and in the archaeological sites of Cabo Frio island, at Arraial do Cabo, Rio de Janeiro state, was characterized through the abundance and distribution of size frequencies.

## Material and methods

### *Sambaqui analysis*

A survey of the registered archaeological sites registered in the 6th Regional Superintendence of the IPHAN (National Institute of Historical and

Artistic Patrimony) was performed so as to identify, quantify and locate the sambaqui-type sites in the state of Rio de Janeiro. An analysis of bibliographical data referring to this state's sambaquis made it possible to verify in how many of them *Perna perna* was mentioned, and in which.

Malacological citations relating to the sambaquis of the states of Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo and Rio de Janeiro were used. In relation to Espírito Santo state, no bibliography pertaining to its archaeological sites was found. As mentioned in the introduction, research on sambaquis is not highly developed in the states to the north of Rio de Janeiro.

So as to verify *in situ* the state of site conservation and the presence of the brown mussel in the malacological vestiges, visits were made to archaeological sites I and II of Cabo Frio island, located in Arraial do Cabo municipality, to the Fort and the Boca da Barra sambaquis, in Cabo Frio municipality, to the Beirada and the Manitiba I sambaquis, in Saquarema municipality, and to the Tarioba sambaqui, in Rio das Ostras municipality.

The Beirada and the Manitiba I sambaquis were visited on 29 May 2001. Under the supervision of Lina Kneip, archaeologist at Museu Nacional/UFRJ, a sample of each of the 7 stratigraphic levels of Manitiba I was taken. With the help of a trowel, about one kilogram of material was collected from each level. The samples were placed in plastic bags, labeled and taken for posterior identification to the Paulo Moreira Marine Studies Institute (IEAPM).

On 9 June 2001, under the guidance of Maria Cristina Tenório, archaeologist at the Museu Nacional/UFRJ, the Cabo Frio I and II sites at Cabo Frio island were visited, in Arraial do Cabo, Rio de Janeiro state. Since these sites have not yet been studied, it was only possible to survey those species of molluscs whose shells were exposed.

The Tarioba sambaqui museum in Rio das Ostras, Rio de Janeiro state, the Beirada sambaqui museum, in Saquarema, also in Rio de Janeiro state, and the Archaeological Museum of the Sambaqui in Joinville, Santa Catarina state were visited so as to verify whether in the exposed material there were *Perna perna* shells collected on archaeological sites that could attest to the presence of the species in these sites' prehistory.

Researchers at the National Museum/UFRJ, the Archaeology and Ethnology Museum/USP, Zoology Museum/USP, Joinville Archaeological

Museum of the Sambaqui, Brazilian Archaeology Institute, Brazilian Society of Archaeology, 6th Regional Superintendence of the IPHAN, Anchietao Research Institute and University of Stellenbosch, South Africa were contacted with the purpose of clarifying the malacological material found and the conservation state of the archaeological sites studied.

*Comparison of the distribution of Perna perna and Pinctada imbricata on the rocky shores and archaeological sites of Cabo Frio Island, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro state*

On 13 June 2001, a random sampling of *Perna perna* and *Pinctada imbricata* was done on the rocky shores of Cabo Frio island, at Arraial do Cabo, Rio de Janeiro state, at 23° 00 S 42° 00 W (Fig. 1).

This sampling was done trying to reproduce the natural harvesting procedure, i.e., the molluscs were visually located and then collected with simple tools. Samples were placed in plastic bags, labeled and taken to the laboratory at IEAPM. In the lab, length and width measures of 258 *Perna perna* shells and



Figure 1 – Study area. The dot indicates the location of the archaeological site on the dunes on Cabo Frio island, Arraial do Cabo – Rio de Janeiro state.

86 *Pinctada imbricata* shells were taken with a caliper ruler.

Length and width measures of 150 *Pinctada imbricata* shells found over the dunes in the archaeological site were also taken. These shells could not be collected since, according to Brazilian legislation on prehistoric sites, it would be tantamount to destruction of patrimony. It was not possible to take *Perna perna* measurements, since this species was not found in the archaeological records, even though its valves are easily seen on the beach sand.

A size frequency distribution was made for shell length and width data for *Pinctada imbricata* and for *Perna perna*. The following size classes were determined: class 1 – from 0 a 0.99 cm; class 2 – from 1 to 1.99 cm; classe 3 – from 2 to 2.99 cm; classe 4 – from 3 to 3.99 cm; class 5 – from 4 to 4.99 cm, and class 6 – from 5 to 5.99 cm.

The Kolmogorov-Smirnov method was used to test if there was a significant difference between the *Pinctada imbricata* size distribution curves on the rocky shore and on the archaeological site. For *Perna perna* a histogram was made with length and width distribution, since this species was found only in the rocky shore.

## Results and discussion

### *Sambaqui analysis*

At IPHAN, an official list called “Archaeological sites registered in Rio de Janeiro state”, dated from 17 February 2000, was consulted. This was IPHAN’s latest document at the time. It lists 575 sites, including prehistoric and historic ones.

The IPHAN archives are of unquestionable richness, containing registers dating back to 1963, but during this survey the absence of certain data was noted, as well as a lack of accuracy in the data on the site registration cards. Flaws on the archaeological sites data from the time of their registration also became evident.

According to Rosana Pinhel Mendes Najjar (archaeologist of the 6th CR/IPHAN, pers. comm.), in some cases the sites registered at IPHAN are doubly registered, under different names; in other cases, they have not even been registered. Others were registered, but the site type was not defined, while yet others are impossible to locate, since the reference points no

longer exist (e.g., “near the tree at the top of the hill, in Mr João’s yard near the railway, ...”), or they simply were not indicated. In addition, most sites were destroyed without having ever been studied.

At INEPAC we were able to find the catalogue cards originating from a systematic registration of the archaeological sites in Rio de Janeiro state, initiated in 1979 and published in 1981 by Alfredo A. C. Mendonça de Souza. It features 339 examined sites, organized in 14 microregions (Itaperuna, Miracema, Campos, Cantagalo, Três Rios, Cordeiro, Vale do Paraíba Fluminense, Serrana Fluminense, Vassouras and Barra do Piraí, São João and Macacu basins, Fluminense do Grande Rio, Cabo Frio, Ilha Grande bay and Rio de Janeiro).

Mendonça de Souza (1981) verified that 60 to 80% of the sites were destroyed or severely damaged. Around 42.62% were destroyed by engineering works (plot delimitation and urbanization, opening of streets and roads, building and land removal), 30.74% by anthropogenic erosion and plundering, 12.5% by agriculture (horticulture), 7.09% by sand and gravel shell extraction for making lime and, lastly, 2.03% by natural causes (deforestation and wind, river or sea erosion).

According to the IPHAN and INEPAC records, a record of all Rio de Janeiro state sites of the *sambaqui*, *berbigueiro*, and *concheiro* type was put together. Sites that were not registered or were not of the sambaqui type but that featured any malacological reference in the bibliography used were also considered. In all, 206 sites distributed around 20 of the state municipalities were listed.

The most cited bivalve species were *Anomalocardia brasiliiana* (42.2%), *Ostrea sp.* (40.2%) and *Lucina pectinata* (30%). *Pinctada imbricata* was cited for 25 sites, which corresponds to 12.1%. Bivalves from family Mytilidae cited were *Brachidontes sp.* (0.4%), *Mytilus perna* (0.9%), *Mytilus sp.* (0.9%), *Brachidontes exustus* (1.4%) and *Perna perna* (13.1%). Table I gives the list of sites for which *Pinctada imbricata* and the species of family Mytilidae were cited.

*Perna perna*, *Mytilus perna* or *Mytilus sp.* were cited in 2 sites in Arraial do Cabo, 3 sites em Cabo Frio, 1 site in Casimiro de Abreu, 1 site in Macaé, 8 sites in Magé, 12 sites in Parati, 1 site in Rio das Ostras, 1 site in São Pedro D’Aldeia and 3 sites in Saquarema, totalling 32 sites.



TABLE I

List of Rio de Janeiro state archaeological sites that cite species from the Mytilidae family (in bold) and *Pinctada imbricata* (underlined), elaborated out of the IPHAN, INEPAC records and from publications

Nº	Municipality	Name	Bivalve molluscs cited and observations	References
1.	Angra dos Reis	Sambaqui da Caieira	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Arca imbricata</i>	IPHAN (2000); Lima, T.A (1991); Mendonça de Souza, AAC (1981)
2.	Angra dos Reis	Sambaqui do Peri	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Abra seminuda</i> , <i>Trachycardium muticatum</i>	IPHAN (2000); Beltrão, MC (1978)
3.	Angra dos Reis	Sítio Cunhambebe (rebatizado como Caieira II)	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Arca imbricata</i>	IPHAN (2000); Lima, T.A (1991); Mendonça de Souza, AAC (1981)
4.	Angra dos Reis	Sítio do Alexandre	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Arca imbricata</i> , <i>Anadara notabilis</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Lima, T.A (1991)
5.	Angra dos Reis	Sítio do Bigode I	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Arca imbricata</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Lima, T.A (1991)
6.	Angra dos Reis	Sítio do Bigode II	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Arca imbricata</i> , <i>Ostrea sp.</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Lima, T.A (1991)
7.	Angra dos Reis	Sítio do Joaquim	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Arca imbricata</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Lima, T.A (1991)
8.	Angra dos Reis	Sítio do Major	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Arca imbricata</i>	IPHAN (2000); Lima, T.A (1991)
9.	Armação dos Búzios	Sambaqui da Ponta do Geribá	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Astrea latispina</i> , <i>Arca imbricata</i> , <i>Ostrea sp.</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Gaspar, MD (1991)
10.	Arraial do Cabo	Sítio da Ilha de Cabo Frio	<u><i>Pinctada imbricata</i></u>	IPHAN (2000); Tenório, MC (2001)- Com. Pessoal - Museu Nacional
11.	Arraial do Cabo	Sítio da Ponta da Cabeça	<i>Perna perna</i> , <u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Astrea sp.</i> , <i>Olivancillaria sp.</i> Destruído/1978. Obras de engenharia (remoção de aterro) e erosão antropogênica	PHAN (2000); Tenório, MC (1995); Gaspar, MD (1991)

TABLE I (cont.)

List of Rio de Janeiro state archaeological sites that cite species from the Mytilidae family (in bold) and *Pinctada imbricata* (underlined), elaborated out of the IPHAN, INEPAC records and from publications

Nº	Municipality	Name	Bivalve molluscs cited and observations	References
12.	Arraial do Cabo	Sítio da Prainha	<i>Mytilus perna</i> , <u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Cassostrea ryzophorae</i> , <i>Callista macullata</i> Destruído/1978. Obras de engenharia (construções e aterros)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Gaspar, MD (1991)
13.	Arraial do Cabo	Sítio Dunas da Praia Seca	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Gaspar, MD (1991)
14.	Cabo Frio	Boca da Barra	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Trachycardium muricatum</i> , <i>Ostrea sp.</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Barbosa, DR (1999)
15.	Cabo Frio	Sambaqui da Ilha do Vigia	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Gaspar, MD (1991)
16.	Cabo Frio	Sambaqui da Salina Peroano	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Ostreidae</i>	IPHAN (2000);
17.	Cabo Frio	Sambaqui de Campos Novos	<i>Mytilus sp.</i> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Phacoides pectinatus</i> . Ruim/1961. Obras de engenharia (retirada de aterro para construção de estrada)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Gaspar, MD (1991)
18.	Cabo Frio	Sambaqui do Forte	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Anadara notabilis</i>	IPHAN (2000); Kneip, L (1975); Gaspar, MD (1991); Tenório (1996)
19.	Cabo Frio	Sambaqui do Morro do Índio	<i>Mytilus sp.</i> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> Destruído/1973. Obras de engenharia	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
20.	Cabo Frio	Sítio Cemitério Cabo Frio	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Callista macullata</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Gaspar, MD (1991)
21.	Cabo Frio	Sítio do Meio	<i>Perna perna</i> , <u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Ostreidae</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Trachycardium muticatum</i>	IPHAN (2000); Gaspar, MD (1991); Tenório (1996)

TABLE I (cont.)

List of Rio de Janeiro state archaeological sites that cite species from the Mytilidae family (in bold) and *Pinctada imbricata* (underlined), elaborated out of the IPHAN, INEPAC records and from publications

Nº	Municipality	Name	Bivalve molluscs cited and observations	References
22.	Cabo Frio	Sítio Peró III	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostreidae</i> , <i>Arca imbricata</i> , <i>Cypraea zebra</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Gaspar, MD (1991)
23.	Casimiro de Abreu	Sambaqui da Vila Nova	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> Ruim/1969	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
24.	Macaé	Sítio do Ury	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
25.	Macaé	Sítio da Ilha de Santana	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Chama sp.</i> , <i>Arca imbricata</i> , <i>Ostrea sp.</i>	IPHAN (2000); Lima, TA (1991)
26.	Magé	Sambaqui de Sernambetiba	<b><i>Mytilidae</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Trachycardium mutricatum</i> . Ruim/1981. Obras de engenharia (abertura de estrada, construções)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Beltrão, MC (1978)
27.	Magé	Sambaqui do Arapuan	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Cassostrea rizophorae</i> . Regular/1981. Obras de engenharia (loteamento) e agricultura	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
28.	Magé	Sambaqui do Fernando	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Cassostrea rizophorae</i> . Destruído/1973. Obras de engenharia (loteamento e terraplanagem)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
29.	Magé	Sambaqui do Guapi	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Cassostrea rizophorae</i> . Ruim/1973. Erosão antropogênica (torres de transmissão da Light)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
30.	Magé	Sambaqui do Imenezes	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Cassostrea rizophorae</i> , <i>Phacoide pectinatus</i> . Destruído/1977. Mineração (de areia)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)

TABLE I (cont.)

List of Rio de Janeiro state archaeological sites that cite species from the Mytilidae family (in bold) and *Pinctada imbricata* (underlined), elaborated out of the IPHAN, INEPAC records and from publications

Nº	Municipality	Name	Bivalve molluscs cited and observations	References
31.	Magé	Sambaqui do Rio das Pedrinhas	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Cassostrea rizophorae</i> , <i>Phacoide pectinatus</i> . Ruim/1981. Obras de engenharia (loteamento) e erosão pluvial	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
32.	Magé	Sambaqui do Cordovil	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Cassostrea rizophorae</i> , <i>Phacoide pectinatus</i> . Destruído/1973. Obras de engenharia (loteamento) e agricultura	Mendonça de Souza, AAC (1981)
33.	Magé	Sítio Saracuruna	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Cassostrea sp.</i> Destruído/1973. Obras de engenharia (loteamento e construções) erosão pluvial	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
34.	Niterói	Sítio de Camboinhas	<i>Brachidontes sp.</i> ; <u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Cassostrea rhyzophorae</i> , <i>Lucina pectinata</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Beltrão, MC (1978); Mello, EMB & Coelho, ACS (1989)
35.	Parati	Abrigo da Ponta do Leste II	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Arca imbricata</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Trachycardium mutricatum</i> . Regular/1977. Depredação	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
36.	Parati	Abrigo de Paratimirim I	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Arca imbricata</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Trachycardium mutricatum</i> , <i>Ostrea sp.</i> Regular/1977. Erosão antropogênica	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
37.	Parati	Sambaqui do Forte	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> <i>Arca imbricata</i> , <i>Trachycardium muricatum</i> , <i>Lucina pectinata</i> . Regular/1980. Erosão antropogênica	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)

TABLE I (cont.)

List of Rio de Janeiro state archaeological sites that cite species from the Mytilidae family (in bold) and *Pinctada imbricata* (underlined), elaborated out of the IPHAN, INEPAC records and from publications

Nº	Municipality	Name	Bivalve molluscs cited and observations	References
38.	Parati	Sambaqui Mamanguá	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> <u><i>Arca imbricata</i></u> , <i>Trachycardium muricatum</i> , <i>Lucina pectinata</i> . Ruim/1977. Erosão antropogênica	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
39.	Parati	Sambaqui Pouso	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> <u><i>Arca imbricata</i></u> , <i>Trachycardium muricatum</i> , <i>Lucina pectinata</i> . Ruim/1977. Erosão antropogênica	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
40.	Parati	Sítio Ilha Comprida II	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> <u><i>Arca imbricata</i></u> , <i>Trachycardium muricatum</i> , <i>Lucina pectinata</i> . Ruim/1977. Depredação	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
41.	Parati	Sítio Ilha da Cotia	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <u><i>Arca imbricata</i></u> , <i>Trachycardium muricatum</i> . Destruído/1977. Depredação	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
42.	Parati	Toca do Cassununga	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <u><i>Arca imbricata</i></u> , <i>Trachycardium muricatum</i> . Regular/1981. Depredação	Mendonça de Souza, AAC (1981)
43.	Parati	Toca dos Caboclos	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <u><i>Arca imbricata</i></u> , <i>Trachycardium muricatum</i> . Bom/1977. Erosão antropogênica	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
44.	Parati	Trindade I (Sambaqui do Severo)	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Anadara notabilis</i> . Destruído/1979. Obras de engenharia (loteamento)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)
45.	Parati	Trindade II	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Anadara notabilis</i> . Destruído/1979. Obras de engenharia (loteamento)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981)

TABLE I (cont.)

List of Rio de Janeiro state archaeological sites that cite species from the Mytilidae family (in bold) and *Pinctada imbricata* (underlined), elaborated out of the IPHAN, INEPAC records and from publications

Nº	Municipality	Name	Bivalve molluscs cited and observations	References
46.	Parati	Trindade III	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Anadara notabilis</i> . Destruído/1979. Obras de engenharia (loteamento)	IPHAN (2000); Museu do Sambaqui da Tarioba (2001); Mendonça de Souza, AAC (1981)
47.	Rio das Ostras	Sambaqui da Tarioba	<b><i>Perna perna</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Anadara notabilis</i> . Destruído/1969. Obras de engenharia (construções)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Beltrão, MC (1978)
48.	Rio de Janeiro	Capão da Benta	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Trachycardium muricatum</i> , <i>Lucina pectinata</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Beltrão, MC (1978)
49.	Rio de Janeiro	Sambaqui Casqueiro de Araçatiba	<b><i>sp. de Mytilidae</i></b> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Beltrão, MC (1978)
50.	Rio de Janeiro	Sambaqui do Telles	<b><i>sp. de Mytilidae</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i>	IPHAN (2000); Beltrão, MC (1978); Salles Cunha, (1965)
51.	Rio de Janeiro	Sambaqui do Capão do Gentio	<b><i>sp. de Mytilidae</i></b> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Phacoides pectinatus</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Beltrão, MC (1978);
52.	Rio de Janeiro	Sambaqui do Piracão	<u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Trachycardium muricatum</i> , <i>Arca imbricata</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Beltrão, MC (1978); Salles Cunha, E (1965)
53.	Rio de Janeiro	Sambaqui do Poço das Pedras	<b><i>sp. de Mytilidae</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Trachycardium muricatum</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Salles Cunha, E (1965)
54.	Rio de Janeiro	Sambaqui do Vaso	<b><i>sp. de Mytilidae</i></b> , <i>Anomalocardia brasiliiana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Trachycardium muricatum</i>	IPHAN (2000); Carvalho, ET (1984); Mendonça de Souza, AAC (1981)

TABLE I (cont.)

List of Rio de Janeiro state archaeological sites that cite species from the Mytilidae family (in bold) and *Pinctada imbricata* (underlined), elaborated out of the IPHAN, INEPAC records and from publications

Nº	Municipality	Name	Bivalve molluscs cited and observations	References
55.	São Pedro D'Aldeia	Sítio Botafogo (Corondó)	<i>Mytilus perna</i> , <u><i>Pinctada imbricata</i></u> , <i>Anomalocardia brasiliana</i> , <i>Macrocalista maculata</i> , <i>Lucina pectinata</i> Ruim/ 1978. Erosão antropogênica (arado, pastagem, agricultura)	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Kneip, L (2001)
56.	Saquarema	Sambaqui da Beirada	<i>Brachidontes exustus</i> , <i>Anomalocardia brasiliana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Trachycardium muricatum</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Kneip, L (2001)
57.	Saquarema	Sambaqui da Madresilva	<i>Brachidontes exustus</i> , <i>Anomalocardia brasiliana</i> , <i>Ostrea cristata</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Donax hanleyanus</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Kneip, L (2001)
58.	Saquarema	Sambaqui da Pontinha	<i>Brachidontes exustus</i> , <i>Anomalocardia brasiliana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Anadara notabilis</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Kneip, L (2001)
59.	Saquarema	Sambaqui de Manitiba I	<i>Perna perna</i> , <i>Brachidontes exustus</i> , <i>Anomalocardia brasiliana</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Kneip, L (2001)
60.	Saquarema	Sambaqui de Saquarema	<i>Perna perna</i> , <i>Anomalocardia brasiliana</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Donax hanleyanus</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Kneip, L (2001)
61.	Saquarema	Sambaqui do Moa	<i>Perna perna</i> , <i>Brachidontes exustus</i> , <i>Ostrea sp.</i> , <i>Lucina pectinata</i> , <i>Trachycardium muricatum</i>	IPHAN (2000); Mendonça de Souza, AAC (1981); Kneip, L (2001)

According to Mendonça de Souza (1981), the Ponta da Cabeça and Prainha sites, in Arraial do Cabo municipality, were in a ravaged state in 1978 due to construction work, land fill removal and other types of anthropogenic erosion. This suggests a possible contamination of the malacological records obtained by Gaspar (1991a) and Tenório (1995), since the inhabitants of that region use to

discard the shells in the place where they collect the mussels.

In Cabo Frio municipality, the Campos Novos sambaqui was examined in 1961 and its conservation status was deemed poor, due to land removal for road construction. The Morro do Índio sambaqui, when examined in 1973, was considered destroyed by construction work.

Sítio do Meio site is located between the Boca da Barra and Salinas Peroano sites, on a 7-meter rise, with an approximate area of 240 m<sup>2</sup> and a depth of 70 cm (Tenório 1996). Although Gaspar (1991b) recorded the presence of *Perna perna* in this site, it would be well to consider that although this site is currently located in an environmental protection area, it is still subject to anthropogenic influence, since both tourists and local residents frequently go to that area for picnics. *Perna* was not found in neighboring sites.

Botafogo (Corondó) site, in São Pedro D'Aldeia municipality, was in a poor state of conservation, since land had been prepared for agriculture and cattle grazing, having been revolved to a depth of 60 cm (Carvalho 1984).

Likewise, the Vila Nova site, in Casimiro de Abreu municipality, Barra de São João district, had been ravaged by construction work by the time it was examined in 1969 (Mendonça de Souza 1981).

The Tarioba site, in Rio das Ostras municipality, was discovered by a team of researchers from the Brazilian Archaeological Institute in 1967, but excavation only began in 1998, when more than two thirds of the site had been ravaged as a result of the real estate boom (Dias Jr. *et al.* 2001).

In Macaé municipality, the Ury sambaqui was also undergoing anthropogenic erosion in 1969, being already considered in poor condition (Mendonça de Souza 1981). At the Santana island site, located in the same municipality, Mytilids were not present in the archaeological records, not even in the form of crumbs, even though they are quite abundant and intensely exploited at present. This fact struck the Museu Nacional/UFRJ researcher Tania Andrade Lima, who considered the possibility that the mussels were not present at the time of the prehistoric occupation, since it was unlikely that their food value would be ignored (Lima 1984, 1991).

The Sernambetiba, Arapuã, Cordovil, Fernando, Guapi and Imenezes sambaquis, and the Saracuruna site, in Magé municipality, were in an extremely bad state of conservation in 1973, due to agriculture, road construction, earth leveling, plot delimitation, sand extraction, electric power plant installation and powerline construction (Mendonça de Souza 1981). Likewise, according to Mendonça de Souza & Mendonça de Souza (1983), the Rio das Pedrinhas sambaqui should originally measure approximately 2000 m<sup>3</sup>, having been partially destroyed when streets for plot delimitation were

opened up. Valves of *Perna perna* found in this site were “decomposed or quite fragmented, forming brilliant lenses” This remark suggests a difficulty of identification, coupled with a possible attempt to associate past conditions with the present surrounding environment.

The Parati sites, where the occurrence of *Perna perna* was mentioned, also presented some type of anthropogenic erosion, such as construction, land filling, plundering, plot delimitation etc.. Abrigo Ponta do Leste II site was plundered even by treasure hunters, who are common in the area of Ilha Grande bay, due to its numerous islands which were once a haven for the pirates who preyed on Rio de Janeiro in the past (Mendonça de Souza 1981).

Kneip (2001) published the relation of the malacological fauna found in the Saquarema sites, *Perna perna* having been cited in the Moa, Saquarema and Manitiba I sites.

Although Magalhães *et al.* (2001) affirm that *Perna perna* was one of the most consumed molluscs in the Beirada and Manitiba I sambaquis, this species does not feature in the malacological listings of the Beirada sambaqui published in Kneip (1994 and 2001). The citations mention “mussels” and the family Mytilidae, emphasizing the fragility of their valves, admitting the difficulty of species recognition and associating the iridescent aspect of the soil with the presence of *Perna perna* on the site. Once again there are signs of an attempt to establish a correlation of the past fauna with the current one.

With the aim of confirming the evidence of existing records, so as to confirm and date the occurrence of shells, we solicited from Lina Kneip the samples of this species collected at the Manitiba I site. According to Kneip, confirmation and dating of the two samples is impossible, since the shells were sent for identification and then discarded. The Museu Nacional/UFRJ malacologist Elisa Maria Botelho de Mello informed (pers. comm.) that the Manitiba I site samples did include *Perna perna* shells that were discarded after identification.

Kneip then suggested that a sample be taken from the Manitiba I site itself, where “an enormous quantity of *Perna perna* shells could be seen”. In March 2001, under Lina Kneip's guidance, approximately one kilogram of material was taken from each level of the Manitiba I site. The samples were taken to the IEAPM and analyzed by Dr. Flavio da Costa Fernandes.



About the sampling performed at this site the following can be considered: the first, more superficial level, of black coloration, was poor in malacological remains, with a preponderance of *Anomalocardia brasiliiana*; level II was grey and had a somewhat greater number of shells, also with a preponderance of *A. brasiliiana*. Level III was black and was nearly devoid of fauna remains. The lower levels IV, V, VI and VII displayed a yellowish tinge resulting from the enormous quantity of shells of the mussel *Brachidontes exustus*. Contrary to Kneip's statement, no valves of *Perna perna* were found in the sampling.

The Moa and Saquarema sites, situated in heavily populated urban areas, were already very altered when they were discovered. The Saquarema sambaqui researched in the 1930s by Simões da Silva was taken apart at that time to serve as filling material for paving the main town streets. Today its remains are buried under streets, buildings and squares. In 1993, cistern reform and construction work led to the discovery of funereal rites. Archaeological remains were disturbed in several places by recent addition of rubble (Kneip 1995), which lead us to believe that the occurrence of *Perna perna* in this site is the result of contamination of the record.

In the south coast of the state, in Angra dos Reis municipality, in a region of many islands, several prehistoric sites have been detected, where different sambaquis, in different states of preservation, were found: Sítio do Joaquim, on Caieira island; Sítio da Caieira I and II, on the same island; Sítios do Bigode I and II on an islet in the midst of a mangrove in Ribeira bay; Sítio Alexandre, on Algodão island; Sítio do Jorge on the island by the same name, in Bracuí sound; Peri and Major sambaquis (Lima 1991).

In all these sites, valves and dozens of pearls of *Pinctada imbricata* were found. This is the most exploited bivalve in all sites, after the oysters, which represent the majority of molluscs consumed. Strangely, no occurrence of *Perna perna* was recorded in the fauna records recovered from the studied sites. Out of the family Mytilidae, only *Brachidontes sp.* was cited. However, benthic fauna surveys on the surroundings of Ribeira bay, in Piraquara de Dentro e Piraquara de Fora sounds, from February 1980 to January 1981, mention the occurrence of both *P. imbricata* and *P. perna* (Quitete 1981).

A similar fact occurs in the Lagoon Region of Rio de Janeiro state, where *P. imbricata* is recorded in archaeological sites in the municipalities of Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio and São Pedro D'Aldeia. This distribution was confirmed by Maria Cristina Tenório (Museu Nacional/UFRJ) who, when visiting the two sites of Ilha de Cabo Frio at Arraial do Cabo, could verify the abundance of *Pinctada imbricata* and the absence of *Perna perna* from the archaeological records, even though the latter is present today on the adjacent rocky shores. Tenório (2001, pers. comm.) stated she had never seen *Pinctada imbricata* shells as large as these before and considered that, if such a large shell were discarded at a site some one or two hundred years ago, it would become a part of the ensemble and might be incorporated into the prehistoric registers by researchers.

The presence of *Perna perna* on the sambaquis of other Brazilian states could not be established either.

In the fauna remains of the COSIPA sambaquis, located in Casqueirinho island in the region of Santos, São Paulo state, *Perna perna* was not found (Figuti 1993). Garcia (1972), studying the Piaçaguera and Tenório sites on the shores of São Paulo state, verified that at the time the sites were formed, species of family Mytilidae did not occur in the area, whereas today they are common on the nearby rocky shores.

Nishida (2001) believed that the scarcity of *Perna perna* among the fauna remains of Mar Virado site (~2640 B.P.) at Ubatuba, São Paulo state, was the result of a food taboo among the fisher-gatherers, since the species is currently very abundant on the island's rocky shores. However, Nishida (pers. comm.) explained that the site underwent intense occupation by fisher communities until the 1960's, which caused a great disturbance in the stratigraphy of the site; in other words, the surface levels were mixed with deeper ones, which great likelihood of contamination of the malacological record. She further noted that the valves of *Perna perna* found in the samples date from a recent period, since there was a housekeeper living on the island until a year ago, and the remains were found on the site surface.

According to Luiz Ricardo L. Simone (2002, pers. comm.) in the University of São Paulo (USP)'s Zoology Museum animal collection from several sambaquis, a good part of which is constituted

by the De Fiori collection from the 1960's, no *Perna perna* shells were found. He nevertheless found the presence of other Mytilids, such as *Mytella falcata* and *M. guyanensis*, although in low quantities, *Crassostrea* being the predominant genus in the samples. Although he did not conduct an exhaustive search, Simone did not find any material originating from sambaquis in this museum's *Perna perna* drawers.

Gikovate (1933) lists the bivalve species found in 15 sambaquis explored in Iguape, São Paulo state, and 19 sambaquis in Imbituba and Laguna, Santa Catarina state, and *Perna perna* is not on the list.

Bigarella (1949) after examining 150 sambaquis in Paraná and Santa Catarina states, verified the occurrence of 49 mollusc species, *Anomalocardia brasiliiana*, *Ostrea sp.* and *Lucina jamaicensi* being the more common ones. *Perna perna* was not mentioned. However, Gofferjé (1950), doing a survey of marine molluscs on the Paraná state shores, verified the occurrence of large beds of *Mytilus perna*.

Bandeira (1992) recorded the occurrence of *Perna perna* in the Enseada I archaeological site, but when contacted she considered that the shells were sometimes "minced", and that whoever analyzed the material may have tried to correlate it with the present environment, due to the difficulty in identifying it. In addition, Enseada I and II sambaquis, located in São Francisco do Sul municipality, Santa Catarina state, were less than 25% whole at the time they were registered at the IPHAN, having been destroyed by road work construction carried out by the municipality city hall after 1962 (IPHAN 2002).

Oliveira (2000) analyzed 42 sambaquis in Joinville, Santa Catarina state, among them the Ipiranga sambaqui and the Ilha do Mel I, II and III sambaquis, located in Ilha do Mel island. *Perna perna* was not found in any of the sambaquis analyzed.

Piazza (1966) mentions *Anomalocardia brasiliiana*, *Ostrea sp.*, *Tellina lineata*, *Cardium muricatum* and *Lucina lineata* as the bivalve species found in Ponta das Almas sambaqui, in Florianópolis municipality, Santa Catarina state. Nevertheless, when he analyzed the remains of the Espinheiros I sambaqui, in Joinville, he recorded the occurrence of family Mytilidae, but made no mention of *Perna perna*. Figuti & Klökler (1996) did not find the presence of this species in the zooarchaeological vestiges of Espinheiros II Sambaqui.

Farias & Magalhães (2002), analyzing the

molluscs of the Homem do Sambaqui – Colégio Catarinense and Museu Universitário Professor Osvaldo Rodrigues Cabral - Setor Arqueológico-UFSC collections, with material from the archaeological sites in Rio do Meio and Armação do Pântano do Sul, in Florianópolis, and of sites in Içara and Itajaí, Santa Catarina state, recorded the presence of *Perna perna*. In contrast, Rosa (1999) recorded the occurrence of *Perna perna* in the present malacological fauna in the vicinities of Sítio Içara, Içara, Santa Catarina state, but was unable to find vestiges of the species in remains dating back 1160 ± 50 B.P. He also noted that some marine species, relatively common in that area, were not found in the archaeological deposits.

According to Rohr (1977), among the bivalve species of Pântano do Sul site, Santa Catarina state, was *Mytilus perna*; nevertheless, Schmitz & Bitencourt (1996) could not find this species and could not discover why there is so little resemblance between their bivalve list and the one by Rohr. This might be explained by the constant anthropogenic disturbance suffered by the site, since its different levels lie under the fishers' village at Pântano do Sul, containing recent archaeological material.

The Cabeçudas archaeological site, localized at the beach by the same name, in Itajaí municipality, Santa Catarina state, was also suffered present-day cultural interference. A manioca mill was built over it, later being replaced by a yacht club (Schmitz & Verardi 1996).

Schmitz & Bitencourt (1996), studying Laranjeiras I site, located in Camboriú municipality, Santa Catarina state and dated at 3815 ± 145 B.P., did not record the presence of *Perna perna*.

The existence of *Perna perna* in the fauna remains of an archaeological site would evidence its native character, as long as specific dating was carried out and the possibility of record contamination discarded. For this reason, Farias & Magalhães' (2002) record is at odds with all the data presented in the present study.

In the Capão D' Areia sambaqui, located on the eastern Atlantic shore of the Laguna dos Patos Restinga, Rio Grande do Sul state, mollusc remains were identified and quantified (Silva *et al.* 2002). Among the bivalve species mentioned was *Perna perna*. According to Flavio Ricci Callipo (MAE/USP, pers. comm.), one of the text's authors, 24 shells of *Perna perna* were in the three top stratigraphic levels, down to 30 cm, and were

whole, many of them still with vestiges of the covering cuticle, an indication of recent age and of contamination of the record.

Rosa (1996) did not find vestiges of *Perna perna* in the fauna remains of Itapeva site at Torres, Rio Grande do Sul state.

In Bahia state, systematic studies started with the work of Valentin Calderón from UFBA (Bahia federal University) at Pedra Oca sambaqui (Periperi, a suburb of Salvador), where the first absolute chronology for precolonial populations was established: 2.830 ± 130 B.P. Among the mollusc species encountered, *Perna perna* was cited as a rare species.

When one analyzes all the citations made for *Perna perna* in the sambaquis of the Brazilian coast, it becomes clear that the records are flawed. In the majority of cases the sites were in a poor state of conservation and showed signs of contamination of the archaeological records, while in others identification was uncertain and the iridescent aspect of the soil was associated with the presence of *Perna perna*. Lastly, there was an attempt to correlate the species found with those currently existing in the surrounding area.

On account of the data presented, in association with the existence of recent cases that display the invasive behavior of the genus, the hypothesis that the brown mussel *Perna perna* be an exotic species in Brazil gains strength, since its presence in Brazilian prehistory cannot be established.

In contrast, according to Hilary John Deacon (2002, pers. comm.), researcher in the Archaeology Department of Stellenbosch University, South Africa, this species is found in the deepest levels of the shellmounds in the Klasies River area (34° 6' S, 24° 24' E), in deposits dating from 60,000 to 115,000 B.P., the oldest date obtained for this species. One hundred kilometers to the west, near Plettenberg Bay, another archaeological site was found, with 10,000 year-old records of this bivalve.

Given the absence of records of *Perna perna* in Brazilian prehistory which could confirm its native status, and the presence of this species in the current and archaeological African records dating back more than 100,000 years, it could be speculated that this species has its origin in Africa and that it came to Brazil at the time of the slave trade.

During the XVI century, Brazil emerged as the greatest destination for African slaves in the Americas, becoming the New World's largest slave importer, a status it maintained during most of the

duration of the slave trade to the Americas. From 1580, the number of Africans deported to the Americas exceeds the volume of the sea trade to European ports and to the Atlantic islands. From then on, slave trade ceases to be just another of the several activities initiated by the period of Western discoveries to become the mainstay of the Western Empire economy (Table II).

Fig. 2 illustrates the slave trade routes, emphasizing the trajectories of triangular commerce. It is in this sense that we appeal to geography as a support for a better understanding of history. In the XV, XVI and XVII centuries, slave ships left Senegal and Gambia and reached the Brazilian northeastern ports. Neither the

TABLE 2

Estimate of the number of Africans (in thousands) arriving in Brazil\*

Period	No. of Africans arriving in Brazil
1451-1475	—
1476-1500	—
1501-1525	—
1526-1550	—
1551-1575	10
1576-1600	40
1601-1625	150
1626-1650	50
1651-1675	185
1676-1700	175
1701-1720	292,7
1721-1740	312,4
1741-1760	354,5
1761-1780	325,9
1781-1790	181,2
1791-1800	233,6
1801-1810	241,3
1811-1820	327,7
1821-1830	431,4
1831-1840	334,3
1841-1850	378,4
1851-1860	6,4
1861-1870	0
<b>Overall total</b>	<b>4029,8</b>

\*Source: Alencastro (2000:69)

departure nor the arrival points coincide with the current distribution of *Perna perna*. Starting in the XVIII century, ships hailed from Congo, Angola, Mozambique and Tanzania, places where the existence of *Perna perna* has been recorded, to the states of Bahia and Rio de Janeiro. Although the northeastern region was a part of the slave trade ship routes, the most intense traffic was the one destined to Rio de Janeiro. In effect, the routes seen in these maps lends credence to the bioinvasion hypothesis.

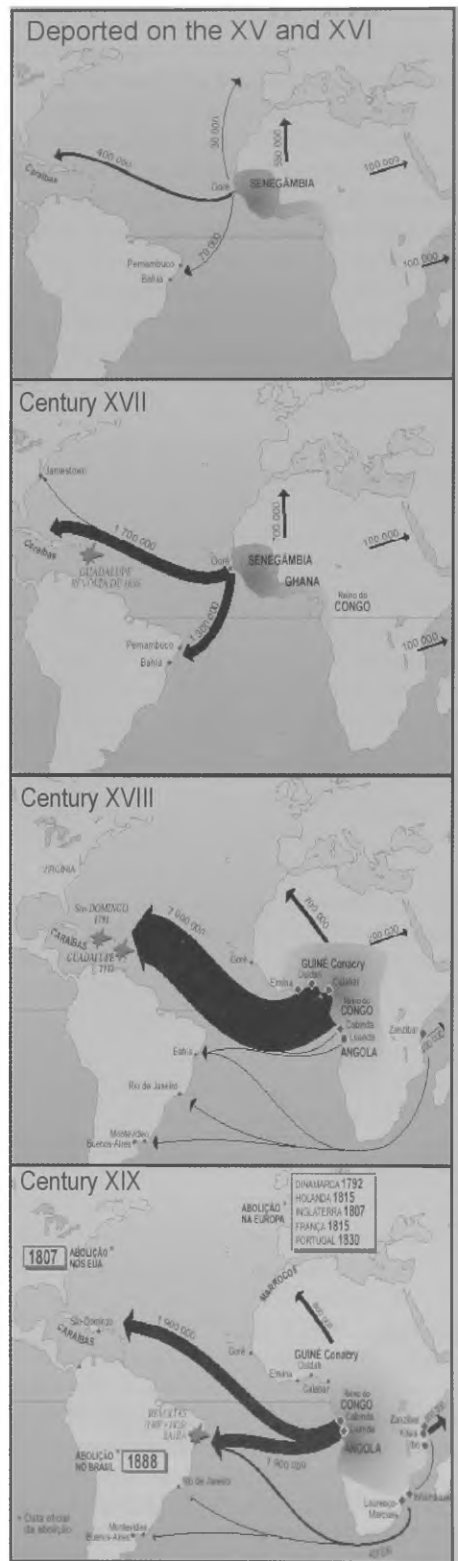
Gollasch (2002), evaluating the importance of ship hull fouling as a vector for the introduction of exotic species, carried out a comparative study between the water and the sediment transported in the ballast tanks and fouling on ship hulls. Non-native species were registered in 38% of all the ballast water sampled, in 57% of all the sediment and in 96% of all samples taken from the hulls, indicating that biofouling is an important vector of species introduction. Gollasch further noted that in some cases fouling attained a thickness of 30 cm, cirripeds and bivalves being the most frequently found organisms.

Eno *et al.* (1997) have suggested that biofouling on ship hulls may have been the most important vector for species introduction in the past. Currently there exist various records of marine benthonic species introduction on the Brazilian coast, showing in most cases strong indication of introduction via biofouling.

According to Borrero & Díaz (1998), the problem of biological invasions is an old one, and many introductions may have happened without becoming known. It is for this reason that it is important that prehistoric records be studied, to try and make a survey of living organisms and of fossils, for it is only when the native organisms of a given continent are established that it will be possible to identify the exotic species (Furon 1969).

**Comparison of the distributions of *Perna perna* and *Pinctada imbricata* on the rocky shores and on the archaeological sites on Cabo Frio island, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro state**

Figure 2 – Slave trade routes from the XV to the XIX centuries. Source: UNESCO.



The Cabo Frio island archaeological site, although included in the IPHAN registers, has not been described in any work published so far. This site was chosen by us for a more detailed comparison between the zooarchaeological registers and the surrounding fauna, with the aim of reinforcing the reasoning here expounded on the origin of the brown mussel *Perna perna* on the Brazilian coast.

*Pinctada imbricata* is the most abundant bivalve on the Cabo Frio island site, occurring on the neighboring rocky shores as well. On the other hand, *Perna perna*, although present on the rocky shores, was not to be found at this site.

Shell size of the bivalve *Pinctada imbricata* at the archaeological site varied from 2.4 to 5.8 cm in

length, and from 2.4 to 5.2 cm in width, with averages of 4.09 and 3.59 cm, respectively. On the rocky shore, length varied from 0.9 to 4.9 cm, and width from 0.7 to 4.7 cm, with an average of 3.7 and 3.3 cm, respectively. Fig. 3 shows the frequency distribution for length and width of *Pinctada imbricata* both for the archaeological site and the rocky shore. The application of the Komorogov-Smirnov test to this data set showed that there are no significant differences in shell size between the rocky shore and the archaeological site ( $p > 0,10$ ; Fig. 4).

These data are interesting in that one might intuitively expect a concentration of larger *Pinctada imbricata* individuals in the archaeological site as compared to the rocky shores. If the ecological conditions of these shores did not change over time,

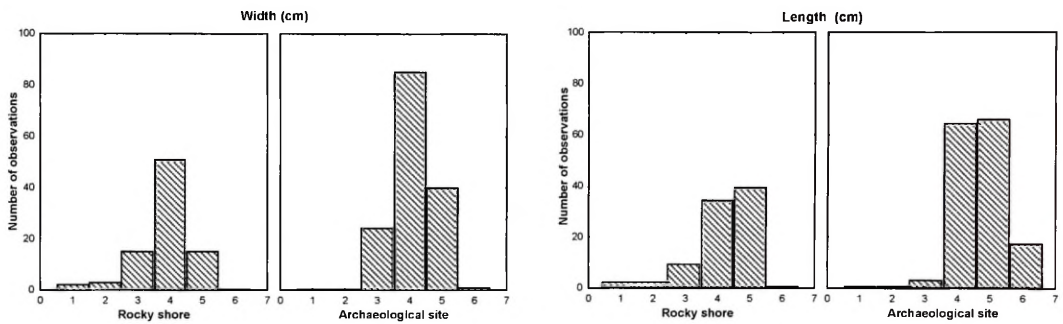
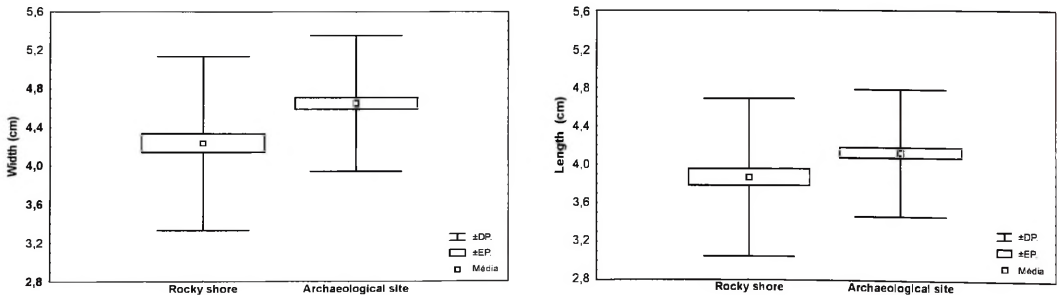


Figure 3 – *Pinctada imbricata* shell length and width frequency distribution on the rocky shore and on the archaeological site of Cabo Frio island, RJ.



Max. neg. diff.	Max. pos. diff.	p	Average	Average	SD	SD	N	N
			RS	ARS	RS	ARS	RS	ARS
-0.10	0	$p > 0,10$	3.86	4.12	0.83	0.66	86	150

Figure 4 – Results of the Kolmogorov-Smirnov test for *Pinctada imbricata* shell length and width from the rocky shore and from the archaeological site (RS=rocky shore, ARS=archaeological site, SD=standard deviation, SE= standard error, N=number of sampled organisms).



these data can be used as an indication of the low selectivity of the mollusc gatherers in the past.

*Perna perna* is the most abundant bivalve on the rocky shores of Cabo frio island today, being largely used as a food source by the present-day population. Fig. 5 presents a histogram of length and width distribution of the individuals collected on the rocky shore. Shell size presented a length range varying from 1.3 to 10.9 cm, and width from 0.8 to 4.7 cm, with averages equal to 6.3 and 2.87 cm, respectively.

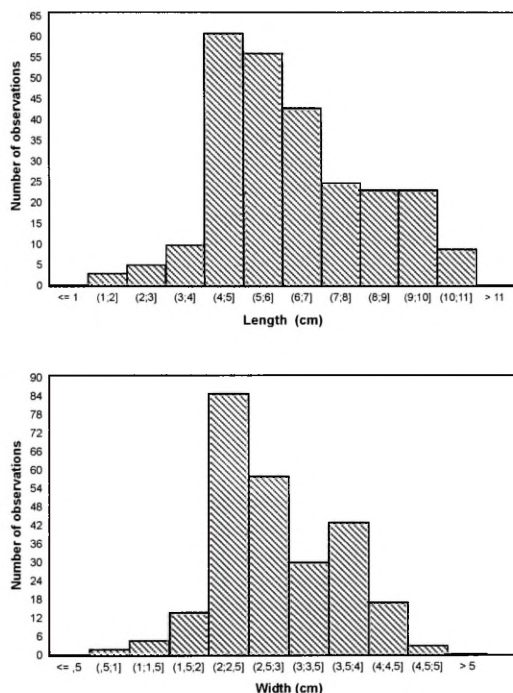


Figure 5 – Shell length and width distribution histogram for *Perna perna* collected on the rocky shore.

It is unlikely that, at the time this site was occupied, *Perna perna* was ignored as a food item, unless a taboo relating to this species had arisen. Lima (1991) had already considered the possibility that this species was not present at the time of occupation in the prehistory of Rio de Janeiro state, since it is currently abundant but is absent from the historical record. This fact was also noted by Nishida (2001) when she attempted to justify this mollusc’s absence from the fauna remains of the Mar Virado site in Ubatuba, São Paulo state.

For the collection undertaken on the rocky shore of Cabo frio island, an attempt was made to reproduce the behavior of prehistoric shell collectors, i.e., visual localization of the resource followed by extraction using simple tools, such as natural spatulas made from shells, wood, rocks, etc.

To collect 86 individuals of *Pinctada imbricata*, it was necessary to employ skin diving along more than 100 m of rocky shore for a period of approximately 2 hours. The collection of 258 individuals of *Perna perna* lasted for about 30 minutes, on a stretch of less than 5 m of rocky shore. Since *Perna perna* inhabits the intertidal zone, skin diving was not necessary for its collection. These observations indicate that the availability of *Perna perna* on the rocky shores, at least in the present, is several times larger than that of *Pinctada imbricata*.

Similarly, a comparison of the average sizes of these two species suggests that *Perna perna* should have been more attractive as a food item, had it been available to prehistoric gatherers. The present study does not have data on the paleoecological conditions of the Arraial do Cabo region, nor of the Brazilian coast as a whole, but the fact that no significant size difference in *Pinctada imbricata* between the rocky shore and the archaeological site in the island exists indicates that, at least for *P. imbricata*, size distribution has not changed very much. Nothing can be said, however, about the resource’s availability, since the abundance of *P. imbricata* at the site, quite different from the rocky shore, may be the result of thousands of years of shell accumulation.

The intriguing absence of the brown mussel *Perna perna* at the island site, as well as the impossibility to confirm its presence on the sambaquis of the Brazilian coast, may be explained by the following hypotheses:

1. The shells were destroyed by time due to their fragility of their valves. However, careful sifting is done on the material taken from sambaquis and no vestiges of shells of this species have been found, even in a crumbled state. In those cases in which the species was cited, it was seen that the record had suffered contamination of shells from historic times. In addition, it is common to make associations between the surrounding environment and the site itself to try to study the context to which it belongs, which may have led to infer that the mussels found in the sambaqui and those found in the surroundings belong to the same species.

2. The prehistoric gatherers had a food taboo in relation to *Perna perna*. However, it is unlikely that, given its abundance, this species was ignored as a food resource, or even as raw material for making adornments or artifacts.

3. *Perna perna* is an exotic species in Brazil. The absence of prehistoric records of its occurrence, coupled with this species' invasive behavior, lends credence to the hypothesis that the brown mussel *Perna perna* is an exotic species, having possibly been introduced in Brazil several years ago, possibly at the time of the slave trade.

## Conclusion

Given that species are considered cryptogenic, cosmopolitan or native if they have prehistoric records between 5,000 and 400 B.P, and exotic if they enter a given ecosystem 400 B.P, there are strong reasons to believe that *Perna perna* is an exotic species in Brazil, originating from South Africa and having been introduced to Brazilian shores many years ago, possibly with the development of sea trade and particularly with the slave trade, via bioincrustation on the hulls of slave ships.

SOUZA, R.C.C.L.; FERNANDES, F.C.; SILVA, E.P. A study on the occurrence of the brown mussel *Perna perna* on the sambaquis of the Brazilian coast. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 3-24, 2003.

**ABSTRACT:** *Perna perna* is a bivalve that occurs in the tropical and subtropical regions of the Atlantic and Indian Oceans, as well as in the Mediterranean Sea. The present work aims to investigate the hypothesis that the distribution of *Perna perna* in Brazil may be the result of bioinvasion events. For that purpose, occurrence of the species in shellmounds along the Brazilian coast was verified. In the majority of the shellmounds, in Brazil no shells of *Perna perna* were found. In those mounds for which occurrence of this species is cited, the citations are dubious. *Perna perna* may be an exotic species which may have been introduced in Brazil several years ago, possibly with the development of sea commerce all through the slave trade period.

**UNITERMS:** *Perna perna* – Shellmound – Bioinvasion – Exotic species.

## References

- AGARD, J.; KISHORE, R.; BAYNE, B.  
1993 *Perna viridis* (Linnaeus, 1758): first record of the Indo-Pacific green mussel (Mollusca: Bivalvia) in the Caribbean. *Caribbean Mar. Stud.*, 3: 59-60.
- ALENCASTRO, L.F.  
2000 *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda, São Paulo, 525p.
- AQUATIC NUISANCE SPECIES REPORT  
2000 *An update on Sea Grant Research and Outreach Projects 2000*. Sea Grant, Ohio State University, 240p.
- BANDEIRA, D.R.  
1992 *Mudança estratégia de subsistência: o sítio arqueológico Enseada I – um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Joinville, SC, 119p.
- BARBOSA, D.R.  
1999 *A Interação da população pré-histórica do sambaqui Boca da Barra (Cabo Frio, RJ) com o ambiente*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 182p.

- BELTRÃO, M.C.; HEREDIA, O.; NEME, S.M.N.; OLIVEIRA, M.D.  
1978 Coletores de moluscos litorâneos e sua adaptação ambiental: o sambaqui de Sernambetiba. *Arquivos do Museu de História Natural*, UFMG, Belo Horizonte, 3: 97-115.
- BIGARELLA, J.J.  
1949 Nota prévia sobre a composição dos sambaquis do Paraná e Santa Catarina. *Arq. de Biologia e Tecnologia*, 4: 95-106.
- BORRERO, F.J.; DÍAZ, J.M.  
1998 Introduction of the Indo-Pacific Pteriid bivalve *Electroma sp.* to the tropical western Atlantic. *Bull. Mar. Sci.*, 62: 269-274.
- CARLTON, J.T.  
1996 Biological invasions and cryptogenic species. *Ecology*, 77: 1653-1655.
- CARVALHO, E.T.  
1984 *Estudo arqueológico do Sítio Corondó*. Instituto de Arqueologia Brasileira. Boletim Série Monografias, 2: 1-243.
- DIAS JR., O.; DECCO, J.; FRÓES, M.M.  
2001 *A pré-história de Rio das Ostras: sítio arqueológico Sambaqui da Tarioba*. Fundação Rio das Ostras de Cultura, Inside, Rio das Ostras, RJ, 110p.
- DUARTE, P.  
1968 *O Sambaqui visto através de alguns sambaquis*. Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 113p.
- ENO, N.C.; CLARK, R.A.; SANDERSON, W.G.  
1997 *Non-native marine species in British waters: a review and directory*. Join Nature Conservation Committee, 152p.
- FARIAS, T.Z.; MAGALHÃES, A.R.M.  
2002 Presença do mexilhão *Perna perna* em sítios arqueológicos no Estado de Santa Catarina. *XXIV Congresso Brasileiro de Zoologia*, Resumos, Itajaí, SC.: 47.
- FIGUTI, L.  
1993 O Homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: 67-80.
- FIGUTI, L.; KLÖKLER, D.M.  
1996 Resultados preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 169-187.
- FURON, R.  
1969 *La distribución de los seres*. Barcelona: Editorial Labor, 162p.
- GARCIA, C.D.R.  
1972 *Estudo comparado das fontes de alimentação de duas populações pré-históricas do litoral paulista*. Tese de doutorado, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, SP, 128p.
- GASPAR, M.D.  
1991a *Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores que ocupou o litoral do Estado do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP, 362p.
- 1991b *Construção de sambaqui. VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Resumos, Rio de Janeiro: 60
- 2000a *Sambaqui: Arqueologia do Litoral Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 89p.
- 2000b *Os senhores da costa brasileira*. Centro de Estudos Luso-Brasileiros, Universidade de Sofia, *Encontros Lusófonos*, 2: 24-40.
- GIKOVATE, M.  
1933 Os sambaquis. *Rev. Nac. Educ. MN*, 9: 71-78.
- GOFFERJÉ, C.N.  
1950 Contribuição à zoogeografia da malacofauna do litoral do Estado do Paraná. *Arq. Mus. Paulista* 8: 221-282.
- GOLLASCH, S.  
2002 The importance of ship hull fouling as a vector for species introductions into the North Sea. *Biofouling*, 18: 105-121.
- HICKS, D.W.; TUNNELL, J.W.  
1993 Invasion of the south Texas coast by the edible brown mussel *Perna perna* (Linnaeus, 1758). *The Veliger*, 36: 92-97.
- IPHAN  
2000 *Sítios arqueológicos registrados no Estado do Rio de Janeiro*. 6ª Superintendência Regional, Rio de Janeiro, 41 p.
- 2002 [www.iphan.gov.br/bancodedados/arqueologico](http://www.iphan.gov.br/bancodedados/arqueologico)
- KENSLEY, B.; PENRITH, M.L.  
1970 New records of Mytilidae from the northern south west African coast. *Ann. S. Afr. Mus.*, 57: 15-24.
- KLAPPENBACH, M.A.  
1965 Lista preliminar de los Mytilidae brasileños com claves para su determinación y notas sobre su distribución. *Anais Acad. Brasil. Ciências*, 37: 327-352.
- KNEIP, L.M.  
1987 Sambaquis na pré-história do Brasil. *Ciência Hoje*, 6 (33): 50-54.
- 1994 *Cultura material e subsistência das populações pré-históricas de Saquarema, RJ*. Documento de Trabalho, Série Arqueologia, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, n.º 2, 120p.
- 1995 *A seqüência cultural do sambaqui de Camboinhas, Itaipú-Niterói, RJ*. Documento de Trabalho, Série Arqueologia, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, n.º 2, 12p.
- 2001 *O Sambaqui de Manitiba I e outros sambaquis de Saquarema, RJ*. Documento de Trabalho, Série Arqueologia, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, n.º 5, 91p.
- LIMA, T.A.  
1984 Arqueologia: alguns resultados para a pré-história da Ilha de Santana. *Rev. Arq.*, 2 (2): 10-40.



- 1988 Pérolas milenares. *Ciência Hoje*, 7 (42): 66-67.
- 1991 *Dos mariscos aos peixes: um estudo zoológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP, 2 vols., 691 p.
- 2000 Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista USP*, 44: 270-327.
- MAGALHÃES, R.M.M., CURVELO, M.A.; MELLO, E.M.B.
- 2001 *O Sambaqui de Manitiba I e outros sambaquis de Saquarema, RJ: A fauna na alimentação*. Documento de Trabalho, Série Arqueologia, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, nº 5, 91p.
- MENDONÇA DE SOUZA, A.C.
- 1981 *Pré-história Fluminense*. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, RJ, 270p.
- MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F.; MENDONÇA DE SOUZA, A.A.C.
- 1983 *Tentativa de interpretação paleoecológica do Sambaqui do Rio das Pedrinhas, Magé, RJ*. Instituto Superior de Cultura Brasileira, Rio de Janeiro, 69p.
- NISHIDA, P.
- 2001 *Estudo zoológico do Sítio Mar Virado, Ubatuba, SP*. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP, São Paulo, SP, 167 p.
- OLIVEIRA, M.S.C.
- 2000 *Os sambaquis da planície costeira de Joinville, litoral norte de Santa Catarina: Geologia, Paleogeografia e Conservação in situ*. Dissertação de Mestrado em Geografia, UFSC, Florianópolis, SC, 328p.
- PEREZ, R.A.R., MOREIRA, I.M.; LEMOS, M.L.
- 1995 *Sobre a identificação de peças ósseas de bagre*. Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro, Niterói, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 136p.
- PIAZZA, W.F.
- 1966 *Estudos de sambaquis*. Série Arqueologia, nº 2, Universidade Federal de Santa Catarina, Instituto de Antropologia, 72p.
- PROUS, A.
- 1991 *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 605p.
- QUITETE, J.M.P.A.
- 1981 *Benthos: relatório conclusivo*. Laboratório de Radioecologia, Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto, Furnas Centrais Elétricas S/A, 2 vol., 287p.
- ROHR, J.A.
- 1977 *O sítio arqueológico Pântano do Sul SC-F-10*. Imprensa Oficial, Florianópolis, SC, 114p.
- ROSA, A.O.
- 1996 Análise dos restos faunísticos do sítio arqueológico da Itapeva (RS-LN-201), município de Torres, RS: Segunda etapa de escavação. Instituto Anchieta de Pesquisas, *Documentos*, 6: 156-164.
- 1999 Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina. Remanescentes da fauna e flora. Instituto Anchieta de Pesquisas, *Pesquisas, Antropologia*, 55: 31-64.
- SALLES CUNHA, E.M.
- 1965 Sambaquis do litoral carioca. *Rev. Geografia*, 1: 1-69.
- SCHMITZ, P. I.; BITENCOURT, A.L.V.
- 1996 O sítio arqueológico de Laranjeiras I, SC. Instituto Anchieta de Pesquisas, *Pesquisas, Antropologia*, 53: 13-76.
- SCHMITZ, P.I.; VERARDI, I.
- 1996 Cabeçadas: um sítio Itararé no litoral de Santa Catarina. Instituto Anchieta de Pesquisas, *Pesquisas, Antropologia*, 53: 125-181.
- SILVA, L.T., CALIPPO, F.R.; RIBEIRO, P.A.M.
- 2002 A fauna Molusca do sambaqui RS-LC:59-Capão D'Areia. *XIII Semana Nacional de Oceanografia*, Resumos, Itajaí, SC.: 115-116.
- TENORIO, M. C.
- 1995 *Estabilidade dos grupos litorâneos pré-históricos: uma questão para ser discutida*. Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro, Niterói, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 8p.
- 1996 A contribuição da Arqueologia na compreensão do desenvolvimento do mangue. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Série Ciências da Terra, 8: 123-136.
- UNESCO
- 2002 <http://www.unesco.org/culture/dialogue/slave/images>

Recebido para publicação em 5 de junho de 2003.

## OSTEOLOGIA E UTILIZAÇÃO DE DENTES DE TUBARÃO-BRANCO, *CARCHARODON CARCHARIAS* (LINNAEUS, 1758) (ELASMOBRANCHII, LAMNIDAE) EM SAMBAQUIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Manoel M.B. Gonzalez\*  
Sandra Nami Amenomori\*\*

GONZALEZ, M.M.B.; AMENOMORI, S.N. Osteologia e utilização de dentes de Tubarão-Branco, *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Elasmobranchii, Lamnidae) em sambaquis do estado de São Paulo. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 25-37, 2003.

**RESUMO:** Nos sambaquis do litoral brasileiro são comumente encontrados dentes de tubarões e raias, sendo ainda discutido o valor destas espécies para os grupos de pescadores-coletores pré-históricos. A escolha em trabalhar com dentes de *C. carcharias*, reflete a importância que esta espécie possui no ecossistema marinho antigo e atual. Foram analisados 81 dentes de sete sambaquis. Dos dentes analisados, 37,03% estavam relacionados a sepultamentos, e do total concluímos que 56,79% foram utilizados como adorno e 43,20% como instrumento. Com metodologia padrão consideramos o NMI=11, tendo o menor espécime 2,40 m e o maior 4,60 m. A determinação do NMI demonstra que esta espécie não era comum e abundante, possuindo boa representatividade. Os dentes ocorreram em 47,36% associados a sepultamentos de crianças, podendo estar ligados a elementos votivos ou cerimoniais.

**UNITERMOS:** *Carcharodon carcharias* – Artefatos – Sambaqui – Sepultamento.

### Introdução

Somente dentes, vértebras e espinhos de peixes são comumente encontrados nos sítios arqueológicos do mundo (Budker 1971; Moss 1984). Os restos faunísticos dos elasmobrânquios que geralmente são recuperados nos sítios incluem dentes, vértebras calcificadas, dentículos dérmicos (escamas placóides), espinhos das nadadeiras, dentes rostrais, espinhos

(esporões) de raias e cartilagens rostrais calcificadas (Applegate 1967; Uchôa 1970; Figuti 1993; Welton e Farish 1993; Nishida 2001).

Os tubarões são habitantes comuns dos oceanos há 400 milhões de anos, e seus dentes produzem excelentes registros. Isto se deve à produção constante de dentes que pode chegar a até 40.000 em algumas espécies. Os dentes de tubarões são os mais coletados em todo o registro vertebrado fóssil, aparecendo em praias, montanhas e desertos (Hubbell 1996).

A linhagem do *C. carcharias* (Fig. 1) possui um ótimo registro, consistindo de milhares de dentes. Outras estruturas como vértebras e mandíbulas são raramente encontradas (Applegate e Espinosa-Arrubarrena 1996).

(\*) Núcleo de Pesquisa e Estudo em Chondrichthyes (NUPEC), São Paulo, SP.

(\*\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Doutoranda em Arqueologia.

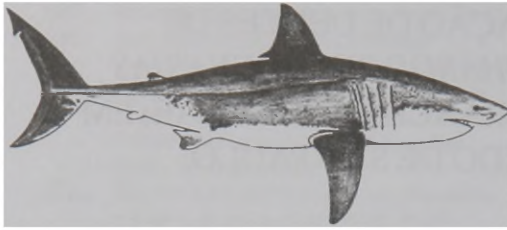


Fig. 1 – *Carcharodon carcharias*, vista lateral. Modificado de Marvin Starvin.

Os dentes preservados são muito importantes para traçar parâmetros biológicos como, por exemplo, o comprimento total (CT) do espécime, que é difícil de calcular e causa muita especulação (Randall 1973; Mollet *et al.* 1996).

A ocorrência de tubarão-branco na costa brasileira restringe-se a apenas 13 registros (Gadig e Rosa 1996), no entanto o registro arqueológico é comum nas regiões Sudeste e Sul (Duarte 1968; Uchôa e Garcia 1971; Franco e Barbosa 1991), sendo pouco discutida a utilização desses como instrumentos e/ou adornos pelos grupos de pescadores-coletores pré-históricos.

Neste trabalho examinou-se a estrutura dos dentes de *C. carcharias*, traçando perfis biológicos da espécie encontrada, discutindo a importância desta e seus produtos (dentes) para os grupos de pescadores-coletores pré-históricos do Estado de São Paulo.

### Material e métodos

Este estudo foi baseado na análise de materiais já existentes depositados na coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), provenientes dos trabalhos realizados em sete sambaquis do Estado de São Paulo: Piaçaguera, Cosipa 2, Mar Virado e Tenório (Coordenados pelo Prof. Dr. Caio Del Rio Garcia e Profa. Dra. Doroth Pinto Uchôa); Buracão, Mar Casado e Maratuá (Coordenados pelo Prof. Dr. Paulo Duarte) (Fig. 2). O material analisado constou de dentes trabalhados e não trabalhados da espécie *C. carcharias*.

Os dentes foram identificados como superiores e inferiores (anteriores, laterais e posteriores) (Compagno 1984), e morfometrados de acordo com Mollet *et al.* (1996) (Fig. 3). A classificação dos artefatos foi realizada como proposta por Kosuch (1993):

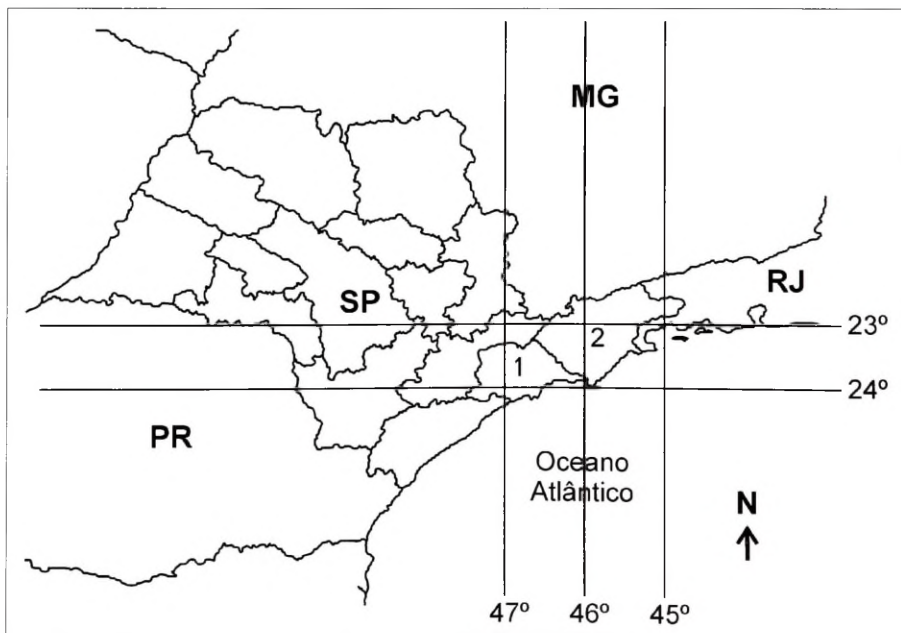


Fig. 2 – Localização dos sambaquis estudados, 1- Baixada Santista (Sambaquis: Buracão, Cosipa, Mar Casado, Maratuá e Piaçaguera); 2- Litoral Norte (Sítios: Mar Virado e Tenório).

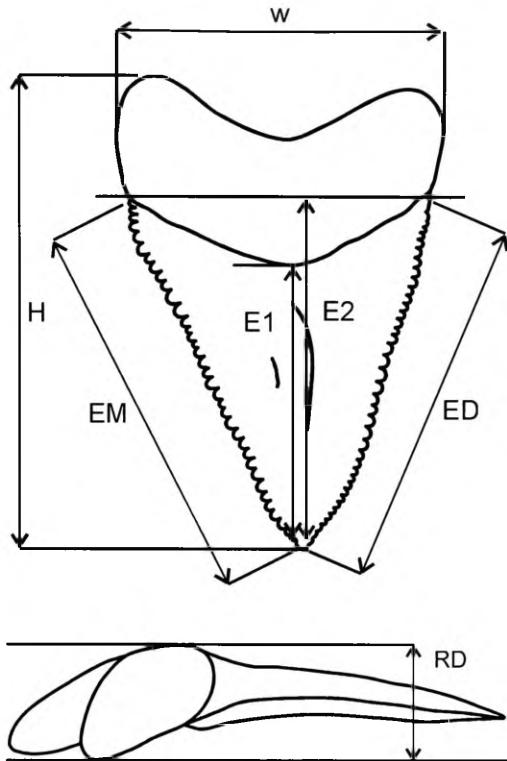


Fig. 3 – Medidas padrões segundo Mollet et al. (1996). H, Altura Total; W, Largura; EM, Comprimento da Margem Sinfiseal; ED, Comprimento da Margem Comissural; E1, Altura da Coroa; E2, Altura do Esmalte; RD, Espessura. Esquema da vista comissural do dente, modificado de Richter (1987).

**Perfurados:** dentes que possuem perfurações circulares na região da base de fixação e/ou da coroa;

**Raspados:** dentes que possuem sua base de fixação raspada, como se fosse utilizada uma lima;

**Desgastados:** dentes que possuem suas faces interna e externa trabalhadas;

**Sem Base de fixação:** dentes desprovidos parcial ou completamente de base de fixação;

**Ponta da Coroa Gasta:** dentes que possuem seu ápice desgastado ou quebrado.

### Morfometria dos dentes

Um dos principais dados morfométricos para dentes de tubarões do gênero *Carcharodon* é a altura do esmalte (E2), que foi medido de acordo

com definições já estabelecidas (Fig. 4), e através de modificações dos métodos de Randall (1973). O E2 é a medida vertical da face externa do maior dente da arcada (segundo anterior), ao longo do eixo medial, proveniente do ápice da coroa até a linha entre o comprimento da margem sinfiseal e comissural. Esta medida é diagnóstica para estimar o comprimento total dos espécimes capturados.

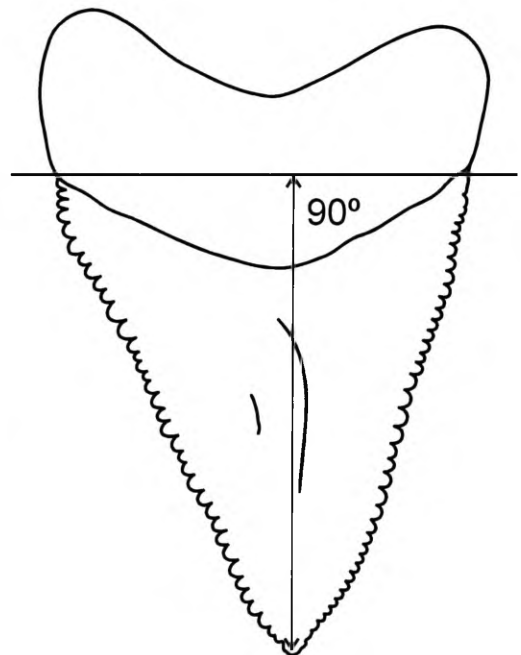


Fig. 4 – Medida da Altura do Esmalte (E2), importante para o cálculo aproximado do Comprimento Total (CT) do espécime. Modificado de Cocke (2002).

O E2 pode ser calculado através da altura medial do esmalte (E1), comprimento sinfiseal ou comissural das margens (EM ou ED), ou o comprimento total (H), usando as seguintes razões modificadas de Mollet et al. (1996):  $E2/E1 = 1.154 \pm 0.018$ ;  $E2/EM$  ou  $ED = 0.908 \pm 0.026$ ; e  $E2/H = 0.804 \pm 0.010$ .

### Resultados

#### Informações Gerais

##### Sambaqui Piaçaguera

Foram analisados 23 dentes, estando 91 %

associados a sepultamentos. Quatro dentes (17,4 %) possuíam desgaste nas bordas, sendo que 14 dentes (60,8 %) apresentaram perfurações e a base de fixação raspada em ambas as faces (lingual e labial), e cinco dentes (21,8 %) apresentaram somente perfurações.

#### *Sambaqui do Mar Casado*

Foram analisados sete dentes. Somente um dente (14,30 %) possuía desgaste nas bordas, sendo que cinco dentes (71,40 %) apresentaram perfurações e a base de fixação raspada em ambas as faces (lingual e labial). Um dente (14,30 %) apresentou perfuração e desgaste nas bordas.

#### *Sítio do Mar Virado*

Foram analisados vinte e cinco dentes. Quatro dentes (16 %) estavam com a base de fixação raspada, sendo que dois dentes (8 %) apresentaram somente perfurações, dois dentes (8 %) não apresentaram perfurações e possuíam as bases da coroa raspadas (Fig. 6), três dentes (12 %) apresentaram perfurações e a base de fixação e coroa raspadas em ambas as margens (sinfiseal e comissural), seis dentes (24 %) apresentaram perfurações e desgaste, quatro dentes (16 %) apresentaram-se sem base de fixação, três dentes (12 %) apresentaram desgaste e a base de fixação raspada, e somente um dente (4 %) estava carbonizado. Apenas dois dentes (8 %) estavam associados a sepultamentos.

#### *Sambaqui Cosipa 2*

Foi analisado um único dente. Este apresentou-se sem base de fixação e raspado até sua mediatriz, possuindo apenas uma borda.

#### *Sítio Tenório*

Foram analisados 18 dentes. Cinco dentes (27,77 %) apresentaram a base de fixação raspada e perfurada, nove dentes (50,0 %) apresentaram desgaste na coroa e perfuração na base de fixação, e quatro dentes (22,22 %) apresentaram desgaste na coroa e a base de fixação raspada. Quatro dentes (50 %) estavam associados a sepultamentos.

#### *Sambaqui Maratuá*

Foram analisados dois dentes. Ambos apresentaram desgaste e perfuração.

#### *Sambaqui Buracão*

Foram analisados cinco dentes. Somente um dente (20 %) apresentou perfuração, dois dentes (40 %) apresentaram perfuração e a base de fixação raspada em ambas as faces (labial e lingual), e dois dentes (40 %) apresentaram perfuração e desgaste. Três dentes (60 %) estavam associados a sepultamentos.

Os dados morfométricos das análises dos dentes dos sambaquis estão representados no Apêndice 1. A abundância relativa foi medida utilizando o número mínimo de indivíduos (NMI), através de técnicas padrões em zooarqueologia (Wing e Brown 1979; Klökler 2001) (Tabela I). No caso da espécie em questão, utilizamos a ocorrência dos dentes anteriores (quatro superiores e seis inferiores) para a determinação do NMI. Os resultados da identificação e quantificação dos dentes (superiores e inferiores), e a comparação com o número de dentes de indivíduos atuais estão demonstrados na Tabela I. O valor do número de dentes para a espécie atual disposto na Tabela I está dobrado, devido à presença da segunda série funcional de dentes.

**Tabela I**

<b>Classificação dos Dentes Analisados</b>			
<b>Sítio (NMI)</b>	<b>Nº de Dentes</b>	<b>Dentes Inferiores</b>	<b>Dentes Superiores</b>
Piaçaguera (3)	23	8	15
Mar Casado (1)	7	4	3
Mar Virado (3)	25	15	10
Cosipa 2 (1)	1	—	—
Tenório (1)	18	11	7
Maratuá (1)	2	—	2
Buracão (1)	5	4	1
Total (11)	81	42	39
Espécie Viva*	100	48	52

NMI- Número Mínimo de Indivíduos

\* Bigelow & Schroeder (1948)

## Artefatos

Os dados específicos dos dentes trabalhados estão representados na Tabela II. Estes artefatos estão inclusos nos dados do Apêndice 1 e Tabela I.

O artefato típico analisado (Fig. 5) consiste de dentes com perfurações cilíndricas (que variaram de uma a três) com diâmetro médio de quatro milímetros e com a base de fixação raspada. As perfurações possuem média similar tanto na face interna como na externa, e possuem em seu interior diâmetro que varia de dois a três milímetros formando um cone circular reto de duas folhas. Este tipo de trabalho retrata a utilização desses dentes como adorno e/ou instrumento. A formação do cone deve-se à perfuração ter sido realizada por ambas as faces (interna e externa) do dente. O dente registrado como MV-4011, encontrado no Sítio do Mar Virado, apresenta as margens sinfiseal e comissural da coroa e base de fixação raspadas (Fig. 6).

**Tabela II**

Classificação dos Dentes como Artefatos									
Sítio	P	R	PR	PD	SR	SRD	RD	DP(mm)	M(mm)
Piaçaguera	5	-	14	4	-	-	-	3 a 6	4
M. Casado	-	-	5	1	-	-	1	3 a 6	3
M. Virado	2	4	3	6	4	2	3	2 a 4	4
Cosipa 2	-	-	-	-	-	-	1	3 a 5	4
Buracão	1	-	2	2	-	-	-	2 a 4	3
Maratuá	-	-	-	2	-	-	-	4	4
Tenório	-	-	5	9	-	-	4	3 a 6	4

P, Perfurado; R, Raspado; D, Desgastado; SR, Sem Base de Fixação; DP, Diâmetro das Perfurações; M, Média do Diâmetro das Perfurações

## Sepultamentos

Dos 81 dentes, 37,03 % estavam associados a sepultamentos e 62,97 % a vários estratos juntamente com outros restos faunísticos.

Após levantamento dos dados referentes a sepultamentos com indivíduos portadores de material cultural intencional, observou-se que 47,36 % eram crianças (Tabela III).



Fig. 5 – Artefato típico utilizado como adorno ou instrumento (Arcada Superior). Foto Wagner Souza e Silva.



Fig. 6 – Artefato típico utilizado como adorno (Arcada Inferior). Foto Wagner Souza e Silva.

**Tabela III**

<b>Relação dos Dentes Associados a Sepultamentos</b>					
<b>Sítio</b>	<b>Nº Sep.</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Oferenda</b>	<b>Referência</b>
Piaçaguera	XLII	Criança	>2-5 a	2 dentes perf.	PI-539, PI-540
	L	Adulto	—	1 dente perf.	PI-574
	LIII	Feminino	26-30 m	2 dentes perf.	PI-658, PI-659
	XVI	Criança	21-25 m	1 dente perf.	PI-125
	XIX	Masculino	—	2 dentes perf.	PI-225, PI-226
	XX	Criança	21-30 m	2 dentes perf.	PI-197
	XXVI	Masculino	36-40 a	3 dentes perf.	PI-295, PI-308, PI-309
	XXIX	Criança	6-12 m	1 dente perf.	PI-317
	XXX	Criança	12-24 m	1 dente perf.	PI-442A
	XXXIII	Criança	6-12 m	1 dente perf.	PI-444
	XXXV	Criança	2-5 a	2 dentes perf.	PI-660, PI-416
	XXXVIII	Masculino	21-30 a	1 dente perf.	PI-449
	XL	Criança	12-24 m	3 dentes perf.	PI-556, PI-556A, PI-556B
Mar Virado	IV	Feminino	18-21 a	2 dentes perf.	MV-239, MV-645
Buracão	XIX	Adulto	—	1 dente perf.	BU-042
	XXXV	Criança	—	2 dentes perf.	BU-ID1, BU-ID2
Tenório	VII	Feminino	40 a	1 dente perf.	S/N
	XVIII	Adulto	51-60 a	2 dentes perf.	Te-3179, Te-3180
	XXIV	Feminino	41-50 a	1 dente perf.	Te-3253

### **Análise biológica das amostras**

Do total de dentes analisados, foi determinado o NMI = 11. A partir deste dado traçamos uma correlação da medida da altura do esmalte (E2) com o comprimento total (CT) de acordo com Randall (1973) (Tabela IV). O CT dos espécimes variou de 2,40 m a 4,60 m, e obteve uma média de 3,20 m.

Para explorar estes dados em gráficos, recorremos a uma análise de regressão (Bass 1973; Mollet e Cailliet 1986) (Fig. 7). A regressão do coeficiente de variação (CV), foi calculada relacionando todas as medidas com o comprimento total (CT). A metodologia padrão prevê a correlação do maior dente da arcada (segundo anterior) com o comprimento total, mas como não foi possível em alguns casos termos esta certeza, utilizamos a estimativa de erro padrão (EEP) que foi igual a 0.085.

**Tabela IV**

<b>Relação Altura do Esmalte com Comprimento Total</b>			
<b>Número</b>	<b>CT (m)</b>	<b>E2 (mm)</b>	<b>Referência</b>
2	3,00	28,0	PI-197
13	3,50	32,0	PI-449
17	4,10	34,0	PI-556
28	3,00	27,0	MC-1165B1
33	2,70	23,0	MV-0201
38	2,80	26,0	MV-0645
43	2,70	23,0	MV-0980
56	3,20	30,0	CSP-0015
58	2,70	25,0	BU-D3
63	4,60	38,0	M-1856A
65	2,40	22,0	Te-0325

CT, Comprimento Total; E2, Altura do Esmalte.

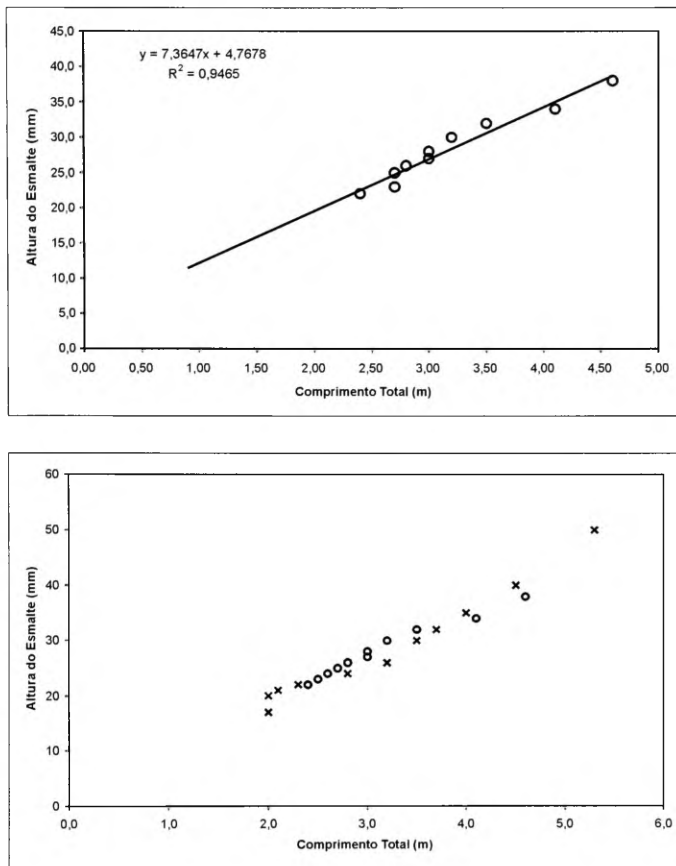


Fig. 7 – Relação entre a altura do esmalte e o comprimento total dos dentes de *C. carcharias* do presente estudo (A), e comparados com Randall (1973) (B).

## Discussão e conclusão

Os tubarões da espécie *Carcharodon carcharias* são encontrados com maior frequência em áreas onde existe grande quantidade de cetáceos (Arnold 1972; Pratt *et al.* 1982; Purdy 1996). Os tubarões-brancos podem ser encontrados em qualquer temperatura, mas estão preferencialmente associados a águas frias (Compagno 1984; Klimley 1985; Pyle *et al.* 1996) e/ou a áreas de resurgência (Gadig e Rosa 1996). A presença da espécie hoje no litoral brasileiro é rara (Gadig e Rosa 1996), embora alguns trabalhos considerem esta espécie como comum ou abundante em épocas que variam de 6000 a 1000 AP (Franco 1991; Gadig e Rosa 1996). Com a verificação do número

mínimo de indivíduos (NMI) e relacionando esta ocorrência com outras espécies encontradas em sambaquis do litoral brasileiro, podemos dizer que se trata de uma espécie de boa representatividade.

Consideramos o NMI = 1 em alguns sambaquis estudados que possuem poucos ou nenhum dente, como Cosipa 2, Maratúá e Buracão, devido a não termos encontrado, até o momento, nenhuma ligação entre os dentes analisados dos sete sambaquis do presente trabalho.

A metodologia para a obtenção da correlação entre a altura do esmalte e o comprimento total dos indivíduos foi diferente da original (Randall 1973; Mollet *et al.* 1996), pois não possuíamos, em todos os casos, o maior dente da arcada (Compagno 1970), o que nos obrigou a realizar alguns testes de erro padrão (Mollet e Cailliet 1996) que levaram a inferir com precisão o comprimento total dos espécimes. Quando os resultados foram comparados com os de Randall (1973) e com base em algumas inferências na literatura (Tenório 2000), conseguimos fundamentar a legitimidade dos testes realizados para a obtenção

dos dados relativos ao comprimento total.

Através da presença de espécies marinhas de grande porte como o tubarão-branco, podemos questionar quais as técnicas de pesca que eram utilizadas por estes grupos de pescadores-coletores pré-históricos. Segundo Figuti (2000) a presença de espécies de mar aberto demonstra a capacidade da pesca destes grupos utilizando como artefatos redes, puçás e anzol, embora poucos ou nenhum tipo de artefato relacionado a esta pesca tenham sido descritos para os sambaquis deste estudo (Duarte 1968; Uchôa 1970; Uchôa e Duarte 1971; Uchôa 1973; Nishida 2001). O tubarão-branco é um animal rápido, forte, agressivo e muito resistente à captura (Hornell 1950; Budker 1971; Taylor 1993). Diante deste quadro comportamental



podemos levantar três hipóteses para a obtenção desses dentes: 1- através do encalhe de indivíduos na praia, como descrito por Soto e Nisa-Castro-Neto (2000) para exemplares de *Rhincodon typus* e Smith (1829) e Fergunsson (1996) para exemplares de *C. carcharias*; 2- ocorrência do afloramento de dentes de reservas pleistocênicas na zona intertidal ou nas barras de antepraia (Closs 1970; Richter 1987; Renz 2002); 3- estes grupos de pescadores-coletores pré-históricos possuíam embarcações para a pesca destes peixes de grande porte – como faziam os grupos de pescadores do Pacífico (Buck 1930; Baughman 1952; Buck 1957; Titcomb 1972; Hamblin 1984) –, utilizando não só redes e anzol como grandes lanças confeccionadas com madeiras muito resistentes capazes de perfurar a espessa e adaptada pele que os tubarões possuem. O mais provável, neste caso, seria a hipótese do encalhe de espécimes na praia; em caso de considerarmos as hipóteses de encalhe e pesca, podemos concluir que estes grupos estavam presentes no sambaqui nos meses de inverno e, no caso dos sambaquis de Tenório e Mar Virado, estes animais podem ter sido atraídos para a costa em qualquer mês do ano devido à presença da zona de resurgência que ocorre na região de Cabo Frio – RJ, afetando o litoral norte de São Paulo e o litoral sul do Espírito Santo (Matsuura 1986).

As conclusões resultantes das análises da utilização dos dentes como artefatos são muitas. A análise completa do uso dos dentes indicou primariamente que os dentes foram utilizados como adornos (Duarte 1968; Uchôa 1970; Uchôa e Duarte 1971; Uchôa 1973; Nishida 2001). Esses adornos podem ser classificados como colares e braceletes (Borhegyi 1961). A utilização como instrumentos restringe-se à característica cortante dos dentes de tubarões (Buck 1930; Duarte 1968; Uchôa e Duarte 1971). O reconhecimento do uso pode ser observado através do desgaste em forma de estrias horizontais, que reforça a teoria da função de raspar e rasgar (Kosuch 1993). Para classificarmos a utilização dos artefatos como adornos ou instrumentos, devemos observar se estes possuem desgaste da coroa na forma de estrias horizontais, caso isto ocorra, devem ser classificados como instrumentos.

Os grupos de pescadores-coletores pré-históricos que utilizam os dentes são capazes de formular complexos que evidenciam padrões de uso. A seleção desses complexos para um determinado uso é demonstrada através dos padrões e metodologia de confecção (Buck 1957; Furey 1977). A similaridade observada entre os artefatos demonstra a existência de instrumentos funcionais dentro de uma mesma cultura, sendo o método capaz de analisar esta similaridade simplesmente a presença ou ausência de feições (Pollock e Ray 1957; Kosuch 1993).

Dos 15 sepultamentos descritos onde ocorreu a associação com dentes de tubarão-branco, 70 % eram do sambaqui Piaçaguera. Neste sambaqui, os sepultamentos corresponderam a 36,1 % de crianças, sendo 55,4 % destes associados a “oferendas mortuárias” (Garcia e Uchôa 1980). Quando se realiza a análise geral dos sepultamentos deste estudo, observamos que crianças perfazem 47,36 %, femininos 21,05 %, masculinos 15,78 % e adultos 15,78 % das ocorrências com dentes de *C. carcharias*. A similaridade da ocorrência desses dentes constitui um traço comum entre os grupos de pescadores-coletores pré-históricos estudados quando relacionados ao uso de oferendas em seus enterramentos. A presença de dentes de animais de grande porte associados a sepultamentos pode ser considerada como uma diferença de *status* entre os indivíduos de um mesmo grupo (Buck 1930; Titcomb 1972). Neste caso, como a maioria dessas oferendas estava associada ao sepultamento de crianças, consideramos este material como símbolo votivo (Borhegyi 1961).

## Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à Profa. Dra. Dorath Pinto Uchôa e ao Prof. Dr. Levy Figuti pelo consentimento da utilização do material; à Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso e Silvia Cristina Piedade pelas sugestões e incentivo; a Dária E. F. Barreto e José Paulo Jacob que foram imprescindíveis para a operacionalização e realização deste trabalho; a Wagner Souza e Silva pelas fotos; à Profa. Lucineide Conceição dos Anjos (UNIL) pela revisão do inglês.

APÊNDICE 1

Morfometria dos Dentes Analisados								
Número	H (mm)	W (mm)	SM (mm)	SD (mm)	E1 (mm)	E2 (mm)	RD (mm)	Coleção N°.
1	31,0	25,0	29,0	28,0	24,0	26,0	5,0	PI-125
2	33,0	25,0	29,0	28,0	25,0	28,0	5,0	PI-197
3	—	—	—	—	—	11,0	4,0	PI-217
4	32,0	26,0	30,0	23,0	20,0	22,0	5,0	PI-225
5	31,0	27,0	24,0	30,0	21,0	24,0	5,0	PI-226
6	29,0	20,0	28,0	26,0	22,0	25,0	4,0	PI-295
7	38,0	27,0	31,0	32,0	23,0	28,0	6,0	PI-308
8	24,0	22,0	23,0	18,0	15,0	19,0	4,0	PI-309
9	31,0	23,0	26,0	28,0	20,0	24,0	5,0	PI-317
10	28,0	24,0	29,0	21,0	22,0	27,0	5,0	PI-416
11	34,0	26,0	30,0	29,0	22,0	27,0	6,0	PI-444
12	23,0	17,0	20,0	23,0	19,0	21,0	3,0	PI-442a
13	41,0	27,0	34,0	36,0	28,0	32,0	6,0	PI-449
14	36,0	27,0	36,0	36,0	29,0	33,0	11,0	PI-534
15	30,0	25,0	26,0	25,0	19,0	23,0	5,0	PI-539
16	31,0	21,0	27,0	27,0	21,0	25,0	5,0	PI-540
17	43,0	33,0	37,0	35,0	30,0	34,0	6,0	PI-556
18	38,0	32,0	35,0	32,0	26,0	29,0	6,0	PI-556a
19	36,0	31,0	31,0	30,0	24,0	29,0	5,0	PI-556b
20	—	—	33,0	—	27,0	32,0	—	PI-574
21	43,0	28,0	36,0	36,0	29,0	32,0	6,0	PI-658
22	27,0	24,0	23,0	27,0	20,0	24,0	5,0	PI-659
23	22,0	19,0	17,0	22,0	14,0	18,0	3,0	PI-660
24	21,0	21,0	17,0	20,0	9,0	15,0	4,0	MC-203a
25	29,0	18,0	23,0	23,0	17,0	21,0	5,0	MC-390a
26	25,0	22,0	20,0	23,0	15,0	19,0	4,0	MC-725
27	25,0	22,0	19,0	25,0	17,0	19,0	5,0	MC-1165b
28	35,0	24,0	29,0	28,0	24,0	27,0	5,0	MC-1165b1
29	28,0	18,0	24,0	23,0	21,0	26,0	5,0	MC-1316a
30	28,0	24,0	24,0	23,0	16,0	19,0	6,0	MC-184a1
31	22,0	20,0	20,0	24,0	17,0	20,0	4,0	MV-0027
32	30,0	20,0	26,0	24,0	22,0	25,0	6,0	MV-0126
33	30,0	—	24,0	21,0	19,0	23,0	5,0	MV-0201
34	—	—	17,0	18,0	—	—	—	MV-0236
35	—	—	20,0	21,0	—	—	—	MV-0237
36	25,0	23,0	23,0	18,0	17,0	21,0	5,0	MV-0239
37	16,0	14,0	14,0	13,0	11,0	14,0	3,0	MV-0267
38	34,0	29,0	30,0	33,0	24,0	26,0	6,0	MV-0645
39	28,0	20,0	23,0	23,0	19,0	23,0	5,0	MV-0661
40	31,0	26,0	24,0	22,0	21,0	24,0	5,0	MV-0663
41	24,0	15,0	20,0	18,0	15,0	19,0	4,0	MV-0721
42	—	—	15,0	17,0	13,0	17,0	4,0	MV-0723

APÊNDICE 1 (cont.)

Morfometria dos Dentes Analisados								
Número	H (mm)	W (mm)	SM (mm)	SD (mm)	E1 (mm)	E2 (mm)	RD (mm)	Coleção N°.
43	29,0	19,0	23,0	22,0	19,0	23,0	5,0	MV-0980
44	20,0	16,0	18,0	15,0	14,0	16,0	5,0	MV-2007
45	23,0	17,0	17,0	17,0	14,0	18,0	3,0	MV-3784
46	30,0	22,0	22,0	22,0	17,0	21,0	5,0	MV-4011
47	—	—	14,0	15,0	18,0	—	—	MV-4442
48	—	—	20,0	19,0	16,0	20,0	—	MV-4455
49	22,0	14,0	20,0	20,0	16,0	20,0	4,0	MV-4456
50	22,0	18,0	—	—	16,0	19,0	4,0	MV-4470
51	26,0	18,0	22,0	23,0	18,0	22,0	4,0	MV-4719
52	27,0	20,0	21,0	24,0	18,0	23,0	5,0	MV-4720
53	—	—	19,0	20,0	16,0	19,0	—	MV-0A
54	—	—	18,0	20,0	—	—	—	MV-0B
55	—	—	21,0	23,0	18,0	23,0	—	MV-0C
56	—	—	33,0	—	—	30,0	—	CSP-0015
57	31,0	25,0	28,0	28,0	22,0	25,0	5,0	BU-D1
58	33,0	24,0	28,0	28,0	23,0	25,0	5,0	BU-D3
59	26,0	—	23,0	23,0	18,0	22,0	4,0	BU-036
60	14,0	—	13,0	9,0	9,0	11,0	3,0	BU-042
61	21,0	18,0	18,0	17,0	15,0	19,0	5,0	BU-050
62	41,0	33,0	38,0	38,0	30,0	33,0	8,0	M-1856
63	46,0	33,0	41,0	41,0	32,0	38,0	12,0	M-1856a
64	18,0	—	16,0	16,0	—	15,0	4,0	Te-0307
65	25,0	16,0	23,0	23,0	—	22,0	4,0	Te-0325
66	21,0	18,0	17,0	17,0	—	16,0	4,0	Te-0669
67	—	18,0	—	—	—	—	6,0	Te-1363
68	—	12,0	—	—	—	—	5,0	Te-1707
69	14,0	13,0	15,0	11,0	10,0	12,0	4,0	Te-1905
70	—	—	19,0	19,0	—	—	—	Te-2021
71	—	—	14,0	13,0	—	—	—	Te-2027
72	17,0	15,0	12,0	15,0	12,0	13,0	4,0	Te-2865
73	—	—	18,0	18,0	—	—	3,0	Te-2999
74	19,0	14,0	17,0	17,0	14,0	15,0	3,0	Te-3143
75	20,0	18,0	18,0	18,0	15,0	16,0	3,0	Te-3179
76	20,0	16,0	18,0	18,0	15,0	16,0	3,0	Te-3180
77	—	—	19,0	19,0	—	—	4,0	Te-3322
78	13,0	12,0	12,0	12,0	9,0	11,0	3,0	Te-3253
79	18,0	14,0	13,0	15,0	—	—	4,0	Te-3581
80	—	19,0	—	—	—	—	5,0	Te-3617
81	14,0	12,0	12,0	12,0	8,0	11,0	3,0	S/N

H, Altura Total; W, Largura; EM, Comprimento da Margem Sinfiseal; ED, Comprimento da Margem Comissural; E1, Altura do Dente; E2, Altura do Esmalte; RD, Espessura.

GONZALEZ, M.M.B.; AMENOMORI, S.N. Osteologia e utilização de dentes de Tubarão-Branco, *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Elasmobranchii, Lamnidae) em sambaquis do estado de São Paulo. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 25-37, 2003.

GONZALEZ, M.M.B.; AMENOMORI, S.N. Osteology and utilization of white shark teeth, *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Elasmobranchii, Lamnidae) at shell mounds of São Paulo. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 25-37, 2003.

**ABSTRACT:** At Brazilian shell mounds, recoveries of sharks and rays teeth are very common, and their value for the shell mound groups is still under discussion. This choice of working with *C. carcharias* teeth shows the importance of these species to present and past marine ecosystem. 81 teeth of seven shell mounds were analyzed. Among these ones 37.03% were related to burials, and from the totality we concluded that 56.79% were used as adornment and 43.20% as tools. With adequate methodology, we took into account the NMI=11 which has the smallest specimen measuring 2.40m and the biggest one 4.60m. The NMI determination shows that this species was not usual and abundant but representative. In 47.36% of the cases the teeth related to children burials and could be associated to votive or ceremonial elements.

**UNITERMS:** *Carcharodon carcharias* – Artifacts – Shell mounds – Burial.

### Referências bibliográficas

- APPLEGATE, S.P.  
1967 A Survey of Shark Hard Parts. P. W. Gilbert (Ed.) *Sharks, Skates and Rays*. Baltimore, Johns Hopkins Press: 37-67.
- APPLEGATE, S.P.; ESPINOSA-ARRUBARRENA, L.  
1966 The Fossil History of *Carcharodon* and Its Possible Ancestor, *Cretolamna*: A Study in Tooth Identification. *Great White Shark, The Biology of Carcharodon carcharias*, Academic Press: 19-36.
- ARNOLD, P.W.  
1972 Predation on Harbour Porpoise, *Phocoena phocoena*, by a White Shark, *Carcharodon carcharias*. *J. Fish. Res. Board Can.* 29: 1213-1214.
- BASS, A.J.  
1973 Analysis and description of variation in the proportional dimensions of scyliorhinid, carcharhinid and sphyrid sharks. *S. Afr. Assoc. Mar. Biol. Res., Oceanogr. Res. Inst., Invest. Rep.*, 32: 1-28.
- BAUGHMAN, J.L.  
1952 The Marine Fisheries of the Maya, as Given San Diego Land's "Relacion de Las Cosas de Yucatan", Notes on The Probable Identification of Fishes. *The Texas Journal of Science*, 4: 432-459.
- BIGELOW, H.B.; SCHROEDER, W.C.  
1948 *Sharks. Fishes of the Western North Atlantic* Part I. Sears Foundation for Marine Research Yale University, Connecticut: 59-546.
- BORHEGYI, S.F.  
1961 Shark Teeth, Stingray Spines, and Shark Fishing in Ancient Mexico and Central America. *Southwestern Journal of Anthropology*, 17: 273-29.
- BUCK, P.H.  
1930 *Samoan Material Culture*. Bernice P. Honolulu: Bishop Museum, Bulletin 75.  
1957 *Arts and Crafts of Hawaii*. Honolulu: Bishop Museum Press.
- BUDKER, P.  
1971 *The Life of Sharks*. London: Weidenfeld and Nicolson.
- CLOSS, D.  
1970 Estratigrafia da Bacia de Pelotas, Rio Grande do Sul. *Iheringia, Sér. Geol.* (3):3-75.
- COCKE, J.  
2002 *Fossil Shark Teeth of the World. A Collector's Guide*. California: Lamna Books.
- COMPAGNO, L. J. V.  
1970 Systematic of the Genus *Hemitriakis* (Selachii – Carcharhinidae) and Related Genera. *Proc. Calif. Acad. Sci.* 33 (4):63-98.  
1984 FAO species catalogue. Sharks of the world. An annotated and illustrated catalogue of sharks species known to date. Vol. 4(1): *Hexanchiformes to Lamniformes*. *FAO Fish. Synop.*
- DUARTE, P.  
1968 O Sambaqui Visto Através de Alguns Sambaquis. *Pré-História Brasileira*. São Paulo: Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo.
- FERGUSON, I.  
1996 Distribution and Autoecology of the White

GONZALEZ, M.M.B.; AMENOMORI, S.N. Osteologia e utilização de dentes de Tubarão-Branco, *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Elasmobranchii, Lamnidae) em sambaquis do estado de São Paulo. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 25-37, 2003.

- Shark in the Eastern North Atlantic Ocean and the Mediterranean Sea. *Great White Shark, The Biology of Carcharodon carcharias*. Academic Press: 321-346.
- FIGUEIREDO, J.L.  
1977 *Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. I. Introdução. Cações, raias e quimeras*. São Paulo: Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo.
- FIGUTI, L.  
1993 O Homem Pré-Histórico, o Molusco e o Sambaqui: Considerações sobre a Subsistência dos Povos Sambaquieiros. São Paulo: *Rev. Museu de Arqueologia e Etnologia* 3: 67-80.  
2000 Economia/Alimentação na Pré-História do Litoral de São Paulo. *Pré História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ: 197-203.
- FRANCO, T.C.; BARBOSA, D.R.  
1991 Ocorrência de dentes de *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Elasmobranchii, Lamnidae) no contexto das populações pré-históricas. Salvador: *Congr. Bras. Zool. Univ. Fed. Bahia*, 18: 554.
- FRANCO, T.C.  
1992 *A Pesca na Pré-História – Um estudo para o Brasil*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ.
- GADIG, O.B.F.; ROSA, R.R.  
1996 Occurrence of the White Shark along the Brazilian Coast. *Great White Shark, The Biology of Carcharodon carcharias*. Academic Press: 347-350.
- GARCIA, C.D.R.; UCHÔA, D.P.  
1980 Piaçaguera: um sambaqui do litoral do Estado de São Paulo, Brasil. São Paulo: *Revista de Pré-História*, Universidade de São Paulo, 2:11-84.
- HAMBLIN, N.L.  
1984 *Animal Use by the Cozumel Maya*. Tucson: University of Arizona Press.
- HORNELL, J.  
1950 *Fishing in Many Waters*. Cambridge University Press.
- HUBBELL, C.  
1996 Using Tooth Structure to Determine the Evolutionary History of the White Shark. *Great White Shark, The Biology of Carcharodon carcharias*. Academic Press: 9-18
- KLIMLEY, A.P.  
1985 The Areal Distribution and Autoecology of the white shark, *Carcharodon carcharias*, off the West Coast of North America. *South. Calif. Acad. Sci. Mem.* 9:15-40.
- KLÖKLER, D.M.  
2001 Construindo ou deixando um sambaqui? Análise de sedimentos de um sambaqui do litoral meridional brasileiro: processos formativos, Região de Laguna, SC. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- KOSUCH, L.  
1993 *Sharks and Sharks Products in Prehistoric South Florida*. Florida: Institute of Archaeology and Paleoenvironmental Studies.
- MATSUURA, Y.  
1986 Contribuição ao Estudo da Estrutura Oceanográfica da Região Sudeste entre Cabo Frio (RJ) e Cabo de Santa Marta (SC). *Cienc. Cult.*, 38(8): 1439-1450.
- MOLLET, H.F.; CAILLIET, G.M.  
1996 Using Allometry to Predict Body Mass from Linear Measurements of the White Shark. *Great White Shark, The Biology of Carcharodon carcharias*. Academic Press: 81-90.
- MOLLET, H.F.; CAILLIET, G.M.; KLIMLEY, A.P.; EBERT, D.A.; TESTI, A.D.; COMPAGNO, L.J.V.  
1996 A Review of Length Validation Methods and Protocols to Measure Large White Sharks. *Great White Shark, The Biology of Carcharodon carcharias*. Academic Press: 91-108.
- MOSS, S. A.  
1984 *Sharks: An introduction for the amateur naturalist*. Inc. New Jersey: Prentice-Hall.
- NISHIDA, P.  
2001 *Estudo Zoológico do Sítio do Mar Virado, Ubatuba – SP*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- PALLESTRINI, L.  
1964 A Jazida do Buracão-Km 17 da Estrada Guarujá-Bertioga. *Homenaje a Fernando Marquez-Miranda*. Universidades de Madri e Sevilla, Madri.
- POLLOCK, H.E.D.; RAY, C.E.  
1957 Notes on Vertebrate Animal Remains from Mayapan. Carnegie Institution of Washington, Dept. of Archaeology, *Current Reports* 41 (2): 633-660.
- PRATT, H. L.; CASEY, J. G.; CONKLIN, R. E.  
1982 Observations on Large White Sharks, *Carcharodon carcharias*, off Long Island, New York. *Fish. Bull.* 80:153-156.
- PURDY, R.W.  
1996 Paleocology of Fossil White Sharks. *Great White Shark, The Biology of Carcharodon carcharias*. Academic Press: 67-78.
- PYLE, P.; ANDERSON, S.D.; KLIMLEY, A.P.; HENDERSON, R.P.  
1996 Environmental Factors Affecting the Occurrence and Behavior of White Shark at the Farallon Islands, California. *Great White Shark, The Biology of Carcharodon carcharias*. Academic Press: 281-291.
- RANDALL, J.E.  
1973 Size of the great white shark (*Carcharodon*). *Science*, 181:169-170.
- RENZ, M.  
2002 *Megalodon: Hunting the Hunter*. Florida: PaleoPress.

GONZALEZ, M.M.B.; AMENOMORI, S.N. Osteologia e utilização de dentes de Tubarão-Branco, *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Elasmobranchii, Lamnidae) em sambaquis do estado de São Paulo. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 25-37, 2003.

RICHTER, M.

1987 Osteichthyes e Elasmobranchii (Pisces) da Bacia de Pelotas, Quaternário do Rio Grande do Sul, Brasil. *Paula-Coutiana*, 1: 17-37.

SOTO, J.M.R.; NISA-CASTRO-NETO, W.

2000 Sobre a Presença do Tubarão-baleia *Rhincodon typus* Smith, 1829 (Chondrichthyes, Rhincodontidae) na Costa Brasileira. *Biociências*, 8 (2): 137-152.

TAYLOR, L.

1993 *Sharks of Hawaii: Their Biology and Cultural Significance*. Honolulu: University of Hawaii Press.

TENÓRIO, M.C.

2000 Os Fabricantes de Machado da Ilha Grande. *Pré-História da Terra Brasilis*. UFRJ: 233-246.

TITCOMB, M.

1972 *Native Use of Fish in Hawaii*. Honolulu: Univ. Press of Hawaii.

UCHÔA, D.P.

1970 *O Sítio Arqueológico de Piaçaguera:*

*Aspectos gerais*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

1973 *Arqueologia de Piaçaguera e Tenório:*

*Análise de dois Tipos de Sítios Pré-cerâmicos do Litoral Paulista*. Rio Claro: Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, UNESP.

UCHÔA, D.P.; GARCIA, C.D.R.

1971 Dentes de Animais na Cultura do Sambaqui de Piaçaguera. *O Homem Antigo na América*. São Paulo, Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo: 29-39.

WELTON, B.J.; FARISH, R.F.

1993 *The Collector's Guide to Fossil Sharks and Rays from the Cretaceous of Texas*. Texas: Horton Printing CO.

WING, E.S.; BROWN, A.B.

1979 *Paleonutrition: Method and Theory in prehistoric Foodways*. New York: Academic Press.

Recebido para publicação em 2 de outubro de 2003.



## PROGRAMA FUNERÁRIO DOS TUPINAMBÁ EM ARARUAMA, RJ – SÍTIO BANANEIRAS\*

Angela Buarque \*\*  
Claudia Rodrigues-Carvalho\*\*  
Elizabeth Christina da Silva\*\*

BUARQUE, A.; RODRIGUES-CARVALHO, C.; SILVA, E.C. Programa funerário dos Tupinambá em Araruama, RJ – Sítio Bananeiras. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 39-55, 2003.

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar informações significativas sobre um sepultamento presente no sítio arqueológico Bananeiras, Araruama, RJ, relacionado à ocupação Tupinambá. Destaca-se a preservação de remanescentes esqueléticos, os quais, embora friáveis, permitiram a realização de análises osteológicas macroscópicas, revelando um sepultamento primário de indivíduo do sexo feminino, sem sinais patológicos evidentes, à exceção de lesões cariosas compatíveis com a estratégia de subsistência postulada para o grupo a que pertenceu. A comparação dos dados procedentes de outros sítios pesquisados nos permite lançar a hipótese da existência de um programa funerário uniforme na região, caracterizado pela presença de urna funerária com tampa e tigelas pintadas associadas. Apesar de confirmado o enterramento primário em urna, a ausência de vestígios esqueléticos passíveis de análise em sítios semelhantes não permite estabelecer esta prática como exclusiva na região.

**UNITERMOS:** Tupinambá – Estrutura funerária – Dados etnográficos – Bio-arqueologia.

### Introdução

A Região do Complexo Lagunar de Araruama, RJ, foi área de ocupação e de circulação de diferentes grupos indígenas. A grande quantidade de lagoas e lagunas, riachos, áreas de encostas, além das proximidades da Mata Atlântica, tornaram a região um ambiente propício ao estabelecimento de grupos horticultores e ceramistas, como os Tupinambá, que ocuparam a região há mais de 2.000

anos. Tem relevo aplainado e ondulações formadas por processos erosivos relacionados com as flutuações do nível do oceano e a drenagem continental. Há testemunhos rochosos gnáissicos com altitudes superiores a 100 metros, como o Mirante da Paz de onde se pode ter um alcance de 360°, possibilitando uma visão panorâmica do litoral de Araruama, Saquarema, Arraial do Cabo, até as áreas interioranas de Morro Grande e São Vicente, lugares densamente ocupados, também, desde tempos pré-coloniais. Esses locais destacados devem ter sido utilizados como pontos estratégicos que permitiram um amplo domínio da região, seja para controle dos cardumes que entravam na lagoa, seja para o envio de sinais para os aliados ou para perceber a aproximação de inimigos.

(\*) Apoio FAPERJ (Projeto Soberanos da Costa).

(\*\*) Depto. de Antropologia. Museu Nacional do Rio de Janeiro-UFRJ.



O clima é quente e úmido, sem inverno pronunciado, predominando os ventos de Sudoeste/Nordeste. Análises antracológicas realizadas na região (Scheel - Ybert 1999:45) apontam um paleoambiente caracterizado basicamente pela interface de três associações vegetais: a floresta de restinga, o mangue e, mais para o interior, formações florestais como a Mata Atlântica.

A vegetação, bastante alterada atualmente, apresenta características de restinga e de transição para a floresta Atlântica de encosta (Buarque & Martins 1999).

Os sítios arqueológicos que estamos pesquisando são identificados com o conjunto denominado de subtradição Tupinambá (Brochado 1991:85), que se refere a populações horticultoras, cuja principal evidência arqueológica é uma cerâmica com decoração geométrica e policrômica, ou com motivos plásticos, com variados tipos de tigelas e urnas que serviam a funções cotidianas coletivas, como preparo e armazenagem de alimentos, estando vinculadas também a atividades específicas relacionadas a rituais ou troca de bens. As pesquisas realizadas informam que a ocupação da região pelos Tupinambá ocorreu desde 2.600±160 B.P.<sup>1</sup> (Buarque 2002), de acordo com a data obtida para uma fogueira associada a uma das

estruturas funerárias encontradas na Aldeia tupinambá de Morro Grande (Buarque 1995, 1999, 2000).

O sítio arqueológico Bananeiras (Fig. 1 - nº 102 no cartograma abaixo) está localizado no Loteamento Parque Novo Horizonte, Bairro Bananeiras Av. Beira Rio 305, Araruama, RJ<sup>2</sup> que fica próximo à lagoa de Araruama, a cerca de 500 metros, aspecto claramente definido na estratigrafia pela presença de camadas naturais de conchas. Localizado em área densamente urbanizada, a estrutura funerária encontrada, composta de urna com tampa associada a tigelas, estava bem conservada e foi localizada no momento em que os proprietários preparavam o terreno para a expansão da área construída. O desconhecimento dos mesmos, quanto à importância do patrimônio arqueológico, resultou na destruição parcial das duas primeiras camadas estratigráficas, prejudicando a interpretação do contexto arqueológico dos vestígios funerários e comprometendo parte da análise, já que a tampa e duas das tigelas associadas foram parcialmente destruídas, impossibilitando verificar sua posição original. Apesar dessa destruição parcial, ainda foi possível perceber o restante da associação relacionada à pesquisa.

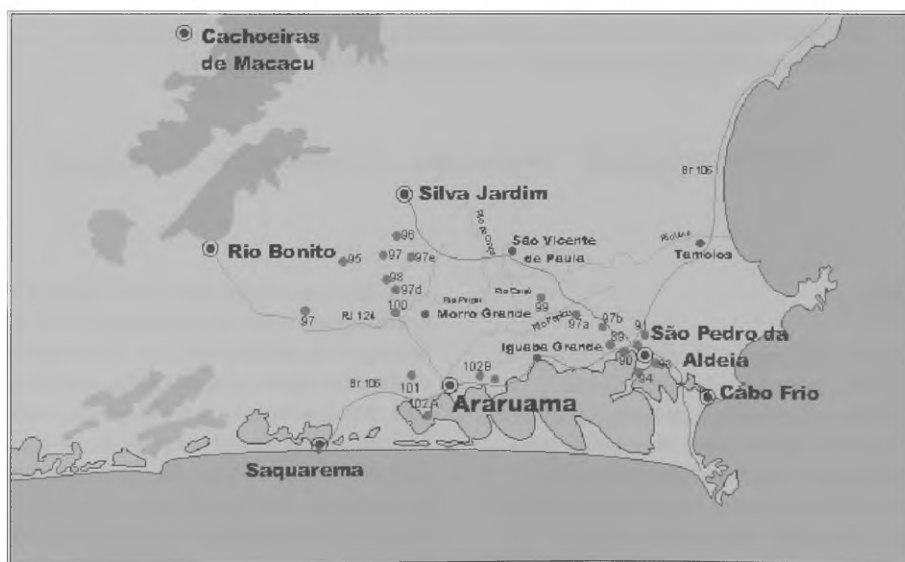


Fig. 1 – Cartograma da Região dos Lagos com os sítios Tupinambá plotados.

(1) Prime Lab, data obtida por Kita Macário, em sua tese de doutoramento no Depto de Física, UFF.

(2) UTM 23K 0778570 e 7468837.

Em função das condições limitadas, resultantes das construções existentes em todo o entorno, só foi possível abrir uma pequena área, de forma a expor a urna com o esqueleto, que havia ficado *in situ*. Parte do material associado, a tampa da urna e duas das três tigelas, havia sido deslocada e estava parcialmente destruída. Além das peças encontradas, o perfil deixou visíveis os restos de fogueira, poucos fragmentos cerâmicos e algumas lascas de quartzo.

As camadas, todas arenosas, a partir do perfil NW (Fig. 2), podem ser descritas da seguinte maneira:



Fig. 2 – Perfil estratigráfico NW, Setor 1, Quadra I. Foto A Buarque.

– A camada I, mais superficial, é preta, com matéria orgânica misturada a conchas fragmentadas, com 0,50m de espessura e ausência de material arqueológico;

– A camada II, em tom amarelo claro, também misturada a conchas fragmentadas, tem 0,25m de espessura, e possui grande concentração de material arqueológico;

– A camada III, com 0,35m de espessura, compõe-se de sedimento arenoso misturado a fragmentos de *Anomalocardia brasiliiana* (Gmelin 1971), resultado da proximidade da lagoa, apresentando lentes de carvão, além da presença de material arqueológico. Nessa camada tinha início a parte superior da urna funerária com alguns fragmentos da tampa, bem como as tigelas pintadas, como pode ser verificado na Figura 3. Sobre a região torácica do esqueleto foram encontrados dois pingentes feitos de concha que, certamente, faziam parte de um colar, bem como alguns núcleos de diabásio.

– A camada IV, formada de areia branca de fundo de lagoa e fragmentos de conchas, tem início a partir de 1,10m de profundidade, sem que tenha sido encontrado qualquer material arqueológico.

### Estrutura funerária

A estrutura funerária era composta de uma urna com tampa, um pote e duas tigelas pintadas, associadas a um esqueleto humano, como pode ser observado na foto abaixo (Fig. 3).



Fig. 3 – Estrutura funerária Sítio Bananeiras, Q1, NW, Sepultamento 1. Foto A. Buarque.

Um pote marrom escuro de pequenas dimensões (Fig. 4), com 0,10 m de altura e 0,07 m de diâmetro, borda extrovertida, lábio apontado, liso interna e externamente, portando apenas decoração unglada nos três roletes aparentes do pescoço da peça (Fig. 5), encontrava-se no interior da urna sobre o crânio do esqueleto. Como as demais peças cerâmicas, o pote contém pasta de argila



Fig. 4 – Pote encontrado sobre o crânio. Foto A. Buarque.



Fig. 5 – Representação. Desenho de Bruno Roedel.

com antiplástico de areia grosseira e queima por oxidação incompleta.

As duas tigelas pintadas se encontravam deslocadas de seu posicionamento, já que foram quebradas e espalhadas no entorno da estrutura. No entanto, os fragmentos permitiram o restauro da tigela redonda (Fig. 6), que apresenta um diâmetro de 0,54 m e 0,18 m de altura e possui face externa lisa, sem decoração, e face interna também lisa, mas com engobe creme sob pintura geométrica na cor preta, em linhas meândricas concêntricas, a partir de um ponto central. Nota-se a presença de setas pretas em alguns pontos do desenho, provavelmente, nos locais em que a artista terminava a série. A borda possui reforço externo e lábio redondo, com 0,25m de espessura, apresentando dupla faixa vermelha, que separa a borda do corpo da tigela, na face interna. Essa é uma característica presente no interior de todas as peças pintadas encontradas na região de Araruama, com variação apenas no número de faixas, marcando a mudança do motivo decorativo entre a borda que expõe e o corpo que guarda. A borda apresenta ainda uma decoração em linhas paralelas inclinadas, entre as duas faixas, separando nitidamente os dois campos de atuação (Prous 2002, mimeo), borda e corpo, características que podem ser percebidas na reconstituição do motivo decorativo<sup>3</sup> (Fig. 7).

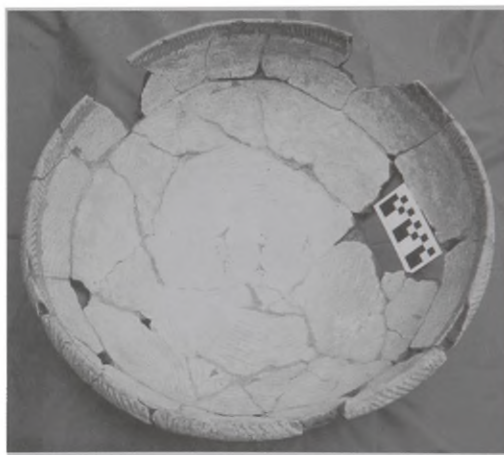


Fig. 6 – Tigela redonda pintada da estrutura funerária.

A outra tigela pintada ainda se encontra em fase de restauro. De forma oval, a peça possui 0,47 m de diâmetro maior e 0,37 m de diâmetro menor, aproximadamente, apresentando face externa lisa e sem decoração, e face interna com engobe branco sob desenho geométrico em linhas grossas com pontos superpostos. A tigela, bastante destruída, apresenta decoração diferenciada que marca oposição entre os quatro lados. Nos dois maiores, os motivos são lineares e repetidos, acompanhando os lados retilíneos da peça, mas em posições contrárias, e acentuando uma tendência freqüente entre as oleiras

(3) Reconstituição feita por Bruno Roedel.



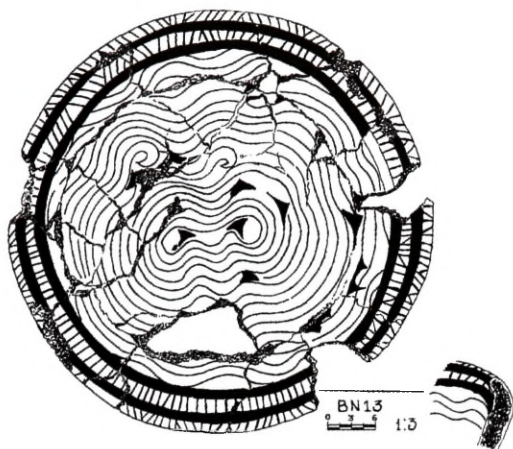


Fig. 7 – Reconstituição do motivo decorativo da tigela redonda pintada. Desenho Bruno Roedel.

Tupinambá, identificada busca de um dinamismo da peça a partir da desconstrução do motivo inicial; nas duas extremidades que mostram o contorno oval, o desenho, em linhas curvas, forma motivos que lembram folhas de palmeiras. A base da tigela é plana e está totalmente erodida, impedindo a reconstituição do motivo em toda sua integridade. Pode-se sugerir, apenas, que o fundo fosse formado por um motivo que pudesse compor com os quatro lados, claramente diferenciados. O desenho abaixo (Fig. 8) representa um croqui com a reconstituição do motivo decorativo.

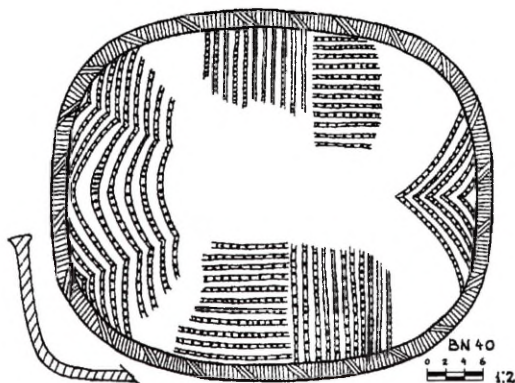


Fig. 8 – Reconstituição do motivo decorativo da tigela oval. Desenho Jefferson da Silveira Martins.

A urna funerária é carenada, de formato oval, (Fig. 9), marrom escura,<sup>4</sup> apresenta face interna lisa e sem decoração, e face externa com decoração dígito-ungulada na seção intermediária entre a carena e a borda, com reforço externo de decoração corrugada e lábio redondo. Abaixo da carena, até a base plana, observa-se corrugado de cunho prático,<sup>5</sup> marcando uma diferença acentuada com o restante da peça, (La Salvia & Brochado 1989: 25). Em sua base, a presença de um pé sugere a utilização anterior da peça como recipiente, provavelmente para bebida. Seu formato singular difere de qualquer outra peça da região. As urnas encontradas na aldeia de Morro Grande, sítio datado de 1740 ± 90BP (Buarque 1999:312), são carenadas, mas com contorno arredondado e, em geral, corrugadas. No sítio Serrano (Buarque & Martins 1999), que apresenta vestígios incontestáveis do contato com o europeu, as urnas têm formato arredondado, podendo ter decoração corrugada ou escovada (Diagrama 1).



Fig. 9 – Urna funerária do Sepultamento 1, Quadra 1, Camada 3. Foto A. Buarque.

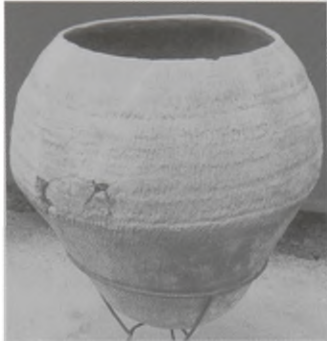



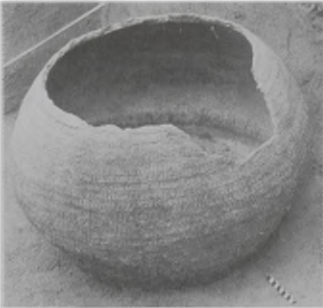
No interior da urna funerária encontravam-se os remanescentes esqueléticos de um único indivíduo (ainda com parte das vértebras e

(4) ST70 no código de cores A. Cailleux.

(5) “Aquele que busca a construção do recipiente, com a fixação dos cordéis, o fechamento dos interstícios e solidificação das paredes, buscando dar a forma definitiva ao recipiente”. (La Salvia & Brochado 1989: 25)

**Diagrama 1**

**Tipos de urnas encontradas nas aldeias Tupinambá de Araruama**

Aldeia de Morro Grande 1740 ± 90BP	Sítio Serrano (? – 1580 AD)	Sítio Bananeiras 430± 40 BP
		
		

costelas em conexão anatômica), cujas condições serão descritas adiante. A tampa da peça foi encontrada completamente destruída, sem que fosse possível descrever sua forma. A maioria dos seus fragmentos era de dimensões muito pequenas, dificultando em demasia o trabalho de restauro. No entanto, suas características tecnológicas e decorativas permaneceram inalteradas, mostrando uma pasta com antiplástico de areia média e queima por oxidação incompleta, visíveis na totalidade dos fragmentos, com decoração corrugada.

**Os remanescentes esqueléticos**

O material ósseo humano retirado do interior da urna, embora em condições excepcionais de preservação para este tipo de sepultamento (Fig. 10), apresentava-se extremamente frível, com extensos sinais de corrosão em

todo o esqueleto, evidenciados pela esfoliação e fragmentação da superfície cortical da maioria dos ossos e destruição de algumas regiões trabeculares (Fig. 11), sugerindo degradação do tecido ósseo em meio ácido. Tal acidez poderia ser resultado do próprio processo de decomposição do corpo no interior da urna, de condições peculiares do solo onde fora depositado ou ainda da conjugação de ambos os fatores. Considerando-se os cinco estágios de preservação desenvolvidos por Behrensmeier (1978, apud Buikstra & Ubelaker 1994, Ubelaker 1997), a maioria dos segmentos ósseos recuperados poderiam ser classificados no estágio 4, indicativo de preservação precária, em condições concordantes com a descrição feita acima. A análise detalhada dos processos tafonômicos e das condições de preservação deste esqueleto encontra-se em andamento.

Dada a fragilidade do material, optou-se pela imediata consolidação destes remanescentes em

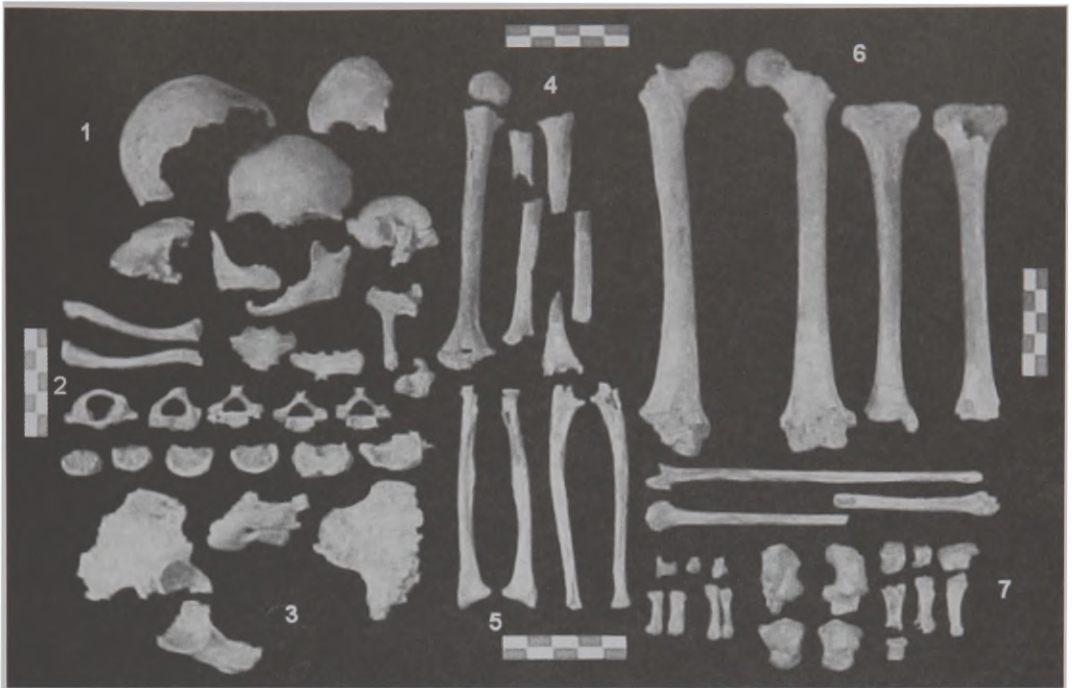


Fig. 10 – Principais segmentos ósseos recuperados no sepultamento. Foto Claudia Rodrigues.



Fig. 11 – Hemi-mandíbula esquerda, vista posterior, evidenciando o padrão de degradação do tecido ósseo. Foto Claudia Rodrigues.

laboratório, para garantir a preservação das peças.<sup>6</sup> Cerca de 95% do material foi tratado com B72

(6) Análises realizadas no Laboratório do Setor de Antropologia Biológica, Departamento de Antropologia,

dissolvido em acetona, exceto uma pequena porção de material, isenta de qualquer tratamento químico, recolhida para análises futuras que por ventura demandem material nessas condições (procedimento padrão do laboratório). Este procedimento já tornou possível a datação de parte dessa amostra por AMS.

A análise osteológica macroscópica confirmou a expectativa inicial de que o conjunto ósseo resgatado pertencera a um único indivíduo, apresentando mais de 80% do esqueleto preservado. Foram identificados e recuperados fragmentos de crânio, fragmentos de ambos os lados do corpo da mandíbula, oito dentes, vértebras e fragmentos de vértebras (cervicais, torácicas e lombares), esterno, clavículas, fragmentos de escápulas, fragmentos de costelas, 10 ossos do carpo e do

Museu Nacional/UFRJ. De acordo com os protocolos internos deste laboratório, a consolidação é realizada apenas em casos excepcionais, quando o material é por demais friável ou quando é necessário garantir sua integridade física frente à manipulação para fins científicos e/ou museológicos.



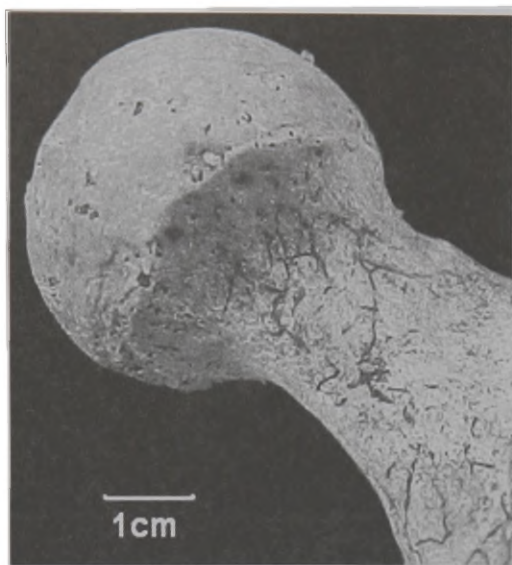


Fig. 12 – Fêmur direito (colo), vista posterior evidenciando marcas de raízes. Foto Claudia Rodrigues.

tarso (mãos e pés), além de úmeros, rádios, ulnas, fêmures, tíbias e fíbulas de ambos os lados.

Além das alterações pós-deposicionais relatadas acima, notam-se também pequenas impressões de raízes em fragmentos do crânio e de alguns ossos longos (Fig. 12). A presença de tais elementos e sua ação potencial no deslocamento de materiais não deve ser descartada na interpretação da ausência de fragmentos e peças ósseas, especialmente no caso dos dentes.

Para a estimativa de sexo e idade foram utilizados os critérios propostos por Buikstra & Ubelaker (1994). Os indicadores utilizados no caso específico foram: para a estimativa de sexo, os processos mastóides, as margens supra-orbitais e a glabella no crânio, e a incisura isquiática na pelve; para estimativa de idade, o grau de fechamento das suturas cranianas e o desenvolvimento ósseo (verificação do estágio de fusão das epífises dos ossos longos) (Figs. 13, 14 e 15). De acordo com tais parâmetros, o esqueleto em questão pertenceu a um indivíduo do sexo feminino, que morreu entre 20 e 25 anos. Para a estimativa de estatura, foram utilizados os critérios estabelecidos por Genovés (apud Bass 1995), sugerindo uma estatura, em vida, ao redor de 1,46 m de altura.



Fig. 13 – Osso frontal exibindo glabella e arcos supraciliares pouco proeminentes e órbitas afiladas, compatíveis com o sexo feminino. Foto Claudia Rodrigues.

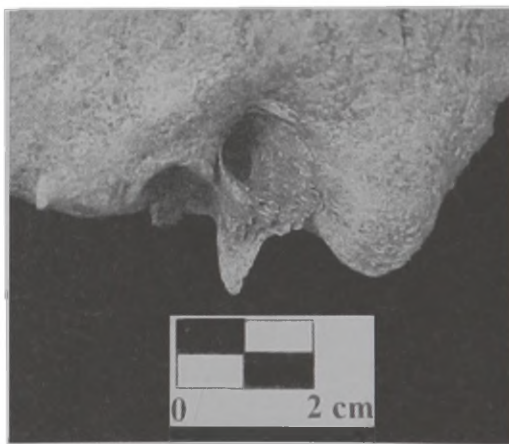


Fig. 14 – Processo mastóide com características femininas. Foto Claudia Rodrigues.

O indivíduo apresentava ossos delgados e impressões musculares suaves. Foram observadas facetas de agachamento em ambas as tíbias e tálus (Figs. 16 e 17), associadas à manutenção prolongada de postura agachada, sinal frequentemente observado em populações pré-históricas (Alvim e Uchôa 1993; Silva 1998). Além das facetas, os tálus também apresentam extensões das faces de articulação medial e extensões mediais e laterais das faces trocleares, feições essas associadas à



*Fig. 15 – Ílio direito, fragmentado, apresentando incisura isquiática caracteristicamente feminina. Foto Claudia Rodrigues.*



*Fig. 16 – Tálus exibindo facetas de agachamento. Foto Claudia Rodrigues.*

hiperflexão dorsal do pé, como na postura agachada (Fig. 18) – embora ainda existam discussões sobre o desenvolvimento dessas extensões a partir da interação de fatores mecânico-posturais e genéticos (Boulle 2001; Capasso *et al.* 1999).



*Fig. 17 – Faceta de agachamento em ambas as extremidades das tíbias. Foto Claudia Rodrigues.*



*Fig. 18 – Tálus direito apresentando extensões das faces articulares.*

Sinais sugestivos de osteoartrose foram verificados em duas vértebras lombares (L3 e L4), no tálus direito e em ambos os naviculares (Figs. 19 a 21).



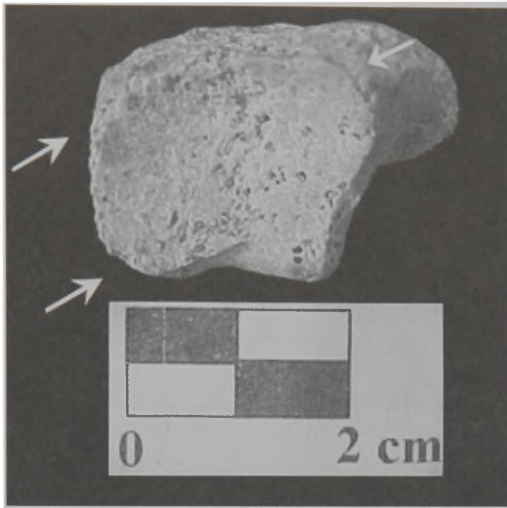


Fig. 19 – Navicular esquerdo apresentando sinais de osteoartrite leve. Foto Claudia Rodrigues.

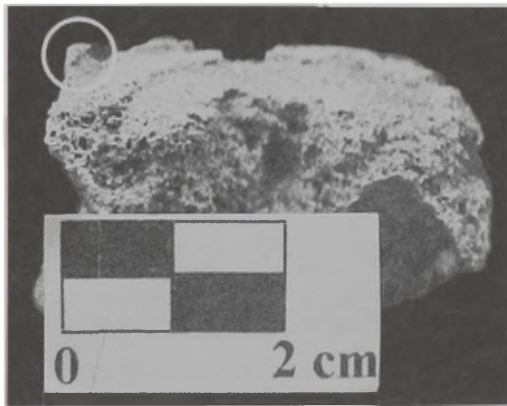


Fig. 20 – Vista posterior de L3 à esquerda, em destaque, projeção óssea. Foto Claudia Rodrigues.

As vértebras citadas apresentam pequenas projeções ósseas (osteofitos) nas faces articulares superiores e inferiores. Em L3, verifica-se osteofitose leve (menos de 1mm) na face articular superior do corpo vertebral, nas porções anterior e lateral esquerda. Uma projeção óssea vertical com cerca de 3mm de comprimento pode ser vista também nesta área. Na face articular inferior há dificuldade em visualizar-se estas evidências, devido ao estado de preservação do material, embora seja possível reconhecer a

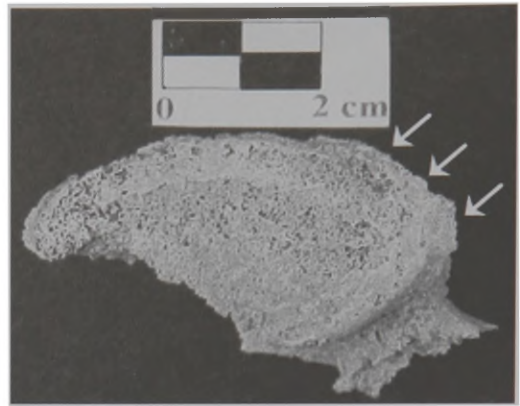


Fig. 21 – Vista inferior de L4, apresentando labiamento. Foto Claudia Rodrigues.

presença de uma formação contínua de pequenos osteofitos (labiamento) inferiores a 1mm. Em L4, a face articular superior também apresenta labiamento leve na porção lateral esquerda do corpo vertebral (na porção direita, há dano). Verifica-se na face articular inferior, também na porção lateral esquerda, outra formação contínua de osteofitos, que se estende anterior e posteriormente, com projeções de dimensões variadas, atingindo um máximo de 3,5mm exatamente no centro da porção lateral. Tais projeções são relativamente esperadas nesta região, pela pressão do peso do corpo e pelo estresse associado à locomoção, embora pareça ser precoce num indivíduo tão jovem, no caso em questão.

Leve crescimento ósseo é verificado nas margens da articulação talo-navicular do pé direito e no navicular esquerdo, não excedendo 1mm nesses casos. Tais sinais podem ser respostas à tensão freqüente da postura agachada. Infelizmente, o estado de conservação dos demais ossos não permite maiores observações.

Uma espícula óssea, com cerca de 4,8mm de comprimento, é verificada na face posterior da epífise proximal da fíbula esquerda (Fig. 22), próxima às fixações dos músculos tibial posterior e sóleo. Tal formação parece compatível com as ossificações, descritas na literatura (Hawkey & Merbs 1995), associadas à solitação excessiva do músculo ou a eventos (acidentes) que levem ao trauma abrupto, ruptura de tecido e posterior ossificação. Por ser um evento aparentemente isolado, sugerimos tratar-se de um episódio



Fig. 22 – Epífise distal da fíbula esquerda, apresentando espícula óssea. Foto Claudia Rodrigues.



Fig. 23 – Dentes. Foto Claudia Rodrigues.

acidental, sem relação com as demandas mecânico-musculares cotidianas deste indivíduo.

Não foram verificadas outras evidências de lesões traumáticas ou patológicas, além das condições descritas acima e de lesões cáries. Cabe ressaltar que o estado de preservação do esqueleto pode ter apagado sinais patológicos mais sutis, como, por exemplo, evidências de periostites cicatrizadas.

Dos oito dentes recuperados (Fig. 23), três pertenciam à arcada superior (um canino, o segundo e o terceiro molar, todos esquerdos) e cinco à arcada inferior (o primeiro, o segundo e o terceiro molar esquerdo; e o primeiro e o segundo molar direito). Destes, apenas três estão isentos de cáries: o canino e o terceiro molar superiores e o segundo molar direito inferior. A única lesão verificada na arcada superior é oclusal (Fig. 24), enquanto as lesões cáries na arcada inferior são extensas e com exposição de câmara pulpar, em sua maioria, à exceção de uma lesão interproximal no segundo molar esquerdo. O desgaste é predominantemente leve.

O percentual de lesões cáries observado é alto, com 62,5% dos dentes afetados, um possível reflexo da recuperação de apenas oito dos trinta e dois dentes esperados em um adulto. A explicação para tão poucos dentes deve estar além da perda dentária em vida, a qual, em um indivíduo nesta faixa etária, não deveria ser tão extensa (salvo por condições fisiopatológicas particulares), mesmo no caso de uma alimentação rica em produtos cariogênicos.

Considerando-se que os dentes encontravam-se soltos e suas estruturas ósseas de suporte



Fig. 24 – Lesões cáries. Foto Claudia Rodrigues.

fragmentadas e fragilizadas por processos tafonômicos, é possível supor a atuação de elementos perturbadores no microambiente da urna, como raízes ou pequenos animais, capazes de interferir na manutenção/preservação das peças dentais em seu interior, contribuindo possivelmente para a recuperação incompleta do conjunto original de dentes.

Altas prevalências de lesões cáries e desgaste pouco acentuado, como pode ser observado neste indivíduo, são condizentes com uma estratégia de subsistência horticultora (Lukacs 1989; Rodrigues 1997), tal como postulada para os Tupinambá. A possibilidade de o conjunto original de dentes estar incompleto não afeta esta

interpretação. Mesmo considerando hipoteticamente que os demais dentes foram perdidos apenas por processos tafonômicos, e que não tenham sido afetados por cáries, o material recuperado apresentaria, nessas condições, ao menos 15,62% dos dentes lesionados, um percentual suficiente para sugerir um estilo de vida baseado em cultivares (Powell 1985).

### Marco temporal

O material esquelético foi datado por AMS em 430±40 BP<sup>7</sup> (Tabela I), data que traz discussões interessantes sobre as características formais e estilísticas presentes no material cerâmico desse grupo que ocupou a região do Complexo Lagunar de Araruama desde tempos pré-coloniais.

Segundo Noelli (1999/2000), a análise das cerâmicas permite dizer que possuem “característi-

cas materiais constantes e variáveis formais estabelecidas dentro de um padrão estilístico rigidamente normatizado, submetido a regras tecnológicas reproduzidas na longa duração” Essas características podem, mais uma vez, ser comprovadas na estrutura funerária presente nesse sítio. Apesar da existência de um intervalo de ocupação de mais de 2.000 anos entre a Aldeia Tupinambá de Morro Grande (Buarque 1999, 2002) e o sítio Bananeiras (Tabela I), não se percebe diferença significativa entre as estruturas funerárias e os aspectos tecnológicos e decorativos presentes nos dois sítios. A estrutura funerária da aldeia de Morro Grande também era formada por uma urna com tampa, associada a outras tigelas pintadas, como pode ser observado na Figura 25. Ainda que haja uma diferença marcante no formato da urna, que pode ser resultado de influências do contato, toda a associação permanece de forma inalterada.

**Tabela I – Datações**

Nome do Sítio	Data	Método de Análise	Referência Bibliográfica
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	1740±90 BP Beta 84333	C14	Buarque 1995, 1999, 2000, 2002
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	2200±70 BP Gyf-sur-Yvette	AMS	Buarque 2002
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	2600±160 BP Prime Lab	AMS	Macário 2003
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	510±160 BP Prime Lab	AMS	Macário 2003
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	311BP	TL	Latini 1998
Sítio Bananeiras	430±40 Beta 171160	AMS	Buarque 2002
Sítio São José	282 BP	TL	Latini 1998
Condomínio Jardim Bela Vista	500 BP	TL	Vinagre <i>et al.</i> 2001
Três Vendas	200±125BP Laboratório de Geocronologia da Krueger Enterprises Inc.	C14	Kneip 1980
Três Vendas	185±120BP Laboratório de Geocronologia da Krueger Enterprises Inc.	C14	Kneip 1980
Guaratiba	970±100		Dias Junior 1998
Sernambetiba	570±100		Dias Junior 1998

(7) Beta 171160





Fig. 25 – Estrutura funerária 1 – Aldeia de Morro Grande. Foto Maria Dulce Gaspar.



Fig. 26 – Estrutura funerária 2 – Aldeia de Morro Grande. Foto A. Buarque.

Na aldeia de Morro Grande, três tigelas pintadas, de formatos variados, encontravam-se emborcadas na lateral da urna corrugada. A tampa, também corrugada, tinha a parte superior quebrada, fato que normalmente ocorre pelo impacto devido à maior proximidade da superfície. As tigelas, ainda que com motivos decorativos diferenciados, guardam, como ocorre no exemplo do sítio Bananeiras, uma característica marcante das peças Tupinambá: a intenção de ocupar com desenho todo o interior das peças pintadas. A presença da faixa vermelha, separando o corpo da borda, pode ser considerada uma característica inalterada nesse universo pictórico. Outro elemento é a presença dos pontos ou de traços nos interstícios das linhas, como ocorre na tigela oval do Bananeiras e é bem marcado em vários exemplos de Morro Grande (Buarque 1999: 316). Ainda que tenha havido problemas tafonômicos, no caso do Sítio Bananeiras, que resultaram na alteração do posicionamento das duas tigelas pintadas, sabemos que elas se encontravam associadas à urna em um espaço de 1m<sup>2</sup>, área em que estavam dispersos os fragmentos cerâmicos, provavelmente na mesma posição que a estrutura de Morro Grande. Outro exemplo, na aldeia de Morro Grande, é o de uma estrutura composta de urna com tampa, associada a vasilhas pintadas, com um dos potes emborcado no interior da urna (Fig. 26), sugerindo a cobertura do morto, como no exemplo do Bananeiras, ainda que naquele caso, dada a alta acidez do solo, não foi encontrado qualquer resto ósseo. Esses dados nos levam a pensar na possibilidade de um programa funerário para a região de Araruama que teve uma grande profundidade temporal.

É importante observar que, apesar da datação em tempo histórico correspondente ao ano 1520, não foi encontrado qualquer elemento que evidenciasse troca com o colonizador. Segundo fontes históricas “os primeiros trinta anos de colonização são de todo desinteressantes economicamente para Portugal, principalmente se levarmos em conta que o território não possuía nenhum bem economicamente lucrativo para o comércio nos mercados europeus. Nem metais ou pedras preciosas, nem especiarias. Só restando, em uma terceira possibilidade, produtos tropicais, para os quais ainda deveria ser aberto espaço de mercado” (Cordeiro, no prelo). Os três grupos que compunham a primeira leva de europeus a visitar a costa brasileira eram navegantes, além de alguns indivíduos que compunham a tripulação, que eram “deixados” nas praias, como degredados, desertores das esquadras e aqueles que deveriam conviver com os nativos, aprender sua língua, agenciar o escambo do pau-brasil.

Os degredados eram criminosos que por diversos delitos eram punidos com a pena de expulsão temporária do país. Eram abandonados nas praias (ainda não havia vilas fundadas nessa época)<sup>8</sup> sem pertences ou provisões. Sua função, na então Terra dos Papagaios, era a de cumprir sua pena. Uma vez passados quatro anos, poderiam voltar a Portugal por um período nunca superior a seis meses e depois retornar (Cordeiro no prelo.). Os desertores eram marujos que, por motivos

(8) A primeira vila, São Vicente, foi fundada em 1538.

diversos, achavam por bem abandonar seu navio e ficar nessas terras.

Os encarregados pelas feitorias eram nomeados pelo rei e permaneciam nela por cerca de um ano, em grupos de três ou quatro homens. As feitorias eram galpões de madeira, cercados, com pouco ou nenhum mobiliário. No Cabo Frio foi fundada a mais antiga delas, em 1503/4, por Américo Vespúccio. Não podiam falar ou negociar com os nativos, ultrapassar os limites da feitoria, praguejar contra Deus, ou fazer incursões em terra firme. Para isso nos chama a atenção um dado do Regimento que dita vigiar a “gente que vos acompanha”, para evitar fuga, visando a permanência no Brasil.

Contudo, um fato une os três grupos: na “provisoriidade”, nenhum deles possuía mobiliário para sua permanência, ela ditava as regras e, no que se refere à cultura material, o enriquecimento se dá apenas a partir do momento em que as circunstâncias permitirem; em outras palavras, somente a partir da implantação da empresa colonial burguesa no Brasil. Os primeiros europeus que se instalaram no litoral eram desprovidos de itens domésticos, pois, muito menos que burgueses, eles eram a escória da sociedade européia. Os degredados, portanto criminosos, não seriam melhor tratados do que os responsáveis pelas feitorias, de quem sabemos não serem possuidores senão de arcas ou caixotes. Outros porque tinham como encargo se misturarem às tribos e viver com e como elas. Fossem eles equipados da “tralha doméstica” (Lima 1989: 205-230), não se inteirariam com a perfeição necessária (Cordeiro no prelo).

### Contexto funerário a partir de dados etnográficos e arqueológicos

São recorrentes as narrativas dos cronistas do século XVI sobre a ocorrência de sepultamento em urnas. Soares de Souza (1971:330), em seu Tratado Descritivo do Brasil em 1587, diz que “... quando morre algum môço, filho de algum principal, que não tem muita idade, metem-no em cócoras, atados os joelhos com a barriga, em um pote em que ele caiba, e enterram o pote na mesma casa debaixo do chão...” Fernão Cardim (1980:94) assim descreve a prática de enterramento em urna: “... metem em um pote que para isso tem debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa...”. Esse mesmo autor (1980:94) narra que “metem todas as suas jóias e metaras, para que as não veja ninguém, nem se lastime...”

Jean de Léry (1980:247) registra que sepultavam “juntamente com os seus colares, plumas e outros objetos de uso pessoal”. Hans Staden não faz referência à existência dos enfeites nos enterramentos, mas, no capítulo sobre o que usam as mulheres, refere-se à ocorrência de enfeites “...fazem-nos também de caramujos do mar...” (Staden 1974:169).

Foram encontrados dois pingentes feitos de gastrópode (Fig. 27), provavelmente *Strombus Costatus*, associados ao sepultamento, conforme os relatos feitos pelos cronistas. No Sítio Bananeiras, a situação de correspondência anatômica dos segmentos ósseos evidenciados ainda no local do sepultamento e a preservação/manutenção de grande parte do esqueleto, inclusive de pequenas peças, são indicadores claros de um enterramento primário, em urna, dado ainda não notificado na Região dos Lagos. A presença de estruturas funerárias sem preservação de material esquelético, porém com características semelhantes (associação de urna com tampa, tigelas e fogueira) àquelas presentes nas Aldeias de Morro Grande e São José e Serrano (Buarque 1999, 2000, 2001), sugere que tais sepultamentos fossem igualmente primários, dado que dependerá de futuras pesquisas para sua comprovação.



Fig. 27 – Um dos pingentes encontrados sobre a região torácica do esqueleto. Foto A Buarque.

Embora não seja possível determinar com clareza a forma e posição com que o corpo fora depositado, pode-se supor que a posição fetal tenha sido empregada, com braços e pernas hiperfletidos, provavelmente amarrados com materiais que não se preservaram, tal como postulado para os remanescentes humanos recuperados em urnas no sítio arqueológico Fonseca, no estado de São Paulo (Pallestrini 1969).

Sobre a própria preservação, poder-se-ia buscar sua justificativa no fato de pertencer a uma ocupação recente. No entanto, existem aspectos que devem ser considerados. Nos outros sítios da região, onde foram encontradas estruturas funerárias semelhantes, o solo se apresentava muito ácido, muitas vezes destruindo a maior parte da matéria orgânica, deixando evidente apenas o esmalte dos dentes (Buarque 1999: 315). No entanto, no Sítio Bananeiras, toda a camada estratigráfica se apresentava com densas camadas naturais de conchas (Fig. 2), resultantes da proximidade da lagoa de Araruama, o que pode ter contribuído decisivamente para a preservação do material orgânico.

## Conclusão

As pesquisas na Região dos Lagos têm mostrado uma grande similaridade no que se refere ao padrão de sepultamento dos Tupinambá. O enterramento em urna foi a única forma encontrada. Devido à acidez do solo, nem sempre os esqueletos foram preservados e, em alguns casos, apenas o arranjo da estrutura configurava uma cena cerimonial ligada a sepultamento. Nas raras ocasiões em que se recuperaram remanescentes esqueléticos, estes quase nunca se encontravam em boas condições de análise, ora apresentando-se extremamente desgastados, ora restando somente pequenos fragmentos ósseos, havendo casos em que o único vestígio do morto era constituído por dentes. Esta situação demonstra a singularidade do sepultamento recuperado no sítio Bananeiras.

No entanto, apesar de tais limitações, alguns aspectos morfo-tecnológicos da cerâmica, além de

aspectos relacionados à forma como o material é encontrado, nos permitem reconhecer um programa funerário que é recorrente nos diferentes sítios pesquisados: nos sítios Serrano, São José, Morro Grande e Bananeiras, é uma constante a ocorrência de sepultamento em urna com tampa, associada a tigelas pintadas.

Informações contidas em cronistas do século XVI, como Léry (1980:247), fazem referência à presença de arranjos funerários tais como os encontrados nos sítios de Araruama, pois informam que os nativos “... acreditam firmemente que se Anhangá não encontrar alimentos preparados junto das Sepulturas, desenterrará e comerá o defunto; por isso colocam, na primeira noite depois de sepultado o cadáver, grandes alguidares de farinha, aves, peixes e outros alimentos e potes de cauim e continuam a prestar esse serviço verdadeiramente diabólico ao defunto, até que apodreça o corpo” Também Soares de Souza (1987:329) se refere às oferendas: “(...) fazem-lhe fogo ao longo da rêde para se esquentar, e põem-lhe de comer num alguidar, e água num cabaço, como galinha (...)”

Soma-se a este programa a prática de enterramento primário em urna, tal como evidenciado no sítio Bananeiras. Todavia não é possível ainda caracterizar a extensão ou importância desta prática, se era exclusiva, predominante ou esporádica na região, ou, ainda, produto do contato; se estava vinculada a padrões de idade e/ou sexo, etc. A amostragem pequena, somada à má preservação dos tecidos humanos nos demais sepultamentos recuperados, impede maiores inferências, sendo necessários outros achados semelhantes para responder a essa questão.

## Agradecimentos

Meus agradecimentos a Maria Dulce Gaspar e a Márcia Barbosa pela leitura atenciosa deste artigo, a Bruno Roedel e a Jefferson da Silveira Martins pela reconstituição dos motivos decorativos presentes nos materiais cerâmicos e a Eliana Escórcio pela tradução do resumo. Agradeço, ainda à FAPERJ (Projeto Soberanos da Costa) pelo apoio à pesquisa.

BUARQUE, A.; RODRIGUES-CARVALHO, C.; SILVA, E.C. Funerary Program of the Tupinambá in Araruama, RJ – Bananeiras Site. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 39-55, 2003.

**ABSTRACT:** In this article, we aim to present significant information about the mortuary structure found in the “Bananeiras” archaeological site (Araruama, RJ) related to the Tupinambá settlement. The preservation of skeletal remains was observed and, although friable, they have permitted macroscopical osteologic analysis that revealed the primary burial of a female individual, with non evident pathological signs, except for some dental caries, compatible to the subsistence strategy postulated for the group she belonged to. Cross-examination with research data from other sites allows us to assume the existence of an uniform mortuary program in that area, characterized by the presence of a mortuary urn with a lid and the associated painted bowls. Although the primary burial inside the urn has been confirmed, the absence of skeletal vestiges capable of being analyzed in similar sites does not allow us to establish this practice as exclusive in the area. It will take new discoveries to clarify this issue.

**UNITERMS:** Tupinambá – Funerary structure – Ethnographical data – Bio-archaeology.

### Referências bibliográficas

- ALVIM, M.C.M.; UCHÔA, D.P.  
1993 Efeitos do hábito de cócoras no tálus e na tíbia de indígenas pré-históricos e de um grupo atual do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: 35-53.
- BASS, W. M.  
1995 *Human Osteology. A laboratory and Field Manual*. Columbia: Missouri Archaeological Society.
- BOULE, E.  
2001 Evolution of two human skeletal markers of the squatting position: a diachronic study from Antiquity to the Modern Age. *American Journal of Physical Anthropology*, 115: 50-56.
- BROCHADO, J.P.  
1991 Um modelo de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. Anais do 1º Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro. Recife: *Clio*, série arqueológica, 4: 85-88.
- BUARQUE, A.  
1995 Uma Aldeia Tupinambá em Morro Grande. Porto Alegre: *Anais da SAB 1995*, Vol. 2.  
1999 A cultura tupinambá no Estado do Rio de Janeiro. M.C. Tenório (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*, Editora UFRJ: 307-320.  
2000 El Espacio Habitacional en la Aldea Tupinambá de Morro Grande. A.D. Coirolo; Boksan, R.B. (Eds.) *Simpósio Arqueologia de las Tierras Bajas*. Uruguay: Comisión Nacional de Arqueología, Ministerio de Educación y Cultura: 353-364.  
2002 A Presença Tupinambá na Região dos Lagos. *Cd-Rom dos Anais da SAB 2001*.
- BUARQUE, A.; MARTINS, J.S.  
1999 Os Sítios Arqueológicos e a ocupação do espaço na Região dos Lagos. *Cd-Rom da SBC*.
- BUIKSTRA, J.E.; UBELAKER, D.H. (EDS.)  
1994 *Standards for data collection from Human Skeletal Remains*. Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey. Research Series nº 44.
- CAPASSO, L.; KENNEDY, K.A.R.; WILCZAK, C.A.  
1999 *Atlas of Occupational Markers on Human Remains*. Teramo: Edigrafital SpA - S. Atto.
- CARDIM, F.  
1980 *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo: Editora da USP e Editora Itatiaia Ltda.
- CORDEIRO, J.  
*Nativos de Pindorama e os Filhos de Deus: o contato entre mundos e a cultura material (no prelo)*.
- DIAS JÚNIOR, O.  
1998 O índio no Recôncavo da Guanabara, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)* a.159, n. 399: 353-641.
- HAWKEY, D.E.; MERBS, C.F.  
1995 Activity-induced musculoskeletal stress markers (MSM) and subsistence strategy changes among ancient Hudson Bay Eskimos.

- Internatioanl Journal of Osteoarchaeology*, 5: 324-338.
- KNEIP, L.M.  
1980 A Aldeia Pré-histórica de Três Vendas, Araruama, Estado do Rio de Janeiro. São Paulo: *Revista do Museu Paulista*, Nova série, XVII, USP: 283-338.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J.P.  
1989 *Cultura Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura.
- LATINI, R.M.  
1998 *Caracterização, Análise e Datação de Cerâmicas Arqueológicas da Bacia Amazônica através de Técnicas Nucleares*. Niterói, Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal Fluminense (UFF).
- LÉRY, J. DE  
1980 *Viagem à Terra do Brasil*, São Paulo: Editora da USP Editora e Itatiaia Ltda.
- LIMA, T.A.  
1989 A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro. *Dédalo*, São Paulo, publicações avulsas, I: 205-230.
- LUKACS, J.  
1989 Dental Paleopathology: Methods for Reconstructing Dietary Paterns. M. Iscan; K. Kennedy (Eds.) *Reconstruction of Life from the Skeleton*. New York, AR Liss: 261-286.
- MACÁRIO, C.D.K.  
2003 *Preparação de amostras de Radiocarbono e Aplicações de MAS em Arqueologia e Geologia Marinha*. Niterói, Tese de Doutorado defendida no Instituto de Física da Universidade Federal Fluminense (UFF).
- NOELLI, F.  
1999/2000 A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872-2000. São Paulo: *Revista da USP*: 218-269.
- PALLESTRINI, L.  
1969 Sítio Arqueológico Fonseca. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 104 pp.
- POWELL, M.L.  
1985 The Analysis of Dental wear and caries for Dietary Reconstruction. In: *The analysis of prehistoric diets*. Academic Press: 307-339.
- RODRIGUES, C.D.  
1997 *Perfis Dento-Patológicos nos Remanescentes Esqueletais de dois Sítios Pré-Históricos Brasileiros: o Cemitério da Furna do Estrago e o Sambaqui de Cabeçada* Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado defendida na Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz.
- SCHEEL-YBERT, R.  
1999 Paleoambiente e paleoetnologia de populações sambaqueiras do sudeste do estado do Rio de Janeiro. São Paulo: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 9: 43-59.
- SILVA, A.L.  
1998 *Facetas de Agachamento em Astrágalos Humanos do Sítio Cemitério de Barão do Iriri*. Rio de Janeiro: Monografia de Graduação apresentada à Universidade Estácio de Sá.
- STADEN, H.  
1974 *Duas Viagens ao Brasil*. São Paulo: Edusp e Editora Itatiaia Ltda.
- UBELAKER, D.H.  
1997 Taphonomic applications in forensic anthropology. W.D. Haglund; M.H. Sorg (Eds.) *Forensic Taphonomy. The post mortem Fate of Human Remains*. Boca Raton/New York/London/Tokyo: CRC Press: 77-90.
- VINAGRE, U.M.; BELLIDO, A.V.; LATINI, R.M.; ROSSI, A.M.; BUARQUE, A.  
2000 Datação e caracterização de materiais arqueológicos da região de Araruama no Estado do Rio de Janeiro. São Paulo: *Anais do Encontro de Aplicações Nucleares (ENAN)*: 285-298.

Recebido para publicação em 3 de junho de 2003.





## PRODUCCIÓN CERÁMICA DE LA TRADICIÓN TAFÍ. ESTUDIOS TECNOLÓGICOS DE LA ALFARERÍA ARQUEOLÓGICA DE LA CIÉNEGA (TUCUMÁN, NOROESTE DE ARGENTINA)

María Beatriz Cremonte\*

CREMONTE, M.B. Producción cerámica de la Tradición Tafi. Estudios tecnológicos de la alfarería arqueológica de la Ciénega (Tucumán, noroeste de Argentina). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 57-74, 2003.

**RESUMO:** Este trabalho é uma contribuição ao conhecimento da produção cerâmica da Tradição Tafi do noroeste da Argentina. São apresentados os resultados obtidos de um conjunto de técnicas analíticas aplicadas a olarias dos sítios formativos da vertente La Ciénega: caracterizações petrográficas das pastas em secções delgadas e análises composicionais por ativação de nêutrons (NAA), microscopia eletrônica (SEM e EDAX) e espectrometria infra-vermelha (IV). Estes estudos permitem propor que os ceramistas de La Ciénega e os do vale de Tafi compartilharam um mesmo padrão de manufatura e que em ambos os lugares empregaram-se matérias-primas similares. As cerâmicas de La Ciénega revelam técnicas de manufatura uniformes e uma seleção restrita de matérias-primas. Trata-se de uma produção não especializada dirigida principalmente à manutenção da vasilha doméstica.

**UNITERMOS:** Noroeste da Argentina – Tecnologia cerâmica – Tradição Tafi.

### Introducción

La quebrada de La Ciénega (Provincia de Tucumán), es un pequeño altivalle ubicado al Este del gran valle de Tafi (64° 40' L.S y 27° 45' L.O), entre los 2.400 a 2.800 msnm y una vía de acceso al mismo desde la llanura tucumana (Fig. 1). Los pastizales de neblina, circundados por bosques más o menos densos de alisos (*Alnus acuminata*) y queñoas (*Polilepis australis Bitter*) tapizan los piedemontes de La Ciénega, valle de Tafi y Alto de Anfama. Estos ámbitos reúnen las característi-

cas de una *puna húmeda* por su vegetación herbácea, clima húmedo y frío con neblinas y lloviznas persistentes. Un ambiente de transición entre la selva montana y la estepa arbustiva que ofreció condiciones óptimas para la instalación humana y el desarrollo de un sistema productivo agropastoril (Fig. 2).

Las unidades domésticas aisladas y las agrupadas en caseríos y aldeas dispersas fueron emplazadas en los diferentes niveles del piedemonte. Este último presenta sectores con desarrollo de suelos más potentes (depósitos coluvionales) y mosaicos vegetacionales (pastizal alto, pastizal medio, mosaico pastizal-vega y vegas) de alto valor forrajero que se extienden desde el fondo del valle hasta las pampas altas y laderas abruptas de los cordones montañosos que flanquean la quebrada.

(\*) CONICET-Instituto de Geología y Minería. Universidad Nacional de Jujuy. Argentina.



Fig.1 – Ubicación geográfica de la quebrada La Ciénega y Valle de Tafi en el Noroeste de Argentina.

Las unidades constructivas son de planta circular y se adosan unas con otras conformando núcleos alveolares de hasta 20 recintos pequeños con dos o tres patios y uno dos corrales y / o probables recintos de cultivo (Fig. 3).

Las investigaciones realizadas permiten plantear que los asentamientos de La Ciénega se integran a la Tradición Tafi. Las ocupaciones tempranas registradas se iniciaron alrededor del Siglo I de la e.C. perdurando hasta aproximadamente el Siglo VIII con una marcada estabilidad cultural a lo largo de su historia (Cremonte 1988, 1997). Existen estrechas similitudes con los sitios formativos estudiados en el valle de Tafi, a nivel de patrón de asentamiento, técnicas constructivas y conjuntos ergológicos domésticos (González y Núñez Regueiro 1960; Berberían y Nielsen 1988; Tartusi y Núñez Regueiro 1993). Sin embargo, los asentamientos de La Ciénega parecen haber tenido un carácter periférico y fronterizo respecto de los del núcleo Tafi, probablemente un sector subsidiario con énfasis en la economía pastoril pero, a través del cual, pudieron articularse importantes ejes de interacción, hacia el Este con las entidades sociales de la Cuenca del Tapia Trancas (llanura tucumana) y hacia el norte,



Fig.2 – Vista de La Ciénega y de las construcciones prehispánicas.

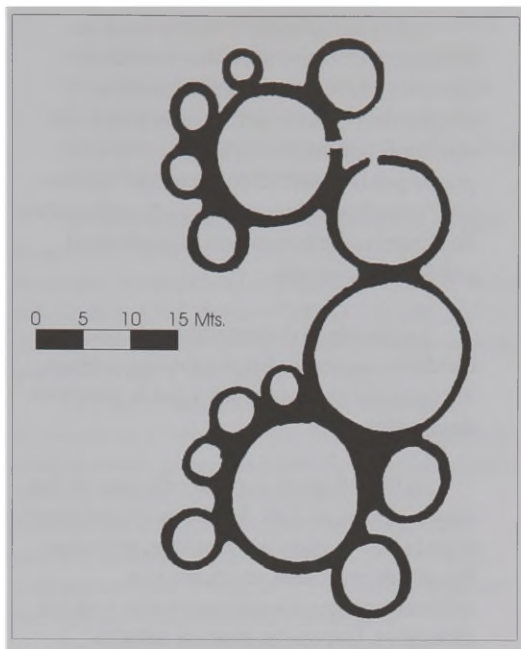


Fig. 3 — Unidad Residencial compuesta tipo 1B. Sitio El Arenalcito.

probablemente con Pampa Grande (Salta) atravesando la mesada del Chasquivil.

La producción alfarera estuvo básicamente destinada a la manufactura de dos clases de cerámica. Una de ellas es predominante y corresponde a vasijas de paredes y pastas gruesas de aspecto burdo. La otra, a vasijas pequeñas de paredes delgadas y pastas finas. Los cambios detectados a lo largo de casi ocho siglos son leves y más de carácter cuantitativo que cualitativo. La cerámica se caracteriza por una clara predominancia de vasijas alisadas, sin decoración. Los fragmentos decorados no llegan al 5% y ha sido casi nulo el hallazgo de piezas parcialmente enteras “in situ”. La cobertura roja se manifiesta como una técnica decorativa generalizada, presente en la mayoría de los tipos cerámicos, a diferencia de la cobertura blanca de uso mucho más restringido. Las representaciones modeladas y con incisiones de carácter ornitomorfo, las tiras agregadas formando un collar o anillo, las hileras de puntos y las incisiones en líneas finas formando ángulos o inscriptas en formas geométricas, conforman el patrón decorativo representado en la alfarería de La Ciénega (Fig. 4).



Fig. 4 — Cerámicas de La Ciénega.

Durante el momento que consideramos incluido en el lapso final de la ocupación, indicado por el recinto UC5 del sitio El Pedregal (AC-0721: 1240 ± 80 AP, calibr. 1d 794 d.C.) aparecen nuevas formas de recipientes, la vajilla es más variada y abundante con un incremento notorio de vasijas pulidas y decoradas, pero dentro del mismo patrón general de manufactura y decoración. Los fragmentos alisados con cobertura blanca se mantienen en una frecuencia baja y son muy escasos los fragmentos con cobertura roja (3%). En estos momentos tardíos no están presentes los apéndices zoomorfos ni las tiras gruesas aplicadas con incisiones circulares grandes. Sin embargo, continúa la técnica de utilizar cestos como soportes y las incisiones rítmicas, ya presentes en los contextos más tempranos. Los “nuevos” motivos más representativos corresponden a triángulos rellenos con puntos incisos, apéndices redondeados o macizos con incisiones circulares (probables hocicos), ojos en forma de “grano de café” y cejas con incisiones muy pequeñas, así como espigados y ángulos incisos realizados sobre las superficies más secas.

## El contexto cultural de Tafi

Las entidades socioculturales que poblaron el valle de Tafi durante los primeros siglos de la Era Cristiana reflejan, a través de la cultura material, una intensidad de ocupación en espacio y tiempo que las connota como manifestaciones relevantes del Formativo del noroeste de Argentina.

Las características particulares de Tafi fueron vislumbradas por Ambrosetti con una clara percepción sobre la profundidad temporal de las construcciones “megalíticas” y la posible filiación étnica de estas sociedades con las que construyeron Tiwanaku (Ambrosetti 1897).

Bennett, basado fundamentalmente en las descripciones de Adán Quiroga de La Ciénega, propuso una Cultura Tafi como un complejo de restos que no podía vincularse con ningún otro del NOA ni ubicarse cronológicamente (Bennett *et al.* 1948:89). La “cultura” Tafi fue finalmente definida unos años más tarde como resultado de las investigaciones dirigidas por Alberto Rex González. Mediante las excavaciones en el montículo de El Mollar y en recintos circulares de los kilómetros 64, 66 y 71 a los asentamientos Tafi se les asignó un rango temporal desde principios de nuestra Era hasta el 500 d.C. aproximadamente (González y Núñez Regueiro 1960; González 1962) y las siguientes características más relevantes:

a) Las unidades de residencia típicas estaban conformadas por conjuntos de recintos circulares, siendo variable el número de los mismos así como la distancia que separaba a un conjunto de otro. Para la construcción de las paredes se utilizaron bloques graníticos, algunos de grandes dimensiones, sin material de unión (mortero). La estructura social estaría basada en la familia extensa con elevado nivel de autosuficiencia.

b) Los recintos mayores funcionaron como “patios” donde se llevaban a cabo distintas tareas domésticas y donde también se enterraba a los muertos. Los adultos eran inhumados en cistas de piedra en posición flexionada y los niños en urnas. Los recintos menores eran habitaciones techadas con ramas y barro.

c) El emplazamiento de los sitios de habitación en conos aluviales y terrazas fluviales y las estructuras agrícolas con sistema de irrigación permitieron inferir una economía con énfasis en la agricultura. A juzgar por la cantidad de “conanas” presentes, la molienda de granos para la elaboración de alimentos farináceos era una actividad cotidiana importante.

La ganadería de camélidos y la caza quedaron evidenciados por los restos óseos encontrados en los recintos y por la presencia de corrales.

d) El trabajo de la piedra fue uno de los rasgos típicos de Tafi. Se refleja especialmente en la elaboración de máscaras, pequeñas figuras de animales, morteros con representaciones zooantropomorfas y en los monolitos, lisos o con motivos tallados lineales, zoomorfos (representación del felino) o antropomorfos. Estos monolitos poseen una distribución preferencial en las unidades residenciales y, en el caso de El Mollar, estaban agrupados en relación con un montículo artificial indicando un lugar de carácter ceremonial importante.

e) El conocimiento de la metalurgia quedó atestiguado por la presencia de anillos y fragmentos de placas de cobre y la práctica textil por el hallazgo de torteros de cerámica. En hueso se elaboraron flautas, cucharas, agujas y punzones.

f) En cerámica se fabricaron vasijas de formas simples, de paredes gruesas y alisadas de pastas micáceas y con otras inclusiones del tipo arena gruesa y mediana. En menor proporción se hallaron alfarerías con baño rojo (Mollar Monocromo rojo), grises y con superficies pulidas (Mollar Líneas Bruñidas). Además de los torteros para hilar, se hallaron fichas de juego, ocarinas y pipas. La presencia de cerámicas de los estilos Candelaria, Condorhuasi, Vaquerías y Ciénega, a lo largo de la historia ocupacional formativa del valle de Tafi, permitió plantear interacciones de distinta intensidad con otras entidades socioculturales.

g) Los núcleos familiares dispersos en el valle habrían mantenido algún tipo de vínculo económico y religioso. Esto se infirió a partir de los trabajos colectivos necesarios para la construcción de las estructuras agrícolas y para el traslado de los monolitos.

Se han postulado dos Fases para Tafí (Núñez Regueiro y Tarragó 1972:41-43). Una Fase I temprana denominada La Angostura, ubicada en los inicios de la Era Cristiana (100 a.C.) y una Fase II denominada Carapunco, ubicada cronológicamente por el fechado Y.890 del 570±70 d.C.

La Fase I, definida en base al contexto excavado en el Montículo de El Mollar, sugiere la instalación de grupos de tradición altiplánica, para quienes el montículo y monolitos asociados habrían conformado un centro de integración social e ideológica. Las cerámicas son predominantemente lisas siendo muy escasos los fragmentos con decoración incisa y modelada.

La Fase II, definida sobre la base del contexto excavado en un conjunto habitacional del kilómetro 64, muestra variaciones en la cerámica local y asociación con piezas de las Fases III de Candelaria (Selvas Occidentales). A partir de la década del '80 se inicia otra etapa de las investigaciones en el valle de Tafí. Los nuevos fechados radiocarbónicos procedentes del sitio La Bolsa (sector norte del valle) del 740 y 810 d.C. (Berberían 1988:17) indicaron una perduración mayor para la "cultura Tafí". Por otro lado, los fechados obtenidos en el sitio El Pedregal de La Ciénega (Cremonte 1988) mostraron un mismo rango temporal para las ocupaciones en ambos lugares (100 d.C. al 800 d.C.). Berberían y Nielsen (1988:48-50) elaboran dos modelos de sistemas de asentamiento que proponen como probables estadios del proceso sociocultural.

Tafí I se define por un sistema de asentamiento simple (unidades de residencia familiares dispersas, agricultura extensiva atemporal y pastoreo extensivo como recurso económico complementario, sumado a caza y recolección). Tafí II está caracterizado por verdaderas aldeas que a veces incluyen espacios de actividad comunal, separados de las áreas de explotación agrícola y pastoril intensivas. Así como existencia de planificación social para la realización comunitaria de las actividades económicas necesarias para sustentar una población numerosa.

Los estadios propuestos por Berberían y Nielsen serían equivalentes a un Formativo Inferior y

Superior manifestados por el paso a un nivel comunitario más complejo reflejado por cambios en la distribución espacial de las unidades residenciales, extensas áreas agrícolas y actividad pastoril desarrollada. Este punto de inflexión, que marca una transformación socioeconómica, se ubicaría alrededor del 500 d.C. y podría ser interpretado como una respuesta de ajuste para satisfacer la subsistencia de una población en aumento y ante la probable reducción de las áreas de explotación económica.

Más allá de las fases y/o estadios propuestos resulta significativa la estabilidad que presentan los contextos arqueológicos formativos del valle de Tafí y de La Ciénega a lo largo de su historia. Las similitudes, perduración y continuidad de sus elementos básicos, permiten connotarlos como manifestaciones de una misma tradición que posee una identidad cultural propia.

## Objetivos y estrategias de análisis

El objetivo fundamental de este trabajo es presentar los resultados obtenidos de una serie de estrategias analíticas que permitieron conocer aspectos de la producción alfarera de los grupos de la Tradición Tafí que habitaron La Ciénega durante el Período Formativo. La muestra cerámica estudiada está integrada por fragmentos procedentes de las superficies de ocupación de recintos de diferente cronología de los sitios El Pedregal (EP), El Arenalcito (EA) y Río Las Piedras (RLP). Con propósitos comparativos se analizaron fragmentos del recinto excavado en el núcleo alveolar 102 del sitio La Quebradita (LQ) de Tafí del Valle y del sitio El Potrerillo (EPO) en el Bajo de Anfama (ambiente de yungas al Este de La Ciénega). La muestra analizada se seleccionó luego de la clasificación preliminar de las pastas de 8.320 fragmentos en lupa binocular (10 a 40x).

Los análisis llevados a cabo estuvieron referidos a estudios de procedencia y a la determinación de comportamientos de manufactura. En primer lugar, se localizaron en el terreno depósitos de probables materias primas (arcillas, arenas y sedimentos cineríticos), luego en base a las mineralogías y granulometrías se establecieron comparaciones con las pastas cerámicas. Los resultados fueron ampliados con análisis petrográficos y químicos (Activación neutrónica, Microscopía electrónica de



barrido y análisis químicos por microsonda electrónica). Además, se realizaron fragmentos experimentales, análisis de Difracción de Rayos X y cálculos de porosidad. Para la estimación de las temperaturas de cocción se aplicó Espectroscopía Infraroja. La combinación de estas estrategias – que representan diferentes niveles de análisis – permitirían, mediante la selección y procesamiento de atributos composicionales, plantear y testear hipótesis sobre el empleo, características y tratamiento de las materias primas, otros comportamientos de manufactura y su relación con el uso de las vasijas. Así como detectar piezas de procedencia no local y establecer si, a nivel de manufactura, se corroboraban las similitudes entre las alfarerías de La Ciénega y sus contemporáneas del valle de Tafi, planteadas previamente en base a comparaciones de las pastas a bajos aumentos. En estas páginas nos referiremos a los análisis petrográficos y físico-químicos llevados a cabo.

### Caracterización petrográfica de las pastas cerámicas

Se analizaron 30 cortes delgados de fragmentos procedentes de las excavaciones realizadas en La Ciénega y en el sitio La Quebradita de Tafi del Valle. Con fines comparativos se incluyó un fragmento de la localidad vecina de Anfama (sitio El Potrerillo), otro del estilo Vaquerías y siete cortes delgados de fragmentos experimentales cuyas pastas en lupa binocular eran muy similares a las arqueológicas<sup>1</sup> (Tab. 1). Los fragmentos arqueológicos se seleccionaron al azar de los contextos procedentes de niveles de piso cultural y son representativos de los tipos y variedades que integran la tipología cerámica.

Con el propósito de construir una clasificación petrográfica de las pastas se aplicaron las técnicas de Análisis de Conglomerados (*Cluster Analysis*) y de Componentes Principales (ACP) para el

(1) El análisis petrográfico se realizó en un microscopio de polarización Karl Zeiss Jena Amplival pol.d. con ocular micrométrico. Se midieron 100 inclusiones y cavidades (macroporos) en cada corte delgado. Mediante Point counter se obtuvieron los porcentajes relativos de los componentes de cada pasta (300 puntos). Se plotearon las inclusiones desde los 0,06 mm, granulometría que marca el límite entre los clastos de arena muy fina y las partículas de limo (escala Wentworth).

**TABLA 1**

### Cortes delgados de pastas arqueológicas y experimentales

Nº	Procedencia	Subgrupos/Materias primas
1	LCEPUR5UC6	IRC (castaño grueso alisado)
2	LCEPUR5UC3	IIRC (castaño grueso pulido)
3	LCEPUR5UC6	IG (gris grueso alisado)
4	LCEPURIUC19	IIG (gris grueso pulido)
5	LCEAURIUC3	IRB (cobertura blanca alisado)
6	LCEPUR7UC5	IRBG (var.blanco grueso pulido)
7	LCEPUR5UC6	IG (ANF) (Anfama gris grueso)
8	LCEPUR7UC5	IGG (gris fino alisado)
9	LCEPUR7UC5	IGM (gris micáceo)
10	LCEPUR7UC5	IIGG (gris líneas blancas pulido)
11	LCEPURIUC19	IRR (rosado fino alisado)
12	LCEAURIUC3	IIRR (rosado fino pulido pint.)
13	LCEPUR7UC5	IIRR (rosado fino pulido pint.)
14	LCEPUR7UC5	IIC (var.castaño grueso pulido)
15	LCRLP	Tricolor/Vaquerías
16	TLQUR102UC1	IRC (castaño grueso alisado)
17	TLQUR102UC1	IIRC (castaño grueso pulido)
18	TLQUR102UC1	IG (gris grueso alisado)
19	TLQUR102UC1	IRB (cobertura blanca alisado)
20	TLQUR102UC1	IGG (gris fino alisado)
21	TLQUR102UC1	IRR (rosado fino alisado)
22	TLQUR102UC1	IIG (gris pulido)
23	ANF.EPO1-59	ANFAMA
24	EXP1	Arcilla Amaicha s/antiplástico
25	EXP2	Arcilla 32 + 15% arena 14.3
26	EXP3	Arcilla 32 + 15% arena 36
27	EXP4	Arcilla 32 + 30% cinerita
28	EXP5	Arcilla 15.3 + 15% cinerita
29	EXP6	Arcilla 6 s/antiplástico
30	EXP7	Arcilla 15.3 s/antiplástico

LC: La Ciénega      T: Tafi del Valle      ANF: Anfama

procesamiento de los datos obtenidos por *Point Counter* (distribución modal de los componentes de las pastas). [Middleton y Freestone 1991]. En ambos análisis se utilizaron los programas de Taxonomía Numérica NTSYS-pc que permiten descubrir la estructura taxonómica de los datos multivariados (Sokal y Sneath 1973; Crisci y López Armengol 1983). Los agrupamientos fueron evaluados considerando también otras variables petrográficas y los resultados de los estudios previos comentados.

### Análisis de conglomerados

Se construyó una Matriz Básica de Datos (MBD) de 30 pastas (cortes delgados) y 11 caracteres cuantitativos continuos correspondientes a los porcentajes de matriz (1), cavidades o macroporos (2), biotita (3), moscovita (4), cuarzo (5), feldespato potásico (6), plagioclasas (7), litoclastos graníticos (8), metamórficos (9), sedimentarios (10) y vidrio volcánico (11). A partir de la MBD se obtuvo una matriz de similitud aplicando el coeficiente de Distancia Taxonómica, que expresa las similitudes entre pares de pastas. Sobre esta última y para poder reconocer las relaciones entre la totalidad de las pastas, se procedió al análisis de agrupamiento aplicando la técnica de Ligamiento Promedio (UPGMA). De esta manera se obtuvo un Fenograma que muestra la relación en el grado de similitud entre dos pastas o grupos de pastas (Fig. 5). El Coeficiente de Correlación Cofenética (CCC: 0,94858) indica que el Fenograma obtenido es una muy buena representación de la matriz de similitud.

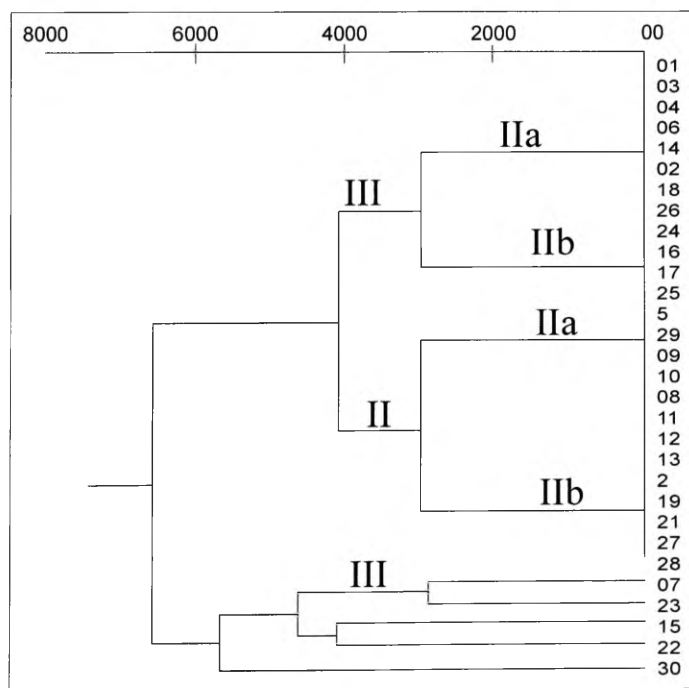


Fig. 5 – Análisis de Conglomerados. Fenograma de 30 cortes delgados (CCC: 0,94858).

**AGRUPAMIENTO I:** 1 a 25. Pastas con baja proporción de matriz arcillosa (40 a 60%), abundantes cavidades e inclusiones no plásticas mayores de 0,06 mm. Las micas (especialmente biotitas) son muy comunes, así como los clastos de cuarzo (7 a 19%). El porcentaje de feldespatos es variable: ortosa y microclino (2,50 a 11%) y oligoclasa (0,70 a 6%). Todas las pastas presentan litoclastos graníticos (2 a 16%).

En el *Subgrupo Ia* se agrupan los fragmentos arqueológicos de La Ciénega: 1 (IRC. Castaño grueso alisado), 3 (IG. Gris grueso alisado IG), 4 (IIG. Gris grueso pulido), 6 (IRBG. var. blanco grueso pulido), 14 (IIC. var. castaño grueso pulido), 2 (IIRC. Castaño grueso pulido) y de Tafi del Valle 18 (IG. Gris grueso alisado) además de los experimentales 26 y 24. El primero realizado con la arcilla 32 de La Ciénega con agregado de 15% de arena gruesa y el segundo con la arcilla de Amaicha del Valle sin agregado de material antiplástico.<sup>2</sup> Este último se diferencia de las pastas arqueológicas por no presentar una distribución bimodal de las inclusiones no plásticas.

En el *Subgrupo Ib* se agrupan los fragmentos arqueológicos de Tafi del Valle 16 (IRC. Castaño grueso alisado) y 17 (IIRC. Castaño grueso pulido) con el experimental 25 realizado con la arcilla 32 y 15% de arena mediana a gruesa. Las pastas *Ib* se diferencian por presentar algunos litoclastos metamórficos (pizarras).

**AGRUPAMIENTO II:** 5 a 28. Pastas con elevada proporción de matriz arcillosa (> 60%). La cantidad de cavidades es variable (1,52 a 11%). El porcentaje de inclusiones mayores de 0,06 mm es inferior al 35% con excepción

(2) Arcilla utilizada en la actualidad por la alfarera Micaela Martínez de Amaicha del Valle (localidad próxima al valle de Tafi). Las pastas de sus vasijas son macroscópicamente similares a las de Tafi. Se trata de una arcilla com abundante mica e inclusiones naturales de granulometría arena gruesa (cuarzo, feldespato potásico, plagioclasas y litoclastos graníticos).



de las pastas 9 y 29. En todos los cortes se ploteó vidrio volcánico. Los litoclastos metamórficos (pizarras) y sedimentarios (cuarcitas) están ausentes.

En el *Subgrupo Ila*: se agrupan los fragmentos arqueológicos de La Ciénega: 5 (IRB. Cobertura blanca alisado), 9 (IGM. var. gris micáceo), 10 (IIGG. var. gris líneas blancas pulido) y el experimental 29 realizado con la arcilla 6 de La Ciénega sin agregado de material antiplástico. Las pastas presentan litoclastos graníticos (0,40 a 5,20%) y más abundantes de biotita y cuarzo (3 a 8% y 5 a 9,4%). Los cortes 5 y 29 poseen porcentajes similares y comparativamente altos de vidrio volcánico, pero el experimental 29 presenta más biotita. Las pastas *Ila* son de textura media sin agregado aparente de antiplástico.

En el *Subgrupo I Ib* se agrupan a los fragmentos arqueológicos de La Ciénega: 8 (IGG. Gris fino alisado), 11 (IRR. Rosado fino alisado), 12 y 13 (IIRR. var. rosado fino pulido pintado); los de Tafi del valle 20 (IGG. Gris fino alisado), 19 (IRB. Cobertura blanca alisado), 21 (IRR. Rosado fino alisado) y los experimentales 27 y 28 (arcilla 32 con 30% de ceniza volcánica y arcilla 15.3 con 15% de ceniza volcánica).

Las pastas *I Ib* no presentan litoclastos y las inclusiones no plásticas mayores de 0,06 mm son escasas (11 a 20%). Son pastas de textura fina sin agregado aparente de material antiplástico. Al comparar los fragmentos arqueológicos con los experimentales 27 y 28 (con agregado de ceniza volcánica) surge que en las pastas arqueológicas el contenido de vidrio volcánico es claramente inferior, tratándose de inclusiones naturales de las arcillas y no intencionalmente agregadas.

**AGRUPAMIENTO III:** 7 (Anfama gris grueso de La Ciénega) y 23 (Anfama del sitio El Potrerillo). Pastas muy semejantes entre sí, con baja proporción de matriz arcillosa, abundantes cavidades (11%) y casi 30% de inclusiones: litoclastos metamórficos (pizarras) y sedimentarios (cuarcitas micáceas). Los minerales más comunes corresponden a cuarzo y son escasos los feldespatos. No se registró vidrio volcánico ni laminillas de biotita. El clivaje de crenulación que presentan las pizarras indica un ambiente metamórfico y las cuarcitas presentan una débil matriz micácea. Estas pastas son de textura gruesa y muy escasas en La Ciénega.

Los cortes 15, 22 y 30 se relacionan a bajos niveles de similitud entre sí y con el resto de las muestras. El fragmento 15 de La Ciénega (estilo Vaquerías), presenta elevada proporción de matriz arcillosa y alto porcentaje de cavidades. Las inclusiones no plásticas son escasas: laminillas de biotita, cuarzo, pizarras y algunas cuarcitas. Es una pasta de textura fina de color rojizo intenso con fondo de estructura fluidal, a diferencia de todas las otras pastas de fondo lepidoblástico (abundantes micas detríticas). La pasta de Tafi del valle 22 (IIG. Gris pulido) presenta baja proporción de matriz arcillosa, abundantes inclusiones mayores de 0,06 mm de pizarras (30%) y escasos cristaloclastos de cuarzo, ortosa y laminillas de biotita. Macroscópicamente esta pasta parecía ser análoga a las Anfama 7 y 23 pero la ausencia de cuarcitas marca una clara diferencia. Por último, el corte experimental 30, realizado con la arcilla 15.3 sin agregado de antiplástico, presenta escasas inclusiones mayores de 0,06 mm: cuarzo, feldespato potásico y algún litoclasto granítico y el fondo es muy microgranoso. Esta pasta no se correlaciona con las arqueológicas analizadas.

### **Análisis de componentes principales**

En primer lugar, se obtuvo una matriz de correlación entre los caracteres a partir de la Matriz Básica de Datos utilizada para el análisis de conglomerados. La MBD fue estandarizada (los valores se expresaron en unidades de desviación estándar), tal como se recomienda para este tipo de análisis (Shennan 1992). De la matriz de correlación (11 x 11 caracteres) se extrajeron los componentes principales y los eigen valores. Así como el porcentaje de la variación total (porcentaje de traza) y la acumulación de los porcentajes hasta llegar al 100%, valor que se alcanza con el décimo componente. Los tres primeros componentes reflejaron el 72,78 % de la variación.

La Figura 6 corresponde al gráfico tridimensional obtenido al proyectar cada una de las pastas en los tres primeros componentes. La mayoría de las pastas se ordenan en dos agrupamientos. Las restantes tienen un comportamiento bastante aislado.

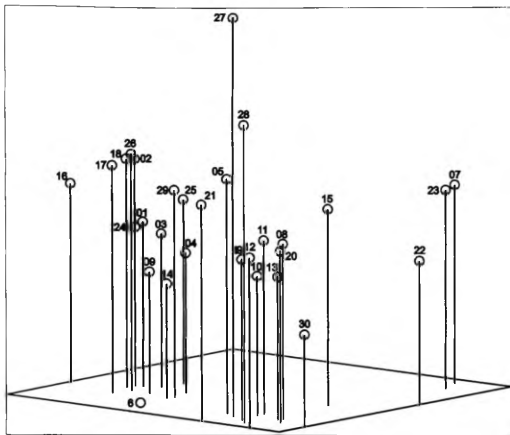


Fig.6 – Análisis de Componentes Principales (ACP). Gráfico tridimensional con la proyección de las pastas en los tres primeros componentes. Esta proyección expresa el 73% de la variación total.

Se observa la separación de las pastas con porcentajes altos de pizarras y cuarcitas (variables de más peso en C.2): 15, 22, 23 y 7. Las pastas 23 y 7 más próximas, contienen porcentajes similares de estos litoclastos. La 22, un poco más alejada, contiene sólo pizarras y la 15 (Vaquerías) más distante, un porcentaje bajo de litoclastos.

La pasta experimental 30 se aísla del numeroso grupo integrado por las pastas finas y medias 8, 20, 13, 11, 10, 12, 19, 28, 5 y 27, las tres últimas con porcentajes más elevados de vidrio volcánico. La pasta 21 se aleja un poco del grupo por su contenido levemente superior de moscovita, cuarzo y plagioclasas.

El otro grupo numeroso está integrado por las pastas gruesas 17, 18, 26, 2, 1, 24, 6, 9, 3, 14, 29, 25 y 4, también estrechamente relacionadas. Las pastas 6, 9 y 14 son las que poseen mayor cantidad de litoclastos graníticos y la pasta 16 se distancia por su mayor contenido de cuarzo y plagioclasas.

Del análisis de ACP resulta que: a) el *primer componente* es un buen discriminante de las pastas que integran los dos grupos más numerosos, siendo los caracteres más importantes: 4. moscovita, 5. cuarzo y 7. plagioclasas. b) el *segundo componente* es un buen discriminante de las pastas 7, 23, 22 y 15, siendo los caracteres más importantes: 9. pizarras y 10. cuarcitas y c) el *tercer componente* es un buen discriminante de las pastas 5, 27 y 28, siendo los caracteres más importantes: 8. litoclastos

graníticos y 11. vidrio volcánico. En la Tabla 2 puede observarse el aporte de cada uno de los 11 caracteres a los tres primeros componentes principales. Cuanto mayor es el valor (sin importar el signo) mayor es la contribución del carácter.

TABLA 2

Matriz de coordenadas de Componentes Principales (cortes delgados)			
Variables	C. 1	C. 2	C. 3
1. M	0,766	-0,591	-0,127
2. C	-0,614	0,437	0,350
3. B	-0,749	-0,287	-0,082
4. Mu	-0,825	-0,145	0,215
5. Q	-0,911	0,047	0,147
6. Fk	-0,760	0,106	-0,258
7. Pg	-0,796	-0,100	0,172
8. Gr	-0,575	-0,031	-0,569
9. Pz	0,359	0,772	-0,034
10. Cc	0,265	0,833	0,065
11. Vv	0,253	-0,337	0,676

Al comparar las relaciones entre los 30 cortes delgados representados en el Fenograma y en el gráfico de Componentes Principales, se observa que en ambos se mantiene el grupo de las pastas de textura gruesa (*Agrupamiento I* del Fenograma). También se mantiene el *Agrupamiento II* del Fenograma con excepción de las pastas 29 y 21. La última en una posición intermedia por presentar mayor contenido de cuarzo, micas y plagioclasas. En el Fenograma se reflejan, a través de los Subgrupos *Ila* y *Iib*, las pastas de textura intermedia y finas, mientras que en ACP se diferencian las de mayor contenido de vidrio volcánico (5, 27 y 28). Ambas representaciones son reales y útiles para caracterizar a este conjunto de pastas. Asimismo, se mantiene el *Agrupamiento III* del Fenograma (pastas 7 y 23) con abundantes pizarras y cuarcitas, ausencia de micas y abundantes cavidades y la distancia entre las pastas 15 (Vaquerías) y 22 (gris alisado con abundantes litoclastos de pizarras). Esta recurrencia confirma que, aunque comparten algunos caracteres, se trata de manufacturas diferentes. Por último, la pasta experimental 30, muy diferenciada del resto en el Fenograma, también presenta una posición separada en el gráfico de ACP.

### **Activación neutrónica (NAA), Microscopía electrónica de barrido (SEM) y análisis químico por microsonda (EDAX)**

El análisis de Activación Neutrónica es uno de los métodos que permite determinar y cuantificar elementos traza existentes en arcillas y cerámicas. Permite diferenciar las variedades de arcillas en fragmentos cerámicos de un sitio y relacionarlas con posibles depósitos de materias primas (Glascok 1992). La aplicación de NAA tuvo como objetivo llegar a determinar las arcillas probablemente empleadas en la manufactura alfarera y poner a prueba los resultados obtenidos de los análisis petrográficos.

Se analizaron 11 arcillas y 11 fragmentos arqueológicos (Cremonte *et. al.* 1991). Para este análisis fueron seleccionadas las arcillas 6, 11, 13, 15.2, 15.3, 15.4, 15.5, 17, 27.2, 32, RG<sup>3</sup> y los fragmentos cerámicos de los tipos más comunes en La Ciénega y sus homólogos de La Quebradita (Tafí del Valle): castaños y grises gruesos alisados; grises y rosados finos lisos, con cobertura blanca y pulido y pintado. El análisis permitió determinar las concentraciones de 13 elementos : Sc, Fe, Co, Rb, Ba, La, Ce, Sm, Eu, Yb, Lu, Hf y Th.<sup>4</sup>

Las arcillas 15.2, 15.3, 15.4, 11 y 17 presentaron concentraciones semejantes de los elementos químicos determinados. La arcilla 13 presentó variaciones cuali-cuantitativas que la diferencian de todas las muestras analizadas. Ninguno de estos sedimentos arcillosos se correlaciona con las pastas cerámicas, de modo que no habrían sido utilizados como materia prima.

Las arcillas 15.5, 6, 32 y RG (Rodeo Grande - valle de Tafí) resultaron ser composicionalmente similares a las pastas finas de La Ciénega y de Tafí. Los fragmentos experimentales realizados con las arcillas 6 demostraron tener mayor cantidad de inclusiones no plásticas que estas pastas arqueológicas,

es decir que, de haber sido utilizada, se deberían haber extraído por lavado parte de las inclusiones de mayor granulometría que contiene naturalmente. Por el contrario, la arcilla 32 es muy parecida a las pastas finas, tal como sucede con la RG. Estas dos arcillas parecen ser las probables materias primas empleadas en la manufactura de las cerámicas finas, tanto de La Ciénega como de Tafí del valle.

Las pastas gruesas contienen concentraciones más elevadas de La, Eu, Fe, Hf, Yb, Ba, Ce y Sm. Como se trata de las cerámicas más comunes, indudablemente de manufactura local, puede considerarse que la falta de relación entre las arcillas y las pastas gruesas se deba a: 1) que las probables materias primas sean arcillas no incluidas en el análisis, 2) que el agregado como antiplástico de arenas medias a gruesas muy micáceas alterara la concentración de los elementos originales (Harbottle *et al.* 1976). Si bien las muestras fueron tamizadas, la fracción más pequeña de las inclusiones pudo haber pasado por el tamiz, sobre todo las micas por su clivaje o 3) que se utilizara una mezcla de arcillas (Buko 1984).

Los resultados obtenidos por NAA indicaron que las arcillas 15.5, 32 y RG serían las materias primas empleadas y de ellas, la arcilla 32 resultó ser la más probable (Fig. 7). Los depósitos de esta arcilla tienen una amplia distribución en La Ciénega. Por otro lado, la activación neutrónica corroboró las semejanzas observadas entre las arcillas 32 y RG y entre las cerámicas del valle de Tafí y de La Ciénega, indicando que para la manufactura de estas cerámicas se habría utilizado un mismo tipo de arcilla.

Con el propósito de poner a prueba y de ampliar los resultados obtenidos por activación neutrónica se realizaron análisis mediante *microscopía electrónica*. Los mismos permitirían acceder a nuevos datos sobre las características composicionales de las arcillas y su relación con las pastas cerámicas, siendo uno de los objetivos principales determinar si para la manufactura de las pastas gruesas se habían empleado arcillas diferentes de las seleccionadas para las pastas finas.

La microscopía electrónica permite conocer la microestructura cerámica. Mediante micrograffas a diferentes magnificaciones y análisis por microsonda (EDAX), se puede estudiar la morfología y la composición global y puntual de los materiales plásticos (arcillas) y no plásticos (inclusiones), así como la porosidad de las pastas.

Se seleccionaron cinco fragmentos cerámicos de La Ciénega y cuatro arcillas en base a los

(3) Arcilla procedente de Rodeo Grande en el valle de Tafí utilizada por la alfarera Rosa Cruz

(4) Las arcillas se tamizaron en tamices tipo Tyler de malla 230. Del interior de cada fragmento cerámico se extrajeron fracciones de la pasta con una punta de metal que fueron posteriormente tamizadas. Las muestras se irradiaron en el reactor R.A-3 del Centro Atómico Ezeiza y luego se midieron por espectroscopía gamma. Los valores de concentración se hallaron mediante el cálculo de áreas por el método Covell.

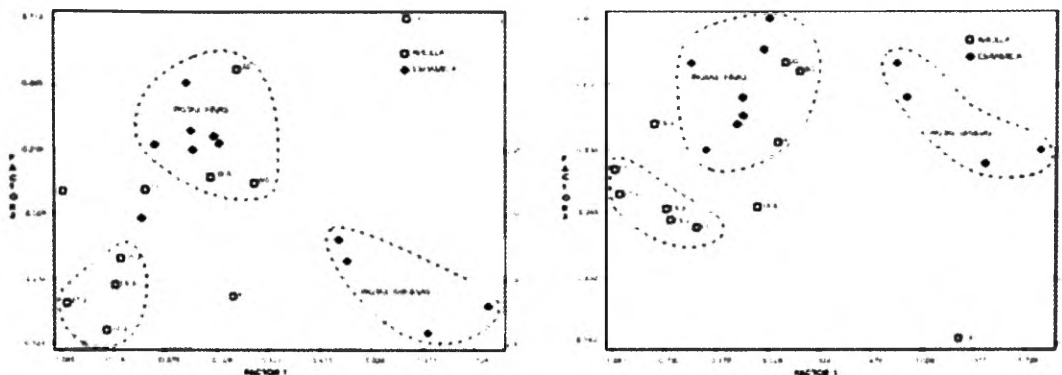


Fig.7 – Activación neutrónica (NAA). Relación entrarcillas y pastas cerámicas. Análisis de Factores Principales (modo-Q) Factor 1 vs Factor 2 y Factor 1 vs Factor 3.

resultados previos obtenidos por activación neutrónica. Las pastas gruesas y finas fueron de los mismos tipos que las analizadas por NAA. Estas cinco pastas se compararon con las arcillas 32, 6, 15.5 y con la arcilla RG del valle de Tafi que habían resultado ser similares a los fragmentos de pastas finas.<sup>5</sup> (Cremonte y Botto 2000).

La composición química (expresada en óxidos) de las arcillas y cortes frescos de los fragmentos cerámicos en condiciones similares de medida, mostró analogías con la de una illita de referencia (Brown 1961) (Tab. 3). La excesiva proporción de Fe (expresada como óxido férrico  $Fe_2O_3$ ) que presentan todas las muestras analizadas, puede relacionarse con la presencia de productos de alteración de la pirita que se hallan en la zona, tales como hematita, goethita y particularmente limonita, habitualmente asociada a materiales arcillosos (Angelelli *et al.* 1983: 200).

Los elementos minoritarios titanio, manganeso, cobre, magnesio y fósforo (expresados como  $TiO_2$ ,  $MnO$ ,  $CuO$ ,  $MgO$  y  $P_2O_5$ ), presentan valores fluctuantes. Las concentraciones de  $TiO_2$ , si bien

ligeramente incrementadas en relación a las de referencia, corroboran la presencia de illitas detríticas. Sin embargo, deben tenerse en cuenta variaciones regionales así como la presencia de otras especies titaníferas como por ejemplo la ilmenita ( $FeTiO_3$ ). Este mineral fue detectado en la pasta del fragmento Gris grueso alisado (IG).

En las arcillas analizadas se observa la presencia de cobre en muy bajas proporciones (1 a 2 %), mientras que en las cerámicas está ausente. Puede plantearse como hipótesis que su origen estuvo ocasionado por el arrastre de algún material sulfurado. El sulfuro de cobre se oxida a temperaturas del orden de los 500 °C dando sulfato de cobre, muy soluble en agua. Las temperaturas alcanzadas durante la cocción de las vasijas, sumado a condiciones de uso y postdeposicionales (elevada humedad del suelo e inundación del piso de los recintos comprobadas durante las excavaciones), son factores que pudieron llevar a la paulatina desaparición de ese bajo contenido de Cu en las cerámicas, debido a la solubilización del sulfato de cobre.

En la pasta del fragmento Castaño grueso alisado (IRC) y en la arcilla 15.5 se observó la presencia de  $P_2O_5$  simultáneamente con un elevado contenido de Ca. Sin embargo, la morfología difiere marcadamente. En el caso de la arcilla se registró una distribución estadística y homogénea de fósforo y calcio, en tanto que la pasta cerámica reveló la presencia de partículas redondeadas, lo que indica un origen diferente para esos elementos. Podría suponerse la inclusión de hueso molido como material antiplástico en la cerámica, pero su presencia parece ser accidental,

(5) Las micrográficas se obtuvieron en un microscopio electrónico de barrido Phillips 505 equipado con una microsonda EDAX 9100 del Instituto CINDECA (UNLP). Las fracciones de las pastas analizadas por EDAX se extrajeron de la superficie interna de fracturas frescas practicadas en los fragmentos cerámicos. No se practicó tamizado y todas las muestras fueron previamente secadas a 100 °C durante un día.

**TABLA 3**

Composición química media de cerámicas y arcillas por microsonda (EDAX). Porcentaje en óxidos										
CER.	SiO <sub>2</sub>	Al <sub>2</sub> O <sub>3</sub>	Fe <sub>2</sub> O <sub>3</sub>	K <sub>2</sub> O	CaO	TiO <sub>2</sub>	MnO	MgO	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	CuO
IRC	49,11	20,93	15,42	4,85	2,82	1,30	—	2,32	3,23	—
IG	49,65	20,78	21,46	3,88	2,20	1,51	0,51	—	—	—
IRB	55,20	17,85	15,47	4,37	3,66	0,67	—	2,77	—	—
IGG	52,52	16,03	18,89	5,58	3,59	1,25	—	2,18	—	—
IRR	55,84	16,22	16,16	4,11	4,09	1,02	—	2,55	—	—
ARCILLAS										
M6	58,52	17,41	14,52	3,66	1,59	1,09	—	2,01	—	1,28
M32	51,70	18,60	19,72	3,89	1,23	1,49	—	2,13	—	1,28
15.5	53,87	16,38	9,33	4,60	7,11	—	—	2,80	5,89	—
RG	51,88	18,41	18,80	3,75	2,00	1,35	—	1,57	—	2,28
*	53,75	26,95	5,49	7,43	0,48	0,54	—	4,22	—	—

otros adicionales: FeO: 1,63 y Na<sub>2</sub>O: 0,05.

\*composición química de una illita de referencia tomada de Brown (1961).

ya que en las caracterizaciones petrográficas no se detectó la presencia de material óseo calcinado.

En las micrografías de las Figuras 8a y 8b se observa la microestructura de las pastas cerámicas de los tipos Castaño grueso alisado (IRC) y Rosado fino alisado (IRR). La primera, similar a la pasta Gris grueso alisado (IG), presenta abundancia de cavidades grandes e irregulares así como de inclusiones no plásticas (cuarzo, feldespatos y biotita). La segunda, similar a las pastas Gris fino alisado (IGG) y Cobertura blanca alisado (IRB), presenta poros pequeños y redondeados con cierta orientación e inclusiones no plásticas pequeñas de mineralogía similar. La forma y

tamaño de muchos de los poros sugeriría la presencia de materia vegetal tales como polen o esporas en el cuerpo de arcilla. A su vez, la textura de las pastas, integradas por láminas irregulares dispuestas paralelamente, es característica de las arcillas detríticas, en base a la comparación realizada con los patrones del SEM Petrology Atlas (Welton 1984: 58).

Las similitudes cualitativas y cuantitativas observadas se correlacionan con los resultados obtenidos mediante activación neutrónica, en cuanto a la existencia de una homogeneidad mineralógica y química que permite sustentar la hipótesis sobre el empleo de illitas detríticas como materia prima para

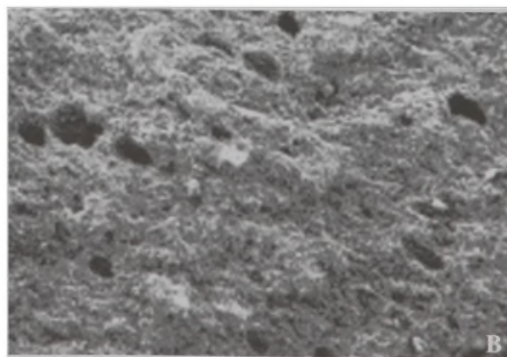
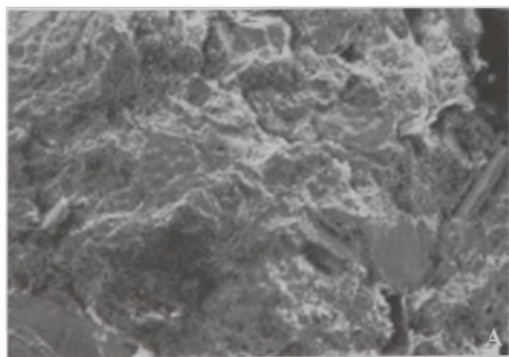


Fig.8 – Microscopía electrónica de barrido (SEM). Microestructura de pastas cerámicas: a) Castaño grueso alisado (550x); b) Rosado fino alisado (550x).

la manufactura de la alfarería arqueológica. A su vez, se corroboraron las similitudes con la arcilla RG de Tafi del valle. Surge de este análisis que las arcillas analizadas y sobre todo las 32 y RG pudieron haber sido empleadas también para la manufactura de las cerámicas de pastas gruesas.

### Estimación de las temperaturas de cocción

Durante su calentamiento las arcillas sufren un proceso de deshidratación a temperaturas inferiores a los 300 °C. Entre los 500 °C y 800 °C se produce un proceso de deshidroxilación, originándose una fase anhidra pero sin una marcada alteración de la estructura laminar. A temperaturas superiores se produce la destrucción total de la arcilla, formándose nuevas fases con estructura y composición diferentes. Estos comportamientos pueden ser utilizados para estimar las temperaturas alcanzadas durante la cocción de la cerámica mediante la aplicación de Espectroscopía Infrarroja (IR), ya que los aluminosilicatos presentan zonas de absorción IR características.

La espectroscopía infrarroja se aplicó a las mismas arcillas y cerámicas analizadas por microscopía electrónica.<sup>6</sup> Como paso previo a su tratamiento analítico, las arcillas fueron calentadas a 100 °C en estufa durante 24 horas a efectos de eliminar humedad y posible materia orgánica adherida. Los fragmentos fueron calcinados a 500 °C durante 15 minutos, también a fin de eliminar la humedad contenida en sus pastas.

En la Figura 9 se muestran como ejemplo los espectros IR comparativos de la arcilla 32 en estado natural, calentada a 500 °C, 600 °C, 700 °C y 900 °C y del fragmento cerámico Castaño grueso alisado (IRC). Los espectros de la arcilla calcinada a 500 °C y 600 °C resultaron ser similares al del fragmento cerámico. Es importante señalar que resultados análogos se obtuvieron con los fragmentos de los otros tipos cerámicos.

Los análisis comparativos realizados permitieron estimar que la temperatura máxima de cocción no sobrepasó en ningún caso los 600 °C (Cremonte y Botto 2000). A partir de los 600 °C se produce una apreciable disminución de la intensidad de las bandas O - H y un desplazamiento hacia frecuencias mayores

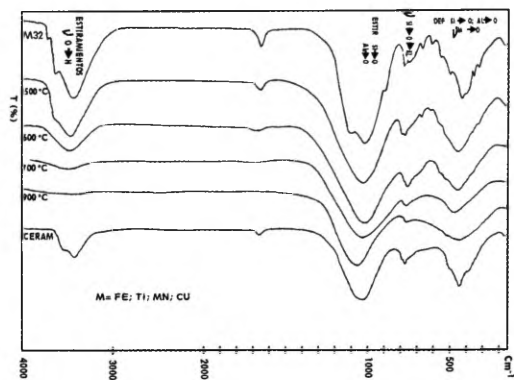


Fig. 9 - Espectroscopía Infrarroja (IR). Espectros comparativos de la arcilla 32 en estado natural, calcinada a 500 °C - 600 °C - 700 °C y 900 °C y de la pasta cerámica Castaño grueso alisado.

de las bandas centradas entre los 1.050 y 450  $\text{cm}^{-1}$ , éstas últimas asociadas a las deformaciones de los enlaces (Si, Al - O) así como a los estiramientos de los enlaces Metal - O (Farmer 1974:465).

### Comportamientos de manufactura cerámica de la Tradición Tafi

Los resultados de los estudios tecnológicos realizados indican que los alfareros de La Ciénega y del valle de Tafi compartieron un mismo patrón de manufactura cerámica y que en ambos lugares se emplearon las mismas materias primas. Las arcillas que se utilizaron son illitas detríticas con contenido de  $\text{TiO}_2$ . Si bien todas las arcillas muestreadas (con excepción de la 17) poseen la misma composición química, por las concentraciones de los elementos traza de los óxidos las arcillas del tipo 32 y 15.5 resultan ser las probables materias primas de uso más generalizado. La arcilla 32 no muestra diferencias con la RG de Rodeo Grande (valle de Tafi) y su composición es similar a la matriz arcillosa de las cerámicas excavadas en el recinto de La Quebradita. El hecho de haberse utilizado materias primas análogas en ambos lugares hace que sea prácticamente imposible llegar a detectar vasijas procedentes de distintos sectores del valle de Tafi en La Ciénega y viceversa.

La arcilla 32 tiene una amplia distribución, se la puede encontrar a menos de un kilómetro de distancia de los asentamientos arqueológicos, tanto

(6) Análisis realizado en un equipo Perkin Elmer 580-B (FCE-UNLP) con la técnica de pastillado en KBr.

en el sector norte como en el sur de la quebrada. La arcilla 15.5 fue localizada en las barrancas del arroyo Zanjón de la Víbora (próximo al sitio El Pedregal). En estas barrancas, como en las del río El Pedregal, es donde aparece la mayor variedad de arcillas y arenas de diferente granulometría. La arcilla 17, que pudo ser utilizada para las coberturas rojas (Cremonte 1997), también fue localizada en el Zanjón de la Víbora. Guijarros de cuarzo de tamaños y formas como los de los probables pulidores con adherencias de arcilla, encontrados en algunos recintos, fueron localizados en la llanura aluvial del Río La Ciénega y en las altas barrancas de El Sauquito y El Pedregal (sectores norte y sur de la quebrada).

Tanto las arcillas como las arenas contienen abundantes laminillas de mica (biotitas y moscovitas) resultando en cerámicas muy micáceas – sobre todo las de pastas gruesas – por el aporte de mica en la arena agregada. Al comparar la cantidad de mica en arcillas, arenas y pastas cerámicas no surge la posibilidad de su agregado intencional. El aspecto brillante de muchos fragmentos se debe a que, al estar mejor alisados, las laminillas se disponen paralelamente a las superficies. Algunos fragmentos grises son más bien opacos y barrosos (tipo Anfama gris grueso). Estas cerámicas (muy escasas) contienen abundantes litoclastos sedimentarios y metamórficos como los que presentan los fragmentos de los sitios El Potrerillo y Corral del Potrerillo en el Bajo de Anfama (Yungas orientales). Por sus formas (redondeadas) y por el contenido de cuarzo, no se trata de roca molida sino del agregado de una arena gruesa con elevado contenido de estas inclusiones. En La Ciénega no se encontraron arenas con estas características, por lo cual y en base a las similitudes citadas, se trataría de vasijas no locales de procedencia oriental asignables a la cultura Candelaria. Estos resultados son coincidentes con los obtenidos por Srur (1998) quien plantea que el antiplástico característico de Candelaria contendría mayoritariamente litoclastos metamórficos, mientras que los fragmentos analizados de la Fase 1 de Tafi presentan principalmente inclusiones no plásticas de litoclastos granitoides.

Las arenas y las inclusiones naturales de las arcillas de La Ciénega presentan una mineralogía similar: cuarzo, feldespato potásico (ortosa y microclino), plagioclasas (oligoclasa), biotita, moscovita, vidrio volcánico (1 a 3%), hornblenda, diópsido, minerales opacos, litoclastos graníticos y

alguna cuarcita. La comparación con las pastas cerámicas mostró estrechas similitudes entre las arenas gruesas del tipo 36 y las medias a gruesas del tipo 14.3 con las inclusiones no plásticas de las cerámicas de pastas gruesas. Mientras que las diferencias en las fracciones granulométricas son notorias entre las arenas finas del tipo 15.3 y las inclusiones de las pastas finas, indicando la ausencia de estas arenas como antiplástico.

Algunas pastas presentan porcentajes relativamente altos de vidrio volcánico, esto hizo suponer el probable agregado de ceniza volcánica (cinerita). Los depósitos de ceniza volcánica (20 a 30 cm de espesor) aparecen en algunos sectores de las barrancas fluviales. Sin embargo, los análisis efectuados indicaron que, si se utilizó este sedimento fue en proporciones muy bajas (inferior al 5%) con lo cual no se lograría un efecto tecnológico importante (mejor compactación y resistencia de las pastas). Es posible que las arcillas plásticas usadas pudieran tener en algunos depósitos (o en sectores de un mismo depósito) contenidos algo más elevado de vidrio volcánico.

Las variables que resultaron ser más significativas en el análisis petrográfico de las pastas fueron los porcentajes de moscovita, cuarzo, plagioclasas, pizarras, cuarcitas, litoclastos graníticos y vidrio volcánico. Estas variables, junto con las de formas y tamaños de las inclusiones y estructuras de los fondos permitieron discriminar cinco tipos de pastas (Fig. 10).

El *tipo 1* corresponde a las pastas gruesas (castaños y grises alisados o pulidos y a los fragmentos con cobertura blanca pulida), presentan más de un 35% de inclusiones mayores de 0,06 mm y una clara distribución bimodal con las finas de la matriz arcillosa. Estas pastas resultaron ser muy similares a las experimentales en las que se agregó 15% de arena gruesa (tipo 36) y mediana a gruesa (tipo 14.3). La pasta Amaicha, fabricada con una arcilla sin agregado de arena pero con abundantes inclusiones similares, es diferente. Las inclusiones no presentan distribución bimodal, lo que corrobora el agregado de arena en las pastas gruesas de La Ciénega.

El *tipo 2* representa a las pastas gruesas con abundantes litoclastos de pizarras muy grandes y cuarcitas micáceas (Anfama Gris Grueso), son muy diferentes al resto de las cerámicas tratándose de vasijas de manufactura no local.

El *tipo 3* corresponde a las pastas finas (rosadas, grises y castaños) sin agregado de antiplástico.



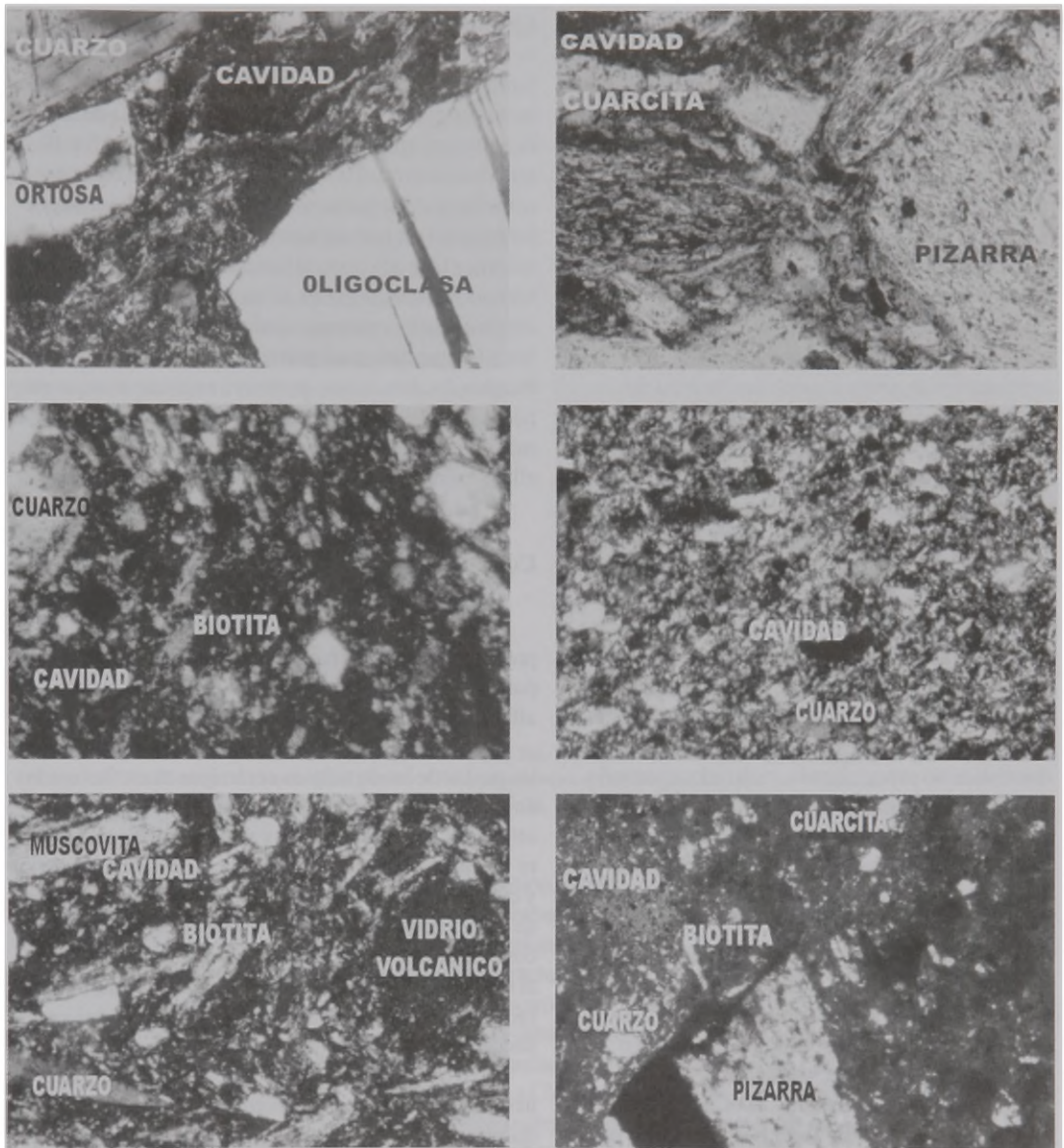


Fig. 10 – Micrografías de cortes delgados (80x). Tipos de pastas: A) Tipo 1: Gris grueso alisado (nicoles cruzados). B) Tipo 2: Anfama gris grueso (nicoles paralelos). C) Tipo 3: Gris fino alisado (nicoles cruzados) D) Tipo 3: variedad rosado fino pulido y pintado (nicoles cruzados) E) Tipo 4: Cobertura blanca alisado (nicoles cruzados) y F) Tipo 5: estilo Vaquerías (nicoles cruzados).

El tipo 4 (rosados con cobertura blanca y castaños) es similar aunque las pastas tienen algo más de vidrio volcánico y algunas inclusiones de tamaño arena media o gruesa sin presentar una clara distribución bimodal de las inclusiones, por lo cual consideramos que tampoco se habría agregado antiplástico en ellas.

El tipo 5 está representado por la pasta del fragmento Vaquerías. Presenta escasas inclusiones no plásticas pero grandes de cuarzo, mica, cuarcitas y pizarras angulosas (se trataría de roca molida). También presenta cavidades grandes, hematita y sustancia carbonosa que estaría indicando la calcinación de material orgánico, probablemente de



origen vegetal. La pasta es más rojiza, de fondo fluidal y compacta, indica el empleo de una arcilla diferente y una temperatura de cocción más elevada. El fragmento pertenece a un vaso alto cilíndrico o subcilíndrico de procedencia no local. Algunos fragmentos de la variedad rosado fino pintado y pulido muestran diseños similares a Vaquerías pero pueden ser interpretados como copias de este estilo, ya que sus pastas corresponden a las locales del tipo 3.

Las cerámicas de los tipos locales no sobrepasaron en ningún caso los 600 °C de temperatura máxima de cocción. Se trata de alfarerías cocidas a bajas temperaturas y de cocción poco controlada, sólo en algunos casos se logró una oxidación completa y pareja. Son predominantes las oxidaciones parciales y las manchas de cocción como resultado de una “quema” incompleta del combustible (seguramente guano de llama) y de la presencia de abundante humo .

La alfarería de La Ciénega revela técnicas de manufactura uniformes y poco desarrolladas con una selección restringida de materias primas. Podemos caracterizarla como una producción doméstica no especializada, realizada a pequeña escala y fundamentalmente dirigida al mantenimiento de la vajilla doméstica. Como señala Arnold III (1991: 92) la producción a nivel doméstico se caracteriza por no emplear técnicas especializadas de producción, las consecuencias arqueológicas de la misma se manifiestan en baja densidad de residuos de manufactura y también en herramientas expeditivas (en nuestro caso sólo hemos hallado uno que otro fragmento de arcilla, un rollito o “coil” y algunos guijarros de cuarzo). Aunque por supuesto no descartamos la elaboración de algunas vasijas para ser usadas en contextos no estrictamente domésticos.

No solamente los factores culturales están implicados en la producción cerámica, sino también los ambientales. Las condiciones de frío y humedad aumentan el tiempo de secado tanto de las vasijas terminadas como durante el modelado. También afectan la cocción porque es más difícil contar con combustible seco, se requiere mayor cantidad del mismo y más tiempo para completar el proceso. En estos ambientes la producción es fundamentalmente de tiempo parcial y complementaria de las actividades de subsistencia básicas (ganadería y

agricultura). Lo más característico de la cerámica Tafí es la predominancia de alfarerías gruesas, pesadas y burdamente terminadas. Pero las alfarerías con inclusiones abundantes (mayores a un 25%) de tamaños no uniformes y con cavidades entre 5 y 10 mm disminuyen el tiempo de secado y, si bien esto contribuye a que las paredes sean más frágiles (menor longevidad) es el comportamiento tecnológico que más favorece la producción alfarera en climas fríos y húmedos (Arnold 1985). Es decir que, si bien la cerámica refleja patrones tradicionales de manufactura, los alfareros deben adaptarse a las condiciones y recursos locales, lo que permiten explicar, aunque en parte, las variaciones a nivel de pastas que encontramos en las sociedades formativas, aunque muchas de ellas se deriven de o compartan tradiciones comunes.

### Consideraciones finales

Las estrategias analíticas combinadas que presentamos en estas páginas demostraron ser un aporte para avanzar en el conocimiento de la producción alfarera de la Tradición Tafí.

Los análisis petrográficos permitieron clasificar a las pastas de las dos clases cerámicas manufacturadas en La Ciénega: vasijas de paredes y pastas gruesas utilizadas en la preparación y almacenaje de alimentos vs vasijas de paredes y pastas finas destinadas a servir y consumir los alimentos. A su vez, los distintos tipos de pastas aportan una dimensión tecnológica sobre comportamientos locales y no locales de manufactura al ser incorporados a la tipología cerámica, tradicionalmente establecida en base a atributos morfológicos y decorativos de las vasijas.

Los estudios composicionales por activación neutrónica, microscopía electrónica de barrido, análisis químico por microsonda y por espectroscopía infraroja permitieron conocer otros aspectos de la producción cerámica. La uniformidad en el tipo de arcillas seleccionadas, la distancia entre estas fuentes de aprovisionamiento con relación a los asentamientos arqueológicos, los materiales antiplásticos agregados para la fabricación de las distintas clases de vasijas y las temperaturas originales de cocción alcanzadas.

Por otro lado se ha podido establecer que las alfarerías de La Ciénega y las del valle de Tafí corresponden a una misma modalidad de producción y no se han registrado variaciones a nivel de manufactura entre los momentos más tempranos y más tardíos de las ocupaciones aldeanas en La Ciénega. Esto último

corroborar la situación de gran estabilidad detectada en los registros arqueológicos a lo largo de la secuencia cultural local. Finalmente, los resultados obtenidos permiten plantear dos aspectos importantes vinculados con procesos de interacción social.

Por un lado, las vasijas con decoraciones incisas y/o modeladas presentan las mismas pastas que las lisas, de modo que se trata de piezas de manufactura local integradas a la Tradición Tafi. Probablemente, estas cerámicas están reflejando componentes de una tradición de origen oriental que ya está presente en las ocupaciones iniciales de La Ciénega y que caracteriza a las alfarerías de la cultura Candelaria de las Selvas Occidentales.

Por otro lado, y en relación con lo anterior, las cerámicas de entidades culturales diferentes a Tafi son muy escasas en La Ciénega. Además del vaso de estilo Vaquerías claramente identificado como no local, se recuperaron fragmentos de pastas con

abundantes litoclastos sedimentarios y metamórficos (muy diferentes a las de Tafi). Por sus similitudes con cerámicas de la zona más baja y oriental de Anfama, estas vasijas estarían reflejando interacciones con grupos Candelaria en distintos momentos de la historia ocupacional de La Ciénega.

### Agradecimientos

Agradezco a la familia Medina de La Ciénega por su hospitalidad. A Rita Pla (CONEA), Lía Botto (FCE-UNLP) y Patricia Zalba (CETMIC) por el procesamiento mineralógico y físico-químico de las muestras. A Nora Flegenheimer por su apoyo para la realización de los análisis por NAA, a los técnicos del taller de petrotomía de la FCNyM (UNLP) y del IDGYM (UNJu) y a Gabriel Lamas por su colaboración en la elaboración de los gráficos.

CREMONTE, M.B. Ceramic production of the Tafi Tradition. Technological studies applied to the Cienega archaeological pottery. (Tucumán, northwestern Argentina). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 57-74, 2003.

**ABSTRACT:** This paper is a contribution to the pottery production knowledge of the Tafi Tradition from northwestern Argentina. Results obtained from a group of analytical techniques applied to potteries belonging from La Ciénega valley formative sites are presented: fabrics petrographic characterizations in thin sections and compositional analyses by neutron activation (NAA), electronic microscopy (SEM and EDAX) and infrared spectroscopy (IR). By means of these studies it is argued that La Ciénega and Tafi valley potters shared a same manufacturing pattern and similar raw materials were used in both places. Ceramics from La Ciénega reveal uniform manufacturing techniques and a limited selection of raw materials. It is a non specialized production mainly focused on domestic vessels maintenance.

**UNITERMS:** Northwestern Argentina – Pottery technology – Tafi Tradition.

### Referencias bibliográficas

AMBROSETTI, J.B.

1897 Los monumentos megalíticos del Valle de Tafi (Tucumán). *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, Buenos Aires, 18: 105-114.

ANGELELLI, V.; DE BRODTKORB, M.K.; GORDILLO, C.E.; GAY, H.D.

1983 *Las Especies Minerales de la República Argentina*. Servicio Minero Nacional. Buenos Aires.

CREMONTE, M.B. Producción cerámica de la Tradición Tafi. Estudios tecnológicos de la alfarería arqueológica de la Ciénega (Tucumán, noroeste de Argentina). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 57-74, 2003.

- ARNOLD, D.  
1985 *Ceramic Theory and Cultural Process*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ARNOLD III, PH.J.  
1991 *Domestic ceramic production and spatial organization. A Mexican case study in ethnoarchaeology*. New studies in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press.
- BENNETT, W.C.; BLEILER, E.; SOMMER, F.H.  
1948 Northwestern Argentine Archaeology. *Yale publications in Anthropology*, New Haven; 38: 13-157.
- BERBERIAN, E.  
1988 *Sistemas de Asentamiento Prehispánicos en el Valle de Tafi*. Córdoba: Ed. Comechingonia.
- BERBERIÁN, E.; NIELSEN, A. E.  
1988 Análisis funcional de una unidad doméstica de la etapa formativa en el Valle de Tafi. E. Berberían et al. (Eds.) *Sistemas de Asentamiento Prehispánicos en el Valle de Tafi*. Comechingonia. Córdoba: 53-68.
- BROWN, G.  
1961 *The X-Ray Identification and Crystal Structures of Clay Minerals*. Mineral Society, London.
- BUKO, A.  
1984 Problems and Research prospects in the determination of the provenance of pottery. *World Archaeology*, 15 (3): 348-365.
- CREMONTE, M.B.  
1988 Comentario sobre fechados radiocarbónicos del sitio El Pedregal (Qda La Ciénega, Dto Tafi, Tucumán, Argentina). *Chungara*, Arica, Chile, 23: 9-19.  
1997 *Investigaciones Arqueológicas en la Quebrada de la Ciénega (Dpto. Tafi, Tucumán)*. Tesis Doctoral. M.s. FCNyM-UNLP.
- CREMONTE, M.B.; FLEHENHEIMER, N.; PLA, R.; COHEN, M.; GORDON, A.  
1991 Aplicación del método de activación de neutrones (NAA) en cerámicas arqueológicas del noroeste de Argentina. *Revista del Instituto de Geología y Minería*, UNJu. Jujuy, 8: 53-70.
- CREMONTE, M.B.; BOTTO, I.L.  
2000 Cerámicas arqueológicas de la Ciénega (Dto. Tafi, Tucumán): estimación de las temperaturas de cocción en base a las propiedades térmicas de las arcillas. *Revista del Instituto de Geología y Minería*, UNJu. Jujuy, 13 (1-2): 33-40.
- CRISCI, J.; LÓPEZ ARMENGOL, M.F.  
1983 Introducción a la teoría y práctica de la Taxonomía Numérica. *Secretaría General de la OEA*. Washington D.C.
- FARMER, V.C.  
1974 *The Infrared Spectra of Minerals*. Mineral Soc., London.
- GLASCOCK, M.D.  
1992 Characterization of Archaeological Ceramics at MURR by Neutron Activation Analysis and Multivariate Statistics. *Chemical Characterization of Ceramic Pastes in Archaeology*. Monographs in World Archaeology, Madison, Wisconsin, Prehistory Press, 7: 11-25.
- GONZÁLEZ, A. R.  
1962 Nuevas fechas de cronología arqueológica argentina obtenidas por el método de radiocarbón (IV). Resumen y perspectivas. *Revista del Instituto de Antropología*, Córdoba, 1: 303-331.
- GONZÁLEZ, A. R.; NÚÑEZ REGUEIRO, V.  
1960 Preliminary Report on Archaeological Research in Tafi del Valle: N.W. Argentina. *Actas del XXXIV. C.I.A.*, Viena: 485-496.
- HARBOTTLE, G.; SAYRE, E. V.; ABASCAL, R.  
1976 *Neutron activation analysis of Thin Orange pottery*. Upton, L.I., N.Y.: Brookhaven National Laboratory. U.S.
- MIDDLETON, A.; FREESTONE, I (EDS.)  
1991 *Recent Development in Ceramic Petrology*. London, British Museum.
- NÚÑEZ REGUEIRO, V.; TARRAGÓ, M.N.  
1972 Evaluación de datos arqueológicos: ejemplos de aculturación. *Estudios de Arqueología*, Cachi, Salta, 1: 36-48.
- SHENNAN, S.  
1992 *Arqueología Cuantitativa*. Barcelona, Ed. Crítica.
- SOKAL, R.R.; SNEATH, P.H.A.  
1973 *Principles of Numerical Taxonomy*. San Francisco, Ca: Freeman.
- SRUR, R.F.  
1998 *Análisis de la cerámica arqueológica del Montículo. Sitio Casas Viejas. Dto. Tafi del Valle, Tucumán*. Tesis de Licenciatura. Ms. UNT. Tucumán.
- TARTUSI, M.R.A.; NÚÑEZ REGUEIRO, V.  
1993 Los centros ceremoniales del NOA. *Publicaciones Instituto de Arqueología* 5. UNT. Tucumán.
- WELTON, J.E.  
1984 *SEM Petrology Atlas*. The American Association of Petroleum Geologist. USA.

Recebido para publicação em 10 de maio de 2003.

## PRATOS, XÍCARAS E TIGELAS; UM ESTUDO DE ARQUEOLOGIA HISTÓRICA EM SÃO PAULO, SÉCULOS XVIII E XIX: OS SÍTIOS SOLAR DA MARQUESA, BECO DO PINTO E CASA Nº 1

Marcos Rogério Ribeiro de Carvalho\*

CARVALHO, M.R.R. Pratos, xícaras e tigelas; um estudo de arqueologia histórica em São Paulo, séculos XVIII e XIX: os sítios Solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa Nº 1. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 75-99, 2003.

**RESUMO:** Este artigo apresenta a metodologia e os resultados de uma pesquisa arqueológica histórica, realizada em São Paulo, que objetivou compreender práticas e comportamentos da sociedade paulista, nos séculos XVIII e XIX, ligados aos usos das louças domésticas, a partir das amostras de louças arqueológicas extraídas de três sítios, localizados na região central da cidade, os sítios Solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa Nº 1.

**UNITERMOS:** Arqueologia histórica – Louças arqueológicas – Coleções.

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados da pesquisa com as amostras de louças de três sítios arqueológicos históricos localizados na região central de São Paulo, na rua Roberto Simonsen, próximos à praça da Sé: o sítio *Solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa Nº 1*, desenvolvida para a obtenção do título de mestre em Arqueologia pelo MAE-USP, sob a orientação do Prof. Norberto Luiz Guarinello e com o financiamento da FAPESP.<sup>1</sup>

A pesquisa partiu da louça arqueológica como fonte primária de informação, cotejando-a com outros tipos de documentos, tendo por objetivo compreender algumas práticas e comportamentos da sociedade paulista dos séculos XVIII e XIX, ligados ao circuito das louças, de sua produção,

uso, até o seu descarte final. Partiu-se do pressuposto de que o uso conjugado de fontes diferenciadas poderia estabelecer um novo enfoque de pesquisa, como também relacionar novos problemas e reflexões sobre o passado. Essa proposição veio de encontro a um olhar que é subjacente à própria Arqueologia Histórica, a qual atuando sobre componentes da cultura material possui preocupações de amplitude não só arqueológicas, como históricas e antropológicas.

As fontes, entre os escritos dos viajantes, as minuciosas descrições dos inventários, os anúncios de jornais e almanaques, as prescrições dos livros de etiqueta, as narrativas dos romances, as gravuras de Thomas Ender, Rugendas e Debret, e as pinturas de artistas acadêmicos como Almeida Júnior e Agostinho José da Mota forneceram informações fragmentadas e, por outro lado, fecundas, pois, ao serem contempladas em conjunto permitiram penetrar nos espaços onde as louças eram manipuladas e perceber como eram vistas e incorporadas no cotidiano doméstico.

Por outro lado, fez-se também necessário entender a sua inserção em um quadro muito mais

(1) Estes sítios foram escavados durante as décadas de 80 e 90 pela Profª. Drª. Margarida Davina Andreatta e equipe, através de um convênio firmado entre o Museu Paulista da Universidade de São Paulo e o Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, que veio a se constituir no *Programa de Arqueologia Histórica no Município de São Paulo*.

amplo, no contexto das relações comerciais entre o Brasil e a Metrópole portuguesa, e com as nações imperialistas – Inglaterra e França – na expansão do capitalismo europeu nos séculos XVIII e XIX. As suas técnicas de produção, a sua decoração, forma e sua presença no Brasil colocam uma série de questões que vão das relações de produção que viabilizaram a sua existência, dos aspectos simbólicos que motivaram a sua decoração, das exigências que fomentaram as suas formas e das relações de poder que se colocaram entre o Oriente, os países europeus e a colônia portuguesa distante.

### **Um contexto histórico para a pesquisa**

Na passagem do século XVIII para o XIX ocorreu em São Paulo uma ampliação do acesso aos produtos importados europeus que, num primeiro momento, somente eram acessíveis aos grupos da elite local, pelos seus altos preços, dificuldade de transporte e pelas poucas possibilidades de enriquecimento de grande parte da população. Camadas mais baixas da sociedade passaram a poder, cada vez mais, adquirir esses bens.

Este processo de popularização dos bens industriais europeus acirrou-se com a capitalização dos fazendeiros, proporcionada pelo aumento do cultivo cafeeiro no oeste do Estado, pela instalação da ferrovia e pelo aumento do número de imigrantes estrangeiros nas décadas finais do século. Com a intensificação das exportações de café e o crescimento das cidades, inúmeras atividades profissionais foram criadas, desde aquelas ligadas ao plantio do café, passando pelo transporte e comércio, até aquelas ligadas aos sistemas de crédito, serviços e infraestrutura urbana. Os habitantes que antes realizavam uma série de atividades domésticas de beneficiamento de gêneros alimentícios e de produção de utensílios, como pilões de madeira, cestas e cerâmicas, no âmbito de uma cultura de auto-suficiência, visando garantir a sua subsistência, passaram aos poucos a adquirir produtos exógenos no mercado local, nos bairros, através do comércio urbano e dos tropeiros, assimilando aos poucos uma cultura de consumo.

### **Algumas considerações sobre a louça doméstica**

A pesquisa partiu do pressuposto de que a louça deveria ser estudada no âmbito do domicílio,

espaço privilegiado e final de sua existência. Ela deveria ser focada como um dos elementos que integram um subsistema composto por utensílios domésticos diversos, inseridos e inter-relacionados, em escala mais ampla, com o mobiliário, com os utensílios de cozinha, cômodos do domicílio, itens de decoração e com a própria configuração da arquitetura residencial.

A louça, enquanto item da cultura material, não explica a totalidade do universo social, mas, dentro de seus limites, reflete aspectos importantes. Ela é em si a manifestação material de fenômenos do processo social e a partir dela podemos lê-los, por que eles estão inscritos nela, tornando-a fecunda como fornecedora de informação sobre o passado. Além disso, a louça, por sua substância material, é uma fornecedora de dados diferenciados e inéditos sobre o passado, em relação ao universo de fontes tradicionalmente disponíveis.

A partir do estudo da louça, de suas permanências e mudanças no decorrer do tempo, pode-se refletir sobre os comportamentos herdados na sociedade e de fenômenos de adaptação, resistência ou de invenção frente a novas intervenções. A louça integra o universo das relações sociais, participando de toda a sua dinâmica, não de forma passiva, como produto destas relações, mas também como matriz, agente ativo que participa e interfere na construção da realidade. É neste sentido que o estudo da louça permite vislumbrar necessidades, confrontos e valores, bem como influências exógenas ao seu meio devido à interferência de outras culturas (ver Pesez 1990: 204).

Imanente da louça é somente o seu atributo físico, sua matéria e forma. A sua função e os significados atribuídos a ela são instáveis, mutáveis no tempo e no espaço. Os sentidos são atribuídos pela sociedade e como a louça age ativamente em meio às relações sociais, ela torna-se veta, interferindo, reciclando, mudando e produzindo novos e diferentes sentidos. Por outro lado, as mudanças, confrontos e interferências também se refletem nela, modificando-a.

### **A louça arqueológica no contexto da pesquisa**

A análise das louças arqueológicas envolveu um longo percurso de estudos: levantamento da história dos sítios, com o objetivo de estabelecer um quadro histórico de suas ocupações, bem como

de todas as intervenções arquitetônicas e arqueológicas realizadas; levantamento da trajetória de produção das várias louças consumidas em São Paulo, com a finalidade de extrair informações e reflexões sobre as práticas sociais, às quais elas estavam relacionadas; estudo comparativo dos três sítios, momento em que se viu aflorar, além das cronologias, dados que demonstraram significativas mudanças na cultura material paulista; o trajeto da louça em São Paulo, focando o seu comércio na cidade; seu espaço doméstico como cenário apropriado para o exercício de sua manipulação; e, por fim, a discussão de alguns aspectos sociais relativos ao seu manuseio, buscando compreender algumas práticas e costumes ligados ao ritual que integram.

As louças estudadas foram aquelas importadas, originárias da Europa e do Oriente (excetuando alguns poucos fragmentos de origem nacional), comercializadas no circuito Europa, Oriente e América, entre os séculos XVI e XIX, aspirando ou possuindo como modelo estético a porcelana oriental – chinesa – de esmaltação branca. As diferenças entre elas manifestam-se nas técnicas de produção e nas matérias-primas utilizadas, recebendo denominações diferentes de acordo com a sua origem e características.

Para a análise das peças, fez-se uso da terminologia adotada por ceramógrafos como Brancante (1980), por seu uso já ser difundido e de domínio entre os pesquisadores que atuam com a arqueologia histórica (ver Zanettini 1986: 117-130) e por não apresentar inconvenientes para a definição de taxonomias eficientes para o exercício arqueológico, por se basear nas características de composição das pastas e nas tecnologias de fabricação adotadas. A partir da classificação das peças em *faianças*, *faianças finas* e *porcelanas*, partiu-se para um segundo agrupamento com base na decoração aplicada nas peças, considerando os traços estilísticos e as tecnologias envolvidas em sua produção, tais como o uso de baixos e altos relevos, com aplicação de tinturas sob ou sobre o esmalte, o uso de decalques ou pintura manual. A diferença entre as diversas cerâmicas é facilmente perceptível, permitindo definir não só o tipo cerâmico, como a origem da louça estudada. Assim, os pequenos fragmentos também puderam ser agrupados e estudados através da determinação da tecnologia adotada na produção de suas pastas.

Para a decoração, manteve-se a nomenclatura

encontrada na literatura para as louças já conhecidas e, para as desconhecidas, elaborou-se uma nomenclatura básica para caracterização e reconhecimento das peças. Além disso, definiu-se uma terminologia para a descrição das louças. Por padrão decorativo, convencionou-se chamar um determinado motivo decorativo que, por alguma contingência, passou a ser adotado por um grande número de fabricantes (Araujo & Carvalho 1993: 82-83). A denominação *modelo* derivou do título dado por um fabricante específico e conhecido para uma decoração de sua criação.

Esta terminologia é conflituosa com aquelas extraídas dos documentos escritos, pois nos informam sobre os nomes que estas louças recebiam de seus contemporâneos. No início do século XVIII, as louças consumidas pelos paulistas eram porcelanas vindas do Oriente, faianças de Lisboa, louças vidradas da Espanha, do reino, louças de metal, estanho, prata e de arame (conforme chamavam na época a mistura de metais) do Reino. Além delas, os habitantes da região também produziam louças para seu uso cotidiano, com os materiais disponíveis no ambiente. Eram copos, travessas e tigelas de madeira ou pratos, panelas e tigelas de cerâmica *da terra*. Esta grande variedade de origens e materiais espelhou a dinâmica do próprio processo colonizador, com seus conflitos, assimilações e domínios. Aquelas louças importadas, vindas através do comércio controlado pela metrópole portuguesa, agiam como marcos de uma civilidade que se encontrava muito além do oceano, em terras européias. Por outro lado, louças eram aqui fabricadas, sinalizando o diálogo dos colonos com a cultura local indígena e com o meio ambiente que os cercava, tendo em vista a adversidade de se conseguir itens europeus.

Será só no final do século XVIII que ocorrerá uma redução desta pluralidade de materiais e procedências, embora ainda permaneçam em uso por todo o século seguinte. As louças de madeira e de cerâmica reduzem-se e são cerceadas ao espaço das cozinhas, utilizadas no preparo e na contenção dos alimentos. John Mawe, no século XIX, apontava a produção paulista de louças de barro, panelas e jarros, na periferia da cidade, por índios crioulos (Mawe 1978). Daniel Pedro Muller, em seu trabalho estatístico, de 1836, citava a presença de 38 oleiros em São Paulo (Müller 1933). Para a produção de louça vidrada, um documento no Arquivo do Estado assinala a

existência de nove oleiros na cidade (Bardi 1981). A louça portuguesa, embora ainda permaneça na tradição e no gosto dos paulistas, seguirá o mesmo caminho, sendo aos poucos jogada no ostracismo, direcionada para as cozinhas, em oposição à crescente demanda de louças inglesas. As produções orientais sofreram no século XIX declínio de seu consumo, sendo, gradativamente, substituídas pelas inglesas e francesas. A porcelana oriental será substituída pela faiança fina inglesa em um primeiro momento e, depois, pelas porcelanas européias.

A dificuldade de se conseguir louças vindas de Portugal, aliada à facilidade com que estas se quebravam, diante da necessidade de locomoção dos paulistas em suas atividades de apresamento indígena e mineração, fizeram com que o uso das louças metálicas ao lado daquelas de madeira fosse bem mais difundido até fins do século XVII. Para Alcântara Machado (1978: 69-80), que estudou os inventários paulistas dos séculos XVI e XVII, o metal, em especial o estanho, tinha certas vantagens em comparação a outros materiais, como a madeira e as cerâmicas. Seu preço era inferior e suas peças apresentavam maior resistência, facilidade de comércio e possibilidade de refundição. Além do estanho, outros metais de maior valor como o cobre e a prata também eram utilizados.

Nas amostras dos três sítios, observou-se que a porcelana européia somente se tornou comum, aparecendo entre os vestígios, em fins do século XIX e, especialmente, para as louças de chá. Esta característica talvez se deva a alguns fatores como seu preço mais elevado, a beleza das peças e tradição de seu uso, tornando-a um elemento de distinção no interior de uma prática cultural que já se configurava como elitista.

Na análise das porcelanas das amostras, caracterizaram-se dois tons de pasta diferentes que possibilitaram identificar a origem das peças. Um azul-acizentado, de origem chinesa, e outro branco, de origem européia e brasileira.

Comparando-se a porcelana chinesa com a faiança portuguesa, ambas contemporâneas para todo o século XVIII paulista, é possível ver que a primeira, mais cara do que a segunda, é mais bela, além de ter uma superfície mais lisa, com ausência de falhas expressivas no esmaltamento (embora existam) e uma melhor pasta. Sua face é mais brilhante e a decoração se distribui na face interna por toda a sua extensão. Ela foi o contraponto para os produtos portugueses, somente superada pelas louças inglesas no século XIX.

A faiança portuguesa aparece nos inventários com duas designações: ora louça do Reino ora de Lisboa; excetuando-se algumas poucas peças vindas de Talavera, na Espanha. A grande maioria dos vestígios referentes ao século XVIII é de faianças portuguesas.

A produção de faianças portuguesas, que teve grande expansão no século XV, declinou consideravelmente nos séculos seguintes, culminando no fechamento de muitos centros produtores entre os séculos XVI e XVII. O motivo desta redução reside na absorção pelas camadas mais ricas da louça oriental importada pelas naus de comércio: a porcelana chinesa. Já as demais camadas da sociedade consumiam as faianças portuguesas e espanholas, principalmente estas últimas, já que as olarias de Talavera, na Espanha, proporcionavam peças de melhor qualidade e um preço mais acessível.

Na amostra dos três sítios, os fragmentos de faiança são aqueles que possuem uma datação mais antiga em relação a toda a amostra. Entretanto, a ausência de catálogos de fabricantes de faianças portuguesas, como aqueles que existem para as faianças finas européias, a produção por inúmeros pequenos fabricantes em Portugal e o conservadorismo nas técnicas e na decoração das peças, não possibilitaram a elaboração de estimativas cronológicas mais precisas. A maior parte dos vestígios em faiança é de peças decoradas na cor azul, ocorrendo uma pequena incidência na cor castanho, ambas com menor aprimoramento técnico na pasta e na esmaltagem mais rugosa. As faianças policromadas apresentam-se em menor quantidade e possuem um maior aprimoramento técnico na pasta e na superfície do esmalte, com texturas mais lisas, além da maior variedade de cores. Contudo, algumas policromas e bicromas denunciam filiação decorativa com aquelas decoradas em azul, com linhas nas bordas. Os fragmentos que não puderam ser identificados por seu pequeno tamanho ou pelo esmaecimento de sua decoração foram datados como do século XVIII por ser este o período de maior incidência na sua produção.

Foi só em meados do século XVIII, quando o Marquês de Pombal deu um novo impulso à produção lusa, que o processo de declínio da confecção de faiança portuguesa foi sustado. Ele concedeu privilégios e isenções e ainda vultosos subsídios pecuniários às fábricas. No entanto, este apoio, embora possibilitasse a sobrevivência dessa

produção, não conseguiu impedir a concorrência com a faiança fina da Inglaterra (Brancante 1980: 323).

A Inglaterra, em fins do século XVIII, iniciou uma grande ofensiva. Produziu faiança fina em grande quantidade, atingindo baixos preços e peças padronizadas, com maior resistência e melhor acabamento. A faiança portuguesa acabou perdendo espaço para esta louça nas últimas décadas do século, embora a sua produção tenha resistido por um bom tempo. No Brasil, foi mais precisamente no início do século XIX que a louça inglesa passou a substituir a portuguesa, sem que a tenha suprimido (Brancante 1980: 503).

Até o surgimento da faiança fina inglesa, a porcelana chinesa manteve a sua valorização no mercado europeu, sendo encarada como um modelo para as outras produções. A sua pequena quantidade nos três sítios sugere, se a datação corresponde ao século XVIII (com inexistência de concorrência de louças de melhor qualidade), um acesso mais difícil, aumentando-lhe o valor e conferindo um valor de distinção para aqueles que a possuíam. Já se a datação corresponde ao século XIX (fase de contínua redução de sua importação associada a sua desqualificação), um uso ordinário, acessível a camadas médias da sociedade.

As faianças finas inglesas disseminaram-se por toda a América, beneficiadas pelo grande poder do comércio marítimo inglês. As louças inglesas podem ser encontradas da Argentina ao Canadá, sobrepujando todas as demais produções. No Brasil, conforme se observa em inúmeros sítios arqueológicos do século XIX, seu consumo foi muito intenso, impondo-se sem reservas.

### 1. As louças do Solar da Marquesa

As louças exumadas do interior do Solar apontaram para o fato de que os vestígios não eram produto do consumo de seus moradores, mas resultado de um aterro feito no local. O material desse aterro provavelmente foi transportado de uma área próxima, no topo da colina, em decorrência das dificuldades de transporte na época e proveniente de uma área urbana, tendo em vista a grande quantidade de vestígios.

Em outras duas áreas escavadas no Solar, apareceram materiais de uso dos moradores, obrigando a dividir as louças em três grupos, de acordo com as áreas de escavação. O primeiro grupo é o das louças do aterro no interior do

imóvel, dispersas pelos cômodos 1, 2, 3, 5, 7, 9 e 12, caracterizado pela grande fragmentação das peças, com tamanhos que não excedem a 2 cm<sup>2</sup>. Neste grupo, não foi possível a recomposição dos utensílios. Os fragmentos com características similares dispersavam-se por áreas internas do imóvel, e suas estratigrafias não foram precisas em decorrência do revolvimento – este aterro foi feito com o objetivo de soerguer o piso, por ocasião de uma das inúmeras obras realizadas. Este grupo obteve a maior quantidade de fragmentos: 85%; para os outros dois essa quantidade é bem menor: 3% para o cômodo 11, uma área aberta no interior do Solar, e 12% ao lado da palmeira imperial situada no fundo do terreno.

A datação das louças do aterro circunscreveu-se a um período amplo de produção que vai de 1700 a 1840 (Deetz: 16 *Apud* Symanski 1997). A data de 1700 adveio da adaptação do princípio do *terminus post-quem* ou limite depois do qual, que verifica entre os tipos da amostra aquele que possui o seu fim de produção com data mais recuada. Como as faianças portuguesas com decoração azul eram produzidas com as mesmas características desde o século XVI, tornou-se difícil adotar este marco como referência. Assim, definiu-se a data através de uma adaptação do princípio, adotando o início do século XVIII, pela ausência de outros tipos decorativos com datações comuns ao século XVII, como os *aranhões* e as *boninas* (ver Mello Neto 1976-1977: 26-30).

A ausência de faianças portuguesas policromas, com produção no século XIX, com esmaltamento de melhor qualidade, e a pequena quantidade de faianças finas decoradas, produzidas em datas posteriores, confirmaram a data. O *Flow azul* apareceu na amostra com o índice de 2%; o *Willow Pattern* com 1%; a *Paisagem européia* com 1%; um fragmento de *Banded* e um de *linha na cor preta*. Por outro lado, as faianças portuguesas corresponderam a 54% da amostra e as faianças finas com ausência de decoração, a 22%. A pequena quantidade de faianças finas decoradas em especial através do processo *transfer-printing* – tão comuns no início do século XIX – demonstrou a ausência de descartes posteriores no piso térreo. Esta informação merece atenção pelo fato de que o piso térreo ficou aberto, servindo como cocheira e dormitório para escravos, em especial, nos cômodos 1 e 2. De acordo com a documentação escrita foi somente com a instalação da Cúria, em



1880, que o térreo deixou de ser cocheira, passando a ser ocupado como Câmara Eclesiástica.

O segundo grupo é o das louças resgatadas através da prospecção-teste feita em uma área de provável depósito de lixo: no fundo do terreno do Solar – atual estacionamento – ao lado da palmeira imperial lá existente. O material apresenta uma datação diferente daquela do interior do imóvel e, possivelmente, dos moradores do Solar. A presença de porcelanas européias comuns no final do século, de brasileiras do século XX, e dos tipos *Willow Pattern*, de um fragmento de paisagem européia, de porcelana Macau e de faiança portuguesa, dá uma datação ampla para o depósito e ofereceu um contraponto para o primeiro grupo. Contudo, foi o único poço-teste feito fora do perímetro interno do Solar. A presença de um único fragmento de faiança portuguesa e de um de porcelana chinesa sugeriu uma amostra relativa ao século XIX, já que apenas 2% da amostra possui produção relativa ao século XVIII. A faiança fina com ausência de decoração, embora surja em 1780, tornou-se mais comum no século XIX.

O terceiro grupo é pequeno e refere-se a algumas poucas peças extraídas de uma área aberta, situada no interior do imóvel: o cômodo 11. Este espaço tinha a função de garantir a iluminação e a ventilação dos quartos. Sua escavação forneceu alguns fragmentos de porcelana européia discrepantes em relação aos outros cômodos do imóvel. A presença de um fragmento de faiança portuguesa e um de porcelana chinesa em oposição a cinco fragmentos de porcelana européia sugeriu uma datação do século XIX.

## 2. As louças do Beco do Pinto

As louças do Beco do Pinto, como no Solar, não permitiram remontagens, talvez pelo fato de a escavação ter sido limitada a apenas algumas áreas. A escavação procurava localizar o calçamento de pedras original do beco. A leitura das amostras não procurou caracterizar as louças como restos de depósitos de moradias específicas e nem procurou filiá-las a um determinado grupo social. As louças foram estudadas como amostra do que era comercializado no núcleo urbano. Este material tem grande importância por abarcar um longo período cronológico: de fins do século XVII ao início do século XX. De outro lado, a grande incidência de peças encontradas na região média do Beco,

próximo ao fundo dos dois sobrados laterais, também relevou a hipótese de o material ser originário, em grande parte, do descarte dos moradores dos dois sobrados senhoriais que o cercavam. Colabora para esta tese a informação de que o beco foi fechado na altura da rua do Carmo por um muro em 1824, e incorporado ao terreno do Solar por quase um século.<sup>2</sup>

Como o fragmento com início de produção mais recente é de um fabricante brasileiro cuja data inicial de produção ainda não foi identificada, definiu-se o ano de 1928 como marco final da amostra. Nesse ano teve início a produção de porcelana no Brasil. Esta data coincide com o momento de fechamento do beco por ocasião das obras de construção das dependências da delegacia que ocupou o sobrado lateral, na década de 30. Essas dependências avançaram sobre o beco, ocupando parte do terreno e evitando depósitos posteriores. No entanto, como o fragmento de porcelana brasileira é único em toda a amostra, por fim decidiu-se por aplicar uma datação mais compatível com a homogeneidade do restante da coleção, definindo o ano de 1875 para o ano de produção da louça mais recente.

Ao contrário do Solar que possui grande quantidade de faianças portuguesas com decoração na cor azul, o Beco apresenta fragmentos de faiança portuguesa com o uso de policromia, de datação mais recente. Ao tentar definir um momento de *maior intensidade ocupacional* no beco, através do uso do cálculo de South (1972:71-116), a *Mean Ceramic Date Formula* – que permite calcular a data média de ocupação do sítio com base na frequência dos tipos de louça presentes no registro arqueológico – chegou-se a data de 1785. O objetivo aqui não foi buscar definir uma data de ocupação mais intensa para o beco, já que corresponde a um depósito de descarte coletivo com longo período de uso, mas delimitar o *período deposicional de maior intensidade*. O problema desse cálculo é que ele se baseia no período de produção das louças, conhecido a partir dos

(2) Embora as pesquisas datem a existência do Beco desde o século XVI, as amostras exumadas não confirmam esta informação. A datação mais remota referiu-se ao final do século XVII, a partir da adoção da adaptação do princípio do *terminus post quem*, em decorrência da longa tradição de alguns motivos decorativos da louçaria portuguesa.

inúmeros catálogos produzidos, não considerando os intervalos que existem entre a data de produção, seu uso e descarte. Esta consideração não nega o potencial desta ferramenta, mas releva a necessidade de se levar em conta fatores como: características das práticas dos grupos consumidores, em conformidade com o seu grupo social, dificuldades de acesso a mercados fornecedores e a própria valorização social e simbólica atribuída aos produtos. Para camadas sociais com menor poder aquisitivo, alguns tipos de louças de uso *ordinário* podem adquirir um valor simbólico diferenciado daquele atribuído por grupos mais ricos. Para aqueles, a seleção de louças *ordinárias* para rituais de comemoração, pode reduzir a possibilidade de quebra e descarte, distendendo o período de uso para arcos mais longos, daí a necessidade de se adotar datas mais flexíveis. No caso do Beco, o momento de *maior intensidade deposicional* parece ser o último quarto do século XVIII.

### 3. As louças da Casa Nº 1

Entre os três sítios, a Casa Nº 1 foi o único que as escavações objetivaram evidenciar um depósito de descarte (lixo) dos moradores do imóvel; não em relação ao edifício que existe hoje, mas ao que existia antes dele e que foi demolido em 1880. A falta de recursos materiais e humanos inviabilizou a extensão do trabalho e a intervenção em todo o terreno, fazendo com que a escavação se limitasse somente ao lado esquerdo do terreno situado no fundo. Esta restrição impossibilitou o resgate de uma maior quantidade de vestígios que, provavelmente, ainda estão no terreno. Os fragmentos de louça resgatados, da mesma forma como nos outros dois casos, também não possibilitaram a remontagem de utensílios.

A datação das louças pela adoção do mesmo princípio que foi utilizado nos outros dois sítios limitou o período de produção entre os anos de 1800 a 1900. O período de maior intensidade ocupacional, pela adoção do *Mean Ceramic Date Formula* de South, refere-se a 1843. Na estratigrafia, nas trincheiras *C* e *D* (inventário de peças do DPH), a incidência de vestígios não ultrapassou a profundidade superior a meio metro. O traçado do terreno demonstrou que a declividade ocorria no sentido das trincheiras *A* para *a D*. Além disso, o material, mesmo para as áreas mais profundas, concentrou-se em apenas duas trincheiras: a *A* e *B*,

desaparecendo das trincheiras *C* e *D*, a meio metro de profundidade.

A distribuição dos tipos decorativos pelas trincheiras forneceu uma informação importante. A faiança fina inglesa branca com ausência de decoração distribuiu-se de 0 a 2 metros de profundidade, espalhando-se, primeiramente, nas quatro trincheiras, e depois, reduzindo-se somente à trincheira *B*. Já as demais faianças finas com decorações diversas ocorreram com grande incidência na superfície. A faiança portuguesa apresentou uma amostragem reduzida, aparecendo somente a uma profundidade superior a meio metro, com exceção daquelas com decoração *dupla linha reta cerca ondulada e pontos azul e dupla linha reta cerca ondulada e traços azul* que podem ter sido utilizadas no século XIX. A porcelana branca com ausência de decoração e a européia policroma em pasta branca limitaram-se da superfície a meio metro de profundidade, nas trincheiras *A* e *B*, resultando numa datação mais recente. Dessa forma, inferiu-se que a faiança fina branca com ausência de decoração é a mais antiga, sendo seguida pelas faianças finas com decorações diversas e, mais tarde, pelas porcelanas brancas.

Miller (*apud* Symanski 1997), num estudo baseado em catálogos de fabricantes ingleses da primeira metade do século, notou que ocorria uma regra de variação de valor que seguia a seqüência decrescente de preços no sentido decoração *transfer-printing*, decoração manual, decoração simples e ausência de decoração. No sítio Casa Nº1, este mesmo padrão de variação foi também observado com exceção da *transfer-printed* – considerada a mais cara pelo autor. Esta última fugiu à regra e despontou como a segunda maior quantidade, com 26,2 %. A grande presença de *transfer-printing* reiterou a tese de sua grande popularidade no Brasil, apesar de seu preço mais elevado. A distorção do quadro de Miller deve-se a uma popularização tardia deste tipo, ocorrendo somente na segunda metade do século. Foi muito consumida em São Paulo, especialmente na variedade *Flow Blue*, com 11 % na amostra. Ao contrário do que é comum, a presença do tipo *Willow Pattern* foi muito reduzida. É possível que as decorações manuais e as decorações simples não pudessem competir com as decorações impressas, já que apresentavam semelhanças comparadas com a produção portuguesa em declínio. Essas louças buscavam uma semelhança

com os produtos orientais muito mais distintivos, além de oferecer um custo mais atraente (Quadro 1).

### QUADRO 1

#### Distribuição dos percentuais de louças dos três sítios de acordo com proposta de Miller

	Louças	Fragmentos
↑ maior	decoração <i>transfer- printed</i>	26,2
(valor)	Decoração manual	0,8
↓ menor	Decoração simples	5,3
	Ausência de decoração	66,0
	Outras louças que não constam do quadro Miller	1,7

Dos três sítios, o Casa Nº1 é aquele que possui a maior quantidade de fragmentos de louças, de melhor qualidade e maior variedade de tipos. Três características que Shephard (*apud* Symanski 1997: 66) considera passíveis de serem utilizadas na definição do status de moradores. Ao todo são 15 variedades de faiança fina, além do aparecimento de pires e xícaras para chá e de porcelana de origem européia, com valores mais elevados e ligados a usos mais distanciados das necessidades cotidianas.

#### 4. Algumas considerações sobre as amostras

Um dos principais dados aferidos no trabalho foi um paradoxo entre a posição social dos moradores dos dois imóveis, ligados à elite da cidade, e a ausência de louças de adorno, decorativas ou de custo elevado. Nos sítios encontraram-se louças comuns a todos os sítios brasileiros – como Lima apontou em seu trabalho –, ou seja: louças com decoração *Willow-pattern*, *Flow Blue*; faiança com ausência de decoração ou com discretas decorações em relevo nas bordas – como os trigais –; o *Shell Edge*; a louça de *Macau*; decalques de padrões orientais e européias; *Sponge*; *Moncha*; policromos com florais, linhas, geométricos, combinações múltiplas (Lima 1995: 167-168). Porém, ao contrário do que se vê em outros sítios brasileiros, ocorreu uma pequena presença de *Willow Pattern* dentre as faianças finas com *transfer* azul.

A comparação das amostras demonstrou o declínio do consumo da faiança portuguesa, na

ordem: sítios Solar da Marquesa, Beco e Casa Nº1, ao mesmo tempo em que apontou o aumento no consumo da faiança-fina inglesa. A porcelana, de produção oriental ou européia, manteve percentuais aproximados nos três sítios (Quadro 2).

### QUADRO 2

#### Comparação dos percentuais das amostras de louças dos três sítios

Louças	MA	BP	C1
Faiança	55,1	22,9	05,2
Faiança fina	30,8	64,4	83,9
Porcelana	14,1	12,7	10,9

Por outro lado, os percentuais aproximados para a porcelana nos três sítios acabaram por obscurecer uma alteração significativa no consumo de louças: ao mesmo tempo em que se dava o aumento da importação das porcelanas européias, ocorria, na mesma proporção, o declínio da porcelana oriental (Quadro 3).

### QUADRO 3

#### Comparação dos percentuais de porcelana nas amostras dos três sítios

Porcelana	MA	BP	C1	Consumo
Oriental	8,1	5,7	4,8	← Declínio
Européia/brasileira	6,0	7,1	6,1	← Ascensão
Total de porcelanas	14,1	12,7	10,9	

Ocorreu um marco cronológico crescente no sentido Solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa nº 1. O Solar da Marquesa apresentou três datações diferentes. Para o interior do Solar a datação circunscreveu-se ao período que vai de 1700 a 1840, com uma maior quantidade de peças com um largo período de produção, impedindo qualquer tentativa de se demarcar uma data de *maior intensidade ocupacional*. A presença de faianças portuguesas de cor azul e a ausência de fragmentos de faiança portuguesa policromada, com início de produção no último quartel do século XVIII, sugeriram uma maior antiguidade para a amostra, ou seja, primeira metade do século XVIII. O cômodo 11 e a

prospecção teste feita na palmeira imperial, no fundo do terreno, forneceram poucos vestígios, não sendo seguro definir uma data mais precisa além de século XIX. Já o Beco do Pinto, apresentou um momento de *maior intensidade deposicional* em 1785, e a Casa Nº 1, de *maior intensidade ocupacional*, 1843.

Sem precisar parâmetros muito definidos é possível delimitar quatro grandes períodos cronológicos para a louça importada em São Paulo (Quadro 4):

**QUADRO 4**

Períodos cronológicos para a louça importada em São Paulo				
Louças	Século XIII		Século XIII	
	1ª met.	2ª met.	1ª met.	2ª met.
Faiança azul	Domínio	Domínio	Declínio	Desaparece
Faiança policroma	—	Aparece	Declínio	Desaparece
Porcelana chinesa	—	Domínio	Declínio	Declínio
Faiança Fina inglesa	—	—	Declínio	Declínio
Porcelana europeia	—	—	Aparece	Declínio

A porcelana branca europeia apresentou-se como um importante índice de datação para os sítios urbanos paulistas. No Solar da Marquesa, o aparecimento destas porcelanas limitou-se ao cômodo 11 e à trincheira feita no fundo do quintal, e o foi em pequenas quantidades. Na Casa Nº 1, as porcelanas brancas se fizeram presentes na superfície e a meio metro de profundidade das trincheiras A e B. A maior quantidade de porcelanas europeias e brasileiras na Casa Nº1, em relação aos outros dois sítios, e o aparecimento destas louças na palmeira imperial do sítio Solar da Marquesa demonstraram que o consumo deste tipo de louça aumentou na segunda metade do século XIX.

Diferente do que se pensava no início da pesquisa, o Beco do Pinto, como área de descarte coletivo, não apresentou uma maior variedade de tipos de louças do que os outros dois imóveis. Já no sítio Casa Nº1, ocorreu uma significativa variedade de tipos, sugerindo um maior acesso de seus moradores à produção industrial europeia, ou melhor, um maior acesso das elites paulistas às louças nas décadas finais do século XIX. A quantidade de tipos exumados parece sustentar essa hipótese (Quadro 5).

**QUADRO 5**

Variedade dos tipos de louça nos três sítios			
Louças	MA	BP	C1
Faiança	06	15	09
Faiança-fina	11	17	22
Porcelana	05	05	05

A análise das formas demonstrou uma alteração significativa: as faianças portuguesas, de produção artesanal e manufaturada, com uma datação predominante no século XVIII, não integravam conjuntos organizados com várias peças apresentando a mesma decoração, mas eram peças individuais, compradas isoladamente e utilizadas para diversos fins. Não compunham *serviços de mesas* – comuns para o século XIX – e não possuíam decorações diversificadas. As formas mais comuns são as tigelas e malgas com diâmetros médios, usadas para o consumo individual de alimento. Estas louças são diferentes das tigelas de servir que possuem diâmetros maiores. Além disso, possuem uma reduzida variedade de tipos, restringindo-se a pratos e tigelas. As peças como xícaras e pires são inexistentes na amostra.

As porcelanas chinesas *Macau*, com produção também predominante no século XVIII apresentam formas e espessuras menores. A forma sugere funções menos ligadas a necessidades alimentares. São pequenos recipientes entre pires, xícaras e potes. Comparativamente, sugerem um maior refinamento na decoração em oposição às louças portuguesas, embora possuam falhas na decoração e na pasta de cor azul acinzentada.

As faianças finas inglesas, fabricadas por meio industrial, por outro lado, apresentaram peças com mesma decoração e cor, sugerindo que diversos utensílios integravam um conjunto – um serviço ou baixela. Estas louças eram produzidas pelos fabricantes com um nome – modelo – definido pelo tema adotado na decoração. Ao contrário das anteriores, não apresentaram a forma de tigelas, de uso individual, e sim, padronizavam as peças, os conjuntos e as dimensões dos aparelhos. Os

conjuntos passaram a ter atribuições específicas por sua função: aparelhos para jantar, chá e café. Cada item do conjunto tinha uma função definida no interior do grupo por sua forma e tamanho. Os pratos eram divididos em rasos e fundos, de acordo com os alimentos que deveriam conter. Os pratos de sobremesa eram menores, destinados aos alimentos doces, servidos em menor quantidade.

Inúmeros outros utensílios foram criados dentro do mesmo princípio, muitos deles recebendo por nome uma variação do alimento que deveria conter. Este foi o caso das molheiras, manteigueiras, açucareiros, cafeteiras, cremeiras, azeitoneiras, sopeiras.<sup>3</sup>

Dentre os utensílios reconhecidos nas coleções dos sítios, as tigelas e pratos apresentaram-se em maior número, seguidos das xícaras e pires, passando depois às jarras, tampas de potes, puxadores de terrina e bules. Um fragmento de caixa de jóias destoou do restante da amostra, pois não se destinava ao ritual alimentar, sugerindo em fins do século novos usos, incorporados para a *toilette* e quinquilharias. Os pratos e as tigelas justificam seu maior número por serem de uso individual, já que as xícaras e pires correspondem a práticas mais distantes das necessidades alimentares, ligadas a novos costumes. As peças de uso coletivo foram encontradas em menor número (Quadro 6).

**QUADRO 6**

**Número de utensílios reconhecidos nas amostras dos três sítios**

Utensílios	MA	BP	C1	Total
Tigelas	06	12	20	38
Pratos	02	16	07	25
Xícaras	02	04	07	13
Pires	02	01	03	06
Jarras	01	02	—	03
Tampas de potes	01	02	—	03
Puxadores de terrina	—	02	—	02
Bules	—	01	—	01
caixas de jóias	01	—	—	01

(3) Os talheres também seguiram o mesmo princípio: com modelos para sobremesa, chá e café. Havia os talheres para alimentos específicos, como queijos, frutas, ostras, bolos e peixes.

Os pires e as xícaras, especialmente de porcelana, de maior frequência se referiam ao final do século XIX, apontando a disseminação tardia, relacionada ao costume de se consumir chá e café em São Paulo, bem mais próximo das décadas finais do século. Um fato comum se imaginarmos que o estímulo para a produção cafeeira adveio do mercado externo. Em segundo lugar, o caráter seletivo deste costume, já que exigia dos usuários uma identificação com os padrões de comportamento exógenos e o ócio necessário ao seu exercício. Além disso, os aparelhos de chá e café eram feitos em porcelana, de maior custo, o que exigia a posse de comportamentos de origem européia – tornando clara a sua destinação às elites locais.

Além da definição do *status* dos moradores, vislumbrou-se em São Paulo a assimilação de novos comportamentos e práticas a reboque da Europa, aplicados nos momentos de sociabilidade e inter-relacionamento social; e nos hábitos menos formais, ligados à intimidade, aqueles de tradição portuguesa, de origem colonial, em âmbito familiar.

A comparação das louças exumadas com as louças de coloração terrosa como as cerâmicas neobrasileiras, as torneadas, as louças vidradas e o grês, demonstrou a insignificância de fragmentos de louça vidrada e grês recolhidos e uma possível inexpressividade de seu uso e produção, ou seja, um uso bastante restrito ou uma pequena quantidade de mestres e oficiais oleiros de louça vidrada na cidade (Quadro 7).

**QUADRO 7**

**Comparação dos percentuais de presença de louças nos três sítios**

Louças	MA	BP	C1
Cerâmica	99,0	88,0	91,0
Louça vidrada	0,5	8,0	7,4
Grês	0,5	4,0	1,6

Agrupando as louças com esmaltação em brancas e terrosas para as cerâmicas, louças vidradas e grês, vislumbrou-se a redução da quantidade das peças com tecnologia que as filiassem às terrosas no sentido cronológico do Solar, Beco do Pinto e Casa N°1. Esta redução parece ser bastante significativa se observarmos que a datação dos três sítios apresentou uma

linha ascendente, revelando, assim, um declínio do uso das cerâmicas no decorrer do século XIX, momento em que há o aumento do consumo das louças inglesas, declínio da faiança portuguesa e o seu direcionamento para os espaços da cozinha, que as cerâmicas fossem pouco a pouco sendo substituídas pelas faianças (Quadro 8).

#### QUADRO 8

##### Comparação dos percentuais de louças com esmaltação branca e terrosa

Louças	MA	BP	C1
Branças	10,9	46,4	59,7
Terrosas	89,1	53,6	40,3

A análise das amostras dos três sítios demonstrou que durante os séculos XVIII e XIX parece ter havido um processo de complexificação do jantar. A pouca disponibilidade de itens materiais, bem como o isolamento e as condições de vida na vila paulista permitiram o acesso dos colonos a algumas poucas tigelas e pratos de produção portuguesa, utilizadas indistintamente conforme as possibilidades de seu usuário. As louças orientais, sempre em pequeno número, constituíam um privilégio de poucos habitantes mais enriquecidos. A grande maioria da população fazia uso da produção local de panelas, jarros e potes. A abertura dos portos, o aumento do comércio, e o maior contato com o Rio de Janeiro – sede da Corte – no século XIX, possibilitaram a infiltração das louças inglesas, produzidas e comercializadas como peças de conjunto, fomentando a idéia de baixelas de jantar, de serviços de mesa. Estas peças não poderiam ser utilizadas indistintamente, e sim deveriam seguir as necessidades do alimento que deveriam conter, como aparelhos de jantar, de chá e café, mantegueiras, sopeiras, molheiras e outros. A proliferação das louças inglesas promoveu a redução do consumo de porcelanas orientais, substituídas por porcelanas européias, das faianças portuguesas e das outras cerâmicas, ao mesmo

tempo em que impôs novas e padronizadas formas. A maior quantidade de tigelas de faiança portuguesa, comuns no século XVIII, cedeu espaço a um maior número de pratos rasos e fundos e de sobremesa dos aparelhos ingleses. Por outro lado, embora as faianças portuguesas, as porcelanas chinesas e as cerâmicas locais tenham sido expurgadas da mesa, elas continuaram a marcar a sua presença até fins do século XIX, denunciando um processo de confronto e assimilação.

#### Consideração final

Este estudo não esgota todos os documentos que tratam do tema e não aborda todas as possibilidades que podem se abrir para uma pesquisa como esta, mas, nos seus limites, procura contribuir para o contínuo avanço das pesquisas. A hipótese defendida foi a que a louça consumida em São Paulo, entre os séculos XVIII e XIX, não reflete somente transformações, mas confrontos de âmbito sócio-cultural e econômico ocorridos na colônia. O seu estudo, em diversos sítios, pode explicitar o diálogo entre culturas, grupos sociais ou intra-grupos, demarcando-os. Embora a presença de faianças finas criasse um grande impacto qualitativo, essas louças não promoveram o desaparecimento das outras produções, como as faianças portuguesas e as porcelanas chinesas, e mesmo as cerâmicas de produção local e artesanal. Estas outras permaneceram no gosto, sendo amplamente utilizadas nos espaços onde a louça inglesa não invadia, ou seja, nos espaços distantes do olhar social, circunscrita aos espaços de preparo dos alimentos, ou destinada àqueles de baixos extratos sociais. A análise das amostras de louças dos sítios assinala um diálogo entre os vários tipos de louças nos dois séculos abordados e inclusive com outros tipos, como as cerâmicas, as louças vidradas e o grês. A assimilação de uma nova louça não representou, neste período, o desaparecimento de um tipo anteriormente utilizado, mas o redimensionamento de seu uso e de seu valor.

Período de produção das louças encontradas no Solar da Marquesa																					
Louças	Décadas do Século XVIII						Décadas do Século XIX														
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00	
<b>Faianças</b>																					
Ausência de decoração																					
Linhas azuis																					
Decoração na face interna não identificados																					
Floral castanho																					
Linhas retas, onduladas e pontos																					
Policromos não identificados																					
<b>Faianças finas</b>																					
Ausência de decoração																					
Paisagem campestre <i>transfer-printed</i> azul																					
<i>Flow</i> azul																					
<i>Willow Pattern</i>																					
<i>Transfer-printed</i> azul não identificados																					
Geométrico <i>transfer-printed</i> castanho																					
Floral <i>transfer-printed</i> castanho																					
Diversos não identificados																					
Linha preta																					
<i>Banded</i> azul																					
<i>Banded</i> castanho claro																					
<b>Porcelanas</b>																					
Macau azul em pasta azul																					
Policromo em pasta azul																					
Linha dourada em pasta branca																					
Linha sem cor em pasta branca																					
Ausência pasta branca																					

Número de fragmentos e número mínimo de utensílios		
Sítio Solar da Marquesa		
Louças	N° Fragmentos	N° Mínimo Utensílios
<b>Faianças</b>		
Ausência de decoração	27	—
Linhas azuis	03	03
Decoração na face interna não identificados	91	—
Floral castanho	01	01
Linhas retas, onduladas e pontos	01	01
Policromos não identificados	02	02
<b>Sub-total Faianças</b>	<b>125</b>	<b>07</b>
<b>Faianças Finas</b>		
Ausência de decoração	45	18
Paisagem campestre em <i>transfer-printed</i> azul	04	01
<i>Flow blue</i>	05	03
<i>Willow Pattern</i>	03	01
<i>Transfer-printed</i> azul não identificados	07	—
Geométricos <i>transfer-printed</i> castanho	01	01
Floral <i>transfer-printed</i> castanho	01	01
Diversos não identificados	01	01
Linha preta	01	01
<i>Banded</i> azul	01	01
<i>Banded</i> castanho claro	01	01
<b>Sub-total Faianças Finas</b>	<b>70</b>	<b>29</b>
<b>Porcelanas</b>		
Macau azul em pasta azul	10	08
Policromo em pasta azul	09	02
Linha dourada em pasta branca	01	01
Linha sem com em pasta branca	01	01
Ausência de decoração em pasta branca	11	08
<b>Sub-total Porcelanas</b>	<b>32</b>	<b>20</b>
<b>Total de Louças</b>	<b>227</b>	<b>56</b>



Períodos de produção das louças encontradas no Beco do Pinto																				
Louças	Décadas do Século XVIII						Décadas do Século XIX													
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00
<b>Faianças</b>																				
Ausência de decoração																				
Linhas azuis																				
Decoração na face interna azul não identificados																				
Voluta azul																				
Floral azul																				
Dupla linha azul cerca elemento preto																				
Dupla linha azul e castanho com elemento																				
Linha reta grossa azul e ondulada castanho																				
Linha reta e ondulada azul																				
Guirlanda azul, amarelo e castanho																				
Dupla linha reta cerca ondulada e traços azul																				
Dupla linha reta cerca ondulada e pontos azul																				
Dupla linha azul com elemento azul																				
Dupla linha reta cerca ondulada azul e castanho																				
Policromos não identificados																				
<b>Faianças finas</b>																				
Ausência de decoração																				
Decoração em auto-relevo																				
País. oriental <i>transfer-printed</i> azul, "oriental"																				
Floral <i>transfer-printed</i> azul																				
Flow azul																				
<i>Willow Pattern</i>																				
<i>Transfer-printed</i> azul não identificados																				
Floral verde																				
Floral <i>transfer-printed</i> rosa																				
Manual floral bicromo castanho																				
Manual floral policromo																				
Manual floral bicromo verde e azul																				
Man. floral policr. Castanho, cast. claro e verde																				
<i>Shell Edge</i> azul																				
Diversos não identificados																				
Linha azul																				
Linha dourada																				
Linha sem cor																				
<b>Porcelanas</b>																				
Macau azul em pasta azul																				
<i>Swatow</i> azul em pasta azul																				
Policromo em pasta azul																				
Batávia ou chocolate																				
Ausência de decoração em pasta branca																				

**Número de fragmentos e número mínimo de utensílios**

**Sítio Beco do Pinto**

<b>Louças</b>	<b>Nº Fragmentos</b>	<b>Nº Mínimo Utensílios</b>
<b>Faianças</b>		
Ausência de decoração	22	—
Linhas azuis	09	07
Decoração na face interna azul não identificados	36	—
Voluta azul	02	01
Floral azul	01	01
Dupla linha azul cerca elemento preto	02	01
Dupla linha azul e castanho com elemento	02	01
Linha reta grossa azul e ondulada castanho	01	01
Linha reta e ondulada azul	01	01
Guirlanda azul, amarelo e castanho	02	01
Dupla linha reta cerca ondulada e traços azul	01	01
Dupla linha reta cerca ondulada e pontos azul	01	01
Dupla linha azul com elemento azul	01	01
Dupla linha reta cerca ondulada azul e castanho	01	01
Policromos não identificados	08	06
<b>Sub-total Faianças</b>	<b>90</b>	<b>24</b>
<b>Faianças Finas</b>		
Ausência de decoração	188	35
Decoração em auto-relevo	07	05
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul, mod. “oriental” (camelo)	04	01
Floral <i>transfer-printed</i> azul	08	01
<i>Flow</i> azul	20	03
<i>Transfer-printed</i> azul não identificados	06	—
Floral verde	03	01
Floral <i>transfer-printed</i> rosa	01	01
Manual floral bicromo castanho	01	01
Manual floral policromo	02	01
Manual floral bicromo verde e azul	01	01
Manual floral policromo castanho, castanho claro e verde	01	01
<i>Shell Edge</i> azul	03	03
Diversos não identificados	03	02
Linha azul	01	01
Linha dourada	01	01
Linha sem cor	03	03
<b>Sub-total Faianças Finas</b>	<b>253</b>	<b>61</b>
<b>Porcelanas</b>		
Macau azul em pasta azul	19	09
<i>Swatow</i> azul em pasta azul	02	01
Policromo em pasta azul	03	02
Batávia ou chocolate	01	01
Ausência de decoração em pasta branca	25	10
<b>Sub-total Porcelanas</b>	<b>50</b>	<b>23</b>
<b>Total de Louças</b>	<b>393</b>	<b>108</b>

Períodos de produção das louças encontradas no Sítio Casa Nº1																				
Louças	Décadas do Século XVIII										Décadas do Século XIX									
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00
<b>Faianças</b>																				
Ausência de decoração																				
Linhas azuis																				
Decoração na face interna azul não identificados																				
Guirlanda verde e castanho																				
Dupla linha reta cerca ondulada e pontos azul																				
Linhas retas, ondulada, traços e pontos castanho, verde e amarelo																				
Dupla linha reta e ondulada unida a pontos azul																				
Policromos não identificados																				
Dupla linha, linha grossa e ondulada azul																				
<b>Faianças finas</b>																				
Ausência de decoração																				
Decoração em auto-relevo																				
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul, mod. "oriental" (camelo)																				
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul (elefante)																				
<i>Flow</i> azul																				
<i>Willow Pattern</i> azul																				
<i>Transfer-printed</i> azul não identificados																				
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul																				
Floral <i>transfer-printed</i> castanho																				
Paisagem campestre <i>transfer-printed</i> roxo																				
Floral <i>transfer-printed</i> verde																				
Manual floral policromo																				
<i>Shell Edge</i> azul																				
Diversos não identificados																				
Linha preta																				
Linha amarelo, azul e preto																				
Linha sem cor																				
Linha verde																				
Dupla linha azul																				
<i>Banded</i> azul e preto																				
<i>Banded</i> azul																				
<i>Banded</i> castanho																				
<b>Porcelanas</b>																				
Macau azul em pasta azul																				
Swatow azul em pasta azul																				
Policromo em pasta azul																				
Policromo em pasta branca																				
Ausência decoração em pasta branca																				

Louças do Sítio Casa Nº1																
Distribuição por trincheira e agrupamento por profundidade (camadas em cm)																
Louças	0 a 50				51 a 100				101 a 150				151 a 200			
	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D
<b>Faiança</b>																
Linhas azuis																
Dupla linha reta cerca ondulada e pontos azul																
Guirlanda verde e castanho																
Dupla linha reta e ondulada unida a pontos azul																
Linhas reta, ondulada, traços, pontos, castanho, verde e amarelo																
Dupla linha, linha grossa e ondulada azul																
Dupla linha grossa e ondulada azul																
Ausência de decoração																
Decoração na face interna azul não identificados																
Policromos não identificados																
<b>Faianças Finas</b>																
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul (elefante)																
<i>Flow</i> azul																
<i>Willow Pattern</i> azul																
Paisagem campestre <i>transfer-printed</i> roxo																
<i>Shell Edge</i> azul																
Manual floral policromo																
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul (camelo), modelo "oriental"																
Linha preta																
Dupla linha azul																
<i>Banded</i> azul																
<i>Banded</i> azul e preto																
<i>Banded</i> castanho																
Linha verde																
Linha amarelo, azul e preto																
Ausência de decoração																
<b>Porcelanas</b>																
Macau azul em pasta azul																
Policromo em pasta branca																
Ausência de decoração em pasta branca																

**Número de fragmentos e número mínimo de utensílios**

**Sítio Casa Nº1**

<b>Louças</b>	<b>Nº Fragmentos</b>	<b>Nº Mínimo Utensílios</b>
<b>Faianças</b>		
Ausência de decoração	24	—
Linhas azuis	03	03
Decoração na face interna azul não identificados	11	—
Guirlanda verde e castanho	02	01
Dupla linha reta cerca ondulada e pontos azul	01	01
Linhas retas, ondulada, traços e pontos castanho, verde e amarelo	01	01
Dupla linha reta e ondulada unida a pontos azul	02	01
Policromos não identificados	08	08
Dupla linha, linha grossa e ondulada azul	01	01
<b>Sub-total Faianças</b>	<b>53</b>	<b>16</b>
<b>Faianças Finas</b>		
Ausência de decoração	552	98
Decoração em auto-relevo	02	02
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul, mod. “oriental” (camelo)	38	01
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul (elefante)	01	01
<i>Flow</i> azul	93	19
<i>Willow Pattern</i> azul	23	08
<i>Transfer-printed</i> azul não identificados	67	—
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul	05	01
Floral <i>transfer-printed</i> castanho	02	01
Paisagem campestre <i>transfer-printed</i> roxo	10	01
Floral <i>transfer-printed</i> verde	01	01
Manual floral policromo	07	01
<i>Shell Edge</i> azul	23	16
Diversos não identificados	11	09
Linha preta	02	01
Linha amarelo, azul e preto	03	01
Linha sem cor	01	01
Linha verde	02	01
Dupla linha azul	01	01
<i>Banded</i> azul e preto	03	01
<i>Banded</i> azul	09	01
<i>Banded</i> castanho	02	01
<b>Sub-total Faianças Finas</b>	<b>858</b>	<b>167</b>
<b>Porcelanas</b>		
Macau azul em pasta azul	28	12
<i>Swatow</i> azul em pasta azul	04	01
Policromo em pasta azul	17	04
Policromo em pasta branca	19	03
Ausência decoração em pasta branca	44	09
<b>Sub-total de Porcelanas</b>	<b>112</b>	<b>29</b>
<b>Total de Louças</b>	<b>1023</b>	<b>212</b>

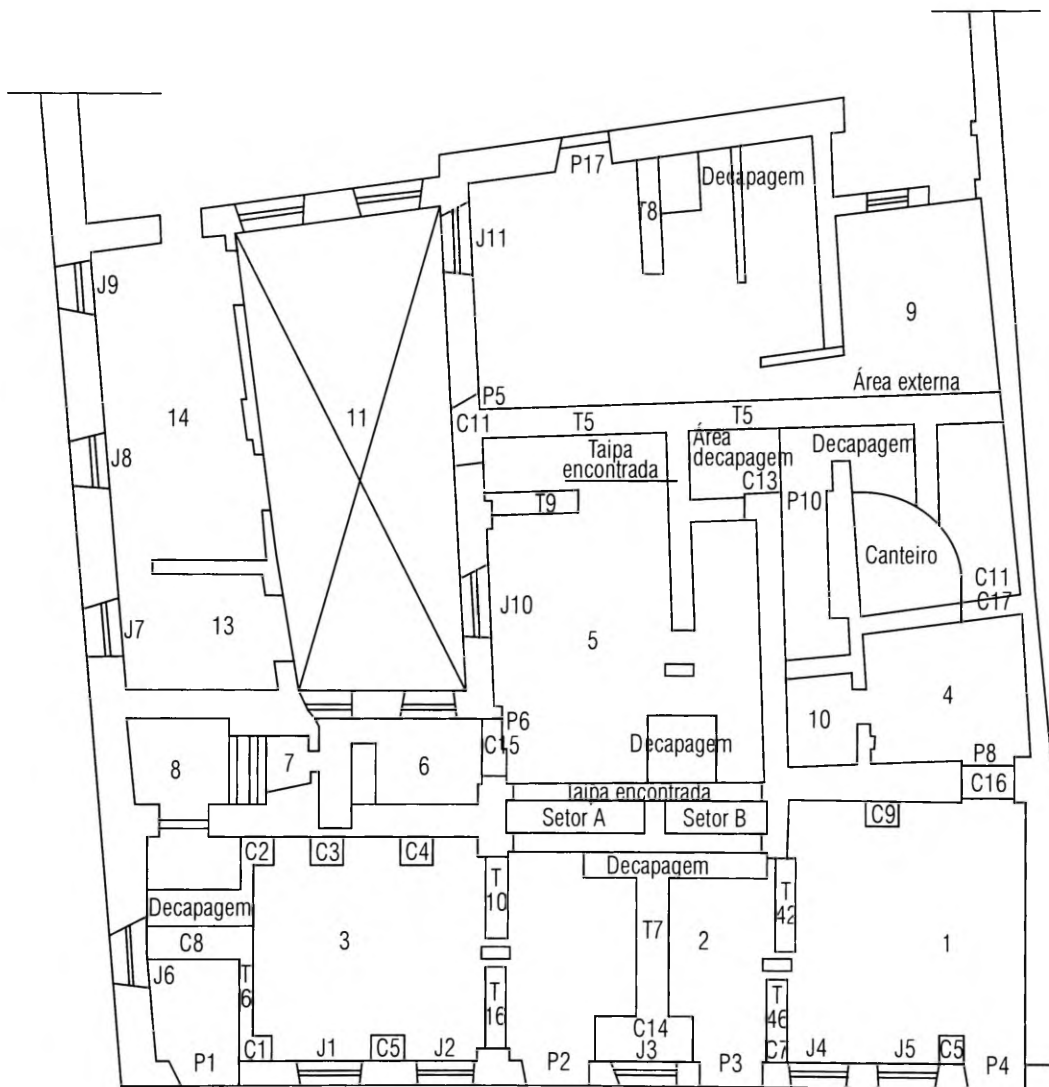
Algumas formas identificadas agrupadas por período de produção (por décadas)																				
	Décadas do Século XVIII										Século XIX									
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00
<b>Faianças</b>																				
Ausência de decoração	BP: 1 tigela, 8 de borda CI: 1 tigela, 8 de borda CI: 1 tigela, 14 de base BP: 1 tigela, 14 de base BP: 1 tigela, 14 de base BP: 1 prato, 22 de borda MA: 1 tigela MA: 1 tigela, 14 de base MA: 1 jarro BP: 1 prato, 16 de base BP: 1 tigela, 14 de base BP: 1 jarro, 10 de borda BP: 1 jarro MA: 1 tigela BP: 1 prato, 12 de base																			
Linhas azuis																				
Decoração na face interna azul não identificadas	BP: 1 prato, 21 de borda BP: 1 prato BP: 1 prato, 21 de borda CI: 1 tigela BP: 1 tigela, 24 de borda BP: 1 prato, 22 de borda BP: 1 tigela CI: 1 prato BP: 1 tigela, 18 de borda																			
Voluta azul																				
Floral azul																				
Floral castanho																				
Dupla linha azul cerca elemento preto																				
Linha reta grossa azul e ondulada castanho																				
Linha reta e ondulada azul																				
Guirlanda azul, amarelo e castanho																				
Guirlanda verde e castanho																				
Dupla linha reta cerca ondulado e traços azul																				
Dupla linha reta cerca ondulado e pontos azul																				
Dupla linha azul com elemento azul																				
Linhas retas, onduladas, traços e pontos amarelo, cast. e verde																				
Dupla linha reta cerca ondulado azul e castanho																				
<b>Faianças finas</b>																				
Ausência de decoração											Século XIX									
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00	10	20	30	40	50	60	70	80	90	00
											MA: 1 tigela, 19 de borda BP: 1 tigela, 20 de borda BP: 1 tigela, 30 de borda 01 tigela pequena "Sarreguermes" CI: 1 prato, 24 de borda CI: 1 prato, 24 de borda CI: 1 prato, 24 de borda CI: 1 tigela, 28 de borda CI: 1 tigelinha, 12 de borda CI: 1 tigela, 20 de borda CI: 1 tigelinha, 14 de borda									
Decoração em auto-relevo											BP: 1 tigela, 12 de bor CI: 1 pires, 14 de bor									
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i> azul, mod. "oriental" (camelo)											CI: 1 tigela, 16 de bor									
Paisagem oriental <i>transfer-printed</i>											MA: 1 tigela									
Paisagem campestre <i>transfer-printed</i> azul											CI: 1 tigela, 19 de borda									
<i>Flow transfer-printed</i> azul											CI: 1 prato, 23 de borda									



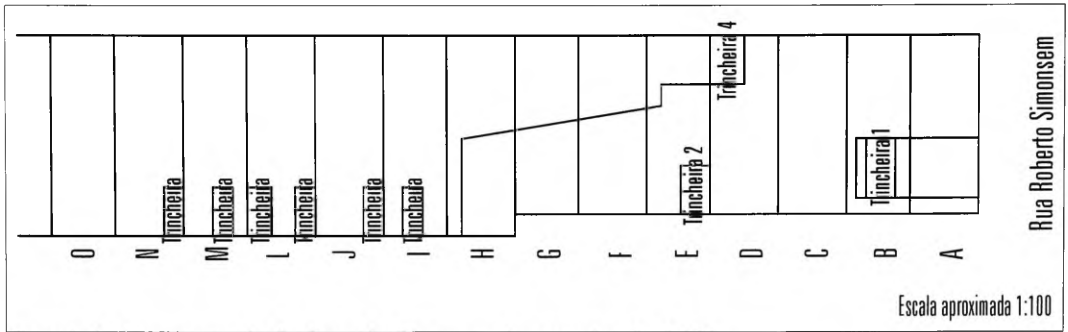


Séculos	Data inventários século 1700										Data inventários século 1800									
	00	06	10	11	13	15	22	29	36	00	07	13	15	17	31	35	51			
<b>Utensílios</b>																				
Covilhete da Índia	8																			
Prato da Índia não raso fino	3																			
Pratinhos da Índia	4																			
Tigela da Índia	3																			
Prato de estanho fundo	4																			
Prato de estanho	1																			
Prato de estanho grande	2	1															1			
Prato de estanho pequeno	5	6	2	11	12											2				
Prato de estanho de cozinha	1																			
Prato de estanho raso	9																			
Covilhete de estanho	1																			
Talher de estanho	1																			
Prato	8																			
Prato raso de meia cozinha	2																			
Sopeira	1																			
Tigela	2																			
Prato de louça	4																			
Prato de louça fina de meia cozinha	4																			
Sopeira de louça fina grande	1																			
Talher de prata	6																			
Colher de prata	5	20	12	4	4	8	4	9	1								4	4	6	6
Colher de chá de prata	6																			
Garfo de prata	6																			
Colher de ferro	1																			
Garfo	11																			
Talher	1																			

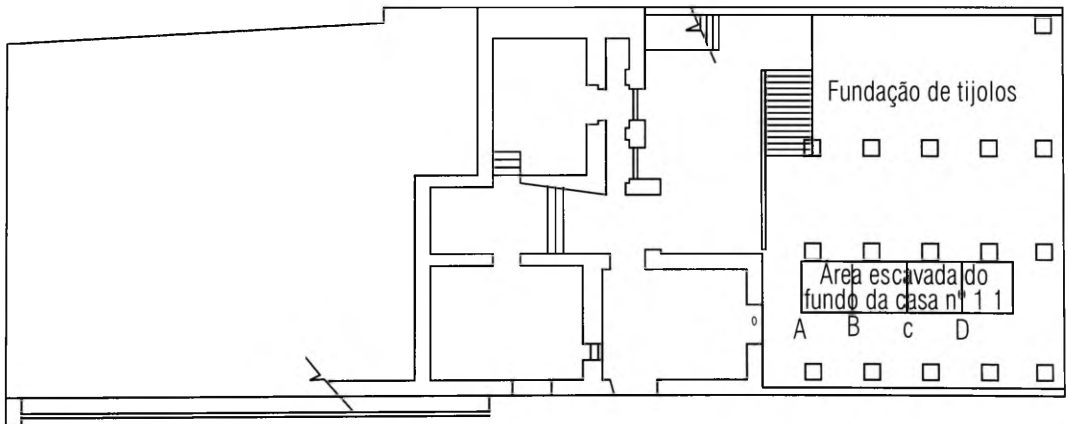
Fontes: Acervo de fichas do Museu da Casa Brasileira : INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1700: Francisco Correa de Lemos (XXIV:412-413); 1706: Lucrecia Leme, Itú (XXV:215-216); 1710: Mathias Rodrigues da Silva (XXV:237 e 248); 1711: Maria de Moraes (XXIV:427); 1713: Domingos Pompeo (XXVI:417-418); 1715: Manuel Pacheco Gato (XXVI:448-449 e 452); 1722: Bartholomeu Quadros (XXVI:267); 1729: Diogo Bueno e Izabel Bueno (XXVI:348); e 1736: Estevão Ribeiro Garcia, Itú (XXVI:386). MANUSCRITOS DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1800: José Batista Prestes, Sorocaba (MAESP:21-22); 1807: Antonio Pacheco Lima (MAESP:23); 1813: Pe. João Manoel de Carvalho (MAESP:7-8); 1815: Arceidiago Matheus de C. de Carvalho (MAESP:27-28); 1817: Ana Maria Machado (Vieira) (MAESP:31); 1831: Pe. Inácio Correia de Barros (MAESP:34 e 35); 1835: Pe. Nicolau Antonio de Araújo (MAESP:36); e 1851: Manoel Joaquim Pedroso (MAESP:57).



Croqui da área escavada do pavimento térreo do Solar da Marquesa, escala aproximada 1:100.



Croqui da área escavada do Beco do Pinto, escala aproximada 1:100.



Croqui da área escavada da Casa Nº 1, escala aproximada 1:100.

CARVALHO, M.R.R. Plates, cups and bowls; a study of historical archaeology in São Paulo at the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries: the sites Solar da Marquesa, Beco do Pinto and Casa Nº 1. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 75-99, 2003.

**ABSTRACT:** This article presents the methodology and results of a research of historical archaeology, performed in São Paulo, Brazil, which aimed at understanding the practices and behaviors concerning the use of tableware by the São Paulo society, in the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries, using archaeological samples coming from three sites in the central region of the city: the sites Solar da Marquesa, Beco do Pinto and Casa Nº1.

**UNITERMS:** Historical archaeology – Archaeological wares – Collections.

### Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, P.T.S.; VELOZO, J.N.  
1993 A faiança fina inglesa dos sítios arqueológicos históricos brasileiros. *Clio*, Recife: série arqueológica, 9: 81-96.  
1991 *A faiança portuguesa dos séculos XVI a XIX em Vila Flor, RN*. Rio Grande do Norte. Pernambuco: dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.
- ALGRANTI, L.M.  
1997 Famílias e vida doméstica. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: 83-154.
- ANDREATTA, M.D.  
1981-1982 Arqueologia histórica no município de São Paulo. *Anaes do Museu Paulista*, São Paulo, XXVIII: 174-176.
- ARAKAKI, F.R.  
1989 Estudo das categorias cerâmicas dos sítios arqueológicos históricos, Casa nº 1 e Beco do Pinto – Pátio do Colégio – Município de São Paulo. São Paulo: bolsa de aperfeiçoamento da FAPESP.
- ARAUJO, A.; CARVALHO, M.R.R.  
1993 A louça inglesa do século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu. *Dédalo*, São Paulo, 3: 81-95.
- ARIÈS, P.  
1991 Por uma História da Vida Privada. *História da Vida Privada*, v. III, São Paulo: Cia. das Letras: 7-19.
- BARDI, P.M.  
1981 *Mestres, artífices, oficiais e aprendizes no Brasil*. São Paulo: Banco Sudameris Brasil.
- PMSP-SNM/EMPLASA/SEMPA  
1984 *Bens Culturais Arquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo*. São Paulo.
- BRANCANTE, E. F.  
s.d. *Litoral Norte – O Buraco do Bicho – Amostragens*. São Paulo: original datilografado.
- 1950 *O Brasil e a louça da Índia*. São Paulo: Pocaí – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
- 1954 A cerâmica na vila de São Paulo: seu interesse histórico e sociológico. *São Paulo em quatro séculos*. São Paulo, Ideal-Irmãos Carton: 195-202.
- 1975 Achegas sobre cerâmica do século XIX no Brasil – a louça mineira. *Paulistiana*, São Paulo, 79: 63-83.
- 1980 *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo: Lithographia Ypiranga.
- BRANCANTE, M.H.  
1962 Cerâmica no Brasil antigo. *Paulistiana*, São Paulo: 67: 26-30.
- CAMPOS, M.C.  
1995-1996 Arqueologia Histórica: Casa da Marquesa de Santos. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1 (2): 409-416.
- CUSHION, J.P.  
1987 *Manuel de la ceramique européenne*. Fribourg: Office du Livre.
- FONTANI, M.I.  
1981-1982 *Casa de nº 3 da antiga rua do Carmo*. São Paulo, Convênio FNPm-SPHAN-UFBA, Faculdade de Arquitetura, IV Curso de especialização em conservação e restauração de monumentos e conjuntos históricos, nov. 1981-jun. 1982.
- 1969 *Processo Solar da Marquesa de Santos*. São Paulo, CONDEPHAAT, processo nº 07.852/69.
- INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS.  
1920 São Paulo: *Arquivo do Estado de São Paulo*, Typographia Piratininga, volumes II, XXIII-XXV.
- JACOBUS, A.L.  
1996 Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como estudo de caso. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul.: 20 (23): 7-58.

CARVALHO, M.R.R. Pratos, xícaras e tigelas; um estudo de arqueologia histórica em São Paulo, séculos XVIII e XIX: os sítios Solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa Nº 1. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 75-99, 2003.

- KLEIN, T.H.  
1991 Nineteenth-century ceramics and models of consumer behavior. *Historical Archaeology*, 25 (2): 77-91.
- LE GOFF, J.  
1990 A História Nova. *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes: 25-64.
- LEMOS, C.A.C.  
1978 *Cozinhas, etc.* Um estudo sobre as zonas de serviço na casa paulista. 2 ed., São Paulo: Perspectiva.  
1968 A casa da Marquesa de Santos, em São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 4: 7-14.
- LIMA, T.A.  
1993 Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). *Anais do Museu Paulista História e Cultura Material*, São Paulo, nova série, 1: 225-262.  
1995 Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, nova série, 3: 129-191.
- LIMA, T.A.; FONSECA, M.P.R.; SAMPAIO, A.C.O.; FENZL-NEPOMUCENO, A.; MARTINS, A.H.D.  
1989a A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. *Dédalo*, São Paulo: pub. avulsa, 1: 205-230.  
1989b Aplicação da fórmula South a sítios históricos do século XIX. *Dédalo*, São Paulo, 27: 83-97.
- MACHADO, A.  
1978 *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: Governo do Estado.
- MAWE, J.  
1978 *Viagem ao interior do Brasil (1807-1810)*. Belo Horizonte: Itatiaia – São Paulo: Edusp.
- MELLO NETO, U.P.  
1976-1977 O Galeão Sacramento (1668): um naufrágio do século XVII e os resultados de uma pesquisa de arqueologia submarina na Bahia (Brasil). *Navigator*, 13: 7-40.
- MENEZES, U.T.B.  
1983 A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, 115, nova série, São Paulo: 103-117.
- MULLER, D.P.  
1933 *Ensaio d'um quadro estatístico da província de São Paulo*. São Paulo: Typographia P. Costa Silveira.
- PESEZ, J.-M.  
1990 História da cultura material. *A Nova História*. São Paulo, Martins Fontes: 177-213.
- PILEGGI, A.  
1958 *Cerâmica no Brasil e no mundo*. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- RAINHO, M.C.T.  
1955 A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade - Rio de Janeiro, século XIX. *Acervo*, Rio de Janeiro, 8: 139-152.
- ROCHA, A.L.  
1982 Solar da Marquesa de Santos - Casa nº 3 da antiga rua do Carmo. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura, nov. 1981-jun. 1982, relatório de anteprojeto de restauro.
- ROTH, R.  
1988 Tea-drinking in eighteenth century America: its etiquette and equipage. R.B. St. George (Ed.). *Material life in America: 1600-1860*. Boston, Northeastern University Press: 439-462.
- SCHÁVELZON, D.  
1991 *Arqueologia histórica de Buenos Aires I: la cultura material porteña de los siglos XVIII y XIX*. Buenos Aires: Corregidor.
- SOUTH, S.  
1972 Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology. *The conference on historical site archaeology papers*. Columbia, University South Carolina, 6: 71-116.
- SYMANSKI, L.C.  
1996 A louça na pesquisa arqueológica: análises e interpretações processuais e pós-processuais. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, 20 (23): 59-76.  
1997 *O Solar Lopo Gonçalves*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, PUC-RS.
- VIANA, M.J.V.  
s.d. As casas da marquesa de Santos. São Paulo: original datilografado.
- VOVELLE, M.  
1990 A história e a longa duração. *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes: 65-96.
- ZAMORA, O.M.F.  
1990 A arqueologia como história. *Dédalo*, São Paulo, 28: 39-62.
- ZANETTINI, P.E.  
1986 Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. *Arqueologia*, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 5: 117-130.

Recebido para publicação em 30 de setembro de 2003.



## HISTÓRIA, GÊNERO, AMOR E SEXUALIDADE: OLHARES METODOLÓGICOS

Lourdes M.G.C. Feitosa\*

*O passado nunca conhece o seu lugar.  
O passado está sempre no presente.*  
[Mário Quintana]

FEITOSA, L.M.G.C. História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 101-115, 2003.

**RESUMO:** Esse artigo apresenta uma reflexão sobre gênero para o estudo da História Antiga Romana e discute aspectos teóricos sobre a escrita e o conhecimento histórico. Considerando dimensões amorosas e de gênero, propõe definições para os conceitos de “feminino” e “masculino”. Neste caminho, estudos historiográficos recentes da Antiguidade Romana são analisados, dos quais são destacados as contribuições e avanços trazidos pelos “estudos das mulheres” e sua trajetória em direção a uma cuidadosa análise de gênero sobre o mundo romano.

**UNITERMOS:** Teoria da História – Estudo de gênero – Amor – Sexualidade.

Os temas do amor e da sexualidade tornaram-se mais frequentes no campo histórico ao longo das últimas décadas do século, momento em que se aprofundam e intensificam os debates a respeito dos métodos e da escrita da História e a inserção de temáticas até então desconsideradas em sua análise. O interesse em compreender as inúmeras nuances que envolvem a vida dos seres humanos tem estimulado o desenvolvimento de análises interessadas nas variações culturais e históricas da constituição do corpo, das relações afetivas e das maneiras de instituir e gerir a sexualidade.

Nos temas históricos, as reflexões sobre essas abordagens passaram a refletir o anseio de pesquisadores preocupados em questionar

enraizados pressupostos, e buscar outros suportes teóricos que permitissem inserir, em sua área de conhecimento, a história daqueles até então dela excluídos e rever antigos conceitos. A classificação dos indivíduos entre mulher e homem, segundo suas características físicas e com desempenhos e parceiros sexuais específicos, fixados por uma tradição moral baseada em relações heterossexuais, passou a ser incessantemente debatida. Essas discussões refletiram-se no campo teórico com análises preocupadas nas variedades que os comportamentos pessoais, as relações afetivas e sexuais, e os valores morais adquiriram ao longo da História.

Alguns aspectos desses questionamentos sociais e culturais e sua influência sobre o surgimento de novas propostas teóricas, bem como posturas metodológicas sobre o conhecimento e a escrita da História, são considerados neste artigo.

(\*) Doutora em História Social pelo IFCH/UNICAMP.



Nesse caminho, é delimitado o posicionamento teórico adotado, principalmente no que diz respeito ao estudo de gênero, utilizado como referência para a análise das concepções de feminino e de masculino no universo popular pompeiano. Por ser um tema de análise muito recente, envolto em um efervescente e amplo debate, é apresentado um breve histórico de sua convergência com as reflexões feministas e os elementos de sua abordagem contemplados para o desenvolvimento deste texto.

### Reflexões teóricas

O que é História? De que maneira é produzido o conhecimento histórico? Questionamentos como esses têm freqüentemente acompanhado os historiadores na análise histórica e, nas últimas décadas, pode-se perceber que propostas apresentadas tanto por historiadores, como filósofos, sociólogos, antropólogos e literatos, têm contribuído para se fazer mais claro um entendimento sobre eles.

Gostaria de iniciar essa discussão com estas duas questões postas por Foucault: Quem somos nós hoje? O que significa pensar a nossa atualidade? Foucault, em *Q'est-ce que les Lumières?* (1984), procura refletir sobre essas questões já levantadas em um texto, de mesmo título, publicado por Kant em 1784. Considerado por Foucault como o texto inaugural da Modernidade, inovador em sua reflexão histórica naquele período, Kant esboça uma resposta ao que definia como Modernidade ou Período das Luzes. Define-a como uma atitude mais do que um período da história, sendo esta identificada em uma maneira diferente de pensar, de sentir, de agir e de se conduzir em relação ao homem do passado (Foucault 1984: 568). O espírito da modernidade permitiria o uso livre e público da razão pela humanidade, a conquista de sua maioridade por meio da racionalidade e sua autonomia em relação à superstição e à dependência religiosa (Foucault 1984: 562, 568, 571). Por meio dessa interpretação, o saber histórico passava a envolver concepções absolutamente centralizadas em explicações racionais e objetivas da realidade, ocasionando a sua redução a conceitos rígidos e padronizados, a verdade.

Como fez Kant no final do século XVIII, nas últimas décadas, muitos historiadores e filósofos têm se dedicado a repensar o momento presente, a realizar inúmeros questionamentos e propor ampla

crítica cultural, teórica e epistemológica à elaboração, à escrita e ao discurso do modelo iluminista.

Originadas em lugares diversos e com enunciados diferenciados, tais análises chamam a atenção para o uso do método histórico como representante de uma ótica capitalista e industrial, fundamentada na imagem de progresso e da superioridade dessas sociedades. O saber histórico aparece como o resultado dessa visão, propagada por meio de idéias universais dadas pelo resgate de contextos históricos; a existência de sujeitos universais como “a mulher” “o homem” “o povo”; além da crença na objetividade do discurso científico e na onisciência do narrador, projetando uma imagem de autoridade à análise como se fosse a própria recuperação do passado.<sup>1</sup>

Nele, as sociedades anteriores eram vistas como etapas de uma evolução programada e destinada a gerar o homem moderno. Não todo e qualquer homem, mas aqueles que “verdadeiramente” faziam e ocupavam o espaço definido como o da história (social e, por extensão, acadêmica), ou seja, o político e o econômico, portanto, os imperadores, os militares e os grupos dominantes, considerados os detentores do poder e definidores do curso da História. Um dos aspectos salientados por interpretações críticas é como esses estudos sobre o passado e os dos aspectos enaltecidos como as guerras, os expansionismos territoriais, os conceitos de cultura dominante e dominada e de superioridade das elites masculinas caracterizam não o seu resgate, mas olhares e versões sobre ele, a partir de enfoques e perspectivas que garantem às sociedades ocidentais capitalistas a manutenção de seu *status quo*.

Os inúmeros questionamentos e discussões realizados em torno do conhecimento histórico e a grande profusão de métodos e propostas teóricas alternativas acabaram gerando tempos de incertezas e crises epistemológicas na Ciência Histórica, como disse Chartier nos anos setenta (1994: 100). Desde então, não se tem um conceito único do que seja História, nem as direções definidas para fazê-

(1) Há uma ampla bibliografia crítica às formulações teóricas da narrativa tradicional e do repensar historiográfico, dentre a qual menciono: Thompson 1981; Veyne 1982; Castoriades 1982; Foucault 1984; White 1997; J. Schmitt 1990; R. Chartier 1994; P. Joyce 1995; M. Certeau 1999; D. Fowler 2000 e M. Rago, R. Gimenes 2000.

la, e uma multiplicidade de estudos passou a realçar outras maneiras de se conceber o conhecimento e a escrita da História.

Diversos aspectos desses novos questionamentos e de suas implicações teórico-metodológicas orientam os rumos deste estudo. Partilho, com tais questionamentos, a idéia de que os fatos históricos não estão prontos para serem descobertos e revelados em uma seqüência contínua, mas que são definidos, segundo uma formulação do historiador e interpretados por ele (Veyne 1982: 53; Chartier 1990: 79; Barthes 1988: 156; Joyce 1995). Como o “fato” histórico não é concebido como um acontecimento, a ser encontrado em algum lugar do passado, também não é possível dizer “o que realmente aconteceu”, na medida em que é o historiador quem elege o seu tema e constrói as suas verdades parciais. O objetivo não é produzir um conhecimento absoluto, verdadeiro e definitivo do assunto proposto, mas oferecer interpretações que sejam utilizadas como chaves de uma caixa de ferramentas (Ewald 1993: 26), que auxiliem as análises dos temas investigados por meio de seus pontos em comum ou de seus embates.

A intenção não é fazer uma meta-história, nem a preocupação em compreender objetivamente “toda” a realidade social analisada. Caminha-se para a microhistória, cuja proposta é penetrar as tensões sociais por meio da história de uma pessoa, de um grupo ou de algum acontecimento, e destacar o heterogêneo, o local e o específico. Estou em sintonia com o conceito de conhecimento histórico como um discurso subjetivo, histórico e político.<sup>2</sup>

Subjetivo e histórico porque os valores e as experiências que me identificam como ser humano e pesquisadora interferem na escrita do texto que produzo; e político, porquanto a escolha do tema pesquisado não é aleatório, mas visa a questionar uma dada situação. A aceitação da História como um discurso abre a possibilidade de se questionarem os motivos que levaram à construção de diversas acepções de passado. Trata-se de um olhar sobre povos que já viveram, um olhar que não tenha um fim em si mesmo, ou seja, que não se restrinja a saber “o que aconteceu”, mas que ofereça

perspectivas para pensar o nosso momento e questionar as razões que induziram as conotações construídas sobre o passado (White 1994: 62). Uma História vista pelo ângulo proposto por David Harlan:

*que não diga respeito a autores mortos, mas a livros vivos, não a um retorno de escritos antigos a seus contextos históricos, não à reconstrução do passado, mas fornecendo um meio crítico pelo qual os trabalhos valiosos do passado possam sobreviver a seu passado de modo a falar-nos sobre nosso presente* (Harlan 2000: 62).

Sim, olhar para o passado a partir de reflexões do presente, sob a influência de diversos questionamentos pelos quais tem passado a ciência histórica, dos quais alguns aspectos mais diretamente relacionados a este estudo estão sendo apresentados. Parto de uma preocupação em confrontar discursos historiográficos contemporâneos sobre a sexualidade de populares romanos, com dados advindos de interpretações dos grafites pompeianos. As indicações parietais sexo-amorosas, além da comparação acima mencionada, permitem sugerir outras referências de feminino e de masculino para aquele universo. Com essa preocupação de uma análise de gênero, a seguir é apresentado o significado adotado para esse conceito.

### **Relações de gênero: uma definição**

A abordagem do sistema sexo/gênero, que trata da apreensão das relações de gênero, por meio de estudos sobre comportamento ou representações da sexualidade, ainda é muito recente na pesquisa histórica, como enfatiza Skinner (1997: 3). No estudo da Antigüidade, a questão tem sido tratada principalmente pela historiografia de língua inglesa, cuja análise vincula discursos sobre sexualidade, articulação de gênero e o lugar social.<sup>3</sup> A análise de gênero utilizada para os estudos de sociedades antigas ganha maior destaque a partir

(2) Cf. Jones 1997 e Funari, Hall, Jones 1999. Como escreve Saffioti, “aceitou-se o engajamento do historiador em sua contemporaneidade e a relativização de sua objetividade” (1992: 45).

(3) O livro organizado por Hallett e Skinner sobre *Sexualidades Romanas* é um bom exemplo desse tipo de análise. Por meio de discursos como os da medicina, das leis e da literatura, os autores apresentam variados ângulos da construção da imagem de masculino e de feminino a partir de posturas sexuais estabelecidas entre as elites romanas do início do Império. Cf. Hallett e Skinner 1997.

dos anos de 1990, mas é ainda muito discutida e ambígua para aqueles que desejam enveredar por essa área.<sup>4</sup> A idéia de gênero surgiu durante a década de 1980, no bojo das epistemologias feministas, e tem perpassado diversas áreas do conhecimento como a Psicanálise, a História, a Linguística, a Antropologia e a Sociologia, dentre outras, com extensas perspectivas de análises.

Já as abordagens feministas, amplamente discutidas nas últimas três décadas, colocaram em debate o papel das mulheres na História, procurando compreender as diferenças instituídas entre os sexos e as relações de poder estabelecidas entre eles. Até os anos sessenta, grande parte da historiografia e, de maneira geral, a que tratava da Antigüidade, pouca atenção destinou às mulheres, pois o interesse corrente estava nas cenas de guerras e nas disputas políticas, espaços nos quais “elas” pouco apareciam (Perrot 1989: 9-18). As exceções dão-se em alguns estudos relacionados às mulheres chamadas célebres como, por exemplo, a história de Messalina, de Cleópatra, de Lívía ou Penélope, cujo interesse está na relação que possuíam com homens famosos ou pelo poder que detinham (López 1994: 37-40).

Essas discussões feministas vieram acompanhadas de uma recolocação dos princípios teóricos das Ciências Humanas, até então pouco atentos às experiências femininas. Alargou-se o conceito de documento histórico e, além dos tradicionais escritos oficiais, também ganharam valor documental a iconografia, a numismática e muitos outros vestígios arqueológicos, permitindo, desde então, “trazer para a História” as experiências e os olhares femininos. Sobre a História Antiga Romana, esses estudos têm permitido rever as áreas de atuação tradicionalmente atribuídas às mulheres, bem como repensar conceitos como “público” e “privado”, formas de atuação política e os fundamentos, composição e participação dos grupos sociais nas diversas esferas da organização social.

É possível perceber, nos estudos sobre mulheres, publicados no período de 1960 até 1980, o forte objetivo de trazer à luz quem eram e quais as atividades e papéis sociais desempenhados por elas na sociedade em que viviam, juntamente com discussões mais particularizadas sobre a sua

influência e participação nas esferas de poder. Ampliaram-se os estudos sobre as mulheres romanas, principalmente daquelas pertencentes a grupos aristocráticos. Um número significativo de documentos como moedas, inscrições, estátuas e túmbas passou a ser utilizado como evidências da participação de muitas delas no meio público.

Estudo mais específico sobre mulheres não aristocráticas, que merecem especial atenção nesta pesquisa, é o trabalho de Michele D’Avino intitulado *Donna a Pompei* (D’Avino 1964). A obra é baseada em evidências epigráficas, inscrições e grafites, encontrados na cidade de Pompéia, oferecendo informações gerais sobre a participação de pompeianas na vida pública da cidade. A sua valiosa contribuição está na apresentação de atividades desempenhadas por aquelas das “classes baixas” – plebéias, livres e escravas – em suas atividades de trabalho e na política local, apoiando candidatos em escrutínios locais.

Das diversas pesquisas sobre mulheres trabalhadoras romanas, publicadas a partir daquele momento, destacam-se as análises inovadoras de Le Gall (1970) e Treggiari (1975 e 1976), cuja proposta foi reunir informações sobre os ofícios desempenhados com o *status* social e familiar dessas trabalhadoras. Em 1981, Natalie Kampen publica *Image and status: Roman working women in Ostia*. A autora utiliza imagens de trabalhadoras esculpidas em relevos de Óstia, para examinar concepções apresentadas a respeito delas, em uma discussão inicial de classe e gênero. Ainda nos anos 80, Bernstein publicou *The public role of Pompeian Women*, em que destacou a participação feminina, de diferentes estratos sociais, na vida pública e social de Pompéia. Desenvolve o trabalho apoiado em documentos epigráficos e arqueológicos, que são particularmente importantes para o conhecimento do mundo do trabalho urbano no âmbito popular.

O movimento feminista impulsionou os estudos sobre as mulheres em diversos períodos históricos, mas é com a análise das relações de gênero que a questão feminina passa a ser discutida em confronto com a masculina. Com a influência das reflexões pós-modernistas e pós-estruturalistas, e a valorização do diverso e do heterogêneo no interior das sociedades, as discussões das epistemologias femininas ganharam complexidade, e a idéia de uma essência feminina ou masculina tornou-se insuficiente para justificar os diferentes interesses e compor-

(4) Sobre eles ver Costa, Bruschini 1992; Rabinowitz, Richlin 1993; Scott 1995; Pedro, Grossi 1998.

tamentos femininos e masculinos de grupos sócio-culturais diversos. Passou-se a questionar, dessa maneira, o uso dos termos “homem” e “mulher” como categorias fixas e de sentidos universais estabelecidos estritamente por uma determinação física. Como escreve Saffioti:

*os fatos biológicos nus da sexualidade não falam por si próprios; eles devem ser expressos socialmente. Sente-se o sexo como individual ou, pelo menos, privado, mas estes sentimentos sempre incorporam papéis, definições, símbolos e significados dos mundos nos quais eles são construídos* (Saffioti 1992: 187).

Não que a questão seja simples ou fácil de optar entre uma inclinação “biologizante”, na qual as definições de feminino e de masculino são dados pelas características físicas, ou “culturalista” analisados em função de cada sociedade. Os avanços nas pesquisas biomédicas permitem perceber, por exemplo, que determinadas doenças acometem com mais frequência o corpo feminino, enquanto outras, o masculino; ou ainda, que determinados medicamentos, testados e aperfeiçoados no físico de homens, não surtem os mesmos efeitos em mulheres, deixando em evidência o quanto é discutível a interferência, ou não, do aspecto fisiológico na caracterização de cada um deles. Certamente esse princípio dual existe e é a primeira referência de classificação, como foi indicado anteriormente. Entretanto, ainda que resguardadas as devidas especificidades físicas, as contribuições de gênero são importantes na medida em que vêm conferir à diferença sexual não apenas um parâmetro exclusivo e natural da distinção entre eles. Para além das essências, os estudos de gênero abordam os variados significados que estes conceitos adquirem quando considerados o momento histórico, os grupos sociais e os valores culturais em que foram e são formulados.

Isso tem sentido na medida em que, em diferentes tradições culturais, as noções das identidades - homens ou mulheres - são variadas e podem, ou não, estar relacionadas ao aspecto físico.<sup>5</sup> Há

(5) Sobre diferentes construções culturais entre sexualidade e gênero em sociedades contemporâneas, conferir os instigantes artigos que estão em Caplan 1996.

sociedades que constroem o significado de gênero em uma associação direta com o sexo biológico, fato até pouco tempo aceito, sem discussão, em diversas sociedades contemporâneas, e ainda fortemente presente em seu imaginário, como é o caso da nossa. Mas os atributos que definem o masculino e o feminino não são nem foram sempre idênticos (Sena 1992: 31).

É notório que as reflexões de gênero são permeadas pela perspectiva do olhar crítico feminista (Machado 1992a: 9), feroz combatente das desigualdades sociais entre masculino e feminino das sociedades contemporâneas, mas se distanciam dessa perspectiva quanto à aceitação desse modelo social binário - homem e mulher. As análises de gênero ampliaram o campo da discussão e acirraram os debates em torno da construção dos conceitos de “feminino” e “masculino” apresentando diferentes e mesmo divergentes abordagens e trajetórias pelas quais os estudos de gênero têm sido formulados e, polemicamente, utilizados em diversas áreas do conhecimento.<sup>6</sup>

Sem a intenção de resumir ou simplificar em demasia esse intrincado debate, aqui são apresentados os pressupostos de gênero que estão sendo considerados nesta pesquisa. O primeiro deles trata da constituição histórica do que seja característico à feminilidade e à masculinidade,<sup>7</sup> possibilitando compreender como os comportamentos que os distinguem são influenciados pelas relações culturais articuladas entre eles. Por essa razão, os variados grupos sociais, baseados em seus valores, conceitos e visões de mundo, formulam diferentes vínculos e interpretações para o que seja característico de cada um deles.

Uma outra dimensão está na atenção sobre as construções discursivas constituídas no interior das sociedades com o propósito de justificarem as diferenças sexuais. Formuladas entre os grupos sociais, as representações de si e do outro são alicerçadas em discursos que evidenciam marcas

(6) Como exemplo, pode-se citar Costa e Bruschini 1992; Pedro e Grossi 1998 e Bessa 1998, onde diversas áreas apresentam a complexidade e diversidade de posicionamentos, tanto no Brasil como no exterior.

(7) Exemplos da teorização sobre as questões de gênero podem ser vistos em Scott 1988/ 1994; Tilly 1990; Costa, Bruschini 1992 e Rago 1998.

das tensões, dos conflitos e das contradições originadas nas relações sociais em que são articuladas (Scott 1995: 86-87; Heilborn 1992: 93; Montserrat 2000: 164). Isso significa que as palavras “homem” e “mulher”, em si mesmas, não permitem antever as condutas e os papéis vivenciados por cada um deles, se não identificados os valores culturais e as relações que lhes dão sentido, assim como as divergências e os embates sociais e discursivos estabelecidos entre os grupos sociais.

Dessa maneira, com a proposta de analisar os significados de feminino e masculino, caracterizados em relações sociais específicas, faz-se importante refletir sobre dois aspectos fundamentais: primeiro, a idéia de imposição do poder do homem sobre a mulher, denunciada pelo feminismo; segundo, a investigação que leva a perguntar se as relações de gênero devem, necessariamente, ser fundamentadas em relações de poder.

Com a influência das reflexões pós-modernistas nos estudos feministas e de gênero, a aceitação de diversos perfis de feminilidade e de masculinida-

de coloca em discussão a idéia da supremacia do poder do “homem” sobre a “mulher”, na medida em que a noção generalizante de imposição masculina não pode dar respostas satisfatórias à diversidade de comportamentos atribuídos tanto a um como a outro. Com relação a essa questão, considero pertinente a observação de Lia Machado (1992b: 35) sobre a escolha que os estudiosos de gênero podem fazer entre adotar uma postura que estabeleça a dominação masculina e obscureça a percepção de diferentes poderes, muitas vezes instalados no feminino e não no masculino, ou definir que as relações de gênero podem ser relações de poder, mas, também, relações complementares, recíprocas ou de prestígio.

Essa observação é particularmente significativa para a análise do mundo romano. Durante o Principado (séculos I e II d.C.), o vasto território que compunha a sociedade romana circundava todo o mar Mediterrâneo e integrava inúmeras regiões, com povos diversos, anexadas ao longo do processo de conquista, como pode ser observado no mapa seguinte:

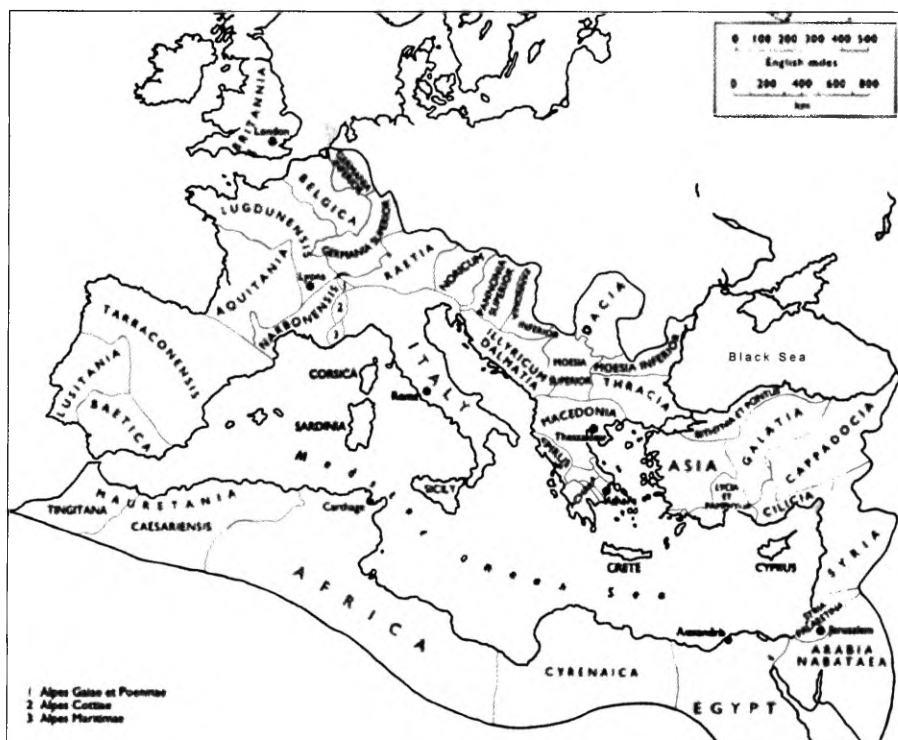


Fig. 1 – Províncias do Império romano no início do Século II d. C. (Huskinson 2000: xi).

A composição desse imenso império emaranhado de latinos, gálatas, egípcios, béticos, germanos, dácios, gregos, entre tantos outros, denotam diversidades jurídicas, econômicas, étnicas, de idade, sexo, profissão e língua que acabam sendo camufladas e simplificadas pela expressão “povo romano”. Variedades que interferiam no lugar social ocupado pelos diferentes indivíduos e que são elementos importantes a serem considerados pelo pesquisador interessado em uma análise de gênero e de poder (Funari 1995: 180; Skinner 1997: 13; Montserrat 2000: 165). Isso não significa desconsiderar o caráter patriarcal da sociedade romana e o monopólio das relações públicas e dos cargos políticos por determinados homens, mas é preciso cuidado em não transferir, para o passado, sentidos atuais, formulados para diferentes conceitos. Essa transposição e a conclusão de uma inferioridade e opressão social feminina romana, tomada como “natural” em uma sociedade “falocêntrica”, há anos vem sendo questionada.

A releitura de obras literárias e o uso de outras evidências históricas, como as fontes epigráficas, arqueológicas e iconográficas, têm possibilitado alterar essa transposição de valores e situações atuais para a Antiguidade e refletir sobre os significados que conceitos como, por exemplo, *pater familias*, política, espaço público e privado poderiam ter adquirido na sociedade romana.

Autores como Thomas (1990: 136) e Grimal (1991: 62) analisaram a situação jurídica de mulheres livres, filhas ou esposas de cidadãos e defendem como a menoridade civil feminina romana e a sua subordinação à autoridade do pai não se restringiam apenas às mulheres. Em uma família, tanto elas quanto os seus irmãos estariam submetidos ao poder do pai, pois o cidadão romano adquiria personalidade civil autônoma, deixando o seu estado de dependência legal, somente ao ser designado como o responsável pela família, título conquistado após a morte do patriarca. Mas quais seriam os níveis dessa autoridade paterna denominada, em latim, de *patria potestas*? A análise de fontes literárias e jurídicas romanas, apresentada por Treggiari, expõe como nós criamos uma imagem rígida e absoluta do poder paterno de um cidadão romano sobre os seus filhos e filhas, que não é consensual nem mesmo entre autores romanos (Treggiari s/d:

96). As profundas mudanças pelas quais teria passado a sociedade romana com a transição da República para o Império, a participação de filhos(as) nos negócios do pai, a possibilidade de aqueles recusarem o esposo(a) escolhidos pelo pai, quando este desconsiderava o estatuto de cidadania ou a condição moral dos eleitos, o tipo de casamento efetuado, entre outros pormenores, seriam alguns dos aspectos que influenciavam as relações entre pais e filhos.

Outro aspecto a ser considerado é a atenção dada às variações ocorridas segundo o momento histórico em que se constituíam. Alterações nas leis, durante o final da República e início do Império, atestam mudanças na condição feminina. O próprio Augusto efetuou uma série de revisões nas leis matrimoniais promulgadas em 18 a.C. (*lex Iulia de adulteriis coercendis* e *lex Iulia de maritandis ordinibus*), dentre elas, as que continham implicações na maternidade e na paternidade. Com elas ficou estabelecido que a romana livre, casada ou não, que passasse por três gestações (para as libertas ou livres itálicas, quatro, e para as provinciais, cinco), tendo os filhos sobreviventes ou não, estaria isenta do controle dos agnados sobre elas. Legalmente, essas mulheres deixavam de estar sob o poder paterno e passavam, elas próprias, a gerir o seu patrimônio, situação que se estendeu posteriormente a todas as outras, com exceção do dote, administrado pelo esposo enquanto estivesse a mulher casada.<sup>8</sup>

Quanto à idéia do confinamento feminino ao lar, dedicada a fiar a lã e administrar a casa e, portanto, distante da vida pública e do centro das decisões políticas e de poder, pesquisas recentes ajudam a repensar a questão. Essa imagem atribuída a uma mulher da alta sociedade, casada (matrona), apresentada na literatura e de acordo com a tradição do *mos maiorum*, idealizada durante a República, manteve-se em nível discursivo embora já convivendo com uma redefinição dos papéis sociais femininos. Sobre essa questão, dois argumentos podem ser mencionados.

O primeiro deles diz respeito à caracterização da casa romana como um espaço privado, destinado ao descanso e restrito à convivência familiar,

(8) Sobre essa questão, ver Suetônio, *Diuus Augustus*, 34, em *Vite dei Cesari*. Cf., também, Cohen, s/d: 109-10.

agora discutida sob um ponto de vista arqueológico.<sup>9</sup> Wallace-Hadrill (1994: 5 e 10), por exemplo, considera que no interior dessas casas aristocráticas desenvolviam-se articulações políticas e relações de clientelismo com pessoas de diferentes estratos sociais, recebidos em espaços específicos de acordo com a sua posição social. Com isso, o próprio âmbito da casa integraria as duas extensões e leva a supor que mulheres estavam mais próximas de discussões políticas do que o imaginado.

A separação entre as esferas pública e privada seria também inapropriada para as casas menores de Pompéia. Segundo Laurence (1994: 131), era comum as pessoas trabalharem e morarem no mesmo local, o que fazia com que homens e mulheres permanecessem juntos grande parte do tempo, constituindo outros tipos de relações que não correspondem à divisão tradicionalmente estabelecida. Esse estudo de Laurence nos faz pensar que, ou esses homens não participavam das discussões políticas tanto quanto as mulheres que habitavam e trabalhavam ali, ou que o modelo de análise precisa ser revisto para poder compreender situações que não se enquadram no molde formulado. Os grafites pompeianos com indicações eleitorais nos convencem da segunda alternativa, como será mostrado mais diante.

O outro elemento está relacionado às mulheres que participavam do denominado espaço público. López aduz que pertencer a um grupo familiar era fundamental para poder integrar-se à vida da cidade (López 1994: 45). A participação de mulheres abastadas, identificadas pelo nome de sua família, é atestada na sociedade romana por meio da política de benefícios e de construções públicas; no apoio financeiro a jogos e na distribuição de alimentos; nas relações pessoais, desenvolvidas por meio do sistema de clientela e de *amicitia*; no patrocínio a corporações de ofício e no gerenciamento de propriedades particulares e de negócios familiares (cf., entre

outros, Pomeroy 1978; Cameron, Kuhrt 1983; Boatwright 1991: 248-272; Rawson 1995; Franco 2000: 1269-1278; Cantarella 1999a e 1999b; Mossé 1999; Morretta 1999; Dimopoulou 1999; Hemelrijk 1999).

A cidade de Pompéia guarda inúmeras evidências materiais da participação feminina de diferentes estratos sociais na economia, na vida social e no apoio a candidatos em escrutínios locais (Tanzer 1939; LeGall 1970; Treggiari 1981; Savunen 1995). Uma das mais notáveis de que se tem registro é Eumáquia, mencionada em uma inscrição celebrativa e em uma estátua honorífica encontrada na entrada do grandioso edifício dos *fullones*,<sup>10</sup> sede de uma das maiores corporações de Pompéia, da qual era patrona.

A representação de Eumáquia com o manto sobre o corpo, a divisão dos cabelos, o rosto harmoniosamente ovalado e sua expressão indefinida, com os olhos profundos e sonhadores é, segundo Étienne e de Franciscis, inspirada em modelos estatutários gregos do século IV a. C., comumente retratados em estátuas romanas (de Franciscis s/d: 91; Étienne 1971: 153).

Autores como D'Avino e Étienne consideram que Eumáquia, da *gens* dos *Eumachii*, deveria ser uma ativa e afortunada senhora de uma família proprietária de vinhedos e de indústria de ladrilhos, da qual se tem referência de outros membros como *Lucius Eumachius Fuscus* (candidato a edil em 32 d. C.), *Lucius Eumachius Erotus* e um *Lucius Eumachius* (D'Avino 1964: 33 e Étienne 1971: 153).

Logo nas colunas de entrada do edifício encontra-se a inscrição que explicita a sua condição de sacerdotisa pública e patrona da associação dos *fullones*, com a qual contribuiu financeiramente para a construção do edifício:

(10) Segundo de Franciscis (s/d: 91), este edifício seria usado para depósito e venda de lã e de tecidos, tese com a qual Étienne concorda, embora saliente que a suntuosidade do edifício e a notoriedade dos personagens, representados nas estátuas ali encontradas, parecem-lhe indicar uma certa similaridade com o ambiente do Foro Imperial, espaço público destinado ao culto. Como a inscrição informa sobre a participação de Eumáquia em sua construção, portanto, de seu caráter privado, a exuberância deste edifício parece-lhe um sinal evidente da riqueza dessa pompeiana, cuja ostentação também foi manifestada no mausoléu que construiu para si mesma e para sua família (Étienne 1971: 155).

(9) Cândida López, em seu estudo sobre as mulheres no mundo antigo, considera que se convencionou, na historiografia romana moderna, estabelecer a casa como símbolo da esfera privada e o fórum como o espaço da política, do poder e da vida pública. Este seria o lugar da palavra, da reflexão e do uso da razão entre os "iguais" e como as mulheres não ocupavam os cargos políticos públicos, consideravam-nas marginalizadas e afastadas desse meio. Cf. López 1994: 35-77.



*EUMACHIA L F SACERD PUBL NOMINE  
SUO ET M NUMISTRI FRONTONIS FILI  
CHALCIDICUM CRYPTAM PORTICUS  
CONCORDIAE AUGUSTAE PIETATI SUA  
PECUNIA FECIT EADEMQUE DEDICAVIT*  
(CIL, X, 810)

Eumáquia, filha de Lúcio, sacerdotisa pública, em seu nome e de seu filho M Numistro Frontão, fez, com sua pecúnia, a galeria do mercado, um criptopórtico e vestibulos em honra à Concórdia Augusta e à Piedade (Augusta).

Étienne apresenta uma interessante leitura sobre a escolha das palavras utilizadas nesta inscrição: Piedade Augusta faria alusão aos sentimentos de Tibério para com sua mãe Lívía, depois de sua enfermidade no ano de 22 d. C. e Concórdia celebraria a união sentimental do filho com a sua mãe. Para esse autor, não há dúvidas de que Eumáquia teria se inspirado naquele modelo de sentimento familiar, associando ao seu filho a dedicatória do monumento. Além disso, como sacerdotisa pública, também deveria render culto a Lívía (Étienne 1971: 153). O caso de Eumáquia é um dos exemplos da participação de mulheres abastadas na vida pública da cidade, atestada por meio desse conjunto de fontes materiais - inscrição, estátua e mausoléu - que não são perceptíveis na literatura.

E essa dedicação a *res publica*, segundo Nicolet, constituía-se em uma das atribuições essenciais da cidadania romana (1992: 24-30). Essas mulheres participariam, de uma maneira mais ou menos direta, das decisões comuns da comunidade, sendo razoável considerar que a sua participação na organização do espaço comunitário em que viviam sinalizava uma integração política nas esferas do poder local.

A atuação feminina também pode ser observada em outra esfera que, até alguns anos atrás, era considerada como essencialmente masculina: campanhas políticas. Em Pompéia, foram encontrados cartazes de propagandas eleitorais, denominados *programmata*,<sup>11</sup> que indicam a presença feminina no apoio e indicação de candidatos.<sup>12</sup>

(11) Inscrições eleitorais pintadas - *tituli picti*.

(12) A análise das inscrições eleitorais citadas segue, com algumas variações, as idéias apresentadas no artigo *Sobre o feminino e a cidadania em Pompéia* (Revista Pyrene, Barcelona, no prelo), que escrevi em parceria com Fábio Favarsani.



Fig. 2 – Imagem de Eumáquia preservada no Museu Nacional de Nápoles (de Franciscis s/d: 91).

Nessas inscrições verificam-se apoios tanto de familiares, como o caso de Tédia Segunda pedindo votos para seu neto L. Popídio Segundo (CIL, IV,

7469), como de mulheres de diferentes ocupações e condições jurídicas e sociais.

Cássia e seu marido, Cerialis, pedem voto a A. Trébio Valente em uma mesma inscrição (CIL, IV, 7669). A menção dos dois nomes parece indicar que Cássia tinha independência para apoiar um candidato diferente daquele escolhido por seu marido. Não fosse assim, para que seu nome seria explicitado? Mesmo porque, se o apoio da esposa necessariamente acompanhasse o do marido, não precisaria ser mencionado.

Aselina, considerada como a chefe de um grupo de prostitutas por D'Avino (1964: 49), deixou registrado, juntamente com outras garotas, suas indicações aos pleitos locais. Aselina teria a seu cargo Egle (grega), Maria (judia), Esmirna ("exótica"). Ainda há outras, como Palmira ("oriental"), por exemplo, mas esta a serviço de Hermes. Aselina apóia dois candidatos a *duumviro*; Esmirna, também (CIL, IV, 7863, 7864 e 7873).<sup>13</sup> Um deles coincide e elas fazem uma única inscrição para manifestar sua preferência por C. Lolio Fusco. Quanto ao outro candidato, há divisão. Aselina prefere L. Ceio Segundo, e Esmirna, C. I. Políbio. Mas nenhuma das duas tem candidato à edilidade. Nesta casa, o apoio a edis ficou por conta de Maria e Egle. Cada uma delas, como fica claro, tinha independência para escolher seus candidatos.

Como estas, também deixaram as suas menções trabalhadoras de tabernas como Polia, que apoiou Cn. Cerino Vátia à edilidade (CIL, IV, 368;) e Ferusa, que preferiu L. Popídio Segundo (CIL, IV, 7749). Da mesma maneira fizeram outras mulheres.<sup>14</sup>

E o que justificaria essa participação em campanhas eleitorais se não há indícios da possibilidade de votarem ou serem votadas? Procurando analisar algumas razões que levariam mulheres a apoiarem publicamente candidatos, uma justificativa poderia estar na possibilidade de elas exercerem

poder político por meio da *amicitia* e clientela. Mas essa não é a única possibilidade, pois, como foi visto anteriormente, dentre as assinaturas presentes nos cartazes encontravam-se nomes de mulheres de diferentes *status* sociais, incluindo libertas e escravas, teoricamente sem possibilidades financeiras para trocas políticas.

Então, como compreender essa participação de mulheres ricas ou não na vida política do município? Autores como Savunen (1995) e Will (1979) sugerem que os *programmata* podem ser vistos como uma atividade coletiva da qual mulheres faziam parte como membros ativos, dando suas opiniões, discutindo política, apoiando e indicando candidatos e que, talvez, essa participação na organização da comunidade fosse mais importante do que as eleições em si mesmas.

É certo que em um universo de, aproximadamente, 2500 cartazes encontrados em Pompéia, apenas 750 possuem o nome da pessoa que está apoiando e, dentre esses, somente 52 apresentam nomes de mulheres (Bernstein 1987: 180 e Savunen 1995: 195). Seriam números inexpressivos em uma população de cerca de 10.000 habitantes? Alguns dirão que sim, entretanto, a importância não está no número, mas no fato de esses cartazes indicarem possibilidade de participação feminina jamais imaginada tempos atrás.

Esses registros históricos certificam possibilidades financeiras e de participação de pompeianas na organização da cidade e, ainda, a necessidade de releituras de seu papel na sociedade romana. Assim, mais do que a aprovação irrestrita de um domínio do "homem", é importante estar atento aos variados exemplos de atuação social e de papéis desempenhados pelos "masculinos" e os "femininos", o que propicia uma abertura para o conhecimento do heterogêneo, do diverso e da complexidade que envolvia as relações sociais e históricas romanas.

Dessa maneira, como diz López:

*es fundamental considerar la existencia de sociedades donde los roles sociales no se corresponden en su atribución sexual a los modelos de dominio o sumisión con los que se identifica en los tiempos modernos, e incluso, en sociedades definidas claramente como patriarcales pueden existir perfiles no tan definidos en su atribución como nos imaginamos desde nuestra perspectiva actual* (López 1994: 44).

(13) Para Della Corte, em comentários apresentados abaixo das inscrições, esses nomes estariam associados às mulheres de condição servil. Mas a condição de cada uma delas só pode ser identificada quando mencionada na própria inscrição.

(14) Cf., entre outros exemplos, Júnia (CIL, IV, 1168), Epídia (CIL, IV, 6610) e Sutória Primigênia (CIL, IV, 7464), na campanha de 79; Cornélia (CIL, IV, 3479), em 77; Caprásia (CIL, IV, 171), em 76; e Víbia (CIL, IV, 3746), cujo candidato não foi possível discernir.

## Gênero e estudos das mulheres

É tênue o limiar entre os estudos de gênero e os estudos das mulheres desenvolvidos para a Antigüidade romana. Logo no início da década de 1990, foi publicada uma coleção de grande prestígio, inclusive no Brasil, chamada *Histoire de la Femme*,<sup>15</sup> cujo primeiro volume foi dedicado à Antigüidade. Sob a influência da Escola dos *Annales*, e com o objetivo de fugir das representações universais sobre as mulheres, Georges Duby e Michelle Perrot propõem uma investigação de diferentes aspectos da vida feminina no mundo ocidental, a partir do contexto de uma história relacional, preocupada com a sociedade como um todo e, portanto, também com os homens. Destaca-se a busca pela diversidade de papéis e poderes femininos e, no último capítulo, Pauline Pantel apresenta uma série de reflexões geradas pela História das Mulheres e uma rápida trajetória de uma história do gênero. Ela também considera esse caminho como categoria analítica útil para as necessidades de formulações teóricas geradas com a propagação dos estudos de casos, quando bem especificado o sentido dado ao termo gênero, na grande maioria das vezes empregado de forma geral e vaga para designar simplesmente o fato de existirem homens e mulheres. O que lhe confere apenas um sentido descritivo, neutro e consensual (Pantel 1993: 595-6).

Em 1993, foi publicado *Feminist theory and the classics* (Rabinowitz e Richlin 1993), contemplando aspectos mais teóricos e apresentando severas críticas aos métodos de pesquisa ainda predominantes sobre o Mundo Antigo:

*The fact is that classics has, with few exceptions, been anti-theory in general and anti-feminist in particular. ... certain questions tend not to be asked, for example, questions about social class, gender, ethnicity, the relationship between author and audience, or outside influences on the author* (Rabinowitz 1993: 1 e 5).

Importantes reflexões teóricas são apresentadas e uma preocupação central permeia os textos, a busca pelos diversos femininos. Assim, há uma mudança de enfoque - da mulher para as mulheres - e o destaque para as diferenças existentes entre elas, marcadas pela percepção de *classes, races, ethnicities and sexualities* (Rabinowitz 1993: 11). Embora haja o realce para as relações de gênero como uma das categorias de análise, ainda não é perceptível uma clara articulação entre masculino e feminino nos estudos aí apresentados.

Nessa mesma linha, segue o Primeiro Congresso Internacional sobre Mulheres na Antigüidade (*Women in Antiquity*), realizado em Oxford, também em 1993.<sup>16</sup> Consistentes críticas teóricas são apresentadas aos métodos tradicionais de interpretação histórica e à utilização de outras fontes que não as literárias, e são indicadas como importantes para impulsionar estudos de diferentes temas sobre o universo feminino. Com exceção do artigo de Lin Foxhall, que parece mais próximo de uma discussão de gênero, os demais estão centralizados na esfera da mulher. Mesmo assim, as editoras do livro Hawley e Levick enfatizam como as discussões desenvolvidas em torno da temática feminina teriam levado a um amadurecimento das questões de gênero:

*The theme of the conference "Women in Antiquity" New Assessments had two sources: the changes that a theme naturally undergoes when it is treated over a number of years, and our own awareness that the emphasis of the seminar was also changing, and rightly, away from "women" towards "gender studies"* (Hawley e Levick 1995: xiii).

Ainda no campo das representações dos femininos, no ano de 1998, Sandra Joshel e Sheila Murnaghan editam o livro *Women & slaves in Greco-Roman culture*. Um aspecto inovador dessa obra é o número de reflexões em torno da condição de mulheres escravas, representadas sob variados ângulos em obras da literatura greco-romana. Em direção às discussões de gênero, dois artigos apresentam a questão em análises sobre a construção da identidade na oratória romana

(15) Publicação italiana de Duby e Perrot (Orgs.), *Storia delle Donne*, 1990. Logo após três anos saiu a tradução portuguesa *História das Mulheres no Ocidente*. A Antigüidade.

(16) Os textos apresentados foram publicados posteriormente por Hawley e Levick.

(Connolly 1998) e em símbolos de gênero e *status* na casa romana (Saller 1998).

Concepções do feminino e relações de gênero, nos estudos da Antigüidade, são questões que ainda caminham muito próximas e esse aspecto também pode ser observado aqui no Brasil. Apresento dois exemplos sobre isso: o primeiro deles é o dossiê Gênero e História, apresentado na revista *História: questões e debates*, no qual se verifica um predomínio das discussões na questão da representação do feminino ou do masculino, mas com pouca articulação entre eles, o que seria peculiar da análise de gênero. O mesmo acontece no volume *Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino* organizado por Funari, Feitosa e Silva (2003). O nosso objetivo inicial era o de publicar um livro no qual se vislumbrassem articulações entre os femininos e os masculinos em diversas sociedades da Antigüidade, por meio das discussões de gênero, mas o número de textos apresentados com destaque para as representações do feminino fez com que o título do livro fosse adequado para contemplar, também, esse enfoque.

Assim, a observação feita por Pantel, anos atrás, sobre a importância de se especificar a função de gênero no conjunto das relações sociais e as contribuições de seu estudo para o conhecimento histórico, ainda é um grande desafio para os historiadores interessados nesse tipo de análise. Entretanto, ainda que muito ligado ao exame do feminino, são perceptíveis, tanto no Brasil como no exterior, avanços nas caracterizações de feminino e de masculino na Antigüidade, sob o ângulo de gênero e em acordo com as posições sociais ocupadas por cada um.

### Agradecimentos

Agradeço as contribuições de Pedro Paulo A. Funari, André L. Chevitarese, Maria Isabel D'A. Fleming, João Batista P. Toledo, Norma Musco Mendes, Renata S. Garraffoni e Fábio Favarsani. Também sou grata à FAPESP pelo apoio financeiro que viabilizou essa pesquisa. A responsabilidade pelas idéias apresentadas recai apenas sobre mim.

FEITOSA, L.M.G.C. History, gender, love and sexuality: methodological views. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 101-115, 2003.

**ABSTRACT:** This paper uses a gender approach to study ancient Roman history and discusses theoretical issues on writing and historical knowledge. Taking into account gender and love relations, the paper tries to define what is feminine and masculine. To do that, studies on the recent historiography relating to the Roman world are carried out, particularly studies on women.

**UNITERMS:** History theory – Gender studies – Love – Sexuality.

### Referências bibliográficas

#### 1. Documentação Antiga

**CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM**, V.IV:

DELLACORTE, M.

1952, 1955, *Inscriptiones Pompeianae parietariae*  
1963, 1970 *et vasorum fictilium*, supp. pars III. fasc.  
1-4. Berlin: Akademie Verlag.

MAU, A., ZANGEMEISTER, C.

1909 *Inscriptionum parietarum pompeianarum*,  
supp. pars II. Berlin: Akademie Verlag.

ZANGEMEISTER, C., SCHOENE, R.

1871 *Inscriptiones parietariae Pompeianae, Herculanae, Stabianae*. Berlin: Akademie der Wissenschaften.

ZANGEMEISTER, C.

1898 *Tabulae ceratae Pompeis repertae*, supp.  
pars I. Berlin: Akademie Verlag.

SUETÔNIO, C. T.

1998 *De vita duodecim Caesarum libri VIII*.  
Milano: BUR (Edição bilingüe: latim e italiano).

## 2. Dicionários

CARY, M. *ET ALII*.

1953 *The Oxford classical dictionary*. 3ª ed. Oxford: Clarendon Press.

ERNOU, A.

1967 *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris: Livraria C. Klicksieck.

## 3. Textos Contemporâneos

BARTHES, R.

1988 *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense.

BERNSTEIN, F.S.

1987 *The public role of Pompeian women*. Michigan: Ann Arbor.

BESSA, K. A.M. (ORG.)

1998 *Trajetórias do gênero, masculinidades... Cadernos Pagu, 11*.

BOATWRIGHT, M.T.

1991 *Pancia Magna of Perge: women's roles and status in Roman Asia Minor*. S. Pomeroy (Ed.) *Women's history and ancient history*. London, The University of North Carolina Press: 249-272.

CAMERON, A.; KUHRT, A. (EDS.)

1983 *Images of women in antiquity*. Detroit: Wayne State University Press.

CANTARELLA, E.

1999a *Qualque considerazione sul lavoro femminile a Pompei*. *Saitabi*, 49: 259-272.

1999b *Pompei*. I volti dell'amore. Milano: Mondadori.

CAPLAN, P. (ED.)

1996 *The Cultural construction of sexuality*. 7ª ed. London: Routledge.

CASTORIADES, C.

1982 *A instituição imaginária da sociedade*. 2ª ed. Tradução de Guy Rynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CHARTIER, R.

1990 *A história cultural: entre prática e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel.

1994 *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. *Estudos históricos*, 7 (13): 97-113.

COHEN, D.

s/d. *The Augustan law on adultery: the social and cultural context*. D.I. Kertzer; R.P. Saller (Eds.) *The family in Italy*. New Haven/London, Yale University Press: 109-126.

CONNOLLY, J.

1998 *Mastering corruption: constructions of identity in Roman oratory*. S.R. Joshel; S. Murnaghan (Eds.) *Women & slaves in Greco-Roman culture*. London, Routledge: 130-151.

COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (ORGS.)

1992 *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

D'AVINO, M.

1964 *La donna a Pompei*. Napoli: Loffredo.

DE CERTEAU, M.

1999 *A invenção do cotidiano*. 1: Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4ª ed. Petrópolis: Vozes.

DE FRANCISCIS, A.

s/d. *Pompei, civiltà e arte*. Museo Archeologico di Napoli. Oplontis, Ercolano, Stabiae. Napoli: Interdipress.

DELLACORTE, M.

1954 *Case ed abitanti di Pompei*. Roma: L'Erma.

DIMOPOULOU, A.

1999 *Medica, obstetrix, nutrix: les femmes dans les métiers médicaux et paramédicaux dans l'Antiquité grecque et romaine*. *Saitabi*, 49: 273-287.

DUBY, G., PERROT, M. (DIR.)

1993 *História das mulheres no Ocidente*. A Antigüidade. Tradução de M.H.C. Coelho et alii. v. 1. Porto: Afrontamento.

ÉTIENNE, R.

1971 *La vida cotidiana en Pompeya*. Tradución de Jose A. Miguel. Madrid: Aguilar.

EWALD, F.

1993 *Foucault a norma e o direito*. Tradução de Antônio F. Cascais. Lisboa: Veja.

FEITOSA, L.M.G.C.

2000 *Teoria da História e a questão de gênero na Antigüidade Clássica*. M. Rago; R.A.O. Gimenes (Orgs.) *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas, Ed. Unicamp: 235-252.

FOUCAULT, M.

1984 *Dits et écrits*. Paris: Gallimard.

FOWLER, D.

2000 *Roman constructions*. Readings in Post-Modern Latin. New York: Oxford.

FRANCO, H.G.

2000 *Participación de la mujer hispanorromana en la producción y comercio del aceite Bético*. *Actas del Congreso Internacional ex Baetica Amphorae: Conservas, aceite y vino de la Bética en el Império Romano*, 4: 1269-1278.

FUNARI, P.P.A.; SILVA, G.J.; FEITOSA, L.C.

2003 *Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Ed. Unicamp.

FUNARI, P. P.A.

1995 *Romanas por elas mesmas*. *Cadernos Pagu*, 5: 179-200.

FUNARI, P.P.A.; HALL, M.; JONES, S. (ORGS.)

1999 *Historical Archaeology*. Back from the edge. London/New York: Routledge.

GRIMAL, P.

1991 *O amor em Roma*. Tradução de Hildegard F. Feist. São Paulo: Martins Fontes.

HALLETT, J.P., SKINNER, M.B. (EDS.)

1997 *Roman sexualities*. New Jersey: Princeton.

HARLAN, D.A.

2000 *História intelectual e o retorno da literatura*.

- M. Rago; R.A.O. Gimenes (Orgs.) *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas, Unicamp: 15-62.
- HAWLEY, R.; LEVICK, B.  
1995 *Women in antiquity*. London: Routledge.
- HEILBORN, M.L.  
1992 *Fazendo gênero? A Antropologia da mulher no Brasil*. A.O. Costa; C. Bruschini (Orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas: 93-126.
- HEMELRIJK, E.A.  
1999 *Matrona docta*. Educated women in the Roman from Cornelia to Julia Domna. London/ New York: Routledge.
- HUSKINSON, J.  
2000 Looking for culture, identity and power. J. Huskinson *Experiencing Rome*. Culture, identity and power in the Roman Empire. Oxford, Routledge: 3-27.
- JONES, S.  
1997 *The Archaeology of ethnicity*. Constructing identities in the past and present. Londres: Routledge.
- JOYCE, P.  
1995 The end of social history? *Social history*, 20 (1): 73-91, Jan.
- KAMPEN, N.  
1981 *Image and status: Roman working women in Ostia*. Berlin: Mann.
- LAURENCE, R.  
1994 *Roman Pompeii*. Space and society. London: Routledge.
- LE GALL, J.  
1970 *Metiers des femmes ou Corpus Inscriptionum*. *REL*, 47 bis: 123-130.
- LÓPEZ, C.M.  
1994 *Las mujeres en el mundo antiguo*. Una nueva perspectiva para reinterpretar las sociedades antiguas. M.J.R. Mampaso *et alli* (Eds.) *Roles sexuales*. La mujer en la historia y la cultura. Madrid, Clásica: 35-54.
- MACHADO, L.Z.  
1992a Introdução. A.O. Costa; C. Bruschini (Orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo, Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas: 9-14.  
1992b *Feminismo, academia e interdisciplinaridade*. A.O. Costa; C. Bruschini (Orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo, Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas: 24-38.
- MONTSERRAT, D.  
2000 Reading gender in the Roman World. J. Huskinson (Ed.) *Experiencing Rome*. Culture, identity and power in the Roman Empire. Oxford, Routledge: 153-182.
- MORRETA, S.  
1999 *Donne imprenditrici nella produzione e nel commercio dell'olio Betico (I-III séc. d.C.)* *Saitabi*, 49: 229-245.
- MOSSÉ, C.  
1999 *Le travail des femmes dans l'Athènes de l'époque classique*. *Saitabi*, 49: 223-227.
- NICOLET, C.  
1992 *O cidadão e o político*. A. Giardina (Dir.) *O homem romano*. Tradução de Maria J. V. Figueiredo. Lisboa, Presença: 19-48.
- PANTEL, P.S.  
1993 *A história das mulheres na história da Antigüidade, hoje*. G. Duby; M. Perrot (Dir.) *História das mulheres no Ocidente*. A Antigüidade. Tradução de M.H.C. Coelho *et alii*, v. 1. Porto, Afrontamento: 591-603.
- PEDRO, J.M.; GROSSI, M.P. (Orgs.)  
1998 *Masculino, feminino, plural*. Gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Das Mulheres.
- PERROT, M.  
1989 *Práticas da Memória Feminina*. Tradução de Cláudio H. de M. Batalha e Miriam P. Grossi. *Revista Brasileira de História*, 9, (18): 9-18, ago./set.
- POMEROY, S.B.  
1978 *Donne in Atene e Roma*. Traduzione di Laura Comoglio. Torino: Einaudi.
- RABINOWITZ, N.S.  
1993 *Introdução*. N.S. Rabinowitz; A. Richlin (Eds.) *Feminist theory and the classics*. New York, Routledge: 1-20.
- RABINOWITZ, N.S.; RICHLIN, A. (Eds.)  
1993 *Feminist theory and the classics*. New York: Routledge.
- RAGO, M.  
1998 *Epistemologia feminista, gênero e história*. J. Pedro e P. Grossi (Orgs.) *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. das Mulheres.
- RAGO, M.; GIMENES, R.A.O. (Orgs.)  
2000 *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas: Unicamp.
- RAWSON, B.  
1995 *From 'daily' life to 'demography'*. R. Hawley; B. Levick *Women in Antiquity*. London, Routledge: 1-20.
- SAFFIOTI, H.J.B.  
1992 *Rearticulando gênero e classe social*. A.O. Costa; C. Bruschini (Orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo, Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas: 183-215.
- SALLER, R. P.  
1998 *Symbols of gender and status hierarchies in the Roman household*. S.R. Joshel; S. Murnaghan (Eds.) *Women and slaves in Greco-Roman culture*. London/New York, Routledge: 85-91.
- SAVUNEN, L.  
1995 *Women and elections in Pompeii*. R. Hawley; B. Levick (Orgs.) *Women in Antiquity*. London, Routledge: 194-206.

- SCHMITT, J.C.  
1990 A História dos marginais. J. Le Goff (Org.) *A História Nova*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes: 261-284.
- SCOTT, J.  
1988 *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press.  
1995 Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade: gênero e educação*, 20(2): 71-99.  
1994 Prefácio a *Gender and Politics of History*. Tradução de Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, 3: 11-27.
- SENA, J.  
1992 *Amor e outros verbetes*. Rio de Janeiro: Edições 70.
- SKINNER, M.  
1997 Introduction. J.P. Hallett; M.B. Skinner (Eds.) *Roman sexualities*. New Jersey: Princeton: 1-14.
- TANZER, H.H.  
1939 *The common people of Pompeii*. A study of the graffiti. Baltimore: The Johns Hopkins Press.
- THOMAS, Y.  
1990 A divisão dos sexos no direito romano. P. Pantel (Dir.) *História das Mulheres*. A Antigüidade. Porto, Afrontamento: 127-202.
- THOMPSON, E.P.  
1981 *A miséria da teoria*, ou um planetário de erros. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar.
- TILLY, L.A.  
1990 Genre, histoire des femmes et histoire sociale. *Génesis*, 2: 48-166.
- TREGGIARI, S.  
s/d. Ideals and practicalities in matchmaking in Ancient Rome. D.I. Kertzer; R.P. Saller (Eds.) *The family in Italy*. New Haven/London, Yale University Press: 91-108.  
1975 Jobs in the Household of Livia. *PBSR*, 43(30): 48-77.  
1976 Jobs for women. *AJAH*, 1: 76-104.
- VEYNE, P.  
1982 *Como se escreve a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria A. Kneipp. Brasília: UnB.
- WALLACE-HADRILL, A.  
1994 *Houses and society in Pompeii and Herculaneum*. Princeton: Princeton University Press.
- WHITE, H.  
1994 *Trópicos do discurso*. Tradução de Alípio C.F. Neto. São Paulo: Edusp.
- WILL, E.L.  
1979 Women in Pompeii. *Archaeology*, 32 (5): 34-43.

Recebido para publicação em 10 de janeiro de 2003.





# NATUREZA E FUNÇÃO DAS ESTRUTURAS ROMANAS ESCAVADAS NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE APOLLONIA, ISRAEL \* \*\* \*\*\*

Raquel Rech \*\*\*\*

RECH, R. Natureza e função das estruturas romanas escavadas no sítio arqueológico de Apollonia, Israel. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 117-129, 2003.

RESUMO: Este trabalho apresenta o núcleo de nossa pesquisa de mestrado onde procuramos fazer um ensaio de interpretação sobre a forma e a função das estruturas romanas de Apollonia escavadas em conjunto entre as equipes israelense e brasileira do PROJETO APOLLONIA.

UNITERMOS: Apollonia – Arqueologia Clássica – Império Romano – Projeto Apollonia – Província Palestina – Arquitetura – *horreum* – *macellum* – *villa maritima*.

## Introdução

Visando identificar a natureza e função do edifício romano parcialmente escavado durante a primeira missão brasileira do *Projeto Apollonia*,<sup>1</sup> nos propomos nesta pesquisa a lançar bases para se estabelecer uma relação entre esta estrutura arquitetônica e a constituição e organização disciplinar do espaço urbano de Apollonia durante o período de ocupação romana na Província Palestina.<sup>2</sup>

Para tanto, efetuamos uma análise comparativa

dos vestígios da estrutura em questão com edifícios de contextos comerciais e residenciais de outros sítios de ocupação romana na orla mediterrânea, tais como Óstia, Cesaréia Marítima, Thibilis e Pompéia.

Primeiramente, optamos pela estratégia de comparação entre as estruturas escavadas em Apollonia durante a missão AP XII 98 “A” com as de outros edifícios de contexto comercial de sítios romanos. Esta estratégia foi tomada devido ao fato de este edifício indicar, em uma primeira análise, um contexto de uso comercial, podendo ter sido um

(\*) Pesquisa vinculada ao PROJETO APOLLONIA, projeto de pesquisa arqueológica internacional entre Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Universidade de São Paulo – Tel Aviv University.

(\*\*) Artigo derivado da Dissertação de Mestrado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS – Área de Concentração em Arqueologia, em janeiro de 1999. Pesquisa financiada pelo CNPq.

(\*\*\*) Adaptação do trabalho intitulado “Apollonia: Natureza e Função das Estruturas Romanas Escavadas em 1998”, apresentado no *VIII Simpósio de História Antiga*:

*Apollonia - Arqueologia da Cidade Antiga*, UFRGS, Porto Alegre - RS, em maio de 1999, e publicado nos Anais Digitais do VIII SHA ([www.ufrgs.br/antiga/apol](http://www.ufrgs.br/antiga/apol)).

(\*\*\*\*) Doutora em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia – USP.

(1) A missão AP XII 98 “A”, ocorrida entre 12 a 31 de julho de 1998, coordenada pela UFRGS e TAU, contando com integrantes destas Universidades e da USP, PUCRS, UNICAMP e UFRJ, financiada parcialmente pela FAPERGS.  
(2) Tema de nossa pesquisa de Mestrado (Rech 1999).

*horreum* (entrepasto, armazém portuário) ou um *macellum* (mercado).

Posteriormente, através do acréscimo de informações obtidos pela missão AP XII 98 “B”<sup>3</sup>, que desvelou quase a totalidade da estrutura em questão,<sup>4</sup> novos elementos arquitetônicos encontrados levantaram a possibilidade de este edifício poder ter sido também uma *villa maritima* romana.

Dessa maneira, optamos por complementar a estratégia investigativa de comparação também sob a ótica de um contexto residencial.

Para embasarmos as hipóteses acima mencionadas procuramos traçar um paralelo comparativo entre diferentes tipos de edifícios indicativos de contextos comercial e residencial no mundo romano – *horreum*, *macellum* e *villa* – com a constituição arquitetônica da estrutura escavada em Apollonia, considerando seus elementos arquitetônicos constitutivos, os artefatos encontrados em seu interior e seu entorno espacial, próximo ao mar.

O edifício escavado está situado próximo ao principal acesso ao porto marítimo utilizado em Apollonia desde a Antiguidade. Em termos de planejamento urbano romano, esta localização é bastante propícia para o estabelecimento de entrepostos comerciais, embora eventualmente se estabeleçam também mercados próximos aos portos e, até mesmo, residências com vista para o mar, como as *villae maritimae*.

### Comparação analítica com edifícios de contexto comercial

A dúvida entre tentar identificar edifícios que indicam contexto comercial como um *horreum* ou um *macellum* surge, certas vezes, em escavações em sítios clássicos. Isso se dá quando as estruturas apresentam-se bastante danificadas e pelo fato de estes dois tipos de edifícios trazerem consigo características em comum, tais como pátio central, nichos, estatuetas, moedas e recipientes cerâmicos de armazenamento.

(3) Realizada nos meses de novembro e dezembro de 1998, somente pela equipe israelense (TAU) do Projeto.

(4) O desvelamento total do edifício ocorreu na missão da equipe brasileiro-israelense AP XIII 99 “A”, em agosto de 1999.

A hipótese inicial, formulada pelo diretor das escavações em Apollonia, Prof. Israel Roll, com dados de escavações parciais anteriores a AP XII 98 “A”<sup>5</sup> considerava a possibilidade de o edifício romano de Apollonia ter sido um armazém portuário, um *horreum*. Esta hipótese era a mais aceita, tendo em vista as salas e recipientes cerâmicos de armazenamento encontradas nas escavações parciais realizadas até então.

Relacionamos a essa hipótese três elementos significativos:

- 1) o fato de os artefatos arqueológicos encontrados no interior desta estrutura indicarem uma funcionalidade comercial de armazenamento<sup>6</sup> e/ou mercancia;<sup>7</sup>
- 2) o fato de os seus elementos arquitetônicos constitutivos<sup>8</sup> serem característicos destes tipos de construções;
- 3) o fato de seu entorno geográfico, próximo ao principal acesso para a área portuária da cidade na Antiguidade, apontar uma localização estratégica deste edifício intermediando o recebimento/ escoamento de mercadorias entre o porto e a cidade.

Considerando novos artefatos arqueológicos romanos e bizantinos encontrados junto a esse edifício durante a missão AP XII 98 “A”, tais como pratos, panelas, lamparinas, recipientes de vidro e moedas, acrescentamos a hipótese de esta estrutura ter tido sua função de *horreum* alterada para a de um *macellum* (outro edifício de contexto comercial do repertório arquitetônico romano) ainda no período romano e provavelmente durante o período bizantino no sítio.

Ambas hipóteses são corroboradas pela análise comparativa do edifício de Apollonia com outros *horrea* e *macella* bem conservados em sítios arqueológicos distintos, mas também referentes ao mundo romano. De fato, evidências de uma

(5) Durante as Missões de 1980-81 e 1990-92.

(6) Ânforas e jarros de armazenamento encontrados *in situ*, junto ao pavimento deste edifício.

(7) Pratos e panelas com marcas de cocção.

(8) Dois nichos encontrados: salas com circulação (portas) entre si e um tambor de coluna que foi encontrado indicando a possibilidade de haver uma estrutura com colunatas, muito comum no interior destes tipos de edifícios comerciais.

segunda fase de utilização do edifício de Apollonia são visíveis pela reordenação espacial de certas salas através da adição de algumas paredes internas e do bloqueio de algumas portas originais entre as salas. Isso corrobora a interpretação de que este edifício tivesse realmente formas e funções distintas em períodos diferentes de ocupação, o que valida o percurso investigativo tomado nesta pesquisa

A fim de realizar uma investigação correta da estrutura em questão, optamos por seguir o modelo de comparação de exemplos pontuais de províncias romanas proposto por Rickman:

“A correta identificação de edifícios de propósitos incertos como *horrea* depende de uma comparação com edifícios que são conhecidos por terem sido *horrea*. Para que tal comparação seja possível e efetiva, devemos ter descrições detalhadas dos edifícios que servirão de paradigmas” (Rickman 1977:15).

Utilizamos também da questão abordada por De Ruyt (1983) sobre o problema de interpretação que ocorre em arqueologia entre definir um edifício como sendo um *macellum* ou um *horreum*:

“Notamos, por exemplo, que o edifício de Óstia impropriamente chamado “*Piccolo Mercato*” não é outro que um *horreum*, aliás de grandes dimensões, situado ao longo do rio, próximo de outros armazéns análogos” (De Ruyt 1983:333).<sup>9</sup>

“As galerias subterrâneas de Narbonne formavam um conjunto complexo de entrepostos de peças múltiplas e não eram nem um criptopórtico, nem as substruções de um suposto *macellum*, como se acreditava.” (De Ruyt 1983:333).<sup>10</sup>

Dois fortes indícios apontam para a hipótese de o edifício de Apollonia ter sido um *horreum* e, em uma segunda fase de utilização, um *macellum*: analisando o entorno do edifício verificamos que o mesmo parece estar localizado junto à principal via de ligação do porto à cidade:

“Ao período romano pertence um complexo arquitetônico com salas de armazenamento subterrâneas referentes aos séculos II e III d.C., descobertas na área E, próxima à principal descida ao porto.” (Roll 1992:299).

Também a enorme quantidade de ânforas e grandes jarros cerâmicos de armazenamento encontrados no local corroboram para uma interpretação de um contexto comercial para esse edifício.

### *Horreum*

*Horreum* compreende a palavra latina para designar um edifício público ou privado de armazenamento de produtos alimentícios, o qual fazia parte da vida quotidiana do mundo romano.

A palavra *horreum* aparece frequentemente associada a áreas onde houve uma concentração de armazéns em tempos romanos. A palavra também era utilizada pelos romanos para designar lugares específicos, fortes, ou cidades (entrepostos comerciais), com propósitos militares e de centros exportadores posicionadas junto a importantes rotas costeiras do Império (Rickman 1971:316-322). Utilizamos nesta pesquisa a palavra *horreum*, cujo plural é *horrea*, no sentido específico de edifício de armazenamento de produtos alimentícios.

Segundo Rickman, o *horreum* propriamente dito aparece pela primeira vez no final do séc. II a.C. Seu plano básico inclui fileiras de salas estreitas e compridas dispostas principalmente em duas maneiras, definindo dois tipos de *horrea*:

- a) tipo de corredor - com as salas flanqueando o corredor de entrada;
- b) tipo quadrangular - com pátio central. De acordo com este mesmo autor, este último pode ter derivado de uma tradição de construção prevalecente no antigo Oriente Próximo, uma influência helenística advinda do contato com o Oriente (Rickman 1971:148-151).

Os *horrea* serviam aos propósitos de armazenamento em geral. Apresentavam geralmente um grande pátio aberto em seu interior. Existiam diversos tipos desses edifícios, de pequeno, médio e grande porte, distribuídos sobre os planos das cidades. Seu estudo fornece subsídios para compreender seu significado na economia e administração das cidades.

Em geral, os *horrea* deveriam ser bem

(9) Rickman (1971:23) contesta a idéia de mercado pressuposto no nome atribuído ao edifício, idéia sustentada por Boëthius (1960:134).

(10) Grenier (1958:308-309) identifica estes subterrâneos como *horrea* com um *macellum* sobreposto; Rickman os interpreta como criptopórticos (1971:144-147).

localizados para servir aos seus propósitos particulares de armazenamento, de acesso fácil, com espaço adequado para carregamento e descarregamento, e completamente seguros de parasitas e focos incendiários.

Devemos considerar que os vestígios materiais da maioria dos *horrea* do mundo romano de que temos notícia pertencem ao período imperial (Rickman 1971:163-193). Este dado serve de base para nossa comparação com a estrutura encontrada em Apollonia, visto que a implantação romana nesta cidade se configurou no período imperial.

Um constante problema para Roma, e para os exércitos romanos, era a própria organização do suprimento de comida. Um armazenamento adequado seria uma das soluções para este problema. Como a comida mais importante no mundo antigo era o trigo, além de outros grãos, edifícios para o armazenamento de grãos – *horrea* – conheceram uma grande demanda em todos os assentamentos do Império.

Os *horrea* civís, construídos pelo Estado e por grandes famílias romanas, não serviam apenas para comércio de importação e exportação através do porto, mas também estavam disponíveis para serem alugados para armazenamento do suprimento dos bens e da comida local dos residentes das cidades. Os imperadores se preocupavam com a organização do armazenamento de grãos e seu preço; para tanto exerciam uma crescente interferência exemplificada no grande número de ordens detalhadas a esse respeito, preservadas no *Codex Theodosianus*.

Os *horrea* eram posicionados próximos aos portões da cidade, particularmente aqueles que eram conectados com alguma forma de transporte de via aquática:

“o carregamento de mercadorias volumosas era sempre maçante e dispendioso no mundo antigo e os romanos usavam o transporte via aquática sempre que podiam” (Rickman 1971:3).

Para fins de comparação, é importante salientarmos que a maior concentração de *horrea* imperiais conhecida até o presente está em Óstia, porto comercial próximo à Roma. Em Óstia existem alguns *horrea* com pátio central cuja constituição arquitetônica podemos relacionar com o edifício escavado em Apollonia. O *Horrea Epagathiana et Epaphroditiana*, por exemplo, apresenta um desenho arquitetônico muito seme-

lhante ao do edifício de Apollonia, escavado em sua quase totalidade na missão AP XII 98 “B” (Fig. 4), apresentando um pátio central peristilado rodeado por salas e um corredor de entrada principal.

Quanto à sua localização no plano das cidades, os *horrea* situavam-se a certa distância da área portuária. Em Óstia, por exemplo, estavam distribuídos por toda a cidade, não necessariamente próximos ao Tíbre. Devido ao fato de uma cidade poder abrigar diversos *horrea*, não podemos traçar com exatidão a inserção urbanística de um *horreum* no restante do traçado de uma cidade romana:

“Certamente os entrepostos eram freqüentemente posicionados próximos ao rio ou ao mar com suas entradas convenientemente situadas nesta direção para lidar com as mercadorias” (Rickman 1971:8).

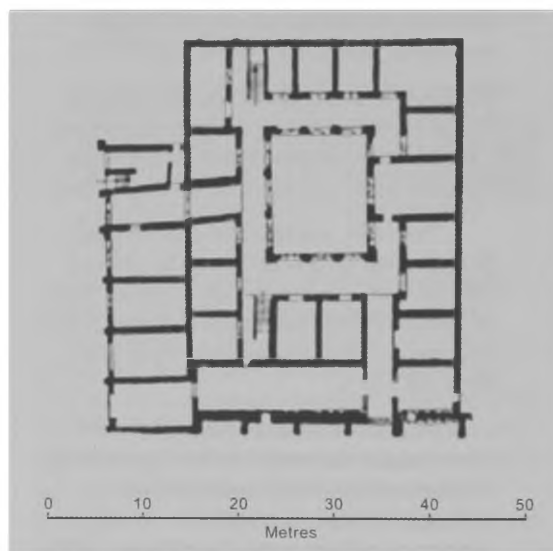


Figura 1 – *Horrea Epagathiana et Epaphroditiana*, em Óstia.

Tendo por base estas constatações, não seria possível tentarmos traçar o planejamento urbano da Apollonia romana a partir da localização do edifício escavado no sítio – provável *horreum* – embora este esteja situado próximo à área portuária. Em Cesaréia Marítima, por exemplo, onde se concentrava o maior volume de transações comerciais do Mediterrâneo Oriental, devido ao fato de se tratar da capital da Província Palestina, além dos *horrea* de corredor e de pátio quadrangular, foram encontra-

das também estruturas de *horrea* pertencentes ao tipo abobadado (fileiras de salas subterrâneas paralelas com teto abobadado) e ao tipo composto (com corredor e salas subterrâneas).<sup>11</sup>

Assim como ocorreu no sítio de Apollonia, Cesaréia Marítima também apresenta um edifício cujas escavações arqueológicas, conduzidas pela *Joint Expedition to Caesarea Maritima* (Blakely 1987), evidenciaram duas fases de ocupação distintas: primeiramente serviu como um *horreum*, durante o governo de Herodes, o Grande; após um curto período de funcionamento, em meados do séc. I, sua função fora substituída pela segunda fase de ocupação, como um *Mithraeum*, templo dedicado ao deus Mithra.

Muitos *horrea* possuíam salas específicas para o enterramento parcial dos *dolia* (enterravam-se estes jarros até mais da metade de sua altura para evitar sua fratura e tornar mais cômoda a extração de seu conteúdo - grãos ou líquidos). Outros edifícios apresentam granéis subterrâneos suportando um piso de mosaico no pavimento superior (o teto do granel), este possuía presumivelmente uma abertura para o granel subterrâneo no meio da sala.

Os *horrea* possuíam salas distintas das destinadas ao armazenamento de produtos, contendo solo de mosaico, arquitetura mais elaborada e, às vezes, paredes com bancos de pedras e nichos que poderiam conter armários para arquivar documentos ou estatuetas de divindades protetoras do edifício. O teto dos *horrea* podia ser abobadado, construído com vigas e telhas, ou plano, construído com vigas e argamassa.<sup>12</sup>

Especulamos que este último parece ter correspondido ao teto do edifício de Apollonia, pois nenhum vestígio de telhado foi encontrado nas escavações.

Existe também todo um caráter religioso verificado na arquitetura dos *horrea*. Segundo Rickman (1971:312), os *horrea* estavam particularmente expostos a três grandes perigos – fogo, roubo e pestes – e dedicações religiosas eram praticadas nesses edifícios com o intuito de manter as mercadorias livres de qualquer dano. Os dois nichos contidos no edifício de Apollonia são indicativos de conterem estatuetas religiosas

destinadas a esse fim. A mais comum dedicação feita nos *horrea* era ao *genius* do edifício. Ainda de acordo com Rickman, *genius* é uma palavra difícil de definir, devido ao fato de seu significado preciso variar de contexto para contexto:

“Onde o *genius* fosse usado, seja este edifício um teatro, um mercado ou um entreposto, o *genius* significava o *deus in cuius tutela hic locus est*. Às vezes o *genius* era associado com os *lares* (...). Mais freqüentemente, entretanto, as dedicações eram simples e sem qualificação ao *genius* de um *horrea* em particular” (Rickman 1971:312).

Rickman sugere, também, que pequenos santuários e altares estivessem presentes em todos *horrea* do mundo romano:

“Parece claro que pequenos templos e altares poderiam ser encontrados em todos os entrepostos. Existem evidências claras para isso no *Horrea Agrippiana* em Roma. E parece igualmente certo que a maioria dos *horrea* de Óstia tinha, senão um templo, ao menos um nicho no qual deveria haver uma estátua dedicatória.” (Rickman 1971:313).

Provavelmente estes nichos continham estatuetas dos deuses protetores dos próprios edifícios:

“Havia outros deuses tutelares que eram evocados para a proteção dos *horrea* em associação com o *genius* do edifício independentemente” (Rickman 1971:313).

Hércules, deus particularmente associado com o comércio e com os mercadores, era a divindade tutelar mais freqüentemente evocada nos *horrea*, além do *genius* do edifício. Um elemento muito importante para corroborar nossa hipótese de um contexto comercial para o edifício escavado em Apollonia é um fragmento de uma clava de Hércules, feita de mármore, encontrada numa sala localizada imediatamente ao lado direito do corredor central Leste-Oeste do edifício, constituída por dois nichos, que provavelmente abrigava uma estátua monumental deste deus.

### *Macellum*

A palavra latina *macellum* designa exclusivamente um edifício público, privado ou militar, o qual

(11) Quanto a uma melhor definição sobre a tipologia dos *horrea* ver J. Patrich (1996).

(12) Ver o site <http://research.haifa.ac.il/~archlgy/patrichj/warehouse/warehouse.html>

tinha a função de abrigar um mercado especializado na venda de produtos alimentares (De Ruyt 1983:11, 226 e 333). Uma segunda fase de ocupação do edifício escavado em Apollonia é percebida pelo fato de que algumas portas terem sido bloqueadas, formando novas salas – essa reorganização espacial é um indício de alteração na forma e função do edifício. É nesse momento que o edifício, possivelmente, teve sua função alterada de um *horreum* para um *macellum*.

Foram encontrados, nas camadas estratigráficas durante a missão AP XII 98 “A”, fragmentos de jarros e ânforas para o armazenamento de alimentos, pratos e panelas de cerâmica, crateras de basalto e mármore, tigelas de mármore, moendas de basalto, itens de marfim, prumo de chumbo, pesos de tear de pedra, agulhas de osso e 35 moedas de bronze. Esses vestígios configuram um contexto de mercancia, por isso sugerimos a relação deste edifício com um *macellum*.

Segundo Claire De Ruyt, várias conclusões podem ser tiradas do exame do contexto histórico e arquitetônico que determina a aparição dos *macella* nas cidades romanas:

“Os cerca de 79 *macella* conhecidos estão dispersos por quase todas as regiões do Império. Pode-se dizer (...), que não há limites geográficos para a adoção deste edifício no interior do Império. Desde a República, ele aparece nas diferentes regiões da Itália e, no Império, encontra-se nas cidades do Oriente, tanto quanto na África do Norte e nas províncias ocidentais.” (De Ruyt 1983:268)

Ao contrário dos *horrea*, que estão espalhados aleatoriamente no plano das cidades, os *macella* são mais facilmente situados no urbanismo romano:

“Edifício de interesse público (...), o *macellum* deveria ser implantado com o cuidado de responder às exigências que sua função impunha: um mercado deve logicamente ocupar uma posição central junto aos bairros a que serve e apresentar ao mesmo tempo um acesso fácil, tanto para os clientes quanto para os fornecedores. (...). Conforme o caso, o mercado era implantado ou perto do *forum*, ou próximo deste, ou ainda fora do centro administrativo.” (De Ruyt 1983:326)

A maioria dos *macella* apresenta um pátio central, em geral com um peristilo ou uma *tholos*

(estrutura circular com colunatas que abrigava uma fonte, uma estátua, ou até mesmo tendas de vendas) rodeada por salas. Em geral, tinham várias entradas, mas os mercados pequenos possuíam apenas uma. As salas dos *macella* – denominadas *meritoria* – eram disponíveis para serem alugadas. A maioria dos *macella* tinha entre 10 e 20 salas interiores, às vezes menos, mas raramente mais.

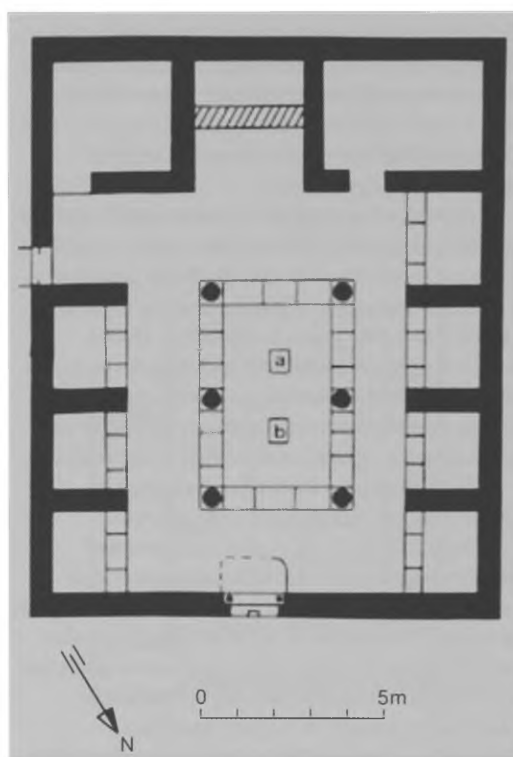


Figura 2 – Macellum de Thibilis, na Numídia.

Em Thibilis, na Província Numídia (Norte da África), por exemplo, existe um *macellum* com pátio central peristilado, cuja constituição arquitetônica é muito semelhante ao da estrutura escavada em Apollonia e, por isso, a análise comparativa entre ambos é bastante relevante no presente estudo.

Assim como nos *horrea*, um lugar mais importante era reservado ao culto na arquitetura e decoração dos *macella*: uma capela bem decorada ou um lugar central, dentro do pátio interior, acolhia a estátua de uma divindade protetora. A existência de lugares de culto e de altares dedicados aos deuses protetores nos *macella* deixam supor que

sacrifícios eram celebrados em certas ocasiões nestes edifícios.

Embora seja bastante difícil encontrar estátuas nos *macella*, De Ruyt (1983:324) salienta que nichos e bases são testemunhos de sua existência e apresenta um levantamento, realizado principalmente com base em documentos epigráficos, sobre os deuses mais cultuados nesses edifícios: Mercúrio, protetor dos mercadores e do comércio em geral, era o mais cultuado; Netuno, sua presença é justificada pela importância da venda do peixe marinho nos *macella*; Genio Macelli; Fortuna; Liber Pate; Serápis-Júpiter; Attis e Minerva; bem como estátuas do culto ao Imperador.

Todos esses elementos característicos dos *macella* corroboram nossa hipótese de que o edifício romano de Apollonia tivesse sido um *macellum*, ao menos em uma segunda fase de ocupação.

### Comparação analítica com edifícios de contexto residencial

#### *Villa Maritima*

A continuidade do trabalho de campo em Apollonia, com a realização da missão AP XII 98 “B”, trouxe à luz novos e significativos elementos. O edifício foi escavado em sua quase totalidade e foi encontrado um pátio central com peristilo, dando margem a uma nova hipótese: a possibilidade de tratar-se de uma *villa* com pátio central peristilado, mais especificamente uma *villa maritima* (tipo de residência litorânea luxuosa romana), levando-se em consideração seus elementos arquitetônicos constitutivos, os artefatos encontrados junto à mesma e a sua proximidade ao mar. Essa hipótese é considerada a mais plausível entre os pesquisadores e, por isso, necessita de uma investigação ainda mais aprofundada.

Embora algumas pesquisas já tenham sido feitas sobre as residências romanas na Palestina, percebemos a carência de estudos mais aprofundados sobre o assunto. Este fato nos encoraja a aprofundar o tema, a fim de se criar um quadro referencial para o estudo das *villae* romanas na Província Palestina, bem como suas inserções e adaptações no ambiente local.<sup>13</sup> Em levantamento bibliográfico,

constatamos a preocupação de diferentes autores pela demanda de novas pesquisas sobre os poucos estudos já realizados sobre essa questão que se refiram à Palestina:

“(…) O pequeno número de casas peristiladas atesta uma influência limitada da tradição arquitetônica helenístico-romana na Palestina, ao menos na construção privada.” (Hirschfeld 1995:86).

“(…) o número de casas romanas e *villae* escavadas e adequadamente publicadas é surpreendentemente pequeno, (…) Um estudo sério sobre os vestígios da superfície é desesperadamente necessário, juntamente com uma cuidadosa compilação e exame dos achados anteriores.” (McKay 1998:211-212).

Devido à lacuna de informações arqueológicas e bibliográficas sobre as *villae* no mundo romano para compararmos com o edifício de Apollonia, recorremos a alguns estudos realizados sobre as *villae* romanas dos quais podemos extrair uma terminologia completa desse tipo de construção, além de informações que possam servir de paralelos para o nosso estudo de caso de Apollonia. Nesse sentido, utilizamo-nos da tipologia de McKay (1998) sobre as *villae* romanas na Itália e províncias, e de Hirschfeld (1995) sobre as residências romanas na Palestina.

Segundo McKay, a definição romana de *villae* abarca uma diversidade de padrões e localizações, podendo ser rústica, suburbana, pseudo-urbana ou marítima. A *villa* nem sempre apresenta-se como uma grande propriedade de campo, podendo ser apenas uma casa sem extensão rural, conhecida também por *domus*.

Este autor aborda que já Varrão, em finais da República, lamentava a tendência de se dar mais importância à porção residencial do que à porção destinada à agricultura das *villae*. Também a *Pax Romana* propiciou que os donos de propriedades se encorajassem a transferir o conforto das habitações das cidades, e “a casa urbana com peristilo migrou com seus donos para o interior e para a área marítima.” (McKay 1998:116).

McKay (1998:116) aponta dois tipos básicos de *villae maritimae*, que emergem do repertório conhecido deste subtipo:

a) com peristilo;

b) com pórtico.

(13) Tema de nossa investigação de doutorado.



As residências acrescidas de um pátio recebiam uma variedade de denominações, incluindo “tipo pátio oriental”, ou “prédio com pátio aberto”

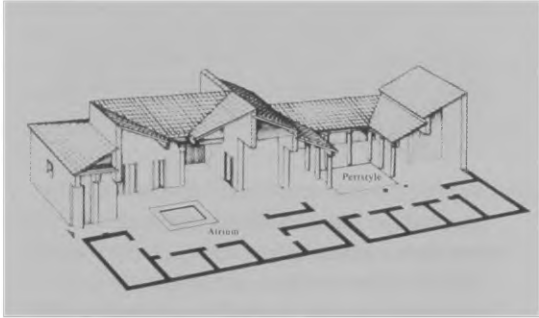


Figura 3 – Exemplo de villa com pátio central peristilado, Pompéia.

Interessa-nos verificar aqui os elementos encontrados no edifício de Apollonia com as características básicas das villae maritimae que apresentam um peristilo central

Em Pompéia, por exemplo, cidade romana cuja área residencial sobreviveu bastante preservada através dos tempos, podemos encontrar uma vasta diversidade de villae contendo pátio central peristilado. Este sítio conforma-se num ótimo referencial comparativo deste tipo de construção para relacionarmos com a estrutura escavada em Apollonia.

Ao pesquisar as casas peristiladas na Palestina, Hirschfeld (1995) salienta que estas são um dos exemplos mais característicos da tradição greco-romana nesta região.

Este estilo é originário das técnicas de construção etruscas da Itália, e em sua forma inicial era uma casa com uma abertura retangular no alto do teto. Esta abertura permitia entrar luz e ar para os residentes, além de recolher água numa cisterna em seu interior. Seu desenvolvimento foi uma aparente adaptação ao clima relativamente frio da Itália central e meridional. O atrium (derivado da palavra latina ater, que significa “escuro”) servia como a sala principal. Quartos adicionais eram construídos, eventualmente, ao redor do atrium. Gradualmente se acrescentaram elementos secundários como o tablinum, caenacula, jardins, etc., mas a forma definitiva das habitações romanas se adotou com as inovações precedentes da Grécia. Este tipo é

bastante conhecido pelas opulentas residências preservadas em Pompéia e arredores.<sup>14</sup>

A habitação corrente da época romana imperial<sup>15</sup> abarcava elementos da arquitetura greco-romana, repousando sobre o princípio da separação dos quartos de recepção e dos destinados à vida privada. A casa teria seu acesso pela parte romana, mediante uma entrada que conduzia diretamente ao atrium, em cujo redor se lançavam as alas e as habitações secundárias, como o tablinum; junto a este as fauces se comunicavam com a casa grega, destinada à vida familiar; seu centro era o peristilo, prolongado por um salão, o oecus, que comunicava-se com um jardim ou diretamente com a rua. Essas casas continham também, além de terraços e salas para armazenamento de suprimentos, os lararia, que abrigavam estatuetas dos seus deuses, protetores dos lares.

No século II a.C., uma mudança essencial ocorreu na arquitetura doméstica romana: a adição de um peristylum – um jardim interno cercado por colunas e salas.<sup>16</sup> Nos exemplares mais antigos deste tipo de residência, eram construídas quatro colunas ao redor do pátio interno (tetrastylum atrium). Mais tarde, o número de colunas foi aumentado até um pequeno peristilo ser formado (corinthium atrium).<sup>17</sup> Foi esta casa peristilada, desenvolvida na Grécia e Ásia Menor, que tornou-se o modelo para a clássica casa romana construída por ricos cidadãos por todo o Império.

Obviamente, estes elementos são encontrados na maioria das villae romanas, mas a forma, disposição e a ausência de alguns elementos é

(14) Encontramos também importantes trabalhos sobre a origem da casa romana em Böethius (1934), Lake (1937), Ward-Perkins (1977) e Robertson (1997).

(15) Que melhor conhecemos, já que as residências mais pobres e precárias deixaram menos vestígios arqueológicos. (16) As discussões básicas relacionadas à casa greco-romana são encontradas na obra de Daremberg e Saglio (1892), Graham (1966) e Grant (1971:111-138). Pesquisas sobre os aspectos sociais e estéticos da casa romana foram recentemente publicadas por Wallace-Hadrill (1988) e Clarke (1991). Encontramos também importantes informações sobre o desenvolvimento e difusão da casas romanas peristiladas no Império Romano nas obras de Ward-Perkins (1977) e de McKay (1988).

(17) *Tetrastylum atrium* e *corinthium atrium* são mencionados pelo arquiteto romano Vitruvius (*De Architectura* VI, III, 1-3) já no séc. I a.C.

também bastante recorrente. No caso da villa de Apollonia, por exemplo, o atrium inexistente.<sup>18</sup>

Procuramos, nesta parte, apenas ilustrar alguns elementos constitutivos de uma villa romana, a título de podermos verificá-los, ou não, na estrutura escavada em Apollonia.

### Estrutura arquitetônica romana de Apollonia

Nesta pesquisa procuramos levantar subsídios sobre a constituição e disciplinamento do espaço urbano de Apollonia através da análise da documentação arquitetônica do edifício de ocupação romana trazido paulatinamente à luz durante as missões de 1980-81; 1990-92; e 1998-99.<sup>19</sup>

Neste ensaio de interpretação sobre a forma e função do edifício escavado em Apollonia, traçamos um trajeto desde a problemática inicial de interpretação como um horreum, seguida da problemática posterior de interpretação como macellum, e avançando para o enquadramento deste edifício como tendo sido uma villa marítima romana – tipo de propriedade costeira tida como um paradigma de luxo.

As escavações da missão brasileira conjunta AP XII 98 “A”, ocorrida em julho de 1998, trouxeram à luz apenas uma parcialidade da estrutura escavada na área E ao sul do sítio: o limite Leste foi encontrado em sua totalidade, somando 15 m de extensão (esta parte está talhada na rocha de kurkar,<sup>20</sup> indicando um provável andar subterrâneo, ao menos nesta extremidade); os limites Norte e Sul foram apenas parcialmente encontrados e o limite Oeste do edifício não foi ainda encontrado nesta missão. Em vista disto, não foi possível verificarmos, na primeira missão brasileiro-israelense, uma configuração geral deste edifício, que pudesse identificar se tratava-se de um edifício com um pátio central, com ou sem tholos ou peristilo, ou com um corredor central.

(18) Encontramos um importante estudo sobre a questão da ausência do *atrium* nas residências helenístico-romanas da Terra de Israel devido a fatores climáticos num artigo de Fisher, Potcher & Jacob (1998).

(19) Com a contribuição das missões conjuntas da equipe brasileira ao sítio na missão AP XII 98 “A”, realizada em julho de 1998; e na missão AP XIII 99 “A”, realizada em agosto de 1999, completando o desvelamento total da *villa*.

(20) Duna de areia fossilizada.

As pedras de construção utilizadas no edifício eram obtidas da própria colina de kurkar, talhadas na área correspondente à extremidade Leste do edifício. Isso denota uma característica da técnica de construção romana que é a apropriação do próprio material construtivo junto ao entorno do sítio. As medidas dessas pedras correspondiam a dimensões regulares: o comprimento equivale ao dobro da largura, isto é, 61,2 cm de comprimento e 30,6 cm de largura, o que correspondia a um “pé romano”

As paredes foram formadas por estas pedras de kurkar unidas com mortaria (cimento). Em algumas delas ainda é visível a técnica de acabamento romana de opus incertum, a qual consistia na aplicação de fragmentos de recipientes cerâmicos junto ao reboco. Segundo Adam (1994: 218-219), estes fragmentos cerâmicos reforçavam a espessura do reboco, prevenindo rachaduras e infiltrações de umidade, bem como facilitando a adesão da camada de reboco seguinte. O reboco, constituído de cal e de pó de mármore, misturado com amurca (borra de azeite) ainda é visível em algumas paredes.

O solo do edifício apresenta vestígios ainda remanescentes do contra-piso de cimento. O tambor de uma coluna de kurkar encontrado isoladamente em meio às extremidades Norte e Sul serviu como indicativo de haver uma estrutura com colonata – uma tholos central ou um estilóbata peristilado – no interior do edifício. De fato, com o prosseguimento da missão AP XII 98 “B”, pela equipe israelense do projeto, ocorrida em novembro e dezembro de 1998, desvelou-se um pátio central com peristilo.

Dois nichos situados na extremidade Leste do locus 1324 do edifício são indicativos ou de nichos para suportarem estatuetas de divindades cultuadas no local; ou para suportarem armários para arquivamento de documentos. Mais uma vez tratam-se de elementos arquitetônicos que poderiam estar presentes tanto em um horreum, como em um macellum ou em uma villa marítima romana.

Outro elemento relevante evidenciado na estrutura em questão é a presença de vestígios de um colapso bastante visível em algumas de suas salas. Especulamos a possibilidade de o desmoronamento das paredes deste edifício ter ocorrido durante os terremotos ocorridos entre os séculos II e IV d.C. Assim como diversos pesquisadores que



Figura 4 – Planta do edifício romano de Apollonia após a missão AP XII 98 “B”.

baseiam seus estudos sobre documentos textuais antigos e evidências arqueológicas, Russel (1985), ao trabalhar com a questão da cronologia dos terremotos que abalaram a Palestina e Noroeste da Arábia entre os séc. II a VIII d.C., ressalta a complexidade da identificação dos mesmos nos registros arqueológicos:

“(…) os arqueólogos têm geralmente falhado em alcançar um consenso sobre datação, impacto regional, ou identificação das destruições causadas por terremotos nos registros deposicionais da Palestina Romano- Bizantina e na Província Arábia” (Russel 1985:37).

Tendo em vista que a tipologia do material cerâmico romano encontrado junto aos vestígios da estrutura escavada em Apollonia ser amplamente utilizada desde o séc. I ao IV d. C. – tais como as lamparinas redondas com disco decorado – isto nos dá uma margem muito ampla de tempo para relacionar ao abalo sísmico que veio a destruir este edifício. Devido a este fato, especulamos a possibilidade de o desmoronamento das paredes deste edifício ter ocorrido durante o terremoto de 113-114 d.C., sendo

reconstruído e novamente atingido pelo terremoto de maio de 363 d.C.<sup>22</sup>

De acordo com Russel (1985:260), os principais relatos antigos usados para documentar o terremoto do início do século II d.C. são encontrados dentro da *Chronicon* de Eusébio Pamphili (c.260-340) e também na *Chronographia* de Elias de Nisibis (c.1019). Ambas obras relatam que Nicópolis e Cesaréia, por exemplo – cidades próximas a Apollonia – foram destruídas por um terremoto no início deste século (*Chronicon*, 1844-64: 618 e *Chronographia*, 1954: 42).

Quanto ao terremoto de maio de 363 d.C., Russel (1980) salienta que este foi registrado em numerosos textos antigos e que o relato mais extenso e acurado está numa carta do final do séc. IV ou início do séc. V, atribuída a Cirilo de Jerusalém. Esta carta foi pesquisada por Brock (1977) e num trecho da mesma encontram-se menções sobre cidades vizinhas de Apollonia: “(…) toda Antipatris e seu território; parte de Cesaréia, mais da metade de Samaria (...)” (Cirilo, *apud* Brock 1977:276).

(22) Essa hipótese já foi levantada por Roll e Ayalon (1989: 38-43).

Se o colapso evidenciado na estrutura em questão estiver relacionado com o terremoto, este, por sua vez, estaria intimamente ligado com a passagem da cidade romana para a bizantina no sítio, questão que exige pesquisas posteriores mais aprofundadas.

## Conclusão

Após termos percorrido a investigação dos três diferentes elementos possíveis de terem correspondido à função do edifício escavado pela equipe brasileiro-israelense em Apollonia, consideramos mister relevar as possibilidades que estes poderiam ter sobre a compreensão do fato urbano dessa cidade durante o período romano.

Os elementos que aqui levantamos não condicionam o conhecimento sobre a constituição e o disciplinamento da cidade ainda por ser amplamente escavada, mas ajudam a lançar algumas considerações sobre o assunto. Dessa maneira, os diferentes tipos de funções suscetíveis de terem correspondido ao edifício levariam a diferentes hipóteses sobre sua inserção no plano urbano de Apollonia.

A sua localização, próxima ao principal acesso ao porto da cidade, justificaria seu enquadramento como um armazém portuário, horreum. Mas somente este elemento não é suficiente como ponto de partida para tentarmos traçar a constituição física da cidade, devido ao fato de poder ter havido diversos tipos desse edifício espalhados por diferentes pontos da cidade.

Esta mesma localização junto à área portuária também é propícia para o estabelecimento de um mercado. Se o edifício tivesse sido originariamente um macellum, poderíamos especular sobre a possibilidade de o mesmo estar muito próximo ao forum da cidade, visto que, ao contrário dos horrea – que se encontravam muito dispersos pelo plano de uma cidade – os macella se encontravam sempre relacionados às proximidades do forum. Dessa maneira, teríamos um ponto de partida para a definição da malha urbana da cidade no período romano.

Portanto, ao conjecturarmos um contexto comercial, ambos tipos de edifícios, macellum ou horreum, são passíveis de terem correspondido à função do edifício escavado em Apollonia. Ambos tipos fornecem informações sobre a inserção de

Apollonia no Mediterrâneo Oriental no período romano; e sobre as relações comerciais entre esta cidade com os principais centros de produção do Norte da África e da costa do Mediterrâneo Oriental por comparação ao material cerâmico importado relacionado ao edifício.

Tendo em vista que os artefatos arqueológicos encontrados durante a missão AP XII 98 “A” – tais como pequenas ânforas, oinokoes, panelas, recipientes de vidro, agulhas de osso – apontem para a utilização desse edifício como um macellum pela comunidade que habitava a cidade de Apollonia no período de ocupação romana na Província Palestina, podemos acreditar na hipótese de esse edifício ter atendido essa comunidade primeiro com a função de horreum (evidenciado pelo aparecimento de grandes ânforas de armazenamento), tendo sido reutilizado como um mercado provavelmente no período de administração dos Severos, possuindo assim as duas funções em diferentes períodos.

Sugerimos o período de administração dos Severos devido ao fato de este ter sido um momento de retomada do crescimento comercial durante o Império Romano, e devido ao fato de durante esse período muitos edifícios terem sido construídos e restaurados como macella (De Ruyt, 1983:259-262). Segundo De Ruyt (1983:270), certos macella continuaram em atividade até épocas bem tardias. Em Apollonia podemos constatar este fato através dos vestígios bizantinos encontrados nos extratos superiores do edifício.

Entretanto, com o acréscimo de informações obtidas através da missão AP XII 98 “B”, pudemos especular também sobre a hipótese de estas estruturas pertencerem – principalmente devido à descoberta do pátio central com peristilo – a uma villa marítima romana, visto que sua configuração arquitetônica e proximidade ao mar também apontem para tal hipótese. Neste caso, consideramos que o edifício fosse originariamente uma villa marítima<sup>23</sup> – hipótese mais aceita pelos arqueólogos devido a um entrecruzamento de diversos fatores arqueológicos e climatológicos – e em sua segunda fase de ocupação (evidenciada pela alteração da

(23) Ver interpretação publicada após a escavação total do edifício, realizada pela missão israelo-brasileira do PROJETO APOLLONIA, AP XIII 99 “A”, em agosto de 1999 (Roll and Tal 1999).

disposição espacial interna do edifício) poderia ter sido então alterado para um horreum ou um macellum.

Enfim, a conjugação do rico potencial de informações que poderão ser obtidas através de uma análise mais profunda do entorno da área escavada, juntamente com a análise do material

cerâmico advindo desta estrutura e adjacências, nos propiciará ultrapassar os limites da presente pesquisa, atingindo não só as estruturas, mas buscando atingir elementos sobre a sociedade de Apollonia nas suas mais diversas esferas.

RECH, R. Nature and function of the Roman structures excavated at the archaeological site of Apollonia, Israel. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 117-129, 2003.

ABSTRACT: This paper presents the nucleus of our Master research in which we tried to make an essay of interpretation about the form and function of the Roman structures of Apollonia excavated in joint expeditions between the Israeli and the Brazilian team of APOLLONIA PROJECT.

UNITERMS: Apollonia – Classical Archaeology – Roman Empire – Apollonia Project – Palestine Province – Architecture – *horreum* – *macellum* – *villa maritima*.

### Referências bibliográficas

- ADAM, J.P.  
1994 *Roman Building Materials and Techniques*. London: Batsford.
- BLAKELY, J.A.  
1987 *Caesarea Maritima: the pottery and dating of vault 1. The Joint Expedition to Caesarea Maritima - excavation reports*. New York: Edwin Mellen Press. V. 4.
- BOËTHIUS, A.  
1960 *The Golden House of Nero*. Ann Harbor: University of Michigan Press.
- BROCK, S.P.  
1977 A Letter Attributed to Cyril of Jerusalem on the Rebuilding of the Temple. *BSOAS*, 40: 267-286.
- CLARKE, J.R.  
1991 *The Houses of Roman Italy. 100 B.C. – A.D. 250: Ritual, Space and Decoration*. Berkeley/Oxford: Berkeley University Press/Oxford University Press.
- COLT, H.D.  
1962 *Excavations at Nessana, I*, London: William Clowes and Sons.
- DERUYT, C.  
1983 *Macellum - Marché Alimentaire des Romains*. Louvain-la-Neuve: Publications de l'Histoire de l'Art et d'Archéologie de l'Université Catholique de Louvain.
- FISCHER, M.; POTCHER, O.; JACOB, Y.  
1998 Dwelling houses in ancient Israel: methodological considerations, *JRA*, 11 (Supplement Series 18): 671-678.
- GRAHAM, J.W.  
1966 Origins and Interrelations of the Greek House and the Roman House, *Phoenix*, XX: 3-30.
- GRANT, M.  
1976 *Cities of Vesuvius: Pompeii and Herculaneum*. Harmondsworth. Penguin.
- GRENIER, A.  
1958 *Manuel d'archéologie gallo-romaine*. Paris: Picard.
- GRENIER, A.; LAFAYE, G.  
s.d. "villa". In C.Daremberg ; E. Saglio (Orgs.) *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris, Hachette [1892], Vol. V: 870-892.
- HIRSCHFELD, Y.  
1995 *The Palestinian Dwelling in the Roman-Byzantine Period*. Jerusalem: Franciscan Printing Press - Israel Exploration Society.
- MCKAY, A.G.  
1998 *Houses, Villas and Palaces in the Roman World*. Baltimore: Johns Hopkins.
- PATRICK, J.  
1996 Warehouses and Granaries in Caesarea Maritima. A. Raban; K.G Holum (Eds.) *Caesarea Maritima. A Retrospective After Two Millennia*. Documenta et Monumenta Orientis Antiqui (DMOA) 21, Leiden: 146-176.

- RECH, R.  
1999 *A Missão Arqueológica AP XII 98 e sua Relação com a Constituição e Disciplinamento do Espaço Urbano de Apollonia*. Porto Alegre: PUCRS (Dissertação de Mestrado).
- RICKMAN, G.  
1971 *Roman Granaries and Store Buildings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ROBERTSON, D.S.  
1997 *Arquitetura Grega e Romana*. São Paulo: Martins Fontes.
- ROLL, I.  
1992 Apollonia *The Anchor Bible Dictionary* I. Doubleday: 298-299.
- ROLL, I.; AYALON, E.  
1989 Apollonia and Southern Sharon: Model of a Coastal City and its Hinterland. Tel Aviv, 1989 (em hebraico, com resumo em inglês).
- 1993 Apollonia-Arsuf *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* I: 72-75.
- ROLL, I.; TAL, O.  
1999 *Apollonia-Arsuf. Final Report of the Excavations* I. Tel Aviv.
- RUSSEL, K.W.  
1980 The Earthquake of May 19, A.D. 363. *BASOR*, 238: 47-64.  
1985 The Earthquake Chronology of Paletine and Northwest Arabia from the 2<sup>nd</sup> through the Mid-8<sup>th</sup> Century a. D. *BASOR*, 260: 37-59.
- WALLACE-HADRILL, A.  
1988 The Social Structure of the Roman House. *PBSR*, 56: 43-87.
- WARD-PERKINS, J.B.  
1977 *Roman Architecture*. New York: Abrams.

Recebido para publicação em 10 de dezembro de 2003.



## NOVAS CONSIDERAÇÕES QUANTO À DATAÇÃO DO RELEVO DE WEP-WAWET PROVENIENTE DE LISHT\*

Cássio de Araújo Duarte\*\*

DUARTE, C.A. Novas considerações quanto à datação do relevo de Wep-wawet proveniente de Lisht. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 131-138, 2003.

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar uma nova datação para o relevo de Wep-wawet proveniente de Lisht, atualmente no Metropolitan Museum of Art, baseado em um diversificado conjunto de elementos da cultura material e de cunho iconográfico com os quais uma comparação indica a elaboração dessa imagem durante a 3.<sup>a</sup> dinastia. Fundamentando o presente estudo em uma análise diacrônica e sincrônica da arte do Antigo Reino, chegamos à uma datação anterior àquela apresentada por Hans Goedicke em seu trabalho sobre as imagens dos blocos encontrados em Lisht.

**UNITERMOS:** Egito antigo – Antigo Reino – Arqueologia egípcia.

Tendo sido primeiramente publicada por Caroline Ransom Williams (Williams 1935-38: 525-527) e re-analisada por Hans Goedicke (Goedicke 1971: 29-30), a imagem de Wep-wawet proveniente de Lisht (Fig.1) continua a suscitar grande interesse por ser uma rara representação de uma divindade durante o Antigo Reino, de modo que nos vimos atraídos para mais uma interpretação no que concerne à sua datação, já que acreditamos ser mais antiga do que o estipulado no importante trabalho de Hans Goedicke.

O bloco onde a imagem está gravada não possui grandes dimensões. Segundo Williams, ele mede 38 cm no eixo horizontal, que se estende da extremidade esquerda, acima da cabeça do carregador de estandarte, à direita, logo adiante da

mão de Wep-wawet. O cetro que esse deus segura junto ao tórax (*sh*m) mede aproximadamente 17,5cm. Embora esse relevo tenha sido reutilizado na construção da pirâmide norte de Lisht por Amenemhat I, sua datação foi estimada tanto por Williams como por Goedicke para o Antigo Reino. Williams, entretanto, chegou até mesmo a considerar a possibilidade de que a imagem tenha sido executada pouco antes do período de Amenemhat I pela diferença estilística em relação aos magistrais relevos da 5.<sup>a</sup> dinastia (Williams 1935-38: 527). Goedicke, por sua vez, propõe que sua confecção tenha se dado no início da 4.<sup>a</sup> dinastia, mais especificamente relacionando-o com uma série de imagens da festa Sed que ele atribui ao reinado de Khufu (Goedicke 1971: 30), segundo rei dessa dinastia, construtor da Grande Pirâmide e filho de Snefru.

No entanto, de acordo com alguns paralelos que podemos fazer com outras evidências materiais de caráter iconográfico do Reino Antigo, chegamos a uma data um pouco mais recuada, localizando a elaboração dessa imagem em algum momento da

(\*) Metropolitan Museum of Arts (MMA) registro n.º 09.180.2, Rogers Fund 1909. Fotografia gentilmente cedida pelo prof. Dr. James Allen em nome dessa instituição.

(\*\*) Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.





*Fig. 1 – Fragmento de relevo em calcário ilustrando Wep-wawet sendo seguido por um porta-estandarte, 43 x 42 cm. Proveniente do núcleo da pirâmide de Amenemhat I. Metropolitan Museum of Arts (MMA), registro n. 09.180.2, Rogers Fund 1909.*

3.<sup>a</sup> dinastia (c.a. 2649-2150 a.C.). Para tanto, analisamos a seguir seus aspectos mais elucidativos.

### **Descrição da cena**

Em destaque, aproximadamente no centro da representação, vemos Wep-wawet à maneira antropomórfica, tendo restado de seu aspecto animal somente sua cabeça de chacal. Este usa uma peruca tripartite, embora esteja ausente nesta representação o outro volume de cachos que pende sobre o outro ombro e que é freqüentemente representado em imagens posteriores da 5.<sup>a</sup> dinastia, por exemplo. Em adição, o persona gem veste somente um saíote semi-plissado que é atado na altura do umbigo. Acima de sua cabeça vemos parte de uma inscrição hieroglífica que diz *hrp t3wy* “Controlador” (Williams 1935-38: 526) ou

“Líder das Duas Terras” (Goedicke 1971: 30), um epíteto usual desse deus. Em sua mão esquerda, ao contrário do cetro *w3s* (*was*) que as divindades normalmente ostentam, repousa um cajado liso como aquele que a elite carregava. Em sua outra mão e à frente do tórax, um outro símbolo comum em imagens dos membros da elite, o cetro *sxm*. Este, por sua vez, também pode significar a palavra *hrp* “controlar”, estabelecendo um jogo de sentidos com a expressão que se refere ao deus. Seguindo Wep-wawet encontra-se um porta-estandarte representado em menores proporções que o deus. Erguendo solenemente um mastro que ostenta em seu cume um par cruzado de flechas sobre uma pequena plataforma retangular, o carregador pode aqui estar perpetuando o simbolismo de Wep-wawet presente em algumas cenas da realeza (Borchardt *apud* Goedicke 1971: 30, nota 80). Por outro lado, vale lembrar que a

imagem de duas setas cruzadas à frente de um escudo é um símbolo da deusa Neith, que poderia estar representada originalmente logo atrás do carregador de estandarte.

Pelo conteúdo da imagem, onde foram intencionalmente representados dois cetros da nobreza e um carregador de estandartes, o conjunto da cena parece ilustrar parte de um evento em que um personagem da elite, usando uma máscara de Wep-wawet, executa sua parte em um ritual importante no universo simbólico da realeza. Se aqui se trata de parte de uma ilustração da festa Sed, onde Wep-wawet tem um papel fundamental desde as origens da instituição da realeza (Frankfort 1998), ou de uma outra festividade como o retorno de alguma guerra, é difícil de se saber com certeza.

### Especificidades da imagem de Wep-wawet

#### *Peruca*

Em comparação com outras cenas do Antigo Reino que ilustram a peruca tripartite, a imagem daquela de Wep-wawet parece bastante arcaica. Um paralelo muito próximo se faz com a peruca do deus Hórus na Estela de Qahedjet (Fig. 2), datada da 3.<sup>a</sup> dinastia. Com um olhar atento, percebemos que os cachos que as compõem partem não somente do topo da cabeça, como vemos em cenas da 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> dinastias, mas também da lateral das faces dessas divindades. Uma exceção é a cena de Thot do Wadi Maghara (Gardiner, Peet, Ěerný 1955: 57-58, pl.1, fig. 7; Duarte 1993: prancha 34b), datada da 4.<sup>a</sup> dinastia. Mas, neste caso em especial, devemos lembrar tanto das implicações envolvidas pela distância geográfica da capital – que regulava os cânones da representação imagética – quanto da dureza respectiva das pedras utilizadas na execução do entalhe. Também na cena do Wadi Maghara, não vemos qualquer grupo de cachos caindo em direção ao peito desse deus da escrita que possa aludir à peruca tripartite – muito embora tal fato não venha a interferir em si na orientação destes nessa imagem. O que pode ser concluído a partir deste caso, é que a distância de Mênfis contribuía consideravelmente para um desvio estético das convenções representativas estipuladas nessa capital, tal como vemos na arte provincial do Antigo Reino.



Fig. 2 – Estela de Qahedjet, 3.<sup>a</sup> dinastia. Calcário, 50,5 x 31 cm. Ziegler 1999b: 177.

Somado a essas características, podemos também perceber que, ao contrário das imagens conhecidas dessa peruca no Reino Antigo – inclusive a da estela do rei Qahedjet, aquela de Wep-wawet não se estende para além do ombro em direção às costas: ela “acaba”, até onde a imagem nos apresenta, no ombro direito do deus. Seu contorno também é muito sugestivo no que concerne à semelhança com a imagem da estela de Qahedjet. Se compararmos com as perucas ilustradas em algumas cenas posteriores da 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> dinastias, por exemplo, notaremos que seu perfil passa de uma configuração semi-circular, durante a 3.<sup>a</sup> dinastia, para uma mais quadrangular e ligeiramente triangular nos períodos seguintes. Em um bloco igualmente encontrado no núcleo da pirâmide de Amenemhat I (Fig. 3), e cuja datação é atribuída ao reinado de Snefru, podemos ver um personagem

com essa peruca sobre a cabeça apresentando um novo perfil quadrangular (Goedicke 1971: 35-38; Arnold 1999b: 196-197). Da 5.<sup>a</sup> dinastia, temos um testemunho com a imagem do deus Khnum do reinado de Sahurê (Lauer 1988: 241) e outro do período de Niuserrê (Arnold 1999c: 352-353) com a deusa Sekhmet (Fig. 4), ambos com uma peruca tripartite com um aspecto mais triangular.

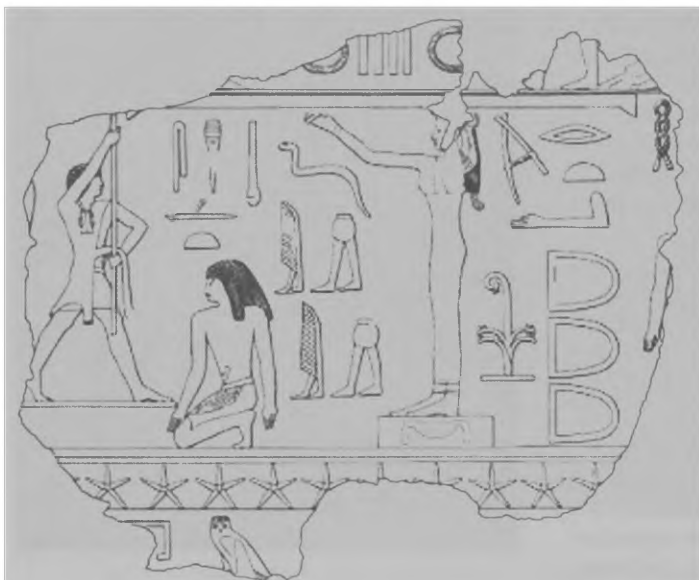


Fig. 3 – Cena da festa Sed com a deusa Meret. Calcário, 77 x 64,5 cm. Goedicke 1971: 37; Arnold 1999b: 196-198.



### *Representação da face de chacal*

Quanto à aparência animal de Wep-wawet nesta imagem, não temos muitos referenciais que pudessem nos dar uma perspectiva mais clara quanto à representação terio-antropomórfica de deuses canídeos durante as distintas fases do Reino Antigo. Entretanto, acreditamos ser exequível uma comparação com outras fontes em que esse deus ou seu semelhante, Anúbis, foram registrados à forma teriomórfica. Fazendo uso deste critério, chegamos igualmente à idéia de que a cena aqui estudada tenha sido produzida, com grande probabilidade, durante a 3.<sup>a</sup> dinastia.

A representação da face de Wep-wawet no relevo de Lisht é um exemplo não usual na arte egípcia em que o focinho desse deus aparece extremamente alongado em proporção à altura da face e das orelhas. Embora não seja possível saber sobre o resto da representação, a figura de Anúbis em um relevo da época de Niuserrê (Arnold 1999a: 91, fig. 55; Duarte 2003: prancha 43; Wainwright 1938: pl.1; Wilkinson 1996:176) apresenta um focinho mais discreto que, possivelmente, se equilibrava proporcionalmente com a representação de suas duas orelhas, algo não visto no relevo proveniente de Lisht. Para sustentar essa hipótese, podemos comparar esse relevo do templo da pirâmide de Niuserrê com um datado da 6.<sup>a</sup> dinastia e proveniente do templo da pirâmide de Pepi II, em Saqqara (Arnold 1999a: 88, fig.52). Embora esteja muito fragmentado esse relevo apresenta alguns deuses com cabeça de

Fig. 4 – Parte de uma cena que ilustra a deusa Sekhmet amamentando o rei Niuserrê, 5.<sup>a</sup> dinastia. Calcário, 112,2 x 63 cm. Arnold 1999c: 352.

chacal cujas orelhas estão dispostas de maneira harmônica em relação ao tamanho do focinho. Paralelamente, há um registro do próprio templo de Sahure em que o deus Seth é figurado com suas duas longas orelhas retas e um focinho relativamente modesto (Gronewegen-Frankfort s.d.:48, fig. 5). Uma outra fonte de apoio está na parede sul da capela funerária de Rahotep (4.<sup>a</sup> dinastia), onde temos uma belíssima representação de chacais caçando, apresentados com focinhos discretos em comparação com suas longas orelhas (Smith 1949, pl.33b). Desta forma, percebemos que nas execuções mais elaboradas da 4.<sup>a</sup> à 6.<sup>a</sup> dinastia, o chacal é preferencialmente representado com suas duas longas orelhas e um focinho delicadamente trabalhado sem que este ultrapasse, em proporções, o tamanho de seus órgãos auditivos. Por outro lado, quando comparamos com alguns registros da 3.<sup>a</sup> dinastia, como em representações de chacais em um batente de porta da época de Netjerikhet Djoser (Fig. 5), notamos uma considerável semelhança no que concerne ao tratamento estético da cabeça do animal (Hawass 1999: 170-171). Embora não possamos levar em conta o número de orelhas representadas nesse tipo de imagem de perfil, já que elas são usualmente reduzidas a uma só em registros de todas as épocas, ainda assim podemos observar uma característica fundamental em comum: o tratamento das proporções. Aqui, não somente as faces dos chacais são similares à de Wep-wawet no seu sentido horizontal, como suas orelhas são parecidas tanto na forma - com um ângulo reto na parte posterior e arredondadas na anterior - quanto em sua proporção em relação ao resto da cabeça. Um outro registro contemporâneo em uma estela fronteira de Djoser (Fig. 6) apresenta Anúbis, ainda que de uma forma um pouco mais rústica, seguindo essas mesmas proporções, o que nos permite perceber o cânone representativo para chacais durante o período desse rei (Ziegler 1999a: 172). A diferença neste caso, e que pode ser fruto de algum equívoco durante o entalhe da imagem, é a direção para qual a orelha se volta - estando a parte reta na porção anterior da cabeça. Contudo, nas cenas dos célebres painéis desse rei nos subterrâneos de seu complexo funerário, Wep-wawet, em seu estandarte, é apresentado todas as vezes seguindo o mesmo padrão do batente de porta citado acima (Friedman 1995).



Fig. 5 – Detalhe que ilustra o deus chacal Anúbis em um umbral proveniente do complexo funerário de Djoser. Calcário, 3.<sup>a</sup> dinastia, 211,3 x 30,5 x 25,4 cm. Hawass 1999: 170-171.



Fig. 6 – Detalhe de uma estela fronteira de Djoser. No canto superior direito temos uma representação de Anúbis. Calcário, 3.<sup>a</sup> dinastia 29,9 x 22,5 cm. Ziegler 1999a:172.

Também é interessante observar que o tamanho do olho de Wep-wawet no fragmento de Lisht é relativamente pequeno em proporção ao tamanho de sua cabeça, o que encontra um estreito vínculo com os registros acima mencionados da 3.<sup>a</sup>

dinastia. Nos períodos seguintes, de acordo com a ilustração desse órgão em representações de outras divindades, é de se presumir que este tenha igualmente sofrido transformações em seu tamanho à proporção que se adaptava às medidas da cabeça segundo os novos padrões estilísticos, de modo a não “desaparecer” no espaço do rosto.

#### *Proporções do corpo*

Uma outra série de elementos chamativos na imagem aqui em questão são as dimensões do tronco e dos braços em relação ao resto do corpo. Com um olhar atencioso, logo percebemos que, comparada aos melhores relevos da 4.<sup>a</sup> dinastia, por exemplo, o tronco do personagem que interpreta o papel de Wep-wawet (Fig. 1) aparece-nos como uma composição melódica dissonante. Os braços, com seus músculos salientes, perdem-se na imensidão de um tórax que se eleva demasiadamente acima do umbigo. Se estendidos, chegariam, no máximo, à parte inferior da bacia. Já em representações posteriores, os longos e vigorosos braços alcançam as proporções naturais do corpo humano, logo acima da altura dos joelhos. Ao colocarmos a cena da estela de Qahedjet (Fig. 2) lado a lado com a de Wep-wawet de Lisht, mais semelhanças surgem: o longo tronco do corpo do deus Hórus parece uma montagem não muito bem sucedida em relação aos outros membros, espelhando o processo de uma arte que ainda ensaiava os passos de sua expressão estética monumental rumo a convenções representativas mais harmônicas.

Vale também observar que a imagem de Wep-wawet, além do porte atlético, também apresenta um mamilo esquerdo bem pronunciado que encontra paralelos nas representações de Djoser em alguns de seus painéis.

Somando-se às demais particularidades apontadas acima, uma outra característica arcaizante na imagem do deus chacal é a forma como a sua cabeça animal fora integrada a um corpo humano. Na 4.<sup>a</sup> dinastia, de acordo com a imagem de Thot do Wadi Maghara, vemos uma integração harmônica entre a cabeça e o tronco por meio de um artifício muito feliz: um colar *usekh* serve como meio de transição entre homem/animal fazendo-nos achar esteticamente natural esse tipo de representação. E tal prática

continuou daí por diante nas demais cenas de nosso conhecimento até o ocaso da arte egípcia. Contudo, na imagem de Hórus na estela de Qahedjet, vemos o mesmo acabamento que foi dado à de Wep-wawet, onde uma única linha curva estabelece a divisão entre a cabeça de falcão e o corpo de homem. Assim, é de se acreditar que ambas as imagens datem de um mesmo período.

#### *Saiote/cauda*

Para completar nossa interpretação cronológica da cena, é importante observar um último detalhe no saiote das divindades que passa despercebido aos olhos de muitos, mas que pode ser fundamental na classificação diacrônica de uma imagem: a ausência ou não da cauda de touro no saiote de uma divindade. Tanto na cena do Wadi Maghara, datada da época de Khufu, como em muitas outras das dinastias seguintes, observamos esse elemento da indumentária da realeza introduzido na representação do saiote de divindades (Duarte 2003: 79-92, fig.8). No entanto, é importante lembrar que não foi encontrado esse elemento durante a época de Snefru, pai de Khufu, o que pode indicar uma mudança nas convenções da arte durante esse período.

Voltando à nossa fonte complementar de apoio, a estela de Qahedjet, nela percebemos claramente que a cauda de touro só consta na imagem do rei, pendendo de seu cinturão e caindo-lhe por detrás do saiote, ao passo que o deus Hórus, à sua frente, veste somente um saiote simples, estabelecendo um contraste entre os dois personagens. Da mesma forma, pela ausência desse adorno na imagem de Wep-wawet, podemos presumir uma possível elaboração desse relevo durante a 3.<sup>a</sup> dinastia.

#### **Conclusão**

Alicerçados na série de características iconográficas acima enumeradas presentes na imagem de Wep-wawet, tais como a forma, apresentação e integração das diversas partes que compõem a peruca, cabeça e corpo do personagem, e a ausência da cauda de touro no saiote deste, concluímos que a melhor datação para a cena seja a 3.<sup>a</sup> dinastia.

Atribuí-la ao período de Khufu (4.<sup>a</sup> dinastia) implicaria em um descompasso em relação aos cânones da arte que já haviam se tornado significativamente formais para permitir falhas nas proporções dos personagens, por exemplo. Embora já se veja um amadurecimento das artes representativas nos painéis de Hesirê, um nobre que viveu sob o reinado de Djoser durante a 3.<sup>a</sup> dinastia, essa é uma tendência que só se solidifica a partir da 4.<sup>a</sup> dinastia, seguindo o ritmo progressivo das mudanças

na arquitetura e religião. Uma constatação desse fato pode ser ilustrada pela estela de Qahedjet, que embora seja classificada no final da 3.<sup>a</sup> dinastia, apresenta características marcadamente arcaizantes, tal como a imagem de Wep-wawet.

Pela escassez de outras fontes com as quais poderíamos fazer paralelos mais específicos quanto à datação, nos limitamos a não estabelecer qualquer conjectura que venha propor uma periodização mais precisa dentro da 3.<sup>a</sup> dinastia.

DUARTE, C.A. New considerations about the dating of Wep-wawet relief from Lisht. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 131-138, 2003.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present a new dating for the Wep-wawet relief block from Lisht, nowadays in the Metropolitan Museum of Art, based in a diversified set of elements of material culture and of iconographical nature from which a comparison shows a possible 3rd dynasty elaboration. Founding the present study on a diachronistic and synchronistic analysis of the Old Kingdom Art, we attain an earlier dating former to the one presented by Hans Goedicke in his work on Lisht image blocks.

**UNITERMS:** Ancient Egypt – Old Kingdom – Egyptian archaeology.

### Referências bibliográficas

- ARNOLD, D.  
1999a Royal Reliefs. D. Arnold, K. Grzymiski, C. Ziegler (Orgs.) *The Egyptian art in the age of the pyramids*. New York: The Metropolitan Museum of Art/ Harry N. Abrams: 82-101.  
1999b Scenes from a king's thirty-year jubilee. Idem: 196-198.  
1999c Lion-headed goddess suckling king Niuserre. Idem: 352-353.
- DUARTE, C.A.  
2003 *Aspectos da iconografia e significado do touro no Egito, desde o período pré-dinástico à 5.<sup>a</sup> dinastia*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FRANKFORT, H.  
1998 *Reyes y dioses, estudio de la religión del Oriente Próximo en la antigüedad en tanto que integración de la sociedad y la naturaleza*. Madrid: Alianza Editorial.
- FRIEDMAN, R.  
1995 The underground relief panels of the king Djoser at the Step Pyramid complex. *JARCE*, 32: 1-42.
- GARDINER, A.H.; PEET, T.E.; ÈERNÝ, J.  
1955 *The inscriptions of Sinai*, 2 vols. Vol. II. London, Egypt Exploration Society- Oxford University Press: 57-58, plate 1, fig.7.
- GOEDICKE, H.  
1971 *Re-used blocks from the pyramid of Amenemhet I at Lisht, Egyptian Expedition*, v. 30. New York: The Metropolitan Museum of Art.
- GROENEWEGEN-FRANKFORT, H.A.  
s.d. *Arrest and movement: an essay on space and time in the representational art of the ancient Near East*. London: Faber & Faber.
- HAWASS, Z.  
1999 Doorjamb of king Djoser. D. Arnold; K. Grzymiski; C. Ziegler (Orgs.) *The Egyptian art in the age of the pyramids*. New York, The Metropolitan Museum of Art/ Harry N. Abrams: 170-171.
- LAUER, J.-PH.  
1988 *Le Mystère des Pyramides*. S.l.: Presses de la Cité.
- SMITH, W.S.  
1949 *A history of Egyptian sculpture and Painting in the Old Kingdom*. Oxford: Oxford University Press/ The Museum of Fine Arts, Boston.

WAINWRIGHT, G.A.

1938 *The sky-religion in Egypt; its antiquity & effects*. Cambridge: Cambridge University press.

WILKINSON, R.H.

1996 *Reading Egyptian art – a hieroglyphic guide to ancient Egyptian painting and sculpture*. London: Thames and Hudson.

WILLIAMS, C.R.

1935-38 A relief from Licht representing Wer-wawet in

therianthrope form. In *Mélanges Maspero, I*. Cairo, Institut Français d'Archéologie Orientale: 525-527.

ZIEGLER, C.

1999a Boundary stela of king Djoser. D. Arnold; K. Grzymalski; C. Ziegler (Orgs.) *The Egyptian art in the age of the pyramids*. New York, The Metropolitan Museum of Art/ Harry N. Abrams: 172.

1999b Stela of king Qahedjet. Idem: 177-178.

*Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2003.*

## TROCAS, TRIBUTOS E COMÉRCIO: O PAPEL DOS *POCHTECA* NA ORGANIZAÇÃO DO ESTADO MEXICA\*

Marcia M. Arcuri\*\*

ARCURI, M.M. Trocas, tributos e comércio: o papel dos pochteca na organização do Estado Mexica. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 139-151, 2003.

**RESUMO:** Até a década de 1970, os estudos voltados à sociedade mexicana basearam-se fundamentalmente nas fontes espanholas escritas no século XVI. Este trabalho apresenta uma discussão metodológica que parte da análise do papel dos *pochteca* (mercadores de longa distância) na articulação da economia mexicana, com base nas fontes indígenas. Essa discussão metodológica procura demonstrar como os avanços das investigações arqueológicas e os estudos interdisciplinares mais recentes tornam evidente que a função dos *pochteca* no equilíbrio do Estado mexicano é muito mais complexa do que sua mera identificação com o comércio de longa distância.

**UNITERMOS:** Pochteca – Mexica – Economia – Política – Arqueologia – História – Metodologia.

Durante boa parte do século XX a produção historiográfica sobre os Mexica baseou-se fundamentalmente nas fontes escritas produzidas pelos espanhóis, no século XVI. A partir da década de 1970 o governo mexicano, ainda que mobilizado por razões políticas, passou a investir fortemente nas escavações arqueológicas realizadas no altiplano central. Os

resultados alcançados pela arqueologia proporcionaram avanços significativos, permitindo a realização de análises interdisciplinares. Contemplada pelos estudos etnográficos, antropológicos, iconográficos e lingüísticos, a pesquisa em campo e as novas técnicas de análise da cultura material em laboratório provocaram mudanças na interpretação da história dos Mexica. Os pressupostos teórico-metodológicos propostos na investigação interdisciplinar proporcionaram dados muitas vezes destoantes das informações registradas pelos cronistas cujos objetivos, missionário e colonizador, levaram à construção de relatos muitas vezes tendenciosos e controversos. Nesse sentido, uma vez ampliado nosso espectro de análise, revelou-se a necessidade de reavaliarmos grande parte das versões da história mexicana consolidadas até então.

Obviamente, essa problemática não se restringe aos estudos das sociedades do México pré-hispânico, por se tratar de uma questão metodológica. Neste trabalho, partiremos de um exercício preocupado em entender o papel de determinado grupo social na organização sócio-

(\*) Os registros coloniais indicam que os Asteca, ao conseguirem passar da condição de povo nômade e subjugado a uma posição de domínio territorial na região lacustre do altiplano central mexicano (vide mapa, Fig. 1), passaram a se auto-denominar Mexica. O termo “asteca” (ou *azteca*) provém da identificação do lugar de origem dos Mexica em Aztlan. Há controvérsias na historiografia sobre a identidade mítica de Aztlan, ou se de fato foi uma cidade de onde partiram os Mexica antes de migrar até o lugar onde fundaram Mexico-Tenochtitlan (sobre o assunto ver Navarrete Liñares 2000a).

(\*\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – Pós-doutorado. Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos - CEMA-USP.



econômica do Estado mexica, os *pochteca* (mercadores de longa distância que atuavam em nome do governo), buscando tornar evidente a importância de revermos algumas interpretações das fontes espanholas e indígenas com base nas análises interdisciplinares.

Acreditamos que muitas das lacunas que caracterizam nossa compreensão da história dos Mexica justificam-se pela natureza dos registros coloniais, marcados pela incompreensão dos espanhóis que buscavam consolidar a conquista militar com a “conquista espiritual” do Novo Reino. Soma-se à natureza controversa das fontes de origem espanhola, a densidade simbólica identificada nas narrativas indígenas e nas fontes arqueológicas, que requer uma análise sistemática das evidências, fundamentada no conhecimento aprofundado da cosmologia autóctone. É igualmente fundamental contextualizar a produção dos registros indígenas que hoje nos servem de referência, lembrando que a grande maioria foi comissionada pelas elites autóctones cujos objetivos, dependendo da conjuntura histórica, nem sempre resultaram em discursos consonantes.

A historiografia do México pré-hispânico foi marcada, durante décadas, por análises isoladas, desenvolvidas em direções paralelas, nas suas respectivas disciplinas das Ciências Humanas. São os estudos mais recentes aqueles que iluminam a importância de uma compreensão interdisciplinar, ainda que os investigadores mesoamericanistas estejam destinados a aceitar a impossibilidade de propor soluções fechadas às muitas limitações inerentes a nosso campo de pesquisa, uma vez que são tantas as versões históricas remanescentes, sedimentadas por diferentes visões de mundo, que não devem ser ignoradas.

Cientes da pluralidade, tomamos como um dos principais objetivos desta discussão mostrar que um longo caminho está por ser traçado no campo das investigações arqueológicas e históricas do México pré-hispânico, o que enxergamos de forma bastante positiva. No caso específico dos estudos focados na sociedade mexica, hoje o pesquisador pode considerar-se amparado, sobretudo, pela abundância de registros arqueológicos cuja análise conta com o apoio fundamental das fontes escritas – narrativas textuais e livros pintados – originadas, em sua maioria, nos primeiros anos de adaptação ao domínio político colonial. Do contato resultaram descrições muitas vezes relatadas por representan-

tes da recém-deposta elite mexica, o que facilita imensamente a projeção do pesquisador num passado tão distinto e tão distante. Nesse sentido, a análise do papel dos *pochteca* no funcionamento econômico do Estado mexica nos vale, neste estudo, para justificar a necessidade de retomarmos alguns conceitos sobre a organização social dos Mexica propostos pela historiografia.

### Os *pochteca*

Bernardino de Sahagún dedicou um dos doze livros do *Códice Florentino* aos “mercadores” (Sahagún 1959: IX; 2000 II: 789-851). A nosso ver, isso deve ser entendido como forte evidência da expressividade do grupo na sociedade mexica. De modo geral, eram dois os principais grupos de mercadores: aqueles que atuavam somente em amplitude local (Smith 1996: 20) e os *pochteca* que, de acordo com as fontes textuais, podem ser divididos em ao menos seis categorias (Berdan 1976:151):

- *pochtecatloque* – principais mercadores
- *pochteca* – mercadores
- *oztomeca* – mercadores ‘de vanguarda’
- *nahualoztomeca* – mercadores disfarçados
- *teiaoloanime* – negociavam escravos
- *tealtianime* – ‘banhadores’ de escravos<sup>1</sup>

Apesar de encontrarmos certas variações quanto a essas categorias na definição do grupo dos *pochteca* nas referências bibliográficas (Hodge e Smith 1994; Carrasco e Broda 1978; Berdan 1976 e 1978; Hassig 1985; Bray 1968; Chapman 1957), essas divisões são suficientes para entendermos que definir o grupo dos *pochteca* e sua atuação na sociedade mexica é uma tarefa que implica em compreender aspectos do regulamento social que ultrapassam as fronteiras do campo econômico.<sup>2</sup>

(1) Não nos parece segura essa tradução. De acordo com algumas fontes coloniais, eram os sacerdotes os responsáveis por banhar os escravos destinados ao sacrifício na preparação do ritual. Faz-se necessária uma investigação mais precisa.

(2) Parece-nos fundamental ressaltar que a terminologia utilizada pelos estudiosos da História Econômica das sociedades antigas deve ser tomada com cautela, uma vez que a sociedade contemporânea tende a assumir valores intrínsecos à sua realidade sócio-econômica, ao analisar

O *status* social dos *pochteca* não era o mesmo de um nobre, tampouco de um homem comum. Eles sustentavam maiores privilégios do que outros comerciantes, como aqueles que negociavam nos mercados locais. São muitos os pontos que os diferenciavam de tais comerciantes. Primeiramente, as fontes textuais definem os *pochteca*, em geral, como mercadores de longa distância, responsáveis pelo comércio de bens luxuosos e pela importação de matéria-prima para a manufatura de objetos rituais. Eles viviam em corporações e desfrutavam de grande prestígio perante os governantes do Estado, servindo, inclusive, como agentes políticos (ou ‘embaixadores’) na relação com os *altepeme*<sup>3</sup> independentes. Eram também responsáveis pelo regulamento dos mercados. Nesse sentido, para que as funções mercantis dos *pochteca* sejam compreendidas, assim como sua posição social, é necessário primeiramente entender as idiosincrasias da estrutura político-econômica do Estado mexica e sua relação com os senhorios do altiplano central mexicano e das terras mais distantes, como a península de Yucatán, onde se concentravam os Maia.

De modo geral, algumas características do grupo dos *pochteca* nos parecem senso comum entre os especialistas. Em *The Aztec*, Michael Smith (1996) apresenta uma descrição detalhada do grupo dos *pochteca*, somando as informações oferecidas por Sahagún (1959:IX) àquelas provenientes de demais fontes textuais, tais como Diego Durán, Alonso de Molina, Motolinía, Alonso de Zorita, Juan de Torquemada, Bernal Díaz del Castillo e outros. Apesar de várias referências bibliográficas adotadas neste estudo oferecerem boas descrições sobre o grupo dos *pochteca* (a maioria baseada nas fontes mencionadas), optamos aqui por nos ater aos dados fornecidos por Smith (1996:120-124), que faz bom uso das fontes e

organiza as informações de maneira bastante didática. Segundo Smith, os *pochteca* se caracterizavam por:

- serem profissionais de dedicação integral;
- organizarem expedições mercantes em terras além das fronteiras do império;
- organizarem expedições mercantes dentro dos limites do império;
- controlarem e regulamentarem os mercados fixos locais;
- estabelecerem relações exteriores em nome do imperador (espionagem, lutar contra inimigos do Estado);
- estabelecerem transações comerciais para o Estado;
- estabelecerem transações comerciais de motivação e financiamento particulares (a maioria);
- acumularem bastante riqueza (em alguns casos)
- manterem baixo perfil na disposição pública de suas riquezas (por não serem da nobreza);
- comerciarem em segredo;
- controlarem o acesso à categoria social *pochteca* através de hereditariedade e corporativismo (*membership*);
- viverem em bairros (*calpulli*) específicos a eles;
- manterem suas próprias leis de conduta e cortes, diferentes daquelas do sistema legal regular;
- estarem aptos como soldados, carregando armas para sua proteção, mantendo um papel fundamental nas atividades político-militares;
- planejarem itinerários visando melhor custo / benefício das expedições;
- estarem permitidos a atravessar fronteiras estrangeiras, mesmo de estados inimigos;
- buscarem informações sobre recursos, armas e defesas durante as expedições mercantes.

Existiam corporações *pochteca* nos doze *altepeme* oficialmente reconhecidos pela Tríplice Aliança, conforme listado no *Códice Mendoza*: Tenochtitlán, Tlatelolco, Azcaotzalco, Cuauhtitlan, Huitzilopochco, Chalco, Coatlinchan, Huexotla, Mixcoac, Otumba, Texcoco, Xochimilco. Entre os bens negociados, Sahagún lista os mantos e saias decorados de forma elaborada; a plumária colorida de pássaros tropicais; muitos objetos de ouro; colares; instrumentos usados na produção têxtil; adornos de orelhas; lâminas de obsidiana; conchas e corais; agulhas; peles e couros de animais; várias

---

registros históricos sob a égide de uma terminologia aplicada anacronicamente. Nesse sentido, deixamos claro que ao tratar de mercados, trocas, comércio e os diversos outros aspectos da economia mexica estaremos buscando entendê-los de forma contextualizada, buscando nos aproximar da conotação de tais conceitos na cosmovisão autóctone.

(3) *Altepeme* – plural de *altepetl*: termo que define uma unidade política na Mesoamérica. Sobre o Assunto ver Navarrete Liñares 2000b.

ervas e pigmentos; escravos; jóias de jade, jadeíta e turquesa.

É importante notar que essa lista de bens inclui não apenas artigos considerados ‘luxuosos’ entre os mexica, mas a matéria-prima necessária para a manufatura deles. Podemos acrescentar que alguns dos bens citados por Sahagún<sup>4</sup> remetem a conexões menos óbvias dos *pochteca* com a ideologia de funcionamento do Estado, que vão além do fornecimento de matéria-prima aos artesãos, isto é, além de seu papel comerciante. É, por exemplo, o caso do couro de animais, das lâminas de obsidiana ou, precisamente, dos mantos decorados com insígnias, altamente valorizados por eles. Longe de propormos uma análise específica desses bens materiais, limitamo-nos aqui a lembrar que eles estão diretamente relacionados a aspectos ideológicos, e não simplesmente econômicos, da produção. O couro de animal servia de matéria-prima para a pintura de registros – livros de conteúdo ritual e/ou histórico e anais administrativos;<sup>5</sup> a obsidiana como instrumental básico nos rituais de sacrifício;<sup>6</sup> e os mantos decorados com insígnias da elite, simbolizando o *status* social legitimado pela ideologia hegemônica, com base nas trocas por relação de reciprocidade, como veremos mais adiante. Dessa forma, tangemos novamente a importância de

(4) Veremos posteriormente que a atividade dos *pochteca* deve ser entendida dentro de um determinado contexto político-econômico, o que nos faz entender que inúmeros deveriam ser os artigos relacionados às suas transações mercantes. O que nos interessa aqui é relacionar os bens citados nos registros à tentativa de entender a posição social dos *pochteca* frente às diversas atividades e idiosincrasias da sociedade imperial.

(5) Os livros pintados mexicanos, hoje categorizados como ‘códices’ (ainda que erroneamente, pois os registros em forma de códice foram introduzidos pelos espanhóis), eram de importância fundamental para a educação, disciplina e controle das atividades rituais e administrativas por parte da elite. Clendinnen (1995:133) comenta que as práticas religiosas dos mercadores mexica assumiram um grau de portabilidade que acompanhasse suas atividades ‘externas’, de forma que eles eram muitas vezes responsáveis por manter seus próprios registros pintados (de maneira geral essa função restringia-se aos sacerdotes responsáveis pelos *calmecac* ou escolas religiosas).

(6) A obsidiana não era uma pedra tão valorizada quanto o jade, ela circulava também no contexto doméstico. Ainda assim são inúmeros os exemplos em que ela aparece no aparato ritual, como por exemplo na faca utilizada para sacrifício.

compreender a complexidade das atividades do *pochteca*, evitando nos restringir às suas implicações comerciais, isto é, às relações de mercado na perspectiva atual do termo.

### *Os pochteca e o comércio*

Conforme mencionado anteriormente, os *pochteca* não eram os únicos responsáveis pelas atividades oficiais de comércio. As relações entre o governo mexica, à frente da Tríplice Aliança, e os demais *altepeme*, fundamentadas em atividades econômicas diretamente ligadas à produção, distribuição, trocas e consumo de produtos (alimentos e outros bens de subsistência, matéria-prima e bens luxuosos), formavam uma complexa cadeia mercantil. Configuravam essa cadeia tanto os mercados locais e regionais, que eram organizados por outros mercadores, como as trocas de longa distância, essas sim de responsabilidade dos *pochteca*, entendidas por alguns autores como exemplos do modelo econômico de “porto de comércio”<sup>7</sup> (*ports of trade*) proposto por Karl Polanyi, em *Trade and Market in the Early Empires* (1957).

Trabalhando em colaboração com vários pesquisadores, Polanyi analisou modelos de trocas definidas como “comércio de extensão”, caracterizado, entre outras variáveis, pela neutralidade geográfica dos lugares onde eram realizadas atividades de troca, para algumas sociedades antigas. No caso da Mesoamérica, Anne Chapman aplica o modelo econômico de “porto de comércio” para explicar as relações de troca de longa distância na conjuntura de hegemonia política da Tríplice Aliança, no final do século XV. Veremos adiante que essa proposta de Chapman é controversa e para entendermos a questão da aplicabilidade ou não do modelo de porto de comércio na Mesoamérica é necessário definir, primeiro, o que entendemos por comércio local, regional e de longa distância, no funcionamento da economia do altiplano central mexicano no período da hegemonia mexica.

Diferentemente do que encontramos muitas

(7) Existem ressalvas por parte de muitos autores na bibliografia referente à aplicação desse modelo econômico às sociedades mesoamericanas, o que retomaremos em seguida.

vezes na historiografia sobre o assunto, define-se aqui por comércio local aquele caracterizado por trocas diretas, sem intermediações ou regulamentos estamentais, basicamente voltadas à economia de subsistência, à circulação de bens essenciais, como por exemplo alimentos ou algodão. De acordo com os testemunhos dos cronistas, essas eram práticas comuns, espalhadas por toda a região do altiplano, em qualquer lugar onde houvesse agrupamentos populacionais, principalmente nas regiões agrárias. Com a expansão do domínio da Tríplice Aliança, as concentrações populacionais urbanas tenderam a aproximar-se dos grandes mercados (que definimos aqui como 'comércio regional'), devido à concentração de especializações de ofícios nos *calpulli*. Estes passavam a depender cada vez mais do acesso às matérias-primas trazidas pelos *pochteca* aos grandes mercados controlados pelos *altepeme* locais, com pouca interferência do Estado mexica. Assim, a multiplicidade e o dinamismo do sistema econômico passava a depender da ação dos *pochteca*, tornando essencial e sua participação, ainda que de forma indireta, no sistema de produção (Hodge e Smith 1994; Carrasco e Broda 1978; Hassig 1985; Berdan 1976). Aparentemente, isso variava de mercados geograficamente mais estratégicos e de controle mais direto, como era o de Tenochtitlan-Tlatelolco,<sup>8</sup> a atividades comerciais exercidas sob a égide das soberanias locais 'independentes', não restando dúvida de que os mercados do altiplano central exerciam um papel fundamental na economia da região.

"Regulamentos requeriam não apenas frequência nos mercados, mas proibiam a venda de mercadorias fora do mercado" (Durán 1967 I:177-79)

De qualquer maneira definimos esse tipo de mercado como comércio regional, pois reunia uma grande variedade de bens adquiridos nas trocas dos *pochteca* em regiões distantes, que só assim tornavam-se disponíveis à população local. É o caso, como já mencionamos, da matéria-prima utilizada na confecção de artefatos essenciais à estrutura ideológica do Estado mexica nos níveis econômico (controle dos tributos), político (trocas de presentes entre governantes e indumentária de

guerra), ideológico (controle social através da educação e do teatro) e religioso (oferendas e festas religiosas).

Sabe-se também que, apesar de os Mexica não terem tido um sistema unitário de moeda, alguns produtos serviam como medidas de troca (*barter*), como mantas, grãos de cacau e *hachitas*<sup>9</sup> (Clavijero 1974:386). Ainda assim, é necessário ter cautela na maneira de entender tais objetos, uma vez que seu valor não era unicamente 'monetário'. As *hachitas*, por exemplo, devem ser entendidas nas funções rituais.<sup>10</sup>

Uma vez identificada a importância do suprimento de bens trazidos pelos *pochteca* aos mercados controlados pelo Estado mexica, torna-se necessário compreender o outro lado dessa operação de longa distância, isto é, as trocas para aquisição de produtos em demanda, realizadas no outro extremo da cadeia operatória, distantes dos grandes mercados e, principalmente, as trocas estabelecidas além das fronteiras do domínio da Tríplice Aliança.

#### *Os pochteca e as trocas*

O termo *troca* implica uma operação que envolve, no mínimo, duas partes. Discorremos sucintamente sobre as trocas comerciais que caracterizavam os mercados do altiplano central mexicano, assim como as atividades comerciais que chamamos de "locais", isto é, aquelas que corriam de forma independente dos regulamentos econômicos dos mercados de comércio "regional". A organização da economia do Estado mexica foi definida por alguns autores como uma economia complexa, múltipla, que não pode ser entendida isoladamente (Carrasco e Broda 1978; Castillo 1996). Para compreender seu funcionamento, precisamos estar cientes de se tratar de uma sociedade cuja visão de mundo difere demasiadamente das sociedades européias modernas, da mesma forma que seria um enorme equívoco compará-la às sociedades da antiguidade clássica.

No capítulo introdutório de *Economía Política e Ideología no México Pré-Hispánico* (Carrasco e Broda 1978), Pedro Carrasco

(8) Sobre a hierarquia entre mercados do império ver Hodge e Smith (1994:12)

(9) Pequenos machados semilunares feitos de cobre.

(10) Sobre a noção de valor de objetos na Mesoamérica, ver França (1999).

apresenta uma análise da economia mesoamericana fundamentada em bases teóricas contextualizadas, objetivas e adequadas às particularidades da cosmovisão mexica, evitando dessa maneira o caminho das projeções “pasteurizadas” comumente adotado na historiografia sobre o tema.

Carrasco fala sobre a economia pré-hispânica do México, partindo do entendimento da produção voltado à necessidade de examinarmos a ecologia, a tecnologia e a estrutura social, e também suas relações mútuas (Carrasco e Broda 1978:20). O autor comenta o modelo teórico de Polanyi:

“... à primeira vista, a teoria de Polanyi parece partir desse critério e estabelecer seus conceitos básicos de três tipos de troca – reciprocidade, redistribuição e trocas comerciais – na esfera, não da produção, mas da circulação (...) Claramente a definição de Polanyi de ‘redistribuição’ compreende duas fases: primeiro a acumulação de bens em um centro e depois a dispersão a partir do centro, ou seja, a redistribuição propriamente dita. É certo que essa definição evoca, antes de tudo, usos como o *potlatch* e os convites descritos para muitos povos primitivos, assim como o benefício público dos estados sustentados por impostos e tributos; tudo isso se refere ao campo da circulação e da distribuição. Sustento, sem dúvida, que o conceito de redistribuição, como os de reciprocidade e de troca comercial podem ser aplicados igualmente na análise da produção, posto que os meios de produção se distribuem, circulam e se combinam baseados nos mesmos procedimentos. Terra, matérias-primas, instrumentos e trabalho podem ser coordenados com fins de produção em forma de prestações recíprocas entre os indivíduos que deles dispõem, ou mediante a acumulação decidida por uma autoridade central, com base nas transações comerciais. Portanto, os três princípios de reciprocidade, redistribuição e troca comercial podem ser aplicados tanto à esfera da circulação quanto da produção.”

Carrasco continua sua análise demonstrando que os aspectos principais da produção resumem-se na terra e no trabalho, apontando justamente para a importância dos *pochteca* como responsáveis pela circulação dos bens de produção, que não se limitavam à produção

agrícola, dada a importância da circulação da matéria-prima para a produção artesanal (Carrasco e Broda 1978:24). A interpretação de Carrasco reitera nossa perspectiva de que o comércio de longa distância assume importância fundamental na organicidade do sistema econômico mexica, permitindo a circulação dos bens de produção fundamentais à articulação do sistema econômico: produção agrícola, circulação de matérias-primas, produção artesanal, circulação de bens manufaturados.

Conforme afirmamos anteriormente, essas trocas não se restringiam aos aspectos econômicos e demonstram que as atividades dos *pochteca* eram essenciais à manutenção da política-ideológica sustentada pelo Estado. Isto se torna evidente quando analisamos o sistema tributário, as relações de reciprocidade e os cultos oficiais como elementos estruturais na política de expansão e manutenção dos domínios territoriais, na forma de posse dos bens da terra, influndo organicamente na produção. Veremos a seguir que tanto a documentação colonial como os registros pré-hispânicos apresentam forte evidência para esta argumentação.

#### *Os tributos, a guerra, o ritual e a reciprocidade*

A *Matrícula de Tributos* é um registro originalmente produzido no período pré-hispânico cuja cópia foi integrada, já no período colonial, ao *Códice Mendoza* (um livro pintado, comissionado aos mexica recém-depostos para ser encaminhado ao Vice-Rei espanhol Don Antonio de Mendoza.) A *Matrícula de Tributos* pode ser considerada fonte ímpar no estudo do sistema tributário da Tríplice Aliança, apresentando uma lista exaustiva dos bens adquiridos por tributos. O subsequente *Códice Mendoza* foi dividido em três partes, sendo a primeira relativa às conquistas de senhorios (ou *altepeme*) que estavam sob a hegemonia da Tríplice Aliança quando chegaram os espanhóis, a segunda contendo a reprodução integral da *Matrícula de Tributos*, e a terceira apresentando “o dia-a-dia” da sociedade que vivia sob as rígidas regras de conduta impostas pelo governo mexica.

Sabe-se que os tributos eram uma enorme fonte de acumulação de riquezas para os Mexica. Entretanto, deve-se considerar que as atividades comerciais de longa distância dos *pochteca* tinham, além das motivações econômicas, uma importante

participação na política expansionista mexica, assim como nas relações diplomáticas e de reciprocidade entre as elites dos *altepeme*. Se, por um lado, cada *altepetl* possuía uma organização política própria, constituindo uma soberania independente com relação ao domínio local (socialmente verticalizado), de outro estavam submetidos à constante pressão militar da Tríplice Aliança, liderada pelos Mexica, o que contribuiu para uma hierarquização do sistema político que levou a Tríplice Aliança a dominar a maior parte do território mesoamericano em muito pouco tempo. Encontramos no testemunho dos informantes de Sahagún, nos relatos da *História General*, referências do envolvimento direto dos *pochteca* neste processo, como demonstra o trecho a seguir:

“... porque seus tios, os *pochteca*..., nós pusemos nossas cabeças e vidas em risco, e trabalhamos de noite e de dia, e ainda que nos chamamos mercadores e assim parecemos, somos capitães, soldados que dissimuladamente andamos a conquistar, e trabalhamos e padecemos muito para alcançar estas coisas que não eram nossas, senão que por guerra e com muito trabalho alcançamos...” (Sahagún 2000 II:795)

A identificação de uma política expansionista por trás das chamadas ‘guerras rituais’<sup>11</sup> legitimadas na política ideológica mexica pela necessidade de alimentar o Sol com o coração de guerreiros sacrificados, é um tema bastante explorado pela historiografia atual. Em *The Essential Codex Mendoza*, Frances Berdan e Patricia Anawalt (1997) apresentam uma seqüência de mapas relativos à expansão territorial alcançada durante os sucessivos reinados mexica, desde Acamapichtli (1376–

1396 d.C.) até Motecuhzoma Xocoyotzin (1503–1520 d.C.), baseados num estudo pormenorizado dos fólhos correspondentes às conquistas militares registradas no *Códice Mendoza*. Comparar a distribuição geográfica dos *altepeme* subjugados ao poder da Tríplice Aliança nos dois períodos é um ótimo exercício para entendermos as conseqüências econômicas da política expansionista (Figs. 1 e 2). O mesmo torna-se evidente quando analisado o acúmulo de bens, na forma de tributos, contemplado nos registros da *Matrícula de Tributos*. Na figura três podemos observar a riqueza dos tributos cobrados de Soconusco, *altépetl* conquistado pela Tríplice Aliança, incluindo objetos do mais alto valor social e religioso, tais como a pele de onça e as jóias de jade.

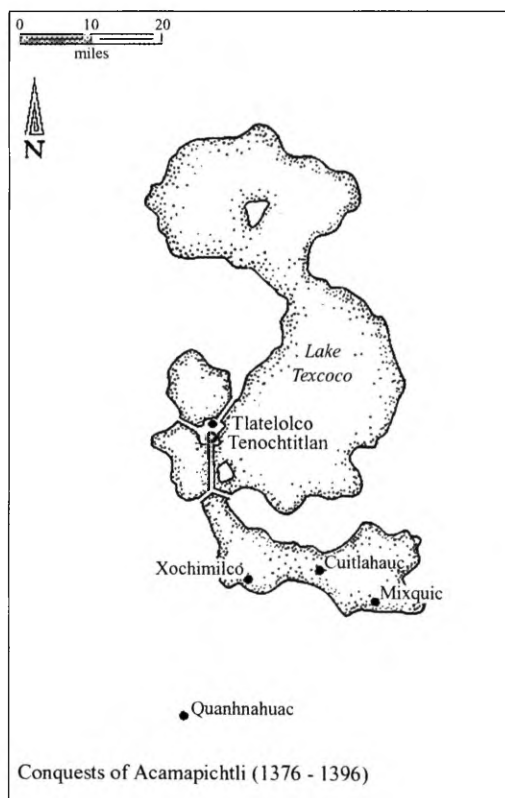


Fig. 1 – Acamapichtli (1375-1385 d.C.). Mapa que representa a extensão das conquistas da Tríplice Aliança no primeiro reinado (cada ponto indica uma localidade conquistada). Fonte: Berdan e Anawalt 1997:8.

(11) Na cosmovisão mesoamericana, o combate ritual está presente na grande maioria das narrativas de criação do cosmo, dos deuses e da humanidade. De acordo com o mito de criação exaltado pela elite mexica, a Era em que viviam correspondia ao quinto Sol que, assim como os quatro sóis anteriores, estava predestinado a morrer. Para evitar o fim de sua Era, os Mexica teriam recebido de sua divindade patrona, Huitzilopochtli (associado à guerra e ao Sol diurno) a missão de alimentar o Sol com o coração de guerreiros sacrificados, para que ele vigorasse em vencer no combate com as forças da noite e da obscuridade, evitando assim o fim dos dias e da vida no âmbito terreno.

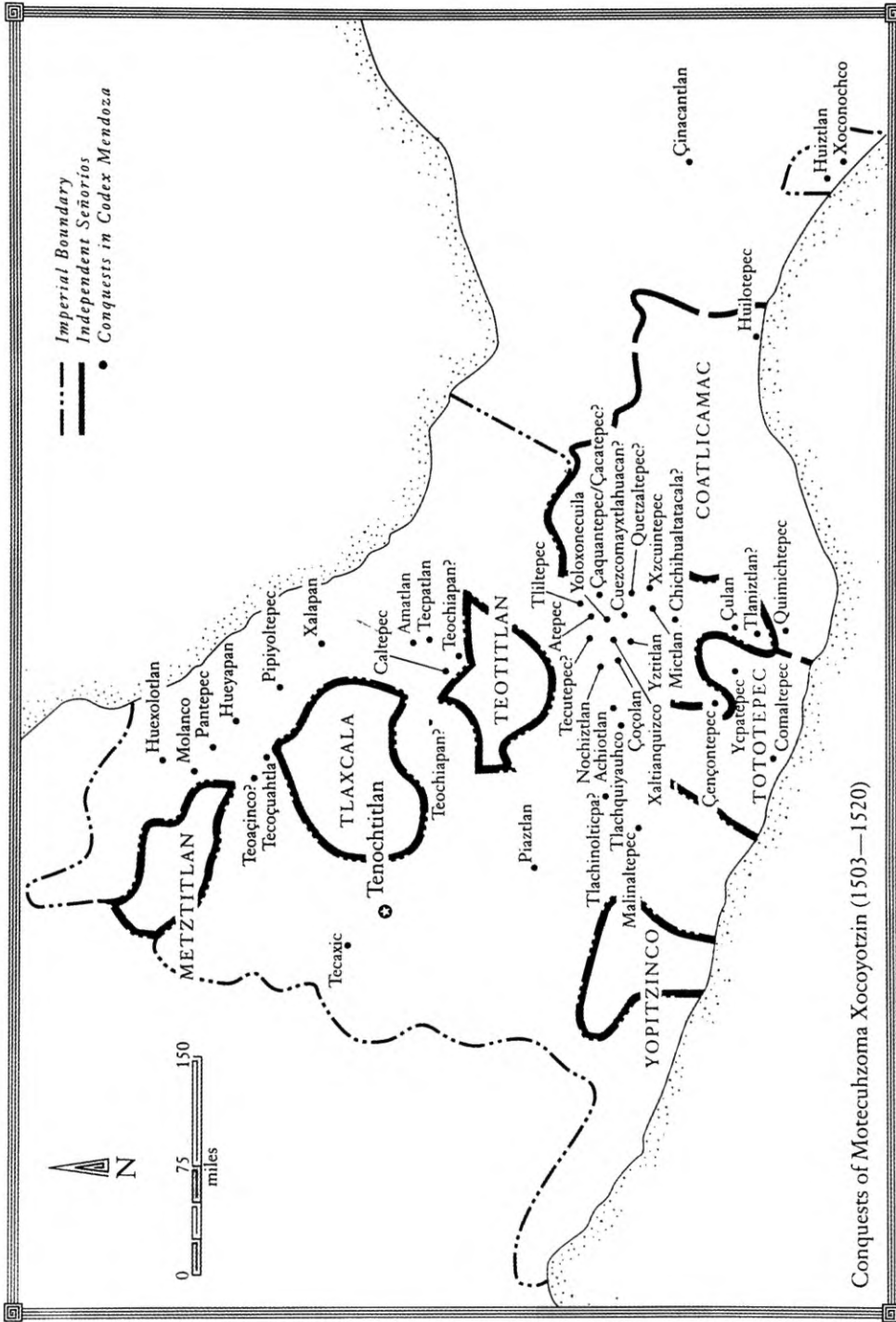


Fig. 2 – Moteuczoma Xocoyotzin (1502-1520 d.C.). Mapa que representa a extensão das conquistas da Tríplice Aliança no último reinado (cada ponto indica uma localidade conquistada). Fonte: Berdan e Anawalt 1997:24.





Apesar de o *Códice Mendoza* ter sido confeccionado a pedido das autoridades espanholas, é justamente o fato de ele incluir uma cópia da *Matrícula de Tributos* que nos chama a atenção aqui. Ao ser alegada no *Códice Mendoza*, junto às duas outras partes que exaltam as conquistas militares e a fundamentação moral e jurídica da sociedade mexica, a *Matrícula* pode ser entendida como uma declaração política, legitimada pela força, pela riqueza e pela tradição.<sup>12</sup>

Enxergamos aqui uma parcela 'não econômica' presente no discurso desses registros. Os tributos eram, sem dúvida alguma, uma enorme fonte de riqueza para as elites da Tríplice Aliança que patrocinavam as atividades dos *pochteca*. Vimos, entretanto, que a atividade comercial de longa distância desenvolvida pelos *pochteca* tinha grande influência nos meios de produção que, além das motivações econômicas e militares, supriam, ainda que de forma indireta, relações diplomáticas e de reciprocidade, como demonstra Victor Castillo (1996:97).

“...se a nobreza era promotora direta das atividades dos *pochteca*, deve supor-se uma acumulação de bens em suas mãos... No caso dos *tlatoque* e *pipiltin*<sup>13</sup> do México, a origem e existência desta acumulação se localizam, em parte, nas arrecadações que afetavam os próprios súditos e, por outro lado, nos artigos tributados advindos dos povos subjugados. Por esta última via os governantes obtinham diversos tipos de cereais (utilizados para o sustento do exército, das festas, dos convites e do povo nas épocas de seca), mas também abastecia-se de objetos, sobretudo suntuosos, manufaturados, semi-elaborados ou em seu estado natural, os quais, acredita-se, serviram como regalos para guerreiros distinguidos, embaixadores de outros povos e ainda para os mesmos comerciantes, ainda que uma boa porção deles permanecia entesourada pela nobreza e parte significativa retornasse aos senhores dos lugares tributados.”

(12) Considerando que os livros pintados sempre serviram como instrumentos de comunicação, ensino, regulamentação e manutenção das tradições e do ritual (tendo uma circulação muito restrita) é fundamental pensar no papel que esses documentos passam a exercer sob as novas normas estabelecidas nas relações entre a elite mexica e os espanhóis, no contexto colonial.

(13) Senhores e nobres.

Sabemos, entretanto, que o interesse do Estado pelas atividades dos *pochteca* voltadas ao controle político e social não se limitava às relações de diplomacia e de reciprocidade entre as elites. A circulação de alguns produtos listados na tributação mexica estava também fortemente amarrada à organização das festas religiosas. O ciclo das festas mexica estava vinculado ao calendário solar (de 360 dias complementados por cinco dias 'negativos'<sup>14</sup>). Eram realizadas dezoito festas correspondentes a 'meses' de vinte dias, as chamadas *vintenas*.<sup>15</sup> O estudo pormenorizado das festas mexica revela que este ciclo ritual espelhava-se nos ciclos sazonais da produção agrícola, estando fortemente atrelado à demanda de produtos.<sup>16</sup> Na cadeia operatória, as festas que compunham o calendário ritual eram a expressão máxima da organicidade do sistema econômico fundamentado na produção, concentração e redistribuição de bens (seja na forma de alimentos, mantas, insígnias ou diversos objetos de valor ritual), articulando a participação e controle de todos os grupos sociais sob a égide do poder hegemônico. Em outras palavras, o ciclo ritual que durava o ano inteiro e determinava a participação de todos os grupos da sociedade, nas suas respectivas festas e funções, garantia um rígido controle social por parte do Estado. Percebemos, assim, que guerra, tributos, ritual e reciprocidade são todos aspectos de um

(14) Os *nemontemi* eram os cinco dias de mau augúrio no prognóstico do calendário solar mexica, que ocorriam na passagem de cada ciclo completo de 360 dias do calendário solar.

(15) O termo *vintenas* surgiu no período colonial para designar as dezoito festas ou 'meses' correspondentes. É importante notar o conceito temporal de 'mês' não corresponde necessariamente à maneira como articulavam-se os calendários mesoamericanos e foi aplicado ao estudo das festas no período colonial, o que levantou algumas ressalvas na historiografia. Sabemos, contudo, que as festas podiam durar até 80 dias; além disso, a contagem de tempo adotada pelos indígenas mesoamericanos era bastante precisa (mais do que o calendário Juliano da época) e os calendários mesoamericanos passavam por justes quando necessário (como é para nós o ano bisexto). Defendemos, portanto, os estudos sobre o ciclo de festas mexica que sustentam sua correlação precisa com o calendário solar, mas questionamos a segmentação do ciclo em espaços temporais equivalentes a meses de vinte dias. Sobre o assunto ver Arcuri 2003, capítulo 3.

(16) Sobre o assunto ver Broda 1979, 1983, 2000; Carrasco 1979; Aveni 1975, 1991; Brotherston 1992.

sistema político-econômico que contava com a dinâmica de produção dos *pochteca*.

*Os pochteca e os portos de comércio na Mesoamérica: fontes arqueológicas na solução de um debate historiográfico*

Uma vez esclarecido que a amplitude do papel dos *pochteca* na sociedade mexica é mais complexa do que uma mera identificação com o comércio de longa distância, retomamos a questão inicialmente proposta neste trabalho, sobre a necessidade latente de adequarmos as metodologias adotadas no estudo das sociedades pré-hispânicas aos avanços científicos mais recentes. Para elucidarmos esta questão, tomando ainda como base a função dos *pochteca* na economia mexica, concluiremos este exercício apresentando, de maneira bastante sucinta, um exemplo de como os avanços da pesquisa iconográfica e arqueológica contribuíram para o esclarecimento de uma polêmica historiográfica originada nos anos sessenta a partir de um estudo comprometido por uma metodologia inadequada.

Conforme mencionado anteriormente, o modelo teórico de Polanyi de 'portos de comércio' foi aplicado por Anne Chapman a algumas regiões de intercâmbio da Mesoamérica no final da década de 1950. A receptividade do estudo de Chapman (1957:VII) intitulado "Port of Trade Enclaves in the Aztec and Maia Civilizations" varia, na historiografia, de acordo com estudos de casos específicos de cada região. A nosso ver, ainda que a proposta de Chapman para entender os 'portos de intercâmbio' na Mesoamérica não seja totalmente inválida, acreditamos que grande ressalva deve ser feita ao método adotado, uma vez que um modelo criado para uma sociedade da Polinésia foi aplicado diretamente às sociedades mesoamericanas, que pouco se identificavam com a primeira.

Atendo-nos a um exemplo prático, temos o caso específico de Soconusco, um sítio arqueológico que havia sido identificado por Anne Chapman como um porto de comércio e cuja definição passou a ser questionada, na historiografia, algumas décadas mais tarde.

Nos anos setenta, Frances Berdan (1976) realizou um estudo detalhado das relações de troca, tributos e do comércio mexica, fundamentado principalmente na análise das fontes indígenas. Contemplada por novos dados, a autora pôde dar

um passo à frente na interpretação das informações encontradas por Chapman na documentação de Sahagún produzida à luz do modelo econômico europeu. Na visão de Berdan:

"...Chapman (1957) discutiu a natureza dos 'portos de comércio' na Mesoamérica na época imediatamente precedente à Conquista. Ela sugere que certos centros de intercâmbio costeiros da Mesoamérica podem ser descritos como 'portos de comércio'. Apesar de Chapman defender a viabilidade desse modelo naquela região, a evidência documental indica inúmeras discrepâncias em relação à verdadeira estrutura das atividades comerciais na Mesoamérica pré-hispânica (...) As investigações focam os locais de mercado dessas áreas de comércio, o grau de neutralidade e a natureza passiva ou dinâmica do envolvimento local nas trocas. O primeiro desses aspectos está ligado à definição mais ampla do papel dos mercadores profissionais em 'portos de comércio', que provavelmente não se restringiam às atividades de comércio oficiais, mas estendiam para as suas atividades mercantes nos mercados. A característica mais diagnóstica dos 'portos de comércio' contudo é a neutralidade. Se, por exemplo, Soconusco estava inquestionavelmente integrada no império mexica como província conquistada, seu *status* de porto de comércio deve ser reconsiderado..."

Berdan refere-se, no trecho citado, ao fólio 47r do *Códice Mendoza*,<sup>17</sup> reproduzido na Figura 3. Alguns anos mais tarde, sua interpretação foi confirmada pelos estudos arqueológicos realizados em Soconusco e, conforme avalia Voorhies (1991:20), o modelo de Chapman provou-se insuficiente:

"... Chapman usou fontes escritas para concluir que o modelo de porto de intercâmbio se aplicava adequadamente à organização econômica de Soconusco no período pré-Hispânico tardio. Proponho que virtualmente não há uma evidência firme e direta que nos conduza de maneira inevitável à conclusão de que o porto de intercâmbio tipificava a economia de distribuição de Soconusco. De fato, a evidência aponta para uma interpretação radicalmente diferente dos registros históricos..."

(17) Parte II, referente à *Matricula de Tributos*.

O caso de Soconusco é apenas um exemplo dentre vários sítios recém-escavados que vêm revelando novas interpretações na história do México pré-hispânico. Ele reforça nossa proposta inicial de que os estudos dessas sociedades devem ser encarados de forma dinâmica e diacrônica. Ao buscarmos entender o papel de um determinado grupo social, como fizemos aqui com os *pochteca* e sua atuação na organização do Estado Mexica, deparamos com uma tarefa que requer a análise atenta e crítica da historiografia, uma leitura que permaneça preocupada em verificar a natureza e a contextualização das fontes por ela adotadas. No estudo dos *pochteca*, isso foi suficiente para percebermos as idiosincrasias de um

sistema político-econômico complexo, que deve ser entendido à luz de uma concepção que transcende a esfera comercial de valor, estando a produção e a circulação dos bens diretamente relacionadas aos regulamentos sociais e ideológicos controlados pela elite governante Mexica, e sendo os *pochteca* agentes essenciais nesse mecanismo.

### Agradecimentos

Agradeço à FAPESP pelo financiamento de minha pesquisa de Doutorado e a orientação da Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano.

ARCURI, M.M. Trade, tribute and market: the role of the *pochteca* in the organization of the Mexica State. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 139-151, 2003.

**ABSTRACT:** Up until the 1970's, studies of the Mexica were largely based on Spanish records produced in the 16th century. This work is a methodological discussion resulting from analysis of indigenous accounts of the *pochteca*'s (long-distance merchants) role in the running of the Mexica economy. The methodological discussion aims to demonstrate how advances in archaeological findings and recent interdisciplinary studies reveal that the *pochtecas* were more than mere long-distance merchants. They played a complex role in the balance of the Mexica official economy.

**UNITERMS:** Pochteca – Mexica – Economy – Politics – Archeology – History – Methodology

### Fontes citadas

- DÍAZ DE CASTILLO, B.  
*Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*.  
Ed. 1982, Instituto "Gonzalo Fernández de Oviedo"  
C.S.I.C., Madrid.
- DURÁN, FR. D. DE  
*Historia de las Indias de Nueva España e Islas de Tierra Firme*.  
Ed. 1995, Cien de México, México.
- MOLINA, A. DE  
*Vocabulario em Lengua Castellana y Mexicana*.  
Ed. 1944, Ediciones Culturales Hispánicas, Madrid.
- MOTOLINÍA, FR. T. DE B.  
*Libro de las Cosas de la Nueva España y de los Naturales de ella*.  
Ed. 1971, O'Gorman UNAM, México.
- SAGHAGÚN, FR. B. DE  
*Florentine Codex* (book IX)  
Ed. 1959, Dibble and Anderson, University of Utah, Santa Fé.
- SAGHAGÚN, FR. B. DE  
*Historia General de las Cosas de Nueva España*.  
Ed. 2000, Editorial Porrúa, México.
- TORQUEMADA, FR. J. DE  
*Monarquía Indiana*.  
Ed. 1975, León-Portilla, UNAM, México.
- ZORITA, A. DE  
*Life and Labour in Ancient México: the brief summary relation of the lords of New Spain* (ed. Keen) University of Oklahoma Press, Norman.

### Referências bibliográficas

- ARCURI, M.M.  
2003 Os sacerdotes e o culto oficial na organização do Estado Mexica. São Paulo, Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia – FFLCH-USP.
- AVENI, A.F.  
1975 *Archaeoastronomy in pre-Columbian America*. Austin: University of Texas Press.  
1991 *Observadores del cielo en el México antiguo*. México: Fondo de Cultura Económica.
- BERDAN, F.F.  
1976 *Trade, Tribute and Market in the Aztec Empire*. Doctoral dissertation, University of Texas Press.  
1978 Ports of Trade in Mesoamerica: a Reappraisal. *New World Archaeological Foundation Papers*, 40: 187-198.
- BERDAN, F. F.; ANAWALT, P.R.  
1997 *The Essential Codex Mendoza*. Berkley, Los Angeles and London: University of California Press.
- BRAY, W.  
1968 *Everyday life of the Aztecs*. Putnam, London, New York: Batsford.
- BRODA, J.  
1979 Estratificación social y ritual Mexica: un ensayo de antropología social de los Mexica. *Indiana*, 5: 45-82.  
1983 Ciclos agrícolas en el culto: un problema de la correlación del calendario Mexica. A.F. Aveni; G. Brotherston (Eds.) *Calendars in Mesoamerica and Peru: native American computation of time*. Oxford, BAR International Series 174: 145-165.  
2000 Ciclos de fiestas y calendario solar Mexica. *Arqueología Mexicana*, 7 (41): 48-55.
- BROTHERSTON, G.  
1992 *Book of the Forth World: reading the native Americas through their literature*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CARRASCO, P.  
1979 Las fiestas de los meses Mexicanos. B. Dalhgren (Coord.) *Mesoamerica: homenaje al Doctor Paul Kirchhoff*. SEP-INAH: 52-60.
- CARRASCO, P.; BRODA, J.  
1978 *Economía Política e Ideología en el México Prehispánico*. México: Editorial Nova Imagen.
- CASTILLO FERRERAS, V.M.  
1996 *Estructura económica de la sociedad Mexica*. México, UNAM/ Instituto de Investigaciones Históricas.
- CHAPMAN, A.  
1957 Port of Trade Enclaves in the Aztec and Maia Civilizations. K. Polanyi; C.M. Arensberg; H.W. Pearson (Eds.) *Trade and Market in the Early Empires*. New York: The Free Press: 114-154
- CLENDINNEN, I.  
1995 *Azets, an interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FRANÇA, L. M.  
1999 Transformações da Noção de Valor na Mesoamérica: ‘Objetos - Preciosos’ como Intermediários nas Trocas Indígenas e o seu Encontro com a Moeda Metálica. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- HASSIG, R.  
1945 *Trade, tribute, and Transportation*. Norman: University of Oklahoma Press.
- HODGE, M. G E SMITH, M. E.  
1994 *Economies and Politics in the Aztec Realm*. Institute of Mesoamerican Studies, The University at Albany, State University of New York, Albany.
- NAVARRETE LINARES, F.  
2000a *Las fuentes indígenas más allá de la dicotomía entre historia y mito*. <http://ceveh.com/biblioteca/artigos/FN-P-A-historiaymito.html>  
2000b *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los Pueblos del Valle de México*. Tese de Doutorado. México, Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM.
- POLANYI, K.  
1968 *Primitive, Archaic and Modern Economies: Essays of Karl Polanyi*, G. Dalton (Ed.) New York, Garden City.
- POLANYI, K.; ARENSBERG, C.M.; PEARSON, H.W. (EDS.)  
1957 *Trade and Market in the Early Empires*. New York: The Free Press.
- SMITH, M.E.  
1996 *The Aztecs*. Oxford: Blackwell.
- VOORHIES, B.  
1991 *La Economía del Antiguo Soconusco, Chiapas*. UNAM, México.



## ETNOARQUEOLOGIA ENTRE OS XERENTE: A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE ORGANIZAÇÃO E USO DO ESPAÇO DAS ALDEIAS PORTEIRA E RIO SONO

Flavia Prado Moi\*

MOI, F.P. Etnoarqueologia entre os Xerente: a construção de um modelo de organização e uso do espaço das aldeias Porteira e Rio Sono. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 153-173, 2003.

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados da pesquisa de mestrado intitulada “Organização e uso do espaço em duas aldeias Xerente: uma abordagem etnoarqueológica” Tal pesquisa teve como objetivo formular um modelo de organização e uso do espaço a partir de estudos realizados em duas aldeias Xerente, localizadas na Terra Indígena Xerente, estado do Tocantins, Brasil. O procedimento básico foi a busca de inter-relações existentes entre cultura material, comportamento e cultura, quando foram observadas, descritas e mapeadas as estruturas e áreas de atividade de cada uma das aldeias, relacionando estes espaços à cultura material produzida, seus respectivos atores e períodos de utilização. A análise do conjunto de dados obtido resultou na construção de um modelo Xerente de uso do espaço, considerando não apenas os aspectos identificados como homogêneos entre as aldeias estudadas, mas também os aspectos diferenciadores, de forma que o modelo abranja, igualmente, as variações intrínsecas à forma de ocupação Xerente.

**UNITERMOS:** Etnoarqueologia – Xerente – Cultura Material – Arqueologia – Antropologia.

O presente artigo apresenta os resultados obtidos pela pesquisa de mestrado intitulada “Organização e uso do espaço em duas aldeias Xerente: uma abordagem etnoarqueológica”<sup>1</sup> Esta pesquisa teve como objetivo elaborar um modelo de organização

e uso do espaço em duas aldeias Xerente por meio dos pressupostos teóricos e metodológicos oferecidos pela Etnoarqueologia, área de pesquisa que, por meio de um trabalho etnográfico, procura elucidar relações entre cultura material e comportamento para, assim, apresentar e testar hipóteses sobre estas relações em busca de subsídios para a compreensão das evidências arqueológicas (David & Kramer 2001; Kramer 1979; Kent 1987).

Atualmente os Xerente habitam duas terras indígenas no município de Tocantínia, TO, região do médio curso do rio Tocantins. São um povo da família linguística Jê e do ponto de vista geográfico são denominados Jê centrais, classificação que compartilham com povos das outras línguas *Akwẽ* (Xavante e Xacriabá). Em contato com a sociedade nacional há mais de 250 anos, o povo Xerente

(\*) Mestre pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.  
(1) Esta pesquisa de mestrado esteve vinculada ao “Projeto Lajeado”, resultado de um convênio firmado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e desenvolvido sob a coordenação geral do Prof. Dr. Paulo de Blasis e da Profa. Dra. Erika Marion Robrahn-González para a realização do Estudo de Impacto Ambiental para a construção da Usina Hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães (UHE Lajeado). A pesquisa foi iniciada em 1999 como uma das medidas mitigadoras propostas à INVESTCO, consórcio responsável pelo empreendimento.

tem estado entrelaçado às múltiplas facetas que o “mundo dos brancos” tem a lhe oferecer: os Xerente as adquiriram, somaram e fundiram às suas diferentes e distintas artimanhas e estratégias de vivência política e social. Permanecem, no entanto, como uma “entidade cultural e lingüística diferenciada” perante a sociedade regional. Autodenominam-se *Akw*, tal qual seus antepassados, e formam com os Xavante do Mato Grosso o ramo central das sociedades de língua Jê (Lopes da Silva e Farias 1992:89).

Apesar de hoje considerarem sua sociedade muito diferente daquela em que viveram os “antigos”, dado o abandono de certas práticas, como a presença da casa dos homens (*warã*), e o não cumprimento de regras básicas tradicionalmente operantes, como a exogamia das metades (Lopes da Silva e Farias 1992:89), os Xerente preservam sua língua materna e seus arranjos sociais mais vitais, organizando-se em grupos sociais específicos (metades, grupos de descendência unilinear e grupos rituais). Também confirmam a conhecida configuração social, política e cosmológica das sociedades Jê, como já observado por vários etnólogos (Nimuendaju 1942; Maybury-Lewis 1979; Farias 1990; Lopes da Silva & Farias 1992; Paula 2000).

Profundas alterações são verificadas em seu quadro artefactual, não só no que se refere à confecção e uso de objetos tradicionais (que geralmente resultam no abandono da cerâmica, pedra lascada e polida), como também no que se refere ao significado que é atribuído a esses mesmos objetos (muitos grupos que continuam confeccionando objetos “tradicionais” o fazem para vendê-los a turistas; Velthem 1987:99). Dentro de uma perspectiva etnológica é reconhecido o fato de que o quadro artefactual das sociedades indígenas atuais é realmente um dos aspectos mais sensíveis a mudanças.<sup>2</sup> Entre os povos de língua Jê, atividades

desenvolvidas por centenas de anos, como a confecção de cerâmica e o trabalho com a pedra largamente encontrados em sítios arqueológicos,<sup>3</sup> foram sendo substituídas a partir dos primeiros contatos com o “branco”

Nas aldeias Xerente, verificamos a utilização de vários objetos industrializados. Partindo dessa observação, optamos por desenvolver uma pesquisa que nos informasse, por exemplo, se os comportamentos relacionados aos novos artefatos adquiridos também haviam mudado. Neste caso, consideramos que a análise da cadeia operatória – confecção, uso e descarte dos artefatos – forneceria um modelo menos adequado, de resultados mais restritos para utilização em contextos arqueológicos. Para esta situação, acreditamos que a análise do padrão de estruturação e distribuição das unidades domésticas e aldeias, e de suas áreas de atividade, forneceria resultados mais abrangentes.

Trabalhamos então com a proposta de construção de um modelo para essa sociedade que estivesse baseado na análise do padrão de estruturação das duas aldeias e da distribuição de suas unidades domésticas e áreas de atividade. Assim procedendo, contemplamos atividades como confecção, uso e descarte de cultura material como parte do contexto do espaço físico e social da aldeia, incluindo formas de abandono, mobilidade, gestão dos dejetos, organização familiar e hierárquica, demografia e uso do espaço nas habitações e aldeias. Ao final, tendo registrado e analisado a

---

Resistem por mais tempo a esta sucessão os objetos ligados à tecnologia da mandioca, como peneiras, abanos, tipitis, cuias e cabaças. Os ralos de mandioca, extremamente bem construídos, também vêm sendo modificados, adotando-se em inúmeras circunstâncias ralos feitos de latas perfuradas” (Velthem 1987: 99).

(3) O contexto arqueológico brasileiro é trabalhado especialmente por meio da distribuição dos artefatos líticos e cerâmicos no espaço do assentamento, e esses artefatos estão associados a estruturas de caráter pouco monumental. São contextos onde é difícil avaliar até que ponto estas categorias de artefatos se articulam com aspectos não materiais da cultura, como as esferas políticas, sociais, econômicas, ideológicas ou históricas (Robrahn-González *prelo*). No que se refere aos grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central, há uma grande homogeneidade na cultura material, formada basicamente pelas Tradições Uru e Aratu, em oposição à multiplicidade social encontrada entre os grupos indígenas etnograficamente descritos para a região.

(2) “(...) a introdução indiscriminada de tais manufaturas acarreta grande dano aos grupos tribais que, rapidamente, interrompem a produção autônoma de seus utensílios, passando a depender econômica e culturalmente desse fornecimento. Esta substituição de objetos, destinados a cumprirem as mesmas funções autóctones, estende-se a todas as esferas do âmbito doméstico e do trabalho. Recipientes trançados são substituídos por malas da pior qualidade, latas, plásticos e outros detritos descartáveis da sociedade industrial. As redes de dormir são substituídas por redes industriais do Ceará, as panelas de barro para cozinhar e servir, trocadas por panelas de alumínio, pratos de ágata e recipientes de plástico de toda ordem.

organização e o uso do espaço de duas aldeias Xerente, foi possível realizar o objetivo específico desta pesquisa: construir um modelo que abrangesse as variações intrínsecas ao universo estudado.

Para cumprir com este objetivo foi efetivada uma coleta sistemática de dados em duas aldeias Xerente, ao longo de um ano, realizada por dois pesquisadores e com o auxílio das comunidades locais. Em campo, optamos pela coleta realizada com o preenchimento de fichas padronizadas, já que uma das premissas era que a distribuição e dispersão dos vestígios materiais refletem aspectos culturais e de organização social. Com as fichas, buscamos registrar padrões de recorrência e/ou variabilidade no modo de organizar e utilizar o espaço nessas aldeias, levando em conta as edificações, as estruturas e as áreas livres. Desta forma, não estaríamos restringindo os resultados da pesquisa às características homogêneas das aldeias, mas ressaltando também suas variações, elementos fundamentais para a construção de um modelo de organização e uso do espaço. Os fundamentos teóricos e metodológicos que orientaram a pesquisa e os seus resultados serão apresentados a seguir.

### **A etnoarqueologia: uma conceituação teórica**

Muitos arqueólogos, na busca de entender estruturas, funcionamento e alterações sofridas pelas sociedades ao longo do tempo, acabaram por iniciar um processo de coleta de informações que compensasse a diferença de foco entre os estudos arqueológicos, que lidam principalmente com inferências a partir de esferas materiais da cultura, e os etnográficos, que se dedicam primordialmente ao estudo de aspectos não-materiais das sociedades estudadas e produzem pouca documentação sistemática sobre suas relações com as evidências materiais (Thompson 1991:232; Kramer 1979:4-5).

Da coleta de informações que procura investigar sistematicamente as relações entre a cultura material e o comportamento humano nasceu, no final da década de 1950, a Etnoarqueologia. Com ela, os arqueólogos passaram a desenvolver estudos em comunidades contemporâneas apresentando e testando hipóteses sobre a relação entre cultura material e comportamento e, assim, fornecendo subsídios para a compreensão das evidências arqueológicas (Watson 1979:277; David & Kramer 2001:2 e 14-17).

Não obstante o termo “etnoarqueologia” seja a combinação das palavras etnografia e arqueologia, a significação que daí resulta é bastante ampla, não existindo, inclusive, compreensão clara nem acordo generalizado sobre onde, na zona de transição entre estes tradicionais campos de pesquisa, a Etnoarqueologia se insere (Thompson 1991:231). A nosso ver, a delimitação precisa do campo de atuação dessa disciplina reduziria sua grande vantagem, que é exatamente a de transitar entre os domínios etnográfico e arqueológico, sem relacionar-se mais a um ou a outro.

A especificidade da Etnoarqueologia se faz exatamente com a utilização dos pressupostos teóricos e metodológicos dessas duas áreas de conhecimento, partindo, todavia, de objetivos bastante específicos. Embora haja outras abordagens, além da etnoarqueológica, para aprender sobre o uso do espaço passado e presente e suas correlações arqueológicas (estudos de uso-confeção, análises de padrões distribucionais, etc.), a Etnoarqueologia mostra-se como o caminho mais apropriado e produtivo para responder quanto, como e porque as pessoas usam o espaço, e sobre suas respectivas manifestações no registro arqueológico (Kent 1987:2).

“Thus ethnoarchaeology as here defined includes neither the use and application to the archaeological record of ethnographic parallels where these are drawn from the literature, nor studies of ethnographic objects in museums undertaken with archaeological aims in mind (e.g. Weniger 1992), nor descriptions of material culture or processes such as, for example, might be recorded by and for potters (e.g. Cardew 1952). Nor do we include ethnography carried out by archaeological means as in the case of William Rathje’s (1978, 1985) Garbage Project. Some other studies claiming ethnoarchaeological status are better classed as ethnohistory (e.g. Adams 1973, Kelley 1982) or as ethnology (e.g. Tripathi and Tripathi 1994) or as historical archaeology, with the history frequently including the testimony of previous occupants of the site or their close relatives (e.g. Oswalt and van Stone 1967; Enloe 1993)” (David & Kramer 2001:11-13).

Assim percebida, ao realizar estudos em sociedades contemporâneas, a Etnoarqueologia é



capaz de analisar as relações entre cultura, comportamento e cultura material, apresentando e testando hipóteses e modelos, ampliando o potencial da pesquisa arqueológica ao considerar um maior número de informações observáveis do comportamento humano.

Formado pelos materiais que resistiram ao tempo e que fazem parte da cultura material, o registro arqueológico é o resultado de vários fatores que atuaram desde a fabricação, uso e descarte desses materiais (Schiffer 1972:156-165), e corresponde ao conjunto de conhecimentos (ou padrões mentais) materializados para sua elaboração. No entanto, por si só esses vestígios não recompõem a complexidade do cotidiano, apenas recuperam, parcialmente, os fatos a que estão relacionados (David & Kramer 2001:139-140).

Como o etnoarqueólogo tem acesso não só à cultura material de uma sociedade, mas presencia seu cotidiano quando procura entender as realidades socialmente construídas e comparilhadas, suas análises são complementadas pelo que as pessoas fazem, agregando dados de fundamental importância para conhecer o significado dos objetos para as pessoas que os elaboraram e os usaram:

“Observation of the classification, distribution and exchange, use, and discard of artifacts offers similar opportunities. While archaeologists must engage in a painful process of reconstruction, ethnoarchaeologists have available to them, though they rarely if ever take full advantage of, privileged access to the full range of interpenetrating cultural domains expressed in material culture” (David & Kramer 2001:141).

Assim, ao descrever como as sociedades empregam a cultura material (comportamento) e ao buscar identificar e documentar quais comportamentos se incorporam ao registro arqueológico, a Etnoarqueologia trata aspectos de difícil abordagem em Arqueologia, como organização social e suas inter-relações – padrão de transmissão de conhecimento, o uso hierarquizado do espaço, relações sociais que estruturam uma interação cultural e os sistemas de distribuição e uso de artefatos, sua vida útil, bem como as práticas de descarte e consumo – e procura relatar como, quando e se esse registro arqueológico pode levar a inferências sobre as atividades a que se relacionam .

### *Os estudos sobre o uso e organização do espaço*

No início, a grande maioria dos trabalhos etnoarqueológicos priorizava o estudo da cultura material em função dos objetos e suas etapas de produção (tecnologia) e uso. Desta forma, acabavam abordando somente um aspecto isolado da sociedade indígena tratada, como, por exemplo, a produção cerâmica. Isso resultava em estudos detalhados em determinados aspectos da cultura material, mas não era possível compreender sua articulação com as outras esferas da cultura, relacionando-as ao contexto social maior. Análises mais amplas, relacionadas à distribuição dos artefatos, áreas de atividade, dispersão de vestígios, formação de refugio, bem como às circunstâncias e significados socioculturais a que se relacionam, eram pouco abordadas, a despeito de sua importância. Nos dias de hoje, apesar dos vários enfoques existentes, a Etnoarqueologia tem se dedicado mais a estes últimos itens, como podemos perceber através da produção bibliográfica nesse campo (vide Robrahn-González 2000).

Autores como Susan Kent (1984, 1987) inclinaram-se sobre o estudo de áreas de atividades intra-sítio. Esse enfoque é, a nosso ver, um dos caminhos mais produtivos de investigação, já que essas análises permitem perceber, de forma integrada, como diferentes manifestações materiais de uma determinada sociedade são capazes de fornecer modelos amplos de ocupação, de uso do espaço, de circulação de pessoas e de objetos.

Nesse tipo de abordagem, a análise da estruturação das casas e suas respectivas áreas de atividade assumem papel decisivo na organização intra-sítio, já que possibilitam elaborar um modelo de uso e ocupação desse espaço. As unidades habitacionais, que são parte integrante das estruturas das aldeias, e sua disposição são um dos acessos principais para entender os indivíduos e as concepções sociais da comunidade (Lyons 1996; Fisher & Strickland 1989; Sá 1982; Bourdieu 1999). Todas as casas se encontram ordenadas segundo a racionalidade do grupo e essa ordem se estabelece por meio de uma série de conceitos que não necessariamente são coincidentes nas diferentes culturas: o público e o privado, o sujo e o limpo, atrás e à frente, acima e abaixo, direito e esquerdo. E, do mesmo modo, todas as atividades diárias são condicionadas pela

orientação da casa, o que deixa um claro reflexo no registro arqueológico (Ruibal 2001).

Por meio desse registro deve-se ser capaz de identificar essas variações, indo além de suposições subjetivas, como a de que uma melhor posição social traria em seu bojo, necessariamente, algum tipo de diferença na quantidade e/ou qualidade da cultura material consumida/produzida. Possíveis variações na existência de uma aquisição maior/menor de determinado objeto em função de elementos como *status*, gênero, situação econômica ou papel social da família ou do indivíduo na comunidade devem ser definidas, em pesquisas etnográficas, por meio da distinção de áreas com densidades diferenciadas em função desses motivos e daqueles apontados no parágrafo anterior.

“But as archaeologists turned to study cultural evolution and to the reconstruction of human behavior and past environments, they realized that common-sense reflection on their own experiences and on the wealth of historical and ethnographic information on the world’s peoples could no longer be held to constitute an adequate basis for analogical inference. Why? Because the cultural range of Us was too limited for plausible analogical extrapolation to peoples living in distant times, places and contexts, and because descriptions of Others either paid little attention to their material culture or emphasized the typical, whereas archaeological remains constantly confront us with variation in space and time that provides clues to past sociocultural behavior” (David & Kramer 2001: 1-2).

A partir dessas diferenças observadas na quantidade e qualidade da cultura material, poderíamos iniciar a formulação de um modelo de uso desse espaço por meio das variações perceptíveis: nas unidades habitacionais, se de ordem social ou idiossincrática; nas aldeias, se resultado de uma escolha comunitária ou da situação da aldeia dentro do grupo e, no limite, se essas respostas podem servir para diagnosticar conceitos e se podem ser aplicadas em modelos mais amplos, utilizáveis em outras áreas, grupos, épocas e/ou condições de pesquisa.

O importante é identificar a lógica inerente a cada uma dessas aldeias, ainda que apresentem diferenças na forma, variabilidade e organização

das estruturas e mesmo que seus próprios executores não saibam explicar porque fazem de determinada maneira.<sup>4</sup> Isso somente reforça a idéia de que a falta de conhecimento dos motivos, dos gestos, dos reflexos condicionados não deve ser vista como desconhecimento sobre o tema e sim como um caminho para atitudes não expressas por meio de palavras. São atitudes que representam o resultado da observação, repetição e perpetuação de um determinado modo de agir, de uma situação que ocorre no cotidiano de qualquer sociedade e advém da manutenção de comportamentos muitas vezes ancestrais.

Um dos papéis da Etnoarqueologia é identificar esses procedimentos, resgatando-os por meio da cultura material e sua articulação com aspectos do comportamento daqueles que a produziram e acabaram por inseri-la em um espaço cotidiano e doméstico. Para tal empreendimento, é de vital importância a ordenação desse espaço, criando elementos que possam ser reconhecíveis através do tempo e nas formas de seu uso. Por conseguinte, por meio do estudo do padrão de estruturação e distribuição das unidades domésticas e aldeias, e de suas áreas de atividade, podemos refletir sobre a multiplicidade de interpretações que o meio construído oferece (Ruibal 2001).

Em síntese, o posicionamento teórico adotado para o presente estudo de organização e uso do espaço em duas aldeias Xerente é o da Etnoarqueologia entendida como disciplina cuja pesquisa requer um trabalho de campo etnográfico para elucidar relacionamentos entre cultura material e comportamento para, assim, apresentar e testar hipóteses sobre este relacionamento em busca de subsídios para a compreensão das evidências arqueológicas (David & Kramer 2001:xxi).

(4) A resposta mais comum encontrada entre os Xerente, neste caso, é porque “sempre foi assim”. Como bem diz Ruibal (2001) citando Lemonnier (1986): “Ante la pregunta de porqué algo se hace de determinada manera la respuesta puede ser ‘porque así lo hacían nuestros ancestros’. Además de querer significar, como irónicamente dice Lemonnier, que el antropólogo está preguntando una estupidez sin explicación, lo cierto es que cualquier acto tiende a considerarse respaldado por los antepasados – por la historia – y representa una forma de distinguirse de los de otros grupos, con tradiciones diferentes”

### **O trabalho de campo: métodos e técnicas de pesquisa**

Nos procedimentos de campo utilizamos um conjunto de metodologias tradicionalmente empregadas tanto na Antropologia quanto na Arqueologia. Os métodos etnográficos, que derivam da observação direta do comportamento humano, são tão importantes para a Etnoarqueologia quanto os métodos arqueológicos, pois se alguém está interessado em descrever o comportamento real, que é o que produz o registro arqueológico – não o comportamento ideal – então é preciso fazê-lo por meio de um autêntico trabalho de campo (Kent 1987:50-51).

Como a pesquisa de campo em Antropologia depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram entre pesquisador e pesquisados no dia-a-dia do local da pesquisa, não há regra possível, embora haja algumas rotinas comuns (Peirano 1992).

A convivência harmônica entre pesquisador e pesquisado é essencial para o desenvolvimento do trabalho de campo, já que o método etnográfico é um processo colaborativo e dialógico (Crapanzano 1991) e os dados obtidos por meio de técnicas como perguntar, observar, anotar, gravar e fotografar são biográficos e colaborativos. Se os imponderáveis são comuns também nas outras ciências sociais, no fazer etnográfico eles ficam ressaltados pela relação de estranhamento que a pesquisa de campo pressupõe e que resulta na questão do “exotismo” da disciplina (Peirano 1992:13).

Dentro da Etnoarqueologia existe um consenso com relação à necessidade do trabalho de campo, pois ele oferece a possibilidade de trabalhar não apenas no nível do que nos é dito, mas também e, principalmente, de observar o comportamento introspectivo dos atores.<sup>5</sup> Toda ação humana é composta por comportamento (o que as pessoas são objetivamente) e significado (no qual o comportamento está envolto pela razão pela qual as pessoas o fazem).

(5) O trabalho etnográfico está voltado para a compreensão do conjunto “cenários, atores e regras” (Magnani 1996: 37-38).

Mas há duas correntes que defendem atitudes opostas do pesquisador em relação ao pesquisado. Alguns autores consideram ser importante para a empresa etnográfica a utilização do método da observação participante,<sup>6</sup> embora essa imersão não admita a perda da objetividade do pesquisador (Kent 1987:49-50). Outros pesquisadores acreditam que o método utilizado no trabalho de campo deve ser materialista, arqueológico, ou seja, uma observação objetiva, de fora, não participante (Hodder 1994:119).

Em nossa visão, só é possível falar em objetividade a partir do momento que se concorda que qualquer pesquisa, olhar, diálogo, fotografia ou desenho utilizado para registrar os acontecimentos já são um recorte estabelecido pelo pesquisador.

“Uma vez que se reconhece, no processo etnográfico, sua plena complexidade de relações dialógicas historicizadas, o que anteriormente pareciam ser relatos empíricos/ interpretativos de fatos culturais generalizados (declarações e atribuições relativas aos Kung, samoanos, etc.) agora aparecem como apenas um nível da alegoria. Tais relatos podem ser complexos e verdadeiros, e eles são, em princípio, suscetíveis de refutação, assumindo-se o acesso ao mesmo conjunto de fatos culturais. Mas, como versões escritas baseadas em trabalho de campo, estes relatos são, claramente, não mais *a* história, mas uma história entre outras histórias” (Clifford 1998:79).

Além disso, por mais que se pretenda não participar dos acontecimentos de uma aldeia, é importante ressaltar que Malinowski chamou de “observação participante” o procedimento, a técnica endereçada ao pesquisador preocupado em trabalhar uma determinada sociedade. Entretanto, não é apenas o antropólogo que procura familiarizar-se com o universo cultural do grupo no qual se

(6) Em Cicourel (1980: 89) a observação participante é definida “como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto”

insere. O grupo também mobiliza seu sistema de classificação para tornar aquele que inicialmente era um “estrangeiro” em uma “pessoa de dentro”, isto é, um sujeito socialmente reconhecido (Clifford 1998).

“É comum, nas sociedades indígenas por exemplo, que os pesquisadores recebam um ‘nome nativo’ (numa espécie de batismo) e sejam localizados nas categorias de gênero, idade, estado civil, parentesco, etc. que regulam os papéis sociais dos indivíduos naquele grupo” (Gonçalves da Silva 2000:88).

Desta forma, ainda que cada pesquisa seja diferente, assim como as relações pessoais estabelecidas, o que se deve afirmar é que a observação participante sempre acontece. Talvez não exatamente nos moldes preconizados, mas o trabalho de campo etnográfico nos alerta para a nossa capacidade de nos aproximar de vivências, experiências, muito mais do que daquilo que é dito. São processos que ocorrem em pesquisas com vários grupos e nos levam à conclusão de que a observação participante, como método,

“ainda que entendido de formas variadas, e agora questionado em muitos lugares, (...) continua representando o principal traço distintivo da antropologia profissional” (Clifford 1998:33) e “pode ser considerada seriamente se reformulada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre experiência e interpretação” (Clifford 1998:33-34).

O trabalho de campo na Antropologia aparece então sob a forma de dois caminhos inseparáveis. Ele é, ao mesmo tempo, um “laboratório”, um local em que métodos, técnicas e rigor acadêmico são aplicados para desvendar hipóteses e conferir propostas e, ao mesmo tempo, uma imersão do pesquisador em uma experiência pessoal que deixará suas marcas (Clifford 1998:78).

As técnicas arqueográficas que fazem parte do método arqueológico também foram utilizadas durante o desenvolvimento da pesquisa. A Etnoarqueologia nos ensina claramente que devemos recorrer a métodos mais refinados que o simples agrupamento, a olho, de estruturas e edificações. A análise quantitativa dos conjuntos e a relação de estruturas e objetos são um método imprescindível, embora pouco praticado (Kent 1987:5; Ruibal 2001). Essas análises estão relacionadas à documentação das etapas de produção, uso, descarte e remanejamento

da cultura material nas diferentes atividades a que se relacionam por intermédio da mensuração, medição, mapeamento e descrição qualitativa e quantitativa de vestígios.

Não podemos nos esquecer, contudo, que o uso de instrumentos de medição, cálculos matemáticos ou estatísticos, em uma ciência do comportamento, deve ser visto como ferramenta para pensar e não como o resultado em si.

“As Kaplan (1964:257) has stated, ‘In my opinion, the shortcomings – and there are many! – of the use of statistics in behavioral science are chiefly attributable to the tendency to forget that statistical techniques are tools of thought, and not substitutes for thought’” (also see Mills 1959:72). Too many times ignored is the fact that: ‘Precision does not necessarily guarantee accuracy’” (Kent 1987:8).

### *Operacionalidade*

Além da utilização de técnicas e metodologias da Antropologia e Arqueologia para a elaboração de um modelo interpretativo de organização e uso do espaço interno de duas aldeias Xerente, foi necessário fazer uso de algumas estratégias de campo e recursos operacionais.

O primeiro deles foi escolher uma segunda pessoa para participar dos trabalhos de campo. Optamos pela presença de um homem e uma mulher. Consideramos que a presença de um casal ampliaria as perspectivas da pesquisa, facilitando as relações entre os sexos, já que muitos comportamentos e atividades estão mais relacionados ao universo feminino e outros, ao universo masculino:

“(...) a diferença de gênero e a identidade sexual assumida pelo pesquisador continua sendo um fator relevante nas relações estabelecidas entre pesquisador e pesquisado e naquilo que muitas vezes se elege como significativo para a análise a partir destas relações” (Gonçalves da Silva 2000:82).

Assim, a escolha de meu marido, Walter Fagundes Morales, sociólogo com mestrado em Arqueologia e doutorando em Arqueologia, foi estratégica por vários motivos. O primeiro deles, em função do seu conhecimento teórico e prático em Arqueologia. Em segundo lugar, pela possibili-

dade de inserção de ambos em ambientes distintos, tendo acesso e assumindo papéis diferenciados em algumas cerimônias, nas quais os participantes são selecionados por gênero. Por último e, talvez, principalmente, por representarmos para a comunidade um relacionamento compreensível – o de marido e mulher. Dessa forma, diminuímos a desconfiança da comunidade, principalmente uma bastante corriqueira, que diz respeito à possibilidade de gerar ciúmes entre os casais, ou o receio de algum tipo de assédio sexual por alguma das partes. Com o desenrolar da pesquisa, percebemos que essa situação abriu excelentes caminhos e oportunidades, ofereceu diálogos francos, insuspeitos, onde as entrevistas assumiam caráter de conversas sempre entrecortadas por comentários sobre aspectos caseiros e familiares comuns a qualquer cultura: os filhos e as brigas entre familiares, como sogras, noras e genros. Acabamos então inseridos no cotidiano das aldeias estudadas e locados em categorias clínicas, através de cerimônias de nomeação.

A aldeia é vista sob a ótica do conceito de assentamento preconizado por Marcel Mauss, a propósito da morfologia social esquimó:

“(…) A autêntica unidade territorial é o estabelecimento (*settlement*). Designamos com tal termo um grupo de famílias, aglomeradas e ligadas por laços especiais, que ocupam um habitat sobre o qual estão desigualmente distribuídas durante momentos do ano, (como logo veremos), porquanto este habitat constitui seu domínio. O estabelecimento é a massa de casas, o conjunto do espaço destinado a tendas, bem como o espaço dedicado à casa marinha e terrestre, que pertence a um número determinado de indivíduos; e, do mesmo modo, o conjunto de caminhos e trilhas, de canais e de portos usados por esses indivíduos e onde se encontram constantemente. Tudo isto forma um todo possuidor de unidade e com características distintas que permitem reconhecer um grupo social limitado” (Costa e Malhano 1987:28).

Não obstante, a exata delimitação de seu espaço físico tem de ser vista como um recurso operacional, já que as atividades cotidianas dos indivíduos extrapolam seus limites.

Outro recurso utilizado foi o de dividir as etapas de campo em três momentos significativos ao longo de um ano – selecionados em decorrência

de fatores econômicos e sociais próprios à cultura Xerente. Assim, foram realizadas cinco etapas entre julho de 1999 e novembro de 2000 com um total de 50 dias em campo.

#### *A seleção das aldeias*

Embora fosse possível elaborar um modelo de uso e organização em um único espaço de aldeia, como optamos ao desenvolver um modelo que considerasse as variações existentes no objeto do estudo (o uso e organização do espaço Xerente), procuramos selecionar aldeias que possuíssem características equiparáveis, mas que apresentassem diferenças. Os critérios utilizados para a seleção das aldeias Porteira e Rio Sono foram:

1) Antiguidade relativa: estão entre as mais antigas aldeias do atual território Xerente;

2) Localização: implantadas de forma semelhante, em terraços de grandes rios da região, diferem-se enormemente quanto à facilidade de acesso à sociedade envolvente. Enquanto a Porteira é vista como via de passagem e, ao mesmo tempo, porta de entrada para as mais diferentes pessoas, sendo considerada uma aldeia “moderna”, a aldeia Rio Sono encontra-se bastante isolada e é considerada uma das mais “tradicionais” do território Xerente atual;

3) Distribuição espacial: ao selecionar para estudo uma aldeia na bacia do rio Tocantins e outra na do rio do Sono, contemplamos não apenas as variações ambientais existentes entre essas duas bacias, como também as diferenças socioculturais. Segundo Agenor Farias (1998), aldeias da bacia do rio do Sono (onde está implantada a aldeia Rio Sono) estariam compostas por pessoas pertencentes à metade exogâmica *Do*, par oposto à metade à qual pertenceria a maioria das aldeias da região do rio Tocantins (onde insere-se a aldeia Porteira) – *Wahirê* (Farias 1998:07-38). Estaríamos então trabalhando com duas aldeias diferentes no plano da organização social Xerente, podendo verificar se esta diferenciação está refletida e pode ser corroborada em outras esferas da cultura Xerente;

4) Tamanho relativo: trata-se de duas grandes aldeias da atual sociedade Xerente;

5) Morfologia: possuem forma bastante distinta. A Porteira é formada por largas ruas em que as casas se alongam paralelamente ao rio Tocantins. Já a Rio Sono, caracteriza-se pelas inúmeras pequenas trilhas que interligam as casas;

6) Informantes: presença nas duas aldeias de informantes mais velhos, detentores de saberes tradicionais;

Os espaços das aldeias Porteira e Rio Sono constituíram, dessa forma, nosso universo de pesquisa.

#### *As Aldeias escolhidas: Porteira e Rio Sono*

Assumindo a definição conceitual de Mauss para “assentamento” e utilizando-a como sinônimo para “aldeia”, apesar dos protestos de alguns pesquisadores que repelem o termo por considerá-lo imbuído de “sentido colonialista” (Costa e Malhano 1987:28), foi necessário designar os aspectos propriamente concretos de seus limites e das construções sobre o terreno, por meio da intensa circulação de informantes e do contato diferenciado com pessoas de variadas idades, posições e experiências. A área da aldeia foi definida como aquela utilizada cotidianamente pelos moradores e que eles mesmos reconhecem como “a aldeia”

A definição desse espaço físico passou por várias fases antes de se cristalizar. O primeiro mapa, ainda na forma de croqui, focou os aspectos construtivos e organizacionais da aldeia. Ou seja, aqueles elementos mais facilmente perceptíveis e estruturados, tais como casas, ruas e elementos da paisagem de maior destaque, como o rio Tocantins. Com o passar do tempo e a continuidade da pesquisa, outros fatores começaram a surgir, agora de ordem sociocultural e ambiental. Alguns deles foram fruto da observação cotidiana da comunidade em diversos momentos do ano; outros, das informações fornecidas pelos Xerente. Surgiram áreas de uso um pouco mais distantes, como o *atoleiro*, local que na época das chuvas serve para banho e captação de água e que, nos períodos de seca, é utilizado para a retirada de argila para a

confeção de tijolos de adobe (que irão erguer as paredes das casas).

O mesmo aconteceu com os trabalhos na aldeia Rio Sono. Pouco a pouco, no transcorrer dos dias em campo, novas informações foram surgindo ao mesmo tempo em que nosso olhar ia ficando mais aguçado. Isso resultou, como na Porteira, em grandes alterações no croqui e, posteriormente, na planta efetuada pela equipe topográfica. Novas áreas foram incorporadas e, entre elas, o cemitério e o antigo campo de futebol.

Dois equipes de topografia contratadas foram as responsáveis pelo mapeamento das duas aldeias. Com um croqui feito pela equipe em mãos, os trabalhos da topografia estiveram voltados para a confecção de uma planta que mostrasse com exatidão todos os macro-espços da aldeia e os aspectos construtivos visíveis, tais como as unidades domésticas, o campo de futebol, as roças, os caminhos e as trilhas, a igreja, a casa do rádio, a escola, a enfermaria etc.

A partir dessa planta base, a cada nova etapa de campo, foram sendo incorporadas as sucessivas mudanças que haviam ocorrido nesse ínterim como a construção, abandono e desmonte das unidades domésticas,<sup>7</sup> abertura de roças coletivas ou a utilização de áreas para a captação de água, argila ou para banho. A elaboração desse mapa correspondeu ao primeiro passo para acompanhar a mobilidade dos moradores da aldeia, criando um índice para a localização de cada família, quantos são e por onde circulam.

Assim, nas etapas de campo procuramos fazer um trabalho sistemático, já que uma das premissas da pesquisa era de que a distribuição e dispersão dos vestígios materiais refletiam aspectos culturais e de organização social. E como o objetivo era trabalhar todos os espaços da aldeia, cada estrutura teve suas dimensões definidas e desenhadas em uma planta base, com anotações detalhadas sobre, por exemplo, ser uma unidade habitacional, que indivíduos ali atuavam (sejam moradores ou não), as atividades que desenvolviam e os vestígios materiais resultantes. Em todas as áreas da aldeia

(7) Definimos como unidade doméstica o conjunto de todas as edificações (como aquelas destinadas à habitação e/ou cozinha, galinheiro, sementeira...) que se encontram no interior da área que é constantemente carpida e limpa (que denominamos o “espaço doméstico”) e sua área de dejetos.

houve esse tipo de anotação (quem faz, onde faz, o que faz, como faz, quando faz e que vestígios produz), sempre em fichas de campo padronizadas em função dos objetivos traçados para a pesquisa. Note-se que foram igualmente tratadas tanto as atividades que resultam em vestígios materiais, quanto aquelas que não deixam vestígios, mas que igualmente se desenvolvem dentro do espaço da aldeia.

### *As Unidades Domésticas*

As informações colhidas em cada uma das unidades domésticas foram registradas em fichas denominadas de “Espaço Doméstico”. O mesmo trabalho foi realizado em todas as 36 casas da aldeia Porteira e repetido nas 22 da aldeia Rio Sono, quer estivessem ocupadas, abandonadas ou fechadas.

As fichas que descreveram as unidades domésticas foram preenchidas apenas uma vez. Para completá-las, foram realizados: 1) um censo das casas e pessoas, com visita a todas as unidades domésticas e encontro para responder perguntas com pelo menos um membro de cada família; 2) a documentação do entorno, por meio de mensuração com a ajuda de trena e elaboração de croqui de sua planta baixa;<sup>8</sup> 3) o registro de cada uma das unidades habitacionais<sup>9</sup> que compunham as unidades domésticas em uma planta baixa, com seu mobiliário desenhado em croqui, procurando registrar a posição de cada um deles e complementando os desenhos com extensa documentação fotográfica de todo o interior das casas.

Nada ficou de fora. Registrou-se onde estava cada peça de mobiliário, instrumento de trabalho, bíblia, peça de roupa, panela, escova de dente, talha d’água, etc. Esse registro foi complementado com anotações sobre os locais onde a família efetuava as refeições, dormia e trabalhava. Tal procedimento possibilitou obter um inventário bastante completo da cultura material utilizada pelos

Xerente nos dias de hoje e, principalmente, a funcionalidade no interior e exterior de cada residência.

Os registros 1 e 2 foram repetidos em todas as etapas de campo e documentados em algumas páginas das fichas de “Espaço Doméstico”. O registro 3, essencialmente arqueográfico, foi feito somente uma vez e reforçado por entrevistas e observações que procuraram compreender em que medida o uso do espaço da casa estava relacionado à organização e concepção social do grupo.

Ao conversar e colher informações de quase todos os moradores da aldeia Porteira, quer fossem homem ou mulher e de qualquer faixa etária, o objetivo era superar a limitação de utilizar somente um informante. Muitos trabalhos de Antropologia costumam lidar com poucos informantes, escolher alguém mais receptivo ou de maior influência ou prestígio e daí extrapolar para as idéias de toda a sociedade. A opinião do informante passa a ser a dos Xavante, dos Xerente, dos Bororo... Entretanto, um informante pode ter uma versão diferente de outro, e quando as etnografias assumem a fala de um único informante para a coletividade, pressupõem uma unidade nem sempre existente.

Além disso, o fluir da conversa com várias pessoas permite perceber correspondências, associações, oposições e complementações nas informações obtidas, o que auxilia na compreensão de enfoques cognitivos com as múltiplas possibilidades interpretativas, questões de grande relevância para os arqueólogos, porém de difícil acesso ao lidarmos apenas com o registro arqueológico (Ruibal 2001).

Da mesma forma, ao observarmos as estruturas, estivemos preocupados em apreender as formas de abandono, mobilidade (Cameron & Tomka 1993), gestão dos dejetos, organização familiar e hierárquica, demografia e uso dos espaços das habitações e aldeias, questões de base para todo trabalho arqueológico.

### *Os espaços domésticos e as áreas de atividade*

Como grande parte das atividades cotidianas dos indivíduos são realizadas nas áreas ao redor das unidades habitacionais, o Espaço Doméstico é uma área de atividade por excelência; optamos, portanto, por acompanhá-lo sistematicamente. A cada etapa de campo, registramos a organização e utilização do que denominamos “Espaço Doméstico”

(8) Para a observação dos Mapas de Dispersão dos Materiais das duas aldeias ao longo das etapas de campo acessar o Anexo 7 de Moi (2003).

(9) Definimos como unidade habitacional àquelas edificações caracterizadas pela cobertura de um telhado, podendo estar cingida por paredes ou não e destinadas às atividades domésticas cotidianas das pessoas: comer, dormir, cozinhar, confeccionar artesanato...

co”(10) em fichas padronizadas. Registramos ali o censo das pessoas e das casas, e a planta baixa de seus entornos, com os materiais associados. Foi possível saber o que ocorre nos entornos de cada casa, onde determinada família Xerente tem o hábito de instalar sua fogueira, construir seus jiraus, jogar o lixo doméstico, estocar madeira, assar a carne da caça abatida, etc. Assim, sempre por meio de um croqui em escala, pudemos acompanhar e mensurar as atividades desenvolvidas e os objetos presentes no entorno das unidades habitacionais ao longo do ano.

Em paralelo ao preenchimento das fichas de “Espaço Doméstico”, buscamos detalhar ainda mais as atividades cotidianas por meio das fichas de “Área de Atividade”. O interesse em preencher cada uma dessas fichas foi quantificar as tarefas realizadas pelos moradores, dividindo-as baseando-se nas informações sobre quem fazia, onde, como, porque, durante quanto tempo, de que forma e utilizando quais instrumentos. Essa tarefa poderia ocorrer tanto ao ar livre quanto no interior das residências, em espaço doméstico ou em espaço coletivo, e estar relacionada à elaboração de cachimbos de madeira ou ao preparo e aplicação de pintura corporal durante uma festividade. Dessa forma, foram registradas muitas atividades desenvolvidas, com especial atenção à localização espacial de sua realização, à qualidade e à quantidade de vestígios materiais, associados ou não. Afinal, algumas atividades não produzem vestígios materiais, não podendo ser recuperadas em contextos arqueológicos, e outras resultam em vestígios que sofrem rápido processo de decomposição, dificilmente aparecendo no registro arqueológico. Procuramos obter, sempre que possível, referências sobre a concepção social das atividades realizadas, por estarmos à procura de inferências sobre a existência dos significados culturais, tanto na organização espacial da aldeia quanto na forma de descarte de seus vestígios.

### *Processamento dos dados*

As plantas das aldeias foram trabalhadas tanto individualmente, quando procuramos verificar a existência ou não de padrões para orientação das

residências e áreas livres, por exemplo; como em conjunto, quando trabalhamos com os três mapas produzidos ao longo de um ano e procuramos verificar as modificações sofridas (ou não) pelas aldeias.

As respostas sobre parentesco consanguíneo e filiação clânica obtidas nas fichas de “Espaço Doméstico” foram inseridas em um banco de dados, observando-se a correlação entre a estrutura de cada uma delas e os laços de consanguinidade e de filiação clânica dos residentes.

Também por meio dessas fichas de “Espaço Doméstico” foi possível avaliar a estrutura e utilização das unidades habitacionais e a organização e utilização dos espaços domésticos ao longo de um ano. Por meio da análise dessas estruturas foi possível classificar as unidades domésticas Xerente em cinco diferentes categorias<sup>11</sup> e relacionar cada uma delas a variáveis como área, materiais construtivos, condições econômicas, hierarquia na aldeia, etc. A observação cuidadosa dos registros dos entornos de cada uma dessas unidades (seus espaços domésticos) permitiu perceber a presença recorrente de uma série de artefatos, estruturas e áreas de atividade. Em função de muitos desses elementos serem presença constante nos espaços domésticos, eles foram selecionados como variáveis fixas e registrados em fichas de “Dispersão de Material”, com suas respectivas localizações.

Essa observação criteriosa permitiu perceber a presença recorrente de uma série de objetos, estruturas fixas e vestígios de atividades pretéritas recentes que possuem formas e funções variadas e que produzem ou caracterizam refugos orgânicos e inorgânicos. São elementos costumeiramente encontrados nos espaços domésticos, mesmo

(10) Definimos espaço doméstico como aquela área que é constantemente carpida e limpa ao redor da unidade habitacional.

(11) 1) Provisórias: se parecem com uma pequena barraca sem compartimentos e costumam ser utilizadas pelas famílias enquanto constroem suas unidades habitacionais definitivas; 2) unitárias simples: aquelas com apenas uma edificação e um único compartimento em seu interior; 3) unitárias complexas: oferecem apenas uma edificação e mais de um compartimento em seu interior; 4) compostas simples: têm duas ou mais edificações, mas no máximo um compartimento no interior de cada uma delas; 5) compostas complexas: são as unidades habitacionais com duas ou mais edificações e mais de um compartimento no interior de pelo menos uma delas. O desenho do interior de algumas das unidades habitacionais trabalhadas pode ser encontrado nas páginas 62 a 67 de Moi (2003).



quando não estão sendo utilizados e foram relacionados em 5 distintas caracterizações. 1) Utensílios: são aqueles objetos portáteis cuja distribuição costuma estar relacionada ao seu uso, aparecendo durante o exercício de uma atividade ou porque, de uso constante no período, costumam ser deixados no local. Nesta categoria estão objetos como ferramentas, assentos, esteiras, quebra-coquinhos, pedras de amolar, raladores, seixos, tipitis, vasilhas, etc.; 2) Pólos de atração: são as torneiras, jiraus, pilões e fogueiras que, com múltiplas formas e variadas funções, agregam ao seu redor pessoas, atividades, objetos e, conseqüentemente, refugos orgânicos e inorgânicos. Estão dentro do espaço doméstico e, apesar de poderem ser deslocados, seu remanejamento costuma ser pouco comum. O mais usual é que sejam mantidos no mesmo local por dias ou até semanas. Ao seu redor são desenvolvidas atividades que podem ser tanto cerimoniais quanto cotidianas. O elemento principal é que, de forma individual ou coletiva, as pessoas da aldeia se deslocam para junto deles; 3) Estruturas: elementos construídos fixados no solo do espaço doméstico e que funcionam como anexo das unidades habitacionais. São os banheiros, galinheiros e sementeiras; 4) Refugos: correspondem aos elementos que foram colocados de lado pelos usuários porque já foram descartados; 5) Roças: denominação dada às pequenas plantações que se iniciam no limite final do espaço doméstico e ocupam dimensões variadas.

As informações sobre estes elementos foram registradas nestas fichas de “Dispersão de Material” e inseridas em um banco de dados informatizado.<sup>12</sup> Assim, os cofos, jiraus, painéis, buracos de lixo, pilões, áreas de refugio, de descarte de animal, almofarizes e quebra-coquinhos de pedra, fogueiras, toras de corrida, seixos com sinais de uso, áreas limpas e carpadas, restos da pilagens de sementes, áreas de refugio, etc., tiveram sua localização e distância exata passíveis de resgate.

A montagem desse banco de dados teve como objetivo registrar os dados obtidos em campo e permitir análises sobre sua quantidade, distância e distribuição, para compará-los entre as unidades domésticas e aldeias, e cada um desses itens em relação às condições sociais – demografia, mobilidade, condições econômicas, estruturas

hierárquicas, clânicas ou consangüíneas – de seus moradores. Como resultado direto, construiu-se um inventário bastante completo da cultura material Xerente e das atividades desenvolvidas em cada unidade doméstica, com suas respectivas localizações espaciais.

O cruzamento de todas essas informações procurou verificar se a quantidade, tipo e disposição desses artefatos, estruturas e áreas de atividades refletiam diferenças sociais, a fim de elaborar um mapa de densidade e dispersão dos elementos do dia-a-dia de uma aldeia em funcionamento. Ao final, procuramos entender a utilização e organização dos espaços dessas duas aldeias, suas variações e regularidades.

#### *O modelo Xerente de organização do espaço*

A partir da análise dos dados foi possível demonstrar as formas de uso e organização do espaço existente dentro de cada uma das duas aldeias Xerente contempladas para análise: a Porteira e a Rio Sono. Durante esse trajeto buscou-se inter-relacionar aspectos da cultura material, comportamento e cultura, levando em conta não somente as características identificadas como homogêneas, mas também, aquelas diferenciadoras, de maneira que as variações intrínsecas à forma de ocupação Xerente pudessem ser amplamente captadas.<sup>13</sup>

As duas aldeias selecionadas para estudo, apesar de implantadas em ambientes semelhantes – áreas de terraço próximas a grandes rios da região – e de terem um tempo de ocupação antigo, de mais de quarenta anos, afetaram o meio ambiente de forma bastante diferenciada. A aldeia Porteira, por estar localizada próxima às cidades de Tocantínia e Miracema do Tocantins, é de fácil acesso e se mantém como uma área de grande circulação de pessoas. Como consequência, acabou sendo alvo de intensa utilização dos recursos naturais. Já a região da aldeia Rio Sono, apesar de também ser uma ocupação antiga, é de difícil acesso, pouco antropizada, com recursos ambientais abundantes e matas de galeria preservadas.

(13) Em Moi (2003: 43-183) estão registradas todas as análises estatísticas e comentários detalhados sobre as informações aqui apresentadas.

(12) Programa Access.

Embora essas aldeias estejam entre as maiores aldeias Xerente da atualidade, na Porteira as variáveis “área” “população” e “quantidade de unidades domésticas” exibem números superiores aos da aldeia Rio Sono. Além disso, apresentam diferenças significativas em suas morfologias. A Porteira possui forma alongada, com a maioria das unidades domésticas alinhadas paralelamente ao rio, assemelhando-se a uma extensa e larga avenida cuja linearidade só é interrompida pela existência de um campo de futebol que aglutina casas ao seu redor. Já a aldeia Rio Sono apresenta forma elíptica, com seu eixo maior perpendicular ao rio do Sono.

Nas duas aldeias, entretanto, são as relações entre as famílias que condicionam a localização das unidades domésticas e, por consequência, a estrutura das aldeias. E a afinidade é um dos principais fatores. Mas, ao analisarmos a organização das unidades domésticas da aldeia Rio Sono, podemos vislumbrar uma divisão espacial entre as metades exogâmicas Xerente, havendo, inclusive, maior equilíbrio na proporção entre os clãs e metades. Na aldeia Porteira não há qualquer indício de uma organização espacial baseada nos clãs patrilineares ou metades exogâmicas. O que existe é uma grande diferença na proporcionalidade entre os clãs. Assim, não apenas as morfologias dessas duas aldeias são diferenciadas como a organização do macro-espaço apresenta forma distinta, ainda que condicionado pelos mesmos fatores.

Característica comum observada para as duas aldeias é a dinâmica de construção, substituição, abandono e desmonte das unidades domésticas. Os dados demonstram que, embora as duas aldeias venham passando por transformações em suas unidades domésticas, na Porteira elas vêm se processando mais rapidamente. Além disso, pode-se perceber que, apesar das aldeias Porteira e Rio Sono exibirem algumas semelhanças nas estruturas de suas unidades habitacionais, as diferenças no uso dos materiais e das técnicas escolhidas para a construção das unidades habitacionais são mais nítidas. São características “trazidas de fora” incorporadas ao dia-a-dia por meio dos rearranjos simbólicos e funcionais que vêm se processando dentro dessa sociedade, em função do contato com a sociedade envolvente há mais de 250 anos.

Com base na análise do universo das duas aldeias foi possível notar que todas as categorias de unidades habitacionais permanentes (unitárias simples, unitárias complexas, compostas simples e

compostas complexas) estão representadas de forma bastante equitativa, existindo uma leve vantagem para as construções com apenas uma edificação (unitárias) e para a sua complexidade (mais de um compartimento em pelo menos uma das edificações), mostrando uma tendência geral a compartimentação das unidades habitacionais.

A aldeia Rio Sono distingue-se por uma menor variedade de materiais e técnicas construtivas, com o pau-a-pique, assumindo a preferência dos moradores na hora de fechar as paredes das suas habitações. Na aldeia Porteira, as fibras, e depois o adobe, são os elementos construtivos mais utilizados, mas existem também paredes de pau-a-pique e unidades habitacionais que misturam todas as técnicas e materiais construtivos. A utilização do barro em substituição às fibras tradicionais aponta para um processo de maior valorização desse tipo de estrutura habitacional. Cada vez mais, as unidades habitacionais estão sendo erguidas com materiais mais duráveis, que permitem uma permanência maior no mesmo lugar, com menos reformas ou, ainda, um aumento nas chances de compra e venda dos “imóveis”

Os resultados revelados pela análise das variáveis “quantidade de compartimentos” e “área total ocupada pelas unidades habitacionais” ressaltam outras diferenças. A análise da variável “quantidade de compartimentos” demonstrou uma tendência geral à compartimentação das unidades habitacionais, embora aquelas da aldeia Rio Sono costumem ser menos compartimentadas. Ao conjugar a essa análise a variável “área total ocupada pelas unidades habitacionais”, ressaltam-se as diferenças. O resultado não apenas mostra que as unidades habitacionais da aldeia Rio Sono costumam ser menos compartimentadas, mas também com menor área construída do que aquelas edificadas na aldeia Porteira. Nessa última há, inclusive, correlação entre os materiais e técnicas construtivas e o tipo de estrutura das unidades habitacionais. Tal correlação reforça a idéia de uma maior “modernização” nas unidades habitacionais complexas – compartimentadas, maiores e construídas com material mais durável – assinalando uma possibilidade de maior permanência nessas unidades, com reformas menos constantes, ou sua comercialização. Ao contrário, esse mesmo conjunto de dados sobre as variáveis estruturais das unidades habitacionais da aldeia Rio Sono aponta para uma maior “tradicionalidade”, diagnosticadas

aqui como unidades habitacionais menores, menos compartimentadas e de permanência reduzida.

Os dados acerca das unidades habitacionais revelam ainda uma estreita relação entre o tipo de estrutura apresentada pela unidade habitacional e a qualidade e quantidade de materiais presentes em seu espaço doméstico, embora a forma de dispersão desses materiais não apresente variações determinadas pela estrutura das unidades habitacionais, manifestando-se de forma padronizada.

No interior das unidades habitacionais e nos espaços domésticos dessas estruturas compostas complexas, há uma tendência ao maior número de bens industriais. Não por acaso, são nessas habitações que moram aqueles que apresentam um maior *status* na aldeia, mesmo havendo uma diferença na noção de *status* entre as duas aldeias, provavelmente fruto dos distintos processos históricos de sucessão e das igualmente diferentes opções tomadas frente à sociedade envolvente. Ou seja, nas aldeias Porteira e Rio Sono, a presença de indivíduos em posição de maior *status* reflete diretamente no tamanho e compartimentação das unidades habitacionais e na quantidade de utensílios, pólos de atração e estruturas. E, embora a noção de *status* esteja relacionada a diferentes papéis sociais nas aldeias Porteira e Rio Sono, destacamos o fato de que os indivíduos com maior *status* são aqueles que têm mais inserção (ou dominam melhor) o “mundo dos brancos”

Todavia, devemos ressaltar que, embora a implementação de compartimentos corresponda a uma importante mudança na cultura e implique em uma nova percepção entre os membros da comunidade, características vividas por muitos anos continuam incutidas no “jeito de ser Xerente”. Ainda que o processo de compartimentação das unidades habitacionais esteja em andamento, em franca expansão, o emprego real do interior da unidade doméstica Xerente continua semelhante ao utilizado em tempos mais recuados. Mesmo que o mobiliário acuse um uso definido e específico para cada um dos cômodos, e até o discurso de seus moradores, o usual é que os espaços continuem sendo utilizados de maneira multifuncional. Assim, é possível afirmar que não só as alterações no interior das unidades habitacionais assumem um caráter de transformação mais lento e conservador do que o aspecto exterior, como também o uso que se faz dele, o aspecto cognitivo do mundo material, é de transformação ainda mais lenta.

Mesmo que as aldeias Porteira e Rio Sono apresentem variações relacionadas à forma, tamanho, materiais e técnicas construtivas, o modo de viver e ocupar as unidades domésticas são, na verdade, bem parecidos. Uma das evidências mais fortes dessa afirmação pode ser percebida com relação à dispersão de materiais no espaço doméstico das aldeias. Os resultados das análises apontaram para uma organização padronizada desses espaços, ainda que, como já foi dito, suas unidades habitacionais possam exibir significativas, e bem marcadas, diferenças tecnológicas, morfológicas e estruturais.

Testemunho disso é a dispersão dos utensílios, pólos de atração, estruturas, refugos e roças das aldeias Porteira e Rio Sono, que exibe uma grande semelhança na forma e no padrão de distribuição de cada um desses elementos. Embora qualquer um deles possa ser visto em qualquer localidade do espaço doméstico e ocorram variações em função da época do ano, os utensílios costumam estar mais próximos das unidades habitacionais, os pólos de atração em áreas intermediárias e os refugos, principalmente os secundários, representados pelos buracos de lixo, áreas de descarte, folhas queimadas e pilões abandonados, na área de limite do espaço doméstico, entre o seu final e o início da vegetação de entorno. As estruturas costumam ocorrer entre os pólos de atração e os refugos, e as roças não apresentam regularidade de dispersão, mas via de regra, acompanham o limite final da área limpa.

Embora a análise da dispersão de elementos nas duas aldeias exiba mais regularidades do que variações, o número médio de elementos por unidade doméstica na aldeia Rio Sono é superior ao da Porteira. Uma análise final de todos os elementos presentes no espaço doméstico remete a pequenas diferenças na qualidade e quantidade desses elementos nas aldeias Porteira e Rio Sono e, também, a uma regularidade na organização desses elementos. A Rio Sono exibe maior quantidade de objetos manufaturados e maior densidade de materiais, mas a dispersão desses elementos no espaço doméstico é bastante semelhante à constatada na aldeia Porteira. Assim, a aldeia Rio Sono não só é menor do que a aldeia Porteira, em termos populacionais, como também a distribuição espacial, as unidades domésticas e a dispersão de elementos nos espaços domésticos são mais concentradas do que na aldeia Porteira.

A avaliação da cultura material Xerente por meio da organização e uso do espaço dessas duas aldeias nos permite concluir que a inserção das populações destas duas aldeias na sociedade nacional envolvente, ainda que em níveis diferenciados, levou a um processo relativamente rápido e intenso de transformação das unidades habitacionais no nível da forma e da tecnologia, refletindo a valorização de elementos da sociedade nacional. Contudo, a transformação é bem mais lenta para a organização dos espaços internos e externos dessas unidades habitacionais e, principalmente, o uso destes espaços que se apresenta padronizado.

De modo semelhante, o conjunto de informações resultante da análise das áreas de atividade apresenta mais regularidades do que variações. A observação e análise dessas áreas de atividade demonstraram: que as atividades coletivas, assim como as atividades domésticas, costumam ser executadas em áreas multifuncionais, não havendo área de atividade específica para qualquer uma das atividades; que muitas delas não produzem vestígios materiais; que, mesmo quando eles são produzidos, são jogados nos rios (se rituais), ou reutilizados, ou descartados (se de uso doméstico); e que esses materiais, principalmente os descartados, costumam ser realocados.

Além dos resultados diretos apresentados sobre o uso e as variações na organização dos espaços do cotidiano de duas aldeias Xerente, o somatório dessas informações oferece ainda subsídios que podem ser utilizados no desenvolvimento de premissas de cunho arqueológico.

A primeira, e talvez mais significativa delas, está relacionada à constatação de que a área real de uso e circulação das duas aldeias é inferior ao que os vestígios materiais registram. Isso se deve ao que chamamos de mobilidade das aldeias, a já citada dinâmica de construção, substituição, abandono e desmonte das unidades domésticas. Pode-se perceber, por meio da observação dos vestígios no solo, que as aldeias estão em constante movimento. Embora haja um padrão de organização espacial das aldeias que pouco se modifica ao longo dos anos, em função da construção de novas unidades domésticas e do abandono das velhas a aldeia acaba por se contrair ou expandir, ou seja, elas se movem.

Esse processo, lento, quase imperceptível, acaba oferecendo mudanças consideráveis no tamanho da aldeia quando se pensa em períodos

mais longos de tempo, no que se refere ao registro arqueológico produzido. Assim, quando medimos apenas a dispersão dos vestígios materiais espalhados pela superfície do terreno, acabamos tendo uma aldeia maior do que a real. Isso ocorre porque estaríamos somando os fluxos e refluxos das unidades domésticas, o que daria ao registro arqueológico da aldeia uma dimensão maior do que ela realmente apresentou em qualquer época.

Outro ponto interessante foi perceber que, no contexto estudado, existe uma grande dificuldade, senão impossibilidade, em inferir características econômicas e sociais dos habitantes das aldeias por meio dos tipos de utensílios, pólos de atração, estruturas e refugos. Ou seja, em contexto arqueológico, as diferenças qualitativas encontradas entre artefatos e estruturas não estariam relacionadas às diferenças sociais ou econômicas entre as pessoas. As variações nesse sentido são quantitativas, com as pessoas que ocupam posição social de maior destaque possuindo maior quantidade, por exemplo, de bens industrializados ou estruturas. Em contexto arqueológico, as diferenças quantitativas encontradas entre artefatos e estruturas estariam relacionadas às diferenças sociais ou econômicas entre as pessoas. De modo semelhante, o tamanho das unidades habitacionais tenderia a estar relacionado à condição social do indivíduo. Quanto maior o *status* pessoal do chefe da unidade doméstica, maior costuma ser a área disponível por morador, e transpondo essa situação para contexto arqueológico, devemos atentar para o fato de que nem sempre uma maior unidade habitacional corresponderia a um maior número de indivíduos residindo. Uma unidade habitacional com uma maior área construída poderia estar representando um maior *status* dos moradores.

Outras informações estão relacionadas à formação de refugio. O acompanhamento de uma grande quantidade de atividades das mais diversas, tais como, pilagem, pintura corporal, alimentação, confecção de artesanato, etc., demonstrou que elas acabam produzindo muito pouco refugio primário. Os restos materiais deixados no solo, não coletados, além de resultar em um volume pequeno de material, são quase que diariamente retirados do seu lugar. Além disso, a observação e análise das áreas de atividade demonstram que delas quase não resultam vestígios materiais e que aqueles descartados (ou esquecidos) não nos permitem vislumbrar a natureza das atividades que nelas foram realizadas.

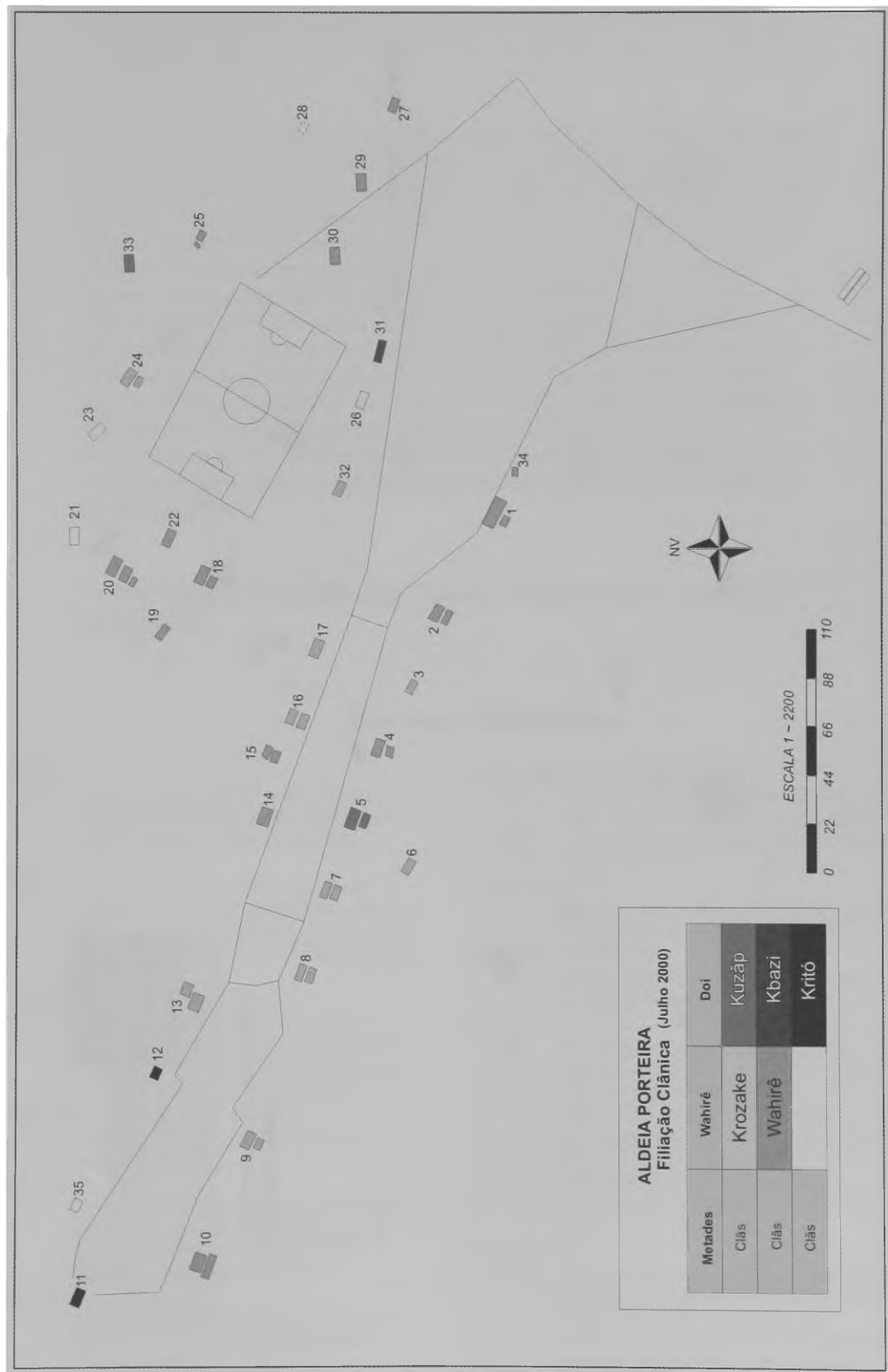
De modo semelhante, como as unidades habitacionais e os espaços domésticos são constantemente varridos, encontraríamos poucos vestígios materiais resultantes da ocupação da unidade doméstica. As constantes varridas e limpezas dos espaços domésticos das aldeias se encarregam de espalhar os restos para longe do seu ponto de abandono original, criando um anel de restos orgânicos e inorgânicos ao redor de cada unidade doméstica. Esse acúmulo de lixo diário depositado nos fundos de cada residência acaba refletindo a disposição do registro arqueológico, podendo estar depositado em único ponto, criando várias pequenas concentrações, ou de forma dispersa, criando um formato semelhante a uma meia lua.

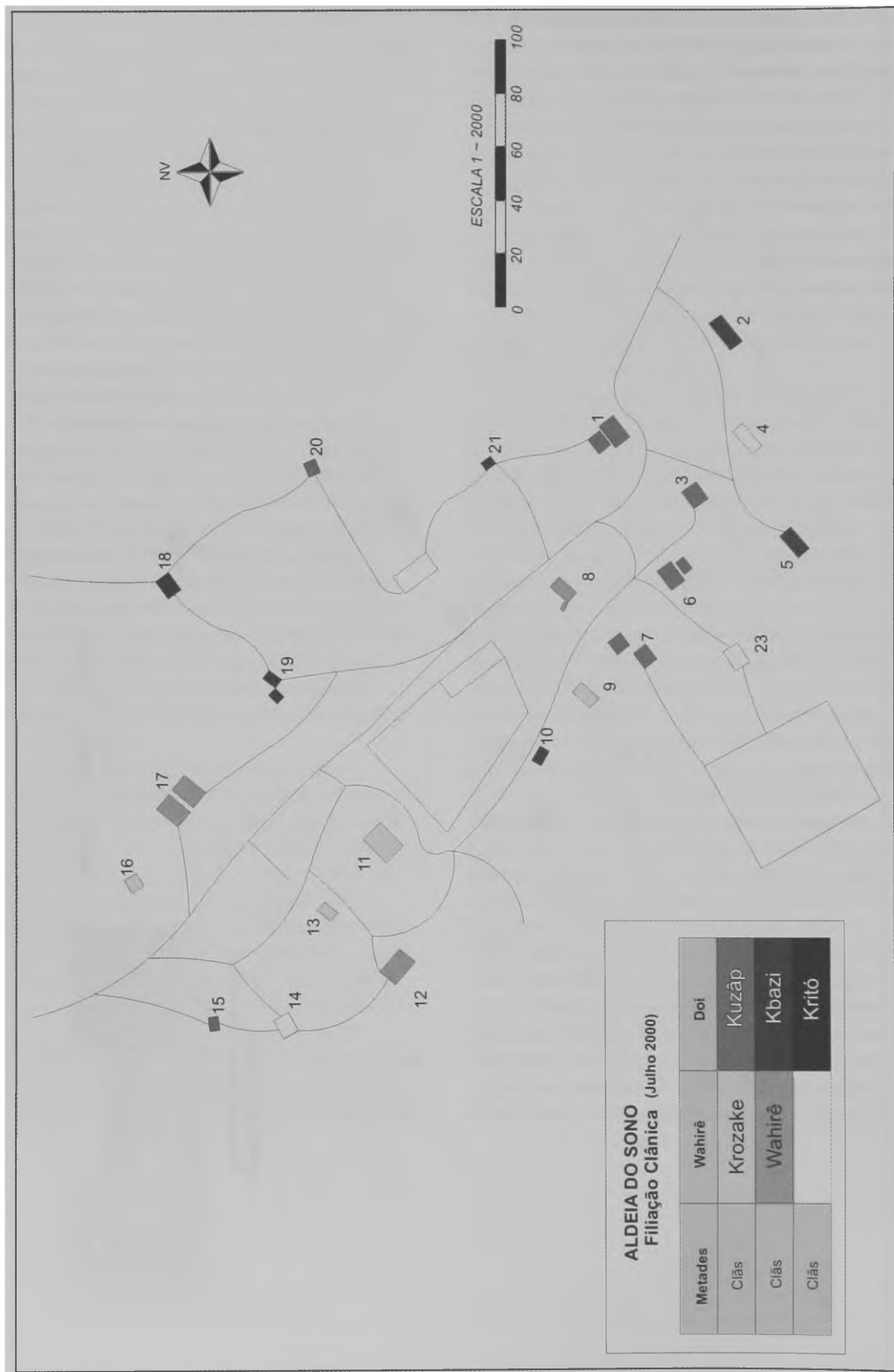
Pensando em áreas preferenciais para a formação do refugio arqueológico, acabaremos tendo “anéis” de depósito de lixo ao redor das unidades domésticas, em pontos mais afastados do local onde ele foi produzido. No espaço doméstico, o mais provável é que o registro arqueológico apresente apenas os vestígios de suas fogueiras, áreas de descarte e buracos de lixo. Na unidade habitacional, uma mancha de terra um pouco mais escura, com pouco ou nenhum material, e uma tênue estratigrafia resultante da construção ou recuperação do piso anterior no decorrer de uma mesma ocupação.

Um dos poucos momentos onde esses vestígios não são removidos, ou começam a se acumular de forma maior, acontece na ocasião do abandono definitivo, ou próximo a esse momento. Na primeira situação, a família simplesmente vai embora, parte, deixando muita coisa para trás, tanto dentro quanto fora da unidade habitacional. No caso de haver um abandono paulatino, é usual que os espaços de entorno da moradia recebam cada vez menos cuidados de limpeza e manutenção. As varridas diminuem de frequência e o material descartado começa a ficar acumulado cada vez mais próximo da residência. O mato começa a ser carpido de forma esporádica, menos frequente,

e se aproxima da unidade habitacional. Assim, no caso de um abandono definitivo, encontramos no registro arqueológico um *continuum* de vestígios, dos quais fazem parte a estrutura da unidade habitacional, as áreas próximas não varridas e os espaços domésticos com lixo acumulado da época em que a residência estava em funcionamento. E, ironicamente, trata-se de um registro mais fiel sobre o contexto arqueológico. Ou seja, uma análise etnoarqueológica não pode prescindir do acompanhamento e análise das áreas de refugio secundário e dos processos de abandono, pois são principalmente eles que estão representados no registro arqueológico de forma ampla.

As informações provenientes do registro e observação das unidades domésticas e das áreas de atividades deixam claro a alta mobilidade e as grandes alterações na funcionalidade dos objetos de uso cotidiano e, em contrapartida, a dificuldade do registro arqueológico em fixar essa mesma atividade. Ao término da pesquisa o que mais se destaca é a complexidade na compreensão do registro arqueológico. Um dos exemplos mais sintomáticos, e até engraçados, ocorreu durante o mapeamento e inventário da unidade habitacional da família de Juscelino *Simnāw*. No meio da sua habitação, em uma área aberta que lembra uma espécie de varanda, próxima à fogueira, havia um buraco. Seu tamanho não era grande, pouco mais de 25cm de largura e 30cm de profundidade. Dentro dele, encontravam-se somente algumas folhas que o vento para ali transportou. Como bons pesquisadores, ficamos a tentar entender aquela estrutura singular. Seria um esteio removido? Uma fogueira em cova? Área para descarte futuro? Enfim, várias possibilidades. Resolvemos então acabar com as dúvidas. E a forma mais fácil era perguntar para o dono da casa a serventia desse estranho e enigmático buraco. Descobrimos, surpresos, que estávamos diante do local onde a família colocava, ou melhor, “encaixava”, o filho mais novo a fim de evitar que ele saísse engatinhando pela aldeia...





MOI, F.P. Xerente Ethnoarchaeology: the construction of organization and space use model of the villages Porteira and Rio Sono. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 153-173, 2003.

**ABSTRACT:** This paper presents the results of the dissertation named “Organization and the use of space in two Xerente’s villages: an ethnoarchaeological approach” The goal of this research was to elaborate and propose an ideal model of organization and of the use of space by the Xerente indigenous people, based on studies of two of their villages, both of them located at the *Terra Indígena Xerente* region, in the state of *Tocantins*, Brazil. Our basic system of proceeding was guided by the search of patterns of relationship amid their material culture their behavior and their culture. Following this method of research, all living structures and activities areas of both villages were observed, described, noted and mapped. Structure and activities were them related to the production of material culture, to its producers and its period of use. The database originated by this work and its analyses resulted on the elaboration of ideal model of the Xerente people’s use of space. We took into account the homogenous variables and the differences between the two villages, and this also gave us the possibility to analyze the variations that are inherent to the occupation pattern of the Xerente people.

**UNITERMS:** Ethnoarchaeology – Xerente – Material culture – Archaeology – Anthropology.

### Referências bibliográficas

- ADAMS, J.L.  
1973 An ethnoarchaeological study of a rural American community: Silcott, Washington, 1900-1930. *Ethnohistory*, 20: 335-346.
- BOURDIEU, P.  
1999 A casa kabyle ou o mundo às avessas. *Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP*, 8. Tradução de Claude G. Papavero. São Paulo: 147-159.
- CAMERON, C.; TOMKA, S.A. (EDS.)  
1993 *Abandonment of settlements and regions: ethnoarchaeological and archaeological approaches*. New directions in archaeology. London: Cambridge University Press.
- CARDEW, M.  
1952 Nigerian traditional pottery. *Nigéria*, 39. Nigéria: 188-201.
- CICOUREL, A.  
1980 Teoria e método em pesquisa de campo. A.Z. Guimarães (Org.) *Desvendando máscaras sociais*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora: 87-121.
- CLIFFORD, E.A.  
1998 *Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- COSTA, M.H.F.; MALHANO, H.B.  
1987 Habitação indígena brasileira. D. Ribeiro *et al.* (Orgs.) *Suma etnológica brasileira*. Vol. 2, *Tecnologia Indígena*. Rio de Janeiro, FINEP, Editora Vozes: 27-92.
- CRAPANZANO, V.  
1991 Diálogo. *Anuário Antropológico/88*. Brasília, Fundação Universidade de Brasília: 59-80.
- DAVID, N.; KRAMER, C.  
2001 *Ethnoarchaeology in action*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ENLOE, J.G.  
1993 Ethnoarchaeology of marrow cracking: implications for the recognition of prehistoric subsistence organization. J. Hudson (Ed.) *From bones to behavior: ethnoarchaeological and experimental contributions to the interpretation of faunal remains. Occasional Paper 21*. Carbondale, Center for Archaeological Investigations, Southern Illinois University: 82-97.
- FARIAS, A.T.P.  
1990 *Fluxos sociais Xerente: organização social e dinâmica nas relações entre aldeias*. São Paulo, Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e



- Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia.
- 1998 Uma leitura antropológica sobre a distribuição populacional: os Akwen Xerente. *Humanitas*, 2. *Revista do Instituto de Ciências Humanas. PUC Campinas*. Campinas: 7-38.
- FISHER, J.W.; STRICKLAND, H.C.
- 1989 Ethnoarchaeology among the Efe Pygmies, Zaire: spatial organization of campsites. *American Journal of Physical Anthropology*, 78: 473-484.
- GONÇALVES DASILVA, V.
- 2000 *O Antropólogo e sua magia: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- HODDER, I.
- 1994 *Interpretación en Arqueología. Corrientes actuales*. Barcelona: Crítica.
- KAPLAN, A.
- 1964 *The Conduct of Inquiry: Methodology for Behavioral Science*. San Francisco: Chandler.
- KELLY, R.F.
- 1982 *The foraging spectrum: diversity in hunter-gatherer lifeways*. Washington DC: Smithsonian Institution Press.
- KENT, S.
- 1987 Understanding the Use of Space: An Ethnoarchaeological Approach. S. Kent (Ed.) *Method and Theory for Activity Area Research – An Ethnoarchaeological Approach*. New York, Columbia University Press: 1-60.
- 1984 *Analyzing activity areas: an Ethnoarchaeological study of the use of space*. London: Routledge.
- KRAMER, C.
- 1979a Introduction. C. Kramer (Ed.) *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. New York: Columbia University Press: 1-20.
- 1979b An Archaeological View of a Contemporary Kurdish Village: Domestic Architecture, Household Size, and Wealth. C. Kramer (Ed.) *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. New York, Columbia University Press: 139-163.
- LEMONNIER, P.
- 1986 The study of Material Culture today: toward an anthropology technical systems. *Journal of anthropological archaeology*, 5:147-186.
- LOPES DA SILVA, A.; FARIAS, A.T.P.
- 1992 Pintura Corporal e sociedade: os 'partidos' Xerente. L. Vidal (Org.). *Grafismo Indígena: estudos de Antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP: 89-116.
- LYONS, D.
- 1996 The politics of house shape: round vs rectilinear domestic structures in Déla compounds, northern Cameroon. *Antiquity*, 70: 351-367.
- MAGNANI, J.G.C.
- 1996 Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. J.G.C. Magnani; L.L. Torres (Orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP: 15-53.
- MAYBURY-LEWIS, D.
- 1979 Cultural categories of the Central Gê. D. Maybury-Lewis (Ed.) *Dialectical societies*. Cambridge: Harvard University Press: 218-246.
- MILLS, C.W.
- 1959 *The Sociological Imagination*. New York: Grove Press.
- MOI, F.P.
- 2003 *Organização e uso do espaço em duas aldeias Xerente: uma abordagem etnoarqueológica*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- NIMUENDAJU, C.
- 1942 *The Serente*. Hodge Anniversary Publication Fund, Vol. IV. Los Angeles: Publications of the Frederick Web.
- OSWALT, W.H.; VANSTONE, J.W.
- 1967 *The ethnoarchaeology of Crow village, Alaska*. Bulletin 199. Washington DC: Bureau of American Ethnology.
- PAULA, L.R.
- 2000 *A dinâmica faccional Xerente: esfera local e processos sociopolíticos nacionais e internacionais*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia.
- PEIRANO, M.
- 1992 A favor da etnografia. *Série Antropologia* 130, Brasília: Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia (*mimeo*).
- RATHJE, W.L.
- 1978 Archaeological ethnography: because sometimes it is better to give than to receive. R.A. Gould (Ed.) *Explorations in ethnoarchaeology* Albuquerque, University of New Mexico Press: 49-76.
- 1985 The Garbage Project. D. Hunter; P. Whitten (Eds.) *Anthropology: contemporary perspectives*. Albuquerque: University of New Mexico Press: 71-78.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.
- 1999 *Etnoarqueologia brasileira: história e perspectivas*. Cidade do Cabo: World Archaeological Congress 4 (WAC4) (*mimeo*).
- 2000 Reflexionen über den Gebrauch der historischen Analogie in Brasilien. *Vergleichen als archäologische Methode: Analogien in den Archäologien – Mit Beiträgen einer Tagung*

- der Arbeitsgemeinschaft Theorie (T-AG) und einer Kommentierten Bibliographie*. Oxford, Archaeopress Publishers of British Archaeological Reports: 131-142.
- 2001 El uso de la analogía en la Etnoarqueología brasileña. Argentina: *Anais da II Reunión Internacional de Teoria Arqueológica en America del Sur*, (prelo).
- RUIBAL, A.G.  
2001 Etnoarqueología de la vivienda en África subsahariana: aspectos simbólicos y sociales. *Arqueoweb – Revista sobre Arqueología en Internet* – 3 (2) septiembre.
- SÁ, C.  
1982 *Aldeia de S. Marcos. Transformações na habitação de uma comunidade xavante*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História da Arquitetura. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- SCHIFFER, M.B.  
1972 Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, 37. New York, Academic Press: 156-165.  
1976 *Behavioral archaeology*. New York: Academic Press.
- THOMPSON, R.H.  
1991 The Archaeological Purpose of Ethnoarchaeology. W.A. Longacre (Ed.) *Ceramic Ethnoarchaeology*. Tucson, The University of Arizona Press: 231-246.
- TRIPATHI, V.; TRIPATHI, A.  
1994 Iron work in Ancient India: an ethnoarchaeological study. J.M. Kenoyer (Ed.) *From Summer to Meluhha: contributions to the archaeology of Southwest and South Asia in memory of George F. Dales*. Wisconsin Archaeological Reports 3. Madison, University of Wisconsin: 241-251.
- VELTHEM, L.H.V.  
1987 Equipamento doméstico e de trabalho. D. Ribeiro *et. al.* (Orgs.) *Suma etnológica brasileira*. Vol. 2, Rio de Janeiro, Tecnologia Indígena, FINEP, Editora Vozes: 95-108.
- WATSON, P. JO.  
1979 The Idea of Ethnoarchaeology: Notes and Comments. C. Kramer (Ed.) *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. New York, Columbia University Press: 277-288.
- WENIGER, G.C.  
1992 Function and form: an ethnoarchaeological analysis of barbed points from northern hunter-gatherers. F. Audouze (Ed.) *Ethnoarchéologie: justification, problèmes, limites*. Rencontres Internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes 12. Juan-les-Pins, Editions APDCA: 257-268.

Recebido para publicação em 5 de novembro de 2003.



## A CERÂMICA DE VARGINHA (MT) – PRODUÇÃO E TECNO-MORFOLOGIA \*

Sintia de Assis Viana\*\*

VIANA, S.A. A cerâmica de Varginha (MT) – produção e tecno-morfologia. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 175-195, 2003.

**RESUMO:** No presente artigo serão apresentados aspectos referentes à produção da cerâmica na comunidade de Varginha, buscando a compreensão do “saber fazer” desta prática consuetudinária, transmitida de geração a geração. Compreendendo a produção técnica como uma manifestação cultural, buscou-se caracterizar não somente os elementos tecno-morfológicos da cerâmica associados aos espaços funcionais e modalidades de funcionamento, mas também os processos e técnicas gestuais desenvolvidos na produção dos artefatos cerâmicos.

**UNITERMOS:** Comunidade de Varginha – Cerâmica – Tecno-morfologia – Cadeia operatória.

### Introdução

A região da bacia do rio Manso foi alvo de pesquisas de caráter interdisciplinar (envolvendo arqueologia pré-histórica, arqueologia histórica e antropologia), indicando que a confecção de cerâmica consiste em uma prática existente em diferentes comunidades do vale do rio Manso. Dentre as comunidades atuais lá instaladas, muitas confeccionam utensílios de cerâmica e outras utilizam peças obtidas por meio de trocas ou mesmo de compra.

Esta pesquisa baseou-se em fontes originais obtidas a partir de trabalho de campo, que podem ser divididas em observações diretas (*in loco*) e

informações obtidas a partir de entrevistas. Foram utilizados como fontes de apoio dados provenientes das pesquisas antropológicas realizadas anteriormente na comunidade de Varginha,<sup>1</sup> assim como dados dos materiais cerâmicos inseridos nos sítios arqueológicos pré-históricos e históricos localizados na bacia do rio Manso. Essas pesquisas, embora tenham demonstrado uma ocupação bastante recuada na área, que remonta à pré-história, bem como tenham colaborado com dados inéditos acerca do processo de ocupação histórica da região, registrando a presença negra e indígena, não comprovaram uma continuidade histórica e cultural entre esses diferentes grupos e os atuais habitantes da região.

(\*) Este artigo é parte de dissertação de mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural, realizado junto ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia / Universidade Católica de Goiás, com o título: *A Produção Cerâmica de Varginha: uma prática tradicional*.

(\*\*) Pesquisadora (prestação de serviço) do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia.

(1) Foram consultadas entrevistas com nove artesãos, residentes em diferentes partes da bacia do rio Manso, que confeccionam cerâmica. Essas entrevistas foram realizadas no âmbito do *Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da UHE - Manso/MT* (Coletivo 2001).

A pesquisa pretendeu, em termos específicos, compreender a prática da confecção da cerâmica, entendida como uma manifestação cultural de caráter tradicional, bem como explorar sua função sócio-econômica na realidade de Varginha, numa perspectiva etnológica (funcional e sincrônica). Aspectos diacrônicos foram explorados em termos pontuais, tendo em vista que não há uma continuidade comprovada entre as diferentes ocupações registradas na região.

Ao selecionar critérios tecno-funcionais da cerâmica, relacionando-os à sua utilização e fabricação, levantaram-se as seguintes questões de ordem sincrônica:<sup>2</sup>

quais as características funcionais da cerâmica desta localidade (utilização);  
em que contexto sócio-econômico atual a cerâmica é fabricada;  
quem confecciona a cerâmica na comunidade;  
como a cerâmica de Varginha é fabricada.  
propriedades tecno-morfológicas da cerâmica.

Foi explorada igualmente, a seguinte questão de ordem diacrônica:

- a origem das ceramistas, documentada em sua genealogia.

Baseando-se em Gardin (1979, *apud* Gallay 1981; 1986), a análise da cerâmica neste trabalho foi estruturada destacando-se as propriedades **extrínsecas** e **intrínsecas** dos artefatos.

Les caractéristiques intrinsèques des objets se regroupent selon J.-C. Gardin (1979) em trois ensembles: les caractéristiques physiques P (dureté, composition chimique, couleur, etc.), les caractéristiques géométriques G (la forme des objets) et les caractéristiques sémiologiques S (les signes et les dessins, l'ornementation des objets). Les caractéristiques extrinsèques sont également au nombre de trois, les caractéristiques de lieu L (où l'objet

(2) Destaca-se que a monografia da qual este artigo partiu, aborda ainda, numa abordagem sincrônica *o comércio como elemento de distinção da comunidade de Varginha*, e na abordagem diacrônica, *as adaptações ocorridas na produção da cerâmica tradicional*, além de uma *comparação entre aspectos tecno-morfológicos da cerâmica de Varginha e os dados provenientes das pesquisas arqueológicas e etnográficas*.

a-t-il été trouvé?, de temps T (de quand date-t-il?) et de fonction F (à quoi sert-il?)<sup>3</sup> (Gallay 1986).

Numa perspectiva sincrônica, por propriedades extrínsecas entendem-se os seguintes elementos: a função dos recipientes (utilização), sua função social, os artesãos, as etapas da fabricação e os elementos da cerâmica que distinguem a comunidade de Varginha das demais comunidades da região do Manso (o comércio). Por propriedades intrínsecas, compreendem-se, basicamente, os traços tecno-morfológicos e elementos decorativos da cerâmica (Quadro 1).

Quadro 1

Dados de Ordem Sincrônica	
Dados intrínsecos	Dados extrínsecos
• Propriedades tecno-morfológicas da cerâmica atual (análise qualitativa)	• Função dos recipientes (utilização) • Função social • Quem fabrica a cerâmica • Etapas de fabricação da cerâmica • O comércio como elemento de distinção da comunidade de Varginha <sup>4</sup>

Em termos diacrônicos, por propriedades extrínsecas compreendem-se os aspectos genealógicos das ceramistas de Varginha. As propriedades intrínsecas diacrônicas não serão abordadas neste trabalho. Estas compreendem os elementos

(3) As características intrínsecas dos objetos se agrupam segundo J.-C. Gardin (1979) em três conjuntos: as características físicas (dureza, composição química, cor etc.), as características geométricas (a forma dos objetos) e as características semiológicas (os signos e os desenhos, a ornamentação dos objetos). As características extrínsecas são igualmente em número de três, as características de lugar (onde os objetos se encontram?), de tempo (de quando datam os objetos?) e de função (para que servem?).

(4) Este item não será abordado no presente trabalho.

relacionados às adaptações ocorridas na produção da cerâmica para atender à demanda de mercado e a comparação dos aspectos tecno-morfológicos da cerâmica de Varginha com dados da cerâmica produzida nos períodos pré-históricos, além da confeccionada pelos indígenas (Quadro 2).

**Quadro 2**

<b>Dados de Ordem Diacrônica</b>	
<b>Dados intrínsecos<sup>5</sup></b>	<b>Dados extrínsecos</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Propriedades morfológicas da cerâmica atual – elementos adaptativos</li><li>• Comparação das propriedades morfológicas da cerâmica atual com a produzida em período histórico e pré-histórico</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• A origem das ceramistas de Varginha</li></ul>

### **A comunidade de Varginha: aspectos geográficos e históricos**

A comunidade de Varginha localiza-se no estado de Mato Grosso, no município de Chapada dos Guimarães a aproximadamente 80 km a norte dessa cidade e a 16 km do povoado de Água Fria. Situa-se na bacia hidrográfica do rio Manso, próximo às margens do lago formado pela usina Hidrelétrica de Manso (UHE-Manso) nas proximidades do ribeirão Bom Jardim.

O município de Chapada dos Guimarães situa-se a 15°17'25" latitude sul, 55°48'15" longitude oeste Gr, na porção central do estado. Possui uma extensão territorial de 6.494 km<sup>2</sup>, limitando-se com os municípios de Nova Brasilândia, Campo Verde, Rosário Oeste e Cuiabá (Fig. 1). O clima é tropical quente e subúmido, com temperatura média anual de 24°

Com 15.736 habitantes (IBGE, 2000), o município de Chapada dos Guimarães localiza-se a 61 km de Cuiabá, na região de topo da unidade

geomorfológica denominada de Chapada dos Guimarães (RADAMBRASIL, 1982).

A comunidade de Varginha, assim como outras comunidades localizadas na bacia dos rios Manso, Casca e Quilombo abordadas em pesquisas realizadas na região (Amado 2001; Coletivo 2001), consiste em uma comunidade rural predominantemente agrícola, com economia de subsistência, onde notoriamente vive-se com limitados recursos econômicos. Das comunidades localizadas nessa região, cinco são produtoras, entre outros artesanatos, de peças de cerâmica, seja para fins locais, seja para fins comerciais. Registra-se ainda a presença de ceramistas não residentes em comunidades.

### *O processo de ocupação na região da bacia do rio Manso*

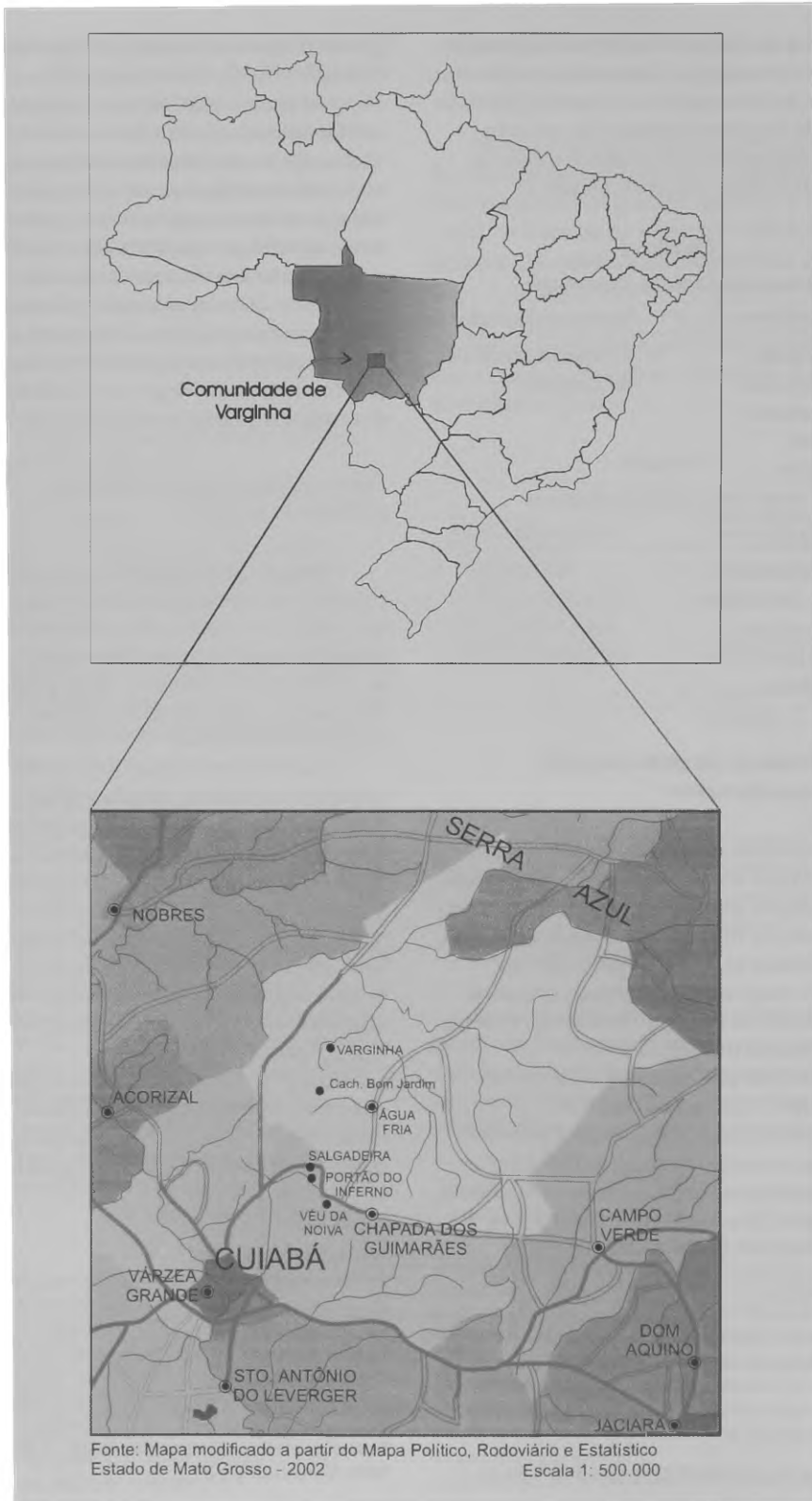
No estado do Mato Grosso, grupos caçadores-coletores viviam em abrigos rochosos e em áreas a céu aberto. Nas proximidades da comunidade de Varginha, datações de 12.120 anos AP referem-se ao sítio Santa Elina (Vilhena-Vialou e Vialou 1994), localizado no município de Rondonópolis-MT, na região do rio Vermelho.

Posteriormente a região foi ocupada por grupos ceramistas cujos sítios arqueológicos forneceram datações de aproximadamente 1.150 AP (Wüst 1990) e 2.000 AP (Vilhena-Vialou e Vialou 1994), especificamente na região do rio Vermelho, Rondonópolis-MT. A partir dos séculos VIII e IX, a ocupação na região foi intensificada pelos grupos ceramistas e agricultores de grandes aldeias, ocupando áreas de planícies e aterros, dando um novo perfil à ocupação regional (Wüst 1990; Viana *et al.* 2002).

Na região da bacia do rio Manso, pesquisas arqueológicas efetuadas em uma área de 427 km<sup>2</sup> realizaram o resgate de 27 sítios arqueológicos pré-históricos e de quatro sítios arqueológicos históricos.<sup>6</sup>

(6) Tais pesquisas foram realizadas por ocasião do *Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da UHE-Manso/MT* e do *Projeto de Resgate do Patrimônio Arqueológico Pré-Histórico da Região da UHE-Manso/MT*, desenvolvidos pelos pesquisadores do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, mediante convênio firmado com Furnas Centrais Elétricas S. A. (Coletivo 2001; Viana *et al.* 2002).

(5) Este item não será abordado no presente trabalho.



As pesquisas arqueológicas relacionadas aos sítios pré-históricos (Viana *et al.* 2002) demonstram uma ocupação que se iniciou há aproximadamente 6.000 AP, com grupos caçadores-coletores, datados no sítio Estiva 2. A ocupação ceramista mais antiga na região está datada em  $870 \pm 60$  e  $920 \pm 60$  AP, representada respectivamente pelos sítios Ribeirão Vermelho 6 e Estiva 1. No entanto, há evidências de vestígios em contextos arqueológicos com datações posteriores, do século III ao XIV, e se referem a dez sítios arqueológicos (Viana *et al.* 2002).

As pesquisas relacionadas aos sítios arqueológicos históricos na região (sítios MF 13 – Tapera do Pingador; M 33 – Fazenda Engenho do Quilombo; M 63 – Taperão e M 125 – Buritizinho) abrangem contextos que vão do final do século XVIII até o final do século XIX e privilegiaram o estudo dos artefatos associados aos grupos escravos, em particular o material cerâmico, presente em todos os sítios analisados.

A documentação acerca da presença indígena na bacia do rio Manso, realizada por Curt Nimuendajú (1987), indica a presença de dois grupos indígenas na região, o que encontra ressonância nos textos históricos sobre o Mato Grosso, sintetizados no levantamento histórico da região (Coletivo 2001): os Bakairí e os Bororo.

A ocupação da região da bacia do rio Manso se intensifica, a partir de 1720, em decorrência das investidas, por parte da Coroa portuguesa, de ocupação do interior do país. A ocupação se deu com o advento, num primeiro momento, da mineração e, posteriormente, em decorrência da agricultura (Coletivo 2001). Além de grandes fazendas, a região abriga inúmeras comunidades (entre elas Varginha) de pessoas descendentes de garimpeiros, figura muito freqüente no processo inicial de ocupação da região.

### **A comunidade de Varginha**

A comunidade de Varginha formou-se aproximadamente em 1969, quando o Sr. João Paulino Mamoré, falecido há 24 anos, ocupou, por meio de posse, cerca de 500 ha de terras. O Sr. João Paulino Mamoré e sua esposa, Maria Margarida Mamoré, falecida há 12 anos, vieram da região do córrego do Pingador, também município de Chapada dos Guimarães, onde ainda possuem parentes.

Descendentes do casal se instalaram nas imediações, de forma que atualmente a comunidade possui doze edificações relativamente próximas entre si, consistindo em um colégio e onze residências, com cerca de 65 pessoas. Quatro dos filhos do casal moram na comunidade, os Srs. Domingos Ângelo Mamoré, Manuel João de Deus Mamoré, Xisto Fenício Mamoré Crisóstemos e a Sra. Brazilian Maria Crisóstemos Mamoré, constituindo quatro das residências.

As famílias que compõem a comunidade são unidas, além dos vínculos de parentesco, por vínculos religiosos, culturais e econômicos, marcados por uma série de práticas que colaboram para a manutenção e a coesão do grupo. Foi possível identificar alguns elementos de coesão do grupo, como as atividades lúdico-religiosas, o compadrismo, as práticas de auxílio mútuo e benzedura, as histórias de vida marcadas por dificuldades de sobrevivência com precárias condições sócio-econômicas e a própria configuração territorial.

Varginha é uma comunidade rural predominantemente agrícola, com uma economia de subsistência e comércio com a cidade de Chapada. Notoriamente, lá vive-se com limitados recursos econômicos. A produção alimentar envolve o cultivo principalmente de arroz, milho, mandioca e feijão, este último destinado apenas ao consumo local. Já o cultivo de mandioca, além de atender às necessidades locais, é destinado à comercialização da raiz, bem como dos produtos dela obtidos, como a farinha e o polvilho.

Outras atividades são também realizadas, como o artesanato, através do trançado e da cerâmica; o extrativismo vegetal, realizado através da retirada do buriti; a criação de gado bovino, suíno e de galinhas caipira. Embora com menor intensidade, segundo entrevistas, registram-se, ainda, as atividades de caça e de pesca, que contribuem na dieta alimentar.

Os artesanatos em trançado são representados por cestos, “apás”<sup>7</sup> “tipixis”<sup>8</sup> e cadeiras e redes de algodão trançados em tear. O artesanato em cerâmica destina-se à utilização e à comercialização, consistindo predominantemente de peças de utilidade na culinária, como panelas e potes para armazenamento de alimentos e líquidos.

(7) Apá: peneira de selecionar arroz tecida com fibra de buriti.

(8) Tipixi: cesto de pensar mandioca.



Comumente, as atividades realizadas, particularmente as atividades relacionadas ao preparo da terra, do plantio e da colheita, envolvem vários membros do grupo familiar e até mesmo os vizinhos. Cada família recebe colaboração de outra ou de outras, em determinadas situações, compondo um sistema de reciprocidade, troca e solidariedade. Assim, como nas atividades acima citadas, as atividades envolvidas na confecção da cerâmica também são imbuídas de ajudas mútuas, tornando clara a presença de cooperação e reciprocidade permeando esta atividade artesanal.

Os cursos d'água têm um papel destacado na comunidade, sendo utilizados por alguns membros para o consumo e para atividades cotidianas que requerem água, como banho, lavagem de roupas e de vasilhas de uso doméstico. Entretanto, algumas casas possuem cisternas para este fim. O córrego Varginha, que passa dentro na comunidade, assim como o ribeirão Bom Jardim, são utilizados para banho e pesca. Eventualmente, utiliza-se a argila presente nas margens do córrego e do ribeirão Bom Jardim para a confecção de peças cerâmicas, porém esta argila não é privilegiada pelas ceramistas por conter, segundo elas, grande quantidade de areia.

A comunidade de Varginha diferencia-se das propriedades que a circundam e da grande maioria das propriedades do município da Chapada, que são marcadas por grandes fazendas com produção intensiva, seja na área da agricultura, seja na área da pecuária, resultando em extensas áreas desmatadas. As atividades econômicas realizadas na comunidade são marcadas pela relativamente pequena interferência no meio ambiente, uma vez que não há constante desmatamento, e a produção em pequena escala não é mecanizada. A produção da cerâmica também não é intensiva, ou em grande escala, de forma que não há uma exploração intensiva da matéria-prima, seja da argila, do *catipé*<sup>9</sup> ou da madeira para combustão.

(9) *Catipé* consiste em uma regionalização do termo *cariapé* e se refere a um “tipo de tempero para cerâmica arqueológica, o qual consiste em cinzas obtidas pela queima do córtex de árvores ricas em sílica, muito comum no Brasil Central” (Souza 1997). O “tempero”, também denominado “antiplástico” ou “desengordurante”, designa um ingrediente (vegetal ou mineral) adicionado ao barro no momento da confecção da cerâmica para obter condições propícias para boa secagem e queima.

### *Os artesãos*

A cerâmica de Varginha é produzida pelas mulheres da comunidade. A produção da cerâmica consiste em uma atividade essencialmente feminina. A participação masculina é eventual, como apoio nas fases da coleta do barro e comercialização das peças.

Todas as atividades relacionadas à fabricação da cerâmica são realizadas sem sacrifício das atividades e dos afazeres domésticos. Elas (as ceramistas) são donas de casa e mães. Aos homens cabe o cultivo da terra e o trato dos animais, excetuando-se as criações de quintal. Esta condição independe da relevância econômica do comércio da cerâmica, uma vez que, em algumas casas, a renda obtida pela comercialização desse artesanato chega a 80% da renda familiar (segundo dados de entrevistas). Na comunidade, os papéis sociais da mulher e do homem são claramente definidos.

Mesmo com o fato da relevância econômica dessa produção para as famílias, a fabricação de cerâmica não consiste na atividade prioritária das mulheres, pois as atividades domésticas têm precedência sobre quaisquer outras. A condição de ceramista não isenta a mulher de seus trabalhos na casa, uma vez que esta função é assumida por ela e está na base da estrutura familiar, sendo portanto primordial. Essa situação consiste em uma condição “naturalizada” pela comunidade.

Ressalta-se que algumas das atividades envolvidas na produção da cerâmica podem ser realizadas coletivamente e de forma lúdica. As atividades que se relacionam com a busca da matéria-prima, tanto do barro como do antiplástico, assim como o preparo deste último, podem ser realizadas coletivamente, envolvendo uma ou mais ceramistas e as crianças.<sup>10</sup> As entrevistas apontam um aspecto lúdico ao se referir a essa atividade. Nas etapas seguintes as crianças não participam diretamente, e somente a queima das peças pode ser realizada coletivamente. Os homens podem participar da comercialização.

(10) Segundo várias entrevistas, eventualmente os homens (esposos ou filhos) podem ajudar na etapa da busca da matéria-prima, seja a argila, seja o *catipé*.

A produção da cerâmica consiste em uma prática consuetudinária, transmitida de geração a geração. Os processos de aprendizado e de perpetuação da cerâmica na comunidade de Varginha consistem em uma tradição que representa o passado no presente, traz elementos da memória do grupo, sendo neste caso, a memória entendida como uma “propriedade de conservar certas informações culturais” (Le Goff 1997). Isto pode ser confirmado quando aparecem nas entrevistas referências ao passado.

Durante as entrevistas, foram observadas várias vezes expressões “*de primeiro*” ou “*antigamente*”, palavras “que assumem função mítica ao insistirem em um passado que não volta mais” (Certeau 1998).

Atualmente existem seis mulheres na comunidade que confeccionam peças de cerâmica, como pode ser visto na genealogia da Família Mamoré ceramistas (Fig. 2). A origem desta prática não está relacionada diretamente à origem da família fundadora da comunidade, uma vez que a matriarca, Sra. Maria Margarida Mamoré, não confeccionava cerâmica, nem tampouco sua filha, integrante da comunidade, Sra. Brasileira. Esta prática foi introduzida fundamentalmente por meio do estabelecimento de casamentos entre filhos homens do casal Mamoré com mulheres de diferentes localidades da bacia do rio Manso e de outras regiões da Chapada.

## A cerâmica de Varginha

### *Dados Extrínsecos: as categorias funcionais da cerâmica*

Pode-se observar que as peças cerâmicas confeccionadas na comunidade possuem finalidades específicas e são utilizadas em contextos diferentes. Para cada modalidade de funcionamento, além de traços morfológicos específicos as peças possuem funções sociais diferenciadas, estando de acordo com os espaços funcionais aos quais se associam.

O primeiro espaço funcional no qual encontram-se as peças cerâmicas é o **ambiente doméstico**, onde as peças são utilizadas no cotidiano. O segundo refere-se aos **espaços coletivos**, definidos quando acontecem as festas religiosas. E o terceiro espaço funcional corresponde aos **circuitos de comercialização**, além dos limites da própria comunidade.

Conforme já observado em outras regiões do vale do rio Manso (Coletivo 2001, v.III: 175), “atualmente, as vasilhas de barro coexistem com as de ferro, alumínio, latão, louça, vidro e plástico [...]” Na comunidade de Varginha não é diferente, e a proporção de objetos não cerâmicos em relação aos cerâmicos é bastante grande. No entanto, é constante a presença de pelo menos uma peça de cerâmica na casa, representada principalmente pelo pote para armazenamento de água: “Para guardar água para beber [...] em toda casa existe um [pote de cerâmica] no canto da sala, quase sempre sobre forquilha de madeira” (Coletivo 2001, v. III: 175). Para o armazenamento de água para beber prevalece, atualmente, o recipiente de cerâmica. Já para o preparo de alimentos e armazenamento de grãos prevalecem, com alto percentual, os recipientes industrializados, com o predomínio de vasilhas de alumínio. No entanto, segundo entrevistas, em dias de comemorações de datas especiais, ou até mesmo nos encontros familiares rotineiramente realizados aos domingos, os pratos são preferencialmente preparados em grandes panelas de cerâmica. As peças de cerâmica que estão envolvidas no contexto das festas ocorrentes na região são os *vasos para flores* e, mais raramente, os *boiões*.

Conforme apontado acima, o comércio da cerâmica tem um papel relevante na comunidade, uma vez que aproximadamente 80 % da renda familiar é proveniente desta atividade (dado de entrevista). A venda da cerâmica está relacionada a uma pretensão de melhores condições de vida e de acesso ao mercado de consumo local (cidade de Chapada dos Guimarães).

As peças assumem três funções sociais distintas: utilitária, utilitário-ritual e comercial. A função social das cerâmicas apresenta uma íntima relação com os espaços/lugares ocupados. Os utensílios com função utilitária limitam-se ao ambiente doméstico (as *panelas, moringas e potes para armazenagem* encontram-se no interior das residências, e os *vasos para plantio* nas varandas das casas).

Já as peças com função utilitário-ritual encontram-se nas residências em que costumemente ocorrem as festas religiosas (os *vasos para flores* e os *boiões*). Estes vasilhames são então utilizados nestes momentos de sociabilização, nos quais os donos das casas recebem os integrantes da comunidade em sua residência.

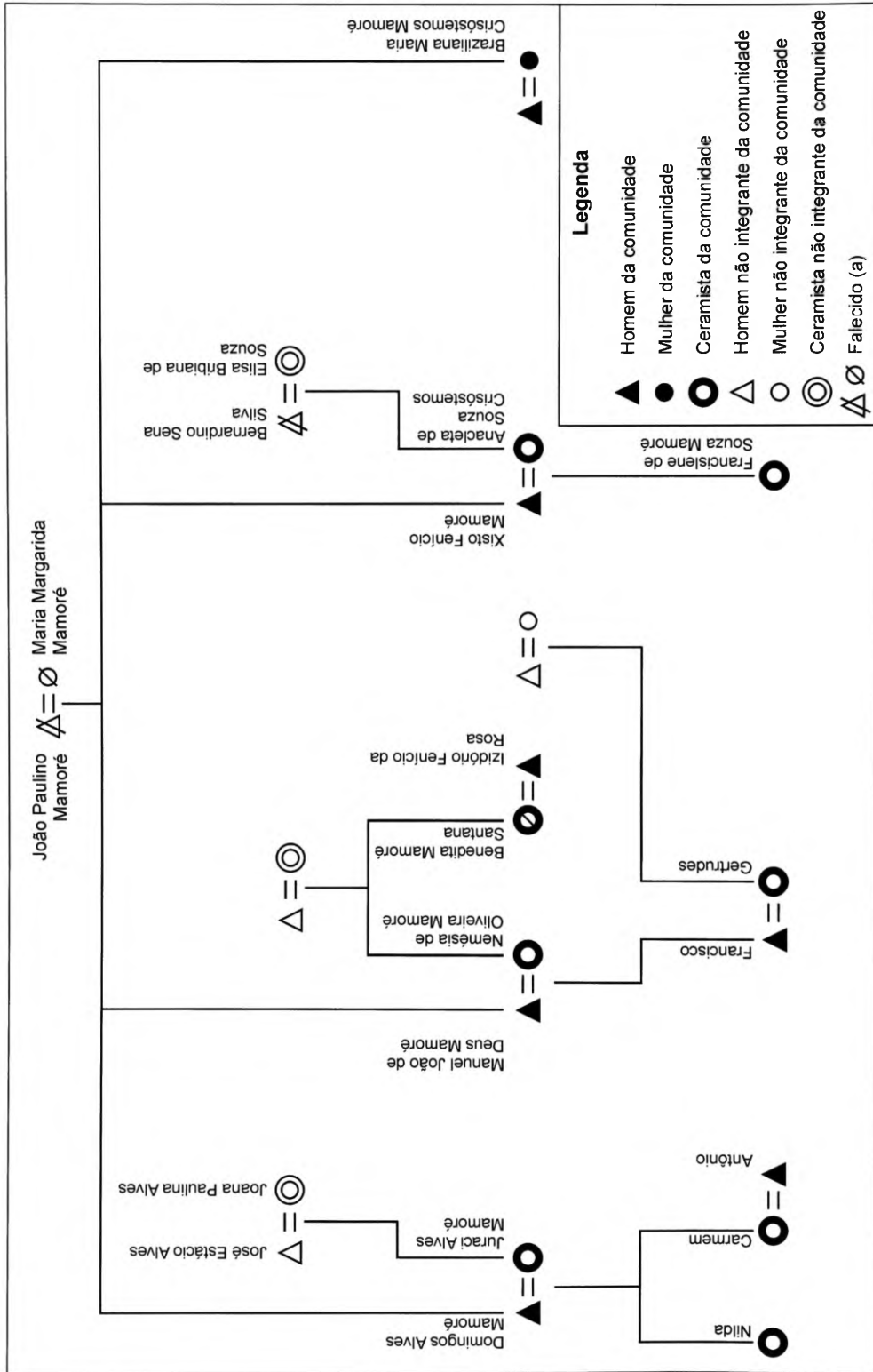


Fig. 2 – Genealogia da família Mamoré.

As peças com função comercial, por sua vez (*panelas, potes, vasos para plantio, fruteiras, assadores, pratos, canecas e pequenas tigelas*), são expostas em ambiente externo à comunidade, alcançando a cidade de Chapada dos Guimarães, até outras regiões, tendo em vista que se trata de uma cidade turística.

Desta forma, a primeira e a segunda funções descritas são exercidas em espaços que se limitam ao domínio cultural da comunidade, ao passo que a terceira função, comercial, é exercida em espaço que extrapola os limites da comunidade, não apenas os geográficos, mas os limites daquela estrutura social “formada por pessoas funcionalmente relacionadas” (Silva 1987: 229). Constatam-se, então, dois espaços distintos e opostos, demarcados e separados por uma oposição marcada pelo público e o privado, conforme abordados dentro da concepção de sociedade relacional de Roberto da Matta (1991), quando discute a sociedade a partir das categorias sociológicas a *casa* e a *rua*. Nesta abordagem, a *casa* e a *rua* são “entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens emolduradas e inspiradas” (Matta 1991: 17).

*Dados Intrínsecos: a variabilidade tecno-morfológica*

#### Critérios de descrição dos artefatos

A cerâmica de Varginha é composta basicamente por recipientes utilitários e decorativos. Para uma caracterização tecno-morfológica desta cerâmica foram selecionados doze tipos de recipientes que representam, em termos qualitativos, o universo de tipos de cerâmica confeccionada nesta comunidade: duas panelas, um pote, dois assadores, dois vasos, uma fruteira, um prato, uma tigela, uma caneca e uma moringa.

Baseando-se em estudos realizados por Shepard (1985) para análise tecno-morfológica de recipientes cerâmicos, elaborou-se um roteiro de análise em que foram explorados diferentes atributos.

Os recipientes de Varginha foram confeccionados segundo a técnica roletada associada à moldada, com exceção das tampas que foram confeccionadas exclusivamente a partir de molde.

Também foram analisados o tipo de decoração existente, presença de apêndices (como alça e asa), capacidade volumétrica do recipiente, tipo de queima (completa ou não) e densidade de antiplástico (cariapé) na peça.<sup>11</sup>

#### *Panelas*

As duas panelas caracterizam-se por serem recipientes fechados, de contorno simples e base do tipo plana. As bordas são inclinadas internamente e sem reforço, com espessura de 10 a 12 mm. A abertura da boca é circular. A panela menor possui diâmetro de 16 cm e a maior (Foto 1) atinge 20 cm. Quanto ao lábio da borda, é do tipo arredondado com espessura de 10 mm. Ambas as panelas apresentam duas asas cada uma, localizadas em extremidades opostas. Em uma das panelas analisadas, as asas são curvilíneas; na outra, são retilíneas. Apresentam queima completa, densidade muito baixa de antiplástico (cariapé) no recipiente maior e densidade baixa no menor. Estas duas panelas se diferenciam também na capacidade volumétrica: uma comporta até dois litros, enquanto a outra somente um litro.

#### *Pote*

O pote (Foto 2) é do tipo fechado, com contorno infletido e base plana. A borda é inclinada externamente, com reforço na face externa, espessura de 13 a 14 mm e diâmetro circular de 24 cm. O lábio da borda é arredondado, com espessura de 15 mm. A capacidade volumétrica é de aproximadamente dezoito litros. Não possui apêndices nem decoração. Apresenta queima incompleta e alta densidade de antiplástico (cariapé). O pote analisado destina-se ao armazenamento de produtos sólidos.

(11) A densidade foi classificada em muito baixa (MB), baixa (B), alta (A) e muito alta (MA). Para esta estimativa foi utilizada a tabela apresentada por Mathew, Woods e Oliver (*apud* Orton 1993).



Foto 1 – Panela, recipiente cerâmico confeccionado na comunidade de Varginha (foto Silvio Bragato).



Foto 2 – Pote, recipiente cerâmico confeccionado na comunidade de Varginha (foto Silvio Bragato).

#### Moringa

A moringa é um recipiente fechado, com contorno infletido e base plana. Apresenta borda

com inclinação vertical, sem reforço, com espessura de 8 mm e diâmetro circular de 5,5 cm. O lábio da borda é plano, com espessura de 7 mm. Sua queima é incompleta. Há baixa densidade de cariapé na pasta. Sua capacidade volumétrica é de até dois litros. Destina-se ao armazenamento de pequenas quantidades de líquido.

#### Vasos

Com referência aos dois vasos, eles distinguem-se em diversos elementos, tendo em comum o fato de serem fechados, com contorno da parede infletido. Ambos apresentam bordas com inclinação extrovertida e sem reforço, com espessura entre 8 e 10 mm. Ambos possuem espessura da parede de aproximadamente 6 mm, abertura da boca em forma circular.

#### Fruteira

A fruteira possui base do tipo plana em pedestal e forma aberta com contorno de parede simples. Apresenta borda com inclinação externa e sem reforço, com espessura entre 8 e 10 mm e diâmetro de 24 cm. O lábio da borda é plano e entalhado em intervalos constantes, o que proporciona à peça um tipo de decoração peculiar. A espessura do lábio é de 8 mm. Não possui apêndices. A queima é incompleta, e a pasta apresenta baixa densidade de cariapé. A capacidade volumétrica é pequena, comportando até um litro. Este recipiente cumpre, ao mesmo tempo, uma função utilitária e decorativa, visando responder a uma demanda comercial.

#### Assadores

Quanto aos dois assadores, são abertos, com contorno simples e base plana. As bordas são verticalizadas, sem reforço e com espessura entre 12 e 15 mm. Um, com dimensões de 43 cm x 27 cm, possui abertura da boca em forma elíptica, enquanto o outro, com dimensões de 35 cm x 23 cm, em forma retangular. O lábio da borda é plano com espessura de 15 mm. Apresentam como apêndices asas retilíneas. A queima é completa e há baixa densidade de antiplástico. É também na capacidade volumétrica que estes dois assadores se diferenciam, o que apresenta dimensões maiores comporta até

quatro litros e meio, enquanto o outro até dois litros e meio. O objeto maior recebeu elementos decorativos que simbolizam um peixe. Observa-se ainda que, ornamentando este zoomorfo, há incisões e entalhes. Servem, obviamente, para assar alimentos.

#### *Prato*

Quanto ao prato, é do tipo aberto de contorno simples com base plana. Apresenta borda inclinada externamente e sem reforço, com a espessura entre 8 e 10 mm. A forma da abertura da boca é elíptica, medindo 17,5 x 23 cm. Quanto ao lábio da borda, é arredondado, com espessura de 10 mm. Não apresenta apêndices. Na face interna e central do recipiente observa-se um motivo floral, confeccionado por incisões finas. A queima é incompleta e a pasta apresenta baixa densidade de cariapé. Quanto à capacidade volumétrica, comporta aproximadamente um litro. Este tipo de recipiente destina-se ao serviço de mesa, além de cumprir um papel decorativo.

#### *Caneca*

A caneca é também um recipiente aberto de contorno simples e base plana. Apresenta bordas com inclinação interna, sem reforço, com espessura que varia entre 8 e 10 mm e diâmetro de 9 cm. Quanto ao lábio da borda, é do tipo arredondado, com espessura de 12 mm. Apresenta alça curva para cima. Sua queima é completa e possui muito baixa quantidade de antiplástico na pasta. A capacidade volumétrica é pequena (0,25 litros). Destina-se, também, ao serviço de mesa.

#### *Tigela*

A tigela possui também forma aberta, de contorno simples e base plana. Apresenta borda com inclinação externa e sem reforço, com espessura que varia entre 8 e 10 mm e diâmetro circular medindo 14 cm. O lábio da borda é arredondado, com espessura entre 8 e 10 mm. Não apresenta apêndices. A decoração é semelhante àquela observada na fruteira. Apresenta queima completa e muito baixa quantidade de cariapé na pasta. Sua capacidade volumétrica é também pequena (aproximadamente 0,4 litro). Consiste em uma peça de serviço de mesa, armazenando pequena porção de alimento.

### **O estudo da cerâmica de Varginha**

Buscou-se identificar e compreender a tecnologia utilizada na confecção da cerâmica por meio da análise da *cadeia operatória*, que consiste no instrumento de observação e de análise dos processos envolvidos nas atividades artesanais tradicionais.

O conceito de *cadeia operatória* aqui adotado, foi desenvolvido por Leroi-Gourhan (1964/1965) e deriva da abordagem de Marcel Mauss acerca da tecnicidade tradicional (Dobres 1999).

Mauss (1993 *apud* Dobres 1999) buscou compreender o encadeamento pelo qual os recursos naturais são seqüencialmente transformados em objetos culturais através de gestos físicos em ambientes socialmente constituídos. Desta forma, percebeu que os atos técnicos eram uma parte integrante do modo como as tradições culturais eram mantidas e passadas. Ao mesmo tempo, Mauss estava interessado no conhecimento coletivo “oculto” sob os atos técnicos e, como o conhecimento técnico e o “saber-fazer” são reafirmados através da repetição dos gestos técnicos. Para Mauss, o conhecimento técnico (não só das propriedades físicas das matérias-primas e do conhecimento prático que habilita ao uso e à produção de artefatos, mas também, do “saber-fazer” técnico), é passado de geração a geração, firmado como valor e significado, e reafirmado através de sistemas de parentesco e aprendizagem. Desta forma, para Mauss, a tecnologia é dinâmica e social em seu âmago (Dobres 1999).

Leroi-Gourhan (1985), em *O Gesto e a Palavra*, enriquece a conceituação da atividade técnica numa perspectiva em que a técnica é ao “mesmo tempo, gesto e instrumento, organizada em cadeia por uma verdadeira sintaxe, que dá às séries operatórias ao mesmo tempo sua fixidez e sua flexibilidade” (Leroi-Gourhan 1964: 164, *apud* Desrosiers 1991: 21).

A tecnicidade foi amplamente discutida em Fogaça (2001): “sendo, talvez em última instância, uma expressão adaptativa, a tecnicidade é uma resposta adaptativa cultural [...]”:

“If the tool is a material extension of the person, so also is the acquisition of technique part and parcel of the acquisition of personhood in the process of socialization. **Learning technique is like learning your country or**

**your kinship system: it both enables you to navigate effectively in a world of human and non-human others and makes you the person you are. Thus techniques are not merely ways of doing things, indifferent of the personhood of their operators; rather they are active ingredients of personal and social identity.** In human society, in contrast [com primatas não-humanos], learning to do things in a certain way is also a matter of learning to do them differently from other people. Technical proficiency, then, is an aspect of social placement or belonging. [...] the local and regional diversity of technique is vastly greater than can be accounted for by variation in the circumstances of environmental adaptation. [...] people may adopt a particular technique not in ignorance of the variant practices of their neighbors, nor in absence of alternative models for imitation, but in full knowledge of locally available substitutes”<sup>12</sup> (Ingold 1993: 285 *apud* Fogaça 2001: 131, grifo nosso).

A adequação da idéia de cadeia operatória como ferramenta para a descrição e interpretação das atividades técnicas, em contextos etnográficos, segundo Fogaça (2001), depende substancialmente da definição de seus elementos essenciais, de unidades

(12) Se a ferramenta é uma extensão material da pessoa, assim também é a aquisição de parte da técnica e de parcela da aquisição da personalidade no processo de socialização. **Aprender a técnica é como conhecer seu país ou seu sistema de parentesco: ambos permitem navegar efetivamente em um mundo humano e não-humano, e faz a pessoa que você é. Assim, técnicas não são somente modos de fazer coisas, indiferente da personalidade dos seus operadores, que de fato são ingredientes ativos de identidade pessoal e social.** Na sociedade humana, em contraste [com primatas não-humanos], aprender a fazer coisas de um certo modo, também é uma forma de aprender a fazê-las diferentemente de outras pessoas. Proficiência técnica, então, é um aspecto da inserção social ou aceitação [...] a diversidade local e regional de técnica é imensamente maior do que pode ser considerado através de variação nas circunstâncias de adaptação ambiental. [...] as pessoas podem adotar uma técnica particular em ignorância das práticas variantes de seus vizinhos, não por ausência de modelos alternativos para imitação, mas por completo conhecimento de substitutos localmente disponíveis. (Ingold 1993: 285 *apud* Fogaça 2001: 131, grifo nosso).

mínimas a partir das quais serão estabelecidos os critérios de limitação das diversas etapas constituintes, em graus variáveis de generalização. Enquanto problema metodológico, é necessária a normatização da documentação, que depende das definições dos seus elementos essenciais, visando trabalhos comparativos (Balfet 1991a; Martinelli 1991):

“Cette notion, toute empirique qu’elle paraisse dans son contenu manifeste, comme moule descriptif, implique la détermination d’une unité abstraite, c’est-à-dire un découpage analytique dans un continuum observé d’opérations et de séquences instrumentales et gestuelles, le niveau de pertinence adopté résultant du type d’activité décrit, des moyens d’observation disponibles et de la problématique de recherche. Le problème peut se poser dans les termes suivants : l’étude d’une chaîne opératoire consiste à distinguer comment des hommes organisent des opérations techniques, c’est-à-dire les combinent dans un (des) ordre(s) déterminé(s), selon la nature des causalités mises en oeuvre par le jeu des contraintes et des options”<sup>13</sup> (Martinelli 1991: 66).

Os dados de observação devem então constituir a base da construção da **cadeia operatória teórica**: “[...] *après avoir mis en évidence l’entremêlement des séquences et les variations dans leurs combinaisons, au-delà de l’ordre temporel des différentes séquences, faire apparaître leur ordre logique [...]*” (Cousin 1991: 55); que permite distinguir “*les opérations qui se suivent nécessairement et celles qui peuvent être diférées, voire supprimées, à quel moment et selon quelles*

(13) “Esta noção, por mais empírica que possa parecer em seu conteúdo manifesto, como molde descritivo, implica na determinação de uma unidade abstrata, ou seja, um recorte analítico em um *continuum* observado de seqüências e operações instrumentais e gestuais, sendo o nível de pertinência adotado resultado do tipo de atividade descrita, dos meios de observação disponíveis e da problemática da pesquisa. O problema pode ser colocado nos seguintes termos: o estudo de uma cadeia operatória consiste em distinguir como os homens organizam operações técnicas, quer dizer, como as combinam em determinada(s) ordem(ns) segundo a natureza das causalidades criadas pelo jogo entre as imposições e as opções” (Martinelli 1991: 66).

*modalités peuvent intervenir des changements techniques*”<sup>14</sup> (Cousin 1991: 54).

A construção dessa cadeia operatória teórica depende, fundamentalmente, do estabelecimento de patamares analíticos mínimos, variáveis conforme a natureza de cada pesquisa:

“Au niveau le plus réduit, le geste technique, ou geste élémentaire, est défini par M. Maget comme «atome d’action technique». Le niveau le plus significatif à notre sens est celui auquel pourrait être réservé le terme *d’opération*; normalement identifiée par l’acteur, c’est l’unité de base de l’action technique, la plus petite unité d’action sur la matière, obtenue parfois par un seul geste, souvent par un geste répété, ou par un enchaînement de plusieurs gestes. Des opérations peuvent se regrouper en *séquences*. Niveau intermédiaire souvent utile comme sous-ensemble de la *phase*. Celles-ci, assurant le premier découpage de la chaîne opératoire, sont généralement identifiées sans ambiguïté parce que ce sont les grandes étapes «logiques» de l’action technique”<sup>15</sup> (Balfet 1991a: 17).

As etapas envolvidas na atividade da confecção da cerâmica são definidas pelos gestos e instrumentos utilizados que definem os atos técnicos próprios de cada etapa.

As características tecno-morfológicas dos objetos não refletem os processos envolvidos na

sua produção,<sup>16</sup> é necessário extrapolar os limites impostos pelos dados de ordens intrínsecas.

“A percepção de um objeto técnico não revela, pela sua forma, no seu estado acabado, nem o controle motor necessário à sua confecção (o *know-how* técnico) nem, tampouco, os princípios cognitivos na base dos conceitos que o determinam (o *knowledge* tecnológico). A aprendizagem necessária implica concomitantemente no desenvolvimento de um gestual preciso e controlado e na progressiva compreensão das regras inerentes” (Fogaça 2001: 132).

Algumas variantes que podem ocorrer em certos momentos de uma cadeia operatória resultam de procedimentos diferentes respondendo a acidentes, imprevistos e às marcas estilísticas individuais ou mesmo imposições comerciais. Para a confecção da cerâmica, por exemplo, as ceramistas podem adotar certos critérios avaliativos nos processos de coleta de argila, da confecção da peça e na queima. Essas escolhas, conscientes ou não, estão imbuídas de hábitos culturais que se transmitem através do tempo. Desconhecem as justificativas e conseqüências químicas e físicas de suas opções, mas sabem que seguindo estes critérios poderão obter um bom resultado.

A cadeia operatória da produção de cerâmica em Varginha, de um modo geral, foi dividida em fases, constituídas por seqüências (sub-fases), caracterizadas por uma repetição de um ou mais gestos. A cada mudança nos gestos envolvidos, decorrente de uma opção resultante de um conhecimento específico, a seqüência é finalizada, partindo-se então, para uma nova seqüência. Os limites dessa cadeia estão na busca da matéria prima e no produto final (podendo-se considerar também as etapas de circulação e de funcionamento dos produtos) (Fig. 3).

Considerando o conceito de Leroy-Gourhan (1985) discutido por Balfet (1991 a,b) sobre cadeia operatória, em que os gestos não são aleatórios, mas caracterizados por uma seqüência lógica de gestos (os quais estabelecem um contato transformativo com a matéria e estão imbuídos de significados específicos), reconhece-se que a produção de vasilhames cerâmicos da comunidade de Varginha pode ser compreendida

(14) “[...] as operações que se seguem necessariamente e aquelas que podem variar, ou mesmo ser suprimidas, em que momento e segundo que modalidades podem intervir mudanças técnicas” (Cousin 1991: 54).

(15) “Em um nível mais restrito, o gesto técnico, ou gesto elementar, é definido por M. Maget como ‘átomo da ação técnica’. O nível mais significativo para nós é aquele ao qual pode ser reservado o termo *operação*; normalmente identificada pelo autor, esta unidade de base de ação técnica, a menor unidade de ação sobre a matéria obtida às vezes por um só gesto, freqüentemente por um gesto repetido ou por uma cadeia de vários gestos. As operações podem se agrupar em *seqüências*, nível intermediário freqüentemente utilizado como sub grupo de *fase*. Estas asseguram o primeiro corte da cadeia operatória, são geralmente identificadas sem ambigüidade, pois são as grandes etapas *lógicas* da ação técnica” (Balfet 1991a: 17).

(16) Em cada seqüência, os gestos associados a ela deixam marcas impressas, no entanto, geralmente, os gestos associados à seqüência seguinte normalmente apagam as marcas deixadas pelos gestos anteriores.



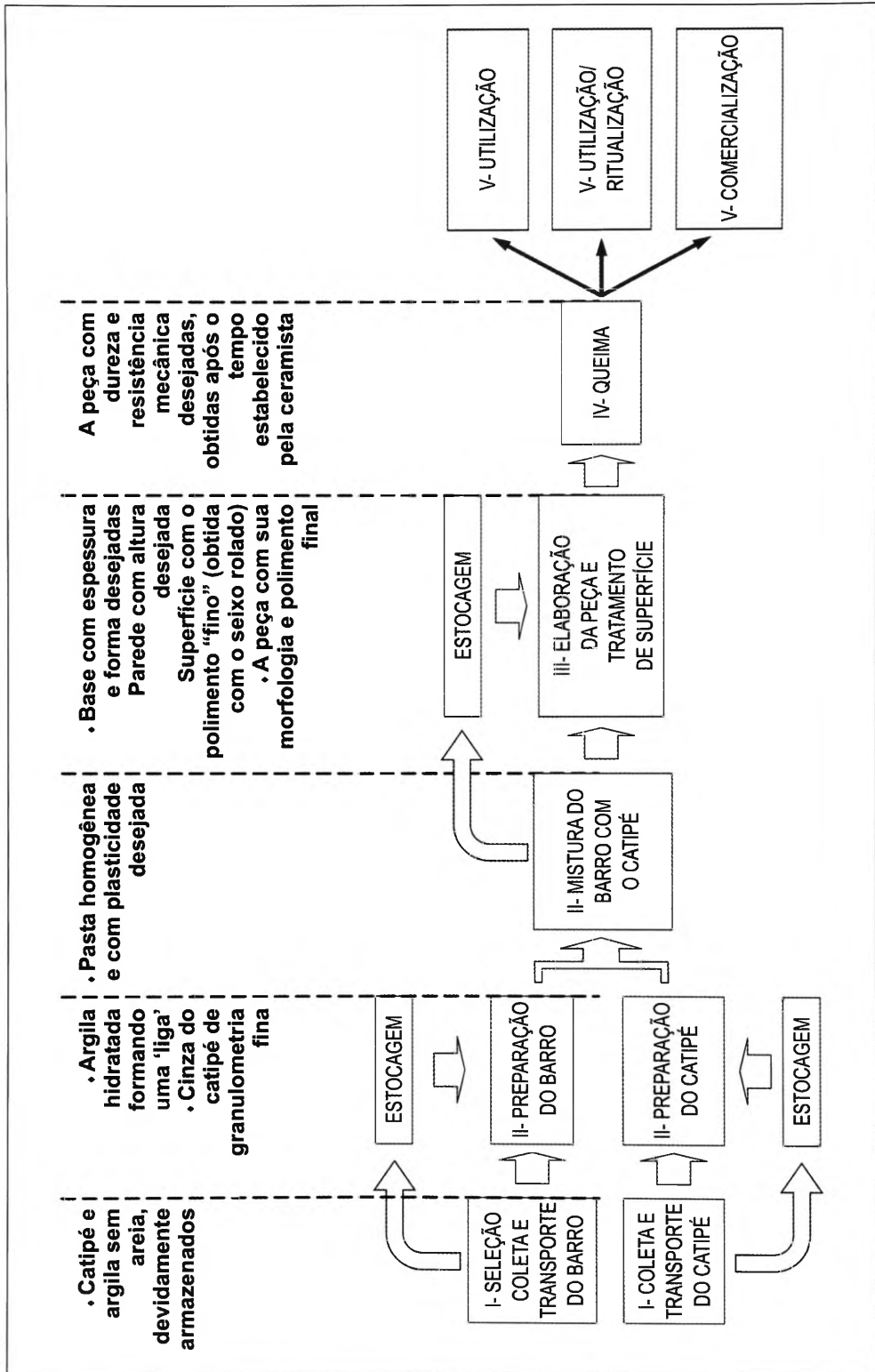


Fig. 3 – Estados de transformação da matéria avaliados pelos critérios do saber-fazer.

como uma manifestação cultural particular. Apesar do expressivo valor atribuído pela comunidade a essa tradição, a produção tende a desaparecer com a perda do saber-fazer e de sua transmissão a cada geração.

### Um estudo de caso: apresentação da cadeia operatória da produção de uma *panela*

O recipiente do tipo *panela* foi selecionado para a observação e identificação da cadeia operatória por constituir, segundo entrevistas, uma peça tradicionalmente confeccionada na comunidade, não resultando de modificações recentes por necessidades comerciais. Quando indagadas acerca das peças confeccionadas por suas mães ou avós, as ceramistas remetem sempre às *panelas*<sup>17</sup> e aos *potes*.

#### *Suportes e instrumentos de trabalho*

Há ferramentas que são utilizadas como parte da estrutura de apoio, enquanto outras são utilizadas diretamente na execução da peça. As primeiras são, neste trabalho, denominadas de *suportes* e as segundas, *instrumentos*.

Entre os suportes encontram-se sacos plásticos, latão, tacho de cobre, mesa, tábua (instalada sobre a mesa) e plástico flexível (instalado sobre a mesa). Dentre os instrumentos observados, destacam-se as mãos que constituem um instrumento de grande significância, pois não se limitam à função de manusear outros instrumentos, em contato com a pasta são utilizadas também como ferramentas para dar forma ao objeto. Sua anatomia e posicionamento são utilizados/ posicionados de acordo com o objetivo a ser alcançado. A utilização das mãos para a percepção (o tato) é constantemente recorrida, seja para controlar a umidade da pasta em preparo, seja para controlar a espessura da parede do recipiente em construção, entre outras utilizações.

Outros instrumentos observados durante as fases de produção da *panela*: enxada, facão, peneira, pilão/mão de pilão, sabugos de milho, colheres sem cabo, pedaços de plástico rígido, aro de metal (bocal de lanterna) e seixo rolado.<sup>18</sup>

(17) As tampas associadas às *panelas* não foram abordadas pelas ceramistas como sendo uma peça tradicional.

(18) Outros objetos como o pente, a caneta e a bisnaga de

#### *As fases da produção (Fig. 4)*

##### FASE I: Aquisição da matéria-prima

*Primeira seqüência*: deslocamento até a fonte, seleção, coleta e transporte do barro

*Segunda seqüência*: deslocamento até a fonte, coleta e transporte do *catipé*

##### FASE II: Preparação e mistura das matérias-primas

*Primeira seqüência*: preparação do *catipé*

- Primeira operação: queima.

Objetivo: transformação do vegetal em cinza.  
Ferramenta suporte: latão, no interior do qual o material é queimado.

Local: quintal da casa da ceramista, em um tambor, ao lado da cobertura onde se encontram armazenados o barro e o *catipé*. Uma fonte de combustão é acionada sobre as cascas e galhos do *catipé*.

Agente: ceramista.

- Segunda operação: pilagem.

Objetivo: redução da granulometria do *catipé*.  
Instrumentos e suporte: pilão de madeira e mão-de-pilão.

Local: quintal da casa da ceramista.

Agente: as netas (crianças) da Sra. Juraci, sob o olhar da ceramista.

- Terceira operação: peneiramento.

Objetivo: seleção de granulometria fina.

Instrumentos e suporte: peneira com aro de madeira e malha de metal, com uma bacia de plástico para receber o material peneirado.  
Local: quintal da casa da ceramista.

Agente: as netas (crianças) da Sra. Juraci, sob o olhar da ceramista.

##### *Segunda seqüência: preparação do barro*

Primeira operação: *adição de água ao barro seco*.

Objetivo: hidratação do barro.

Instrumentos e suporte: mãos e vasilhame de cobre – tacho.

Local: interior do ambiente doméstico, sendo

remédio constituem também instrumentos, porém associados à confecção de outras peças.

um local específico: varanda da residência da ceramista.

Agente: ceramista.

*Terceira seqüência:* mistura do barro com o catipé

- Primeira operação: adição do *catipé* preparado ao barro previamente hidratado. Após a adição do *catipé* ao barro (no mesmo recipiente em que o barro foi preparado), inicia-se a mistura em movimentos concêntricos da borda para o centro.

Objetivo: obtenção de uma textura plástica homogênea.

Instrumentos e suporte: mãos e vasilhame de cobre – tacho.

Local: interior do ambiente doméstico: varanda da residência da ceramista.

Agente: ceramista.

**FASE III: A confecção do objeto**

Objetivo: obtenção da morfologia típica da panela.

Instrumentos e suporte: cada operação das seqüências que compõem esta fase possui instrumentos específicos, e os suportes são basicamente um plástico flexível e uma tábua, dispostos sobre a mesa.

Local: interior do ambiente doméstico: varanda da residência.

Agente: ceramista.

*Primeira seqüência:* construção da base

Objetivo: confecção da base.

- Primeira operação: separação da massa e modelagem em esfera.

Instrumentos e suporte: mãos e tábua sobre uma mesa.

- Segunda operação: modelagem da base.

Instrumentos e suporte: mãos e forro de plástico flexível sobre uma mesa.

- Terceira operação: raspagem da base.

Instrumentos e suporte: mãos, forro de plástico flexível sobre uma mesa e colher sem cabo.

*Segunda seqüência:* construção da parede

Objetivo: confecção do corpo.

- Primeira operação: obtenção de um rolete.

Instrumentos e suporte: mãos e tábua sobre a mesa.

Uma porção de barro é ajeitada na mão como

um bastonete (forma cilíndrica). Sobre a tábua na mesa, em movimentos de vai-e-vem com as duas mãos abertas, o bastonete foi sendo alongado em um comprimento aproximadamente do tamanho do perímetro da base e cerca de 3 cm de diâmetro (Foto 3).



*Foto 3 – Obtenção do rolete para construção da parede da peça.*

- Segunda operação: fixação do rolete na borda e raspagem para aderência.

Instrumentos: mãos, colher sem cabo e sabugo. O bastonete é levantado pelas extremidades e colocado sobre a borda da peça. Observa-se que ele é colocado sutilmente do lado de dentro da peça em fase de elaboração (Foto 4). Os roletes são aderidos, primeiramente, do lado de dentro, pressionando os polegares e, em outro momento, pressionando o indicador de cima para baixo. A maior pressão é exercida pelos polegares, sempre rotacionando a peça através de movimento giratório horizontal do plástico disposto sob a base. A colher sem cabo é utilizada para aderência do rolete à parte interna.

Posteriormente, faz-se aderir do lado de fora (Foto 5), por meio da fricção com um sabugo (Foto 6). O sabugo, na mão direita e em posição oblíqua, é deslizado de cima para baixo e, posteriormente, na horizontal.

A mão esquerda dispõe-se apoiando no lado de dentro. A peça é constantemente rotacionada girando-se o plástico que contém a peça. Repetem-se a primeira e a segunda operações por mais três vezes alternando a colocação dos roletes, ora por dentro, ora por fora.



Foto 4 – Detalhe das mãos da ceramista no momento da aderência do rolete, colocado sutilmente do lado de dentro da peça, à parede, usando essencialmente os polegares.



Foto 5 – Aderência do rolete colocado sutilmente do lado de fora da peça.



Foto 6 – Detalhe das mãos da ceramista manuseando sabugo de milho para raspagem da peça, permitindo aderência do rolete.

Atingindo assim, aproximadamente, 10 cm de altura.

#### *Terceira seqüência: modelagem final*

- Primeira operação: raspagem e alisamento da parede externa, e raspagem da parede interna. Instrumentos: colher sem cabo e sabugo de milho. A melhor adesão da parte interna é feita raspando com a colher (utilizando sua borda convexa). Além da raspagem para a adesão dos roletes e para a uniformização da espessura, raspou-se também o fundo (interior). A parte externa é trabalhada por meio do sabugo, regularizando a espessura. Os movimentos vão se tornando mais suaves, caracterizando não mais uma raspagem, mas um alisamento da peça. A mão esquerda apóia o outro lado que está sendo raspado/alisado, seja o interior com a colher, seja o exterior com o sabugo.
- Segunda operação: modelagem das asas. Instrumentos: mãos.
- Terceira operação: secagem e retirada do suporte plástico da base. Instrumento: mãos.

#### *Quarta seqüência: tratamento de superfície*

- Objetivo: polimento da superfície.  
Local: ambiente doméstico: a varanda da residência da ceramista.  
Agente: ceramista.
- Primeira operação: lixamento da peça. Instrumentos e suporte: mãos e lixadores (pedaço de plástico rígido e aro de metal).
  - Segunda operação: polimento da peça. Instrumentos e suporte: mãos e seixo (pedaço de plástico rígido e aro de metal).

#### **FASE IV: Queima da Peça**

##### *Primeira seqüência: cozimento das peças*

- Primeira operação: queima. Objetivo: aumentar a dureza e rigidez do objeto (talvez alterar a permeabilidade da peça). Ferramenta suporte: forno de alvenaria. Local: quintal da casa da ceramista, sob uma cobertura. Agente: ceramista.

A panela, agora com sua forma final, é colocada, juntamente com outras confeccionadas

Fases	Seqüências	Operações	Suporte	Instrumentos	Objetivos	Local	Agente
I-Aquisição da matéria-prima	Seleção, coleta e transporte/ secagem do barro		Caixa de amianto; Saco plástico	Enxada	Obtenção de barro	Área de entorno	Ceramista
	Coleta/transporte do catipé		Saco plástico	Fação	Coleta de cascas grossas		
	II-Preparação e mistura das matérias-primas	Preparação do catipé	Queima	Latão	Pilão / Mão de pilão	Obtenção de cinza de catipé (granulometria fina)	Quintal
		Pilagem		Peneira			
Preparação do barro		Peneiramento	Bacia	Mãos	Hidratação do barro	Varanda	
III Confeção do objeto	Mistura do barro com o catipé	Adição de água ao barro	Tacho	Mãos	Obtenção de textura homogênea		
	Construção da base	Modelagem em esfera achatada	Tábua / mesa	Mãos	Confeção da base		
	Modelagem da parede	Modelagem da base	Modelagem da base	Plástico / mesa	Mãos; Colher/s/ cabo	Confeção do corpo	Ambiente doméstico sob cobertura
		Raspagem interna	Tábua / mesa	Mãos			
		Obtenção dos roletes	Plástico / mesa	Sabugo de milho Colher sem cabo			
IV	Modelagem final	Fixação dos roletes na borda		Sabugo de milho	Forma final		
	Tratamento de superfície	Alisamento/raspagem/ Modelagem das asas			Aumentar a dureza e a rigidez da peça		
		Polimento	Secagem. Retirada do suporte plástico		Plástico rígido/Aro de metal/ Seixo rolado	Polimento	
Queima	"Cozimento" das peças	Lixamento (desbastar/					
		Polimento					
		Colocação das peças em forno fechado	Forno/ Madeira p/ combustão		Aumentar a dureza e a rigidez do objeto	Quintal	Ceramista

Fig. 4 – Tabela de fases da cadeia operatória da confecção de uma panela de varginha (fonte: Modificado de BALFET 1991.b).

anteriormente, no forno de alvenaria. As peças são colocadas sobre uma superfície suspensa de modo que é possível colocar madeira em torno e sob as peças, que são queimadas por aproximadamente 8 horas, com constante alimentação do forno. Todas as peças são retiradas do forno somente no dia seguinte à sua queima, pois o resfriamento deve ser lento.

\*\*\*

Em todas as fases da produção foram observados saberes e conhecimentos específicos relacionados às diferentes escolhas ou critérios adotados. Os métodos culturalmente determinados e os esquemas conceituais indicam as mudanças de operação que ocorrem quando alcançados determinados objetivos.

A seleção do barro é realizada utilizando-se essencialmente o tato. Usam-se as mãos e os dentes para a identificação da argila de boa qualidade, ou, como denominado por elas, do “barro bom”. O “sentir com as mãos” e “sentir com os dentes” constituem categorias usadas para identificar a presença de areia, pois é consenso entre as ceramistas da região que a presença deste sedimento é maléfico e provoca rachadura na peça.

A escolha do *catipé* é feita visualmente. Privilegiam-se as cascas grossas que são retiradas com facão dos troncos das árvores, ou dos galhos soltos nos lerões.<sup>19</sup>

A coleta da matéria-prima é considerada concluída quando a argila e o *catipé* selecionados encontram-se devidamente armazenados.

O preparo do *catipé* é concluído quando as cinzas e carvões, percebidos pelas mãos, encontram-se na granulometria desejada.

Para o preparo do barro e mistura da matéria-prima utiliza-se novamente o tato. O barro é considerado hidratado quando se obtém uma ‘liga’ possível de ser movimentada com determinada leveza. A mistura é considerada finalizada quando, após adicionar ambas as partes, a pasta adquiriu homogeneidade (percebida pela visão e tato).

A base é finalizada quando atinge espessura,

forma e tamanho desejados. A parede, construída a partir de roletes, é finalizada quando os mesmos estão aderidos (por meio de raspagem e fricção da pasta) uns aos outros, e quando a peça atinge altura e espessura desejadas.

Ao ser concluída a confecção da peça – com sua morfologia final – permanece em repouso por aproximadamente três dias. As ceramistas perceberam empiricamente que esse é o tempo necessário para o repouso da peça antes do tratamento de superfície, pois antes disso ela não possui dureza suficiente para ser lixada ou polida.

Por fim, a peça, já com polimento, é queimada em tempo determinado pelas ceramistas (aproximadamente oito horas). É realizada a queima de várias peças ao mesmo tempo, por uma questão de otimização da energia gasta.

## Conclusão

A partir do estudo da cerâmica produzida atualmente na comunidade de Varginha, podem-se observar suas propriedades intrínsecas e extrínsecas.

Foi possível explorar a morfologia das peças associadas aos espaços funcionais, representados pelo universo da casa, da festa religiosa e do comércio, bem como às modalidades de funcionamento dos vasilhames, como assar, cozinhar, decorar, atender serviço de mesa, relacionado às suas funções sociais, a saber, utilitária, utilitário-ritual e comercial.

Identificaram-se ainda as características tecno-morfológicas associadas à cerâmica e os locais de produção. Ampliou-se a compreensão acerca das técnicas gestuais desenvolvidas no processo de produção dos recipientes e dos critérios técnicos necessários para finalização de cada fase, observando que as fases da produção são envolvidas por saberes e conhecimentos específicos relacionados às diferentes escolhas ou critérios adotados, e ainda que os métodos culturalmente determinados e os esquemas conceituais indicam as mudanças de operação que ocorrem quando alcançados determinados objetivos.

(19) *Lerões* consistem em fileiras, alinhadas paralelamente, de material cortado resultante do roçado.

VIANA, S.A. The pottery production of Varginha (MT): a traditional practice. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 175-195, 2003.

**ABSTRACT:** In this article features are presented which concern pottery production in Varginha Community, searching to understanding the know-how in this usual practice transferred from generation to generation. By constructing the technical production as an cultural manifestation, we sought to characterize not only the pottery's technical-morphological elements associated to functional spaces and working modalities, but also the process and gesture techniques developed in the production of pottery.

**UNITERMS:** UNITERMS: Varginha community – Pottery – Techno-morphology – Operatory chain.

### Referências bibliográficas

- AMADO, L. DE FL.C.  
2001 *São Francisco e os Pretos: continuidade e mudança em uma comunidade rural do rio Manso-MT*. Goiânia: Dissertação de Mestrado, UCG / Departamento de Filosofia e Teologia.
- BALFET, H.  
1991a Des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire? H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 11-19.  
1991b Une Chaîne Opératoire Éclatée: l'aïoli provençal. H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique Des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 63-64.
- BRASIL, MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA/DNPM  
1982 Projeto RADAMBRASIL: Levantamento de Recursos Naturais. Mapa Geomorfológico, escala 1:1.000.000, Rio de Janeiro. Folha SD 21 - Cuiabá.
- CERTEAU, M.A.  
1998 *Invenção do Cotidiano*. São Paulo: Editora Vozes.
- COUSIN, F.  
1991 L'analyse de chaînes opératoires complexes: l'exemple des tissus imprimés. H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 51-59.
- COLETIVO  
2001 Projeto de Levantamento e Resgate Patrimônio Histórico-cultural da região da UHE-Manso. Relatório Final de Atividades, V I, III. L.M. Fraga (Coord.). Goiânia, FURNAS- Centrais Elétricas S.A./ IGPA - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia/ Universidade Católica de Goiás.
- DESROSIERS, S.  
1991 Sur le Concept de Chaîne Opératoire. H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 21-25.
- DOBRES, M.-A.  
1999 Technology's Links and Chains: the processual unfolding of technique and technician. M.-A. Dobres; C.R. Hoffman (Eds.) *The Social Dynamics Of Technology: practice, politics, and world views*. Washington: Smithsonian Institution Press: 124-146.
- FOGAÇA, E.  
2001 Mãos para o Pensamento: a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso – as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil-12.000/10.500 BP). Porto Alegre, Tese de Doutorado, PPGH/PUCRS.
- GALLAY, A.; SAUVAIN DUGERDIL, C.  
1981 *Le Sarnyéré Dogon Archéologie d'un Isolot, Mali, Afrique Occidentale*. Paris: Ed. ADPF.
- GALLAY, A.  
1986 *L'archéologie Demain*. Paris: Pierre Belfond. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. São Paulo: 2000.
- LE GOFF, J.  
1997 Memória. *Enciclopédia Einaudi*, V. 1. Lisboa: Ed. Portuguesa.
- LEROI-GOURHAN, A.  
1985 *O Gesto e a Palavra*. 2. Memória e Ritos. Lisboa: Ed. 70, Ltda. [1ª ed. francesa, 1965].
- MARTINELLI, B.  
1991 Une Chaîne Opératoire Halieutique au Tongo. Reflections sur la Méthode. H. Balfet (Ed.) *Observer L'action Technique des Chaînes*

- Opérateurs, Pour Quoi Faire?* Paris: Centre National de la Recherche scientifique: 65-86.
- MATTA, R. DA  
1991 *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A.  
1993 *Pottery in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SANDRONI, P.  
1996 *Dicionário de Economia e Administração*. 3º fascículo. São Paulo, Nova Cultural: 132.
- SHEPPARD, A.O.  
1985 *Ceramics for the Archaeologist*. Carnegie Inst. of Washington.
- SILVA, B.  
1987 *Dicionário de Ciências Sociais*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- SOUZA, A.M.  
1997 *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro-RJ, ADESA.
- VIANA, S.A.  
2002 Projeto de Resgate do Patrimônio Arqueológico Pré-histórico da Região de UHE-Manso/MT. Relatório Final de Atividades. Goiânia-GO, FURNAS/UCG/IGPA.
- VILHENA-VIALOU, A; VIALOU, D.  
1994 Les Premiers Peuplements Préhistoriques du Mato Grosso. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Paris, 91 (4-5): 257-63.
- WÜST, I.  
1990 Continuidade e Mudança – para uma Interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso. São Paulo: Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

*Recebido para publicação em 3 de junho de 2003.*





# Estudos de Curadoria



## EDXRF STUDY OF TUPI-GUARANI ARCHAEOLOGICAL CERAMICS

*Fernando R. Espinoza Quiñones\**

*Carlos R. Appoloni\*\**

*Adnilson O. dos Santos\*\**

*Luzeli M. da Silva\*\**

*Paulo F. Barbieri\*\**

*Pedro H. Aragão\*\**

*Virgílio F. do Nascimento Filho\*\*\**

*Melayne M. Coimbra\*\**

ESPINOZA QUIÑONES, F.R.; APPOLONI, C.R.; DOS SANTOS, A.O.; DA SILVA, L.M.;  
BARBIERI, P.F.; ARAGÃO, P.H.; DO NASCIMENTO FILHO, V.F.; COIMBRA, M.M. EDXRF  
study of Tupi-Guarani archaeological ceramics. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*,  
São Paulo, 13: 199-210, 2003.

**RESUMO:** Um conjunto de fragmentos cerâmicos indígenas brasileiros pertencentes à Tradição Tupi-Guarani foi estudado por uma técnica arqueométrica não destrutiva. Os fragmentos cerâmicos foram descobertos acidentalmente na fazenda Santa Dalmácia, situada próximo da cidade de Cambé, no norte do estado do Paraná. Cada um desses fragmentos veio de diferentes recipientes cerâmicos e suas características físicas são muito similares. As medidas EDXRF foram realizadas empregando tanto um tubo de raios X como três fontes de radioisótopos ( $^{55}\text{Fe}$ ,  $^{109}\text{Cd}$  e  $^{238}\text{Pu}$ ). Os dados de composição da pasta cerâmica e dos pigmentos são investigados. Para detecção dos elementos contidos na pasta cerâmica, os fragmentos foram irradiados no centro da secção lateral, enquanto algumas áreas com decoração plástica remanescente também foram escolhidas e irradiadas nos lados convexo e côncavo de cada fragmento. Foram obtidas as composições dos pigmentos remanescentes em cada área analisada, subtraindo-se do espectro XRF da área considerada o espectro XRF da pasta cerâmica. Um programa baseado no método de representação poligonal gráfica foi desenvolvido e usado para correlacionar a intensidade representativa de cada fragmento.

**UNITERMOS:** Fragmentos cerâmicos – Tupi-Guarani – Composição de pigmentos arqueológicos – Composição de pasta – Fluorescência de raios X.

(\*) Department of Chemical Engineer, State University of West Paraná, PR, Brazil.

(\*\*) Physics Department, State University of Londrina (UEL), Londrina, PR, Brazil.

(\*\*\*) Physics and Meteorology Department, ESALQ and Center of Nuclear Energy in the Agriculture (CENA), University of São Paulo, Piracicaba, SP, Brazil.

### 1. Introduction

The Indian Brazilian pottery has been currently investigated only by traditional archaeological techniques. With the aim of extending the study of characteristics of superficial layer of the Indian Brazilian

pottery, we have recently applied non-destructive method which is based on the X-ray fluorescence technique (Appoloni *et al.* 1996). X-ray fluorescence analysis plays an important role for the determination of the inorganic components. The energy-dispersive detection of the characteristic X-rays has been widely applied as a non-destructive surface analysis providing a fast and nearly complete determination of the most important elements present as main components or as traces useful in the characterization of a great variety of archaeological objects.

In order to get information about the pigment composition from the pottery plastic decoration, the compositional data obtained from the different areas of each pottery fragment and generated by XRF analysis were normalized to their background spectrum counts, respectively. Its utility is to provide a qualitative paste-subtracted compositional data associated to trace elements employed as pigment in the pottery plastic decoration.

For the comparison between archaeological samples that have similar characteristics, a good samples comparison method is necessary. In XRF analysis, a large number of characteristic X-ray peaks normally represent a sample, but accuracy is difficult to achieve when results from many samples are to be compared. The Methodology of Graphic Representation of Samples is good in order to compare many multicomponent samples (Figueroa & Caro 1994).

## 2. Investigated objects

The first evidences of human settlement in Paraná State, south of Brazil, are from around 10000 years ago. In this region, about 1500 years ago, horticulturalists and ceramists populations appeared, represented by the Tupi-Guarani and Itararé groups. The Tupi-Guarani lived in the valley regions of the Paraná, Ivaí, Tibagi and Iguaçu rivers. The Tupi-Guarani sites are related to the Guarani indians ancestors. Tupi-Guarani populations lived in the region of the Santa Dalmacia farm at the end of the XVI century or at the beginning of the XVII century and they had contact with the colonizers, probably Spanish, due to the observed changes in the pottery production characteristics. The Santa Dalmacia farm archaeological site was accidentally discovered in 1990 and belongs to Cambé city municipality, north of Paraná Brazilian State.

The investigated objects were eleven indian Brazilian pottery fragments from Santa Dalmacia farm archaeological site. Each one of these fragments came from a different ceramic recipient and all of them belong to Tupi-Guarani tradition. Besides the compositional characterization of the plastic decoration and the ceramic paste, this work is also devoted to the comparison of the ceramic pastes composition between typical Tupi-Guarani pottery fragments and the fragments that present characteristics of contact with the European colonizers.

Figures 1 A and B present the two sides of the eleven samples studied. Table 1 presents the characterization of the sherds paste. This classification was done by Maria Sherlowisk, from the Arts Department of the State University of Londrina.

Each one of the Tupi-Guarani fragments shows very similar physical characteristics, except a ceramic recipient fragment (sample 11), so-called "of contact", which presents a style change within the local pottery production, exhibiting clearly a small cylindrical spout of European influence. A remaining pigment characterizes the convex surface of each fragment and several different superficial areas were chosen. The materials employed look very similar in texture and color. EDXRF spectra from several different surface areas of each pottery fragment were obtained.

## 3. Experimental arrangement

At the Radioisotopes Methodology Section, Center of Nuclear Energy in the Agriculture of the São Paulo University, Piracicaba, SP, Brazil, the energy dispersive X-ray fluorescence measurements of the pottery fragments were performed using a conventional XRF spectrometer.

### 3.1 EDXRF measurements

The samples irradiated with radioisotope sources were placed on the top of an acrylic cylinder approximately 10 cm above the coaxial system source-detector. The goal of this work was the compositional characterization at Z-low and -high elements within the pottery plastic decoration. The measurements were carried out at open air using radioactive sources and a X-ray tube. The following annular radioisotope sources were employed:  $^{238}\text{Pu}$  (13 and 17keV; 13%; 95.2mCi;

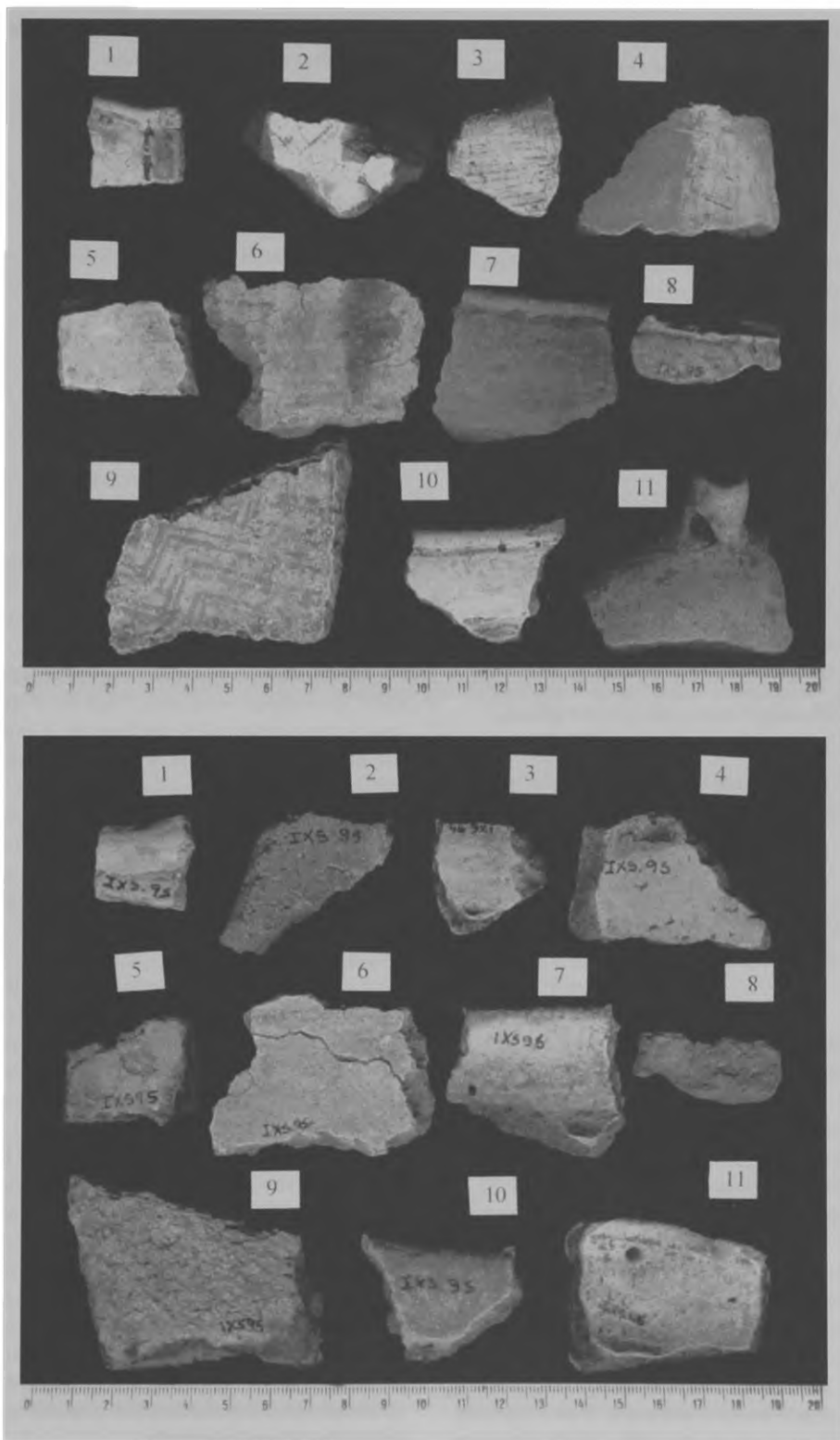


Figure 1 A and 1 B – Picture of the pottery fragments ( front and back view).

**TABLE 1**

**Characterization of the pottery fragments paste**

Sherd Label	Paste Characterization
1	Homogeneous paste with fine grains; almost complete firing; temper nor visible
2	Incomplete firing; caulin grains (> 5mm) and dark grains of non oxided ferrous minerals
3	Homogeneous paste with fine grains; caulin grains (< 5mm); weak firing
4	Homogeneous paste with fine grains; incomplete firing; temper nor visible
5	Round shape clear gray grains (< 2mm) of non oxided ferrous minerals; weak firing
6	Homogeneous paste with fine grains; temper nor visible; weak firing
7	Clear gray grains (< 2mm) of non oxided ferrous materials; weak firing
8	Homogeneous paste with fine grains; caulin grains (< 5mm); weak firing
9	Round shape clear gray grains (< 2mm) of non oxided ferrous minerals; weak firing
10	Homogeneous paste with fine grains; almost complete firing; temper nor visible
11	Clear gray grains (< 2mm) of non oxided ferrous materials; weak firing

86y),  $^{55}\text{Fe}$  (6keV; 28.5%; 16.5mCi; 2.6y) and  $^{109}\text{Cd}$  (22keV; 107%; 0.3mCi; 1.2y). The X-ray tube was a conventional spectroscopic one, with molybdenum target and a zirconium filter, at an excitation energy of 15 kV and 40 mA. X-rays have been detected using a Si(Li) detector of 30 mm<sup>2</sup>, with a Be window, together to a multichannel analyzer. Using  $^{238}\text{Pu}$  and  $^{55}\text{Fe}$  excitation sources, the acquisition time for each measurement was preset at 40 minutes, while with a  $^{109}\text{Cd}$  source it was preset at 2 hours due to have it a lower activity. With an X-ray tube, the time was fixed in 200 seconds. XRF spectra were stored on diskette and analyzed at the Physics Department, State University of Londrina, using a set of AXIL-QXAS programs

elaborated and disseminated by the International Atomic Energy Agency in Vienna.

**4. Results and discussion**

*4.1 Elemental determination by EDXRF*

The characteristic X-rays of elements were excited by means of three radioisotope sources and an X-ray tube. XRF spectra of each area show the similarity in the main elements of these fragments. Sixteen elements were identified by EDXRF within the measured fragments: Al, Si, K, Ca, Ti, Mn, Fe, Co, Ni, Cu, Zn, Ga, Rb, Sr, Y and Zr. Furthermore, the elastic and inelastic scattering of incident radiation in the sample was considered as a part of the total background spectrum. The total background counts between the distinct samples appear rather different due to the sample parameter such as thickness and beam-sample-detector geometry are not constant over the exposed sample volume.

For the determination of high elements,  $^{109}\text{Cd}$  and  $^{238}\text{Pu}$  sources were used. With the  $^{238}\text{Pu}$  source, the overlap of X-ray lines of Z-high as Rb, Sr, Y and Zr elements and the elastic and inelastic scattering of Uranium L-X-rays is unavoidable. However, using the  $^{109}\text{Cd}$  source, the compositional data for each of the parts of each individual fragment presents clearly high concentrations of Zr and Fe elements, while the Ti element is an order of magnitude lower. In addition, small amounts of Cu, Zn, Rb, Sr, and Y were detected in all the spectra indicating that their concentrations within the pottery fragments could be considered at level of traces. Similarly, with the  $^{238}\text{Pu}$  excitation source, all X-ray spectra confirmed the presence of Fe at high concentration and an order of magnitude stronger than Ti element, while relatively small amounts of K, Ca, Mn, Ni, Cu and Zn elements were also detected.

On the other hand, the  $^{55}\text{Fe}$  source was used for the determination of low atomic number elements. With this low-energy excitation source, elements as Al, Si, K and Ca were enhanced within the XRF spectra. The presence of these elements are an order of magnitude weaker than the amount of Ti, indicating that Al, Si, K and Ca elements are also present at low concentrations within the pottery fragments.

#### 4.2 Ceramic paste composition

For the first eight ceramic pastes analyzed only with a  $^{238}\text{Pu}$  source, the compositional data related to the sum of all characteristic X-rays intensities in the sample are presented in Table 2. Similarly, the data for more others three ceramic pastes analyzed with  $^{238}\text{Pu}$ ,  $^{109}\text{Cd}$  and  $^{55}\text{Fe}$  and an X-ray tube are summarized in Tables 3, 4 and 5. The later, labeled as paste 11, corresponds to the sample so-called of contact.

#### 4.3 Pigment composition of the plastic decoration

Indeed the strong elemental contribution within the samples came mainly out the ceramic paste. In order to achieve a more accurate assessment from the pigment composition in all areas analyzed of each fragment, the elemental intensities data were normalized to their total background spectrum counts, respectively, and subtracted statically from their corresponding

TABLE 2

Intensity of each element within the eight ceramic pastes, labeled as paste from 1 to 8, related to the sum of all characteristic X-rays intensities using only a  $^{238}\text{Pu}$  source

	Paste 01 $^{238}\text{Pu}$	Paste 02 $^{238}\text{Pu}$	Paste 03 $^{238}\text{Pu}$	Paste 04 $^{238}\text{Pu}$	Paste 05 $^{238}\text{Pu}$	Paste 06 $^{238}\text{Pu}$	Paste 07 $^{238}\text{Pu}$	Paste 08 $^{238}\text{Pu}$
<b>K</b>	0.19 (9)	0.14 (4)	0.13(7)	0.25(11)	0.61 (8)		0.17 (5)	0.14 (5)
<b>Ca</b>	0.50(10)	0.38 (6)	0.54(9)	0.90(14)	1.14(10)	0.09 (4)	0.29 (6)	0.39 (6)
<b>Ti</b>	10.34(16)	8.71(11)	8.97(16)	8.41(21)	5.17(13)	5.43 (9)	5.58(10)	4.54 (9)
<b>Mn</b>	0.24(14)	0.61 (5)	2.91(11)	0.87(11)	0.50 (7)	0.63 (5)	0.69 (6)	0.78 (6)
<b>Fe</b>	85.89(39)	87.05(30)	84.31(40)	86.44(50)	89.11(39)	91.88(31)	91.14(33)	92.26(31)
<b>Co</b>	0.84(14)	0.93 (9)	0.96(14)	0.85(18)	0.88(14)	0.59(10)	0.90(11)	0.61(10)
<b>Ni</b>		0.21 (4)				0.12 (5)		
<b>Cu</b>	1.25 (9)	0.95 (6)	1.39(9)	1.40(12)	1.50 (9)	0.64 (4)	0.82 (6)	0.68 (5)
<b>Zn</b>	0.54 (8)	0.71 (5)	0.52(7)	0.69(10)	0.83 (7)	0.54 (4)	0.28 (4)	0.48 (4)
<b>Ga</b>	0.22 (7)	0.29 (4)	0.27(7)	0.19 (9)	0.26 (6)	0.07 (3)	0.13 (4)	0.13 (3)

TABLE 3

Intensity of each element within the ceramic paste, labeled as paste 9, related to the sum of all characteristic X-rays intensities for each excitation source

	$^{55}\text{Fe}$	X-ray Tube	$^{238}\text{Pu}$
<b>Al</b>	3.09(15)		
<b>Si</b>	6.90(21)		
<b>K</b>	2.52(13)	0.10 (2)	
<b>Ca</b>	10.51(27)	0.41 (3)	0.27 (4)
<b>Ti</b>	76.98(68)	5.09 (6)	4.34 (9)
<b>Mn</b>		0.30 (2)	0.48 (5)
<b>Fe</b>		92.30(24)	93.00(34)
<b>Co</b>		0.77 (6)	0.98(10)
<b>Ni</b>			
<b>Cu</b>		0.51 (3)	0.56 (5)
<b>Zn</b>		0.38 (3)	0.36 (4)
<b>Ga</b>		0.15 (2)	

TABLE 4

Intensity of each element within the ceramic paste, labeled as paste 10, related to the sum of all characteristic X-rays intensities for each excitation source

	$^{55}\text{Fe}$	X-ray Tube	$^{238}\text{Pu}$	$^{109}\text{Cd}$
<b>Al</b>	2.07 (7)			
<b>Si</b>	4.87(11)			
<b>K</b>	2.62 (9)		0.12 (5)	
<b>Ca</b>	4.47(11)	0.09 (2)	0.26 (5)	
<b>Ti</b>	85.96(42)	7.54 (5)	7.51(11)	5.59(35)
<b>Mn</b>		0.78 (2)	0.63 (5)	
<b>Fe</b>		87.86(90)	89.37(33)	72.60(83)
<b>Co</b>		2.27 (6)	0.84(10)	
<b>Ni</b>		0.15 (2)		
<b>Cu</b>		0.67 (2)	0.66 (4)	
<b>Zn</b>		0.43 (2)	0.47 (4)	
<b>Ga</b>		0.21 (2)	0.14 (3)	
<b>Sr</b>				1.35(26)
<b>Y</b>				1.14(25)
<b>Zr</b>				19.32(52)



**TABLE 5**

**Intensity of each element within the ceramic paste of contact, labeled as paste 11, related to the sum of all characteristic X-rays intensities for each excitation source**

	<sup>55</sup> Fe	X-ray Tube	<sup>238</sup> Pu
Al	2.14 (9)		
Si	5.58 (14)		
K	3.66 (11)	0.10 (2)	0.30 (5)
Ca	4.21 (13)	0.41 (3)	0.30 (5)
Ti	84.42 (50)	5.09 (6)	8.88 (12)
Mn		0.30 (2)	0.44 (5)
Fe		92.30 (24)	87.69 (35)
Co		0.77 (6)	0.79 (10)
Ni			
Cu		0.51 (3)	0.85 (6)
Zn		0.38 (3)	0.55 (5)
Ga		0.15 (2)	0.20 (4)

normalized paste composition, as shown in Tables 6 and 7

The presence of a very high Iron concentration characterizes all samples, but some of them with red coloration in the plastic decoration show an increase in the intensity of the Iron peak compared to the paste. The red coloration could be attributed to Iron Oxide in the form of Hematite which, at the Paraná state, appears as a component of Laterite (Appoloni *et al.* 1996).

In the pottery plastic decoration, the dark coloration is used on the design motifs in the slip. In Figure 2, the spectrum for the dark coloration of the slip shows an increase of the Manganese peak an order of magnitude with respect to the paste. The paste-subtracted compositional data

**TABLE 6**

**The paste-subtracted compositional data normalized to the sum of characteristic X-rays intensities for some areas on the pottery plastic decoration analyzed with a <sup>238</sup>Pu source**

	Paste 01 <sup>238</sup> Pu	Paste 03 <sup>238</sup> Pu	Paste 04 <sup>238</sup> Pu	Paste 05 <sup>238</sup> Pu	Paste 06a <sup>238</sup> Pu	Paste 06b <sup>238</sup> Pu
K			46 (21)	39 (6)		49 (22)
Ca		25.0 (43)			20 (10)	
Ti					16 (1)	
Mn	75.4 (18)		14 (2)			
Fe						
Co	15.4 (27)			4 (1)		
Ni	2.2 (6)	74.3 (39)	14 (3)	34 (7)		11 (5)
Cu	3.0 (3)				12 (1)	20 (2)
Zn	4.1 (7)	0.7 (4)	26 (4)	5 (1)	33 (3)	3 (1)
Ga				18 (5)	19 (8)	18 (8)

**TABLE 7**

**The ceramic paste compositional data normalized to the sum of characteristic X-rays intensities for the samples 9, 10 and 11**

	Paste 09 <sup>55</sup> Pu	Paste 10 <sup>55</sup> Pu	Paste 11 <sup>55</sup> Pu	Paste 09 <sup>238</sup> Pu	Paste 10 <sup>238</sup> Pu	Paste 11 <sup>238</sup> Pu	Paste 11a <sup>238</sup> Pu
Al	20 (6)	2 (1)					
Si		26 (2)					
K		72 (2)			6 (1)		
Ca			100 (21)	13 (5)			
Ti	80 (7)			71 (11)	4 (1)	2 (1)	
Mn						5 (1)	41 (12)
Fe					77 (2)	90 (2)	
Co						2 (1)	
Ni							
Cu				12 (5)	6 (1)		25 (12)
Zn					5 (1)		34 (11)
Ga					2 (1)		

for the dark pigment is shown in Table 6, labeled as sample 01.

The dark brown pigment is observed on the sample so-called of contact at the spout external side. This pigment produces a significant increase in the Manganese content compared to the paste, as shown in Figure 3. The paste-subtracted compositional data for the dark brown pigment is shown in Table 7 and labeled as sample 11a. Manganese is only present in the dark pigment in a substantial amount. The ceramic paste and others remaining pigments only show very low amounts of Manganese.

The white coloration in the pottery plastic decoration is mainly due to the presence of Potassium, which exhibits clearly an increase in its intensity in comparison with the paste, as shown in Figure 4. The paste-subtracted compositional data for the white pigment is shown in Table 7 where the sample is labeled as 10 and analyzed using a  $^{55}\text{Fe}$  source.

#### 4.4 Method of graphic representation

The results of compositional data of each fragment were compared using the method of

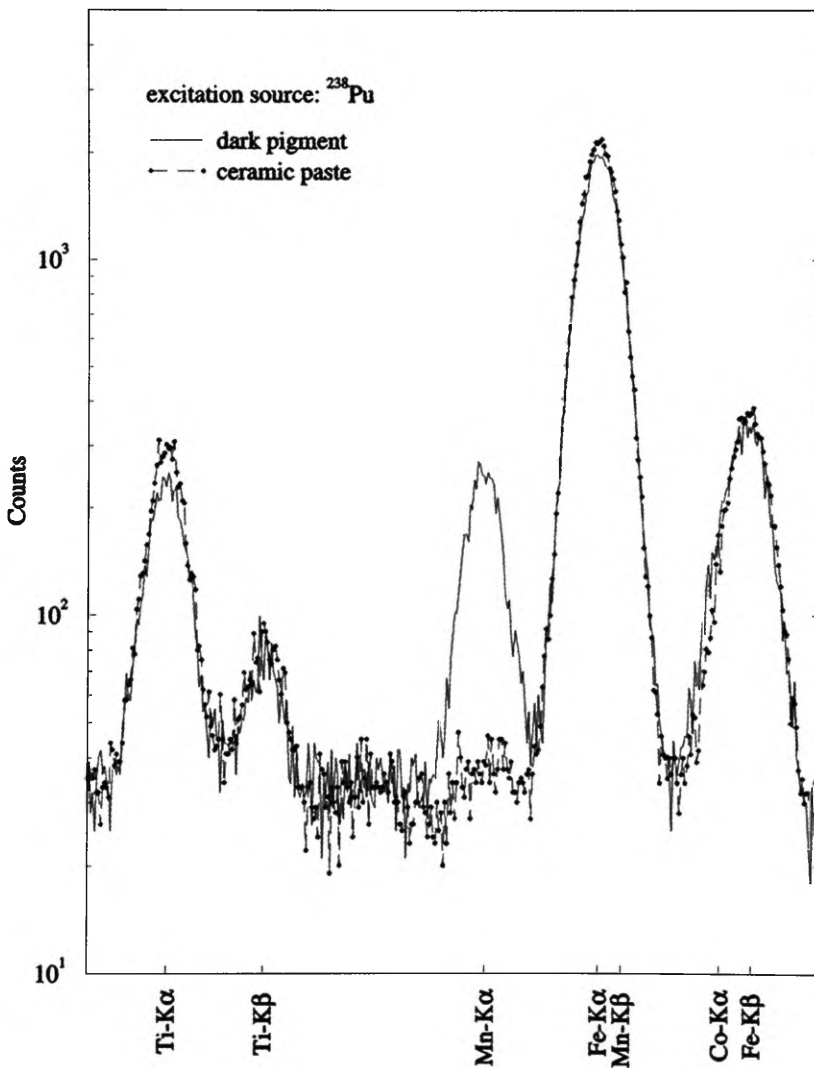


Figure 2 – XRF spectra for the dark pigment and the ceramicpaste.

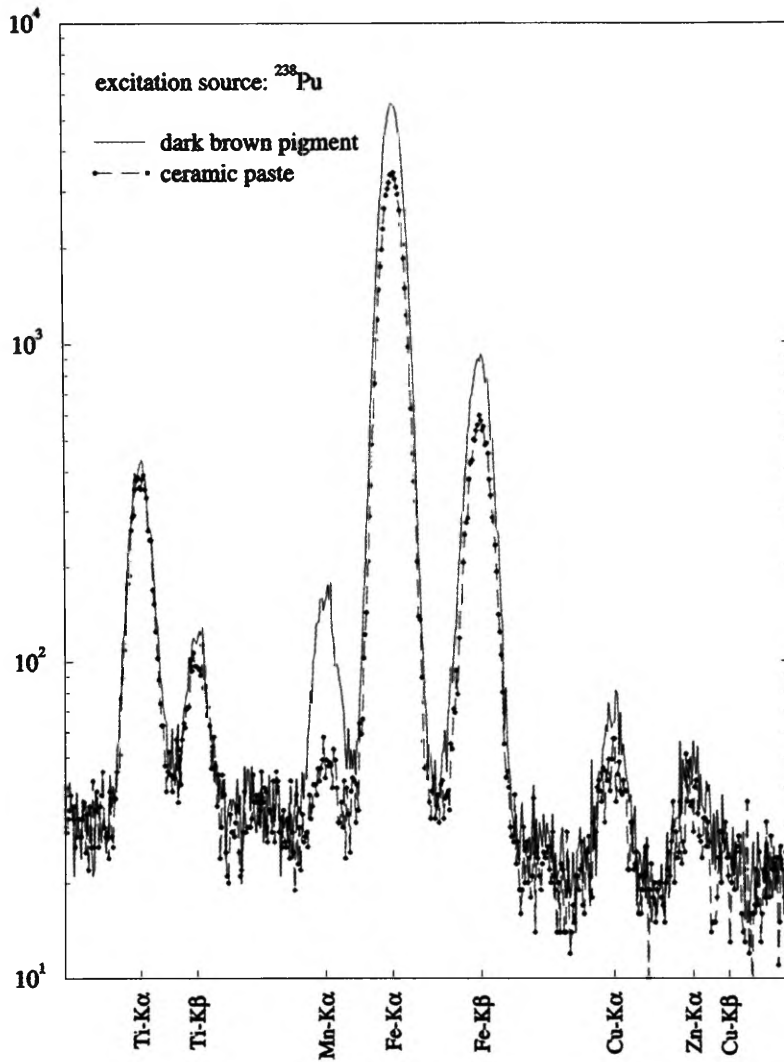


Figure 3 – XRF spectra for the dark brown pigment and the ceramic paste.

graphic representation. This method reduces a multicomponent sample as a single vector, whose magnitude is drawn in two dimensions inside a regular polygon of axes equal to one in order to improve visualization. The vector sample is defined in terms of non-perpendicular vector component which can be the X-ray intensity of each element related to the sum of all representative X-rays intensities in the sample (Figuerola & Caro 1994). Each axes of non-perpendicular components are drawn every  $2\pi/n$  angle of separation, where  $n$  is the number

of representative elements. A regular polygon of a higher order is more representative of the sample. The X-ray intensities calculated with AXIL were used as input to construct polygons of representation with software developed at the Physics Department, State University of Londrina.

Using a  $^{238}\text{Pu}$  source, the Iron and Titanium concentrations within the sample are by far the major. When these major elements are left out, the representative points of eleven ceramic pastes inside of the regular octagon fall around the

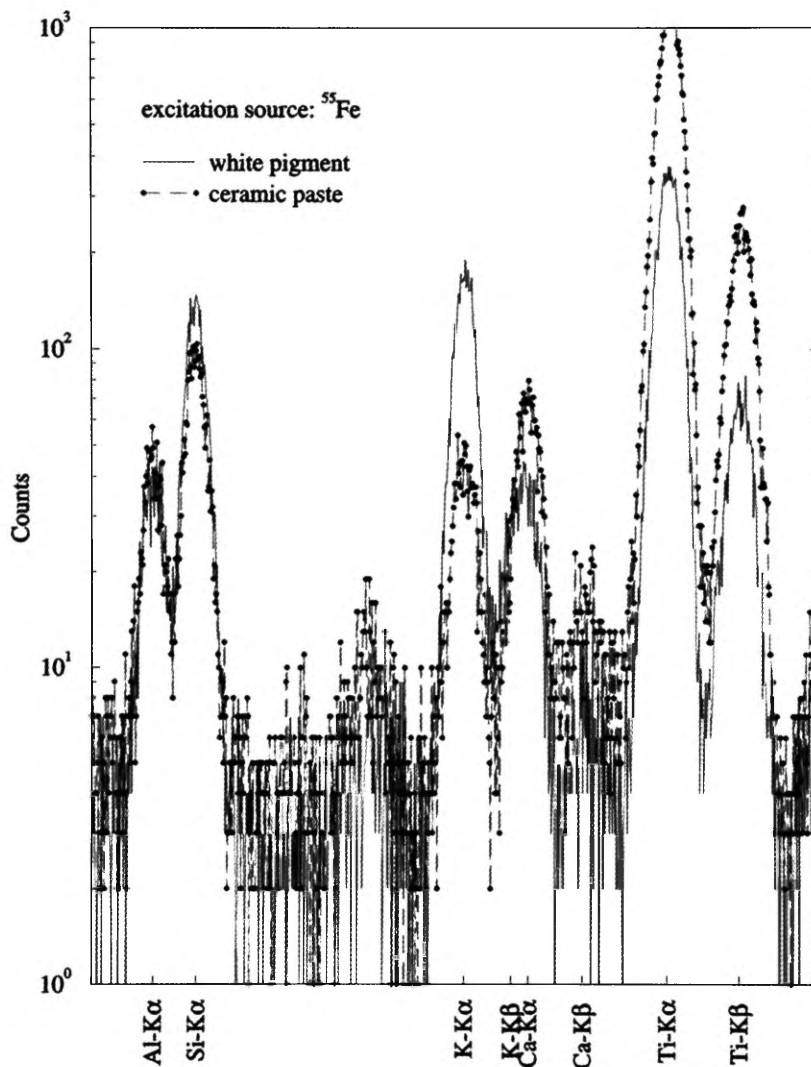


Figure 4 – XRF spectra for the white pigment and the ceramic paste.

same region as shown in Figure 5. Similarly, a high degree of correlation between the all samples is also obtained when Iron and Titanium elements are added, showing that the materials employed in the pottery production are the same origin. In Figure 6, on the other hand, when the plastic decoration compositions are compared, the representative points of some superficial areas in the sample such as the dark pigment (labeled as sample 01) and the dark brown pigment (labeled as sample 11a) change their

relative positions, indicating that the pigments employed in the plastic decoration are from different origin. When a diagram of a lower order is considered, each representative point is positioned next to the element of high concentration such as Manganese element in dark pigment (sample 01).

This methodology was also applied to the results of ceramic paste and plastic decoration compositions obtained with a  $^{55}\text{Fe}$  source. Pentagonal representations of three samples are

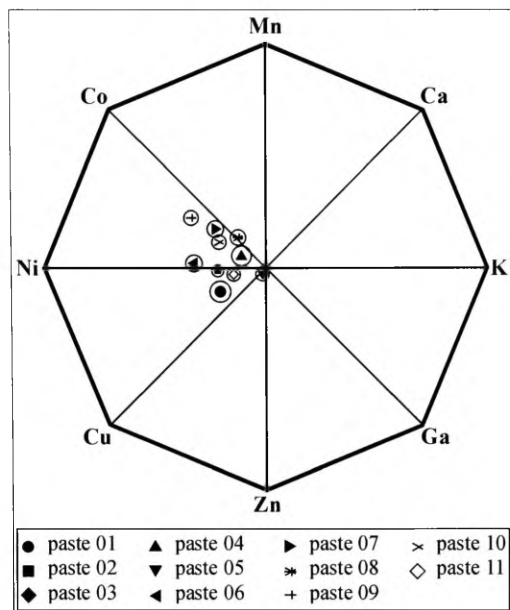


Figure 5 – Graphic representation of ceramic pastes analyzed with a  $^{238}\text{Pu}$  source.

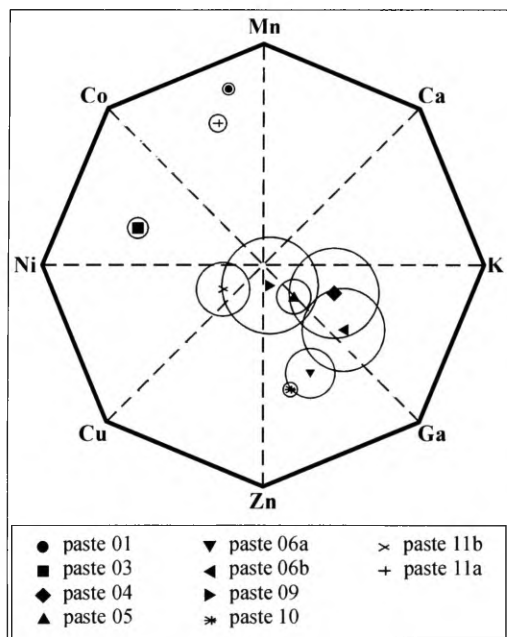


Figure 6 – Graphic representation of pottery decoration analyzed with a  $^{238}\text{Pu}$  source.

present in Figures 7 and 8. For the ceramic past labeled as paste from 9 to 11, the representative points have nearby locations and all of them are next to Titanium element, as shown in Figure 7. These samples show a great similarity, indicating the same origin. On the other hand, the representative points corresponding to the plastic decoration are clearly separated, as shown in Figure 8. The sample 09 is located in the diagram between Potassium and Silicon elements, which characterize the white pigment.

## 5. Conclusions

Sixteen elements were identified by EDXRF within the pottery fragments from Santa Dalmacia farm archaeological site. A systematic presence of relatively high concentrations of Ti, Fe and Zr can characterize the ceramic pastes. Furthermore, the concentrations of Al, Si, K, Ca, Mn, Co, Ni, Cu and Zn could be considered at level of traces within the ceramic pastes. Small amounts of Rb, Sr, and Y are also present. The black pigment in the pottery plastic decoration is mainly due to the

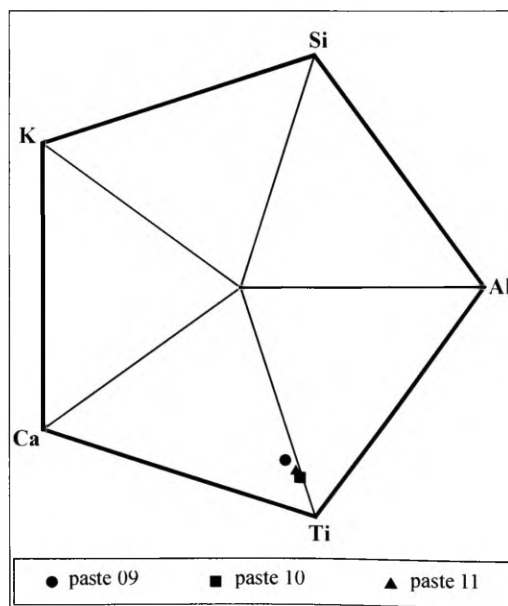


Figure 7 – Graphic representation of ceramic pastes analyzed with a  $^{55}\text{Fe}$  source.

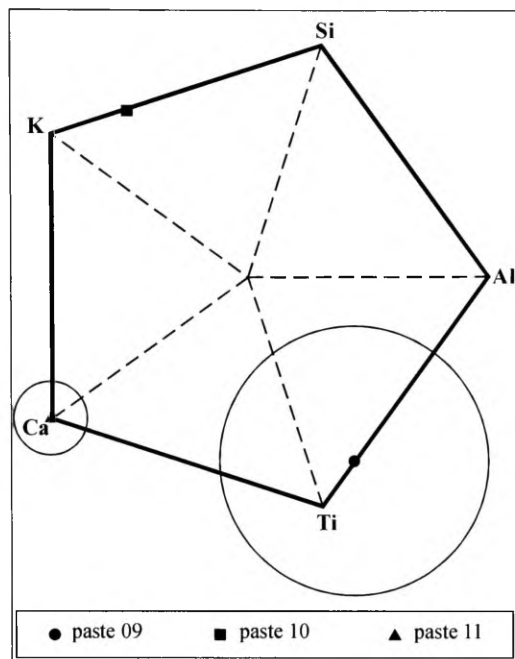


Figure 8 – Graphic representation of pottery plastic decoration analyzed with a  $^{55}\text{Fe}$  source.

presence of Manganese. The red pigment is produced by the presence of Iron, while the white pigment is characterized by the presence of Potassium. For the eleven fragments, the graphic representation points to same materials employed in the pottery production. In addition, the pigments in the plastic decoration were obtained from different inorganic materials.

### Acknowledgements

The authors would like to thank: Historical Museum of Cambé, Paraná, Brazil, for the provision of the pottery fragments used in this investigation; Paulo Parreira and Fabio Lopes for helping with some aspects of the data acquisition; Profs. Maria Sherlowisk, Ubirajara Senatori and Udhi Jozzolino, from the Arts Department, for the classification of the ceramic fragments; archaeologist Claudia Inês Parellada, from the “Museu Paranaense”, for helping with the paste characterization of the sherds; National Science Council (CNPq) and Cultural Incentive Law of Londrina, for the support of this work.

ESPINOZA QUIÑONES, F.R.; APPOLONI, C.R.; DOS SANTOS, A.O.; DASILVA, L.M.; BARBIERI, P.F.; ARAGÃO, P.H.; DO NASCIMENTO FILHO, V.F.; COIMBRA, M.M. EDXRF study of Tupi-Guarani archaeological ceramics. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 199-210, 2003.

**ABSTRACT:** A set of indian Brazilian pottery fragments belonging to Tupi-Guarani tradition has been studied by an archaeometric non-destructive technique. The pottery fragments were accidentally discovered in the Santa Dalmacia farm, sited near Cambé city at the north of Paraná Brazilian state. Each one of these fragments came from different ceramic recipients and their physical characteristics are very similar. The EDXRF measurements were performed employing both an X-ray tube and three radioisotope sources (Fe, Cd and Pu). The compositional data of the ceramics paste and pigments is investigated. For detection of the elements within the ceramic paste, the fragments were irradiated at the center of the lateral section, while several superficial areas with remaining plastic decoration were also chosen and irradiated at the convex and concave sides of each fragment. A paste-subtracted compositional data of the remaining pigments was statically extracted from the XRF analysis of each area. A program based on the graphic polygonal representation method was developed and used to correlate the representative intensity data of each fragment.

**UNITERMS:** Ceramic sherds – Tupi-Guarani, archaeological, pigment composition, paste composition, X-ray fluorescence.

ESPINOZA QUIÑONES, F.R.; APPOLONI, C.R.; DOS SANTOS, A.O.; DA SILVA, L.M.; BARBIERI, P.F.; ARAGÃO, P.H.; DO NASCIMENTO FILHO, V.F.; COIMBRA, M.M. EDXRF study of Tupi-Guarani archaeological ceramics. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 199-210, 2003.

## References

APPOLONI, C.R.; PARREIRA, P.S.; SOUZA, E.; QUACCHIA, J.C.A.; NASCIMENTO FILHO, V.F. DO; GIGANTE, G.E.; CESAREO, R.; CUNHA E SILVA, R.M.

- 1996 Non-Destructive Analysis of Brazilian archaeological Pottery from the region of Londrina city, *Proceedings of 5<sup>th</sup> International Conference on Non-Destructive Testing, Microanalytical Methods and*

*Environmental Evaluation for Study and Conservation of Works of arts*. Hungary, Budapest: 76-81.

FIGUEROA, R.G; CARO, D.G

- 1994 A new Method of Graphic Representation of Sample Analyzed by XRF. J.V. Gilfrich *et al.* (Eds.) *Advances in X-Ray Analysis*, 37. New York, Plenum Press: 741-747.

*Recebido para publicação em 30 de julho de 2003.*

## ESTILO, FORMA E FUNÇÃO: DAS FLECHAS XIKRIN AOS ARTEFATOS LÍTICOS

*Lucas de Melo Reis Bueno\**

BUENO, L.M.R. Estilo, forma e função: das flechas Xikrin aos artefatos líticos. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 13: 211-226, 2003.*

**RESUMO:** Através da análise da variabilidade formal de flechas Xikrin, presentes no acervo do MAE/USP, procuramos averiguar a existência de um modo de fazer flechas que seja característico desse grupo e quais atributos são fundamentais na definição dos diferentes tipos de flecha. Classificando as flechas de acordo com a descrição feita por Frickel (1968), procuramos também investigar a relação entre forma e matéria-prima da ponta com a função das flechas. Por fim, levantamos algumas hipóteses para pensar a variabilidade de pontas de projétil líticas encontradas no registro arqueológico e a necessidade de rever o atual esquema classificatório empregado no Brasil para esse tipo de artefato.

**UNITERMOS:** Xikrin – Flechas – Variabilidade formal – Estilo – Forma – Função – Variação isocréstica – Pontas de projétil.

### **Introdução**

O presente trabalho apresenta um exercício de análise realizado com as flechas Kayapó-Xikrin presentes no acervo do MAE/USP. Através da variabilidade formal dessas flechas procuramos identificar a existência de um estilo de fazer flechas Xikrin e a relação da forma e matéria prima da ponta com a função das flechas. A partir dos resultados obtidos levantamos alguns pontos relevantes quanto à relação forma, matéria prima e função para a elaboração de tipologias de pontas de projétil líticas encontradas no registro arqueológico.

Este trabalho surgiu em decorrência de um projeto para curadoria das flechas Xikrin presentes

na Coleção Lux Vidal, cujos objetivos incluíam: 1º) fazer a curadoria da coleção; 2º) classificar as flechas dessa coleção de acordo com os tipos definidos por Frickel (1968); 3º) comparar as flechas de um mesmo tipo dessa coleção com a descrição feita por Frickel a fim de averiguar variações temporais em alguns atributos; 4º) investigar a relação entre a forma e a função das flechas através de uma análise acerca da variabilidade formal destas, procurando identificar os atributos que variam e os que não variam tanto em flechas com diferentes funções quanto em flechas com a mesma função; 5º) fazer uma discussão acerca da relação estilo x forma x função, levantando a questão da existência ou não de um estilo para as flechas Xikrin, e 6º) discutir as implicações desse estudo para a questão da classificação e do significado da variabilidade formal dos artefatos líticos, em especial, para as pontas de projétil.

É importante frisar que não estamos buscando leis gerais ou nos baseando em analogias diretas e,

\* Doutorando em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Bolsista FAPESP.



muito menos, pensando nas sociedades indígenas atuais como um registro fóssil do passado. O objetivo é averiguar como se dá a relação entre esses três aspectos das pontas das flechas Xikrin – forma, função e matéria-prima – para levantar hipóteses acerca das escolhas e das razões dessas escolhas na elaboração da cultura material em geral. Ou seja, o principal problema abordado envolve a questão da variabilidade da cultura material e, mais especificamente, como essa variabilidade é gerada. Nesse sentido, o que pretendemos aqui é a partir do estudo de uma coleção etnográfica, levantar hipóteses sobre os aspectos que influenciam as escolhas efetuadas ao longo do processo de produção das pontas de projétil líticas, responsáveis pela variabilidade de design desses artefatos.

É preciso ainda lembrar que procuramos focar a variabilidade decorrente apenas do processo de produção e não de todas as atividades envolvidas na cadeia comportamental dos artefatos. Isso é bastante importante, pois no caso dos artefatos líticos, há uma série de fatores relacionados, por exemplo, à reutilização, saque e curadoria que podem alterar a forma final do artefato, mas que não serão contemplados nesta análise (Dibble 1987; Nelson 1997; Rolland e Dibble 1990).

### **Estilo, forma e função**

A discussão acerca da relação entre estilo, forma e função na arqueologia remonta ao começo dessa disciplina, e, no entanto, se mantém extremamente atual suscitando ainda muita polêmica. Algumas das questões centrais desse debate dizem respeito a onde reside o estilo e qual seu significado (Conkey 1990; Conkey e Hastorf 1990; David e Krammer 2001; Hegmon 1992).

Apesar de estarmos trabalhando com o objetivo de definir um estilo de fazer flechas Xikrin a partir da análise da variabilidade formal desses artefatos, não estamos utilizando um enfoque que considera apenas o artefato final como detentor de significado, nem afirmando a existência de uma dicotomia entre estilo e função, manifesta por atributos funcionais versus atributos estilísticos, ou ainda encarando o design dos artefatos como sendo decorrente de projetos mentais pré-estabelecidos na mente do artesão e materializados no artefato (Binford 1989; Dunnell 1979; Wiessner

1983; Wobst 1977). A variabilidade formal identificada nos artefatos é pensada aqui como sendo decorrente das escolhas realizadas ao longo do seu processo de produção (Schiffer e Skibo 1997; Lemonier 1986, 1993; Pfaffenberger 1992).

Nessa perspectiva, o design do artefato é resultado de uma série de atividades que podem ser levadas a cabo de diferentes maneiras, mas para as quais os artesãos, em decorrência das características de performance envolvidas em cada uma delas, fazem escolhas que, por sua vez, determinam as características formais finais do artefato (Schiffer e Skibo 1997). Como essas escolhas envolvem desde o conhecimento, ordenação e classificação do mundo (Lévi Strauss 1989), um “condicionamento cultural do corpo” (Mauss 1991), um processo de ensino-aprendizagem específico (Ingold 2001), até uma determinada organização social do trabalho (Pfaffenberger 1992), podemos dizer que todas elas são culturalmente significativas. Nesse sentido, o estilo não está só na forma final do artefato, mas também em todas as escolhas realizadas ao longo de sua vida útil (David e Krammer 2001:172).<sup>1</sup> Ou seja, não podemos dizer que o fato de se produzir uma ponta de forma lanceolada está exclusivamente relacionado à função. Há diferentes maneiras de fazer e de usar uma ponta lanceolada ou ainda de caçar o mesmo animal, fazendo com que a escolha por produzir de uma determinada maneira seja indicadora do estilo desse determinado grupo.

Um ponto importante nessa discussão envolve o significado conferido a essas escolhas e à mensagem transmitida pelos artefatos através do estilo (Wobst 1977; Sackett 1982; Wiessner 1983). Durante a década de 1980 autores como Sackett (1982, 1985, 1986, 1990) e Wiessner (1983, 1984, 1985, 1990) discutiram a fundo essa questão, divergindo principalmente em torno de dois pontos: 1) onde reside o estilo – forma adjunta X processo de manufatura dos artefatos, e 2) tipo de mensagem que é transmitida e sua intencionalidade – identidade (étnica, social, individual), consciente ou inconsciente. Enquanto para Sackett (1982) os diferentes modos de fazer artefatos com a mesma função transmitem sempre uma mensagem, ainda que inconsciente, sobre identidade étnica (variação

(1) Para uma discussão a respeito dessa perspectiva e sua aplicação no estudo das pontas de projétil líticas do sul do Brasil ver Dias e Silva 2001

isocréstica e estilo passivo), para Wiessner (1983) certos aspectos de alguns itens da cultura material são escolhidos pelos artesãos para transmitir uma mensagem consciente a respeito de identidade, que pode ser étnica, social (estilo emblemático) ou individual (estilo assertivo).

Após muito debate, ambos os autores arrefecem suas posições aceitando, de um lado, que nem todas as escolhas relacionadas à transmissão de mensagem são conscientes e representam um estilo ativo (Wiessner 1990) e, de outro, que nem toda variação isocréstica é necessariamente indicadora de identidade étnica (Sackett 1990). Nesse sentido, o mais importante desse debate foi a ênfase dada ao processo de produção como possível “local” do estilo, o que por sua vez aponta na direção da supressão da dicotomia entre estilo e função. Além disso, outro ponto importante diz respeito à multiplicidade de significados que pode ter esse estilo uma vez que abarca diferentes manifestações culturais, desde as relações individuais, de parentesco, de gênero, sociais e étnicas.

Como dissemos anteriormente, neste estudo trabalhamos apenas com a variabilidade formal já que não há descrições a respeito do processo de produção dessas flechas. Sendo assim, nos concentramos em mapear na forma dos artefatos diferentes níveis de variação dos atributos, levantando hipóteses sobre a escala das escolhas, o que inclui, escolhas relacionados ao grupo, escolhas individuais e escolhas mais diretamente voltadas para as características de performance finais dos artefatos, o que não envolve exclusivamente a função, mas também o modo pelo qual esta é realizada. Portanto, não iremos, por enquanto, definir um estilo de fazer flechas Xikrín, uma vez que isto demandaria identificar as escolhas relacionadas a essa variabilidade formal e, mais que isso, entender suas razões. É importante salientar ainda que apesar de separarmos a variabilidade formal em diferentes níveis, todos esses aspectos – grupo cultural, indivíduo, fatores situacionais, características de performance – estão interligados em cada escolha realizada ao longo do processo de produção, utilização e descarte dos artefatos (Schiffer e Skibo 1997).

### **Os Xikrín e o acervo de flechas do MAE/USP**

Os Kayapó-Xikrin são um sub-grupo dos Kayapó Setentrionais, grupo do tronco lingüístico

Jê. Vivem em duas aldeias, ambas às margens do rio Cateté, no sudeste do estado do Pará. A maior delas, com cerca de 500 habitantes é denominada aldeia Cateté e é de onde provêm as flechas das diferentes coleções aqui estudadas. A outra, denominada Djjudjê-Kô é bem menor, com cerca de 100 habitantes (Silva 2000:117).

Apesar de estarmos trabalhando com as flechas, a caça não é o principal meio de subsistência dos Xikrin. Esta é baseada principalmente na agricultura, com o cultivo de itens como a mandioca, o milho, o urucum e o algodão. A caça assim como a coleta complementa a subsistência com animais como a anta, o porco-do-mato, a paca, o tatu, a cotia, o veado, o jabuti e pássaros como o mutum, o jacu, a arara e o inambu. Embora o rio Cateté seja pouco piscoso, a pesca também é praticada entre os Xikrin.

Atualmente, o principal artefato utilizado para caçar é a arma de fogo introduzida pelos homens brancos. No entanto, o arco e flecha são também utilizados tanto na caça quanto na pesca, apesar de não serem artefatos tradicionalmente Xikrin. Para esse grupo, o artefato tradicionalmente utilizado nas atividades de guerra e de caça é a borduna (Silva 2000:119).

Apesar de vários autores caracterizarem os Xikrín como os “sem arco”, “os gente borduna” (Frickel 1968:20), escolhemos trabalhar especificamente com esse grupo pelo fato de termos uma análise pormenorizada de todos os tipos de flecha produzidos por eles, com a identificação do seu nome e função. Essa classificação foi publicada em 1968 por Protássio Frickel que passou cerca de um mês e meio entre os Xikrín, nos anos de 1962 e 1963. Num detalhado trabalho, Frickel descreve uma série de aspectos formais das flechas e dos arcos, indicando o nome Xikrín de quase todos os materiais envolvidos na sua produção e a função de cada tipo de flecha. Não há, no entanto, nenhuma referência quanto ao processo de produção que, devido às diferentes matérias-primas utilizadas, deve englobar uma série de atividades de obtenção de matéria-prima, processamento dos materiais e armazenamento que envolve pessoas de ambos os sexos na aldeia. Dentre essas atividades podemos incluir, por exemplo, obtenção e preparo da casca de ambé, da resina de jatobá, da cera de abelha, de uma espécie de taboca chamada taquari, da paxiúba e de penas de arara, mutum ou urubu (Frickel 1968:19-26). Ainda um aspecto de suma

importância é o fato de os arcos e flechas serem produzidos e utilizados exclusivamente pelos homens e para caça, sendo a borduna a arma predileta para guerra, mas que em muitas ocasiões participa também das atividades de caça.

Até o momento analisamos parte da coleção de flechas Xikrin presente no acervo do MAE/USP, sendo 19 da Coleção Lux Vidal, 15 da coleção do Museu Paulista e 2 da coleção Plínio Ayrosa. Apesar de o projeto inicial envolver apenas a curadoria das flechas da coleção Lux Vidal, para avançar na discussão acerca da existência de um modo específico de fazer flechas Xikrin, foi necessário aumentar nossa amostra de modo a incluir pelo menos um exemplar de cada tipo, o que só foi possível com a inclusão de peças dessas outras duas coleções.

Sobre o período e a metodologia de coleta dessas flechas junto aos Xikrín sabemos que todas elas provêm da aldeia do Cateté, no Pará, e foram coletadas a partir de finais dos anos sessenta. A coleção Lux Vidal foi formada ao longo de trinta anos de pesquisa, reunindo flechas de diferentes períodos de coleta, para a qual não foi utilizado nenhum método sistemático. As flechas da coleção do Museu Paulista foram obtidas pelo Padre Caron em duas épocas distintas, a primeira entre 1968 e 69 e a segunda em 1971. Por fim, as da coleção Plínio Ayrosa foram obtidas também pela Dra. Lux Vidal em 1973.

### Procedimentos de análise

Para a realização dos objetivos acima explicitados utilizei um banco de dados com todos os atributos identificados por Frickel em 1968, aos quais adicionamos outros definidos por Chiara e Heath, no livro *Brazilian Archery* de 1978. Esse procedimento visa identificar possíveis variações inter- e intra-tipos não citadas por Frickel, mas que possam trazer informações importantes acerca da existência de um estilo para as flechas Xikrín (Figs. 1 e 2).

Como ponto de partida utilizamos a descrição elaborada por Frickel para toda a variedade de pontas Xikrin por ele encontradas, o que compreende nove tipos de flechas, distribuídos em três principais funções: caça grande, pesca e caça de aves e animais pequenos (Fig. 3).

O primeiro passo da análise foi classificar as flechas do acervo de acordo com a descrição de

Descrição dos Atributos	
Nome	
Uso	
Tamanho Total (mm)	
Haste	Material Medidas
Vareta	Material Medidas
Ponta	Material Forma Medidas
Amarrações	Haste-Vareta Ponta-Vareta Haste-Ponta
Emplumação Principal	
Emplumação Complementar	Distal Basal
Amarração da Emplumação	Material Maneira Extremidade basal Extremidade distal
Forma da Emplumação*	Tamanho Posição
Cor da Emplumação*	Fora Dentro
Emplumação na Amarração Distal*	
Entalhe	
Observações	

Fig. 1 – Tabela com os atributos analisados. Aqueles marcados com (\*) foram definidos por Chiara e Heath (1978); os demais provêm da ficha de análise de Frickel (1968).

Frickel, definindo seu nome e função. Feito isso, procuramos definir se havia variações internas a cada tipo e, havendo, identificar os atributos onde encontrávamos essas variações e aqueles que eram constantes. Ou seja, procuramos observar, para cada tipo de flecha, quais atributos eram constantes em todos os exemplares de que dispúnhamos e quais estavam variando de um exemplar para o

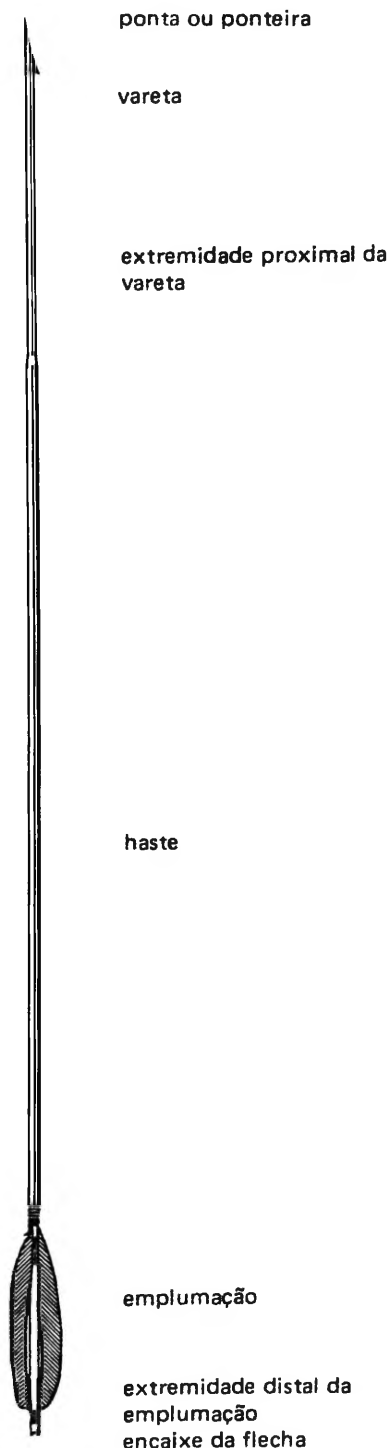


Fig. 2 – Esquema indicando as partes constituintes de uma flecha. Fonte: Chiara 1986:125.

Nome	Função
<b>Buri</b>	Caça grande
<b>Pó</b>	Caça grande
<b>Poteké</b>	Caça grande
<b>Kruanó</b>	Animais pequenos, aves maiores e pesca
<b>Mru-í</b>	Animais e aves pequenos e pesca
<b>Akêno</b>	Animais e aves pequenos
<b>Ikôp</b>	Animais e aves pequenos
<b>Miétyetperu</b>	Pesca
<b>De Ferro</b>	Pesca

Fig. 3 – Tabela com o nome e função das flechas Xikrin identificados por Frickel.

outro, mapeando assim a variabilidade intra-tipos.

O passo seguinte foi comparar os tipos entre si a fim de identificar se aqueles atributos constantes em cada um deles eram também constantes nos outros e onde residia a diferença entre eles, mapeando a variabilidade inter-tipos.

### Níveis de variação

De acordo com a análise que fizemos percebemos três níveis de variação. Num primeiro nível estão aqueles atributos constantes em todas as flechas de todos os tipos, que indicariam os princípios básicos para construção das mesmas. O segundo englobaria aqueles atributos que admitem as mesmas variações em todos os tipos de flecha e que poderiam estar relacionados a escolhas do artesão motivadas por diferentes fatores situacionais.<sup>2</sup> O terceiro nível de variação estaria relacionado àquelas variações que individualizam os tipos. Assim, as flechas Xikrin são caracterizadas por atributos que permanecem constantes e atributos

(2) Fatores situacionais envolvem aspectos comportamentais, sociais e ambientais. Através de seus efeitos nos componentes das atividades que compõem a cadeia comportamental dos artefatos eles determinam os valores ideais de características de performance específicas (Schiffer e Skibo 1997)

que variam dentro de um espectro limitado, sendo essas variações decorrentes de diferentes aspectos situacionais.

#### *Variação inter-tipos: homogeneidade*

No que tange aos atributos constantes, para uma flecha ser Xikrín, sua haste deve ser de taquara, a amarração entre haste e vareta deve ser feita com envira e cerol, a amarração da emplumação com fios de algodão e cerol, as penas da emplumação principal atadas nas extremidades e em posição invertida e o entalhe deve ser na haste. Além disso, não se tratando de flechas rituais (com zunidor), a emplumação principal deve ser tangencial, a extremidade basal da amarração da emplumação principal deve ser feita com fios de algodão branco em forma cruzada, as penas da emplumação cortadas em mais da metade, com formas variando entre semi-elipse, trapezoidal e arredondada e devem apresentar uma combinação de penas de arara, mutum ou urubu na emplumação principal, ou excepcionalmente, apenas uma delas (Fig. 4). Ou

seja, há um conjunto de 11 atributos que aparecem em todas as flechas Xikrín, excetuando-se aquelas utilizadas em alguns rituais e dotadas de um zunidor (Fig. 5). Para essas há variações quanto à forma das penas e sua amarração (Fig. 6).

#### *Variação inter-tipos: fatores situacionais*

Dentro desse esquema há uma série de outros atributos que também caracterizam as flechas Xikrín, mas que admitem uma certa variação. Esse é o caso, por exemplo, da cor do fio que amarra a extremidade distal da emplumação principal, o qual pode ser branco, marrom ou preto, mas deve estar sempre em espiral. A emplumação na amarração distal pode estar ausente ou ser feita de penas vermelhas, azuis, pretas, vermelhas e amarelas ou vermelhas e azuis. Esse é ainda o caso das emplumações complementares distal e basal que, tanto no primeiro caso como no segundo, podem ser vermelhas, amarelas ou estar ausentes. É interessante notar que esses atributos apresentam outro tipo de variação dentre as flechas analisadas por Frickel, as quais apresentaram emplumação

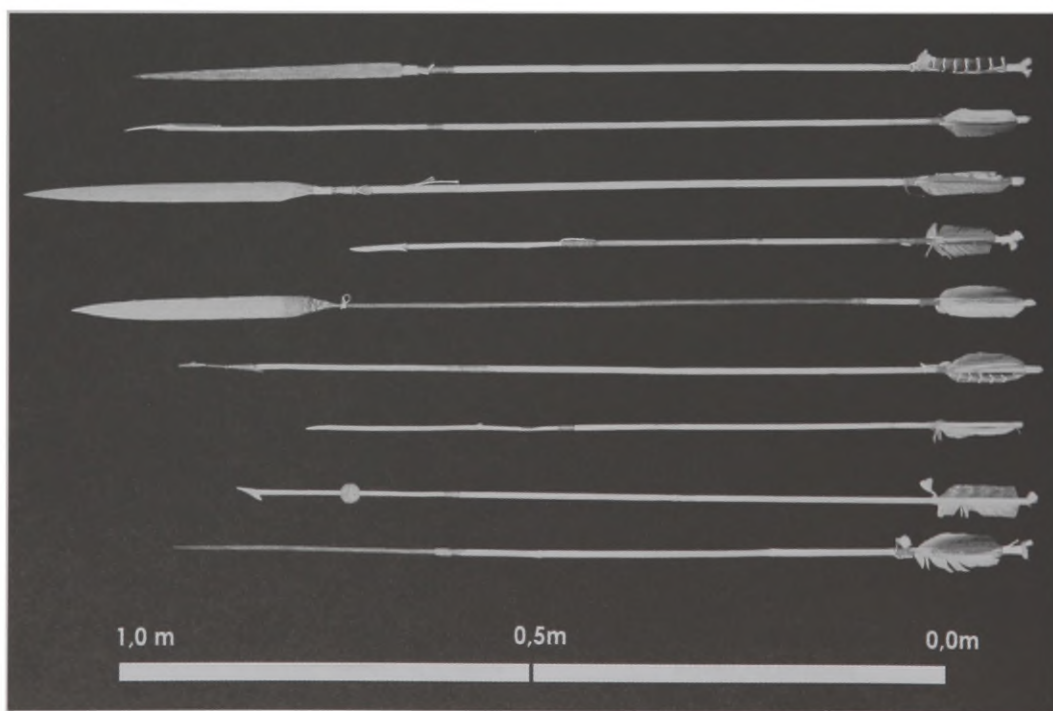


Fig. 4 – Foto com todos os tipos de flecha Xikrín identificadas por Frickel. Acervo MAE/USP.

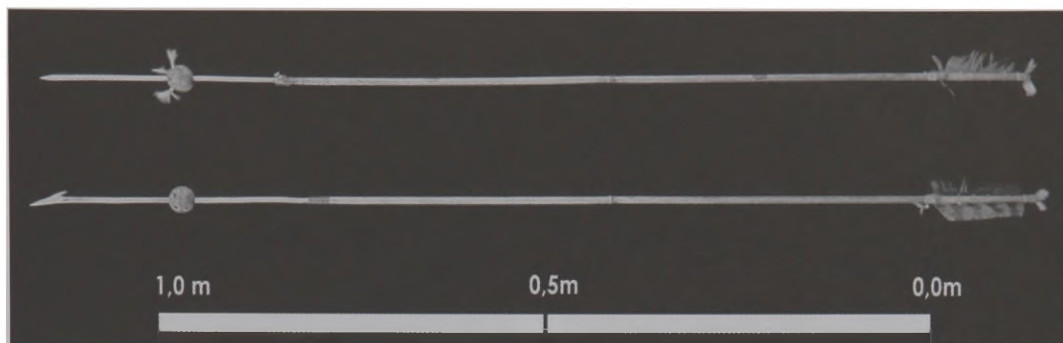


Fig. 5 – Foto das únicas duas flechas Xikrín com zunidor presentes no Acervo MAE/USP.

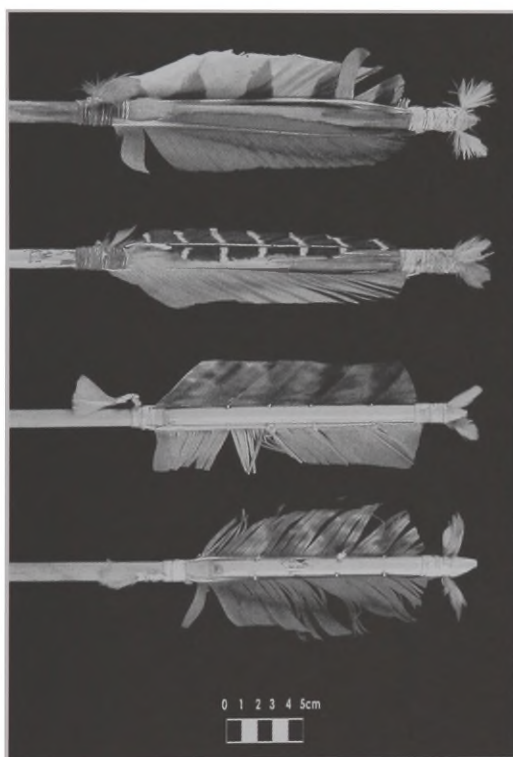


Fig. 6 – Foto mostrando aspectos da emplumação de flechas Xikrín com zunidor (as duas de baixo) e de flechas do tipo Buri (as duas de cima). Acervo MAE/USP.

complementar distal e fio preto na amarração distal da emplumação principal em todos os tipos e só algumas apresentaram emplumação complementar basal.

Esses três atributos (cor do fio que amarra a extremidade distal da emplumação principal,

emplumação na amarração distal e emplumações complementares distal e basal) indicariam um segundo nível de variação, resultante de escolhas situacionais. O espectro de variação dessas escolhas é definido dentro de um universo limitado de possibilidades. Ou seja, não é porque esses atributos permitem uma maior variação que sua escolha é aleatória.

Essas variações podem também estar relacionadas com o tipo da flecha, embora não sejam suficientes para individualizá-las como tal, uma vez que são compartilhadas com outros tipos. Embora nossa amostra seja pequena, é interessante observar que para os dois tipos de flecha em que temos o maior número de exemplares – *Buri* (12) e *Mru-í* (11) – a cor da emplumação complementar distal não tem a mesma variação. Enquanto para as *Buri* a cor da emplumação complementar distal é constante (sempre vermelha), para as *Mru-í* ela pode variar entre vermelha e ausente. Ou seja, talvez essa variação só possa ocorrer em alguns tipos de flecha. Isso não invalida a hipótese de que estas escolhas estejam relacionadas a diferentes fatores situacionais.

Quanto ao tamanho das flechas há alguns tipos que apresentam uma variação que se entrecruza e outros que não. Assim, *Pó* e *Potekê* são as maiores flechas dessa coleção – o que contraria as observações de Frickel com respeito a *Potekê* ser a menor flecha dos Xikrín. O intervalo de variação delas é compartilhado apenas pelas *Mru-í*, que compõem o tipo com o maior espectro de variação no tamanho. Depois destas, as maiores flechas estão no intervalo que engloba os tipos *Buri*, *Miety*, *Ferro* e *Kruanó*. Em seguida vêm as do tipo *Ikóp* e depois as *Akêno*. Mas, o menor exemplar destas coleções é do tipo *Mru-í*.



Esta organização por tamanho é bem diferente no caso das flechas coletadas por Frickel (Fig. 7). No nosso caso, as flechas do tipo *Ikóp*, *Akêno* e *Ferro* são muito menores, enquanto as do tipo *Pó* e *Poteké* são muito maiores. As do tipo *Miety* apresentam uma variação muito maior, havendo assim exemplares bem menores e bem maiores que os anotados por Frickel. No caso das *Kruanó*, apesar de as flechas estarem no mesmo intervalo de variação, aquelas analisadas por nós são em geral menores. O único caso em que a variação se mantém constante é para as flechas de tipo *Buri*.

Nome	Tam. (cm) Frickel	Tam. (cm) Frickel
<b>Buri</b>	135-160	146-158
<b>Pó</b>	133-158	159-183
<b>Poteké</b>	90-115	166
<b>Kruanó</b>	130-170	138-153
<b>Mru-í</b>	148-163	118-174
<b>Akêno</b>	142-166	125-127
<b>Ikóp</b>	144	137
<b>Mietyetperu</b>	147-150	158
<b>De Ferro</b>	156-165	154

Fig. 7 – Tabela com o tamanho total de cada flecha da coleção do Frickel e das coleções analisadas pelo autor.

Esse aspecto é bastante interessante, pois indica que o atributo tamanho também parece estar sujeito à escolhas decorrentes de fatores situacionais. Ou seja, não existe uma medida ou mesmo uma variação para cada tipo de flecha como poderíamos supor, já que este atributo deve ter uma influência fundamental no desempenho do artefato. Como notamos na ficha apresentada por Frickel a variação de tamanho intra-tipos pode existir entre exemplares que estão presentes na aldeia ao mesmo momento, e pode aparecer também entre exemplares do mesmo tipo produzidos em diferentes momentos.

#### A caracterização dos tipos

Um terceiro nível de variação seria aquele relacionado à definição e distinção dos tipos. Como

vimos, são nove tipos de flecha relacionados a apenas três diferentes funções, havendo, portanto, mais de um tipo para realização da mesma função. Não podemos perder de vista, no entanto, que essas funções estão definidas em termos bastante genéricos, sem levar em consideração o tipo específico de animal ou a estratégia de caça empregada em cada um dos casos. Como não dispomos de dados para saber até que ponto a classificação oferecida por Frickel é ou não uma classificação êmica, não sabemos se esses dois aspectos interferem na classificação das flechas – o que seria de se esperar de acordo com uma série de trabalhos etnográficos recentes (Knecht 1997).

Voltando à diferenciação dos tipos, podemos dizer que é possível distinguir grupos em diferentes níveis. Nesse caso, através da função podemos separar o conjunto de nove flechas em três grupos, um com quatro tipos de flechas (relacionado à caça de aves e animais pequenos), outro com três tipos (relacionado à caça grande) e outro com dois (relacionado à pesca), mas não podemos individualizar cada tipo.

Para individualizá-los não podemos utilizar elementos isolados, como por exemplo, a presença ou não de vareta, o tamanho da flecha, a forma ou a matéria-prima da ponta, muito embora a maioria dos nomes esteja diretamente relacionada a ela: *Kruanó* – parte da madeira *Krua*; *Ikóp* – madeira; *Pó* e *Poteké* – dois diferentes tipos de taquara; *Ferro* – MP da ponta; *Mru-í* – Caça pequena (Silva – comunicação pessoal).

O que acontece é que não há um único elemento que as individualize, mas sim a combinação de uma série deles, dos quais os mais importantes parecem ser a forma e a matéria-prima da ponta. Apesar da nomenclatura analítica genérica como lanceolada, farpeada, ou em bisel, percebemos que cada uma delas tem um contorno formal específico em cada matéria-prima. Assim, o farpeado do ferrão de arraia não é o mesmo que o farpeado do ferro ou da madeira, como o lanceolado de paxiúba não é o mesmo que o lanceolado de taquara (Figs. 8 e 9). Nesse caso seria então uma inter-relação de matéria prima, forma e função o que definiria cada um dos tipos, assumindo a matéria-prima um papel de destaque.

No entanto, cabe ressaltar que há flechas com a mesma forma e matéria-prima da ponta, utilizadas para a mesma função, mas classificadas como tipos diferentes, como é o caso das flechas *Pó* e *Poteké*.



Fig.8 – Foto de detalhe da ponta das flechas Xikrin *Mietyetperu*, *Ikóp* e *Ferro* (da direita para a esquerda). Acervo MAE/USP.



Fig.9 – Foto de detalhe da ponta das flechas Xikrin *Buri*, *Poteké* e *Pó* (da direita para a esquerda). Acervo MAE/USP.

Nesse caso, a diferenciação entre elas é dada pela matéria prima da vareta, forma de amarração entre vareta e ponta, além de diferenças no tamanho e estrutura da flecha (Figs. 10 e 11). No que diz respeito à estrutura, a diferença entre *Pó* e *Potekê* é bastante significativa: enquanto no primeiro caso a haste é muito maior que a vareta, no segundo essa relação se inverte totalmente; o mesmo acontece na relação entre vareta e ponta, pois para o tipo *Pó* a ponta é muito maior que a vareta e para o tipo *Potekê* a vareta é maior que a ponta. Ou seja, apesar de ambas terem a mesma função, mesma forma e mesma matéria-prima da ponta apresentam uma estrutura bastante distinta, o que provavelmente

envolve um processo de produção também diferente e que, talvez esteja na base da sua dissociação em dois tipos distintos.

#### **Forma, função, matéria-prima e características de performance**

Com isso podemos levantar a hipótese de que mais do que uma relação entre matéria-prima, forma e função, o que individualiza os tipos é uma relação entre matéria-prima, forma e característica de performance, o que inclui aspectos que vão além da função (Schiffer e Skibo 1997). Quer dizer, as



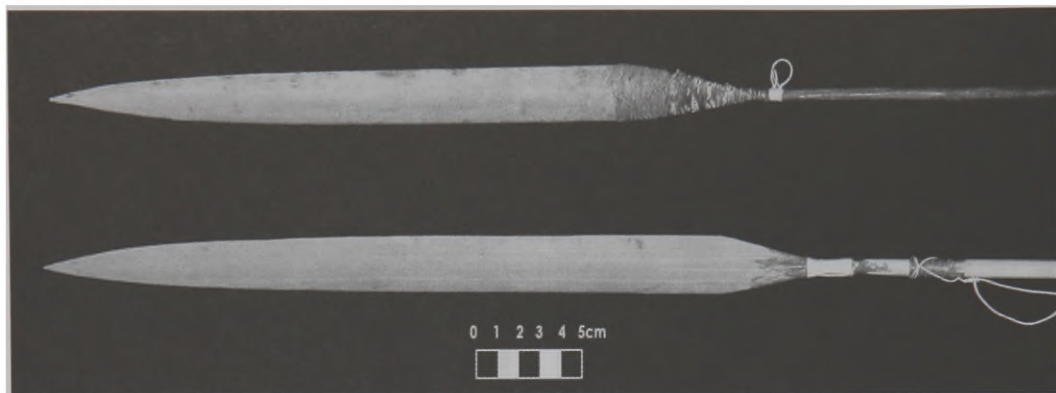


Fig. 10 – Foto de detalhe da ponta das flechas Xikrin Poteké e Pó (de cima para baixo). Acervo MAE/USP.

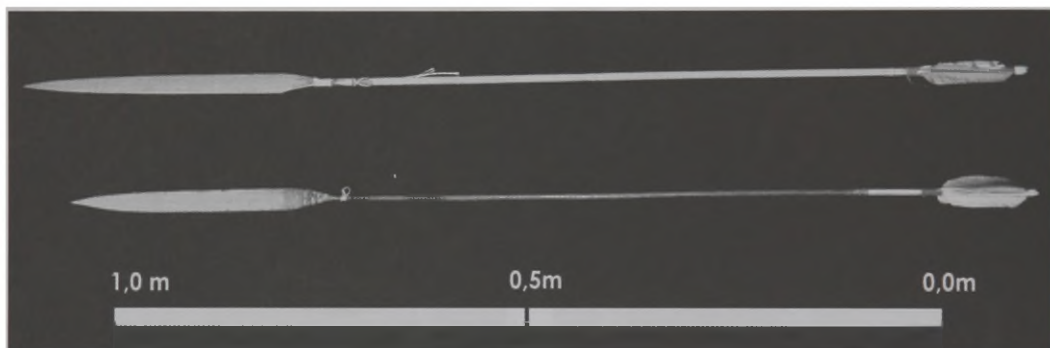


Fig. 11 – Foto das flechas Xikrin Pó e Poteké (de cima para baixo). Acervo MAE/USP.

flechas estariam relacionadas, nesse caso, não simplesmente à caça grande, mas também orientadas para causar um dano específico a diferentes tipos de animais, envolvendo diferentes estratégias de caça e, portanto, diferentes maneiras de executar uma mesma função que, por sua vez, envolvem certos aspectos formais específicos. Além do tamanho do animal, sua espécie, condições nas quais se encontra na hora da caça e sua reação ao ser flechado também há aspectos relacionados à organização social da caça (individual, em grupo, repartição do animal caçado, sazonalidade, tabus alimentares) que influenciam as escolhas realizadas no processo de produção das flechas e que podem acarretar diferentes aspectos formais (Chiara e Heath 1977:54; Griffin 1997:282). Talvez esse seja o caso entre os tipos *Pó* e *Poteké*.

Podemos pensar ainda que essas exigências de desempenho são diferentes para cada tipo de

atividade, acarretando, assim, maior ou menor grau de limitações no *design* dos artefatos. Por exemplo, para caçar animais de grande porte, apesar de pequenas diferenças no contorno formal, os três tipos de flecha têm as pontas de maiores dimensões dentre os outros tipos e todas são lanceoladas, o que poderia estar relacionado com o fato de as exigências de desempenho serem mais específicas e rígidas. Quer dizer, a ponta deve ser grande (entre 40 e 53 cm) e lanceolada, mas pode ser tanto de paxiúba quanto de taquara, sendo que, se de paxiúba, deve ter aletas e pedúnculo, enquanto se de taquara não deve ter nenhuma das duas coisas. Assim, para flechas cuja função é caçar animais grandes há certas restrições no *design* da ponta, mas não necessariamente da flecha como um todo. Se observarmos as partes constituintes de cada uma e suas dimensões, perceberemos diferenças significativas. As flechas de tipo *Buri* não têm

vareta, apenas haste e ponta, ao contrário de *Pó* e *Potekê* que têm haste, vareta e ponta. Apesar de o tamanho da ponta ser relativamente o mesmo para as três (Fig. 12), as *Buri* são menores do que as *Potekê*, que, por sua vez, são menores que as *Pó*. Além disso, essas últimas duas são também as únicas que possuem um estojo protetor da ponta.<sup>3</sup>

Dimensões	Buri	Pó	Potekê
Tamanho Total (cm)	146-159	159-183	166
Tamanho Ponta (cm)	43-52	40-51	46
Tamanho Haste (cm)	101-108	106-115	30
Tamanho Vareta (cm)	0	13-17	90
Haste/vareta	0	6,7-8,0	0,3
Vareta/ponta	0	~ 0,3	~1,9
Haste/ponta	~ 2,3	~ 2,4	~0,6

Fig. 12 – Tabela com as dimensões e a relação entre as partes estruturais que compõem as flechas utilizadas para caçar animais grandes.

Já para caçar animais pequenos e aves, temos uma variação maior no *design* das pontas, o que poderia estar relacionado a exigências de performance menos rígidas e, portanto, a um número maior de possibilidades ao longo das etapas de produção dos tipos relacionados. Para esta atividade temos quatro tipos de flecha, cada uma com uma forma de ponta diferente: apontada, no caso da *Kruanó*, biselada para a *Mru-í*, biselada com incisões para a *Akenó* e farpeada para a *Ikóp*. Esses quatro tipos, por sua vez, estão relacionados com as matérias primas que são, respectivamente, paxiúba, osso e madeira nos dois últimos casos (Fig. 13). Ou seja, a mesma função pode ser realizada por flechas que têm diferenças tanto na forma quanto na matéria-prima da ponta.

(3) Apesar de os Xikrin afirmarem que esse estojo é necessário para conservar as pontas secas e enxutas que de outra maneira não prestariam mais para a caça, Frickel considera a explicação uma “crendice venatória dos índios”. Talvez um aspecto importante seja a distância da fonte de matéria-prima que, nesse caso, fica a mais de dois dias de viagem (Frickel 1968:23).

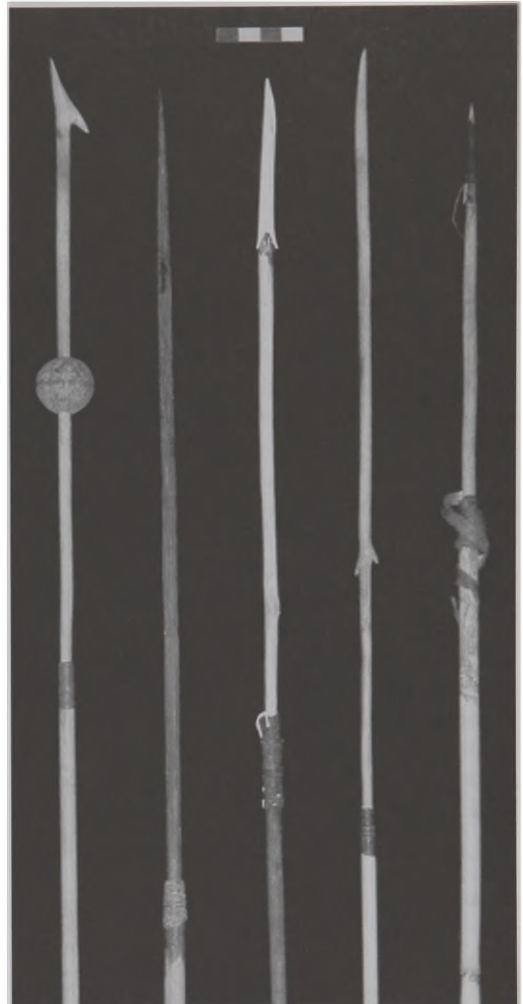


Fig. 13 – Foto das flechas Xikrin *Mru-í* (1 e 3), *Akenó* (2), *Kruanó* (4) e *Ikóp* (5) (da direita para a esquerda). Notar a diferença na ponta das flechas *Mru-í* 1 e 3. Acervo MAE/USP.

Quanto a essa questão de menores restrições no *design* e, portanto, maior possibilidades de escolha, as flechas do tipo *Mru-í* oferecem um bom exemplo. Primeiro, pois são as que apresentam maior variação de tamanho; segundo, pois apresentam também grande diferença na relação entre as três principais partes constituintes das flechas – que coincidentemente estão relacionadas às diferentes coleções às quais pertencem –; e terceiro, por apresentarem diferenças com relação ao animal do qual provém o osso que compõe a ponta, a forma

da ponta e de sua amarração, além de serem as únicas onde alguns dos exemplares apresentam uma espécie de pintura preta na vareta próxima à ponta.<sup>4</sup>

Como vemos, portanto, não há uma relação direta entre matéria-prima e função ou entre forma e função, mas sim entre forma e matéria-prima, já que apesar de receberem uma mesma categorização genérica, as pontas adquirem contornos formais específicos em cada matéria-prima. Seria então a relação entre esse contorno formal específico produzido em cada matéria-prima e as exigências relacionadas às características de performance demandadas por cada atividade o que estaria distinguindo as flechas e caracterizando-as como tipos distintos. Dito de outra maneira, as exigências de performance definem o grau de variação do *design* dos artefatos nas diferentes matérias-primas, o que passa a individualizar cada tipo de flecha. Assim, uma ponta de ferrão de arraia e de ferro, embora sejam ambas farpeadas, não são morfologicamente iguais, mas causam o mesmo efeito, o mesmo resultado, sendo, portanto, utilizadas para a mesma função, mas definidas como tipos distintos. A ponta farpeada de madeira não atinge esses mesmos resultados tanto que, dentre os Xikrín, é utilizada para caça de animais pequenos e aves.

### **Classificação das flechas: uma questão contextual**

Um outro aspecto ainda interessante diz respeito à presença de zunidor e de diferenças na amarração da emplumação principal em algumas flechas. Isso acontece no caso de uma *Akenó* e de uma *Ikóp*, que apresentam um zunidor na ponta da flecha e a amarração da emplumação principal atada com linhas em quatro pontos da haste, perpendicularmente a esta, bem diferente do que acontece nas outras flechas. Segundo Chiara (1986:135) uma das características de algumas flechas rituais é justamente o fato de produzirem som, um apito quando voam, exatamente como acontece com essas dotadas de zunidor (Métraux 1986:145). O interessante aqui é que não há a

produção de flechas totalmente diferentes para utilização em festas ou rituais, mas sim a adição de certos atributos que lhe conferem este significado. Essas mesmas flechas podem depois continuar a serem utilizadas num contexto funcional. É o que se percebe em duas outras flechas, uma do tipo *Buri* e outra *Mru-í*; em ambas encontramos quatro furos na haste justamente na área da emplumação principal, idênticos aos furos por onde passa o fio de algodão que ata as penas nas flechas com zunidor. Ou seja, muito provavelmente foram utilizadas em festas e rituais e depois novamente utilizadas para caça. Não há entre as observações de Frickel qualquer referência a esse aspecto, nem da utilização de zunidor nem de alteração nas formas de amarração das penas da emplumação principal.

O que chama a atenção nesse caso é a diferença existente na forma das penas e de sua amarração à haste de uma mesma flecha, produzida pelo mesmo grupo, mas utilizada em diferentes contextos. Segundo Métraux (1986:146), esses dois atributos poderiam ser utilizados para estabelecer uma classificação das flechas, mas não a grupos ou áreas culturais como já havia sido proposto por outros autores, já que como vemos esses atributos podem variar de acordo com a função da flecha.

Essas observações acima indicadas para os Xikrín parecem ser válidas também para outros grupos. É interessante como Métraux apresenta nas suas classificações gerais dados significativos para investigarmos a existência de uma variabilidade em diversos aspectos que vão além da forma geral das pontas. Ao definir os cinco tipos de ponta de flecha presentes em áreas de florestas tropicais (1986:145), o autor já indica também as variações possíveis entre e intra diversos grupos. Referindo-se ao primeiro tipo de ponta, que ele define como lanceolada e de bambu, apresenta possíveis variações: “*A forma pode variar até dentro de uma só tribo. Algumas pontas são quase planas; algumas são de corte transversal semicircular; algumas possuem ranhuras profundas entalhadas junto à base para produzir farpas longas e afiadas e algumas possuem uma fileira contínua de dentes quase até a ponta.*”

Quer dizer, para pensarmos na cultura material em geral e mais especificamente nas flechas, precisamos realizar um estudo contextual não só dessa variação formal, mas também do processo de produção dessas pontas. Fica claro

(4) Segundo Chiara (1978:52), as substâncias utilizadas para pintar pontas de flecha normalmente estão associadas com objetivos rituais.

aqui que não é um atributo, seja ele forma da ponta ou emplumação que vai nos permitir relacionar um conjunto artefactual a este ou aquele grupo cultural.

Para Métraux (1986), “*O tipo de ponta é a principal base para uma classificação funcional das flechas pois, via de regra, a ponta varia de acordo com o uso específico que é dado à flecha. Na maioria das tribos tropicais, usa-se um tipo diferente de flechas para a guerra, para a pesca, para a caça de diferentes animais e até mesmo para objetivos cerimoniais. A emplumação, por outro lado, pode servir de critério somente para estabelecer uma classificação regional das flechas.*”

O presente trabalho aponta para uma outra direção. Primeiro por enfatizar que a relação entre forma e função é mediada pela matéria-prima e está relacionada, em última instância, à característica de performance – o que se procura obter e como. Assim, a mesma forma genérica produzida em matérias-primas diferentes pode, no interior do mesmo grupo, ser utilizada para caça de diferentes tipos de animais. Isso pode estar relacionado com o tipo de dano que se pretende causar a cada animal e à maneira pela qual esse dano será causado, o que envolve a organização da caça. Além disso, tanto tamanho da ponta, quanto peso da matéria-prima podem também influenciar a estrutura da flecha como um todo, levando a modificações na forma de amarração, na matéria-prima e nos tipos de parte constituintes de cada flecha, o que por sua vez levaria a uma diferenciação tipológica destas. Segundo Chiara e Heath (1978:54), “*Accordingly, we shall consider a typology of arrow components in which types of shafts, point, fletchings, and other details, together with tribal allocations (mentioned in the literature and taken from the information we have gained by studying museum and other collections), will provide a general view of preference for such details.*”

Assim, levando tudo isso em consideração, não podemos dizer que só há cinco tipos de ponta e que estas estão diretamente relacionadas à função, nem que a emplumação traz informações apenas regionais. A articulação desses atributos em cada caso pode individualizar as flechas tanto em termos de variabilidade formal, quanto e principalmente em termos de diferentes processo de produção, diferentes gestos envolvidos na produção de uma ponta lanceolada com farpas longas ou

com dentes. Gestos estes que são culturalmente significativos (Mauss 1991) e que podem nos ajudar a caracterizar os conjuntos artefatuais de cada grupo, definindo um estilo.

### As flechas Xikrín

Outro ponto importante que tem relação direta com o que foi discutido acima diz respeito às variações isocréticas (Sackett 1982) identificadas no interior desse conjunto de flechas. Um primeiro nível no qual esse tipo de variação ocorre envolve a existência de mais de um tipo de flecha, com formas diferentes, para realização da mesma função – o que ocorre para todas as três funções identificadas por Fricke. Um segundo nível envolve a existência de flechas com a mesma forma e função, mas caracterizadas como sendo de tipos distintos – *Pó* e *Poteké*. E um terceiro nível envolve ainda a existência de flechas consideradas do mesmo tipo, portanto com a mesma função, mas com importantes variações de tamanho e, portanto de contorno formal.

Assim sendo, o que podemos depreender no final desse estudo?

- 1) Existe uma maneira específica de fazer flechas Xikrin, manifestada pela constância de determinados atributos e variação específica em outros, presente em todos os tipos de flecha, independentemente da função;
- 2) Existem atributos específicos nos quais escolhas situacionais podem estar melhor representadas;
- 3) Existe uma maneira específica de produzir cada tipo de flecha manifestada pela combinação de determinados atributos, que não estão apenas na forma e matéria-prima da ponta;
- 4) Existe uma relação entre forma, matéria-prima da ponta e características de performance na definição dos tipos;
- 5) Há variações isocréticas no conjunto de flechas Xikrín.

Há, portanto, nas flechas Xikrín, diferentes indicadores de identidade: étnica, social e individual. No entanto, esses diferentes indicadores precisam ser entendidos de forma inter-relacionada

já que uma flecha só é Xikrin e por exemplo *Buri*, usada para caça grande e feita por determinado artesão se tiver uma associação específica entre os atributos que a compõem; não há atributos essenciais versus atributos adicionados, ao que podemos concluir que não há uma dicotomia essencial entre estilo e função. O estilo reside na combinação de todos os atributos que compõem cada tipo de flecha, que por sua vez está ao mesmo tempo relacionado às características de performance da flecha. Isso implica num processo de produção específico, cujo resultado são as características formais que analisamos através da combinação e da variação dos atributos.

### Variabilidade formal nas flechas e o registro arqueológico

Transpondo tudo isso para o registro arqueológico, seria interessante pensarmos numa relação entre forma, matéria-prima e características de performance – o que se procura atingir e como – numa classificação de pontas de projétil líticas. Nessa perspectiva, observar a cadeia operatória de produção dos artefatos é fundamental, pois permite identificar as escolhas realizadas pelos artesãos ao longo de todo o processo de produção e pensá-las em termos de características de performance em cada uma dessas etapas, criando assim uma hierarquia de escolhas (Schiffer e Skibo 1997). Como mostramos, no caso Xikrin, a escolha da matéria-prima é, por exemplo, um dos aspectos mais importantes na confecção da flecha e está na base das atividades que compõem a cadeia operatória. Dependendo da matéria-prima utilizada, por mais que a forma em termos genéricos seja a mesma, há nuances que podem ser identificadas no registro arqueológico e que demandam um conjunto de gestos técnicos distintos.

Esse caso é interessante para pensarmos sobre o significado da variabilidade artefactual já que vemos que há uma série de variações isocréticas no interior do mesmo grupo, indicando, portanto, que esse tipo de variação não está, necessariamente, relacionado a uma diferenciação étnica (Sackett 1990, Wiessner 1990).

Podemos, assim, propor algumas reflexões acerca da análise e da construção de tipologias através das pontas de projétil líticas encontradas no registro arqueológico:

1) A variação formal das pontas está diretamente relacionada a sua matéria-prima e às características de performance necessárias para realização da atividade à qual o artefato é destinado – ou seja, elaborar tipologias segundo critérios morfológicos caracterizando as pontas de acordo com matéria-prima e função é um procedimento absolutamente válido<sup>5</sup> No entanto, diferenciar grupos culturais, fases ou tradições tecnológicas tendo como base principalmente aspectos relacionados à forma dos artefatos, sem levar em consideração matéria-prima, função e cadeia operatória é um procedimento um tanto quanto criticável;

2) Diferentes atividades requerem características de performance distintas, o que acarreta diferentes *designs* das pontas, fazendo com que haja em alguns casos uma relação mais direta entre forma e função e menos direta em outros, ambos sendo, no entanto, sempre mediados pela matéria-prima; isso talvez possa ser um elemento interessante para pensarmos artefatos formais (menor variabilidade no *design*) versus informais (maior variabilidade no *design*) que, nesse caso, estariam relacionados não só a fatores como mobilidade, versatilidade ou transportabilidade, mas também aos tipos de atividade e à organização social da caça (individual, em grupos, de tocaia, de perseguição);

3) Há outros atributos formais, que não a matéria-prima nem a forma da ponta, responsáveis pela diferenciação tipológica de dois artefatos. Como mostramos no caso de *Pó* e *Poteke*, não conseguiríamos detectar a diferença entre ambas no registro arqueológico, já que esta aparece em partes que dificilmente se preservam. No entanto, a relação forma e função estaria assegurada nesse caso, já que ambas, apesar de consideradas tipos distintos, têm a mesma função;

4) Por fim, devemos trabalhar com a noção de variação isocrética tanto intra quanto inter grupos, ou seja, não necessariamente relacionada à diferenciação étnica; o que leva à necessidade de não só mapear as escolhas, mas também entender a sua razão, o porquê desta ou daquela opção, para aí sim podermos falar de estilo.

(5) Não podemos perder de vista que, como ressaltamos no início, não estamos lidando com as possíveis transformações decorrentes do uso, saque e atividades de curadoria, que nesse caso podem alterar a relação forma-matéria-prima-função

A fim de reforçar as hipóteses levantadas acerca do estilo e dos diferentes indicadores de identidade presentes nas flechas Xikrin, pretendemos prosseguir com esse estudo, analisando as demais flechas que compõem a coleção Xikrin do acervo do MAE/USP, tentando entender essas escolhas a partir do interior da sociedade Xikrin e, se possível, estendendo esse trabalho aos outros sub-grupos Kayapó. Somente a partir da comparação de estudos contextuais é que poderemos conhecer as demais possibilidades disponíveis a esses artesãos, para então compreender a razão das escolhas que resultou na variabilidade formal observada, tanto no que diz respeito aos contextos arqueológicos quanto etnográficos.

## Agradecimentos

À Dra. Fabíola A. Silva por ter me oferecido a coleção para estudar e pelas leituras e releituras desse texto. Aos técnicos do MAE, Regivaldo e Fátima que foram sempre muito atenciosos e arrumaram todo o material.

## Créditos

Todas as fotografias de peças do Acervo MAE/USP são de autoria de Wagner Souza e Silva.

BUENO, L.M.R. Style, form and function: from Xikrin's arrows to lithic artifacts. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 211-226, 2003.

**ABSTRACT:** In the present article we analyze the formal variability of the Xikrin's arrows at the MAE/USP collection in order to identify the existence of a specific way of doing arrows of this group and which attributes are essential to define each type of arrow. By classifying the arrows according to Frickel's description (1968) we also sought to investigate the relation between the point's form and raw material and the arrows' function. At last we present some hypothesis to think about the variability of lithic projectile points founded in the archaeological context and the necessity of reviewing the present classificatory framework employed in Brazil for this kind of artifact.

**UNITERMS:** Xikrin – Arrows – Formal variability – Style – Form – Function – Isochrestic variation – Lithic – Projectile points.

## Referências bibliográficas

- BINFORD, L.  
1989 Styles of style. *Journal of Anthropological Archaeology*, 8: 51-67.
- CHIARA, V.  
1986 Armas: Bases para uma classificação. *Suma Etnológica*, V.2, Cap. 4: 117-137
- CHIARA, V.; HEATH, P.  
1978 *Brazilian Indian Archery: a preliminary ethno-taxological study of the archery of the Brazilian Indians*. England: The Simon Archery Foundation, 188p.
- CONKEY, M.  
1990 Experimenting with style in archaeology: some historical and theoretical issues. M. Conkey; C. Hastorf (Eds.) *The uses of style in* *archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press: 5-17.
- CONKEY, M.; HASTORF, C.  
1990 Introduction. M. Conkey; C. Hastorf (Eds.) *The uses of style in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press: 1-4.
- DAVID, N.; KRAMER, C.  
2001 *Ethnoarchaeology in action*. Cambridge, Cambridge University Press, Cap. 7:168-224.
- DIBBLE, H.  
1987 The interpretation of Middle Paleolithic scrapper morphology. *American Antiquity*, 52 (1): 109-117.
- DIAS, A.S.; SILVA, F.A.  
2001 Sistema tecnológico e Estilo: As implicações desta inter-relação no estudo das indústrias



- Íticas do sul do Brasil. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: 95-108.
- DUNELL, R.C.  
1978 Style and Function: a fundamental dichotomy. *American Antiquity*, 43 (2):192-202.
- FRICKEL, P.  
1968 Os Xikrin. Equipamentos e Técnicas de Subsistência. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, n.7
- GREAVES, R.D.  
1997 Hunting and Multifunctional use of bows and arrows: ethnoarchaeology of technological organization among Pumé hunters of Venezuela. H. Knecht (Ed.) *Project Technology*. Interdisciplinary Contributions to Archaeology., New York and London, Plenum Press: 287-320.
- GRIFFIN, P. B.  
1997 Technology and variation in arrow design among the Agta of Northeastern Luzon. H. Knecht (Ed.) *Project Technology*. Interdisciplinary Contributions to Archaeology., New York and London, Plenum Press: 267-286.
- HEGMON, M.  
1992 Archaeological research on style. *Annual Review of Anthropology*, 21: 517-36.
- INGOLD, T.  
2001 Beyond Art and Technology: the anthropology of skill. M.B. Schiffer (Ed.) *Anthropological Perspectives on technology*. Albuquerque, University of New Mexico Press: 17-32.
- LEMONIER, P.  
1986 The study of material culture today: toward an anthropology of technical systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, 5: 147-186.  
1992 *Elements for an Anthropology of Technology*. Michigan, Museum of Anthropological Research (88), University of Michigan: 1-24 e 79-103.
- LÉVI-STRAUSS, C.  
1989 *O pensamento selvagem*. Campinas, Papirus Editora: 15-49.
- MAUSS, M.  
[1935] 1991 Técnicas y Movimientos corporales. In: *Sociologia e Antropologia*. Madrid, Tecnos: 337-353.
- MÉTRAUX, A.  
1986 Armas. *Suma Etnológica*, V.2, Cap. 5: 139-161.
- NELSON, M.  
1997 Projectile Points: Form, Function, and Design. H. Knecht (Ed.) *Project Technology*. Interdisciplinary Contributions to Archaeology. New York and London, Plenum Press: 371-384.
- PFAFFENBERGER, B.  
1992 Social anthropology of technology. *Annual Review of Anthropology*, 21: 491-516.
- ROLLAND, N.; DIBBLE, H.  
1990 A new synthesis of middle paleolithic variability. *American Antiquity*, 55: 480-499.
- SACKETT, J.R.  
1982 Approaches to style in lithic archaeology. *Journal of Anthropological Archaeology* 1: 59-112.  
1985 Style and ethnicity in the Kalahari: a reply to Wiessner. *American Antiquity*, 50 (1): 154-59.  
1986 Isochrestism and style: a clarification. *Journal of Anthropological Archaeology*, 51 (3): 628-634.  
1990 Style and Ethnicity in Archaeology: the case for isochrestis. M. Conkey; C. Hastorf, (Eds.) *The uses of style in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press: 32-43
- SCHIFFER, M.B.; SKIBO, J.  
1997 The explanation of artifact variability. *American Antiquity*, 62 (1):27-50.
- SILVA, F.  
2000 As Tecnologias e seus Significados. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- WIESSNER, P.  
1983 Style and social information in Kalahari San projectile point. *American Antiquity*, 49 (2): 253-76.  
1984 Reconsidering the behavioral basis for style: a case study among the Kalahari San. *Journal of Anthropological Archaeology*, 3: 190-234.  
1985 Style or isochrestic variation? A reply to Sackett. *American Antiquity*, 50 (1):160-66.  
1990 Is there a unity to style? M. Conkey; C. Hastorf, (Eds) *The uses of style in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press: 105-121
- WOBST, H.M.  
1977 Stylistic behavior and information exchange. C.E.Cleland (Ed.) *Papers for the Director: Research Essays in Honor of James B. Griffin*. Ann Harbor, University of Michigan, Museum of Anthropology, *Anthropology Papers*, 61: 317-342.

Recebido para publicação em 15 de dezembro de 2003.

## ESTUDO ESTILÍSTICO E ICONOGRÁFICO DAS ESCULTURAS *Ēdan* DO ACERVO DO MAE-USP \*

Ademir Ribeiro Junior \*\*

Marta Heloísa Leuba Salum \*\*\*

RIBEIRO JR., A; SALUM, M.H.L. Estudo estilístico e iconográfico das esculturas *Ēdan* do acervo do MAE-USP. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 13: 227-258, 2003.

**RESUMO:** O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo possui um conjunto de peças de metal fundido usados por uma instituição tradicional dos iorubás, Nigéria, de caráter político-religioso chamada associação *Ògbóni*. Os objetos dos *Ògbóni* são normalmente feitos de liga metálica, referidos nas publicações como “bronzes”, sendo *Ēdan* um tipo específico desses objetos. O objetivo deste artigo é apresentar um estudo dos *Ēdan* dessa coleção em que sistematizamos os dados documentais, históricos e etnográficos correspondentes e os obtidos através da análise formal, funcional e simbólica das peças. Isso conduziu à caracterização das esculturas *Ēdan* da coleção *ògbóni* do MAE, definindo-as como uma categoria específica de produção técnica, mas sobretudo estilística e iconográfica dos iorubás.

**UNITERMOS:** África: Iorubá – Arte africana: estilística – Escultura em metal – Iorubá: associação *Ògbóni* – Mitologia: *Ilé* – Museus: estudo de coleções.

### Apresentação

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo possui um importante, e inédito, conjunto de objetos de metal fundido usados pela associação *Ògbóni*<sup>1</sup> dos iorubás,<sup>2</sup> Nigéria. Essa

associação é uma instituição político-religiosa tradicional, estreitamente relacionada ao culto a *Ilé* (“Terra” ou “território”, na forma de uma poderosa divindade feminina). As peças dos *Ògbóni* são, em maio-

(\*) Este artigo é resultado de um plano de estudo vinculado ao projeto “Tratamento de acervos africanos em museus do Brasil face aos estudos africanistas no país e aos sistemas de catalogação internacional: o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP”

(\*\*) Bolsista PIBIC/CNPq do Museu de Arqueologia e Etnologia e graduando do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

(\*\*\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(1) Traduzimos a expressão corrente *Ogboni Society* (do inglês) por “associação *Ògbóni*”, para não haver engano em pensá-la como uma sociedade no sentido de uma nação ou povo, e intensificar o sentido de instituição e de fraternidade que ela possui.

(2) Desde já, os termos vernaculares serão grafados conforme a fonética da língua iorubá. A grafia desses vocábulos varia de um autor para outro (especialmente a grafia dos tons e das vogais específicas do iorubá). Por isso, utilizamos a escrita mais difundida dentro do conjunto das obras citadas. Fazem exceção as palavras já aportuguesadas como *axé*, *ifá*, *nagô*, *obi*, *orixá* ou mesmo *iorubá*, que serão grafadas no nosso idioma.



ria, antropomórficas, e, freqüentemente referidas nas publicações como “bronzes”<sup>3</sup>

Todas as esculturas dessa associação podem ser, genericamente, chamadas de *edan*, mas adotamos a definição simplificada apresentada por Morton-Williams (1960: 369), segundo quem o objeto *edan* “(...) consiste essencialmente de duas imagens de latão (ou bronze) – uma de um homem nu, a outra de uma mulher nua – unidos por uma corrente, e cada uma montada num espeto curto de ferro (raramente de bronze)”<sup>4</sup>. Assim, consideramos *edan* os objetos apresentados na Tabela I.<sup>5</sup> Devemos ainda acrescentar que, como o seu sinônimo, *òlóló*, *edan* é um substantivo feminino (cf. Lawal 1995: 41-43 e Morton-Williams 1960: 369), e que se trata, conceitualmente, de um objeto unitário, ainda que formado por duas estatuetas.<sup>6</sup>

As demais esculturas da associação *Ògbóni* têm características semelhantes, mas não apresentam corrente, nem o pino ou espeto de ferro. Em vez disso, têm uma base plana, pés grandes ou pernas ajoelhadas, o que as sustenta na vertical, razão pela qual, presumivelmente, são usadas em altar, sendo algumas delas, por vezes, chamadas de *onilé* ou *ajagbo*. O objeto de que tratamos neste artigo se distingue dessas outras esculturas *ògbóni*, principalmente, porque cada membro possui o seu; é um objeto sagrado que pode ser visto por não iniciados; e, pode ser retirado do santuário onde ocorrem as reuniões dos

(3) Cf. item 2.2., em que trataremos dos problemas de material e técnica.

(4) “(...) consists essentially of two brass (or bronze) images, the one of a naked man, the other of a naked woman, linked together by a chain, and each mounted on a short iron (rarely, brass) spike”

(5) A partir de agora, nos referiremos a cada *edan* estudado pelo número que apresenta nesta tabela. Todas as fotografias deste artigo foram tomadas por Wagner Souza e Silva (MAE-USP), a quem agradecemos seu entusiasmo e colaboração na determinação de vistas que resultassem em imagens reveladoras e expressivas dos objetos, sem abrir mão da fidelidade que um estudo fotográfico científico exige neste caso.

(6) O uso do artigo masculino na frente da palavra *edan* só pode ser aceitável, então, se for referente ao *objeto* a que a concepção de *edan* dá forma. Quando escrevemos “*edan*”, estamos nos referindo, mesmo que implicitamente, ao objeto e, por isso, usamos o artigo masculino. Procuraremos manter esse critério ao longo do nosso texto, no qual o objeto *edan* também poderá ser tratado como escultura. Quando escrevemos “figura” ou “estatueta”, queremos designar uma das duas imagens do *edan*.

membros *Ògbóni* – o *ilédi*.<sup>7</sup> É também, segundo a bibliografia consultada, o objeto que é empregado para os usos mais diversificados dessa associação. Por conseguinte, ele se tornou seu emblema.

O objetivo deste artigo é apresentar uma caracterização dos *edan* do acervo do MAE, sistematizando dados documentais, históricos e etnográficos correspondentes e os obtidos através da análise formal, funcional e simbólica. Dividimos este artigo em três partes: 1. Discussão bibliográfica; 2. Estudo etno-morfológico dos objetos – que está subdividido em quatro itens constitutivos: histórico das peças; classificação funcional; análise estilística; análise iconográfica; e, 3. Conclusão.

## 1. Discussão bibliográfica

### 1.1 Da associação *Ògbóni*

O território iorubano é composto por vários reinos, onde os direitos sobre o uso da terra são patrilineares. O termo *yoruba* foi difundido a partir do século XIX para designar os povos que, além da mesma língua, tinham a mesma cultura e tradições originárias de *Ilé-Ife*, onde, segundo os mitos, o primeiro rei iorubá, *Odùduwà*, estabeleceu-se, vindo do leste. Apesar disso, essas cidades nunca tiveram uma centralização política e esses povos não se chamavam entre si por um único nome. Aqui no Brasil, os escravos de origem iorubá foram mais conhecidos por *nagô* e em Cuba por *lucumi*. Após a *partilha colonial da África* (Congresso de Berlim de 1884-85), esses povos ficaram divididos e hoje estão localizados em cinco países: a maioria no sudoeste da Nigéria, uma parte na República Popular do Benim (ex-Daomé) e alguns grupos no Togo, em Gana e Serra Leoa (cf. Verger 1981: 11-16; Adékòyà 1999: 13-57). Veja o mapa ilustrativo.

A associação *Ògbóni*,<sup>8</sup> também chamada de *Òsùgbó*, é, como já mencionamos, uma instituição

(7) Como explica Lawal (1995: 41): *Ilé odì*, “the house of secrets”

(8) Não devemos confundir a associação *Ògbóni*, tradicional entre os iorubás – conhecida na literatura inglesa como “Aboriginal *Ògbóni* Fraternity – A.O.F.” – com a “Reformed Ogboni Fraternity – R.O.F.”, que foi criada em 1914 por um padre anglicano, o Reverendo Thomas Adésinà Jacobson *Ògùnbíyí*, que revisou os rituais e o simbolismo tradicional para ser aceitável aos cristãos, muçulmanos e indivíduos não-iorubás (Lawal 1995: 39).

Tabela I

Esculturas *edan* da coleção *ògbóni* do MAE - USP



Nº 1

Nº 2

Nº 3



Nº 4

Nº 5

Nº 6

Tabela I (cont.)

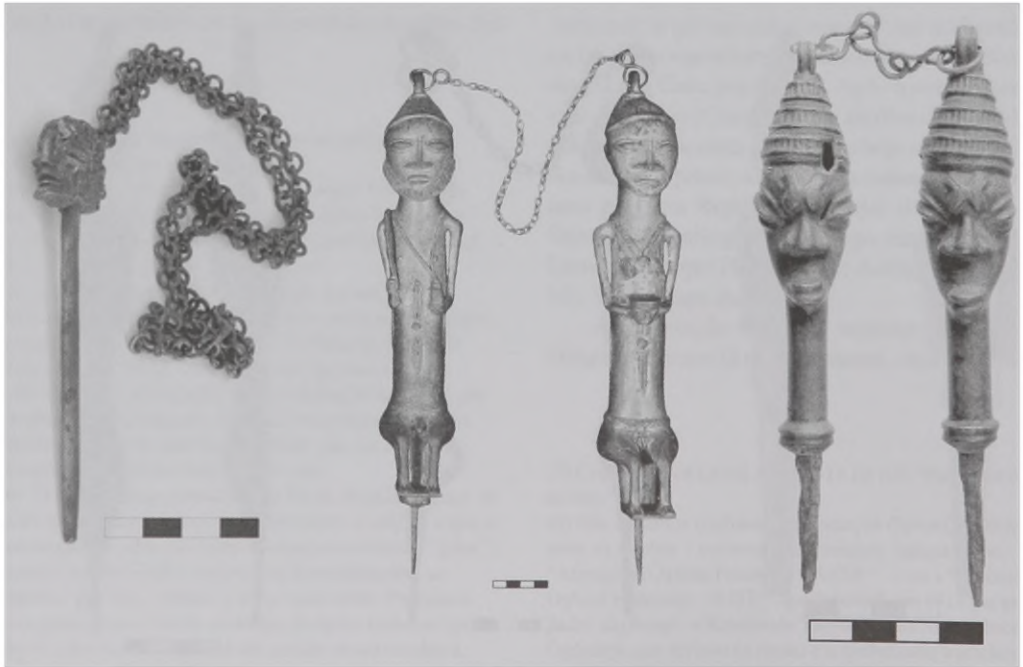
Esculturas *edan* da coleção *ògbóni* do MAE - USP



Nº 7

Nº 8

Nº 9



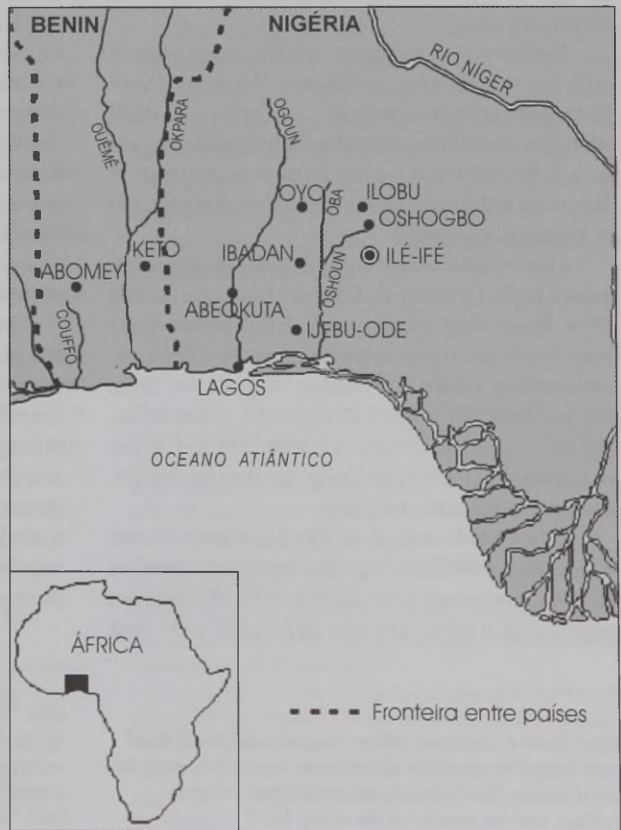
Nº 10

Nº 11

Nº 12

**Tabela I (cont.)**

**Esculturas *edan* da coleção ògbóni do MAE - USP**





com funções religiosas, judiciais e políticas. Ela é uma espécie de assembléia de anciãos da cidade, unidos ritualmente, que regem um importante culto estruturado a partir da cosmogonia dos iorubás – o culto a *Ilê*, que, às vezes, é tida como mais poderosa do que os orixás, e até mãe de todas as deidades iorubanas (cf. Morton-Williams 1960: 364 e Lawal 1995: 41-43).

Não se sabe ao certo quando essa associação foi criada, mas Ulli Beier (*apud* Costa e Silva 1996: 569) afirma que ela deve ter sido uma “ressonância” de uma religião anterior às mudanças políticas efetuadas pela chegada de *Oduduwà* (o “primeiro rei”. ou “fundador da sociedade”) e seus descendentes – aqueles que instituíram o culto dos orixás. De acordo com Costa e Silva, os sacerdotes *Ògbóni* conservaram o poder e o prestígio dentro do novo sistema porque sabiam pacificar *Ilê* e mantê-la fértil. Os sacerdotes *Ògbóni*, no segredo de suas reuniões, teriam continuado a praticar sua fé, cuidar da ordem e estabilidade social e da manutenção dos velhos costumes. Por isso, conforme o autor, “os novos reis viram-se obrigados a prestar homenagem aos *oniles*, ou ‘donos da terra’”

Notamos a semelhança desses dados com os colhidos e publicados por Morton-Williams (1960: 364), que segundo a tradição, “a Terra (...) existiu antes das divindades e o culto *Ògbóni* antes da realeza. A Terra é a mãe a quem os mortos retornam. A Terra e os ancestrais, não as divindades (orixás), são as fontes da lei moral”<sup>9</sup>

O texto mais antigo a que tivemos acesso sobre a associação *Ògbóni* é do Coronel Ellis, que data de 1894. Nessa obra, ele já aponta dois aspectos dessa associação que foram questão de controvérsia durante todo o século XX e sobre os quais, até hoje, não há consenso entre os africanistas: a denominação de “sociedade secreta” e a ambivalência de sua competência que compreende, ao mesmo tempo, assuntos religiosos e seculares.

Ellis (1894: cap. V, 2º §) vê a *Ògbóni* como uma instituição tirânica: “acredita-se popularmente que os membros possuam um segredo do qual deriva seu poder, mas o único segredo parece ser o de uma

poderosa e inescrupulosa organização”<sup>10</sup> Frobenius (*apud* Morton-Williams 1960: 362), explorador e viajante alemão, partilhava concepções semelhantes quando, em 1913, caracterizou a *Ògbóni* da cidade de Ibadan como uma “*Companhia de Decapitação Ltda*”<sup>11</sup>

Esses dois autores reproduzem as ideologias evolucionistas reinantes na virada do século XIX para o XX, acreditando que as sociedades europeias estavam num estágio “superior” de civilização. Deste modo, todas as práticas culturais que se afastavam do padrão ocidental, principalmente os assuntos concernentes ao Cristianismo, eram prontamente consideradas como prova da “inferioridade” de tais povos, e, conseqüentemente, essas práticas culturais eram desprezadas, estando, nessa época, seus praticantes sujeitos à perseguição severa do governo colonial.

Arewa e Stroup assinalam opiniões diferentes quando se referem às idéias de Webster, que vê essa associação como “o último desenvolvimento da sociedade tribal”, e também de Dennett, que sugere “um aspecto senatorial” para essa associação, o qual protegeria o interesse público do despotismo do *oba* (rei) (Webster, Dennett *apud* Arewa e Stroup 1977: 274-276).

William Bascom (*apud* Morton-Williams 1960: 362 e *apud* Arewa e Stroup 1977: 274-276) refuta a classificação de “sociedade secreta” e afirma que, sociologicamente, a associação é semelhante a outros grupos ou associações religiosas iorubás como dos *Egúngún* e *Agemo*. Ele acredita que essa classificação é imprópria e advenha da distinção rigorosa que as culturas ocidentais fazem entre a Igreja e o Estado. E, mesmo que considere a associação *Ògbóni* como religiosa, admite o papel político que ela tem na organização social iorubá.

Morton-Williams (1960: 362), por sua vez, acredita que ela seja uma típica “sociedade secreta” pelos seguintes motivos: seus membros têm poderes seculares porque proclamam poderes místicos, o que lhes outorga privilégios em relação aos não associados; acredita, também, que ela seja seletiva, que exige algumas qualidades e feitos dos que pleiteiam integrá-la; e, ainda, que seus dirigentes tenham o direito de impor sanções àqueles que revelam seus segredos e procedimentos ou quebram os acordos firmados.

(9) “Earth (...) existed before the gods, and the Ogboni cult before the kingship. Earth is the mother to whom the dead return. Earth and the ancestors, not the gods (*oriša*), are the sources of the moral law.”

(10) “The members are popularly believed to possess a secret from which they derive their power, but their only secret appears to be that of a powerful and unscrupulous organization (...)”

(11) “Decaptation Company, Limited”

Essa associação tem poderes maiores que os do *oba*, pois são seus sacerdotes que fazem os funerais e o processo de entronização, cujos ritos são fundamentais na instauração, legitimação e manutenção da ordem social e política. Há um festival anual na Nigéria, em que o *Basorun*, chefe do *Ọyó Misi*<sup>12</sup> joga Ifá<sup>13</sup> para saber se o duplo espiritual do *oba* ainda suporta sua estadia na Terra. Estando inapto para governar, o *oba* é levado a cometer suicídio, fazendo-se envenenar (Morton-Williams 1960: 364).

A *Ọgbóni* possui dois graus de iniciação e participação: o “júnior” ou *Wẹ-wẹ-wẹ* e o “sênior” *Ologboni* ou *Alowo*. Um membro que entra no *Wẹ-wẹ-wẹ* não faz parte dos rituais secretos até ser um graduado quando, então, recebe o título de *Ologboni*. Um *Ologboni* é especialmente nomeado como *Apènà*, sendo ele o responsável pelas funções judiciais do culto. Há um pequeno grupo de mulheres existentes na associação, bem menos numeroso em relação ao dos homens, elas não presidem os rituais. São chamadas *Erelú* e representam os interesses das mulheres da cidade nas reuniões (Morton-Williams 1960: 365-370). O título de *Erelú* aparece no Brasil atribuído à dirigente da associação feminina *Guèlédé* que também existiu na Bahia até os anos 1930 (Carneiro 1967: 64).<sup>14</sup>

De acordo com Lawal (1995: 37), pode-se dizer, em síntese, que a associação *Ọgbóni* cultua o “espírito da Terra”, *Ilẹ̀*, para assegurar a sobrevivência humana, a paz, a felicidade, a estabilidade social da comunidade, a prosperidade e a longevidade. Isso dissolve, definitivamente, a impressão pejorativa com que ela foi descrita pela antiga etnografia.

A maior parte de nossas informações vieram de Peter Morton-Williams, que fez pesquisas na cidade de *Ọyó*, Nigéria, em 1948, e as publicou em 1960. Foi quem primeiro descreveu a associação *Ọgbóni* com maiores detalhes, delineando seu papel político e descrevendo rituais e crenças religiosas que sus-

tentam a sua função no poder secular. Destacam-se, porém, outros autores de referência cuja leitura foi de grande importância para nosso trabalho: Dennis Williams, que, entre 1962 e 1963, fez entrevistas com membros *Ọgbóni* e com os *Akedanwaiye* (artesãos especializados em *edan*), estudando os objetos em campo e em coleções, tais quais as da Universidade de Ibadan e do Museu Nigeriano de Lagos; L.E. Roache, que pesquisou durante os anos de 1968 e 1969 na área rural de Ijebu-Ode, Nigéria; e, finalmente, Babatunde Lawal, que pesquisou durante os anos de 1966 e 1991 em diversas cidades da Nigéria, utilizando a tradição oral para interpretar questões polêmicas como o significado do lado esquerdo e o gênero de *Ilẹ̀* (cf. item 2.4).

No MAE, alguns folhetos em que se reproduzem informações sobre as peças da coleção *ọgbóni* apresentam dados da pesquisa inicial de Marianno Carneiro da Cunha.<sup>15</sup>

## 1.2 Da confecção e utilização do *edan ọgbóni*

### A matéria-prima e a linguagem estética

A escultura *ọgbóni* se diferencia da escultura feita para os orixás. Primeiramente, há diferença no material usualmente empregado. Enquanto as estatuetas de orixás, ou de outras entidades dos iorubás, seriam feitas de fibras, ferro ou madeira –<sup>16</sup> materiais facilmente degradáveis –, a grande maioria das estatuetas *Ọgbóni* é feita com ligas de cobre – um material relativamente mais durável (Williams 1964: 161).<sup>17</sup>

(15) No texto sobre os *Ọgbóni* e os *edan* publicado no catálogo da “Exposição de peças africanas e afro-brasileiras” do MAE, no Congresso Internacional da Escravidão (1988: 27, 30), reproduz-se a legenda usada na exposição do antigo-MAE, quando no Bloco D do CRUSP. Em sua obra póstuma (cf. Carneiro da Cunha 1983), Marianno refere-se ao *edan* quando apresenta “etapas da cera perdida” (p. 985), fazendo apenas breve menção aos *Ọgbóni* (p. 986).

(16) O uso de madeira na escultura ritual relativa aos orixás é restrito apenas a algumas entidades ou modalidades de culto (cf. Salum 1999).

(17) A caracterização metálica dos *edan* é propósito de uma pesquisa em andamento, realizada por uma equipe multidisciplinar de profissionais técnicos e docentes do MAE, da Escola Politécnica da USP e da UFRGS, com apoio do CNPq (Prof. Dr. Responsável: Hercílio Gomes de Melo).

(12) Conselho de Estado da cidade de *Ọyó* externos à realeza e, necessariamente, membros *Ọgbóni*.

(13) Jogo de adivinhação dos iorubás, chamado Ifá, regido pela divindade Orumilá.

(14) Maria Júlia Figueiredo, do Terreiro do Engenho Velho da Bahia, tinha o título de *Iyalóde-Erelú*. Sobre as máscaras e a associação *Guèlédé* na África e seu imaginário no Brasil, cf. item 3 – “Nota sobre a Oxum de Xangô ou sobre a essência da feminilidade” e item 4 – “Marcas honoríficas das ‘iyààgba’ nas estátuas de Frobenius e de Ibadan” (Salum 1999: 184-187).

Segundo Elbein dos Santos (1993: 39-41), o cobre e suas ligas são portadores de axé<sup>18</sup> e esse metal faz parte do grupo do “sangue vermelho” do reino mineral. Mesmo que a pertinência etnológica ou vernacular dessa classificação seja refutada por Verger (1982: 8), não é de todo improcedente a suposição de que a essas ligas seja atribuído, assim como por grande parte da humanidade, pelos iorubás, um significado maior, por causa da cor, do brilho e até da tecnologia demandada não apenas para a extração e manipulação de minérios, mas também pela sofisticação da técnica de elaboração artística do metal.

Williams (1964: 139) caracteriza a estética do *edan* como icônica, linear – “projeção não escultural de um desenho em cera”, hierática e arquetípica. Isto porque se trata de figuras humanas aparentemente tridimensionais, pelo volume, mas detalhadas, via-de-regra, apenas de frente, reforçando sua imobilidade corporal mas feitas de serenas expressões características (cf. destaque da Foto 2). Segundo ele, essas características contrastam com a abstrata, arquitetônica, descritiva e humanística figuração dos orixás. Esse autor ainda afirma que essas diferenças são devidas a distintas funções: enquanto as formas estéticas das estatuetas usadas no culto dos orixás apenas “simbolizam o espírito” a arte *ògbóni* é sacralizada e adorada como se fosse o “envólucro do espírito”

### *O artesão e sua obra*

O escultor de *edan* é chamado *akedanwaiye*, que poderia ser traduzido, segundo Williams, como “aquele que traz o *edan* ao *àyíé*” – o mundo material. Geralmente ocupada por um ancião, essa profissão é evitada pelos jovens pois está associada à impotência e à perda de filhos. Além disso, acredita-se que homens viris podem alterar a forma sagrada da imagem. Isso não é tolerado, pois ela deve ser fundida com todos os atributos que a torne um ícone.

A confecção de um *edan* é relatada por Williams (1964: 143-145). Ela exige uma evocação contínua de um orixá auxiliar.<sup>19</sup> Frequentemente, acredita-se que esse escultor adquira poderes superiores e, por

isso, as pessoas comuns o temem. A sucessão dessa arte é geralmente de pai para filho, mas é o *Apènà* quem, em último caso, define quem será um *akedanwaiye*. É também o *Apènà* quem certifica se a imagem está dentro dos padrões aceitáveis no culto, podendo rejeitá-la.

As fases de confecção podem ser ilustradas pela Foto 1, compondo-se de seis etapas:

a) a providência de um bastão, normalmente de ferro,<sup>20</sup> usado na estrutura da peça como eixo axial;

b) a modelagem da imagem em argila; nessa etapa, o *akedanwaiye* mantém uma vigília de três dias e noites, durante os quais a imagem é mantida no fogo para secar. Depois disso, ele faz libações, simbolizando a importância suprema da imagem, em sua forma de argila, associada com a Terra;

c) o revestimento da imagem de argila com uma camada de cera;

d) a elaboração dos detalhes de superfície da imagem na cera, última etapa da modelagem que precede a fundição, em que são feitos sacrifícios adicionais. Intensas invocações são feitas em nome do orixá auxiliar da feitura, e nos intervalos são quebrados obis (nozes de cola, usadas também para a comunicação com o mundo espiritual) para se assegurar que o processo está indo bem;

e) a fundição: o calor derrete a cera, que escorre por um orifício na parte superior da peça de argila e o lugar, antes ocupado por cera, agora é preenchido com a liga metálica derretida. Essa peça é, então, embrulhada em um pano branco limpo e colocada para secar em um lugar seguro. Isso é feito no ocaso do sexto dia;

f) a revelação da imagem: na manhã do sétimo dia o molde é removido e o *edan* é retirado. Isso deve ser feito de forma muito cuidadosa e sem força. A imagem é lavada e polida com um pano branco. O iniciado providencia miolo de um pão de grãos típico (*ikuru*) que é amassado em cima do novo *edan*. O obi é lançado novamente pelo artesão para se certificar que o objeto está pronto para ser levado para a casa do iniciado. Se a resposta é favorável, novo sacrifício é feito sobre as imagens junto com pimentas. Um pouco mais tarde, elas são mastigadas pelo *akedanwaiye*, que “fala” com o objeto fundido por intermédio

(18) “força vital, que assegura a existência; elemento dinâmico que permite o acontecer e o devir”

(19) Não há na literatura disponível menção de qual orixá se trata.

(20) Na Tabela VI apontamos a incidência de cinco peças do acervo do MAE com pinos de ligas de cobre e não de ferro. Cf. também uma definição do objeto na Nota 5.

do obi. No pôr-do-sol, finalmente, ele é embrulhado em outro pano branco, junto com o seu molde, para ser levado ao santuário. Lá, é lavado pelo *Apènà*. O *Oluwo*, o oficiante principal do culto, declara, então, que o *edan* está pronto. Já em sua casa, o iniciado enterra o molde num lugar secreto escolhido, onde o *edan* passará o resto de sua vida (a descrição se refere aos *edan* de uso pessoal – cf. item 2.2). Mas, embora deixado nesse lugar, o *edan* é removido para propósitos ritualísticos, exclusivamente. É lavado periodicamente com suco de lima e algumas ervas para conter a oxidação do metal e ser limpo do sangue sacrificial.

#### *A escultura e seu uso*

Como dissemos anteriormente, as esculturas *ògbóni* têm múltiplos usos. A literatura relata que o *edan* pode ser usado, por exemplo, para: prever o futuro; curar doenças; afastar “maus espíritos”; julgar cidadãos; enterrar defuntos, entre outros usos. O *edan* é o elo que une a comunidade a *Ilê*.

Vale a pena destacarmos alguns rituais associados a essa escultura depois de sua confecção.

a) Rito de entrada ao grau sênior, segundo Morton-Williams (1960: 368-369).

O ingressante deve trazer os animais para o sacrifício. Ele se inclina e toca o *edan* com a testa e os lábios antes de os animais serem sacrificados e antes de o sangue ser vertido sobre ele. *Ilê* (entidade simbolizada pelo *edan*) é saudada e o iniciado é instruído pelo *Oluwo* que conclui o rito com uma oração para a cidade, como sempre é feito quando um sacrifício é vertido sobre a escultura. Uma corda com três cauris (búzios) enfileirados é amarrada ao redor do pulso esquerdo do ingressante e deve ficar lá até o terceiro dia. Ela é apertada tão fortemente que deixa uma cicatriz escura no pulso esquerdo, o sinal da iniciação.

b) O mesmo rito anterior, relatado por Williams (1964: 145).

No *ilédi*, um banho é preparado para o iniciado numa bacia com água na qual é imersa uma escultura *edan* recém fundida, previamente purificada por sangue de pombo e ervas medicinais. A cabeça, mãos,

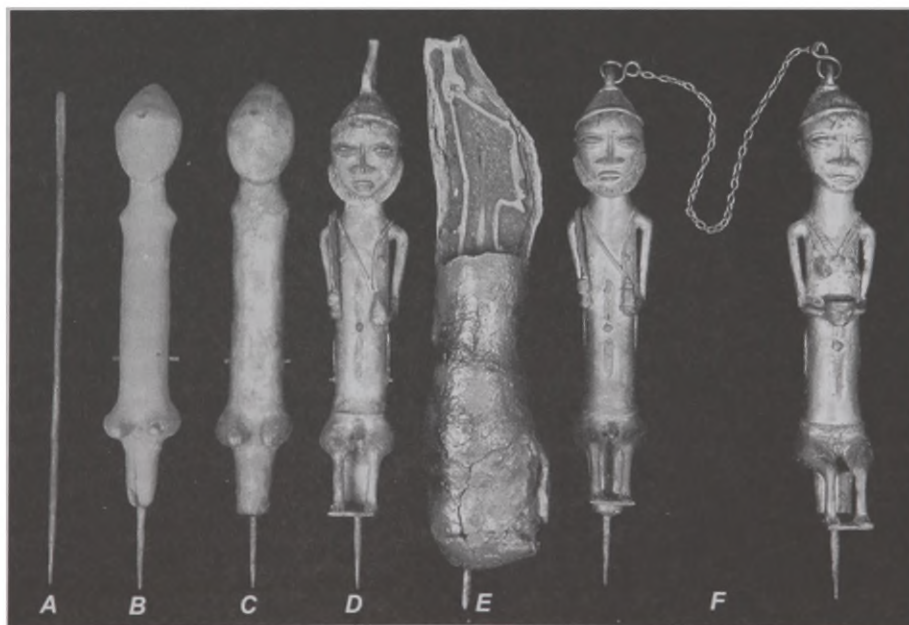


Foto 1 – Ilustração das etapas de fabricação de uma das imagens do *edan* pela técnica da cera perdida.



pés e genitais do iniciado são lavados pelo *Olúwo*. Depois ele é enrolado num pano branco da cintura para baixo. O *Olúwo* invoca bênçãos para o ingressante, que passa o resto do dia evocando força e pureza. Mais tarde, *Ilê* é consultada, por meio do obi, para saber se os ritos foram apropriados e se o iniciado foi aceito. Se o rito não for apropriado, mas o iniciado for aceito, é necessário fazer outro ritual mais elaborado, com sacrifícios mais numerosos. Quando o rito é apropriado e o candidato é aceito por *Ilê*, faz-se uma reunião à tarde onde todos os membros do culto dançam, especialmente o iniciado, que dança freneticamente e invoca virtudes para si. A bacia do banho em que ele foi purificado continua no *ilédi* coberta por um pano branco, em que fica a parte do seu dote à associação *Ògbóni*. Os ritos de oração e purificação continuam por dezesseis dias, depois dos quais o iniciado é considerado um membro sênior, um *Ologboni*.

c) Rito de eleição de oficiante do culto segundo Morton-Williams (1960: 369).

Quando um membro *Ògbóni* é eleito para uma função de oficiante do culto, o *edan* é posto em suas mãos pelo *Apènà* na presença dos iniciados reunidos. Enquanto ele segura a escultura, é dito que apesar de ele agora possuir o título, nunca poderá contar o que acontece no *ilédi*.

d) Brigas entre cidadãos com derramamento de sangue – rito relatado por Morton-Williams (1960: 366).

Na cultura iorubá o derramamento de sangue humano no chão é sacrílego, a menos que se trate de sangue sacrificial. Quando duas pessoas brigam e alguém é ferido, derramando sangue no chão, mesmo que a ferida não seja grave, considera-se ter havido a profanação de *Ilê*. Essa informação chega diretamente ao conhecimento do chefe judicial da *Ògbóni*, o *Apènà*, pelo povo ou mesmo pelo *qba* – tão grave é considerada a situação. Imediatamente ele manda um mensageiro levar um *edan*, o qual é colocado ao lado do sangue derramado. O *Apènà* convoca os outros

oficiais *Ògbóni* e anciãos para se reunirem no *ilédi*, onde os adversários são trazidos. O *Apènà* ouve a disputa e faz um julgamento tentando reconciliar as partes. Ambos pagam uma multa e providenciam animais para o sacrifício. O sangue é vertido sobre o *edan*. Se ficar evidente que uma das partes está mentindo e a disputa não puder ser satisfatoriamente reparada, uma provação é imposta: o *edan* é colocado em uma bacia de água (em algumas outras localidades é adicionado também um punhado de terra). Os disputantes são obrigados a bebê-la. Tem-se que o infrator (ou culpado) morrerá dentro de dois dias.

e) Quando da ofensa entre cidadãos, outro rito relatado por Morton-Williams (1960: 366).

Alguém que tenha sido seriamente ofendido por outra pessoa e que não queira estar envolvido numa disputa longa, cansativa e que envolva outras pessoas, e até feitiçaria, pode apelar para a associação *Ògbóni*. Se o assunto é trivial, o *Apènà* manda os disputantes procurarem seus chefes comunitários ou os chefes de linhagem. Se o problema é realmente sério, ele envia seu *edan*, convocando ambas as partes ao *ilédi*. O malfeitor precisa fazer um pesado pagamento em dinheiro e animais para o sacrifício. Uma escultura *edan* é trazida para fora e os animais são sacrificados sobre ela.

f) Quando da disputa entre os iniciados *Ologboni*, ainda segundo Morton-Williams (1960: 366-367).

Um *Ologboni* pode acusar outro de roubo ou de perseguir sua esposa. Em *Òyó*, na reunião *Ògbóni* que se segue à acusação, uma escultura *edan* é trazida para fora do *ilédi* e posta no chão. O acusado é questionado sobre a acusação. Se ele concordar que é verdadeira, o *Apènà* tentará restaurar as boas relações. Se ele negar a acusação, precisa declarar na frente do *edan*: “*Se eu for inocente, eu não sofrerei nenhum dano. Se eu fiz o que eles estão dizendo, morrerei em dois dias*”. O *Apènà* balança um sino de bronze consagrado e todos os presentes gritam “*Axé!*”. Na região Egbado dos iorubás, as

partes são postas para beber a água em que a estatueta é imersa.

g) Morton-Williams (1960: 366) também se refere a rituais quando ocorre abuso de poder.

A associação *Ògbóni* também pode mandar uma escultura *edan* para outros homens nobres da cidade, que julgue estar ultrapassando os limites de seus direitos e privilégios. O *edan*, colocado na porta da casa desses homens, impede que alguém cruze o portão principal, sendo um marco de vergonha, que sinaliza a atitude inconveniente do morador. O *edan* só pode ser removido quando o culpado reconhecer sua falta com a *Ògbóni* e fizer o pagamento de uma pesada multa, que consiste em animais para serem sacrificados sobre as imagens.

h) Williams (1964: 146) refere-se a um rito funerário dos *Ologboni* usando o *edan*.

A escultura *edan* também desempenha um papel importante nos ritos mortuários dos membros da associação. O corpo é entregue ao oficiante que preside a volta do “espírito” do defunto para o “útero” de *Ilê*. Os parentes compram animais, cujo sangue além de essências materiais são vertidos sobre o cadáver. São feitas marcas ao redor do pulso esquerdo do corpo. Isso significa a remoção dos segredos concedidos durante a vida. Durante esse rito o *edan* é fincado na terra ao lado das têmporas do cadáver, enquanto a corrente que liga as duas partes da escultura repousa sobre a cabeça. O *edan* só é retirado para o enterro, ele nunca é sepultado junto com o defunto. Após o sepultamento, o *edan* volta ao *ilédi*.

i) Há, finalmente, um rito que marca o casamento dos *Ologboni* relatado por Morton-Williams (1960: 367).

Um membro *Ògbóni* idoso, que teme ser envenenado por uma de suas esposas, possivelmente subornada por um rival, pode casar-se com uma jovem, mandando suas outras mulheres viverem em outro lugar. A nova esposa deve cozinhar e cuidar dele sozinha. Ele a leva ao *ilédi* e, lá, parte em dois um obi; com a ponta do *edan* ele apanha um pedaço e o oferece para ela, pegando o outro para si mesmo. Os dois comem cada qual a sua parte, sendo, assim, considerados unidos ritualmente como as duas figuras que compõem a escultura *edan*, e é dito para ela que se o trair certamente morrerá ou ficará louca.



Foto 2 – *edan* 1 (destaque: parte dorsal vista de ¾ pela esquerda).

## 2. Estudo etno-morfológico dos objetos

### 2.1 Histórico das esculturas *ędan* da coleção *ęgbóni* do MAE-USP21

A primeira peça dessa coleção (Foto 2) foi comprada em 1972 da Galeria Segy de Nova York, especializada em arte africana. Essa galeria, na pessoa de Ladislav Segy, manteve correspondência com o MAE nessa fase inicial de constituição do acervo, vendendo peças que atendessem aos critérios estabelecidos pelo Museu. Da associação *ęgbóni* só foi adquirida essa peça.<sup>22</sup>

Os demais *ędan* foram trazidos da África pelo Prof. Dr. Marianno Carneiro da Cunha, que foi leitor da Universidade de Ifę, na Nigęria entre 1974 e 1976.<sup>23</sup> As peças foram compradas em entrepostos de venda de arte tradicional no período dessa viagem. As originárias dos iorubás, incluindo as da associação *ęgbóni*, não puderam ser obtidas na Nigęria porque esse país dificultava a saída do patrimônio cultural tradicional, e foram, segundo consta, provavelmente compradas no Benim, ex-Daomé. As peças, portanto, não foram coletadas em campo, mas adquiridas de pessoas que as revendiam. A exceção é o conjunto das peças didáticas das fases intermediárias da escultura pela técnica da cera perdida (Foto 1), que foi encomendado diretamente do artesão. A maior parte da coleção *ęgbóni* do Museu foi formada nessa viagem do Prof. Marianno.<sup>24</sup>

(21) Cf. também o histórico do acervo africano e afro-brasileiro publicado em Salum e Cerávolo (1993).

(22) Cf. Carta de 27/09/72 – de Ladislav Segy (Galeria Segy – Nova York), para Prof. Dr. Ulpiano Bezerra de Meneses (diretor do MAE); Certificado da Galeria Segy emitido em 27/09/72; Carta MAE - C. 300/72, de 13/11/72, para Ladislav Segy; Recibo de 08/12/72, assinado por Antonietta Borba Muniz de Souza; Carta MAE Of. n.º 346/72, de 20/11/72, para o Reitor da USP, Prof. Dr. Miguel Reale; Carta de 22/11/72, de Ladislav Segy para o MAE; Carta MAE – C305/72, de 23/11/72 para Ladislav Segy (todos esses documentos estão na pasta suspenso “Compras – AF” do Setor de Documentação do MAE).

(23) Cf. Relação da coleção pertencente a José Marianno Carneiro da Cunha, posta em depósito no MAE em agosto de 1976 (pasta “Depósitos – AF”); Relação da coleção de J.M.C.C. posta em depósito no MAE em junho de 1977 (pasta “Depósitos – AF”); fichas catalográficas das peças; Livro de Tombo do acervo.

(24) Dados da entrevista concedida pela Profa. Dra. Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha a Suely Moraes Cerávolo e Patrícia Raffaini em 08/02/1990, registrada em fita cassete.

Essas peças ficaram em depósito no MAE em nome do Prof. Marianno. Após a sua morte, em 1980, elas foram para inventário, e partilhadas entre os filhos – Mateus Nicolau Carneiro da Cunha e Tiago Carneiro da Cunha – e o Museu, que recebeu lotes em doação.<sup>25</sup>

A Tabela II resume o levantamento da documentação disponível e sistematiza os dados existentes, relativos ao processo de incorporação das esculturas ao acervo.

Sobre o seu valor documental, observamos que elas não foram ainda datadas, mas, tendo em vista a época em que foram trazidas da África (1974-76) e o preenchimento “recente” do campo relativo à cronologia em diversas fichas catalográficas correspondentes, podemos tê-las como do século XX. Observa-se que esse culto conservava-se ainda nos anos 1970. E é possível que, de acordo com Roache (1971: 48), tanto nas pequenas vilas como nos grandes complexos urbanos do território iorubá da Nigęria, a *ęgbóni* ainda prospere como há centenas de anos.

### 2.2 Classificação funcional

Não temos conhecimento de uma tipologia que permita classificar as peças *ęgbóni* em coleções e museus. A primeira medida apropriada para analisar esse conjunto de peças e, particularmente, os objetos *ędan*, foi, então, classificá-los pelo uso ou função.

Primeiramente, as esculturas *ędan* da coleção *ęgbóni* do MAE foram desenhadas utilizando-se um formulário de esboço de peças, o qual foi concebido com os seguintes campos:

a) *esboço da peça*: campo em que o objeto foi desenhado de forma panorâmica de frente, perfil e se necessário de costas, contemplando as vistas que possuíam detalhes (a maioria deles não apresenta na sua parte dorsal variações de detalhes; a observação de todas as vistas, inclusive a dorsal foram contempladas, como devem, no estudo fotográfico). As medidas da altura, comprimento e largura foram tomadas e anotadas no esboço desenhado neste campo. Características que chamaram a atenção foram evidenciadas com setas.

(25) Cf. Carta de 30/08/81, de Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha para a Profa. Dra. Gilda Reale Starzynski, Diretora do MAE (pasta “Depósitos – AF”); Relação da coleção doada por Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha ao MAE (pasta “Doação – AF”).

**Tabela II**

**Sistematização da documentação das esculturas *edan* do MAE - USP**

Nº	Tombo	Altura (± 0,5 cm)	Ano de entrada / cidade de origem / forma de aquisição
1.	72/3.4AB	15,0	1972 / origem desconhecida / comprado da Galeria Segy - Nova York
2.	76/2.17AB	21,0 e 22,0	1976 / Abeokutá - Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
3.	76/d.2.9	17,0	1976 / Ijebu (?) – Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
4.	77/d.4.321 e 322	16,5	1977 / Ilobu – Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
5.	77/d.4.328 e 329	25,5	1977 / Ilobu – Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
6.	77/d.4.330 e 331	25,0	1977 / Ilobu – Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
7.	77/d.4.332AB	16,5	1977 / Ilobu – Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
8.	77/d.4.334 e 335	11,5 e 10,5	1977 / Ilobu – Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
9.	77/d.4.336	12,5	1977 / Ilobu – Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
10.	77/d.4.337	11,0	1977 / Ilobu – Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
11.	77/d.4.343MN	38,0 e 38,5	1977 / Ibadan – Nigéria / viagem do Prof. Marianno à África
12.	Sem número (78/d.6.3AB ou 78/d.6.4AB)	12,5 e 13,5	1978 / origem desconhecida / viagem do Prof. Marianno à África
13.	Sem número (78/d.6.3AB ou 78/d.6.4AB)	11,5 e 12,0	1978 / origem desconhecida / viagem do Prof. Marianno à África

b) *detalhes*: todos os elementos de composição da peça foram desenhados separadamente em tamanho maior. Os principais elementos de composição encontrados foram os elementos corporais (olhos, nariz, boca, orelhas, barba cabelo, sexos, seios, mamilos, escarificações ou marcas na pele) e os objetos simbólicos (facão, bacia, colar, pulseira, cinto, coroa ou chapéu).

c) *descrição*: o objeto e as figuras representadas foram descritos observando nas peças as seguintes características:

– quantidade de figuras;

– gênero: masculino, feminino ou indeterminado. Geralmente as figuras masculinas de corpo inteiro possuem o pênis bem evidente. As femininas de corpo inteiro geralmente possuem seios e vagina (que às vezes não passa de uma reentrância sutil). A figura que não evidencia o sexo (*edan* 9), mas segura os seios, foi identificada como feminina porque essa é a representação típica de uma mulher nas esculturas *ògbóni*.

- objetos simbólicos: elementos que acompanham as figuras, como por exemplo, amuletos, bastões, coroas e emblemas;
- gestual: nota-se a posição corporal (em pé, sentado, de joelhos) e a posição dos membros; e,
- material: cor e qualidade do metal ou liga usados.

d) observações: campo em que foram anotadas referências de esculturas semelhantes, além do estado de conservação da peça, como os defeitos encontrados, e, dados relativos à superfície metálica. Esse tipo de objeto, por suas características materiais, está sujeito a alteração química (corrosão), o que justifica a deterioração em que a coleção *ògbóni* se encontra, sendo necessário identificar sua origem e sua gravidade, para adotar meios adequados de interrupção desse processo e de proteção futura.<sup>26</sup>

Após os desenhos procedeu-se a uma divisão inicial das mesmas. Separamos as peças em “grupos” e “sub-grupos” por critérios morfológicos. As categorias preliminares encontradas podem ser vistas na Tabela III.

**Tabela III**

**Classificação preliminar das esculturas**

Grupo	Sub-Grupos	Nº do <i>edan</i>	
Unitário (3)	só a cabeça (2)	gênero não identificado   sem corrente	3
		gênero não identificado   com corrente	10
	corpo inteiro (1)	feminino   sem corrente	—
		feminino   com corrente	9
Par (10)	só a cabeça (4)	par sem corrente	—
		par com corrente	1, 2, 12 e 13
	corpo inteiro (6)	casal sem corrente	4, 6 e 8
		casal com corrente	5, 7 e 11

Com a Tabela III, procuramos orientar o estudo bibliográfico, de maneira que as pesquisas feitas até o momento sobre a associação *Ògbóni* fornecessem subsídios teóricos para se atingir os objetivos desse trabalho.

Notamos que a maioria das esculturas (77%), é formada por casais (pares masculino–feminino, no

caso das peças de corpo todo, e pares que não exibem os sexos, como são as esculturas só com a cabeça). Esses pares estão, na maioria das vezes (69%), ligados por corrente. Mesmo as estatuetas que não possuem corrente têm argolas, sugerindo a união de uma imagem à outra por uma corrente provavelmente perdida (exceção apenas do *edan* 8). Isso ocorre porque a presença e ligação do masculino e do feminino têm significado religioso.

Segundo as informações que Morton-Williams (1960: 369-372) obteve, a Terra, assim como sua contraparte, o “céu” (*Qlqrun*), não é representada por nenhum símbolo na arte *iorubá*, entretanto ela é personificada no *edan*. As imagens, segundo ele, representam um *Ologboni* e uma *Erelú* servindo ao seu mistério, *Awo*.<sup>27</sup> Williams (1964: 142) afirma que “o par, masculino e feminino simboliza a união do céu e da terra na qual a existência humana é baseada”.<sup>28</sup>

Não sabemos se é correto dizer que *Ilê* seja a contraparte de *Qlqrun*, como inferem os dois autores. Elbein dos Santos (1993: 56) afirma que “é comum referir-se à terra como *àiyé* subentendendo-se que *Ilê*, a terra, não compreende a totalidade do *àiyé* e que ao falar-se de *òrun*, não se trata apenas do céu, mas de todo o espaço sobrenatural”

Como escreve a mesma autora, a tradução de *Qlqrun* por “céu” pode levar a enganos. Sabemos que *àiyé* e *òrun* são os dois planos da existência. O *àiyé* é o mundo material, concreto (a terra, as águas e, inclusive, o céu, que se chama *sánmò*). O *òrun* é uma concepção abstrata, é o mundo espiritual, transcendente, e não pode ser localizado em nenhuma parte do *àiyé*, pois ele “é um mundo paralelo ao mundo real que coexiste com todos os conteúdos

(27) “The Earth is not represented by any symbol in Yoruba art, although it is personified. This corresponds to an absence of representation of its counterpart, the sky Olorun”

(28) “The pair, male and female, symbolizing the union of Heaven and Earth on which human existence is based”

(26) Cf. Nota 17.

deste. Cada indivíduo, cada árvore, cada animal, cada cidade etc. possui um duplo espiritual e abstrato no *òrun*; no *òrun* habitam pois todas as sortes de entidades sobrenaturais (...), ou, ao contrário, tudo o que existe no *òrun* tem sua ou suas representações materiais no *àiyé* “(Elbein dos Santos 1993: 54).

Drewal (*apud* Lawal 1995: 45) interpreta as imagens do *edan* referindo-se especificamente ao par como os fundadores originais da comunidade, uma espécie de “Adão e Eva” dos iorubás. Porém, Lawal refuta essa interpretação e concorda com a explicação de Morton-Williams (1960: 369) de que nenhuma figura representa um indivíduo específico, mas o masculino se refere ao papel do *Olúwo*, como sacerdote-chefe dos *Ògbóni*, e a feminina representa o papel das *Erelú*. Lawal ainda acrescenta que o *edan* precisa estar em par para ser eficaz no culto. Segundo as palavras de um ancião *Ògbóni* entrevistado por ele, “(...) o masculino vai junto com o feminino”<sup>29</sup> ressaltando que a perpetuação do ciclo da existência depende da união dos sexos; e “o bem vai junto com o mal”<sup>30</sup> significando que o cosmos iorubá é um delicado e inseparável balanço entre o bem e o mal. O feminino na cultura iorubá indica positividade, complacência; o masculino indica negatividade, rigidez. O fato de o conjunto todo (as duas imagens ligadas pela corrente) simbolizar *Ilè*, e não apenas a figura feminina, não quer dizer que essa divindade seja andrógina, mas sim que é uma divindade completa; ela é, ao mesmo tempo, “(...) firme e delicada, boa e má, generosa e perigosa. (...) Ela é quem dá a vida e quem recebe o morto, a ‘Mãe de Todos’ e ainda a criadora da feitiçaria”<sup>31</sup> (Lawal 1995: 45-46).

Agora que discutimos as interpretações relativas à unicidade da escultura *edan*, vejamos o que os autores escrevem a respeito das esculturas que se apresentam só com a cabeça e as que possuem o corpo inteiro. O grupo de *edan* que

estamos analisando possui 54 % das peças com corpo completo e 46 % delas com a representação apenas da cabeça.

Morton-Williams (1960: 369) relata que cada *ilédi* tem pelo menos dois *edan* que ficam sob responsabilidade do *Apènà*. Um é maior que o outro e mais bem detalhado na execução. Ele nunca sai do *ilédi*. Os outros podem ser simplificados a um par de cabeças diretamente sobre os pinos de ferro (sem o corpo) e ligadas por uma corrente. São eles que seus mensageiros carregam. Essas peças são as únicas que podem ser vistas por não iniciados (com exceção dos *àgbá* – tambores *ògbóni*) e as únicas que podem sair do *ilédi*. Após a iniciação, cada membro *Ògbóni* recebe um *edan*, que depois de sacralizado se torna um talismã chamado *ibqwo*, que protege o seu dono contra feitiçaria usando o poder dos *orixás*.

Williams (1964: 146) também relata o uso de *edan* como amuleto. Segundo ele, esse *edan* é semelhante aos outros, apesar de ser mais rústico, ter tamanho menor (entre 5 e 8 cm) e poder ser confeccionado também em chumbo, marfim ou eventualmente em madeira. Esse tipo de *edan* é levado com o sacerdote, especialmente durante as viagens para ele ser reconhecido como membro *Ògbóni* em outras casas de culto.

Roache (1971: 53) também encontrou *edan* sendo usado como amuleto, devido seus poderes apotropaicos. Ele considera esse tipo de *edan*, via-de-regra, uma miniatura que tem cerca de 3 cm de altura, constituído apenas pelas cabeças.

A cabeça, entre os iorubá, é a parte mais importante do corpo. É chamada *ori*, que, segundo Ribeiro (1995: 191) significa “*literalmente, cabeça física. Esta é, entretanto, símbolo da cabeça interior chamada ori inu, que constitui a essência do ser e controla totalmente a personalidade do homem, guiando e ajudando a pessoa desde antes do nascimento, durante toda a vida e após a morte. É pois, a centelha divina no humano. Ori é que recebe de Deus [Olorun] o destino, por ocasião do nascimento da pessoa*”

A partir dessa análise bibliográfica, e considerando nosso material empírico, deduzimos que existem pelo menos três classes funcionais para as esculturas *edan*. Suas características são agrupadas na Tabela IV.




(29) “(...)Tako, tabo, èjìwàpò (Male and female go together)”

(30) “(...)Tibi, tire, èjìwàpò (Good and evil go together)”

(31) “(...) she is both firm and tender, good and evil, generous and dangerous. (...) She is the giver of life and receiver of the dead, the “Mother of All” and yet the originator of witchcraft”



Tabela IV  
Classificação funcional de *edan*

Classe	Características
 <p><i>edan</i> de <i>ilédi</i></p>	São peças maiores e mais detalhadas, mostrando o corpo todo do casal de figuras, que permanecem e são usadas em cultos dentro do <i>ilédi</i> .
 <p><i>edan</i> pessoal (<i>ibqwo</i>)</p>	São esculturas pessoais que podem mostrar o corpo inteiro das figuras, mas são de tamanho menor e mais rústicas. Usadas como amuleto e identificador do associado.
 <p><i>edan</i> de mensagem</p>	São usadas pelos mensageiros do <i>Apènà</i> fora do <i>ilédi</i> . São mais simples, podendo apresentar somente as duas cabeças.

A classificação se baseou na forma e tamanho do objeto. Porém, o que define a classe de *edan* é o uso que fazem dele, mais que seu tamanho ou forma. É possível que imagens simples e pequenas sejam usadas dentro do *ilédi* e que imagens grandes e elaboradas sejam usadas nos cultos fora dele. O tamanho da peça, por si só, não expressa o menor ou maior poder da escultura, mas pode ser o reflexo do poderio político-econômico do reino iorubá a que pertence. Desta forma, nos é impossível precisar que tipo de uso as peças *edan* do MAE tiveram, pois a documentação das mesmas não tem nenhuma indicação sobre isso. Essa classificação, portanto, serve como um instrumento de representação e ilustração das diversas formas, possibilidades de usos e crenças que a escultura *edan* possui.

### 2.3 Análise estilística

A partir da observação das peças, dos desenhos e das fotografias, construímos modelos para os

elementos presentes nas estatuetas. Eles estão agrupados na Tabela V. Na Tabela VI, condensamos os dados da tabela anterior, apresentando um mapa geral de todos os tipos de elementos presentes. Lembramos que, por serem modelos, podem sofrer algumas variações de tamanho e de acabamento, de acordo com a peça. Os desenhos dos modelos foram tomados das vistas que dão melhor visualização dos elementos característicos recorrentes. Na maioria dos casos, o desenho foi tomado de frente da figura humana. Quando usamos outras vistas, elas vão mencionadas na própria tabela. Os desenhos da Tabela V foram elaboradas em traço digital por Ademir Ribeiro Junior, a partir das fotografias tomadas por Wagner Souza e Silva, destacando elementos significativos resultantes da análise estilística (cf. Nota 5).

A partir do exame das Tabelas V e VI, podemos apontar algumas observações que caracterizam as esculturas analisadas:

a) as correntes são todas de ligas de cobre. A literatura consultada confirma que essas ligas são as

Tabela V



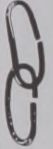



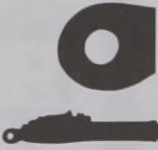




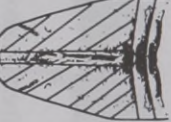
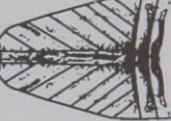




Elemento	Tipos / Número do <i>edan</i>							
<b>Corrente</b>								
	elo circular: 9 (1 elo); 10 (cerca de 180 elos); 12 (2 elos).	elo elíptico: 5 (29 elos); 11 (54 elos).	elo retangular abaulado: 2 (6 elos); 7 (4 elos); 13 (8 elos).	elo "borboleta": 12 (3 elos).	elo em forma de "S plano": 1 (6 elos); 5 (2 elos); 11 (2 elos).	elo em forma de "S tridimensional": 9 (14 elos).		
	<b>Argola</b>							
		lisa e com abertura perpendicular ao plano da face: 1; 3; 4; 5; 6; 7; 9 (nuca); 10 (nuca); 11; 12; 13.	trançada e com abertura paralela ao plano da face: 2					
		<b>Coroa</b>						
			tipo 1 1	tipo 2 2	tipo 3 3	tipo 4 4 (♂)	tipo 5 4 (♀)	tipo 6 5; 6
								
								tipo 7 7
							tipo 8 11	
							tipo 9 12	



Tabela V (cont.)  
Tipos / Número do *edan*

Elemento

		
<b>tipo 1</b> (perfil direito) en forma de cunha semi-circular: 8	<b>tipo 2</b> (perfil esquerdo) cabeleira: 10	<b>tipo 3</b> (perfil direito) chifres: 9

Cabelo

				
<b>tipo 1</b> 5; 6; 8; 11	<b>tipo 2</b> 7; 9; 12	<b>tipo 3</b> 2; 3	<b>tipo 4</b> 4; 10; 13	<b>tipo 5</b> 1

Olhos

			
<b>tipo 1</b> chato: 1; 3; 6; 9; 10; 13	<b>tipo 2</b> tripartido com base triangular: 2; 5; 11; 12	<b>tipo 3</b> pontagudo com base triangular: 7; 8	<b>tipo 4</b> arredondado: 4

Nariz

Tabela V (cont.)

Tipos / Número do *edan*

Elemento



tipo 1

1; 2; 3; 5; 6; 10; 11; 12; 13



tipo 2

4; 7; 8; 9

Boca



tipo 1

semi-circular:  
1; 8; 9; 13



tipo 2

forma de vírgula:  
4; 5; 6; 11



tipo 3

buraco circular:  
7

Orelhas



tipo 1

com elementos redondos:  
2: (♂) (19 anéis),  
(♀) (17 anéis); 3 (15 anéis)



tipo 2

segmentada:  
1 (♂); 5 (♂); 11 (♂)

Barba

Tabela V (cont.)  
Tipos / Número do *edan*

Elemento



tipo 1

com pingente esférico:

4 (♀); 5 (♀); 6; 11 (♀)



tipo 2

com pingente espiral:

7



tipo 3

inteiriço duplo:

8; 13



tipo 1

flácidos:

5 (♀); 6 (♀); 7 (♀); 8 (♀); 9 (♀)



tipo 2

proeminentes:

4 (♀); 11 (♀)



tipo 3

esféricos:

7 (♂); 11 (♂)

Seios /  
mamilos



tipo 1

mão esquerda sobre a direita:

4 (♀); 6 (♂); 7; 8 (♂)



tipo 2

braços em forma de *osù*

(segurando os seios):

5 (♂); 6 (♂)

Gesto  
com  
braços e  
mãos

Tabela V (cont.)

Tipos / Número do *edan*

Elemento

<p><b>tipo 1</b> bornal ou cabaça alçada (?): 4 (mão esq. ♂); 5 (mão esq. ♂); 11 (mão esq. ♂).</p>	<p><b>tipo 2</b> porrete (?): 4 (mão dir. ♂)</p>	<p><b>tipo 3</b> facão: 5 (mão dir. ♂); 11 (mão dir. ♂)</p>	<p><b>tipo 4</b> bacia: 11 (duas mãos ♀)</p>	<p><b>tipo 5</b> colher: 8 (duas mãos ♀)</p>	<p><b>tipo 6</b> bastões: 9 (duas mãos ♀)</p>
<p>Umbigo/ ventre</p>					
(vista frontal de 3/4 pela esquerda)					
<b>tipo 1</b>					
proeminente: 5; 6; 7; 11					
<p><b>Marca/escarificação</b> 1 (testa); 2 (bochechas); 7 (bochechas)</p>	<p><b>tipo 2</b> 1 (bochechas); 3 (bochechas)</p>	<p><b>tipo 3</b> 10</p>	<p><b>tipo 4</b> 11 (testa); 12 (testa)</p>	<p><b>tipo 5</b> 7 (costas)</p>	<p><b>tipo 6</b> 7 (nas laterais do corpo)</p>
<p><b>tipo 7</b> 11 (acima e abaixo do umbigo e nas laterais do corpo)</p>					

Tabela V (cont.)

Tipos / Número do *edan*

Elemento



**tipo 5**  
inteiriço duplo:  
12



**tipo 4**  
inteiriço:  
2



**tipo 3**  
com linhas  
inclinadas para  
a esquerda:  
1



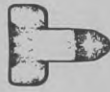
**tipo 2**  
com linhas inclinadas para a  
direita:  
8 (♀); 11 (♂)



**tipo 3**  
triangular com  
três buracos:  
7



**tipo 2**  
dividida em dois: 4; 11



**tipo 2**  
naturalista:  
7



(perfil direito)  
**tipo 3**  
distendidas:  
8



(perfil direito)  
**tipo 2**  
formando ângulo reto:  
9; 11



**tipo 1**  
descontínuo:  
4; 5; 6; 11 (♂)



**tipo 1**  
pequena reentrância: 5; 6



**tipo 1**  
cilíndrico / cônico:  
4; 5; 6; 8; 11



(perfil direito)  
**tipo 1**  
flexionadas:  
5; 6; 7

Vagina

Pênis

Pernas

Tabela VI

Elementos	<i>edan</i>												
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
corrente	♂	♀	♀	♂	♀	♂	♂	♀	♀	?	♂	♀	♀
argola	5 (Cu)	3 (Cu)	-	-	2e5 (Cu)	-	3 (Cu)	-	1e6 (Cu)	1 (Cu)	2e5 (Cu)	1e4 (Cu)	3 (Cu)
coroa	1	2	1	1	1	1	1	-	1	1	1	1	1
cabelo	1	2	2	3	4	5	6	7	-	-	8	8	9
olhos	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	3	-	-
nariz	5	3	3	4	4	1	1	2	2	1	1	2	2
boca	1	1	2	1	4	4	2	1	1	1	2	2	2
orelhas	1	1	1	2	1	1	2	2	2	1	1	1	1
barba	1	1	-	2	2	2	2	3	1	1	2	2	1
colar	2	-	1	1	2	-	-	-	-	-	2	-	-
seios / mamilos	-	-	-	-	1	1	1	2	2	3	3	-	3
gesto com braços e mãos	-	-	-	2	1	1	3	1	1	-	3	2	-
pulseira	-	-	-	1	2	1	2	1	1	-	-	-	-
objeto	-	-	-	-	-	-	X*	X*	-	-	-	-	-
umbigo / ventre	-	-	-	1e2	1e3	-	-	-	5	6	1e3	4	-
marca / escarificação	1e2	1e2	1	2	-	-	1,5e6	1,5e6	-	3	4e7	4e7	4
cinto / faixa	3	3	4	4	1	1	1	1	1	-	1	2	5
sexo	-	-	-	1	2	1	1	2	3	1	1	2	-
nádegas	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-
pernas	-	-	-	-	-	1	1	1	1	3	2	2	-
pés	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-
pino	Fe	Fe	Fe	Cu	Fe	Fe	Fe	Fe	Cu	Cu	Fe	Fe	Fe

Obs.: 1) Os números correspondem aos respectivos tipos da Tabela V;

2) X: elemento presente;

3) -: elemento ausente;

4) Fe: material de ligas de ferro;

5) Cu: material de ligas de cobre (latão, bronze etc.);

6) \*: presente no pulso esquerdo e direito.

mais usadas, mas registra também que, raramente, alguns *edan* apresentam corrente de ferro (Williams 1964: 157-160);

b) a argola, usada para unir a imagem à corrente, é lisa e fica posicionada no topo da cabeça, num plano perpendicular ao plano da face (exceção apenas dos *edan* 9 e 10, que possuem argolas na nuca, e do *edan* 2, que possui a argola num plano paralelo ao plano da face);

c) exceto o *edan* 13, todas as esculturas apresentam algum adorno na cabeça, considerando-se também, como adorno, a forma de um cabelo artisticamente penteado (como é o caso dos *edan* 8, 9 e 10). Esses adornos possuem formas que sugerem um movimento para o alto. Isso pode ser observado no formato cônico das coroas dos *edan* 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8 e 9; no formato helicoidal das coroas presentes nas figuras do *edan* 9; no formato cuneano do cabelo das figuras do *edan* 8; e, no formato cônico e trançado do cabelo da figura do *edan* 9. Destacamos que o cabelo da peça 9 é muito semelhante a um tipo de escultura de altar dos *Ògbóni*, encimada com pontas como dois chifres. Morton-Williams (1960: 370, prancha IIa), apresenta um exemplar do Museu Nigeriano, que tem cerca de 76 cm de altura, e é chamada *onilé* ou *ajagbo* – isto para apontar, aqui, um exemplo de recorrência de elementos das estatuetas de altar nos *edan* propriamente ditos;

d) os elementos fisionômicos (olhos, nariz, boca e orelhas) estão presentes em todas as estatuetas (com exceção da orelha, que, quando presente, muitas vezes está voltada para trás, não sendo vista, normalmente, de face). Isso ocorre por causa da importância que a cabeça tem em relação às outras partes do corpo (cf. item 2.2), mas também pela valorização da parte frontal da maioria delas;

e) todas as figuras das esculturas possuem olhos grandes e o globo ocular projetado para fora. Isso é uma característica muito marcante da figuração humana na arte *ògbóni*;

f) todas as figuras possuem a boca aberta. Isso pode ser uma referência à palavra. Nas tradições africanas a palavra falada tem, além de um valor moral fundamental, um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas depositadas nela. Além disso, a fala teria o poder de colocar em movimento forças que estão contidas dentro do homem, sendo, assim, a materialização ou exteriorização das vibrações dessas forças. Por ter

um valor tão significativo e importante, a palavra não é usada desnecessariamente e sem prudência (Hampâté Bâ 1982);

g) a barba é um elemento que simboliza a sabedoria e a longevidade. De fato, os sacerdotes *ògbóni* são anciãos grandes conhecedores da cultura iorubá, pois são iniciados no jogo de Ifá e grandes depositários da tradição oral. A barba não é um bom parâmetro para a identificação do gênero das figuras porque as femininas também podem ser esculpidas com esse elemento (cf. *edan* 2);

h) todas as figuras femininas, que apresentam a figuração humana completa, possuem seios, e têm as mãos estendidas em gesto de oferecimento (cf. item 2.4);

i) quanto ao gestual e aos objetos, observamos as características abaixo:

– quando as figuras do *edan* não estão fazendo o gesto típico *Ògbóni* (mão esquerda sobre a direita) ou segurando os seios, no caso das femininas, elas portam alguns objetos nas mãos;

– as figuras masculinas seguram *dois tipos de objetos*; um é relacionado ao gênero *masculino* – um facão ou um porrete – que fica na mão *direita* (o lado direito é masculino para os iorubás); o outro tipo é relacionado ao gênero *feminino* – uma cabaça com alça ou uma espécie de bernal –, que fica na mão *esquerda* (lado tido como feminino);

– as figuras femininas, por outro lado, seguram *apenas um objeto*, que é sempre relacionado ao gênero *feminino* (bacia, colher ou dois bastões);

j) as marcas corporais ou escarificações podem ser sinais iniciáticos (como os dois símbolos da lua crescente) ou marcas de identidade étnica (como os riscos no rosto);

l) os adereços da cintura ocorrem tanto nas esculturas que detalham apenas a cabeça quanto nas que se apresentam de corpo inteiro;

m) a vagina geralmente é sutil (um vinco no baixo-ventre) ou pode nem ser evidenciada, enquanto o pênis aparece em todas as figuras masculinas de corpo todo, e é exageradamente grande;

n) as figuras do *edan* quase sempre estão sentadas (exceto o *edan* 8, no qual as figuras estão em pé). A posição sentada é associada em vários lugares

da África ao chefe, por isso, é também uma insígnia de poder e autoridade – uma postura freqüentemente associada ao rei;

o) a maioria das estatuetas possui pinos de ferro. Enquanto 5 figuras (22% num total de 23 imagens) possuem pinos de ligas de cobre, 18 figuras (78 %) possuem pinos de ferro. Morton-Williams, na sua definição estrita de *edan*, menciona que também há *edan* com pino de “bronze” ainda que raramente (cf. Nota 4); e, finalmente

p) observamos que muitos dos elementos do *edan* possuem formas inspiradas no imaginário *Ògbóni* que iremos examinar a seguir. Antes porém, enfatizamos aqueles que merecem destaque:

– os quatro tipos de nariz encontrados nas imagens tendem a ter a base triangular, provavelmente inspirados na simbologia importante, como veremos, que o número três possui entre os *Ògbóni*;

– os braços das figuras femininas, quando seguram os seios, ficam numa posição que lembra duas parábolas opostas, ou um duplo sinal da lua crescente;

– a barba presente nos *edan* 1, 2, 3, 5 e 11 é delineada de modo a lembrar, também, o símbolo da lua crescente; isso ocorre, ainda, com o par de orelhas das figuras presentes nos *edan* 4, 5, 6 e 11;

– as coroas, tendendo a uma forma cônica, delineiam um falo, especialmente as coroas dos *edan* 1 e 11.

## 2.4 Análise iconográfica

A unicidade do casal ligado pela corrente, o realce dos sexos e a importância da cabeça já foram abordados quando da classificação funcional (cf. item 2.2), que, como vimos, está vinculada, do ponto de vista morfológico, sobretudo a esses três fatores. Agora nos ocuparemos em analisar a significação de outros símbolos recorrentes nas peças.

### *Òsì* – o lado esquerdo

A preponderância do lado esquerdo (*òsì*) sobre o lado direito (*òtún*) está representada no gestual típico *Ògbóni* que coloca a mão esquerda sobre a direita com os punhos cerrados e o polegar escondido (cf. Tabela VII). Eles saúdam *Ilê* fazendo esse gestual três vezes na altura do abdome, enquanto dizem uma saudação (Morton-Williams 1960: 372). Os iniciados também se cumprimentam com a mão esquerda e se movem para a esquerda enquanto dançam ao som das batidas dos *àgbá* (tambores) dentro do templo ou santuário *ilédì* (Lawal 1995: 43).

Segundo Elbein dos Santos (1993: 70), “de maneira geral, o que é masculino é considerado como pertencendo à direita e o que é feminino como pertencendo à esquerda”. Mas em Drewal (*apud* Lawal 1995: 43-44), consta que o lado esquerdo nas estatuetas *ògbóni* não está relacionado ao feminino, mas sim ao sagrado, e por consequência, aos assuntos potencialmente perigosos.

Lawal discorda dessa acepção, recorrendo à tradição oral, sobretudo aos versos do Ifá, para afirmar que *Ilê* é uma divindade feminina e que o

Tabela VII

### *Òsì* – o lado esquerdo



detalhe do *edan* 4



detalhe do *edan* 6



detalhe do *edan* 8



lado esquerdo, *òsì*, representa o escondido, o suave, o poder espiritual feminino, enquanto o lado direito, *òrun*, representa a força física masculina, a rigidez (cf. um confronto entre essas duas concepções em Salum 1999: 168-170). Por isso, a mão esquerda é metaforicamente conhecida entre os iorubás como a “*mão da paz*” ou a “*mão do segredo*”<sup>32</sup> Com esses novos dados, ele conclui que, na iconografia *ògbóni*, o lado esquerdo representa o feminino e o laço entre mãe e filho – e entre os “filhos da mesma mãe” (*Qmo Ìyá*), como os membros *Ògbóni* costumemente se denominam.

É importante lembrar que, genericamente e universalmente, formas côncavas ou massas com reentrâncias são associadas à vagina e tidas como femininas. Fenômeno semelhante ocorre com as “cavernas” ou “grutas”, e com a “terra”. Na iconografia do Cristianismo primitivo é comum vermos a Virgem Maria dando à luz no interior de uma gruta, e não em um estábulo.

No romance “O mundo se despedaça” do escritor nigeriano Chinua Achebe (cf. Achebe 1983) fica evidenciado o papel central do culto à terra também para os ibôs. Tratando da questão, ainda que literariamente, o autor revela como a terra personifica-se em divindade feminina e como esse culto foi desestruturado pelos colonizadores. Considerando a proximidade geográfica e cultural dos ibôs com os iorubás, esse paralelo vem reforçar a profundidade do significado de *Ilê*, como “território” ou “divindade”, na compreensão do imaginário *ògbóni*.

### *Ééta* – o número três

O número três é muito recorrente na iconografia *ògbóni*. Podemos vê-lo representado nos elementos triplos ou em forma triangular. A Tabela VIII mostra alguns arranjos possíveis, mas há muitos outros encontráveis, de forma idealizada, nos elementos de estilo (cf., por exemplo, as construções de coroas e narizes, ou estruturas das correntes e escarificações da Tabela V).

De acordo com os autores consultados, a união do masculino e do feminino na imagem do *edan* simboliza a formação do “terceiro”. Seria como aquele gerado pela complementaridade de partes, aquele que

se segue – a progeneritura, ou o devir, reiterando os laços entre passado, presente e futuro. Essa tríade se estabelece quando um *Ologboni* é visto com as duas figuras humanas no peito, usando o *edan* pendurado no pescoço, como mostra a renomada foto de William Fagg (Blier 1997:97, f. 78).

O terceiro elemento é *Ilê*, o mistério, o próprio segredo compartilhado (Morton-Williams 1960: 373) – que tem raízes ancestrais. Para Lawal (1995: 44), “o número três (*eéta*), (...) significa poder dinâmico (*agbára*), ambos físico e metafísico. (...) A terceira parte *Ilê/Edan* – é a força da ligação da promessa, companheirismo, contrato, obrigação, ou responsabilidade moral”<sup>33</sup>

Esse número, segundo Morton-Williams (1960: 373), também está presente na concepção iorubá dos três estágios da existência humana: a saída do *òrun* para viver no *àyé* e eventualmente se tornar um espírito em *Ilê*. Os iorubás também acreditam na existência de três componentes “espirituais”: *èmi* (a respiração); *ara-òrun* (um componente que retorna para o *òrun* para renascer), e *imole* (que se torna um ancestral).

Elbein dos Santos (1993: 71) aponta que três são também as forças que constituem o universo e tudo o que existe: *Ìwà*, princípio da existência, *Axé*, princípio da realização, e *Ábá*, princípio orientador. E, nos terreiros nagôs da Bahia a que se refere a autora, o número três também está ligado à terra: “toda ação ritual no ‘terreiro’ está indissolúvelmente ligada à terra; desde *Qlorun*, passando por todos os orixás até os ancestrais, todos são saudados e invocados no início de cada cerimônia derramando um pouco de água três vezes sobre a terra” (idem: 57).

### *Osù* – símbolo da lua crescente

Drewal (*apud* Lawal 1995: 47) interpreta o símbolo da lua crescente como a abstração de um pássaro, que é um dos emblemas das “feiticeiras” iorubás. Confirma o “*edan* sentado com pássaros ‘mensageiros’” – peça da coleção R. Cte de la Burde, (Roache 1971: 51, f. 7) – em que os corpos dos pássaros, representados de perfil sobre a

(32) “*owò àláfià (the hand of tranquillity)*” e “*owò awo (‘hand of secrecy’)*”.

(33) “*The number three (eéta), on the other hand, signifies dynamic power (agbará), both physical and metaphysical. (...) the third party – Ilê/Edan – is the binding force of a promise, fellowship, contract, obligation, or moral responsibility.*”

Tabela VIII

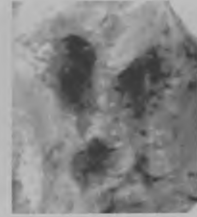
*Eéta* – o número três



pernas flexionadas formando um triângulo – detalhe do *edan* 5 (perfil esquerdo).



escarificação em forma de triângulo – detalhe do *edan* 7 (perfil esquerdo)



vagina em forma triangular com 3 buracos – detalhe do *edan* 7



olhos tripartidos e nariz em forma triangular, dividido em três – detalhe do *edan* 12



porrete (?) com 3 divisões de 3 – detalhe do *edan* 4



corrente com 3 elos e coroa com divisões de 3 – detalhe do *edan* 12

cabeça da figura, têm denotada forma de meia lua. Outra interpretação vem dos informantes de Lawal, segundo a qual esse símbolo é *Osù*, a lua crescente, associado à inovação e a regeneração. Ele é conhecido pelas mulheres iorubás, que se baseiam na fase crescente e minguante da lua como calendário menstrual. Ora, as “feiticeiras” não deixam de ser agentes dinâmicos e transformadores, havendo consonância no cruzamento da argumentação dos dois autores citados.

Encontramos esse símbolo em vários elementos dos objetos: nas escarificações na testa das imagens (*edan* 11 e 12), na posição dos braços femininos segurando os seios (*edan* 5 e 6), nas orelhas que ficam na parte posterior da cabeça (*edan* 4, 5, 6, 8), no formato do cabelo (*edan* 8), e nas barbas de algumas peças (*edan* 1, 5 e 11). Ele pode aparecer de forma dupla como as marcas na testa do *edan* 12. Exemplos do aparecimento da forma da lua crescente nos *edan* vêm-se destacados na Tabela IX.

*Espiral, círculos concêntricos e forma cônica*

Os informantes de Lawal (1995: 47-48) deram duas diferentes, porém relacionadas, interpretações sobre a espiral e os círculos concêntricos que aparecem nas estatuetas. A primeira delas diz que esse símbolo representa o giro (*ranyinranyin*) da forma cônica de um caramujo (*òkòtò*), que é brinquedo de criança, e está associado com o crescimento, movimento dinâmico e, por extensão, com o poder transformador de Exu – o mensageiro divino e intermediário entre *Ilê* e *edan*. A outra versão diz que esses motivos gráficos significam o poder expansivo de Olocun – a divindade do mar e da abundância. A água e a terra são dois aspectos do mesmo fenômeno cultuado pela associação *Gèlèdè* como *Ìyá Nlá* (“Mãe-Natureza”), que é chamada, segundo o autor, “*Olókun àjàró òkòtò*” – a divindade do mar que gira como o caramujo *òkòtò*.

Notamos esses símbolos em diversos elementos. Alguns exemplos estão destacados na Tabela

Tabela IX

*Osù* – símbolo da lua crescente



barba em forma de lua crescente – detalhe do *edan* 5



cabelo em forma de lua crescente – detalhe do *edan* 8



formato de lua crescente atrás da cabeça – detalhe do *edan* 12



símbolo duplo da lua crescente na testa – detalhe do *edan* 12



orelhas na parte posterior da cabeça – detalhe do *edan* 5



braços em forma de *osù* – detalhe do *edan* 6

X. O que pode vir a reforçar a atribuição do formato cônico, circular concêntrico e espiral a Exu é, provavelmente, o formato de glândula que algumas coroas apresentam, como as dos *edan* 1 e 11. O pênis é um dos principais símbolos de Exu (cf. Verger 1981: 78-79), sendo as formas fálicas da escultura dos iorubás atribuídas a essa entidade. O cabelo do *edan* 10 é também muito parecido com a cabeleira de Exu da estatuária em madeira.

#### Objetos simbólicos

Os objetos sustentados pelas figuras humanas de um *edan* simbolizam aspectos importantes das crenças *ògbóni* e são como que pequenas réplicas dos objetos utilizados nos rituais da associação. Segue abaixo considerações sobre eles.

a) A *colher* representa a renovação e o reabastecimento. É um símbolo geralmente vinculado à figura feminina (como no *edan* 8), pois remete às mulheres *Erelú* que, entre outras tarefas, preparam a comida servida no *ilédì* (Lawal 1995: 47).

b) Os *bastões*, ou cetros cerimoniais, são símbolos de poder e autoridade dentro dos cultos religi-

osos iorubás. O *edan* 9 carrega um par desses bastões, que pode ser uma auto-referência ao *edan* (uma imagem do *edan* segurando outro *edan*).

c) A *bacia* é usada pelo *Olúwo* para lavar o iniciado (Williams 1967: 145), ganhando nova significação, pois é também essencial nas tarefas judiciais (Morton-Williams 1960: 366). Geralmente é segura pela figura feminina, como no *edan* 11.

d) O *facão* é um símbolo associado ao masculino e, por isso, é segurado pela mão direita (o lado direito é o lado masculino). Simboliza o sacrifício e também é uma referência às penalidades aplicadas a qualquer um que revele segredos ou quebre acordos relativos à associação.

e) O *porrete* também é um símbolo associado ao masculino, como o facão. É segurado pela mão direita da figura masculina. Esses dois objetos estão associados à morte, que é relacionada ao masculino na cultura iorubá. A morte, ou *Ikú*, está profundamente ligada à terra e à gênese humana (Elbein dos Santos 1993: 106-107).

f) O *bornal* – esse elemento que também pode denotar a forma de uma “cabaça com alça” – está, nas peças que constituem nosso *corpus* de pesquisa, sempre no lado esquerdo do corpo *de todas as*

Tabela X

Símbolos de movimento



mãos em forma de espiral – detalhe do *edan* 6



colar com pingente em forma de espiral – detalhe do *edan* 7



cabelo trançado – detalhe do *edan* 9



coroa helicoidal – detalhe do *edan* 7



argola circular trançada – detalhe do *edan* 2



coroa cônica – detalhe do *edan* 1

*figuras masculinas*. Parece contraditório, lembrando que, para os *Ògbóni* o lado feminino é o esquerdo, e, ademais, esse elemento alude à contenção de algo poderoso ou valioso, que não pode ser visto nem revelado, mantendo-se escondido e inacessível, mas presente. Lembremos que a cabaça é associada, genericamente na África, ao útero, à gestação e aos mistérios da vida. É hora de dizer que os sacerdotes *Ògbóni* usam um bernal semelhante a este objeto do lado esquerdo do corpo quando saem a trabalho (cf. Lawal 1995: 46, f. 10). Pode ser uma referência ao grande poder ancestral feminino de *Ilè*, que está ligada à “feiticeira” também. É importante lembrar que, tradicionalmente, a “feiticeira” entre os iorubás nem sempre é considerada uma prática anti-social. As “feiticeiras” iorubás trabalham com forças muito poderosas e terríveis. Essas mulheres são anciãs muito temidas e respeitadas na sua comunidade. Diferentemente das culturas ocidentais, que desprezaram e “caçaram” suas “feiticeiras”, entre os iorubás elas são reverenciadas e apaziguadas com danças e cerimônias (cf. Verger 1992: 23-24; Carneiro da Cunha 1984; quanto à projeção dessa discussão na arte, cf. Salum 1999: 168-170).

*Seios*

Todas as figuras femininas sinalizam gestos de oferecimento com suas mamas cônicas e pendentes. Os seios enfatizam a afeição maternal e generosidade de *Ilè*. Segundo Lawal (1995: 46), há um provérbio *ògbóni* que diz: “o leite dos seios maternos é doce [ou suave]; nós todos sugamos dele”<sup>34</sup> Ele é entoado três vezes pelos membros quando saúdam uns aos outros ou quando tocam o *edan* com a língua.

É interessante notar que a figura feminina do *edan* de corpo inteiro, quando não está na posição típica da mão esquerda sobre a direita, parece estar sempre oferecendo algo, de braços estendidos. Nos *edan* 5 e 6, a figura oferece os seios; no *edan* 8, oferece uma colher; no *edan* 9, um par de bastões; e, finalmente, no *edan* 11 a figura oferece uma tigela. Todos esses objetos são relacionados ao gênero feminino (cf item 2.3).

(34) “Òmú iyá dùn ún mu; gboḡbo wa la jo nmu ú”, traduzido pelo autor como “the mother’s breast milk is sweet; we all suck it”

### Sobre a nudez

Os *Ògbóni* ditam que os seres humanos não podem esconder nada de *Ilê* e, em alguns rituais, os participantes ficam nus. Isso viria a demonstrar, segundo Williams (1964: 146), a imediata relação que deve existir entre os homens e *Ilê*. Em sua pesquisa, esse autor constatou que todos os *edan* de corpo inteiro são feitos nus. Todos os *edan* do acervo do MAE, examinados por nós, estão em conformidade com essa regularidade.

### 3. Conclusão

Apontamos a seguir observações que, ao fim deste artigo, nos parecem relevantes, tanto do ponto de vista teórico, quanto metodológico.

a) Chegamos ao final, com uma síntese bibliográfica sobre um assunto pouco explorado, de fontes escassas e em língua estrangeira, de pouco acesso entre nós, e, praticamente inexistente em português. Consideramos que nosso estudo possa vir a contribuir não apenas para os estudos de coleção, mas para os de natureza histórica e sócio-antropológica, bem como às pesquisas sobre o Negro no Brasil.<sup>35</sup>

b) O estudo, objeto deste artigo, permitiu-nos delimitar um grupo de peças do acervo de origem africana do MAE-USP, quantificado, que forma uma coleção museológica em si mesma, permitindo sugerir denominá-la *coleção ògbóni do MAE*. Nessa coleção inserem-se, além dos *edan* aqui apresentados, as estatuetas “sem pino” e “sem corrente”, além de algumas outras peças avulsas (bastões, recipientes, jóias). Elas serão tratadas em uma publicação próxima.

c) Outro resultado que nos parece importante destacar nesta conclusão é a constatação, pela análise morfológica, da presença ou representação no acervo do MAE das três classes funcionais das esculturas *edan* reportadas na etnografia dos principais autores sobre a matéria.

d) Com o estudo efetuado, temos, agora, embasamento para definir o grupo de esculturas *edan* da coleção *ògbóni* do MAE:

– são peças iorubás da associação *Ògbóni*, que chegaram da África na década de 1970 e, provavelmente, são do século XX;

– são objetos de ligas de cobre feitos pela chamada “técnica da cera perdida” e compostos por um par de imagens baseadas na *figura humana*. Essas imagens possuem pinos metálicos na parte inferior e são ligadas por uma corrente na parte superior;

– as imagens simbolizam um casal humano nu. Alguns pares possuem somente a cabeça. Quando representam a figura de corpo inteiro, é comum ver-se nelas a sinalização do *gesto ògbóni* (mão esquerda sobre a direita). Quando não, elas sustentam nas mãos objetos determinados. A figura masculina segura dois objetos – um ligado ao gênero masculino, que fica do lado direito, e outro ligado ao feminino, que fica do lado esquerdo. Por outro lado, a figura feminina segura apenas um objeto do universo feminino com as duas mãos; e,

– nessas esculturas, há uma profusão de símbolos materializados por diversos recursos de representação da figura humana. São perceptíveis pelas marcas corporais, nas silhuetas de postura, nos objetos-insígnias integrantes, assim como, nos elementos constitutivos (como olhos, mãos ou pernas). Entre os símbolos encontrados estão os relativos ao número três e à lua crescente, além dos que indicam movimento e crescimento. Essa caracterização pode ser útil no trabalho de identificação de outras peças.

e) No que diz respeito à pesquisa sobre coleções, reafirmamos a importância do estudo formal e funcional como mola propulsora para o exame aprofundado da documentação escrita, aqui sintetizada, permitindo, no retorno, examinar essas formas tão singulares e emblemáticas, desmembrando-as nos seus elementos mais significativos.

f) Na possibilidade de estendermos, no futuro, nosso *corpus* para além das peças da *coleção ògbóni do MAE*, os resultados deste estudo apontam para uma tipologia capaz de auxiliar a classificação de objetos congêneres conservados em outras instituições, tendo em vista que não se conhece, ainda, pelas publicações especializadas disponíveis, um trabalho focalizado na matéria.

(35) O tema foi objeto da nossa comunicação de pesquisa, “Edan – emblema da associação *Ògbóni* na África: investigação sobre seu uso no Brasil” (cf. Ribeiro Jr.; Salum, XI SIICUSP, 2003: www.usp.br/siicusp)

RIBEIRO JR., A; SALUM, M.H.L. Stylistic and iconographic study of the *edan* sculptures of MAE-USP collections. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 227-258, 2003.

**ABSTRACT:** The Museu de Arqueologia e Etnologia of the University of São Paulo has a collection of pieces of cast metal used by a traditional institution of the Iorubas from Nigeria, called *Ògbóni* society, of political-religious character. The *Ògbóni*'s objects are normally made of metal alloy, referred in the publications as "bronzes", and *edan* is a specific type of such objects. The goal of this article is to present a study of the *edan* of this collection in which we systematize the corresponding documental, historic and ethnographic data and those obtained through formal, functional and symbolic analyses of the pieces. This led to the characterization of the *edan* sculptures of the MAE's *ògboni* collection defining them as a specific category of technical, but above all stylistic and iconographic production of the Iorubas .

**UNITERMS:** Africa: Ioruba – African art: stylistic – Metal sculpture – Ioruba: *Ògbóni* society – Mythology: *Ilẹ̀* – Musei: collection studies.

### Referências bibliográficas

- ACHEBE, C.  
1983 *O mundo se despedaça*. São Paulo: Ática.
- ADÉKŪYÀ, O.A.  
1999 *Yorùbá: Tradição oral e história*. São Paulo: Terceira Margem.
- AREWA, O.; STROUP, K.  
1977 The Ogboni Cult Group (Nigeria). *Anthopos*, 72 (1-2): 274-287.
- BASCOM, W.R.  
1944 The Sociological Role of the Yoruba Cult Group. *American Anthropologist*. (Memoirs, 63)
- BLIER, S.P.  
1997 *L'art royal africain*. [Paris]: Flammarion.
- CARNEIRO, E.  
1967 *Candomblés da Bahia*. [Rio de Janeiro]: [Ouro]. (Coleção Brasileira de Ouro, 1441).
- CARNEIRO DA CUNHA, [J.]M.  
1983 Arte Afro-Brasileira. W. Zanini (Coord.). *História Geral da Arte no Brasil*. Vol. II. São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles: 973-1033.  
1984 *A Feitiçaria entre os Nagô-Yorubá*. Dédalo, São Paulo, 23: 1-15.
- COSTA E SILVA, A.  
1996 *A enxada e a lança: A África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DENNETT, R.E.  
1916 The *Ògbóni* and other secret society in Nigeria. *Journal of the African Society*, 16: 16-29.
- DREWAL, H.J.  
1989 Art and Ethos of Ijebu. H.J. Drewal; J. Pemberton; R. Abiodun (Eds.) *Yoruba: Nine Centuries of African Art and Thought*. Nova York, The Center of African Art: 117-145.
- ELBEIN DOS SANTOS, J.  
1993 *Os Nàgô e a Morte*. São Paulo: Vozes.
- ELLIS, A.B.  
1894 *The Yoruba-Speaking Peoples of the Slave Coast of West Africa*. [www.sacred-texts.com], 2003.
- FROBENIUS, L.  
1913 *The voice of Africa*. Vol. I. Londres: Hutchinson & Co.
- HAMPÁTÉ BÂ, A.  
1982 A tradição viva. J. Ki-Zerbo (Coord.). *História Geral da África*. Vol. I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo, Ática: 181-218.
- LAWAL, B.  
1995 À Yà Gbó, À Yà Tó: New Perspectives on Edan *Ògbóni*. *African Arts* 28 (1): 37-49.
- MORTON-WILLIAMS, P.  
1960 The Yoruba *Ògbóni* Cult in *Oyo, Africa*, Londres 30 (4): 362-374.
- RIBEIRO, R.  
1995 *Mãe Negra: o significado iorubá da maternidade*. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: FFLCH/Universidade de São Paulo.
- ROACHE, L.E.  
1971 Psychophysical Attributes of the Ogboni edan. *African Arts* 4 (2): 48-53.
- SALUM, M.H.L.  
1999 Por que são de madeira essas mulheres d'água? *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 9: 163-193.
- SALUM, M.H.L.; CERÁVOLO, S.M.  
1993 Considerações sobre o perfil da Coleção

Africana e Afro-Brasileira no MAE-USP. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: 167-185.

VERGER, P.

- 1981 *Orixás*: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. São Paulo: Corrupio.
- 1982 Etnografia religiosa iorubá e probidade científica. *Religião e Sociedade*, 8: 3-10.
- 1992 Esplendor e decadência do culto de Iyami Osorongá entre os Iorubas: "Minha Mãe Feiticeira". P. Verger. *Artigos*: Tomo I. São Paulo, Corrupio: 5-91.
- 1995 *Dieux d'Afrique*: culte des orishas et

vodouns à l'ancienne côte des esclaves en Afrique et à Bahia, la Baie de Tous les Saints au Bresil. Paris: Revue Noire.

- 2000 *Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África*. São Paulo: EDUSP.

WEBSTER, H.

- 1932 *Primitive Secret Societies*. Nova Iorque: Macmillan Co.

WILLIAMS, D.

- 1964 The Iconology of the Yoruba Edan Ogboni. *Africa*, Londres, 34 (2): 139-166.

Recebido para publicação em 2 de dezembro de 2003.

# Estudos Bibliográficos





## REVISITANDO CONCEITOS: A ESTRUTURA SOCIAL DOS PESCADORES-COLETORES PRÉ-COLONIAIS \*

Márcia Barbosa da Costa Guimarães\*\*

“The anthropologists took this primitive society as their special subject, but in practice primitive society proved to be their own society (as they understood it) seen in a distorting mirror. For them modern society was defined above all by the territorial state, the monogamous family and private property. Primitive society therefore must have been nomadic, ordered by blood ties, sexuality promiscuous and communist” (Kuper 1988:5).

Um conceito-chave incorporado à Arqueologia brasileira nas abordagens aos grupos construtores de sambaquis relaciona-se à teoria da sociedade primitiva, particularmente à concepção de **bando**, consubstanciada no seu vetor espaço/temporal, o nomadismo.

O uso do conceito de bando<sup>1</sup> na arqueologia de sambaquis teve por base a efervescência acadêmica que agitava a antropologia americana nos anos 40 e 50 em torno da tentativa de descobrir princípios ou “leis” de desenvolvimento cultural e social e que envolviam diretamente a tão persistente e renovada teoria sobre sociedade primitiva.

Como observa Kuper (1988), a história convencional da Antropologia descreve uma sucessão de teorias – evolucionismo, difusionismo, funcionalismo, estruturalismo etc.. Contudo, essas tradições teóricas se voltaram para a mesma idéia de sociedade primitiva, pois tinham como objeto referencial sua própria sociedade.

(\*) Este estudo é parte integrante da dissertação de mestrado “O Espaço e a Organização Social do Grupo Construtor do Sambaqui IBV4, Cabo Frio, RJ” defendida pela autora em 2001 na FFLCH/USP. A revisão do artigo teve apoio da FAPERJ através do projeto “Soberanos da Costa”.

(\*\*) Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ.

(1) Apesar de o termo ter sido utilizado desde o início do século como, por exemplo, por Speck (1926), um etnólogo pioneiro nos estudos da região Subártica Oriental, nos interessa o desenvolvimento do conceito na Antropologia Evolucionista que marcou os estudos sobre os grupos sambaquianos.

Devemos acrescentar que a Antropologia Social, embora desenvolvesse conceitos sobre sociedades primitivas frente aos novos dados etnográficos, exerceu também o papel de principal instrumento de manutenção do modelo teórico tradicional no que se refere às sociedades primitivas. Como analisa o autor, isso se deu porque, por um lado, a idéia de sociedade primitiva foi e é influenciada pela variedade de posições ideológicas existentes. Por outro, cada vez mais a idéia de sociedade primitiva era sustentada por forças internas relacionadas à própria afirmação da Antropologia enquanto ciência. H. Maine e seus contemporâneos estabeleceram sociedade primitiva como objeto da Antropologia Social. Assim, “sociedade primitiva começou a estruturar uma nova disciplina, que rapidamente desenvolveu um sofisticado conjunto quase matemático de técnicas de estudos de parentesco” (Kuper 1998:9). Tendo L. Morgan e E. Tylor como pioneiros,<sup>2</sup> foi nos estudos de G. Murdock, F. Eggan, J. Steward e E. Service que essa questão adquiriu contornos mais sofisticados, pois contavam com melhores dados etnográficos que seus predecessores.

Tanto J. Steward quanto E. Service foram teóricos que basearam suas generalizações em antigos etnógrafos como, por exemplo, F. Boas e

(2) Esses dois estudiosos foram acompanhados por Bachofen, H. Maine, Fustel de Coulanges, J. Lubbock e R. MacLennan, todos compartilhando a idéia da sociedade primitiva, assumindo uma progressão direta dessas, através de vários estágios, para a sociedade moderna.

V. Stefansson, mas foi na discussão sobre a natureza da sociedade primitiva, o caráter de bando marginal, que suas contribuições foram mais contundentes.

A premissa padrão foi apresentada por J. Steward em 1936 e ligeiramente aumentada em 1955, sendo de E. Service a principal contraproposta em 1962. No primeiro trabalho, Steward (1936) estabeleceu três “tipos” de sociedades caçadoras-coletoras quando observadas a partir do princípio de integração sociocultural: (1) o nível de integração familiar, (2) o nível de integração de bando e (3) um nível de integração caracterizado pelos clãs. A estruturação do modelo de bando parece ter sido baseada em dados etnohistóricos do século XIX sobre as *Plain Indian Societies*. Neste estudo estabelece, ainda, as categorias de bando identificadas como (a) bando linear (b) bando composto e (c) bando predatório.

A idéia de Steward tinha por base a cooperação entre os membros, a existência de uma chefia e a propriedade territorial. Contudo, os Shoshoni não pareciam demonstrar muita cooperação entre suas pequenas unidades sociais dispersas espacialmente, nem mantinham um chefe ou pareciam exercer direitos de propriedade sobre o território que exploravam. A resposta de Steward para a falta de correspondência entre sua definição de unidade social e a realidade estava relacionada a uma nova unidade, o nível de família de integração sociocultural, a qual tinha por base os estudos etnográficos junto às populações dos Grandes Lagos. O reconhecimento posterior de Steward, de que o critério de tamanho incorporado em sua noção de bando era desencaminhado, o fez modificar sua visão à luz das pesquisas de campo mais detalhadas.

No segundo trabalho Steward (1955) propôs uma explicação demográfico-ecológica para a organização de bando, estabelecendo quatro fatores causais: baixa densidade da população, dependência da caça, transporte limitado e aceitação de tabus de incesto a todos os membros co-residentes de uma família extensa. Assim, o resultado é o que Steward denominou de “bando patrilinear”, a mais difundida forma de organização social entre as sociedades marginais e a segunda mais simples (para reflexão sobre estudos de Steward ver Binford 2001).

Posteriormente, E. Service iria refutar três pontos das proposições de Steward: a não aceitação do domínio familiar como forma de

organização social isolada, a refutação do bando composto como forma original de organização, visto ser um fenômeno produzido pelo contato, e o determinismo ecológico, que embora Steward tivesse evitado, fez uso de autores que sustentavam este pressuposto (Fried 1967).

A crítica de Service teve por base a revisão das estruturas de bando em escala mundial, definindo dois tipos: o primeiro, “um bando patrilinear é um grupo que é exogâmico e virilocal”; o segundo tipo é “o bando composto, um grupo onde faltam regras de exogamia e costumes explícitos de residência marital” (Service 1962:60). Sua crítica a Steward é mais profunda quando questiona o monolitismo de fatores demográficos para explicar organização social, pois considera que a organização social humana é cultural, sendo crucial a análise das estruturas e funções das associações e formas de agrupamentos sociais que atravessam localidades.

Nesse contexto, rapidamente a Antropologia incorporou, complementou e renovou o conceito de bando através, apenas para citar alguns, da concepção de reciprocidade de M. Sahlins, este já um refinamento dos conceitos de K. Polany e de sociedades igualitárias simples, de M. Fried. Somam-se a isso os três grandes encontros para discussões sobre o tema (Damas 1969, Lee e Devore 1968, Leacock e Lee 1982).

Em termos gerais, a concepção de reciprocidade proposta por Sahlins (1965) refere-se a um universo inteiro de trocas, um contínuo de formas, sendo caracterizada por dois pólos: assistência livremente oferecida e conseqüentemente generalizada, na qual a estipulação em aberto da retribuição seria impensada e anti-social, e a expropriação em proveito próprio, só compensável por um esforço igual e em sentido contrário.

Em trabalho publicado em 1967, M. Fried analisa as sociedades igualitárias simples com base nos traços gerais descritos na literatura etnográfica, detendo-se em alguns pontos discordantes como exogamia, tipologia de bandos e demografia. De acordo com o autor, a natureza das sociedades igualitárias simples abrange as seguintes características: dependência ao meio, o que as coloca numa posição de sociedades marginais; depopulação após o contato com o europeu, o que descaracterizou demograficamente a estrutura de bandos; acesso comunal indiferenciado aos recursos; divisão de trabalho por sexo; a não existência de grupos com

atividades especializadas; a existência de partilha e de padrões de reciprocidade generalizada.

O autor se deterá mais na estrutura geral das sociedades igualitárias, visto serem o seu interesse as formas políticas que aí se desenvolveram. Assim, observa a existência de dois tipos de agrupamentos: um grupo menor, com uma forma familiar, geralmente nuclear e um agrupamento maior, o bando. Visto a família encontrar-se dentro de um contexto maior, o bando, ela não é tratada como uma unidade autônoma. Nesse sentido, concorda com Service (1962) e discorda de Steward (1955), sobre a existência de níveis de organização familiar. Fica clara sua concordância com os pressupostos de Service (1962), principalmente no que concerne à caracterização geral de bando. Contudo discorda da tipologia – matrilinear, patrilinear e composto – pois considera uma freqüente presunção estabelecer que o caráter de um bando seja determinado pelo parentesco.

Assim, os modelos teóricos e os estudos etnográficos desenvolvidos junto aos caçadores-coletores deram início a conferências que os focalizavam, em termos gerais, e à concepção de bando, em particular. Três grandes encontros de discussões materializaram esta produção científica, dominando as décadas de 60 e 70: um primeiro, intitulado “Organização de Bandos”, realizado pelo National Museum of Canada em 1965, e publicado sob a coordenação de D. Damas em 1968; um segundo, “Man, the Hunter”, ocorrido na Universidade de Chicago, em 1966, tendo sido publicado em 1968 sob a coordenação de R. Lee e I. Devore, então membros do Harvard Kalahari Research Group; e a conferência sobre “Caçadores e Coletores”, realizada na Maison des Sciences de l’Homme, em 1978, organizada por M. Godelier, sendo, posteriormente, editada por E. Leacock e R. Lee em 1982.

Enquanto o primeiro encontro centralizava as discussões em torno do conceito de bando, comparando sua natureza entre grupos forrageiros da Índia, América do Norte e África, discutindo similaridades e diferenças entre eles e demonstrando, assim, uma preocupação com a flexibilidade da estrutura de bando e a variabilidade de modelos de sazonalidade, o segundo caracterizou-se pela dinamização da produção etnográfica e, a partir dela, a observação da importância do papel feminino e, conseqüentemente, das atividades de coleta e pesca para as sociedades caçadoras.

Se no primeiro encontro iniciou-se o questionamento da universalidade e da rigidez do conceito de bando, no qual os trabalhos de Steward e Service citados anteriormente sofreram rápidas revisões críticas frente aos novos dados etnográficos, o segundo reforçou essa tendência, demonstrando a variabilidade e a particularidade da estrutura social de diferentes grupos denominados genericamente de “bandos”, inaugurando ainda, também em resposta ao título “Man, The Hunter”, estudos sobre gênero.

O último encontro, sob uma perspectiva materialista dialética, procurou recuperar o “core of features common” entre os grupos forrageiros, centrando as contradições nas particularidades de suas relações de produção. Foram abordadas também as relações entre esses grupos e a sociedade contemporânea e as conseqüências do contato para aqueles.

Assim, a Antropologia e a Etnografia forneceram o aparato teórico sobre o qual se construiu o conceito de bando – de grandes generalizações a particularidades – permitindo verificar sua variabilidade estrutural dentro do sistema de caçadores-coletores, bem como seus pontos em comum.

No que concerne à Arqueologia, num primeiro instante, caberá tomar de empréstimo da Antropologia e dos estudos etnográficos a teoria socioevolucionista e o conceito de bando que ela encerra. Construído a partir do vetor temporal, conhecido comumente como uma escada evolutiva na qual, por ordem crescente, bando, tribo, cacicado e estado se sobrepõem no tempo e, também, com os auspícios de Leslie White e J. Steward (este último já descrito anteriormente), o neo-evolucionismo ganha corpo na Arqueologia, a partir da década de 50, através do advento da New Archaeology. Com suas “pretensões antropológicas e científicas”, como observa Yoffee (1994:4), é rapidamente incorporado, como pode ser observado na afirmação de Sahlins (*apud* Yoffee 1994:5): “(...) qualquer representante de um dado estágio cultural é inerentemente tão bom quanto qualquer outro, seja o representante contemporâneo e etnográfico ou somente o arqueológico”

Isto será o suporte utilizado pela etnoarqueologia norte-americana, quando se iniciam estudos sobre organização social; desenvolvem-se à sombra dos estudos etnográficos e ganham autonomia ao assumir os “actualistics studies”

Teórico da New Archaeology, agora denominada arqueologia processual, e representante mais reconhecido dos “actualist studies”, L. Binford realizou estudos etnoarqueológicos junto a grupos de caçadores-coletores nos quais se reafirma a variabilidade proposta no encontro “Man, the Hunter” (Binford 1978a; 1978b; 1980; 1982). Através da construção de modelos etnoarqueológicos de sistemas de assentamento e subsistência de grupos caçadores-coletores, estabelece o “foraging system” em oposição ao “collector system”. Esclarece que estes não são tipos polares, ao invés disso são graduações do simples ao complexo (Binford 1980). Recentemente (Binford 2001), reitera esta variabilidade em um amplo estudo sobre a construção da Teoria Arqueológica a partir de dados ambientais e etnográficos.<sup>3</sup>

Contudo, como afirmam Leacock e Lee (1982), populações forrageiras representam o mais próximo do que foi a condição original da humanidade, um sistema de produção que prevaleceu durante virtualmente noventa e nove por cento da história dos homens. Entretanto, é importante frisar que os “forrageiros” contemporâneos não são fósseis vivos que reproduzem literalmente os sistemas ancestrais da história da humanidade, pois como observou M. Sahlins, eles são “caçadores vivendo num mundo de não-caçadores”, estando inseridos no contexto do século XX. Assim, a pesquisa arqueológica de grupos pré-históricos tem muito a acrescentar sobre a organização social, sendo de importância fundamental tanto no que concerne à complementação quanto à refutação dos modelos etnográficos e/ou etnoarqueológicos, evolucionistas ou não.

Como observa Yoffe (1994:10), o modelo evolucionista “amarrava todas as instituições em um pacote, no qual mudanças tinham que ocorrer em todas as instituições ao mesmo tempo, no mesmo ritmo e na mesma direção” O autor afirma que na visão neo-evolucionista, a teoria de sistemas abarcava o substantivismo: um tipo particular de

economia era encaixado num tipo de sociedade correspondente. Assim, bando e tribo caracterizavam-se por reciprocidade, enquanto cacicado pela redistribuição.

Muitos se juntam a N. Yoffe na crítica a este modelo, como Bawden (1989), Feinman e Neitzel (1984), McGuire (1983) e Paynter (1989), todos recusando a tipologia neo-evolucionista por suas características atávicas, holísticas e transformacionais de mudança social.

Apesar da vasta produção etnoarqueológica e das críticas ao neo-evolucionismo, discorrendo, no primeiro caso, sobre a variabilidade das formas que a estrutura de bando adquire em cada um dos grupos analisados e, no segundo caso, dos limites do uso de estágios culturais, apenas o trabalho posterior de Service, em 1966, e o trabalho citado de Steward (1955), influenciaram, no Brasil, os estudos sobre organização social dos grupos pescadores-coletores (construtores de sambaquis). Ambos tornaram-se “bíblias antropológicas”, ainda que raramente citados.

A publicação de Service *Os Caçadores* nada mais é do que uma reafirmação bastante condensada de sua publicação anterior, caracterizando-se como uma tentativa de descrever resumidamente, no melhor estilo evolucionista, os grupos caçadores-coletores a partir de um amplo e heterogêneo referencial bibliográfico, compreendendo desde estudos etnográficos e etnohistóricos que datam do enclave planetário indo até às pesquisas etnográficas da década de 60. Mesmo assim forneceu, juntamente com o trabalho de Steward (1955), subsídios para caracterizar a estrutura de bando dos grupos sambaquianos.

O simples uso de palavra bando, microbando e/ou macrobando, estes últimos em menor frequência, associado a duas características, as atividades de subsistência (coleta de moluscos e pesca) e a mobilidade (nomadismo), ambos como reflexo direto das mudanças e imposições ambientais, explicou a organização social dos sambaquianos durante décadas (Uchôa 1973; Kneip 1987; Dias 1992; Dias e Carvalho 1995; Mendonça de Souza 1995, apenas para citar alguns). Manteve-se, de forma sutil, visto não existirem pesquisas que abordassem diretamente esta questão, o binômio espacial nomadismo/ambiente, sustentáculo do conceito generalizador proposto por Service e que tinha por características o baixo índice demográfico e tecnológico, uma fragilidade integradora (obtida

(3) Neste estudo, ao realizar uma releitura dos estudos etnográficos sobre caçadores e coletores, o autor propõe, ainda, um pragmatismo maior na abordagem das unidades conceituais e de análise da pesquisa etnoarqueológica, pois observa que as unidades de observação do pesquisador necessitam de constante redefinição no sentido de acomodar a variabilidade que é sequencialmente encoberta pelo mundo dinâmico.

apenas através das concepções de parentesco) e a concepção de família como o único grupo estável e estruturador da organização social e cultural.

Dentro desta perspectiva, Dias e Carvalho (1995) reafirmam a organização social sambaquiana a partir do estabelecimento de um grupo que se distingue dos bandos nômades (“fase Macaé”), a “fase Corondó”. Caracterizando-o como macrobando, os autores analisam a longa permanência dessa organização através do isolamento social imposto pela compartimentação ambiental, ou seja, fatores de restrição ecológica determinaram, em primeira instância, a estrutura social dos grupos pertencentes à “fase Corondó”. Em trabalhos anteriores (Dias e Carvalho 1983; Machado 1984), a organização de macrobando da “fase Corondó”, então denominada de fase “Itaipu B”, era explicada através da alta densidade demográfica, da frequência de cáries e da existência de uma agricultura incipiente.

Raras publicações sobrepueram-se ao paradigma evolucionista e ecológico, sendo pioneiro o trabalho de Gaspar (1991) que contesta a generalização da terminologia de bando, apesar de considerar que os grupos sambaquianos compartilham das características gerais propostas por Leacock e Lee (1968). Existe, ainda, o trabalho de Lima (1995), para o contexto insular, e que se aproxima das proposições de Gaspar (1991).

Assim, a organização social dos construtores de sambaquis, materializada na estrutura de bando, forneceu um modelo no qual o espaço foi traduzido em dois pólos extremos, a mobilidade constante (acampamentos sazonais/bandos) e a longa permanência (aldeias sedentárias / macrobandos). Contudo, quase nada se acrescentou a essa definição generalizadora de bando, não somente na caracterização de sua estrutura, mas também na sua dinâmica espacial, embora esta última tenha tido maiores e melhores contribuições (Barreto 1988; Gaspar 1991).

A questão da dinâmica espacial dos grupos construtores de sambaquis, a qual os estudos etnoarqueológicos denominam de “estratégia de mobilidade”, numa clara acepção econômica, deve ser abordada, primeiramente, sob o ponto de vista conceitual. Nomadismo, seminomadismo, semi-sedentarismo e sedentarismo, termos utilizados comumente para designar a mobilidade, notadamente para os grupos caçadores-coletores atuais, devem ser reconceitualizados quando se tem como

referenciais grupos pré-históricos, notadamente grupos pescadores-coletores.

Essa reconceitualização torna-se necessária tendo em vista que esses conceitos foram forçados em oposição ao modo de vida sedentária, característico às sociedades urbanas neolíticas. Assim é que Sahlins afirma que “a tendência da Antropologia a exagerar a ineficácia econômica dos caçadores manifesta-se notadamente por comparações não obrigatórias com a economia neolítica” (Sahlins 1972:42).

A manutenção da concepção de sedentarismo, a grosso modo, como um modo de vida restrito a grupos que ocupam o mesmo sítio por muito tempo (anos), aparentemente não possui paralelo com o passado. Excetuando locais urbanos e áreas de alta densidade populacional, a ocupação de um mesmo local por muitas gerações foi provavelmente um raro fenômeno na pré-história.

Na antropologia evolucionista, o nômade foi durante muito tempo entendido como aquele que passa todos os momentos de sua vida fugindo da fome ou, numa visão menos “pessimista”, se é que se pode entender assim, aquele que vive atrás da comida, como um oposto ao sedentário. Contudo, a relação nômade/sedentário é menos dicotômica do que aparenta, “trata-se antes de uma relação de complementaridade do que de oposição, marcada não obstante pela diferença: um termo é irreduzível ao outro, inclusive conceitualmente. Não chegaremos ao nômade pela mera oposição ao sedentário: ele é outro, mais do que o seu negativo” (Marques *et al.* 1999:22).

Assim, a Arqueologia deve forjar esses conceitos – bando, macrobando, nômade, sedentário – a partir da produção dos seus dados empíricos, o que necessariamente não elimina o uso de modelos etnoarqueológicos.

Entre sedentarismo e nomadismo são muitas as nuances e chegam mesmo a falar em “hipersedentarismo” ou “supra-sedentarismo” quando se abandona o valor absoluto de tempo, relativizando-o a partir dos grupos focalizados.

Talvez o problema de se abordar a estrutura social dos grupos sambaquianos seja exatamente o de desconsiderar que tempo e espaço são socialmente dados, sendo somente permitido compreendê-los a partir do contexto sistêmico onde foram produzidos. A questão não é recuperar o passado a partir somente de testemunhos arqueológicos que sejam próprios a uma determinada sociedade, visto

considerarmos o passado uma construção da arqueologia, mas sim estimular o processo de seleção conceitual, inserindo, descartando e/ou realocando novas e antigas formulações.

Steward foi o pioneiro na investigação das relações ecológicas que os caçadores-coletores mantinham com seu ambiente, e sua pesquisa neste domínio constituiu sua mais importante herança. As pesquisas de Speck, Leacock, Lee e Steward apontaram para o interesse no padrão atual da

organização social dos caçadores-coletores observando que as vias tradicionais de interpretação do passado não podem explicá-lo. Como observa Binford (2001:22) muitos elementos de Sahlins são ainda relevantes – particularmente aqueles relacionados à distribuição e à união para a produção de recursos como formas fundamentais de cooperação – mas esses elementos são agora incorporados em algumas novas e interessantes perspectivas.

### Referências bibliográficas

- BAWDEN, G.  
1989 The Andean state as a state of mind. *Journal of Anthropological Research*, 45: 327-332.
- BARRETO, C.N.G.B.  
1988 *Ocupação do vale do Ribeira do Iguape, São Paulo: os sítios concheiros do médio curso*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- BEZERRA DE MENESES, U.T.  
1983 A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, (Nova Série), 115, São Paulo: 103-117.
- BINFORD, L.  
1978a *Introduction to Nunamiut Ethnoarchaeology*. New York: Academic Press.  
1978b Dimensional analysis of Behavior and site structure: Learning from Eskimo Hunting Stand. *American Antiquity*, 43: 330-361.  
1980 Willow Smoke and Dogs' Tails: Hunter-gatherer settlement /systems and archaeological site formation. *American Antiquity*, 45 (1): 4-20.  
1982 Archaeology of Place. *Journal of Anthropological Archaeology*, 1 (1): 5-31.  
2001 *Constructing Frames of Reference*. Berkeley: University of California Press.
- DAMAS, D.  
1969 Contributions to Anthropology: Band Societies. National Museum of Canada. Canadá: *Bulletin*, 228.
- DIAS JÚNIOR, O.F.  
1992 A tradição Itaipu, costa central do Brasil. B. Meggers (Ed.) *Prehistoria Sudamericana - Nuevas Perspectivas*. Washington, Taraxacum: 161-176.
- DIAS, O.; CARVALHO, E.  
1983 Um possível foco de domesticação de plantas no Estado do Rio de Janeiro/RJ-JC-64 (sítio Corondó). *Boletim do IAB, Série Ensaios*, Rio de Janeiro: 1 (1): 1-18.  
1992 A tradição Itaipu no Rio de Janeiro. Discussão dos tópicos: a questão da imobilidade cultural. M.C. Beltrão (Org.) *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro: 105-110.
- FEINMAN, K.; NEITZEL, J.  
1983 Too many types: an overview of sedentary prestate societies in the Americas. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 7: 39-102.
- FRIED, M.  
1967 *A Evolução da Sociedade Política*. Rio de Janeiro: Zahar.
- KNEIP, L.M.  
1987 *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba, Rio Janeiro*. Rio de Janeiro: Série Livro, 5, EDUFF/UF RJ, Museu Nacional.
- GASPAR, M.D.  
1991 *Aspectos da Organização de um Grupo de Pescadores, Coletores e Caçadores: Região Compreendida entre a Ilha Grande e o Delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- KUPER, A.  
1988 *The Invention of Primitive Society*. London: Routledge.  
1982 *Politics on History In Band Societies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEE, R.; DEVORE, W.  
1968 *Man, The Hunter*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LIMA, T.A.  
1995 Ocupações pré-históricas em ilhas do Rio de Janeiro. M.C. Beltrão (Org.) *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro: 95-104.
- MACHADO, L.C.  
1984 *Análise dos Remanescentes Ósseos Humanos do Sítio Arqueológico Corondó, RJ. Aspectos Biológicos e Culturais*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de

- Filosofia, Letras e Ciências Humanas,  
Universidade de São Paulo.
- MARQUES, A.C.; BROGNOLI, F.F.; VILELA, J.L.M.  
1999 *Andarilhos e cangaceiros: a arte de produzir território em movimento*. Itajaí: Ed. Universidade do Vale do Itajaí.
- MCGUIRE, R.  
1983 Breaking down cultural complexity: inequality and heterogeneity. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 6: 91-142.
- MENDONÇA DE SOUZA, A.  
1995 Povoamento Pré-Histórico do Litoral do Rio de Janeiro. repensando um modelo. M.C. Beltrão (Org.) *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro: 69-78.
- PAYNTER, R.  
1989 The archaeology of equality and inequality. *Annual Review of Anthropology*, 18: 369-399.
- SAHLINS, M.  
1965 On the Sociology of Primitive Exchange. M. Banton *The Relevance of Models for Social Anthropology*. New York: Association for Social Anthropologist Monograph 1.  
1972 *Stone Age Economics*. New York: Aldine de Gruyter.
- SERVICE, E.  
1962 *Primitive Social Organization: An Evolutionary Perspective*. New York: Random House.  
1966 *Os Caçadores*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SPECK, F.G.  
1926 Culture problems in Northeastern North America. *Proceedings of the American Philosophical Society*, 65, n.4.
- STEWART, J.  
1936 The economy and social basis of primitive bans. R.H. Lowie (Ed.) *Essays in Anthropology Presented to Alfred Louis Kroeber*. Berkeley, University of California Press: 331-350.  
1955 *The Theory of Culture Change*. Urbana: University of Illinois Press.
- UCHÔA, D.P.  
1973 Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.
- YOFFEE, N.  
1994 Cacique demais? (ou textos seguros para os anos 90). P. Fish; E.J. Morley (Eds.) *II Workshop de Métodos Arqueológicos e Gerenciamento de Bens Culturais*. 11ª Coordenadoria Regional do IPHAN, Florianópolis.

Recebido para publicação em 27 de maio de 2003.





## HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA BRASILEIRA

Maria Dulce Gaspar\*

### Introdução

A Arqueologia Histórica brasileira é um campo de investigação fascinante que desvenda uma série de hábitos, costumes e mentalidades que se estabeleceram no que veio a ser o território brasileiro e países vizinhos com o início da colonização européia. Para apresentar a história de sua construção vou apoiar-me no balanço bibliográfico da disciplina elaborado por Andrade Lima (1993). Em seu levantamento, apresenta as primeiras intervenções arqueológicas em contextos derivados dos europeus e seus descendentes e mostra como o início da disciplina estava atrelado aos trabalhos de recuperação do patrimônio cultural brasileiro.

Como estratégia de abordagem do tema, vou correlacionar os desdobramentos da Arqueologia Histórica com a Arquitetura, a História sempre considerando-a como um desdobramento da Arqueologia Pré-Histórica. Terei como referência a análise sobre Arqueologia brasileira empreendida por Prous (1991) e a avaliação dos períodos mais recentes feita por Barreto (2000). Vou também estabelecer correlações com as principais correntes teóricas que nortearam as pesquisas na Europa e Estados Unidos e que influenciaram a construção da Arqueologia brasileira. Farei uma breve avaliação da Ecologia Cultural, do Neo-Evolucionismo, da Nova Arqueologia (ou Arqueologia Processual) e do Pós-Processualismo, sempre correlacionando com a Arqueologia Histórica.

### Breve histórico da Arqueologia

É difícil estabelecer quando começou o interesse por objetos relacionados com o passado.

Coleções de antiguidade foram formadas desde o século VI antes da era Cristã. Nabónido, último rei da Babilônia, colecionou antiguidades e escavou em Ur, mas não é possível considerar que a arqueologia tenha surgido nesse momento (Daniel 1967). Foi necessária uma série de passos, acúmulo de saber, confluência de interesses, mudança de paradigma para formar a disciplina. Nesse processo, os viajantes, na era do antiquarismo, tiveram papel fundamental no que se refere ao acúmulo de informações que levaram a uma reflexão sobre o passado.

Luiz de Castro Faria (1989) fornece uma acurada leitura do início da disciplina que resumo e apresento. O antiquarismo foi a primeira expressão do que mais tarde seria conhecido como arqueologia clássica. No século XVI, os *dilettanti* já se extasiavam diante das obras de arte do mundo antigo e fundavam uma estesia nova, erguida sobre uma arqueografia poética, que atualizava o passado.

No século XVIII, a sociedade de Antiquários, em ação desde o primeiro decênio, começa a publicar a sua revista com o título de Arqueologia. É nessa tradição renascentista que a civilização greco-romana é conhecida e reconhecida. A arte começa a contar com a sua própria história recortada de todas as outras e que contaminará toda a prática da arqueologia, pois alimentará o colecionismo – fome insaciável de peças belas e raras. É a essa tradição que se filia à Arqueologia Clássica.

A Arqueologia, a que é pré-histórica, e que interessa aqui, filia-se a outra tradição dominante do pensamento ocidental. Só no século XIX a História Natural começa a se desdobrar em Ciências Naturais. Foi com Charles Lyell e os seus princípios de geologia, com o reconhecimento das três idades sucessivas (pedra, bronze e ferro) com Thomsen, e a sua popularização através dos museus, com os postulados evolucionistas de Spencer que afirmava que “o progresso não é um

(\*) Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, Pesquisadora do CNPq e FAPERJ.

acidente e sim uma necessidade”, com a teoria da evolução de Charles Darwin, que as Ciências Naturais vão se desdobrar.

O surgimento das sociedades científicas, das universidades, dos museus, as revistas especializadas e o empenho dos naturalistas viajantes associado com a realização de grandes expedições de exploração compõem o ambiente intelectual inquieto que marca, de maneira profunda, o século XIX. Como decorrência, ampliam-se a Geologia, a Botânica, a Zoologia, assim como a Anatomia Humana desdobra-se em estudo comparado das raças e evolução do homem. É nessa outra grande tradição do pensamento ocidental que se insinua a pré-história e que, muito posteriormente, se desdobra em Arqueologia Histórica.

A definição de Arqueologia Histórica Brasileira é o campo de saber que pretende dar conta da introdução e do desenvolvimento no território que se transformou na nação brasileira de novas práticas polífticas, sociais e econômicas que caracterizavam países europeus em seu processo de expansão territorial e ocupação das terras indígenas na América do Sul.

A estruturação da Arqueologia Histórica, em diferentes países, é recente. Na Inglaterra, a prática da Arqueologia em contexto medieval está presente desde 1840, mas é só em 1957 que surge a *Society for Medieval Archaeology*. Nos Estados Unidos, cresceu lentamente até a década de 1960, quando se deu a criação, em 1967, da Sociedade de Arqueologia Histórica. No mesmo ano foi criada a Sociedade de Arqueologia Pós-Medieval, na Inglaterra. A Austrália, três anos antes, já havia formado sua sociedade de Arqueologia Histórica. Atualmente, em diferentes países da América Latina e no Canadá, há uma multiplicação de centros de pesquisas, sociedades científicas, cursos de pós-graduação voltados para o estudo dos processos relacionados com o estabelecimento dos europeus. (Meneses 1983a; Orser 1996).

A Arqueologia Histórica é assim considerada uma disciplina recente no contexto científico. No Brasil, embora desde a década de 1930 algumas intervenções tenham sido realizadas em sítios históricos na região Sul, foi apenas a partir da década de 1960 que a Arqueologia, como um todo, e a Arqueologia Histórica, em particular, adquiriram características científicas mais sistemáticas.

Segundo Andrade Lima (1993), já no final da década de 1930, Herman Kruse empenhou-se na

localização de “casas fortes”, que foram construídas no século XVI, por Gabriel Soares de Souza em suas penetrações no sertão baiano. Nessa mesma época, Loureiro Fernandes desenvolveu um trabalho pioneiro na Serra Negra, no Paraná, quando investigou ossadas humanas e vestígios de argila destinados a lacrar as aberturas na rocha que foram utilizadas para sepultar corpos. Esses túmulos foram identificados como pertencentes a negros quilombolas, mas não foram feitos estudos mais detalhados. Na década de 1940, Virgínia Watson estudou a Ciudad Real do Guaira, antiga vila espanhola quinhentista no Paraná, analisou as cerâmicas e abriu caminho para futuros trabalhos nesse povoado.

Já na década de 1950, ocorrem vários estudos: Padre Luiz Gonzaga Jaeger fez intervenções assistemáticas nas missões jesuíticas de São Nicolau, São Luiz Gonzaga e São Borja. Foram feitas escavações na capela do antigo Colégio dos Jesuítas, em Paranaguá, por Loureiro Fernandes, tendo como objetivo auxiliar os trabalhos de restauração do prédio. Inaugura-se um aspecto que vai marcar a trajetória da Arqueologia Histórica – o desenvolvimento de estudos associados aos trabalhos de restauração.

Continuando com Andrade Lima (1993), durante um longo período, a Arqueologia Histórica brasileira dedica-se ao estudo de prédios coloniais, investiga igrejas, missões, conventos, fortificação e solares etc.. É fortemente impregnada pela ideologia então vigente nas esferas patrimoniais, cuja concepção elitista e arquitetônica de bem cultural privilegia os monumentos de pedra e cal. Dessa forma, a Arqueologia teve, como seu principal interesse, o estudo dos segmentos dominantes da sociedade brasileira. Foi reduzida, na maioria dos casos, a uma técnica a serviço de outras áreas de conhecimento, como a História e a Arquitetura. Operou em um nível meramente arqueográfico, sem explorar o seu potencial interpretativo, ficando em um plano de relativa marginalidade frente à História, à Arquitetura e à própria Arqueologia Pré-histórica.

Analisando, agora, algumas características da pesquisa arqueológica no Brasil, no momento em que surge um maior interesse em relação aos sítios históricos. Na década de 1950, a Arqueologia brasileira passa por um momento bastante importante no que se refere a sua estruturação em termos científicos. São contribuições importantes a Missão Francesa e a influência de pesquisadores america-

nos. Os arqueólogos franceses, seguindo o modelo adotado pelas várias missões francesas na América do Sul, dedicaram-se aos estudos de sítios de caçadores e dos grafismos rupestres e os pesquisadores americanos voltaram as suas atenções especialmente para os sítios cerâmicos e para os sambaquis (Barreto 1999).

É de particular interesse, a contribuição de Betty Meggers e Clifford Evans, especialmente as pesquisas desenvolvidas no bojo do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA), ativo no período compreendido entre 1965/70 e que construiu o primeiro panorama da pré-história brasileira. Vou deter-me na contribuição do casal Evans, pois materiais históricos foram recuperados, analisados e interpretados segundo a perspectiva abraçada por eles. Perspectiva esta que se difundiu amplamente no Brasil e, até os dias de hoje, é uma referência. Em um determinado período, especialmente a década de 1970 e até mesmo 1980, as estratégias de campo e de análise adotadas pelo PRONAPA foram recorrentes na arqueologia brasileira. Pode-se dizer que era a maneira preponderante de se fazer pesquisa, muito embora louváveis exceções sempre tivessem se destacado.

Trata-se de uma linha de pesquisa fortemente influenciada pela Ecologia Cultural americana, de Julian Steward, e especialmente pela visão de Betty Meggers que prioriza os fenômenos naturais ao construir interpretações sobre mudança social. No PRONAPA, o casal Evans adotou como estratégia de ataque dos sítios arqueológicos a realização de coletas de superfície e de pequenas sondagens feitas a partir de níveis artificiais. Os materiais foram ordenados segundo a seriação Ford, procedimento que organiza os vestígios a partir de tipologias concebidas para detectar mudanças através do tempo e do espaço. Segundo esta linha de pesquisa, os materiais são classificados segundo as categorias de fase e tradição inspirados em Willey & Phillips (1955).

Para Meggers & Evans (1985), fase e tradição mantêm a mesma relação que gênero biológico possui com a espécie, sendo que a tradição persiste por mais tempo e ocupa áreas mais extensas do que a fase. A fase por sua vez é definida segundo uma seqüência seriada e representa a expressão arqueológica de uma comunidade etnográfica.

No que se refere aos sítios cerâmicos, as pesquisas realizadas no âmbito do PRONAPA forneceram um panorama espaço-temporal das

tradições arqueológicas encontradas no Brasil que ainda hoje é uma referência importante para a pré-história. No que se refere à análise de outros tipos de sítios, a fragilidade teórico-metodológica dessa linha de pesquisa fica extremamente evidente e este é o caso específico da abordagem de sítios históricos.

É na década de 1960 que surgem os primeiros trabalhos de Arqueologia Histórica efetivamente sistemáticos, tanto no sul como no nordeste do país. No Rio Grande do Sul, seguindo a orientação do PRONAPA, são investigadas as missões jesuíticas e é criada a primeira fase cultural referente ao período histórico, a fase Missões. São os trabalhos de localização de povoados cobertos pela vegetação, análise de materiais provenientes de coletas de superfície e sondagens e identificação de técnicas introduzidas pelos europeus. No nordeste, à mesma época, surgiram pesquisas em fortificações e igrejas de Pernambuco. No decorrer dos anos 1970, os estudos relacionados com as Missões foram enfatizados tanto no sul como no nordeste do Brasil. Os estudos realizados nas Missões Jesuíticas-guarani apontaram para um tema de pesquisa que iria receber atenção significativa dos arqueólogos. São as investigações sobre contatos interétnicos e os fenômenos de aculturação, que seriam aprofundados na década de 80 (Andrade Lima 1993).

No Rio de Janeiro, Ondemar Dias identifica uma cerâmica que denomina de “cabocla” resultado do contato entre índios e europeus, material que passou a integrar a tradição Neobrasileira e que se refere ao período colonial. Segundo definição apresentada em Chmyz (1976:145), a tradição cultural Neobrasileira é “...caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnosticadas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneira”

A tradição Neobrasileira é um instrumento de análise que pretende dar conta do processo desencadeado com a chegada dos europeus ao que viria ser a nação brasileira. Porém, na maioria dos trabalhos onde se observa o uso do termo, ele está voltado quase exclusivamente para a descrição de cacos cerâmicos e a caracterização das técnicas de

confeção. Investe-se, especialmente, no estudo da cerâmica colonial, outros materiais eventualmente presentes nos sítios raramente são mencionados.

A visão reducionista desse esquema, fortemente marcado pelo determinismo ambiental, pouco se adequa à interpretação de fenômenos pós-contato com europeu. A riqueza documental sobre este período – quer seja relato de cronistas, de religiosos ou toda a produção sobre o Brasil Colônia, Império e República – mostra a complexidade dos fatos sociais. Evidencia a inadequação dos instrumentos de análise, amplamente utilizados pela Arqueologia brasileira, para dar conta do período histórico. A tradição Neobrasileira, um dos produtos do PRONAPA, teve vida curta.

A restrição de seu uso é um indicador de que rapidamente a comunidade de pesquisadores percebeu que as premissas abraçadas pelo PRONAPA não poderiam dar conta de uma realidade que envolvia os reinos de Portugal, Inglaterra, França e Holanda, diferentes povos indígenas e nações africanas. As nações européias e suas colônias, em pleno mercantilismo e com sofisticado controle de exploração do ambiente, dificilmente poderiam ser estudadas à luz da versão da Ecologia Cultural introduzida no Brasil por Betty Meggers e Clifford Evans.

É nesse contexto científico que surge um dos desdobramentos da Arqueologia, a Arqueologia Histórica. Para avaliar o seu desenvolvimento, e especialmente as relações com a Arqueologia Pré-histórica, analisarei as publicações relevantes que divulgam os resultados de pesquisa no Brasil. Optei por fazer um balanço apoiando-me nos anais do III Seminário Goiano, realizado em 1980, e, sempre que possível, nos cadernos de resumos divulgados pela Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Informo que não tive acesso nem ao caderno de resumos nem aos anais da reunião da SAB que ocorreu em 1985.

O III Seminário Goiano foi um momento importante na história da disciplina, pois a comunidade de pesquisadores se reuniu para elaborar uma síntese da ocupação pré-histórica do território nacional. Neste encontro, também, foi amadurecida a idéia de formar uma sociedade de arqueologia.

A escolha em analisar os volumes das reuniões científicas da SAB para acompanhar a constituição da Arqueologia Histórica recai nos seguintes fatos: a associação congrega número significativo de profissionais, a apresentação e publicação de idéias

está vinculada apenas à filiação que se dá mediante exigências mínimas e à periodicidade das reuniões. Destaco, ainda, que a SAB é resultado do processo de amadurecimento da disciplina e que para seus congressos são eleitos temas considerados como pertinentes e significativos pela comunidade científica.

Escolhi analisar os cadernos de resumos dos encontros da SAB pois, diferentes dos anais das reuniões, eles melhor expressam os interesses enfocados em cada reunião. Corroborou minha opção o fato de os anais, muitas vezes, terem sido divulgados de maneira tão tardia que, praticamente, coincidem com a reunião seguinte (este foi o caso da X SAB, em 1999). Além do mais, por diferentes motivos, nem todas as comunicações apresentadas nos encontros resultam em contribuições para os anais dos congressos. Alguns autores preferem divulgar em outros meios e certos trabalhos não têm fôlego para se transformarem em artigo. Dessa forma, considero que os livros de resumos melhor expressam os interesses da comunidade no momento de realização de cada congresso. Infelizmente, não encontrei o programa da III reunião da SAB que ocorreu em Goiânia, em 1985.

Para proceder à análise das contribuições estabeleci 10 categorias: caçadores, pescadores/coletores, horticultores/ceramistas, nativos, grafismos, antropologia física, teoria e método, abordagens regionais, patrimônio cultural, estudos de região, arqueologia histórica, arqueologia clássica e notícias. A categoria “caçadores” inclui as contribuições que versam sobre o início da ocupação do território brasileiro, as reflexões sobre as tradições Umu, Humaitá e Itaparica, bem como os estudos de indústrias líticas. “Pescadores/coletores” refere-se aos grupos sociais que ocuparam o litoral brasileiro, às tradições ou fases denominadas de Macaé e Itaipu, aos estudos sobre sambaquis sujos ou limpos e às adaptações litorâneas. “Horticultores/ceramistas” é a categoria que agrupa os estudos relacionados com as tradições ceramistas e grupos horticultores, já a categoria “nativos” reúne reflexões sobre grupos indígenas quer seja da perspectiva da etnoarqueologia ou da etnohistória.

“Grafismo” aglutina as contribuições sobre pintura e gravura rupestre. “Antropologia Física” reúne os trabalhos que tratam de análise dos esqueletos humanos, já “teoria e método”, conforme o próprio título informa, incorpora reflexões

sobre o tema. Neste caso, é preciso ressaltar que a grande maioria das contribuições trata preferencialmente de métodos e que são raras as reflexões teóricas. O item “patrimônio cultural” trata dos inventários de sítios, das avaliações e dos debates sobre política de preservação. Os “estudos de região” incorporam todos os levantamentos de área e a arqueologia da paisagem. Já a categoria denominada “Arqueologia Histórica” agrupa as reflexões voltadas para o modo de vida que se estabeleceu após a colonização européia. “Arqueologia clássica” agrupa as contribuições sobre Egito, Mediterrâneo e outros. A categoria “notícias” reúne os debates sobre os diferentes meios e os diferentes fins de divulgação (educação, museus, Internet, ...). É, também, o espaço destinado para a divulgação de resultados relacionados com novas técnicas de análise. (Tabela 1 e Gráfico 1).

Quero ressaltar os limites desta classificação que visa exclusivamente delinear a incorporação da temática da Arqueologia Histórica no seio da principal reunião científica de arqueólogos brasileiros. As primeiras reuniões caracterizam-se por tratar e ordenar os temas de maneira bastante empírica e de forma estanque. Com o desenvolvimento da disciplina, eles vão se imbricando, desdobrando-se e tornando-se mais complexos. Um bom exemplo é o grafismo, no início era tratado de maneira isolada, praticamente restrito à descrição de desenhos nas rochas e sua distribuição espacial. Atualmente, há todo um investimento em associá-lo com os vestígios de solo e investigar as regras sociais que orquestraram a sua execução. Com o passar dos anos e com o acúmulo de conhecimento, a ordenação dos temas passou a ser menos empiricista e torna-se uma árdua tarefa enquadrá-los no modelo que regia os primeiros encontros da Sociedade de Arqueologia. Porém, como a Arqueologia Histórica inaugura a sua participação na VI SAB, em 1987, e já se passaram mais sete encontros, optei por ater-me à ordenação temática das primeiras reuniões.

No que se refere especificamente à Arqueologia Histórica e, também, a partir da leitura dos resumos, estabeleci seis categorias: arqueologia de restauração, estudos de caso, estudos de materiais e técnicas de análise, estudos de práticas cotidianas e mentalidades, reflexões sobre teoria e metodologia e notícias. “Arqueologia de restauração” refere-se às pesquisas que estão diretamente relacionadas com os trabalhos de recuperação do patrimônio

arquitetônico. Os “estudos de caso” reúnem os resumos que apresentam apenas os dados básicos em relação a um determinado sítio histórico e até mesmo a um conjunto de sítios sem que seja explicitado nenhum tipo de reflexão sobre hábitos ou costumes. Já a categoria “estudo de materiais e técnicas de análise”, como deixa claro a denominação escolhida, agrupa comunicações que versam sobre materiais típicos de sítios históricos, tal como a faiança, e técnicas de análise, quer seja de materiais ou do próprio sítio.

A categoria “estudos de práticas cotidianas e mentalidades” reúne os trabalhos que enfocam aspectos da vida cotidiana relacionado com o sítio em estudo (práticas de higiene, poder, espaço, memória), já as “reflexões sobre teoria e metodologia” agrupam os estudos que se caracterizam pela reflexão teórica. “Notícias” é uma categoria bastante heterogênea e reúne apresentações de projetos, notas de intenção de estudo, notícias de sítios e outros.

Bem sei que muitas contribuições poderiam se encaixar em duas ou três categorias estabelecidas mas cada uma delas integra uma única. Muito embora as sessões (sejam simpósios, grupos de trabalho ou mesa redonda) tenham sido preparadas para aprofundar temas específicos e que, portanto, todas as contribuições poderiam ser encaixadas, em bloco, em uma mesma categoria, decidi reordená-las segundo os temas estabelecidos. Procedi desta maneira por considerar que o resumo expressa de maneira mais significativa a questão focal da pesquisa e considere, também, que, muitas vezes, questões de ordem política também interferem na composição dos membros das sessões. A Tabela 2 enfoca as contribuições de Arqueologia Histórica apresentadas nas reuniões da SAB e a sua respectiva classificação temática. O Gráfico 2, elaborado com os mesmos dados, permite uma melhor visualização da evolução desse campo de saber e, em anexo, estão listados todos os trabalhos que foram analisados.

Na publicação que resultou do seminário de Goiás ficou bem claro quais os temas que os arqueólogos queriam priorizar: paleo-índio, arcaico do litoral e do interior, cultivadores do planalto e do litoral e arte rupestre. Não foi feita qualquer referência sobre Arqueologia Histórica, muito embora alguns pesquisadores já tivessem voltadas suas atenções para o período colonial. Como já mencionei, Virginia Watson já havia realizado

trabalho com enfoque de Arqueologia Histórica na cidade Real do Guaira, Chmyz (1963; 1964) deu continuidade às suas pesquisas. Blasis, em 1961, já havia publicado trabalho considerado pioneiro na Missão Jesuítica de Santo Inácio Mini. Na realidade, desde a década de 60, ocorreram várias abordagens de sítios históricos.

Logo após o III Seminário Goiano, em 1981, ocorre a I reunião científica da SAB. O livro de resumos conta com 39 contribuições agrupadas em grandes temas: caçadores e coletores, início da agricultura e horticultores, modelos etnográficos para a arqueologia, arte rupestre, temas variados. Nenhuma sessão intitulada arqueologia histórica e nenhuma linha sobre material histórico. Significativamente, apesar de já existir um certo acúmulo de informações, não ocorre nenhuma referência a qualquer tipo de questão relacionada ao período pós-contato com os europeus. Isso indica que, até então, os arqueólogos definiam o seu perfil como estudiosos do período antes do contato com o europeu. Só na reunião de 1987 é que temas como sítios do século XIX, trabalhos sobre restauração, guerras, entre outros, são tratados no âmbito das reuniões da SAB. A Arqueologia Histórica surge na IV reunião da SAB, em 1987, com peso e forte determinação de marcar presença, entre todas as categorias é a que apresenta maior número de contribuições. A partir desse momento, com alguma oscilação, só vai crescer e se desdobrar (ver Tabela 1, Gráfico 1).

É na esfera pública que lida com a preservação do patrimônio histórico cultural da nação que a pesquisa em Arqueologia Histórica ganha evidência. Algumas prefeituras reconhecem a importância do trabalho de arqueólogos. Em São Paulo é celebrado um convênio entre a prefeitura e a Universidade de São Paulo e Margarida Andreatta coordena uma série de estudos. As informações obtidas, apesar de certas dificuldades que marcam o desenvolvimento da pesquisa, começam a influenciar os trabalhos de restauração. Lá também, ocorre o I Seminário do Patrimônio Histórico da Cidade de São Paulo. É um grupo restrito que se reúne e fica claro o confronto entre arqueólogos e arquitetos, os primeiros sendo vistos claramente como empecilho para o cronograma de obras. Ulpiano Bezerra de Meneses explicita que uma nova ordem precisa ser imposta – os trabalhos de arqueologia devem preceder as intervenções arquitetônicas e de restauração.

Logo após, em outubro de 1985, a Secretaria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro, e a Fundação Pró-Memória, organizaram o Seminário de Arqueologia Histórica, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro. O encontro reuniu um grande número de participantes, cerca de 340 pessoas. Segundo Andrade Lima (1993), nesse momento, a disciplina foi parcialmente resgatada da inferioridade em relação ao campo da pré-história, iniciando uma nova etapa. Foi, de fato, uma surpresa a quantidade e a qualidade de trabalhos apresentados.

Nesses dois seminários, o de São Paulo e o do Rio de Janeiro, fica bem clara uma das características que marcam o início da arqueologia histórica. Surge atrelada ao processo de recuperação da memória nacional que investe de maneira significativa na restauração de prédios e monumentos. Processo que é levado adiante, principalmente por arquitetos e historiadores, e é com os primeiros que se dão os maiores conflitos. Como numa batalha, pois é assim que, segundo Bourdieu (1983), se pode pensar as relações entre as disciplinas – os arqueólogos disputam verba, tempo, espaço e interpretação com os arquitetos, já que são estes profissionais que tocam as obras e, em certas circunstâncias, convocam arqueólogos. Essa situação marcou os trabalhos apresentados nos seminários. Muitos projetos foram concebidos sem a participação de arqueólogos e as equipes tiveram uma série de dificuldades em impor o seu ritmo de trabalho e posições.

A disputa da Arqueologia Histórica é com arquitetos, pois nesse momento a Arqueologia Histórica ainda não produz conhecimento que pudesse contrariar interpretações já existentes. Disputa espaço para realizar trabalhos de campo, em seu próprio ritmo de pesquisa, e não pressionada por cronograma de obra. Significativamente, o embate, nesse momento, não se dá com a História, pois esta disciplina recebe, com certa simpatia, as contribuições de arqueólogos. Para alguns domínios da história, a incorporação de informações obtidas a partir da análise da cultura material é mesmo uma tradição, sendo recorrente nos estudos de Egito e Grécia.

Por outro lado, a própria História começa a rever criticamente o potencial informativo do documento escrito, especialmente no que se refere

ao fato de o documento escrito ser essencialmente representação (Meneses 1983b). Nesse mesmo movimento, começa a valorizar outras evidências da cultura material que, por sua vez, passam a ser consideradas também como documentos.

Os arqueólogos historiadores são implacáveis nos seus argumentos, Arno Kern, Pedro Paulo Funari e Carlos Guimarães, separadamente e em diferentes situações, ressaltam a importância do tipo de informação que pode ser obtida através do estudo da cultura material. Na visão desses autores, a cultura material permite lançar “um novo olhar” sobre determinadas realidades sociais. Entre as várias peculiaridades que a caracterizam, está a possibilidade de dar voz aos segmentos menos privilegiados que não tiveram a oportunidade de registrar, por escrito, a sua experiência social.

Nesse sentido, a cultura material permite desvendar informações que nunca foram mencionadas nos relatos das elites dominantes (religiosa, política ou econômica) por desconhecimento, por não considerar relevante ou simplesmente pelo puro desejo de omitir. Permite estudar, em detalhe, por exemplo a organização nos Quilombos, o seu cotidiano, estratégias de sobrevivência e proteção. Destruir certas pré-noções amplamente divulgadas pela história, quer seja que os Quilombos mantinham-se praticamente isolados ou que todas as Missões eram iguais em decorrência do traçado urbanístico imposto pelas ordens religiosas, etc .... (Funari 2000; Kern 1994)

A pesquisa de Arno Kern: (1994, 1998) mostra, de um lado, a complexidade das relações entre jesuítas e Guarani; de outro, as relações do Povo das Missões com outros grupos indígenas, com a coroa espanhola e com a portuguesa sempre à procura de mão de obra já “civilizada”. Apresenta, em detalhes, o processo que denomina de “transculturização”, a manutenção de uma série de costumes indígenas, a mistura de determinados hábitos em certos domínios (o traçado urbanístico europeu e a permanência de grandes casas para famílias extensas), e a imposição de certos hábitos pelos jesuítas, como o uso do arado por homens.

Arno Kern, historiador de formação e treinado em arqueologia no Rio Grande do Sul, estado que cedo desenvolveu uma sólida tradição de pesquisa em Missões, é um dos primeiros a estabelecer um debate acirrado com a História. Em diversas situações, critica a maioria dos trabalhos de história que se limita a uma análise interna estrutural da

comunidade missionária sem relacioná-la com uma realidade mais ampla na qual está inserida. Pedro Paulo Funari, por sua vez, um dos mais combativos, inúmeras vezes resalta a especificidade da Arqueologia Histórica (Funari 1991, 1996).

Já na SAB, em 1987, a Arqueologia Histórica marca sua presença com 14 comunicações sob a coordenação de Arno Kern. Vários arqueólogos, até então voltados exclusivamente para a pré-história, passam também a divulgar os resultados de estudos de materiais provenientes do período de contato com os europeus. O próprio Arno abandona os estudos em sambaqui e volta-se para o estudo das Missões Jesuíticas, Gabriela Martin apresenta os estudos em Missão Vila Flor, Margarida Andreatta e Dorath Uchôa analisam uma caieira que fabricava a cal proveniente de um sambaqui e Tânia Andrade Lima estuda os sítios históricos do Rio de Janeiro. A partir de 1993 são mais recorrentes os trabalhos no campo da Arqueologia Histórica. É destaque o grupo de trabalho intitulado Arqueologia Africana no Brasil, coordenado por Pedro Paulo Funari e o curso denominado Arqueologia Histórica no Brasil, coordenado por Arno Kern com a participação de Paulo Tadeu de Albuquerque e Tania Andrade Lima.

A maioria dos trabalhos é descritiva, outros são apenas informes de intenções. Alguns são decorrentes de obras de restauração e se limitam a contribuir para o processo de recuperação de prédios e monumentos. O seu número indica o grande peso que essa linha de atuação tem na Arqueologia brasileira. Porém, destacam-se alguns que já apresentam questões mais elaboradas como o estudo do processo de implantação de ordem burguesa na cidade do Rio de Janeiro. Tania Andrade Lima, em 1987, apresenta “a tralha doméstica” recuperada em sítios históricos do Rio de Janeiro. O criativo título de seu trabalho permite vislumbrar a leitura inovadora do modo de vida que se instalou no Brasil com a chegada da corte portuguesa e que teve desdobramentos com “Chá e simpatia”, em 1999, título também sugestivo, no qual é investigada como a cerimônia se estruturou na Inglaterra e as feições que tomou no Brasil patriarcal.

Se existia restrição, por parte dos pré-historiadores, em relação àqueles que se voltam para os temas históricos, tal conduta já não se sustenta. Vários profissionais que integram a SAB,



considerada até então como domínio dos estudiosos do período pré-colonial, passam a dedicar-se ao tema. Em todos os encontros há trabalhos de Arqueologia Histórica e cada vez é maior o número de intervenções (grupos de trabalho, mesas redondas, vídeos, cursos, painéis) (ver Tabela 1 e Gráfico 1).

Por volta de meados da década de 1990, os pesquisadores que se dedicam ao estudo do período colonial consideraram que tinham questões e problemas específicos e iniciaram um movimento para criar uma associação, seguindo, assim, o modelo de outros países. Cabe perguntar, por que, diferente do que ocorreu na Austrália, Inglaterra e Estados Unidos, o projeto não se concretizou. Não creio que a iniciativa de criar uma associação específica não tenha se efetivado em decorrência do pequeno número de profissionais engajado no projeto, já que um grupo restrito de pesquisadores teve fôlego para criar o Fórum de Arqueologia, quando discordaram dos caminhos adotados pela SAB. Até hoje o projeto não se concretizou e parece não ser mais necessário. Pesquisadores que se dedicam ao estudo da Arqueologia Histórica foram presidentes da SAB – Gabriela Martin, eleita em 1991; Arno Kern, em 1993; Paulo Tadeu de Albuquerque, em 1995 e Tania Andrade Lima, em 1999 – e o espaço está aberto para tratamento de temas relacionados com o período após o contato com os europeus.

Fica claro que a arqueologia no Brasil ampliou significativamente o seu campo de estudo, o período pós-contato com europeus passou a ser, também, foco de interesse de muitos estudiosos, especialmente após 1999 quando ocorre uma espécie de *boom* da Arqueologia Histórica. Considero que o abandono do projeto de criação de uma sociedade voltada para o estudo do período histórico está relacionado com a mudança que ocorreu na própria definição da Arqueologia em países que influenciam a disciplina no Brasil.

Na década de 1960, ocorreu um importante movimento nos Estados Unidos e Inglaterra. Ulpiano Bezerra de Meneses (mimeo) fornece um balanço das contribuições que resumo a seguir. Trata-se de uma reação ao Histórico Culturalismo, *approach* de pesquisa difundido por Franz Boas e que dominava as pesquisas arqueológicas desde o início do século passado. Foi um movimento capitaneado por Lewis Binford e que teve como preocupação central tornar a Arqueologia uma

disciplina científica. Muitos consideraram que a solução para este problema era incorporar os métodos e fundamentos das ciências experimentais, mas predominou uma perspectiva assumida por David Clarke que tratou de transformar a Arqueologia em ciência, atribuindo-lhe um campo específico, com objetivo e método próprios. Para tornar a Arqueologia uma ciência capaz de explicar diferenças e similitudes culturais inspiraram-se em três linhas de pesquisa. 1) no Evolucionismo Americano, de Leslie White, que procurou estabelecer relações comensuráveis entre energia tecnológica e o desenvolvimento das civilizações; 2) na Ecologia Cultural, de J. Steward, com o seu evolucionismo multilinear – entendido no âmbito das articulações da cultura e meio-ambiente.; 3) No Funcionalismo da antropologia britânica (de Radcliff Brown e Malinowski) principalmente no conceito de adaptação, que termina por tornar a cultura equivalente a um sistema adaptativo.

Foi um movimento efervescente com significativa produção, novas abordagens e com repercussão importante na própria definição da Arqueologia. Segundo essa corrente teórica, o objeto de estudo é o sistema cultural, quer seja no passado longínquo dos primeiros caçadores quer seja na atualidade. Fica para trás o recorte temporal que desde o início da Arqueologia delimitou esse campo de saber. A disciplina deixa de se restringir a um determinado período (o pré-histórico), etapa na qual não se conta com documentos escritos.

Caracteriza a Nova Arqueologia uma preocupação sistemática em estabelecer analogias com grupos atuais e, portanto, uma valorização dos estudos de etnoarqueologia. São inúmeras as pesquisas com sociedades vivas.

Apesar das fortes críticas que recebeu, algumas bem merecidas, a Nova Arqueologia foi um dos movimentos mais criativos da Arqueologia. Uma verdadeira tempestade de idéias. Convém lembrar que as influências da Nova Arqueologia só chegaram ao Brasil por volta da década de 1980. Segundo Andrade Lima (2000) enquanto nos países de língua inglesa condenavam-se as tipologias, as construções cronológicas, as infundáveis descrições com fim em si mesmas e o método indutivo, no Brasil ocorria um movimento oposto. Florescia uma ecologia cultural bastante equivocada. As exceções são pesquisas de etnoarqueologia, padrões de assentamento abordando caçadores, sambaqueiros e horticultores e, na Arqueologia Histórica, os

estudos voltados para entender fenômenos de aculturação e a instalação do modo de vida burguês no Brasil colônia e república (Barreto 2000).

Uma avaliação das premissas teórico-metodológicas difundidas pela Arqueologia Processual deixa claro que elas não são adequadas para dar conta de processos de interação e conflito cultural que marcaram o período histórico no Brasil. Refiro-me a toda diversidade de grupos indígenas, os diferentes contingentes europeus (portugueses, franceses, holandeses) com interesses distintos e contraditórios, que abrangem uma enorme gama de motivações que vão desde aspirações religiosas até a mais pura exploração comercial. Completa, ainda, o panorama a forte presença de diferentes etnias africanas. Toda esta complexidade, dificilmente, poderia ser aprofundada a partir de uma visão normativa de cultura difundida pela Nova Arqueologia.

É no que se pode chamar de “segunda revolução da Arqueologia”, movimento denominado de Arqueologia Pós-processual que a Arqueologia Histórica brasileira, já com o seu lugar assegurado na comunidade acadêmica, vai florescer.

A crítica mais agressiva à Arqueologia Processual veio de Cambridge e começou minando o positivismo da Nova Arqueologia. Critica-se o *approach* sistêmico, a influência da Ecologia Cultural e dos esquemas evolucionários que dominaram os estudos das sociedades. Ian Hodder, um dos destaques desse movimento, mostrando a influência da Escola de Frankfurt, resiste a toda tentativa de transformar a Arqueologia em uma Ciência Natural. Volta as suas atenções para o artefato enquanto símbolo. Propõe que símbolos materiais refletem e simultaneamente criam a lógica interna que guia as ações práticas para todos os membros da comunidade. Comportamento é negociação entre indivíduos e entre diferentes subgrupos (classes, gêneros e minorias) onde esses símbolos circulam (McIntosh 1996). Em suas interpretações, os processualistas recuperam a abordagem de Leroi-Gourhan, especialmente sua idéia de cadeia de atividades, e apoiam-se no estruturalismo, não na corrente de Lévi-Strauss com sua perspectiva mais transcultural, mas sim no particularismo de Clifford Geertz.

Ian Hodder (1992) proclama que a Arqueologia é o estudo da cultura material, em qualquer tempo e lugar. Desta maneira, fornece total legitimidade aos estudos históricos e aos contemporâneos. Até o lixo, recém-descartado, é estuda-

do. Este é o tema de pesquisa, inúmeras vezes mencionado, do projeto coordenado por William Rathje (1996). Trabalho que é utilizado como um exemplo do potencial informativo da cultura material e mostra que geralmente “o que a pessoa diz” é muito diferente “do que a pessoa faz” Rathje e seus colegas coletaram lixo doméstico na cidade de Tucson, Arizona, e estudaram seu conteúdo. Na análise, ficou claro que as estimativas dos habitantes desta cidade, sobre o total de lixo que eles produzem, é totalmente incorreta. É especialmente equivocada em relação ao descarte de latas de cerveja, sendo esta conduta uma estratégia para camuflar o alto consumo de álcool.

É também uma especificidade do Pós-processualismo encorajar vozes alternativas na Arqueologia. Ocorre, lentamente, um crescimento do pluralismo interpretativo e a interação de múltiplos pontos de vista para construir conhecimento. Assim, nas últimas duas décadas, a Arqueologia Ocidental passou por processo bastante decisivo de debates, críticas e revisões de linhas teóricas dominantes, desembocando em pluralismo teórico, temático e metodológico jamais visto na história da Arqueologia. Este movimento foi desencadeado pelas críticas de Cambridge à Arqueologia Processual e depois continuou com o aparecimento de um novo leque de perspectivas teóricas. Deste conturbado período surge uma Arqueologia mais reflexiva quanto a sua natureza

Trata-se de um quadro muito mais favorável para o desenvolvimento da Arqueologia Histórica. Não se questiona mais se estudar o período histórico é Arqueologia ou não. Valoriza-se, na análise, o uso de múltiplas fontes – cultura material, documento escrito e discurso – cada uma com suas especificidades para construir interpretações. Enfoca-se o conflito entre segmentos sociais que compartilham e fazem leitura divergente de uma mesma prática social. Entram em foco a Arqueologia de gênero, de classes de idade, classes sociais, diferentes etnias e credos religiosos.

Apoiada na reflexão de Barreto (2000), é pertinente avaliar a repercussão na Arqueologia Brasileira das mudanças ocorridas nos Estados Unidos e Europa. Como já ressaltai, a partir da década de 80 chegam ao país os reflexos da Nova Arqueologia. Velhos temas são tratados sob novas perspectivas. A antiguidade da ocupação do território brasileiro, que vem sendo estudada desde os primórdios da Arqueologia, passa a ser analisa-

da à luz de teorias sobre a entrada do homem na América. Os sambaquis, outro tema mais que centenário, recebe novo tratamento. Investiga-se a organização social e padrões de assentamento.

Novos temas são incorporados. Processo de mudança, sedentarização, transição para a agricultura e complexificação social. São abandonadas as estáticas categorias de pré-cerâmico, cerâmico ou histórico. Surgem novas abordagens como as pesquisas de etnoarqueologia e ocorre a integração de novas fontes de informação, arqueólogos passam a lidar com dados históricos, lingüísticos e biológicos. A Arqueologia Histórica se fortalece.

A Arqueologia brasileira, seguindo uma tendência ocidental, é mais auto-reflexiva sobre a própria produção. São significativos os esforços de síntese e as avaliações históricas sobre os rumos da disciplina ou de temas específicos. São destaques as contribuições de Prous (1991), Mendonça de Souza (1991), Funari (1989), Barreto (1999; 2000), Robrahn-González (2000).

Arqueólogos brasileiros fazem enorme esforço para sair do isolamento que aprisiona a disciplina. A série de seminários organizados por Edna Morley, do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, traz ao Brasil vários profissionais americanos, entre eles Michael Schiffer, J. Parson, Norman Yoffe, Suzanne e Paul Fish. Estas visitas científicas culminam com o que já é considerado um marco do atual período – o Congresso sobre Teoria e Método realizado na Universidade de São Paulo, em 1995. Nele, arqueólogos brasileiros, americanos e franceses sentam, lado a lado, em um profícuo intercâmbio científico. A troca de informação científica substituiu o tradicional treinamento em técnicas especializadas que durante muito tempo caracterizou a contribuição de arqueólogos estrangeiros (Castro Faria 1989).

Com a globalização, a difusão de informações através de meios eletrônicos e a popularização das viagens de avião, os pesquisadores brasileiros passam a freqüentar, com regularidade, os centros mais avançados de Arqueologia.

No primeiro simpósio brasileiro apresentado na *Society for American Archaeology*, em 1996, denominado “*A Panorama of Brazilian Archaeology*”, coordenado por Maria Dulce Gaspar, Paulo De Blasis e Edna Morley, uma das importantes contribuições é um trabalho de Arqueologia Histórica. Paulo Zanettini apresentou as práticas de guerra adotadas em Canudos, na

Bahia. No esforço para sair do isolamento em que se colocou em decorrência de uma série de opções criticáveis, as Arqueologias (a pré e a histórica) saem juntas para correrem atrás do tempo perdido. Mas significativas, ainda, para a Arqueologia Histórica, são as reuniões de Teoria Arqueológica na América do Sul, iniciadas em 1998. Trata-se de um alinhamento com os colegas da América do Sul com os quais é possível compartilhar as especificidades do fazer Arqueologia nos trópicos. A Arqueologia Histórica se faz presente através de um dos organizadores do evento, Pedro Paulo Funari.

Porém, há ainda um longo caminho a percorrer. Segundo a avaliação de Tânia Andrade Lima (2000), são poucos, muito poucos, os que incorporam os preceitos da Nova Arqueologia e muito menos os que acompanham as críticas feitas pelos arqueólogos de Cambridge. Mais raras ainda são as pesquisas que direcionam suas investigações para o estudo de relações de poder e dominação, para aspectos cognitivos e simbólicos, identificando o indivíduo como negociador ativo das regras sociais e admitindo suas escolhas como ideologicamente determinadas, valorizando a estrutura mental, os sistemas de crenças e ideologia e considerando conflito e contradição cultural. O pluralismo interpretativo ainda vai demandar muito tempo para se instalar no país, muito embora, já tenha imprimido algumas de suas marcas na Arqueologia Histórica que mais facilmente incorpora as inovações teóricas.

Apesar de muitos trabalhos ainda serem eminentemente descritivos e outros tantos atrelados ao que se denomina “Arqueologia da Restauração” esse campo da Arqueologia apresenta particularidades interessantes que permitem um desenvolvimento rápido da disciplina que a partir de 1980 se impôs enquanto campo de saber e abriu espaço junto aos arquitetos, historiadores e pré-historiadores. Construiu interpretações inovadoras sobre hábitos, costumes e mentalidades do Brasil colônia e república. Temas nunca imaginados, são explorados. Fala-se de práticas obsessivas em relação à excreção de humores como forma de comportamento disciplinar da sociedade carioca do século XIX, estuda-se globalização (Andrade Lima 1996, 2002).

Cabe pensar o que este domínio da Arqueologia tem de particular. O aspecto ímpar da Arqueologia Histórica é a sua capacidade de dispor simultaneamente do registro documental e do

registro arqueológico, ou seja, daquilo que foi escrito e o que realmente foi feito. E, da confrontação dos dois, construir interpretações que evidenciem novas leituras da realidade que se propõe a investigar.

Além disso, como sugere Andrade Lima (1993), é preciso destacar o forte apelo emocional das pesquisas realizadas em sítios históricos junto à sociedade, que se identifica profundamente com os materiais europeus e africanos recuperados nas escavações. Brasileiros sentem que ali, de fato, estão os seus antepassados e a sua memória. É uma situação completamente diferente da enfrentada pelos pesquisadores que estudam o modo de vida dos caçadores, sambaquieiros ou horticultores. Há um distanciamento emocional em relação à ancestralidade indígena que a Arqueologia Pré-Histórica traz à tona.

Um outro aspecto precisa ser considerado. Os pesquisadores que dispõem de documentos escritos sobre os temas de estudo podem rapidamente contar com informações fundamentais para proceder suas análises, como por exemplo, delinear o objeto de pesquisa em seu contexto espaço-temporal. Esta simples tarefa, para os estudiosos do Brasil pré-colonial, implica uma série de procedimentos custosos no que se refere a tempo e investimento financeiro na pesquisa de campo.

Menciono um exemplo brasileiro, para dar uma dimensão local ao problema. A Arqueologia brasileira, desde os seus primórdios, tem se voltado para os estudos de sambaqui. São mais de mil títulos já publicados, centenas de datações radiocarbônicas. É possível imaginar que a abordagem de um problema específico, relacionado com a sociedade sambaqueira, poderia ser facilmente equacionada. Mas esta não é a realidade de pesquisa quando o objeto de estudo é o Brasil antes do contato com os europeus (Barbosa & Gaspar 1998; Gaspar 1996).

Apenas para realizar uma análise estrutural da cadeia de atividades que resultou no processo de incremento do sambaqui de Jabuticabeira II, Santa Catarina, foram 40 dias de campo de uma equipe composta por 15 profissionais treinados. A equipe estudou 130 metros de perfis, previamente

expostos em decorrência da exploração de conchas para o fabrico da cal. Isto quer dizer que não houve escavação, apenas preparação e registro das informações contidas nos perfis. Em uma segunda etapa, com a mesma duração que a anterior e desenvolvida por cinco arqueólogos, teve como objetivo a verificação das informações obtidas através do ataque vertical e melhor entender o programa mortuário; foi feita a decapagem de uma pequena área funerária de 25,5m<sup>2</sup>, sendo que a profundidade máxima alcançada foi de 50 cm nos locais onde havia covas e buracos de estacas. Isto fornece uma dimensão do ritmo diferenciado de produção de dados básicos entre a Arqueologia que conta com documentos escritos e a que se restringe à análise da cultura material (Fish *et al.* 2000; Gaspar *et al.* 2002).

Assim, considerando a disposição de toda a comunidade de arqueólogos em sair do isolamento científico que manteve e ainda mantém a disciplina isolada em relação às outras ciências sociais, as facilidades de comunicação decorrentes da globalização, o forte apego afetivo da sociedade brasileira em relação aos materiais provenientes do período histórico e a relativa rapidez com que é possível obter certos dados básicos para sustentar reflexões sobre o período colonial, é possível esperar um forte e rápido desenvolvimento da Arqueologia Histórica. A quantidade de trabalhos apresentada na reunião da SAB, de 2001, ultrapassa meia centena e mostra o vigor desse campo de estudo. Esta previsão não se apóia apenas em números, mas também na criatividade dos estudos. Jardins são tratados como artefatos, investigam-se hábitos da higiene bucal, as redes de serviço de água e esgoto, sistemas de defesa, ataque e comunicação entre fortes. Desvenda-se todo um cotidiano fascinante.

### Agradecimentos

Agradeço a Márcia Barbosa e a Elisa Dalcin Pinheiro por terem auxiliado no levantamento realizado nos livros de resumos da SAB, ao Paulo Zanettini por ter disponibilizado texto inédito e a Angela Buarque pela leitura cuidadosa do original.

**TABELA I**  
**Temas publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

Ano	Local	Presidente	Caça	Pes-Col	Hort & Cera	Graf	AntFis	TeoMetd	ArqHist	AbdReg	ArqClas	ArqClas	ArqClas	Noticias	Nativos	Total
1981	Rio.Jan.	Pe. Schmitz	8	6	6	7	2	1	—	1	3	—	—	1	4	39
1983	Belo Ho.	Pe. Schmitz	5	3	5	5	4	—	—	7	—	—	—	1	2	32
1985	Goiânia	D. Uchôa	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1987	Santos	D. Uchôa	5	10	12*	8	5	2	14	4	10	—	—	5	5	80
1989	S.C.Sul	O. Dias	4	7	3	6	4	—	7	12	3	—	—	2	1	48
1991	Rio.Jan.	Pe. Schmitz	8	22	15	10	17	7	25	29	8	1	13	10	10	165
1993	J.Pessoa	G.M. Avila	6	16	17	22	11	2	35	14	24	5	16	4	4	172
1995	P.Aleg	A. Kern	10**	15	19**	9	7	5	26	19	12	—	—	20	10	152
1997	Rio Jan.	P. T. Albuquerque	5	19	14	18	9	10	31	25	17	2	25	7	7	182
1999	Recife	M. Ribeiro	21	14	26	31	16	8	57	31	27	7	39	22	22	299
2001	Rio Jan.	T. A. Lima	14	29	23	15	26	19	70	36	55	5	51	15	15	359

Obs. - \* Considerei o número de participantes na mesa redonda como equivalente ao de resumos.

\*\* O resumo apresenta informações tanto sobre caçadores como horticultores.

TABELA 2

Abordagens mais recorrentes em Arqueologia Histórica publicadas em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira									
Ano	Local	Presidente	Estudos de caso	Estudo materiais e técnicas de análise	Práticas cotidianas e mentalidades	Restauração	Teoria e método	Notícias	Total
1981	Rio Jan.	Pe. Schmitz	-	-	-	-	-	-	-
1983	Belo Ho	Pe. Schmitz	-	-	-	-	-	-	-
1985	Goiânia	D. Uchôa	-	-	-	-	-	-	-
1987	Santos	D. Uchôa	6	1	-	-	1	6	14
1989	S.C.Sul	O Dias	-	1	2	2	-	2	7
1991	Rio Jan	Pe. Schmitz	6	1	7	4	5	2	25
1993	J.Pessoa	M. Avila	3	3	9	6	-	14	35
1995	P.Aleg	A Kern	-	1	2	4	2	17	26
1997	Rio Jan	Albuquerque	3	4	9	6	-	9	31
1999	Recife	M. Ribeiro	7	7	8	5	7	23	57
2001	Rio Jan	A. Lima	13	14	10	10	6	17	70

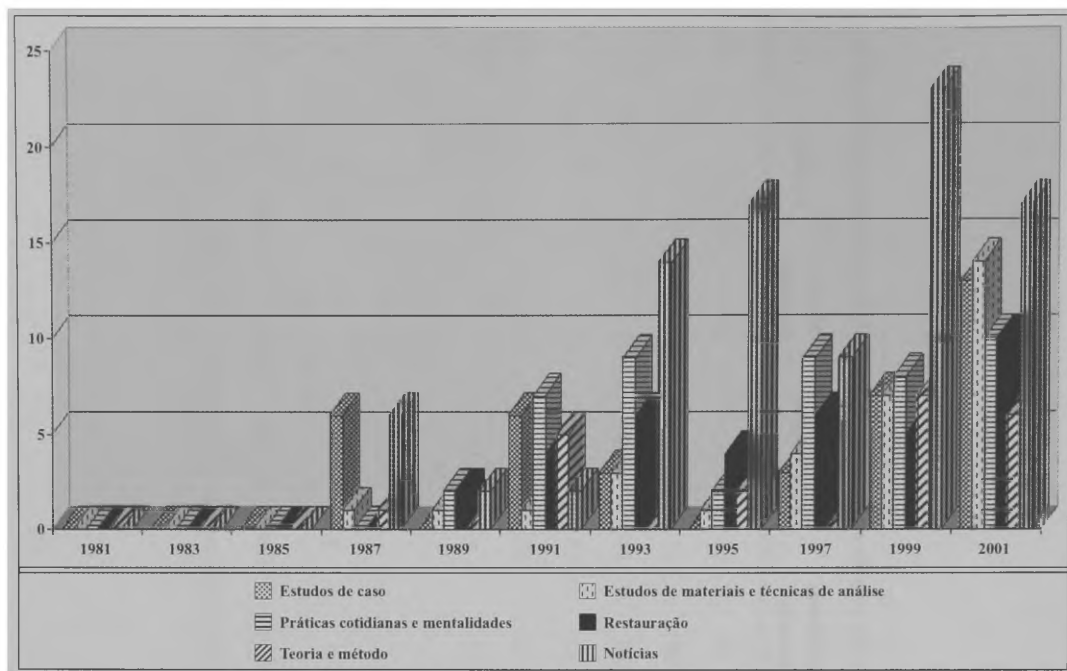


Gráfico 2 – Abordagens mais recorrentes em Arqueologia Histórica publicadas em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira.

## ANEXO

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
1987	Estudos de caso	Intervenções arqueológicas nas missões jesuíticas do Rio Grande do Sul	Kern, A.A.
		Caieira do Brasil colônia: remanescentes na “Ilha do Casqueirinho”	Andreatta, M.D.
		Pesquisas arqueológicas na missão Carmelita da Vila Flor (RN)	Martin, G. & Farraz, S.
		Escavações arqueológicas na aldeia de São Nicolau do Rio Pardo, RS, Brasil	Ribeiro, P.A.M.; Ribeiro, C.T. & da Silveira, I.
		Arqueologia histórica da guerra de Canudos	Zanettini, P.E.
		A mão de obra indígena no Rio de Janeiro	Dias Jr., O.
1987	Estudos de materiais e técnicas de análise	A tralha doméstica em meados do século XIX: um estudo comparado de utensílios cotidianos em sítios históricos do Rio de Janeiro	Lima, T.A.; da Fonseca, M.P.R.; Sampaio, A.C.O.; Nepomuceno, A.F-. & Martins, A.H.D.
1987	Teoria e metodologia	Arqueologia e história	Magalhães, M.P.
1987	Notícias	Análise dos vestígios arqueológicos de São Lourenço em laboratório	Kern, A.A.; Cunha, J.; Cazetta, M.; Nobre, E.; Santos, R. & Ribeiro, C.
		Intervenção arqueológica na missão de São Lourenço: análise espacial e trabalhos de campo	Kern, A.A.; Souza, J.O.; Santos, M.C.; Tochetto, F.B.; Thadeu, V.T.; Vietta, K.; Cunha, J.; Santos, R.; Escosteguy, F. & Ribeiro, C.
		A pesquisa arqueológica na casa da fundição do ouro de Goiás: primeiros resultados	da Silva, C.E.F. & Pardi, M.L.F.
		O projeto arqueológico e histórico de São Lourenço	Kern, A.A. & Ribeiro, P.M.
		A arqueologia histórica no contexto do projeto de desenvolvimento integral da área do sertão de Canudos	de Atafde, Y.D.B.
		Ruínas do Abarabebê e seu entorno: projeto de preservação	Uchôa, D.P.
1989	Estudos de materiais e técnicas de análise	Categorias cerâmicas do sítio arqueológico histórico Casa da Marquesa de Santos	Arakaki, F.R.



**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
1989	Notícias	Reconstrução histórica do mosteiro de São Bento de Santos através dos seus testemunhos arqueológicos: primeiros levantamentos	Maximino, E.P.B.
		Programa arqueológico, histórico e de recuperação e manejo ambiental da ilha do Casqueirinho, Cubatão, São Paulo, Brasil	Uchôa, D.P. & Shimizu, G.Y.
1989	Práticas cotidianas e mentalidades	Arquitetura e arqueologia industrial: reconhecimento e análise do espaço fabril no município de São Paulo	Couto, E.T.D. & Campos, M.C.
		A siderurgia do século XVI ao XVIII na Vila de São João do Ipanema. Iperú. São Paulo	Andreatta, M.D.
1989	Arqueologia de Restauração	Vale do Anhangabaú – São Paulo. Uma experiência em arqueologia urbana	Juliani, L.J.C.O.
		Missões religiosas no vale do São Francisco	Martin, G.
1991	Teoria e metodologia	Perspectiva da arqueologia histórica no Brasil	Albuquerque, M.
		Mapa de valorização arqueológica do sítio urbano: instrumento preventivo de tutela do patrimônio arqueológico urbano	Cazzetta, M.
		Arqueologia africana no Brasil	Funari, P.P.A.
		Arqueologia histórica: arqueologia ou história?	Pacheco, L.M.S.
1991	Estudos de caso	Abordagem geoarqueológica de sítios históricos	Lucena, V.
		Arqueologia histórica/industrial. Bairro da fundação – São Caetano do Sul – São Paulo	Andreatta, M.D.
		Missões religiosas do século XVII e XVIII: subsídio para um programa de arqueologia urbana no estado do Rio Grande do Norte	Albuquerque, P.T.S.; Cazzetta, M.
		Projeto de arqueologia da Serra do Itapeti – Capela de Santo Alberto. Mogi das Cruzes, São Paulo	Andreatta, M.D.
		Pesquisa arqueológica no Forte São José da Ponta Grossa. Florianópolis – SC	Correa, A.M.M.C. & Montardo, D.L.
		A colonização suíça na ilha de Superagüi a partir de William Mochaud	Giovannetti, S.
		Vale do Anhangabaú – arqueologia e salvamento em área urbana	Juliani, L.J.C.O. & Campos, M.C.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
1991	Estudos de materiais e técnicas de análise	A faiança portuguesa do século XVI a XIX no sítio Vila Flor – RN	Albuquerque, P.T.S.
1991	Notícias	Povoamento luso-açorita de Santo Antônio da Patrulha (RS): resgate do patrimônio histórico – arqueológico	Jacobus, A.L.
		A calçada do Lorena: um caso feliz de uso, preservação e disseminada informação arqueológica em São Paulo	Zanettini, P.E.
1991	Práticas cotidianas e mentalidades	Projeto Ouro Preto. Locus I: casa da festa.	Junqueira, P.A.
		Escavações arqueológicas nas missões guaranis	Kern, A.A.
		Trabalhos arqueológicos na redução guarani de São Lourenço Mártir	Kern, A.A. & Oliveira, L.D.
		O projeto “Langsdorff de Volta”: arqueologia da fazenda da mandioca. Magé, Rio de Janeiro	Lima, T.A.; Sousa, A.C.; Martins, A.H.D. & Carrilho, Y.O.
		Arqueologia histórica no vale do Paraíba: a fazenda São Fernando, Vassouras, RJ	Fonseca, M.P.R. & Lima, T.A.
		Villa Rica del Spiritu Santo: ruínas de uma cidade colonial espanhola no interior do Paraná	Parellada, C.I.
		Defesa, ataque, comunicação: a reprodução das rotinas de um Forte colonial	Vianna, H.
1991	Arqueologia de Restauração	Arqueologia e história das artes – ciências auxiliares na restauração de bens móveis e imóveis	Meneses, J.L.M.
		Arqueologia da Praça da Liberdade: a recuperação da memória urbana	Paula, F.L. & Baeta, A.M.
		Casas de câmara e de cadeia no Ceará	Veloso, F.A.S.
		A parte e o todo: estudo dos materiais encontrados na periferia da fonte-reservatório do Forte de Santo Antonio de Ratonés/SC	Vianna, H.
1993	Estudos de caso	O Forte de Óbidos, uma unidade de defesa na conquista do norte do Brasil – um projeto de pesquisa. (C)	Lucena, V.

ANEXO (cont.)

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

Ano	Abordagens	Título	Autores
		A pesquisa arqueológica histórica na usina de força e luz Santa Cruz de Goiás, Goiás. (C)	Souza, M.L.S.
		Arqueologia histórica – antigas redes dos serviços de águas e esgotos do Recife: subsídios para o arqueólogo. (C)	Menezes, J.L.M.
1993	Estudos de materiais e técnicas de análise	Preservação de objetos metálicos, resgatados de sítios arqueológicos históricos. (C)	Albuquerque, M. & Lima, A.
		Objetos feitos em osso e queratina provenientes de sítios históricos do séc. XIX-RJ. (C)	Sousa, A.C. & Carrilho, Y.O.
		Traços diagnósticos em padrão Willow como marcadores cronológicos de sítios históricos do século XIX. (PA)	Padilha, C.
1993	Notícias	Subsídios documentais para a pesquisa arqueológica: as missões religiosas no nordeste brasileiro. (C)	Assis, V.M.A.
		La Colonia del Sacramento	Zambetogliris, N.F.
		Arqueología histórica en la Bahía de Maldonado. (C)	Curbelo, C. & Perez, L.C.
		Chiquitos: estrutura das missões jesuíticas do oriente boliviano no século XVIII. (C)	Lima e Costa, I.F.
		Current research on missions of Alta California, EUA. (C)	Hoover, R.L.
		Arqueologia histórica nas missões guaranis. (C)	Kern, A.A.
		Lições de catecismo em tupi antigo. (C)	Sena, C.P.
		A companhia de Jesus e a formação do espaço urbano de Niterói. (C)	Brandão, R.P.
		Escavações em Igreja jesuítica do séc.XVI: mostra fotográfica. (PA)	Guerra, E.
		Projeto arqueológico, ecológico, antropológico, histórico, museológico e turístico do município de Ubatuba, estado de São Paulo, SP. Sítio arqueológico do Mar Virado. (PA)	Uchôa, D.P.
		La arqueología urbana en la Colonia del Sacramento. Uruguay. (PA)	Zambetogliris, N.F.

ANEXO (cont.)

Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira

Ano	Abordagens	Título	Autores
		Forte de Óbidos – arqueologia de um monumento. (V)	Albuquerque, M.; Santos, C. & Lucena, V.
		Projeto Fortaleza dos Reis Magos. (V)	Fagundes, J.E. & Spencer, W.B.
		Fotointerpretación en arqueología histórica. Isla Gorriti – departamento de Maldonado – Uruguay	Cluchy, M.E.F.
		Projeto arqueológico reserva biológica Atol das Rocas.	Albuquerque, P.T.S. & César, P.
1993	Práticas cotidianas e mentalidades	Uma unidade religiosa no Brasil Colonial – estudo arqueológico da Igreja da Graça, Olinda – PE. (C)	Albuquerque, M.
		Fortaleza dos reis magos: uma fronteira de contato. (C)	Albuquerque, P.T.S.; Pacheco, L.S.; Spencer, B. & Lago, C.
		Higiene e saúde nos lixos domésticos do Rio de Janeiro – século XIX. (C)	Lima, T.A.; Sousa, A.C.; Ferreira, L.F.; Araújo, A. & Rangel, A.
		Análise da malha urbana de Villa Rica del espíritu Santo (1592 – 1632) / Fênix-PR. (C)	Parellada, C.I.
		De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte em cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). (C)	Lima, T.A.
		Costumes funerários no Brasil: um banco de dados. (PA)	Galvão, V.
		A pesquisa arqueológica na usina de força e luz, Santa Cruz de Goiás, Goiás. (PA)	Souza, M.L.
		Louça branca e comportamento social no século XIX. (PA)	Symanski, L.C.P.
		Projeto de arqueologia histórica: “Ruínas do Abarebebê”. (PA)	Uchôa, D.P. & Cazzetta, M.
1993	Arqueologia de Restauração	Arqueologia histórica – Capela Santo Alberto. Mogi das Cruzes – São Paulo. (C)	Andreatta, M.D.
		Arqueologia histórica do Solar da Marquês de Santos. (C)	Campos, M.C. & Juliani, L.J.C.O.
		Arquitetura franciscana: uma trajetória. (C)	Mello Neto, U.P.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
		Intervenção arqueológica na casa Fernão Dias; Pedro Leopoldo – Minas Gerais. (C)	Paula, F.L.; Veloso, T.G. & col.
		La arqueologia urbana en la colonia del Sacramento. Uruguay. (C)	Zambetogliris, N.F.
		Projeto Fortaleza dos Reis Magos. (PA)	Albuquerque, P.T.S.; Pacheco, L.S.; Spencer, W.B.; Lago, C.; Barreto, I.C. & Moura, S.B.
1995	Teoria e metodologia	Método e teoria no projeto Arqueologia Histórica Missioneira. (C)	Kern, A.A.
		La concepción simbólica del espacio. Un ejemplo a partir de la arqueología histórica. (C)	Curbelo, C.
1995	Estudos de materiais e técnicas de análise	Cultura material européia do sítio arqueológico histórico RG-23 – Rio Grande, RS – Brasil. (PA)	Ognibeni, D.
1995	Notícias	Intervenções arqueológicas em Porto Alegre, RS, Brasil o exemplo de dois sítios históricos na área central da cidade. (C)	Cappelletti, A. & Tocchetto, F.
		Sistematização crono-espacial de unidades funcionais em Pernambuco: uma abordagem de pré-escavação. (C)	Albuquerque, M. & Lucena, V.
		A presença francesa no nordeste do Brasil no século XVI: uma contribuição da história à arqueologia. (C)	Guerra, M.E.
		Aproximación al estudio de un modelo de construcción rural. (C)	Caggiano, M.A.
		O levantamento arqueológico de sítios de engenhos na parte sul da ilha de Santa Catarina. (C)	Silva, O.P.
		A capitania de Itamaracá no século XVI. (C)	Galvão, V.
		La colonia del Sacramento. (C)	Zambetogliris, N.F.
		Archaeological research at the presidio of Santa Barbara, California. (C)	Hoover, R.L.
		A história da redução de São Joaquim. (PA)	Herberts, A.L.
		Pesquisa arqueológica em Porto Alegre. (PA)	Cappelletti, A. ; Tocchetto, F. & Osório, S.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
		A informatização do projeto Arqueologia Histórica Missioneira. (PA)	Krebs, D.T.
		Arqueologia histórica missioneira: informatização dos dados cartográficos e topográficos. (PA)	Lemos, V.D.C.
		Programa de arqueologia urbana para Fortaleza. (PA)	Praciano, V. & Cazzetta, M.
		Arqueologia missioneira: 10 anos de história. (V)	Severo, F.; Golin, T. & Soares, A.
		Arqueologia histórica missioneira – ano dez. (E)	Barcellos, A.
		Reconstituição do povoado missioneiro de São João Batista.	Amoedo, A.P.B.
1995	Práticas cotidianas e mentalidades	A cerâmica como fonte documental para a reconstituição do cotidiano no sítio arqueológico de São Miguel das missões-RS-Brasil. (C)	Uessler, C.O.
		Refugos domésticos e práticas de despejo no século XIX: um estudo de caso. (C)	Lima, T.A.; Souza, A.C.; Symanski, L.C. & Thomaz, L.V.
1995	Arqueologia de Restauração	Arqueologia de salvamento: estudo de caso na charqueada São João. (C)	Soares, A.L.R.
		O solar da Travessa Paraíso: exemplo de arqueologia histórica no município de Porto Alegre. (C)	Carle, C.B. & Oliveira, A.T.D.
		Solar da Marqueza de Santos. Arqueologia histórica. (C)	Campos, M.C. & Juliani, L.J.C.O.
		Pesquisa arqueológica histórica no sub-solo do Museu Paulista. (C)	Andreatta, M.D.
1997	Estudos de caso	Contribuições da arqueologia para a interpretação do Quilombo dos Palmares. (S)	Funari, P.P.A.
		Assentamentos negros no norte-fluminense – identificação de localização. (C)	Azevedo Netto, C.X.; Amantino, M. & Lotufo, C.A.
		Projeto histórico arqueológico Jardim das Princesas. (E)	
1997	Estudos de materiais e técnicas de análise	Etnobotânica dos sítios arqueológicos históricos em Goiás. (C)	Veloso, T.P.G.; Cardoso, J.S. & Guimarães, C.M.

ANEXO (cont.)

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

Ano	Abordagens	Título	Autores
		Cachimbo africanos, indígenas e brasileiros das Coleções Etnográficas do Museu Nacional: uma contribuição à análise da categoria “Material Neobrasileiro” em arqueologia. (C)	Vianna, H.
		Análises anátomo-patológicas de esqueletos humanos do sítio histórico da Igreja do Rosário dos Homens Brancos, Largo do Carmo, Belém, Pará, Brasil. (C)	Tuma, I.M.; Locks, M.; Lessa, A. & Gunzburger, P.
		Coleção de louças da Igreja de N.S. da Assunção, Anchieta/ES – Projeto de Restauração. (PA)	Najjar, R.P.M. & Rezende, C.A.
1997	Notícias	Projeto de intervenção arqueológica em Porto Seguro. (P)	Etchevarne, C. & Motta, L.B.
		Programa de arqueologia urbana Recife. (C)	Albuquerque, P.T.S. & Cazzetta, M.
		Arqueologia histórica – Distrito de Taquara Pitimbu – Paraíba. (C)	Bulchaim, J.J.S.; Melo, R.B. & Costa, G.G.
		Arqueologia da cidade: reflexões e propostas para Porto Alegre. (C)	Tocchetto, F.B.
		Missões religiosas na Paraíba: resgate histórico e arqueológico. (C)	Lima e Costa, I.F.; Feliciano, M.L.M. & Oliveira, E.C.S.
		Projeto de pesquisa interdisciplinar – Engenho São Jorge dos Erasmos – Santos – SP. (C)	Andreatta, M.D.
		São Miguel de Itaiacó: uma redução do primeiro período no Rio Grande do Sul. (C)	Hilbert, K. & Brochado, J.P.
		Aldeamento de São Barnabé e adjacências: aspectos arqueológicos e antropológicos. (C)	de Oliveira, N.V.; dos Santos, P.R.; Lima, J.O.; Ferreira, A.; da Paz, L.V.B. & Brandão, A.P.G.A.
		Atlas arqueológico do Recife. (C)	Menezes, J.L.M.
1997	Práticas cotidianas e mentalidades	Análise especial e práticas de descarte de refugio em uma unidade doméstica oitocentista: o Solar Lopo Gonçalves. (C)	Symanski, L.C.P.
		Arqueologia histórica em um assentamento doméstico rural no Rio Grande do Sul. (C)	Ognibeni, D.
		Arqueologia histórica de Canudos. (C)	Zanettini, P.E. & Robrahn-González, E.M.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
		Cemitério Santana: a morte entre o moderno e o tradicional na sociedade goianiense. (C)	Carvalho, H.B.
		Pichações em Belo Horizonte: uma etnoarqueologia de pinturas rupestres urbanas. (C)	Isnardis, A.
		Jardins como artefatos: o Passeio Público do Rio de Janeiro no século XIX. (C)	Martins, C.C.
		Breve estudo sobre estruturas de queima (fogões, fornalhas e fornos) em sítios do Projeto de Salvamento Histórico Arqueológico da UHE Serra da Mesa, GO. (C)	Cardoso, J.S.; Zaroni, L.; Veloso, T.P.G. & Guimarães, C.M.
		Analisando o núcleo urbano do Rio de Janeiro na mudança de ordens – uma arqueologia da paisagem. (C)	Minetti, A.
		Hábitos de higiene bucal discutidos a partir dos vestígios materiais – século XIX. (C)	Sant’ Ana, V.B.
1997	Arqueologia de Restauração	Atividades arqueológicas na 4ª Etapa de Restauração do Mercado Público Cental de Porto Alegre. (C)	Landa, B.S.
		Catedral Velha – Natal/RN: uma experiência em restauração. (C)	Albuquerque, P.T.S.; Barreto, I.C.R. & Moura, S.B.
		As intervenções arqueológicas da campanha de 1994 na Igreja do Rosário dos Homens Brancos (Largo do Carmo, Belém). (C)	Kern, A.A.
		Arquitetura franciscana: o Museu de Tudo. (C)	Mello Neto, U.P.
		Sítio arqueológico histórico Capela Santo Alberto: escavação, reconstrução e restauro. (PA)	Andreatta, M.D.
		Evidências arqueológicas da Região da Serra do Itapety – Mogi das Cruzes SP.	Andreatta, M.D. & Chermann, D.
1997	Teoria e metodologia	A arqueologia histórica/industrial e o Portinho da Bertioiga. (C)	Maximino, E.P.B.
		Edifícios demolidos do bairro do Recife – área do Pilar. (C)	Menezes, J.L.M.
		500 Anos de implantação do sistema colonial português no nordeste do Brasil – a contribuição da arqueologia histórica. (C)	Albuquerque, M. & Lucena, V.



ANEXO (cont.)

Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira

Ano	Abordagens	Título	Autores
		Frontera del desierto. Perspectiva transdisciplinaria de la arqueologia histórica argentina. (C)	Austral, A. & Rocchietti, A.M.
		La expansión capitalista a tierras antárticas. El caso de la península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur. (C)	Senatore, M.X. & Zarankin, A.
		Entre la historia y la arqueología: problemas lógicos y nuevas perspectivas. (C)	Cuaranta, P.L. & Escudero, C.S.
		Arquitetura como tecnologia do poder no mundo capitalista. (C)	Zarankin, A.
1999	Estudos de caso	Cultura material, descoberta e colonização do Brasil: uma síntese sócio-cultural ibero-indígena. (C)	Kern, A.A.
		O bairro da Ribeira: sua evolução histórica e as transformações do seu espaço. (C)	Madeiros, I.H.A. & Silva, M.L.
		Arqueologia histórica: Taquara – Distrito de Pitimbu – PB. (C)	Lima e Costa, I.F. & Lucena, M.T.
		A missão religiosa dos padres de Santo Antônio em Joanes, Ilha de Marajó – um estudo arqueológico. (C)	Lopes, P.R.C.
		O bairro da Ribeira: sua evolução histórica e as transformações do seu espaço. (C)	Medeiros, I.H.A. & Silva, M.L.
		O sitio arqueológico Serra da Cacaria, Floresta – PE: um sítio nos brejos de altitude. (C)	Silva Jr, L.S.
		A paisagem da cidade: arqueologia da área central de Porto Alegre no século XIX. (C)	Thiesen, B.V.
1999	Estudos de materiais e técnicas de análise	O estudo da telha na arqueologia histórica, uma proposta de sistematização: a experiência na Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Rio de Janeiro/RJ. (C)	Macedo, J.; Suarez, S.M. & Najjar, R.
		Austeridade e limitações do cotidiano: as louças dos primeiros colonizadores da região da UHE – Machadinho (RS). (C)	Symanski, L.C.P.
		Artefatos de vidro no Forte do Brum. (C)	Guerra, E.
		A beleza que se põe na mesa – “a faiança grossa” do Forte do Brum. (PA)	Tavares, G.
		Na paz e na guerra – os cachimbos brancos do Forte do Brum. (C)	Cavalcante, L.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
		Colônia del Sacramento. Loza portuguesa séculos XVII – XVIII	Zambetogliris, N.F.
		Os cachimbos vermelhos do Forte do Brum – Recife – PE. (PA)	Pereira, A.
1999	Notícias	O sítio histórico arqueológico Santa Clara – um marco da colonização no vale do rio Mucuri no século XIX – MG. (C)	Baeta, A.M.; Paula, F.L. & Mazzoni Filho, M.
		Arqueologia da Sé, Salvador (BA). (C)	Etchevarne, C.A.; Palermo Neto, F. & Souza, A.C.
		Ocupações humanas nos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia: primeiras abordagens. (C)	Etchevarne, C.A.; Cardoso, T.; Motta, L.B. & Nascimento, L.A.V.
		Arqueologia em Praia do Forte e na Casa da Torre de Garcia D’Ávila. (C)	Soares, I.D.C. & col.
		Características arquitetônicas das missões religiosas na Paraíba – Distrito de Taquara – Pitimbu. (C)	Lima e Costa, I.F. & Feliciano, M.L.M.
		O traçado do caminho das tropas. (C)	Oliveira, L.D.; Silva, A.F.; Bentlin, A. & Morais, M.
		Escavações no Registro de Santa Vitória – RS. (C)	Oliveira, L.D.; Silva, A.F.; Bentlin, A. & Morais, M.
		Salvamento arqueológico – Sítio Taboatão – Mogi das Cruzes – SP. (C)	Andreatta, M.D.; Chermann, C.; Fernandes, V.C. & Tomiyama, N.H.
		Estudo de valoração do subsolo arqueológico urbano do núcleo central de Fortaleza, Ceará. (C)	Mesquita, M.H.; Veras, O. & Cazzetta, M.
		Sítio histórico São Francisco: contribuição à arqueologia histórica. (C)	Bornal, W.G.
		Processo de formação e desenvolvimento dos bairros do Recife. (C)	Canto, A.C.L. & Schneider, E.R.M.
		Parque “Quinta da Boa Vista”, Rio de Janeiro: aspectos históricos e arqueológicos. (C)	Niemeyer, H. & Zaroni, L.
		Missões religiosas na Paraíba: resgate histórico e arqueológico – município de Pitimbu – Taquara. (C)	Lima e Costa, I.F.; Lucena, M.T. & Fanco, M.I.M.
		Remanescentes coloniais no nordeste – portos e barracas do nordeste do Brasil. (C)	Milfont, M.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
		Projeto a Grande Vila Boa / Subprojeto Ouro Fino. (C)	Souza, M.A.T.
		Salvamento arqueológico – Sítio Taboão – Mogi das Cruzes – SP. (PA)	Andreatta, M.D.
		Arqueología subacuática en Uruguay. (C)	Lezama, A.
		Intervenção de resgate em uma unidade de produção açucareira do século XVI: o engenho do Tacimirim. (C)	Nascimento, L.A.V.
		A iconografia no planejamento da prospecção arqueológica. (PA)	da Silva, A.S.N.F.; Araújo, J.C.S.; Rodrigues, W.N. & Ferreira, Z.A.
		Projeto arqueológico Tremembé – Ceará – Brasil. (C)	Nascimento, A.; Gomes, J.V. & Luna, S.
		Cidadania e pertencimento: uma experiência de interação entre arqueologia e educação patrimonial. (C)	Tocchetto, F.B. & dos Reis, J.A.
		Levantamento dos bens arqueológicos associados às ruínas de Ciudad Real del Guayrá, com propostas para o desenvolvimento turístico e gestão patrimonial. (C)	Chmyz, I.; Chmyz, J.C.G. & Brochier, L.L.
		Centro histórico de Araruna. (C)	Costa, I.F.L.; Feliciano, M.L.M. & Freire, E.M.C.
1999	Práticas cotidianas e mentalidades	Arqueologia da paisagem em um contexto fabril da ordem escravocrata: fábrica de pólvora – RJ (século XIX). (C)	Sousa, A.C.
		Vestígios domésticos em unidades rurais de Porto Seguro. (C)	Cardoso, T.
		O ovo da serpente: uma arqueologia do capitalismo embrionário no Rio de Janeiro, século XIX. (C)	Lima, T.A.
		Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. (C)	Lima, T.A.
		A religiosidade como fator de preservação de um monumento. (C)	Silva, A.M.C. & Silva, M.B.
		Exposição ricos e pobres no século XIX: uma arqueologia da diferença. (PA)	Tocchetto, F.B. & Costa, F.M.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
		Colonia del Sacramento. Casa de los Gobernadores. (C)	Zambetogliris, N.F.
		Os caminhos da maniçoba na serra da Capivara, São Raimundo Nonato – Piauí. (PA)	Oliveira, A.S.N.
1999	Arqueologia de Restauração	O Outeiro de Santa Catarina: um resgate de emergência. (C)	Maximino, E.P.B.
		Projeto Casa de Orações dos Jesuítas. (C)	Soares, I.D.C. & col.
		Arqueologia histórica e a restauração de monumentos: a experiência na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Espírito Santo. (C)	Najjar, R.
		A igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência: arqueologia num programa de restauração. (C)	Najjar, R.; Silva, R.C.P.; Fortuna, C.A.; Plens, C.R. & Goulart, M.C.
		Restauração do sítio histórico de Acauã. (C)	Lima e Costa, I.F.; Feliciano, M.L.M.; Freire, E.M.C. & Chianca, M.F.S.
2001	Teoria e metodologia	Lecturas de la sociedad moderna: cultura material, discursos y practicas cotidianas. (S)	Zarankin, A. & Senatore, M.X.
		A arqueologia em sítios históricos – tópicos para uma releitura epistemológica das reflexões teóricas e práticas arqueológicas recentes. (S)	Kern, A.A.
2001	Estudos de caso	Arqueologia Histórica do novo milênio. (S)	Funari, P.P.A.
		O papel da Arqueologia Histórica no mundo globalizado. (S)	Lima, T.A.
		Estilos de vida: uma forma de ruptura hacia la cultura material. (GT)	Therrien, M.
		Metodologia e técnicas de levantamento de unidades arqueológicas em centros urbanos: a experiência de Porto Alegre. (C)	Thiesen, B.V.
		Inferências sócio-históricas no âmbito do sítio arqueológico da antiga Sé de Salvador. (C)	Etchevarne, C.; Souza, A.C. & Palermo, F.
		Prospecções arqueológicas na área do Colégio dos Jesuítas – Salvador (BA)	Fernandes, H.L.A. & Mota, G.B.
		Pesquisa arqueológica dos remanescentes da Igreja de São Francisco de Assis (séc. XVI) no sítio Outeiro da Glória – Porto Seguro/BA. (C)	Nascimento, L.A.V.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
		Escavações arqueológicas na catedral de São Pedro, Rio Grande, RS, Brasil. (C)	Mentz Ribeiro, P.A. & Penha, A.P.
		Arqueologia da primeira Sé do Brasil: os materiais construtivos. (PA)	Costa, C.A.S.
		RS.JA.17 – Casa do Riachuelo – uma visão histórica através da pesquisa. (PA)	Santos, P.A.G.
		Prospecção arqueológica em residência oitocentista do conjunto histórico da Praça XV, município de Florianópolis – SC. (PA)	Comerlatto, F.
		La transformación del paisaje en un sector pampeano a mediados del siglo XIX. Un abordaje a la arqueología histórica	Caggiano, M.A.
		Arqueologia histórica em Vila Valqueire, RJ. O sítio Rochedo	Dias, O.; Carvalho, E. & Nascimento, G.
		As lapas do Itacambiraçu: arqueologia de uma ocupação no século XX	Guimarães, C.M. & Reis, F.M.M.
		Abastecimento de água na cidade de São Paulo no final do século XIX: o Sistema Cantareira – exemplo de arqueologia industrial	Vilar, D.D. & Fonseca, F.P.
		Entre senzalas e quilombos: “comunidades do mato” em Vassouras do oitocentos	Agostini, C.
		Negros ou índios? Prática mutilatória na primeira catedral do Brasil	Líryo, A. & Carvalho, C. R.
2001	Estudos de materiais e técnicas de análise	Caracterização química de faianças antigas portuguesas. (GT)	Castro, F.
		Faiança portuguesa: uma reflexão. (GT)	Fernandes, I.M.
		Análise da faiança portuguesa: controvérsias e estratégias. (GT)	Albuquerque, M.
		La cerâmica portuguesa. Colônia Del Sacramento: Uruguay. (GT)	Zambetoglis, N.F.
		Avanço Tietê: faiança colonial. (GT)	Zanettini, P.E.
		A faiança portuguesa – demarcador cronológico na arqueologia brasileira	Albuquerque, P.T.

ANEXO (cont.)

Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira

Ano	Abordagens	Título	Autores
		Muitas bordas, poucos fundos: reciclagem de faianças portuguesas dos séculos XVII e XVIII. (GT)	Lima, T.A.
		Sepultamentos no espaço sagrado; levantamento de registros de óbitos da primeira catedral do Brasil (antiga igreja da Sé de Salvador – BA). (C)	Tavares, A.C.P. & Moraes, J.M.
		As amostras faunísticas da Igreja de São Lourenço dos Índios–Niterói/RJ.(C)	Almeida, M.B.
		Caracterização microanalítica de artefatos metálicos de sítios históricos do Estado do Rio de Janeiro.(C)	Campos, G.N. & Solorzano, G
		Arqueologia da primeira Sé do Brasil: os materiais ósseos humanos. (PA)	Porto, K.S.
		Arqueologia da primeira Sé do Brasil: materiais cerâmicos de uso doméstico. (PA)	Barbosa, M.K.
		Identificação das faianças inglesas azuis e brancas recuperadas no antigo cais da Praça XV, Rio de Janeiro. (PA)	Pinheiro, E.D.
		Platos y escudillas portuguesas en la mesa de Colonia del Sacramento. (PA)	Zambetogliris, N.F. & Garibaldi, E.V.
2001	Notícias	Casa da Torre de Garcia d' Ávila: A arqueologia reescreve a sua história. (C)	Soares, I.D.C.
		Dois grafismos quinhentistas no estado da Bahia.(C)	Almeida, GA. & Madeira, A.L.
		Antiga fábrica de vinho de caju Tito Silva & Cia.(PB): pesquisas arqueológicas e educação patrimonial. (C)	Canto, A.C.L.
		Projeto para o resgate histórico e arqueológico do registro de Santa Vitória: levantamento histórico como suporte para o salvamento arqueológico. (C)	Silva, A. F.
		Sítio Lavras de Afonso Sardinha Jaraguá – SP. (P)	Andreatta, M & col.
		Cultura material e possibilidades de intervenção no Forte Sant' Ana, Ilha de Santa Catarina. (P)	Comerlato, F.;
		Prevenindo os impactos urbanos em áreas de potencialidades arqueológicas. (PA)	Maximino, E.P. & Goularti, D.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
		A Sé antiga: arqueologia urbana e memória social. (V)	Etchevarne, C.; de Sousa, A.C. & Oliveira, J.O.
		Arqueologia no Jardim da Luz – São Paulo	Campos, M.C.
		Expressões do corpo e do espírito: cultura material escrava em sítios rurais do Mato Grosso, séculos XVIII e XIX	Souza, M.A.T. & Symanski, L.C.P.
		A contribuição da arqueologia para o resgate da história dos excluídos na Zona da Mata Mineira	de Oliveira, A.P.P.L. & Simões, M.C.S.R.
		Escavando “desaparecidos” em cemitério no Rio de Janeiro	de Oliveira, N.V.
		Guido Tomás Marlière: texto e contexto de um genocídio	de Sousa, J.L.P.
		A relevância da literatura de viajantes e cronistas: possibilidades e limites na arqueologia	Paríso, M.H.B.
		As obras geográficas árabes em Al-Andalus: contribuição para a arqueologia	Teixeira, S.
		A literatura de viajantes e cronistas: possibilidades e limites na arqueologia	Luft, V.J.
		Arqueologia da paisagem urbana	de Moraes, D.
2001	Práticas cotidianas e mentalidades	Práticas de descarte de refugo e mudanças de visão de mundo em um ambiente rural – o sítio Fazenda Camurugi (BA). (S)	Simanky, L.C.
		Entre práticas e discursos: a construção social do espaço no contexto de Goiás do século XVIII. (S)	Souza, M.A.T.
		As representações da Sé: polissemia e recursividade da cultura material. (C)	Souza, A.C.
		Arqueologia, história e paisagem: o caso da Juréia. (C)	Cali, P.
		Uma discussão sobre práticas e apropriações da cultura material em unidades domésticas da Porto Alegre oitocentista. (C)	Tochetto, F.B.
		Vestígios materiais de uma vila operária: um estudo das modificações comportamentais no operariado paulista no século XIX. (C)	Plens, C.R.

**ANEXO (cont.)**

**Classificação dos resumos de Arqueologia Histórica publicados em livros de resumos das reuniões científicas da Sociedade de Arqueologia Brasileira**

<b>Ano</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Título</b>	<b>Autores</b>
		Hierarquia e distribuição de itens de consumo em sítios rurais do Mato Grosso, séculos XVIII e XIX. (C)	Symanski, L.C.P.
		Análise espacial das armações catarinenses e suas estruturas remanescentes: um estudo através da arqueologia histórica. (C)	Comerlato, F.;
		Charqueadas pelotenses no século XIX: consolidação do poder no espaço ocupado. (C)	Ognibeni, D.O.
		Sítio Fazenda de Baixo: o estudo de caso em arqueologia da paisagem. (C)	Cardoso, J.S. & Veloso, T.P.G
2001	Arqueologia de Restauração	Resgates arqueológicos em unidades religiosas. (GT)	Albuquerque, M.
		Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. A arqueologia num mosteiro suspenso no tempo. (GT)	Santos, P.C.B.A.
		O arqueólogo de estrutura em projetos de restauração. (GT)	Albuquerque, P.T.
		Arqueologia e restauração arquitetônica. (GT)	Najjar, R.
		A importância da arqueologia para a restauração. (GT)	Ribeiro, R.T. M.
		O papel da arqueologia dentro de um projeto de restauração arquitetônica: o exemplo da Igreja dos Reis Magos/ES. (C)	Najjar, R. & col.
		Arqueologia e arquitetura – sítio Capela Santo Alberto – séc. XVII – reconstruir sem destruir. (C)	Andreatta, M.D. & col.
		Projeto de prospecções arqueológicas da igreja de São Lourenço dos Índios – Niterói/RJ. (C)	Najjar, R. & col.
		Arqueologia da Fazenda da Mandioca, Rio de Janeiro, século XIX: o olhar da arquitetura. (C)	Vasconcellos, L.P.S.
		Arqueologia em um casarão oitocentista da antiga Vila do Príncipe-Serro/MG	Baeta, A.M.; Camargo, P.M.; Lima, S.J.F.S. & de Miranda, M.C.S.



### Referências bibliográficas

- ANDRADE LIMA, T.  
1993 Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). *Anais do Museu Paulista*, História e Cultura Material (Nova série), São Paulo, 1: 225-262.  
1996 Humores e Odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro. *Manguinhos – História, Ciência e Saúde*, Rio de Janeiro, 2 (3): 3-62.  
1997 Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro Oitocentista. *Anais do Museu Paulista*, História e Cultura Material (Nova Série), São Paulo, 5: 93-129.  
2000 Teoria e Método na Arqueologia Brasileira: avaliação e perspectivas. S. Mendonça de Souza (Ed.) *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Versão eletrônica.  
2002 O papel da arqueologia histórica no mundo globalizado. A. Zarankin; M.X. Senatore (Eds.) *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul. Cultura Material, Discursos e Práticas*. Buenos Aires, Ediciones del Tridente: 117-127.
- BARBOSA, M.  
2001 Os instrumentos científicos e a noção de cultura material. *Simpósio Internacional Ciência e Tecnologia com Cultura e Desenvolvimento I*. Resumos. São Paulo: 52.
- BARBOSA, M.; GASPAR, M.D.  
1998 Bibliografia brasileira sobre pescadores, coletores e caçadores. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, Rio de Janeiro: 56.
- BARRETO, C.  
1999 Arqueologia Brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* (Anais da I reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul). São Paulo, Suplemento 3: 201-212.  
2000 A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia do Brasil. Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I, *Revista da USP*, São Paulo, 44: 32-51.
- BOURDIEU, P.  
1983 O campo científico. R. Ortiz (Ed.) *Pierre Bourdieu, Textos*. Coleção Grandes Cientistas Sociais: 122-155.
- CHMYZ, I.  
1976 Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*, Curitiba, 1 (1): 119-147.
- DANIEL, G.  
1967 *Historia de la Arqueologia*. Madrid: Alianza Editorial.
- FARIA, L.C.  
1989 Domínios e Fronteiras do Saber: A Identidade da Arqueologia. IV Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Santos. M.C.M. Scatamacchia; M.I.D.A. Fleming (Eds.) *Dédalo*, pub. avulsa 1. São Paulo: 26-39.
- FISH, S.; DE BLASIS, P.; GASPAR, M.D.; FISH, P.  
2000 Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 10: 69-87.
- FUNARI, P.P.  
1989 Brazilian archaeology and world archaeology: Some remarks. *World Archaeological Bulletin*, 3: 60-68.  
1996 A Arqueologia de Palmares - sua contribuição para o conhecimento da História da cultura afro-brasileira. J.J. Reis; F. Gomes (Eds.) *Liberdade por um fio*. São Paulo, Cia das Letras: 26-51.  
1991 A arqueologia e a cultura africana nas Américas, *Estudos Ibero-Americanos*, 17:61-71.  
2000 Contribuições da arqueologia para a interpretação do Quilombo dos Palmares. *Anais da IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro, meio eletrônico.
- GASPAR, M.D.  
1996 Datações, construção de sambaqui e identidade social dos Pescadores, Coletores e Caçadores. *Anais da VIII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Porto Alegre: 377-398.
- GASPAR, M.D.; FISH, P.; SCHELLL- YBERT, R.; FIGUTI, L.; KNEIP, A.; RIBEIRO, L.B.; FARIAS, D.S.E.; AFONSO, A.; KARL, R.J.; EGGERS, S.; FISH S.K.; DE BLASIS, P.  
2002 Padrão de assentamento e formação de sambaquis: arqueologia e preservação em Santa Catarina. *Revista de Arqueologia*, IPHAN, Santa Catarina: 57-62.
- HODDER, I.A.  
1992 *Theory and practice in archaeology*. Routledge, Londres: 285.
- KARL, R.  
2000 *The Relative Chronology of Cultural Episodes at the Coastal Sambaqui, Jabuticabeira II, in Santa Catarina, Brazil*. 85 p., 13 il. Dissertação de Mestrado, Tucson, Universidade do Arizona.
- KERN, A.A.  
1994 *Utopias e missões jesuíticas*. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 96p.  
1998 Pesquisas Arqueológicas e Históricas nas Missões Jesuítico-Guaranis (1985-1995). A.A Kern (Ed.) *A Arqueologia Histórica Missioneira*. Porto Alegre, EDIPUCRS: 11-64.
- ORSER JR, C.  
1992 *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros. 143 p.
- PROUS, A.  
1991 *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UNB. 111 p.

- MCINTOSH, R.J.  
1996 History of Archaeology. M.B. Fagan; C. Beck et al. (Eds.) *The Oxford Companion to Archaeology*. New York, Oxford University Press: 280–285.
- MEGGERS, B.; EVANS, C.  
1895 A utilização de seqüências cerâmicas seriadas para inferir comportamento social. *Boletim Série Ensaio do Instituto de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro: 1-30.
- MENDONÇA DE SOUZA, A.  
1991 História da Arqueologia Brasileira. *Pesquisas*, São Leopoldo, *Antropologia* 46. 157 p.
- MENESES, U. B.  
1983a Arqueologia Industrial: avaliação e perspectiva. Eurípedes Simões de Paula, São Paulo: 221-230.  
1983b A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, 15 (nova série): 103-112.  
mimeo Tradução do artigo La “New Archaeology”:  
L’Archeologia como scienza sociale. in *Dialoghi di Archeologia*, 3s, Ano 1, 1. Ed Quasar.
- RATHJE, W.  
1996 Waste Management. M.B. Fagan; C. Beck et al. (Eds.) *The Oxford Companion to Archaeology*. New York, Oxford University Press: 744-745.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.  
2000 Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. Dossiê Antes de Cabral: arqueologia brasileira I, *Revista da USP*, São Paulo, 44: 10-31.
- ZANETTINI, P.E.  
1996 Revisiting the war of the end of the world. 61st Annual Meeting of Society for American Archaeology. New Orleans, Resumos: 290.
- WILLEY, GR.; PHILLIPS, P.  
1955 Method and Theory in American Archaeology II: historical-developmental interpretations. *American Anthropologist*, 7: 723-819.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2003.



FREITAS, M.V. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. 282p. ISBN 85-7041-268-1

Francisco Silva Noelli\*

A prática da Arqueologia no Brasil já está alcançando um século e meio de duração. Podemos afirmar que já existe uma vasta quantidade de informações acumuladas para consolidar uma linha de pesquisa sobre a história da disciplina no contexto brasileiro. Junto com o estudo das práticas e das idéias, deve-se empreender pesquisas biográficas, uma vez que o esforço de inúmeros personagens contribuiu para que hoje exista uma comunidade científica organizada, um conjunto de leis que permitem a proteção do patrimônio arqueológico e uma crescente difusão de informações sobre as populações do passado, tanto ao nível da educação formal, como da mídia. Sugere-se a elaboração de biografias, no sentido dado por Eric Hobsbawn, como um “meio de esclarecer alguma questão mais abrangente, que vai muito além da estória particular”

Os arqueólogos brasileiros já dispõem de um excelente exemplo para seguir, fruto da laboriosa pesquisa de um professor de Literatura Brasileira e Portuguesa, cujo extenso trabalho teve por objetivo revelar os detalhes mais importantes da vida pessoal e profissional do naturalista norte-americano Charles Frederick Hartt, um dos pioneiros da Arqueologia no país. O ótimo livro de Marcus Vinicius de Freitas, docente da Universidade Federal de Minas Gerais, resultado de uma tese de doutorado defendida e aprovada no ano 2000, no Department of Portuguese and Brazilian Studies da Brown University.

Ao mostrar as etapas da vida de Hartt, através da análise da sua variada obra (cinco livros e cerca de 50 artigos), Freitas escreve com eloquência sobre os acertos e os dramas de uma trajetória profissional intensa, de um personagem que dedicou treze dos seus trinta e oito anos de vida ao Brasil. Além da biografia, Freitas narra com precisão e muitos detalhes relevantes como eram os cenários culturais, econômicos e sociais do Brasil e dos Estados Unidos onde se desenvolveu a vida de Hartt.

Dentre as várias ocupações e interesses de um naturalista do século 19, tratadas no livro com muita atenção e com uma rigorosa perspectiva crítica, interessam aos arqueólogos as descobertas e interpretações de Charles Hartt. Além da Arqueologia, também foram importantes as pesquisas sobre a Etnologia Indígena. Segundo Freitas, o principal momento de dedicação aos dois temas foi durante a Expedição Morgan ao baixo Amazonas, entre 1870 e 1874, quando foram localizados vários sítios arqueológicos, formadas várias coleções de materiais arqueológicos e reunidos inúmeros artefatos de grupos indígenas que foram contatados, além do registro de extenso material lingüístico e mitológico. Dentre as descobertas mais significativas, pode-se destacar o famoso sambaqui fluvial da Taperinha que, mais de um século depois, foi pesquisado por Anna Roosevelt e revelou a cerâmica mais antiga do hemisfério ocidental. Roosevelt chamou a atenção para outra contribuição importante de Hartt em nível teórico, que também permaneceu na berlinda por muito tempo, até ser resgatada recentemente, a hipótese sobre a magnitude e a complexidade histórica da ocupação humana da Amazônia, pensada como um paraíso para o assentamento humano, ao contrário do viés pejorativo sugerido pela teoria do determinismo ambiental que dominou a Arqueologia Brasileira até pouco tempo. Também poderíamos citar as acertadas interpretações sobre os contextos paleoambientais onde estavam inseridos os sítios arqueológicos, posteriormente confirmadas por pesquisas geológicas.

Além de bem escrito, o livro é ilustrado a cores com uma amostra de várias pranchas desenhadas por Hartt, incluindo algumas sobre vasilhas e fragmentos cerâmicos. Portanto, o trabalho de Marcus Freitas deve ser considerado como obra de referência obrigatória para os estudos sobre a história da Arqueologia Brasileira.

(\*) Universidade Estadual de Maringá, PR.

Recebido para publicação em 30 de março de 2003.



BOMGARDNER, D.L. *The Story of the Roman Amphitheatre*, Londres e Nova York: Routledge, 2002, 276 pp. ISBN: 0-415-30185-8.

Renata Senna Garraffoni\*<sup>1</sup>

Este livro de Bomgardner, publicado pela primeira vez em 2000 e reeditado em 2002, é uma interessante ferramenta para o estudo de um dos mais populares edifícios romanos: os anfiteatros.

Logo no prefácio, Bomgardner nos informa que pretende atingir um amplo público que inclui especialistas e os leitores que se sentem atraídos pelos espetáculos romanos. Nestas páginas iniciais o autor também explica o método que utilizou para selecionar os anfiteatros que estuda ao longo dos capítulos do livro. Suas opções foram pautadas em dados objetivos, como a relevância e a importância do monumento arquitetônico, isto é, os de maior capacidade, e em dados subjetivos, pois sua ênfase está no estudo das estruturas do Norte da África, base de sua pesquisa de doutorado e local que pôde explorar, pessoalmente, graças ao apoio da *American School of Oriental Research* (Bomgardner 2002:XVI).

Para atingir este objetivo, a estrutura apresentada no livro é bastante prática uma vez que apresenta uma grande quantidade de imagens, tabelas e plantas dos edifícios estudados com índices e referências bem organizados,<sup>2</sup> o que é fundamental para estabelecer diálogos com os especialistas, mesclado com informações de caráter mais geral para aqueles que estão iniciando seus trabalhos de pesquisa. Além disso, o livro está dividido em cinco capítulos e, em cada um, o autor apresenta estudos detalhados das estruturas.

O primeiro capítulo é, basicamente, sobre o maior anfiteatro romano, o *Amphitheatrum Flavium*, mais conhecido como Coliseu. Bomgardner

apresenta os principais estudos sobre o edifício e, também, discute suas funções sociais e simbólicas, pois este representaria a riqueza e poder do Império. Já no segundo capítulo, somos deslocados ao sul da Península Itálica e o autor apresenta estudos detalhados sobre o anfiteatro de Pompéia, um dos mais antigos anfiteatros de pedra, além de discutir as origens dos combates de gladiadores e das *uenationes* (caçada de feras) e seu funcionamento durante a época republicana e imperial.

Os capítulos seguintes (três e quatro) podem ser entendidos como estudos de caso. O capítulo terceiro é destinado ao estudo exaustivo dos anfiteatros que o autor denomina de imperiais, isto é, anfiteatros de grande porte, construídos durante o século I d.C. Neste sentido, desenvolve várias considerações sobre os anfiteatros de Verona (norte da Península Itálica), o segundo anfiteatro construído em Cápua em época Flávia (sul da Península Itálica), Arles e Nîmes (sul da França), exibindo aos leitores a grande quantidade de aspectos que podem ser abordados a partir do estudo dessas estruturas como, por exemplo, as pinturas, esculturas e mosaicos, a hierarquia das arquibancadas, as inscrições de parede (grafites de gladiadores ou torcedores e inscrições homenageando aqueles que deram espetáculos ou ajudaram a melhorar a estrutura dos anfiteatros).

O capítulo seguinte trata-se da especialidade do autor: os anfiteatros do norte da África. Neste momento, além de comentar em detalhes a estrutura de grandes e importantes edifícios como os de Cartago e Thysdrus (El Jem), o autor nos fornece um catálogo com os anfiteatros menores da região e diversas tabelas com suas datações, sempre em diálogo com Golvin, estudioso francês que publicou uma das mais completas tipologias anfiteatrais romana.<sup>3</sup> No quinto e último capítulo,

(\*) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp. Doutoranda.

(1) A pesquisa de doutorado sobre os combates de gladiadores é desenvolvida no Departamento de História da Unicamp, financiada pela Fapesp e orientada pelo Prof. Dr. Pedro Paulo Funari.

(2) Destacamos que há mais de 140 fotografias e desenhos, além das tabelas em que discute as datações e dimensões dos edifícios com outros especialistas.

(3) Golvin, J-C. *L'Amphitheatre Romain – Essai sur la théorisation de sa forme et de ses fonctions*, Publications du Centre Pierre Paris, Paris, 1988.

sua análise versa sobre a utilização dos anfiteatros na Antigüidade Tardia, a ascensão do cristianismo e as prováveis causas do fim dos combates de gladiadores, concluindo que ainda em época contemporânea há reminiscências das antigas caçadas romanas nas *corridas de toros* espanholas.

Lendo os capítulos percebe-se, desde o início, que o estudioso tenta cruzar discussões arquitetônicas dos edifícios e análise histórica. É sobre este ponto em específico que gostaríamos de tecer algumas breves considerações. A discussão em torno da arquitetura dos edifícios é, em nossa opinião, o ponto principal do livro. Bomgardner introduz o leitor em pesquisas recentes sobre algumas teorias de desenho arquitetônico e modelos de plantas para a construção dos anfiteatros, diversas tabelas em que questiona datação ou dimensão das estruturas das arenas e arquibancadas e descreve uma grande diversidade de cultura material encontrada na escavação destes edifícios como, por exemplo, placas votivas, lápides funerárias de gladiadores ou *uenatores* (caçadores de feras), esculturas de deuses, imperadores ou pessoas influentes do local, pinturas, mosaicos e, constantemente, destaca as particularidades artísticas e técnicas de construção de acordo com o local em que se situava o anfiteatro.

Esta diversidade de fontes descritas e comentadas pelo autor indica sua preocupação em ressaltar a complexidade do ambiente em que se davam os combates de gladiadores, caçadas e execução de criminosos. Um outro aspecto importante que deve ser mencionado é o esforço em produzir um catálogo que contemple uma amostra de grandes e pequenos anfiteatros e seus diferentes usos durante a Antigüidade.

Se por um lado o estudo arquitetônico menciona conflitos, diferenças e especificidades o estudo histórico é bastante genérico. Ao tentar abarcar um longo período, desde o início ao fim dos combates, isto é, mais de cinco séculos, e duas diferentes modalidades de espetáculos (combates de gladiadores e caçadas), Bomgardner acaba tecendo considerações muito amplas. Enquanto menciona, em diversos momentos, as particularidades dos edifícios estudados, ao fazer a análise histórica produz um discurso genérico no qual as lutas de gladiadores e caçadas parecem ter um único significado durante estes séculos.

Além disso, utilizando uma bibliografia mais tradicional sobre gladiadores e *uenatores* e não citando os debates mais recentes, a estratégia adotada por Bomgardner acaba apresentando um descompasso entre sua análise dos aspectos arquitetônicos e sócio-culturais. Muitas vezes não contextualiza historicamente os edifícios, deixando a impressão de que eram cenários em que se desenvolviam os espetáculos, independente do tempo e do local. Neste sentido, ao separar os edifícios e análise histórica dos espetáculos o autor parece desvincular dois aspectos que, ao nosso ver, poderiam ser entendidos em conjunto, pois as relações sociais e culturais estabelecidas nestes ambientes eram, muito provavelmente, bastante diversificadas.

Embora façamos esta ressalva, o livro de Bomgardner é uma ferramenta importante na medida em que apresenta diversos aspectos do mundo romano em uma linguagem acessível a diferentes níveis de leitores, além de constituir uma relevante base de dados sobre diversos anfiteatros, em especial os do norte da África.

*Recebido para publicação em 4 de outubro de 2003.*

FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2003, 126pp. ISBN 85-7244-251-0

*Charles E. Orser, Jr.\**

Greater numbers of men and women around the world are becoming increasingly familiar with archaeology. Although many of these people may have only heard the word, others may actually have developed some idea of what the field entails. But even though the discipline of archaeology is finding a greater place in today's popular culture, the vast majority of individuals who are somewhat familiar with archaeology may have little understanding of the true nature of archaeological research. For many, the well-lit exhibits presented in imposing museums, the expertly produced documentaries shown on television, and the authoritative stories published in newspapers may indicate that archaeology is a profoundly scientific but yet mysterious discipline. Even men and women who have some concept of what archaeologists actually do, may not have a complete understanding of how archaeologists think, how they gather and use information, and how they create interpretations of the past. This process seems arcane and unattainable to most non-archaeologists.

The general, often-widespread misconceptions of archaeological research are often promoted by archaeologists themselves. We can envision them, if we wish, as men and women wearing white laboratory coats, desiring only to work unmolested in cloistered laboratories cluttered with the finds of antiquity. They may appear to many as almost mythic individuals who, through some unrevealed means, have learned the secrets of the past. Growing numbers of professional archaeologists are now realizing, however, that this image of archaeology and archaeologists is not healthy for a discipline that depends so strongly for its future on public funds and widespread commitment. Archaeologists are increasingly acknowledging their obligations to the public. Dr. Pedro Paulo A. Funari is among this insightful group, and he has given us a clear and much-needed introduction to the archaeological process.

In this important book, Dr. Funari explores all the major topics that make archaeology the exciting and important discipline it has come to be. He diligently guides us through the process of thinking about historical time and he shows us how archaeologists put their ideas into practice. He expertly explains the equal importance of field excavation and laboratory analysis, and imparts a firm understanding of the often-delicate process of archaeological interpretation.

Explaining archaeological interpretation is one of the most meaningful tasks that archaeologists can undertake, and we are fortunate to have Dr. Funari's enlightening comments. Many people who encounter archaeology for the first time may initially believe that the archaeological process is relatively straightforward: that archaeologists simply dig up some facts and then let those facts tell them about the past. They then write their archaeological reports and create their museum exhibits from the story the facts have told. This view is certainly comforting, but sadly far from the truth. Archaeological interpretation is a much more delicate process. Whereas it may at first appear that archaeological facts can speak for themselves, the reality is quite different because each individual archaeologist brings his or her own experience, viewpoints, and ideas into the process of analysis and interpretation. We learn from Dr. Funari that the process is never easy or straightforward. In fact, we often learn as much about ourselves through our archaeological interpretations as we do about the distant past.

In addition to informing us about the archaeological project, Dr. Funari performs the equally important task of stressing that archaeology is not something that only involves the past. True, archaeologists do focus their creative energies on historical times, but the role of archaeology does not end there because archaeology has definite relevance to the present. Because archaeological interpretations can change over time – as both new evidence emerges and as conceptions change – the teaching of archaeology to children and adults is not merely an intellectual pursuit intended for a few,

(\*) Illinois State University. National University of Ireland, Galway.



well-placed scholars. Dr. Funari emphatically shows us on the contrary that archaeological interpretation matters today. The museum exhibits archaeologists create and the books they publish are intended to provide a specific view of history. The very act of presenting the information instills in it a certain power, an importance that seems given and correct.

But archaeological interpretations would never change if they were absolutely correct in the first place. As we change, so do our understandings of the past.

Dr. Funari is to be congratulated for presenting this important introduction to archaeology. It is through such important acts that we all learn more about the ourselves and our histories.

*Recebido para publicação em 5 de dezembro de 2003.*

OLIVEIRA SCHIAVETTO, S.N. de A *Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: Anna Blume; FAPESP, 2003, 138pp. ISBN 85-7419-363-1

Francisco Silva Noelli\*

Até pouco tempo a questão da identidade não foi um tema de interesse dos arqueólogos dedicados à pesquisa sobre os Guarani. A vasta produção bibliográfica iniciada na década de 1870, vista de uma perspectiva panorâmica, revela que os objetivos predominantes foram dirigidos à mensuração da dispersão geográfica dos registros arqueológicos e à busca de elementos tipológicos, especialmente para classificar a cerâmica. A maior parte desta produção, heterogênea em termos teóricos e metodológicos, em boa parte realizada por amadores, teve inspiração nos cânones histórico-culturais e difusionistas, visando quase sempre à generalização tipológica devida à incrível similaridade do estilo tecnológico cerâmico encontrado nas regiões pesquisadas. A questão da continuidade entre os contextos arqueológicos e culturais quase sempre teve um caráter imanente, fato que deixou de lado a possibilidade de uma demonstração mais elaborada, detalhada e consistente sobre a relação entre os entes arqueológicos e históricos. Este estado da arte levou a um atraso importante em relação à possibilidade de se construir um quadro orgânico dos processos históricos, dos aspectos processuais e pós-processuais, tanto em nível geral, como em suas possibilidades regionais. Também foi o motivo que retardou o surgimento da identidade na agenda da arqueologia sobre os Guarani.

O livro de Solange de Oliveira Schiavetto abre o debate em torno da questão da construção da identidade Guarani ou, melhor, da ausência dela. Surge em boa hora, como um chamado à contemporaneidade de uma das abordagens mais atuais na comunidade internacional. A primeira parte da obra é uma recensão bastante completa sobre a questão da identidade, como mote para falar a respeito da definição de cultura material sob os prismas dos enfoques histórico-cultural, processual, pós-processual e sobre a importância da

teoria arqueológica utilizada pelos personagens que contribuíram para a implementação da Arqueologia no Brasil. Também aborda temas conexos, como o patrimônio, os museus, a educação, os discursos produzidos, a questão da neutralidade científica e a delimitação dos grupos étnicos. A apresentação destes assuntos, a partir de um enfoque crítico e didático, no sentido de buscar explicitar os processos utilizados para construí-los enquanto objeto científico é pertinente e serve de baliza para atualizar, ao menos em parte, a reflexão dos arqueólogos estudiosos dos Guarani. A segunda parte do livro, à luz dos conceitos e perspectivas discutidos nos primeiros capítulos, trata basicamente da história das idéias e concepções dos arqueólogos que estudaram os Guarani. Primeiro mostra a constituição das pesquisas arqueológicas e históricas, com destaque para as classificações do PRONAPA e, em seguida, as perspectivas sugeridas por José Brochado. Também aborda a questão das diferenças a partir da classificação lingüística do tronco Tupi e do destaque dado aos estudos sobre os Guarani e Tupinambá. Também considera parte das reflexões de Bartomeu Melià em torno das diferenças reconhecidas historicamente entre os Guarani, e analisa o conceito de “Tupi” como categoria no pensamento social brasileiro. Em relação à construção da Arqueologia Guarani, a autora restringe-se à produção dos pesquisadores atuais, tecendo críticas pertinentes a três aspectos: 1) conexão direta entre cultura material, língua e etnia, sem uma abordagem crítica; 2) demasiada importância ao tema dos centros de origem e rotas de expansão, em detrimento de outros temas; 3) pouca atenção ao processo histórico, não aceitando a idéia de que os pesquisadores promovem discursos sobre o passado que servem ao presente.

Em que pese o fato de Solange Schiavetto ter como objetivo centrar sua análise nos temas apontados acima, especialmente nos pesquisadores mais contemporâneos, é interessante lembrar os antecedentes, os pesquisadores mais antigos, cujas

(\*) Universidade Estadual de Maringá, PR.

interpretações serviram de base para os autores analisados por Schiavetto. Naqueles autores, está já claramente seqüenciada a linha de pensamento que desembocou no ponto de onde partiu o PRONAPA e aqueles que trabalharam sob uma perspectiva “monolítica”, como entende a autora. Pesquisadores como Juan Ambrosetti, Luis Maria Torres, Félix Outes, Samuel Lothrop, Antonio Serrano e Francisco de Aparício, entre 1890 e 1940, criaram o primeiro discurso da arqueologia Guarani e modelaram o pensamento predominante até hoje. Posteriormente, Virginia Watson, Gordon Willey, George Howard e Oswaldo Menghín, entre 1947 e 1957, introduziram as idéias e a linguagem tipológica ainda em vigor e que são predominantes na bibliografia. Também conviria lembrar outra ausência de peso, por sua grande produção, fundamental para a questão da identidade Guarani, a etnóloga Branislava Susnik, pioneira nos estudos históricos e sociológicos sobre os grupos regionais e suas “diferenças”.

A concepção geral do livro é acertada, mas é possível discordar de certas asserções, especialmente daquelas que pretendem impor uma perspectiva sobre outras, especialmente quando se está analisando o passado. A História da Ciência tem demonstrado que as idéias e perspectivas são, de certa forma, cumulativas (desde que se aplique os devidos pólos de controle epistemológico e filtros hermenêuticos). Embora eu tenha feito críticas severas a vários aspectos da Arqueologia Guarani, em várias publicações, percebi que velhos problemas de pesquisa permanecem no meio das perspectivas mais contemporâneas, mesmo entre teorias que lhes são antagônicas e que podem “desconstruir” o seu discurso científico. A generalização *versus* especificidade, ou viés histórico-cultural *versus* pós-processualismo (estudos de identidade), permanecem no meio das questões mais contemporâneas. Isto significa que concepções e problemas antigos ainda precisam ser analisados, ter novas perspectivas e explicações,

pois eles estão abertos ou entreabertos até agora, como no caso da origem e expansão dos Tupi ou de aspectos comparados da cultura material. A questão da identidade, como está colocada atualmente, ao invés de excluir deve incluir, deve somar e contribuir para que se possa compreender melhor os processos históricos e atualizar pressupostos propostos no passado.

Contudo, não cabe dúvida que Schiavetto abriu um novo filão, sob uma perspectiva relevante que precisa ser desenvolvida. Esperamos que ela prossiga e amplie sua pesquisa, tão importante para construir uma história das idéias, discursos e personagens da arqueologia Guarani. A propósito, vale lembrar e espanar uma “velha”, mas importante sugestão de 1947, proposta por Virginia Watson no seu conhecido artigo sobre Ciudad Real:

O termo Guarani é demasiadamente sobreabundante na antropologia sul-americana porque possui conotações lingüísticas, arqueológicas, etnológicas e etnográficas. Em combinação com outras palavras (Tupi), tais conotações tornaram-se maiores ainda. Sugere-se que uma comissão de investigadores competentes e interessados seja formalmente convocada para definir o termo e para sugerir outros termos substitutivos para aqueles significados que não são incorporados na definição Guarani. Em nossa pesquisa nenhuma tentativa foi feita para definir o termo, o qual foi usado em vários sentidos. A autora sabe que as pessoas interessadas neste campo particular da arqueologia saberão o que ela quer dizer, já que cada um de nós tem uma idéia mais ou menos clara daquilo que o termo significa nessas circunstâncias, mas infelizmente não há nenhuma definição exata, tornando-a necessária. A definição é requerida com certa urgência antes que o trabalho tenha progredido até um ponto que todos não o reconheçam num determinado instante e assim poderão acontecer grandes mal-entendimentos em trabalhos supostamente cuidadosos e científicos.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2003.

# Notas



## LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO NO NOROESTE DO PARANÁ, ENTRE A FOZ DOS RIOS PARANAPANEMA E IVAÍ\*

*Francisco Silva Noelli* \*\*

*Marcos Rafael Nanni* \*\*\*

*Lúcio Tadeu Mota* \*\*

*Margarida Cardozo Lavado* \*\*

*Eurides Roque de Oliveira* \*\*

*Carlos Panek Jr* \*\*

*Ana Paula Simão* \*\*

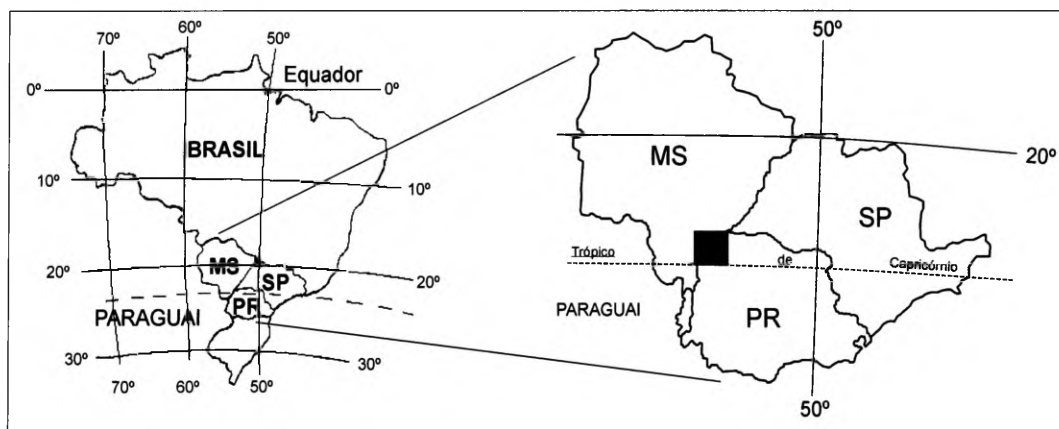
*Fernando Jerônimo* \*\*

*Washington Castilho* \*\*

*João Batista da Silva* \*\*\*\*

Desde 1996 o Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História (LAEE) – Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), desenvolve pesquisas no noroeste do Paraná visando conhecer a região para instalar um programa permanente de Arqueologia Pública e Regional. Em 2000 iniciamos o levantamento arqueológico sistemático nos municípios de Diamante do Norte, Marilena, Nova Londrina, Porto Rico, São Pedro

do Paraná, Querência do Norte e Santa Cruz do Monte Castelo (Fig. 1), por ocasião dos estudos preliminares para a formação da Área de Proteção Ambiental Federal do Noroeste do Paraná (APA). As evidências obtidas contribuem com dados favoráveis para as hipóteses sobre a ocupação Guarani na região (Brochado 1984; Noelli 1996, 2000a, 2000b), demonstrando que a área pesquisada foi ocupada de forma contínua e densa por essas populações.



(\*) Este trabalho é uma versão ampliada e corrigida do texto publicado nos anais do 8º Encontro Regional de História da ANPUH-PR, realizado em Curitiba em 2002. O projeto foi financiado pelo Consórcio Municipal da APA Federal do Noroeste do Paraná, em convênio com a Universidade Estadual de Maringá (Processo 524-00/ Zoneamento Ecológico/Econômico da APA Federal das

ilhas e das várzeas do rio Paraná).

(\*\*) Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História – Universidade Estadual de Maringá.

(\*\*\*) Departamento de Agronomia – Universidade Estadual de Maringá.

(\*\*\*\*) Museu da Bacia do Paraná.

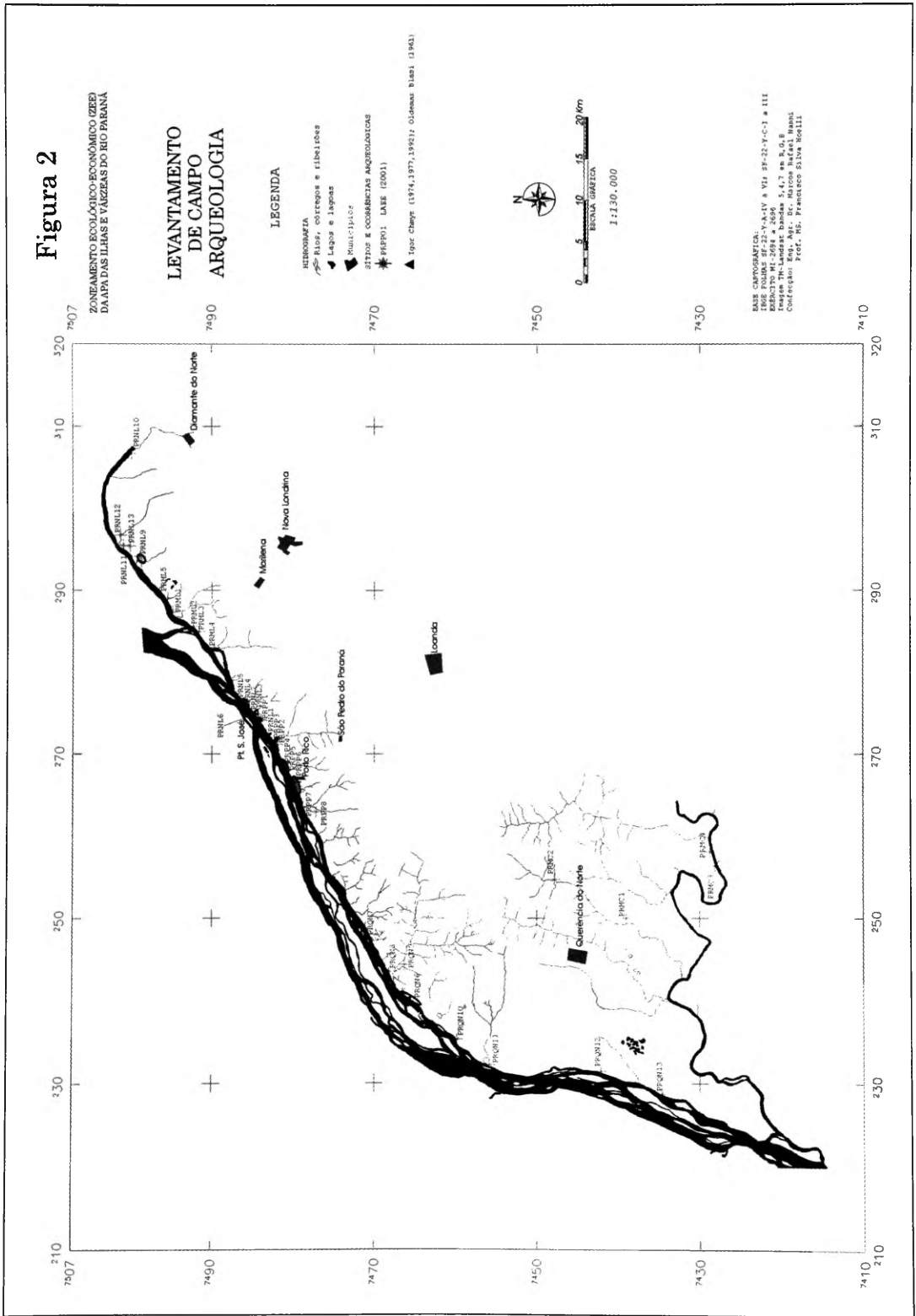
## Resultados preliminares da pesquisa arqueológica

A pesquisa de reconhecimento da paisagem e levantamento arqueológico de evidências superficiais foi dividida em duas etapas. A primeira foi o levantamento no trecho à beira-rio, visando atender aos objetivos da formação da APA. A segunda etapa cobrirá as áreas municipais do interior, onde serão examinadas as microbacias e áreas potenciais para a instalação dos assentamentos mais afastados do rio Paraná, considerando o relevo, abastecimento de água, tipos de solos e outros elementos da natureza (a meta é percorrer a maior parte da superfície dos sete municípios). Foi coberta a pé e de forma sistemática, na beira dos rios Paranapanema, Paraná e Ivaí, uma faixa de 120 km de comprimento por 3 km de largura, entre a represa de Rosana, em Diamante do Norte e a foz do rio Ivaí, em Querência do Norte, bem como boa parte do litoral do rio Ivaí no município de Santa Cruz do Monte Castelo (Fig. 2). Localizamos 68 ocorrências arqueológicas de superfície (OAS), totalizando um número mínimo de 29 e um máximo de 33 sítios arqueológicos, caso algumas OAS sejam mais de um sítio (Tabela 2). A Figura 2 mostra a área de pesquisa e a localização das OAS. Também consideramos e incluímos os registros de outros pesquisadores que estiveram na área, nas décadas de 60 e 80, somando 9 sítios (Blasi 1961; Chmyz 1974, 1991, 1992).

Não realizamos nenhum tipo de escavação ou coleta de superfície, limitando-nos apenas ao mapeamento e registro das OAS e análise preliminar das evidências *in situ*. Essa metodologia não permitiu, nesta fase inicial da pesquisa, definir se algumas OAS correspondiam a um ou mais sítios arqueológicos, mas decidimos registrá-las, em razão da proximidade espacial que sugere conexão entre elas, com apenas um sítio. Ainda temos poucas informações sobre o tamanho real dos sítios arqueológicos, mas alguns revelaram dimensões maiores que 1,5 km de comprimento, como o PR – PP – 06, que está parcialmente soterrado/destruído pelo núcleo urbano de Porto Rico (Fig. 2). Os demais dependem da continuidade das pesquisas para terem suas dimensões efetivamente definidas. A maioria das OAS apresenta evidências cerâmicas típicas Guarani (Brochado 1984; La Salvia e Brochado 1989), e a maioria dos sítios líticos sugerem, por sua situação estratigráfica, vinculação direta com os sítios Guarani. A situação das

evidências possui um padrão similar aos registros arqueológicos Guarani localizados no Paraná (Chmyz 1992), Mato Grosso do Sul (Kashimoto 1998) e São Paulo (Faccio 1998), apresentando concentrações de fragmentos cerâmicos e líticos de superfície com dimensões variando entre 25 e 1.000 m<sup>2</sup>. A maioria das OAS possui forma elipsoidal, com o eixo maior geralmente disposto em paralelo ao leito do Paraná e do Paranapanema.

Os estudos quaternários realizados por geólogos do Grupo de Estudos Multidisciplinares do Ambiente (GEMA) e do Departamento de Geografia, ambos da UEM, indicam que o início da ocupação Guarani coincide com as mudanças climáticas e fitogeográficas ocorridas no noroeste paranaense. Os Guarani estariam entrando na região ao redor de 200 a.C., perto do final de um período de aridez ocorrido entre 3.500 a.C. e 500 d.C. (Jabur 1992; Stevaux e Santos 1998; Noelli 2000b). A aridez contribuiu para a formação de áreas de cerrado, com predomínio de campos e capões com espécies arbustivas e com a retração das áreas florestais. Posteriormente, o aumento gradativo da umidade a partir de 500 a.C. causou uma gradativa mudança na fisionomia vegetal, contribuindo para aumentar as áreas de floresta e tomando o ambiente favorável à ocupação Guarani, que instalava suas aldeias e roças no interior da floresta. Essas alterações ambientais estão marcadas na estratigrafia da região, permitindo uma interpretação preliminar sobre o processo de ocupação humana e a definição de um método preditivo para diferenciar os sítios Guarani dos pré-ceramistas. Em princípio, como pudemos observar em diversos pontos da Região Noroeste do Paraná, entre os dois tipos de sítios encontra-se uma camada de sedimentos eólicos estéreis depositados no período de aridez, permitindo considerar os sítios líticos superficiais como áreas de atividade Guarani e não como sítios pré-ceramistas, uma vez que a maioria das OAS líticas estão nas mesmas camadas que as OAS cerâmicas. No futuro testaremos se essa sequência estratigráfica é constante ou se alguns sítios líticos superficiais são pré-cerâmicos. Consideramos, com base na observação da estratigrafia da área em questão, assim como de trechos do médio rio Ivaí, do rio Paraná no trecho cidade de Guaíra-foz do Ivaí, e do médio Pirapó, que é provável que a maioria dos sítios pré-cerâmicos está abaixo da camada de sedimentos eólicos estéreis, em média abaixo dos 50-60 cm a partir da superfície atual.





**TABELA 2**  
**Lista de sítios e ocorrências arqueológicas localizadas na APA<sup>1</sup>**

Município	Nome do Sítio	Código do Sítio	Fonte	Categoria	Altitude (m)	Água + próxima	Compartimento topográfico	UTM - Coord X	UTM - Coord Y
1	Diamante do Norte	PR - NL - 08	Chmyz 1991, 1992; CNSA 25369	Lítico	250	40	Encosta	293536.8	7498639.5
2	Diamante do Norte	PR - NL - 07	Chmyz 1991, 1992; CNSA 25368	Guarani	252	30	Encosta	306662.2	7499848.5
3	Diamante do Norte	PR - NL - 09	LABE	Guarani	265	3	Encosta	295353.7	7500955.0
4	Diamante do Norte	PR - NL - 10	LABE	Guarani	258	1	Encosta	296740.8	7501191.0
5	Diamante do Norte	PR - NL - 11	LABE	Guarani	262	200	Topo	287288.6	7494837.5
6	Diamante do Norte	PR - NL - 12	LABE	Lítico	255	2	Encosta	284949.6	7491538.0
7	Mariena	PR - ML - 01	LABE	Lítico	237	10	Terraço	282902.5	7489704.5
8	Mariena	PR - ML - 02	LABE	Lítico	244	31	Terraço	285999.4	7495410.0
9	Mariena	PR - ML - 03	LABE	Lítico	243	28	Terraço	289033.9	7495410.0
10	Mariena	PR - ML - 04	LABE	Lítico	278	21	Terraço	295366.0	7500032.0
11	Mariena	PR - ML - 05	LABE	Lítico	263	112	Terraço	268198.8	7480718.0
12	Nova Londrina	PR - NL - 13	LABE	Guarani	262	600	Topo	265623.2	7479504.0
13	Porto Rico	PR - PP - 05	LABE	Guarani	287	5	Encosta	263454.9	7479384.0
14	Porto Rico	PR - PP - 06	LABE	Guarani	332	9	Encosta	240676.5	7466496.0
15	Porto Rico	PR - PP - 07	LABE	Guarani	267	15	Encosta	244319.6	7466996.0
16	Porto Rico	PR - PP - 08	LABE	Guarani	281	39	Encosta	243182.1	7468276.5
17	Querência do Norte	PR - QN - 06	Blasi 1961; Chmyz 1991; LAEE	Guarani	258	100	Encosta	235284.1	7459790.5
18	Querência do Norte	PR - QN - 07	LABE	Guarani	300	100	Encosta	232219.6	7455808.0
19	Querência do Norte	PR - QN - 08	LABE	Guarani	253	62	Terraço	228655.9	7434595.5
20	Querência do Norte	PR - QN - 09	LABE	Guarani	289	52	Encosta	240676.5	7466496.0
21	Querência do Norte	PR - QN - 10	LABE	Guarani	274	20	Encosta	244319.6	7466996.0
22	Querência do Norte	PR - QN - 11	LABE	Lítico	274	47	Encosta	243182.1	7468276.5
23	Querência do Norte	PR - QN - 12	LABE	Lítico	267	15	Topo	235284.1	7459790.5
24	Querência do Norte	PR - QN - 13	LABE	Lítico	236	23	Encosta	232219.6	7455808.0
25	S. Pedro do Paraná	PR - NL - 01	Chmyz 1974, 1991; CNSA 26116	Guarani	270	150	Encosta	228655.9	7434595.5
26	S. Pedro do Paraná	PR - NL - 02	Chmyz 1974, 1991; CNSA 26117	Lítico	257	2	Encosta	244319.6	7466996.0
27	S. Pedro do Paraná	PR - NL - 03	Chmyz 1974, 1991; CNSA 26118	Guarani	270	20	Encosta	243182.1	7468276.5
28	S. Pedro do Paraná	PR - NL - 04	Chmyz 1974, 1991; CNSA 26119	Lítico	260	2	Encosta	235284.1	7459790.5
29	S. Pedro do Paraná	PR - NL - 05	Chmyz 1974, 1991; CNSA 26120	Lítico	254	2	Encosta	232219.6	7455808.0
30	S. Pedro do Paraná	PR - NL - 06	Chmyz 1974, 1991; CNSA 26121	Neobrasileira	260	30	Encosta	228655.9	7434595.5
31	S. Pedro do Paraná	PR - PP - 01	LABE	Guarani	256	150	Encosta	240676.5	7466496.0
32	S. Pedro do Paraná	PR - PP - 02	LABE	Lítico	262	9	Encosta	244319.6	7466996.0
33	S. Pedro do Paraná	PR - PP - 03	LABE	Guarani	250	50	Encosta	243182.1	7468276.5
34	S. Pedro do Paraná	PR - PP - 04	LABE	Guarani	264	15	Encosta	235284.1	7459790.5
35	S. Cruz do Monte Castelo	PR - MC - 01	LABE	Guarani	233	5	Encosta	232219.6	7455808.0
36	S. Cruz do Monte Castelo	PR - MC - 02	LABE	Guarani	284	25	Encosta	228655.9	7434595.5
37	S. Cruz do Monte Castelo	PR - MC - 03	LABE	Lítico	272	80	Terraço	240676.5	7466496.0
38	S. Cruz do Monte Castelo	PR - MC - 04	LABE	Lítico	233	30	Terraço	244319.6	7466996.0

(1) Os pontos relativos aos sítios registrados por Chmyz foram situados de acordo com Chmyz (1991, 1992).

## Conclusão

Encerramos a primeira etapa de um projeto de longa duração, concluindo a fase do reconhecimento arqueológico inicial da APA Federal do Noroeste do Paraná. Na próxima etapa começaremos a refinar nossas informações com o aprofundamento das pesquisas de campo sítio-a-sítio, por meio de estudos estratigráficos e contextuais de cada unidade, visando definir como eram as aldeias, quando e como os Guarani ocuparam a região. Também iremos pesquisar com os mesmos objetivos os assentamentos pré-ceramistas. Esperamos encontrar no registro arqueológico uma série de evidências que revelem aspectos bioantropológicos dos seus ocupantes e sobre sua vida social e econômica. Nas fontes escritas procuraremos elementos que nos ajudem a compreender aspectos estruturais de organização social e política Guarani no período final da

ocupação, bem como diversos outros temas de interesse arqueológico. Por fim, o conjunto dos registros da APA, somados aos sítios localizados nas partes vizinhas do Mato Grosso do Sul e São Paulo, mostram claramente que esta área é de grande interesse arqueológico e possui grande potencial de pesquisa, que precisa ser realizada e desenvolvida junto com um plano de manejo e proteção dos sítios que atraia o interesse da população local, tanto para o conhecimento do passado, quanto para a preservação do seu patrimônio arqueológico.

## Agradecimentos

Aos professores da UEM, Issa C. Jabur; Sérgio L. Thomaz e José C. Stevaux. A responsabilidade pelo conteúdo, evidentemente, restringe-se exclusivamente aos autores dessa publicação.

## Referências bibliográficas

- BLASI, O.  
1961 Algumas notas sobre a jazida arqueológica de 3 Morrinhos - Querência do Norte - Rio Paraná. *Boletim Paranaense de Geografia*, 2 (3): 49-78.
- CHMYZ, I.  
1974 Dados arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do alto rio Paraná. PRONAPA 5. *Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 26: 67-90.
- CHMYZ, I.  
1991 *Relatórios do Projeto Arqueológico Ilha Grande*. Curitiba/Campo Grande: ETROSUL/FUFPR/FUFMS.
- CHMYZ, I.  
1992 *Relatório de atividades do Projeto Arqueológico Rosana-Taquaruçu*. Curitiba: Convênio CESP/FUNPAR.
- FACCIO, N.  
1998 *Arqueologia do cenário das ocupações horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema – SP*. São Paulo, Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- JABUR, I.C.  
1992 *Análise paleoambiental do Quaternário Superior na bacia hidrográfica do alto rio Paraná*. Rio Claro, Tese de Doutorado, Universidade do Estado de São Paulo.
- KASHIMOTO, E.M.  
1997 *Variáveis ambientais e arqueológicas no alto Paraná*. São Paulo, Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- 1996 As hipóteses sobre o centro de origem e as rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, 39 (2): 7-53.
- NOELLI, F.S.  
2000a A presença Guarani desde 2.000 anos atrás: contribuição para a História da ocupação humana do Paraná. R.C. Rolim, S.A. Pellegrini, R.B. Dias (Orgs.). *História, espaço e meio ambiente (VI Encontro Regional de História, ANPUH – PR)*. Maringá: ANPUH: 403-414.
- 2000b A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas – 1872 – 2000. *Revista USP*, 44: 218-269.
- STEVAUX, J.C.; SANTOS, M.L.  
1998 Palaeohydrological changes in the upper Paraná river, Brazil, during the late Quaternary: a facies approach. G Benito; V.R. Baker; K.J. Gregory (Eds.) *Palaeohydrology and environmental change*. New York: Wiley: 273-285.



## CONSIDERACIONES ADICIONALES ACERCA DEL PROCESO DE UNIFICACIÓN DEL VALLE DEL NILO\*

Marcelo Campagno\*\*

En el número anterior de la *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, consideramos las características del proceso de expansión política de los “proto-Estados” surgidos en el Alto Egipto en la segunda mitad del IV milenio a.C., que desemboca en la unificación del territorio comprendido entre la primera catarata del Nilo y el Mar Mediterráneo, hacia el 3000 a.C. (Campagno 2002b: 123-141). Dos mapas adicionales y unas consideraciones marginales intentan expandir – apenas un poco más – la reflexión acerca de las características centrales de tal proceso.

Ciertamente, el proceso en el que adviene la unificación sociopolítica del valle del Nilo presenta múltiples aristas. Una de ellas refiere a la dinámica étnica asociada a tal proceso político. El abordaje de esta cuestión es en extremo difícil, dadas las limitaciones de la evidencia disponible. Sin embargo, es posible proponer algunas reflexiones, que surgen en el marco de una investigación en curso. Si las prácticas interétnicas son básicamente prácticas de la diferencia, esto implica que, para que haya etnicidad, debe haber interacción entre grupos que exhiben y perciben características culturales divergentes (cf., por ejemplo, Eriksen 2002 [1993]; desde el punto de vista arqueológico, Jones 1997; en relación con la situación que aquí nos ocupa, Kansa y Levy 2002: 199-201). En tal sentido, hacia mediados del IV milenio a.C., se advierten ciertas divergencias entre las características culturales

del sur y del norte – el área entre Hieracópolis y Abidos y el área del delta – que es posible interpretar en clave de etnicidad.

### I.

Si bien es probable que, desde el V milenio, incluso antes, el valle y el delta del Nilo hayan participado de un mismo macro-ambiente cultural (un tipo genéricamente similar de organización socioeconómica aldeana, algunos criterios funerarios compatibles, quizá también un idioma genéricamente similar, de raíz afroasiática), dos grandes grupos culturales se recortan de esa suerte de homogeneidad básica: se trata de las culturas de Nagada en el sur y de Buto-Maadi en el norte. Las principales divergencias se advierten en el plano de las prácticas funerarias (diferente orientación de los cadáveres, diverso énfasis en la colocación de ofrendas funerarias), de los objetos de la cultura material (especialmente, los tipos cerámicos), y de algunos rasgos fenotípicos (cf. Trigger 1985 [1983]: 46; Kemp 1995: 682-683; Cialowicz 2001: 7-8; Campagno 2002a: 149; Smith, 2002, 118-122). Dado que, especialmente por la vía de los intercambios, las poblaciones del norte y del sur mantuvieron ciertos contactos entre sí, es posible suponer que el reconocimiento de mayores afinidades culturales entre las comunidades vecinas respecto de los rasgos compartidos con las comunidades más lejanas haya conducido a cierta interpretación de tales identidades y diferencias en clave étnica, aun cuando no sea posible establecer fehacientemente el modo específico en el que tales diferencias podían ser interpretadas por cada uno de los grupos.

### II.

Desde el punto de vista de la etnicidad, el proceso sociopolítico que se desencadena en el

(\*) In *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 12, 2002, we have considered the characteristics of the process of political expansion of the “proto-states” emerged in Upper Egypt, in the second half of IV millennium B.C., which conduces to the unification of the whole territory from the First Cataract of the Nile to the Mediterranean Sea. Two additional maps and some marginal considerations about ethnicity are proposed here, in order to expand the reflection about such a process just a little more.

(\*\*) Universidad de Buenos Aires, Argentina.

Alto Egipto durante la fase Nagada IIc-d (aprox. 3400-3200 a.C.) resulta de suma importancia, tanto por los efectos que produce en la propia región como por los que genera en la región del delta. En primer lugar, a la escala regional, los conflictos que conducen a la unificación política producen, por primera vez, un tipo de integración sociopolítica que coincidiría *grosso modo* con los límites del grupo étnico. En efecto, los conflictos iniciales que conducen a la formación de los primeros proto-Estados oponían a comunidades cuyo principal criterio para diferenciarse entre sí procedía del hecho que constituir diferentes redes parentales. Por su parte, los conflictos que se continúan a la escala de los proto-Estados opondrían luego a diferentes redes articuladas por medio de prácticas estatales. Pero, en ambas situaciones, esos enfrentamientos se producen dentro de un mismo ámbito cultural, que interpretamos aquí en clave de etnicidad. En tal sentido, pues, el proceso de conflictos que conduce al Estado conduce también, en los inicios de la fase Nagada III (hacia 3200 a.C.), a la unificación sociopolítica del mismo espacio étnico. Por primera vez, los límites estatales coincidirían con los límites étnicos.

### III.

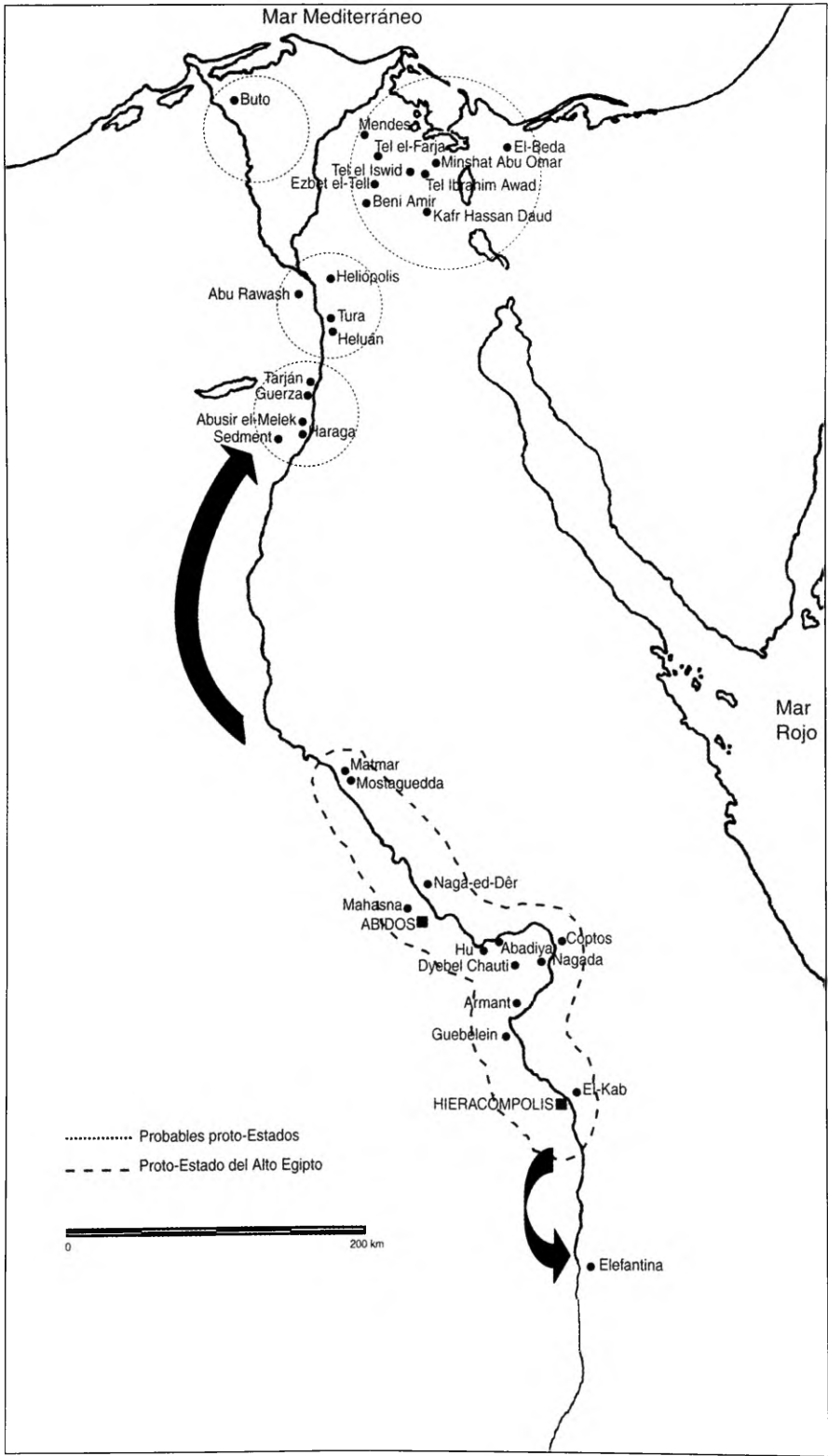
Paralelamente a la constitución de una entidad sociopolítica que en el sur alcanza los límites del grupo étnico, en el delta se produce una serie de cambios que parecen alterar sensiblemente las dinámicas culturales preexistentes. En efecto, a comienzos de la fase Nagada III, los testimonios procedentes del delta del Nilo indican un decisivo proceso de reorientación cultural en el Bajo Egipto. Es posible suponer que los sitios que, desde el comienzo, ofrecen un tipo de cultura material asociada al Alto Egipto (Abusir el-Melek, Minshat Abu Omar) hayan tenido una composición étnica mayormente altoegipcia. La variación gradual o repentina de la cultura material en los sitios del horizonte de Buto-Maadi, en cambio, resulta más difícil de interpretar. En todo caso, está claro que semejante viraje cultural – incluso por el hecho mismo de su simultaneidad en una considerable cantidad de sitios del delta – hubo de darse en el marco de la intensificación de los contactos interétnicos entre el norte y el sur.

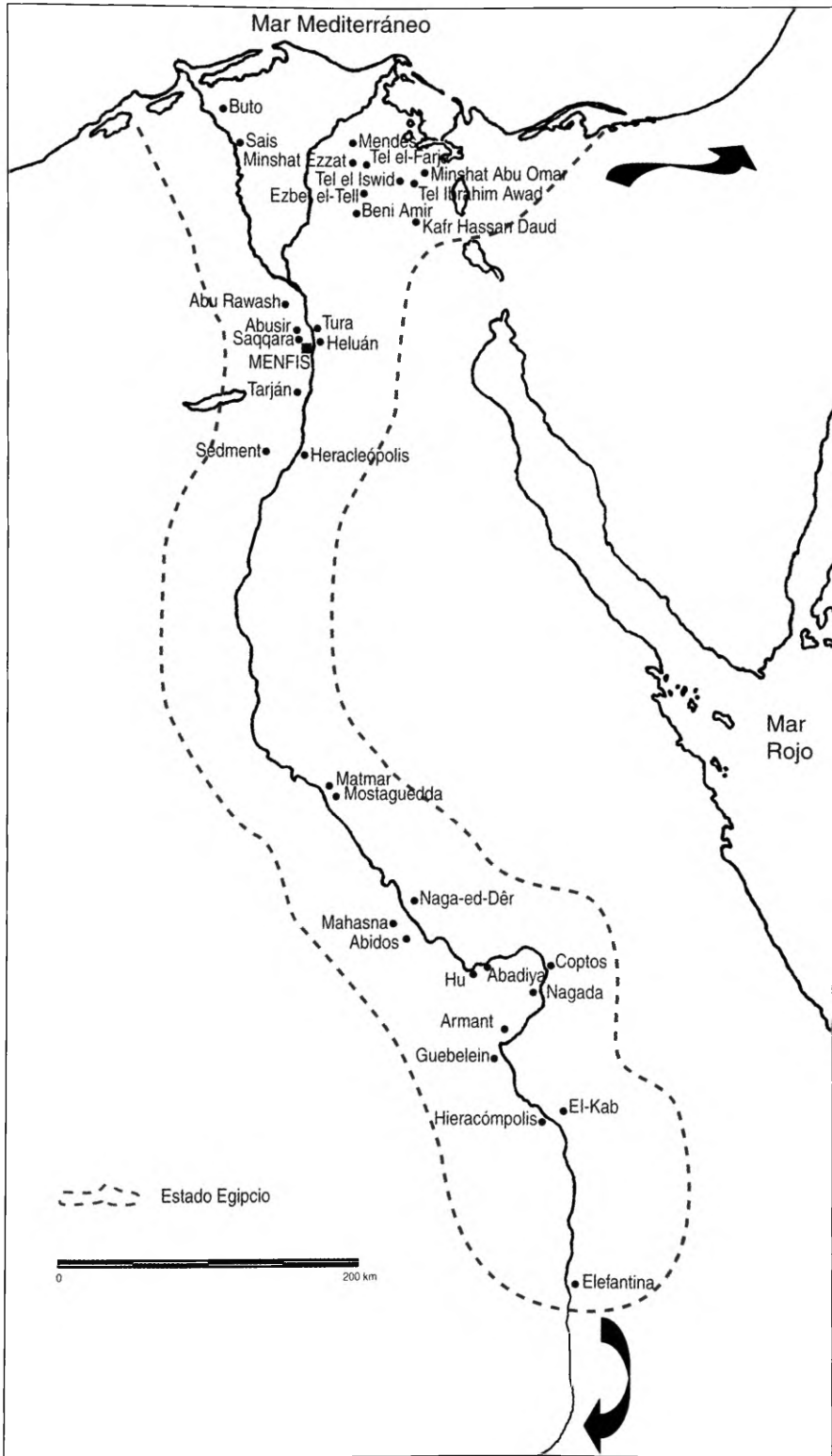
Ahora bien, esos contactos interétnicos, ¿hasta qué punto pudieron producir variaciones en las

características étnicas de los habitantes del delta? No es posible responder a tal cuestión de una manera estricta. Por un lado, es cierto que los principales marcadores culturales del horizonte Buto-Maadi que se hallan a nuestro alcance (básicamente, criterios para la elaboración de cerámica y prácticas funerarias) se disuelven y dejan a paso a criterios procedentes del sur. Pero, por el otro lado, la identidad étnica de los habitantes del delta pudo reconocerse también a partir de otras marcas. Algunas de ellas, quizá podrían haber sido más compatibles desde el principio con aquellas del sur (como podría haber sucedido en relación con las representaciones del mundo o, incluso, con la lengua utilizada por ambos grupos). Otras, en cambio, podrían haber enfatizado diferencias (rasgos fenotípicos, costumbres locales), aun cuando sean muy difícil de documentar arqueológicamente. En tales condiciones, es difícil de pronunciarse acerca del status étnico de los habitantes del delta hacia fines de la fase Nagada II. Pero, en todo caso, es posible reconocer que el proceso de expansión de las prácticas culturales sureñas, en el marco de la intensificación de los contactos interétnicos, debió incidir – en una escala imposible de precisar – en una mayor aproximación de las culturas del delta y del valle y que – en la medida en que tales prácticas culturales constituyen marcadores de etnicidad – esa aproximación no pudo resultar indiferente a los modos en que, hasta entonces, podían reconocerse las diferencias étnicas entre uno y otro grupo.

### IV.

Hayan subsistido o no particularidades étnicas regionales en el ámbito políticamente unificado, desde que ésta se alcanza y a lo largo de las épocas posteriores, el Estado propondrá una imagen de identidad étnica homogénea para los habitantes del territorio bajo su control que se contrasta ante los habitantes de las periferias, identificados siempre bajo un común denominador de negatividad. En efecto, si bien el Estado reconocería ciertas diferencias étnicas entre los habitantes del mundo exterior – libios, nubios y asiáticos, distinguidos a partir de sus rasgos fenotípicos, vestimentas y otras prácticas culturales –, todos ellos serán vistos, en conjunto, como los no-egipcios, los Otros frente a los cuales se elaboran los criterios de pertenencia intraétnica. De hecho, la elaboración de una





identidad étnica-estatal – vale decir, de una dimensión política de la etnicidad – tendió a asociar la condición negativa inherente al Otro étnico con una condición de enemigo del Estado. Como señala Wilkinson (2002: 518), “*la ideología estatal buscó definir Egipto y el modo de vida egipcio contrastándolo no con animales salvajes [como en la época previa] sino con extranjeros. Así, desde el comienzo de la Dinastía I, el ‘enemigo’ es descrito como un ‘bárbaro’ subyugado*” En efecto, con la intervención del Estado en la esfera de la etnicidad, las marcas que se perciben en clave de diferenciación étnica tienden a connotar también una diferenciación política. Y desde las coordenadas simbólicas específicas a partir de las que el Estado egipcio lee el afuera, esa negatividad política, por oposición a un Egipto ordenado, se transforman en manifestación del caos: esos ‘bárbaros’ serían, más específicamente, emisarios del caos y, por ello, enemigos de Egipto.

En todo caso, si hacia el 3200 a.C., con la unificación del sur podría haberse asistido a una primera unificación política del mismo ámbito étnico, esa coincidencia entre ámbito étnico y ámbito político podría haber sido un criterio de primera magnitud para la posterior expansión política hacia el norte. En efecto, si el viraje cultural del norte hubiera tendido a aproximar étnicamente ambas regiones, la posterior expansión del Estado sureño podría haber perseguido – entre otros fines – una nueva coincidencia entre los espacios político y étnico. Ciertamente, esta nueva coincidencia se producía ahora a una escala sin precedentes. Y esa escala – tanto en el plano étnico como en el político – era efecto de la potencia expansiva de la práctica estatal surgida en el sur. Hacia el 3000 a.C., con la concreción de tal expansión, se abrían las puertas para la plasmación de una identidad étnica específicamente egipcia, cuyas características más generales permanecerían a lo largo de más de tres milenios.

### Referencias bibliográficas

- CAMPAGNO, M.  
 2002a *De los jefes-parientes a los reyes-dioses. Surgimiento y consolidación del Estado en el Antiguo Egipto.* Aula Ægyptiaca-Studia, 3. Barcelona, Aula Ægyptiaca.  
 2002b Los “proto-Estados” del Alto Egipto y la unificación del valle del Nilo. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 12: 123-141.
- CIALOWICZ, K.  
 2001 *La naissance d’un royaume. L’Égypte dès la période prédynastique à la fin de la Ière dynastie.* Krakow: Ksiegarnia Akademicka.
- ERIKSEN, TH.  
 2002 *Ethnicity and Nationalism.* London: Pluto Press. [1993]
- JONES, S.  
 1997 *The Archaeology of Ethnicity. Constructing identities in the past and present.* London: Routledge.
- KANSA, E.; LEVY, TH.  
 2002 Ceramics, Identity and the Role of the State: The View from Nahal Tillah. E. van den Brink; Th. Levy (Eds.) *Egypt and the Levant. Interrelations from the 4<sup>th</sup> through the Early 3<sup>rd</sup> Millennium B.C.E.* London, Leicester University Press: 190-212.
- KEMP, B.  
 1995 Unification and Urbanization of Ancient Egypt. J. Sasson (Ed.) *Civilizations of the Ancient Near East*, 1. New York, Charles Scribner’s Sons: 679-690.
- SMITH, P.  
 2002 The Palaeo-Biological Evidence for Admixture between Populations in the Southern Levant and Egypt in the Fourth to Third Millennia BCE. E. van den Brink; Th. Levy (Eds.) *Egypt and the Levant. Interrelations from the 4<sup>th</sup> through the Early 3<sup>rd</sup> Millennium B.C.E.* London, Leicester University Press.: 118-128.
- TRIGGER, B.  
 1985 Los comienzos de la civilización egipcia. [1983] B.Trigger; B. Kemp; D. O’Connor; A. Lloyd *Historia del Antiguo Egipto.* Barcelona, Crítica: 15-97.
- WILKINSON, T.  
 2002 Reality versus Ideology: The Evidence for ‘Asiatics’ in Predynastic and Early Dynastic Egypt. E. van den Brink; Th. Levy (Eds.) *Egypt and the Levant. Interrelations from the 4<sup>th</sup> through the Early 3<sup>rd</sup> Millennium B.C.E.* London, Leicester University Press: 514-520.





## A EDUCAÇÃO INDÍGENA NO MAE - USP

Sandra Lacerda Campos\*

A presente nota tem por objetivo apresentar um primeiro informe sobre a educação indígena em São Paulo e a participação do MAE na formação da primeira turma de professores do projeto de Magistério Indígena. Esta é uma tentativa de reflexão desta experiência, para mim ímpar, e que por várias vezes me colocou em confronto com os desafios antropológicos.

Trata-se de um momento histórico, visto que a educação oficial no Brasil só oferecia um modelo educacional negador da diversidade cultural e lingüística de suas populações, em nome de um processo civilizatório. Dos tempos dos missionários e jesuítas até os dias do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), houve a imposição de valores que negavam e tentavam suprimir as identidades culturais diferenciadas, realidade esta que começa a ser modificada.

Em um momento de lucidez histórica, a Constituição de 1998 reconheceu e assegurou aos povos indígenas o direito a uma educação escolar diferenciada, multicultural e bilíngüe. Esta favorece o acesso aos conhecimentos universais, pelo uso da língua materna e pela valorização dos conhecimentos e práticas tradicionais das populações indígenas, pela elaboração de material didático próprio e principalmente pela docência de professores indígenas, formados nas respectivas comunidades.

A partir de então, a coordenação das ações educacionais em terras indígenas ficou sob a responsabilidade do Ministério da Educação sendo que a execução das ações ficou sob a responsabilidade dos estados e municípios. Num esforço conjunto, vem se formulando uma política nacional de educação escolar indígena, cuja meta tem sido a formação diferenciada de professores dessas comunidades, a quem cabe a docência e a gestão das escolas, respeitando a diversidade social e cultural de tais populações.

A meta a ser atingida é a construção de

escolas nas aldeias em todo território brasileiro e a formação de professores indígenas que ministrem e valorizem o ensino na língua materna.

A educação indígena não é uma prática atual no país, pois várias comunidades, destacando-se as da região central do Brasil, já vêm aplicando um sistema educativo voltado à realidade cultural e lingüística há mais de quinze anos, coordenadas por organizações indígenas e entidades não governamentais. Porém, muitas escolas indígenas ainda não são reconhecidas e não estão vivenciando os direitos garantidos pela nova legislação.

No estado de São Paulo, o maior impulso ao projeto se deu no Governo Mario Covas sendo concretizado no ano de 2004 no Governo Geraldo Alckmin, com a formação da primeira turma de professores indígenas para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries).

A partir dessa iniciativa governamental, São Paulo se tornou o pioneiro a reconhecer oficialmente e a vincular à Secretaria de Estado da Educação a educação indígena para as cinco etnias, com vivências culturais distintas, aldeadas em todo o estado, a saber: Guarani, Tupi Guarani, Krenak, Kaingang e Terena, abrangendo regiões da capital, do litoral e do interior. São mais de vinte aldeias a serem atendidas, com a construção e manutenção das escolas, com a formação do corpo docente e dos dirigentes das respectivas comunidades.

Nos últimos anos, com as mudanças legais e administrativas podemos testemunhar uma verdadeira transformação em curso que vem proporcionando a inclusão e regularização das escolas em terras indígenas, fato este que tem gerado novas práticas, pois, não é mais o aluno indígena que deve procurar a escola e sim a escola que gradativamente vai ao seu encontro, oferecendo programas educacionais dirigidos especificamente às populações indígenas, tanto legal como administrativamente.

No entanto, todas essas questões criaram um grande desafio a ser enfrentado: a qualificação profissional dos atores pedagógicos envolvidos no processo de institucionalização das escolas

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Laboratório de Etnologia do Serviço Técnico de Curadoria.

indígenas e a formação dos docentes de todas as comunidades do Estado.

Sendo assim, o Núcleo de Educação Indígena de São Paulo (NEI), criado pela Secretaria de Estado da Educação em 1997, elaborou e desenvolveu o projeto “Magistério Indígena” que deu continuidade aos princípios da Constituição de 1998.

Restava, então, ouvir as partes interessadas. Assim sendo, seguiram-se dois anos de discussão – 2000 e 2001 – com as lideranças das comunidades indígenas no sentido de compreender as expectativas e dialogar com essas sociedades, para a elaboração de currículos e programas específicos adequados às peculiaridades culturais dos diferentes povos. Colocou-se em debate: “A Escola que Temos, a Escola que Queremos”. Era este o último passo para se pôr em prática os direitos indígenas há muito reivindicados.

De acordo com esses parâmetros, a formulação e a aplicação do Projeto Pedagógico de Formação de Professores Indígenas foi promovida e coordenada pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo que para o desenvolvimento das atividades relativas ao projeto de capacitação, contou com o apoio de professores e especialistas das universidades paulistas para a composição do corpo docente, do qual, enquanto antropóloga e servidora da Universidade no Museu de Arqueologia e Etnologia, tive o privilégio de participar.

A partir de então, durante os anos de 2002 e 2003 o MAE participou do curso de capacitação de professores indígenas do estado de São Paulo, sediando e promovendo atividades para grupos indígenas das cinco etnias aldeadas em São Paulo, fornecendo subsídios à disciplina “Projetos de Aplicação”, por mim ministrada.

A disciplina teve como objetivo a orientação para o desenvolvimento de projetos no âmbito da educação/ ensino, que estendam os conteúdos curriculares para além da sala de aula.

A proposta visava subsidiar a elaboração de projetos de atividades e a criação de espaços de interação com as populações das comunidades indígenas, propiciando a socialização de conhecimentos através de oficinas, de livros didáticos, visitas monitoradas, entre outros, onde o aprendizado se estenda através de

práticas de manufatura e conhecimento simbólico dos objetos, bem como do relato de mitos de cada cultura, levando o professor indígena a refletir sua prática pedagógica dentro e fora da sala de aula.

Nesse contexto, o MAE cumpriu um papel importante enquanto difusor do conhecimento etnológico, pois os professores indígenas tiveram oportunidade de desenvolver suas atividades discutindo o papel pedagógico dos acervos de Museus e principalmente, como os Museus Etnográficos se tornam fontes de pesquisa, onde é possível analisar a produção de objetos da cultura material de cada etnia em diversos momentos históricos. Com isso, tiveram conhecimento do quanto é possível divulgar, de maneira mais ampliada, aspectos tradicionais de sua cultura para as gerações mais novas, podendo recuperar práticas que já haviam sido perdidas, ou pela falta de interesse de aprendizado por parte dos mais novos ou pela falta de quem as soubesse transmitir.

As atividades no MAE foram desenvolvidas em três etapas, em dois dias, totalizando 16 horas.

Na primeira etapa, em sala de aula, foi dada orientação teórica de como elaborar um projeto temático a ser desenvolvido em cada uma das escolas nas aldeias, respeitando as necessidades de cada uma em função da diversidade cultural (Fig. 1). O assunto foi muito discutido, chegando-se a uma conclusão comum de que “qualquer projeto deve ser discutido pela comunidade em geral e cabe ao professor indígena estruturar os projetos, seguindo as etapas formais para encaminhá-los aos órgãos de financiamento”



Fig. 1 – Alunos indígenas em aula ministrada por Sandra Lacerda no MAE.

Dentre as várias propostas que surgiram, uma sugeria o registro das peças existentes nos museus e a divulgação para toda a comunidade indígena. Seria um registro bilíngüe, com imagens dos objetos, formas de uso, nome do objeto na língua materna, se ainda são produzidos ou não e porquê. Isso auxiliaria na proposta de estimular os mais velhos a ensinar algumas técnicas que se perderam por falta de interesse das gerações mais novas.

A segunda etapa foi aplicada no Laboratório de Etnologia, do Serviço Técnico de Curadoria, onde foram informados de que as pesquisas desenvolvidas têm como base a investigação dos objetos, fundamentada em toda documentação de apoio que acompanha os artefatos: livros de tombo, cadernos de campo dos coletores, inventários e fontes bibliográficas.

Foi aplicado um exercício que direcionava os participantes para a descrição e investigação de dados sobre o artefato, como: matéria prima, quem faz (homem ou mulher), quem usa, quando é usado, quem o coletou, quando foi coletado e o número de registro (Fig. 2). Os resultados foram muito interessantes, pois após o registro das informações que conheciam, o grupo investigou nos livros de registro os dados desconhecidos

O exercício despertou muito interesse, demonstrando na prática o papel do professor indígena como investigador de sua cultura, principalmente de que é possível buscar em outras fontes elementos para o resgate de suas tradições. Ficaram muito entusiasmados, pois descobriram que o MAE é uma fonte extraordinária de informações e principalmente de intercâmbio de conhecimentos.

O grupo todo considerou muito importante conhecer os objetos antigos conservados no museu, principalmente por preservar a memória cultural dos povos indígenas. Reforçaram a importância da guarda e exposição dos artefatos no MAE, como maneira de divulgação das culturas indígenas, principalmente as já extintas, para todos os brasileiros.

Outro ponto reforçado foi a importância de



Fig. 2 – Atividade de reconhecimento de peças do acervo no Laboratório de Etnologia.

conhecer o que seus antepassados faziam e tentar resgatar as antigas tradições para que as culturas indígenas existentes também não sejam extintas e continuem a manter sua identidade.

Após o término das atividades no laboratório, foi feita uma apresentação dos setores do Serviço Técnico de Curadoria, para informação sobre os processos a que o acervo é submetido para garantia de sua preservação e pesquisa. Foram apresentados por seus responsáveis os setores de: Documentação – que armazena todos os documentos de referência dos objetos; Laboratório de Conservação e Restauro – que garante a preservação física do acervo; Laboratórios de Arqueologia – que desenvolvem pesquisas com materiais arqueológicos e a Reserva Técnica – onde o acervo fica armazenado de maneira apropriada e em condições climáticas controladas (Figs. 3, 4, 5).

Foi uma ocasião importante em que os indígenas puderam conhecer todo o trabalho de preservação que o Museu desenvolve com o patrimônio cultural de várias gerações de grupos étnicos distintos, desde a sua coleta, as formas de documentação, as atividades de pesquisa, os meios de conservação e os cuidados com a guarda e o armazenamento, até as formas de divulgação.

A terceira etapa foi monitorada pelo Serviço Técnico de Musealização do MAE, que desenvolve atividades educativas, apontando o museu como um dos recursos pedagógicos. O trabalho de pesquisa é centrado na cultura material dos povos





Fig. 3 – Apresentação do Laboratório de Conservação e Restauro (por Gedley Belchior Braga e Silvia Cunha Lima).



Fig. 4 – Apresentação do Laboratório de Arqueologia (por Cristina Demartini).



Fig. 5 – Apresentação da Reserva Técnica (por Sandra Lacerda e Regivaldo Leite).

indígenas, que evidencia a diversidade étnica manifesta nos objetos.

Nessa atividade os alunos puderam manusear várias peças de grupos distintos, percebendo que cada cultura manifesta seu universo simbólico e cultural através dos objetos de maneiras distintas e peculiares de acordo com a visão de mundo de cada etnia (Fig. 6).

Posteriormente, foram monitorados em uma visita à exposição “Formas de Humanidade”, onde identificaram objetos tradicionais de sua cultura que não são mais confeccionados por fatores como: esgotamento de matéria prima, técnicas que foram esquecidas pois os mais novos não aprenderam com os mais velhos e outros que perderam o sentido pois algumas atividades culturais não são mais praticadas (Figs. 7, 8).

A participação foi muito atuante e, durante a visita ao setor indígena, surgiram vários comentários e algumas críticas sobre informações incorretas ou ausência de objetos importantes, como a do cachimbo no manequim Guarani, objeto este que posteriormente foi confeccionado pela senhora Jandira, cacique da aldeia do Jaraguá e doado ao MAE.

Em certos momentos alguns ficaram emocionados ao verem objetos antigos que só conheciam pelos relatos de seus avós e de parentes mais velhos (Fig. 9).

O setor de arqueologia brasileira também despertou interesse e muita curiosidade, pois determinadas tradições cerâmicas, como a Tupy Guarani, estavam presentes e foram reconhecidas por alguns participantes.

Finalizando, houve uma reunião para avaliação das atividades desenvolvidas no Projeto Aplicativo, na qual todos os alunos quiseram manifestar suas opiniões.



Fig. 6 – Atividade educativa monitorada (por Judith Mader Elazari).



Figs. 7 e 8 – Atividade monitorada (por Camilo de Mello Vasconcellos), na exposição do MAE.



Fig. 9 – Atividade monitorada (por Camilo de Mello Vasconcellos), na exposição do MAE.

Em termos gerais, as observações foram muito satisfatórias e até gratificantes, pois eles se manifestaram surpresos com o que vivenciaram nos dois dias em que estiveram no Museu. A princípio, acharam que seria apenas mais um passeio e, depois de tudo o que viram, concluíram que foi pouco tempo para conhecer tudo o que se tem para conhecer no MAE. Chegaram a uma conclusão geral sobre a importância da visita, na medida em que tiveram a oportunidade de conhecer, ver e tocar artefatos antigos, que só tinham conhecimento através de relatos de seus avós. Essa experiência sensibilizou muitos indígenas que manifestaram a importância e o desejo de trazer ao MAE outros membros de sua comunidade, como seus alunos e principalmente os parentes mais velhos.

### Referência bibliográfica

GRUPIONI, L.D.B. (ORG)

- 2001 *As Leis e a Educação Escolar Indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena*. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental.

Comentaram ainda que se sentiram muito bem recebidos e que foram informados que o Museu achou importante receber representantes de algumas etnias produtoras de vários artefatos que ali são preservados.

Como capacitadora, considero importante o esclarecimento de uma atuação consciente do educador indígena e o debate sobre as condições históricas que favorecem a sua formação, pois estamos em um momento histórico em que começa a se consolidar um processo educativo voltado para as populações indígenas. O debate sobre a atual legislação reforçou a necessidade de desenvolver procedimentos que garantam uma educação

diferenciada de boa qualidade e em condições de infra-estrutura favoráveis a esse ensino por parte de seus agentes, os próprios professores indígenas.

A divulgação do MAE, neste momento, e de suas pesquisas no campo da Etnologia Indígena reforça e incentiva um diálogo intercultural importante, além de abrir um espaço de interlocução acerca da cultura material e da diversidade cultural, entre pesquisadores, difusores e produtores.

Acredito ser este um dos grandes desafios antropológicos, ou seja, de sempre estar atento à diversidade cultural do universo social que nos propomos compreender, pois cada sociedade, a seu modo, representa o mundo e a natureza a sua volta de maneiras bem peculiares.

## A RECUPERAÇÃO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ESCADA. ARQUEOLOGIA URBANA EM BARUERI

Maria Cristina Mineiro Scatamacchia (Coord.)\*<sup>1</sup>

A recuperação da capela de Nossa Senhora da Escada, localizada no bairro da aldeia, no município de Barueri, constitui uma das ações de divulgação e uso social, que integra o *Projeto de Levantamento e Uso Social das Estruturas Arqueológicas do Antigo Aldeamento de Barueri*<sup>2</sup> (Scatamacchia e Franchi 2001; 2001/2002)

O resultado da pesquisa mostrou que a atual capela foi construída em tijolo, provavelmente no início do século XX, sobre as estruturas de taipa de pilão da antiga igreja do aldeamento do séc. XVI. Está inserida no centro do sítio arqueológico e faz parte do processo de formação e de ocupação do local.

A sua construção foi sofrendo várias intervenções através do tempo e havia necessidade de uma reforma do prédio em termos da sua integridade física. A proposta de reforma teve também o propósito de recuperar o aspecto estético, visando integrá-la ao meio circundante que está sendo escavado. O projeto arquitetônico elaborado por Paulo Montoro teve a preocupação de, na troca do telhado e do forro, buscar soluções mais compatíveis com o entorno colonial que está sendo escavado.

A capela abriga a imagem de Nossa Senhora da Escada, tombada pelo IPHAN, sendo que a nova caracterização procurou através dos recursos arquitetônicos recuperar também o ambiente sagrado.

A escavação arqueológica realizada no interior da capela evidenciou uma parede de taipa de pilão remanescente da antiga construção, com 1,20m de largura. A retirada do piso permitiu a identificação

dos vários níveis de ocupação, desde um primeiro piso com tábuas, seguido por um de tijolo, que foi nivelado com terra para receber o piso de cerâmica fria mais recente. Toda esta superposição pode ser observada no interior da capela.

As pesquisas identificaram também vários enterramentos, dando seqüência ao padrão que estava sendo encontrado na parte externa à capela, mas que originalmente constituía o espaço interior da antiga igreja. Este fato confirma as informações contidas na documentação textual sobre a prática de sepultamento no interior das igrejas e espaços sagrados.

Um último documento sobre a aldeia de Barueri (Camargo 1971: 354) existente no Arquivo da Cúria Metropolitana dá uma caracterização geral sobre o local na primeira metade do século XVIII e menciona a prática de sepultamento no seu interior até o período de 1733:

“...Tem esta Capela o cercado de terras; de um lado o rio Tietê, em cuja margem ela está edificada, de outro lado um valo; aqui plantei os restantes índios: tem também um pasto dividido, e valado para os animais. Tem o seu Logrador de Campos, e mata fora...o presente...trato, e é rendimento anual...vendavel, como também é seu rendimento a amet... **se sepultam na Capela.** Presentemente são oprimidos ali os pobres índios...pelos herdeiros do cap. Bernardo Leite Penteado, que se querem fazer Senhores das terras, e Campos da vizinhança da Aldeia até o cercanhança da Aldeia até o Cercado dela, esbulhando a antiga Aldeia de suas terras, e logradores...”

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(1) Integram o Projeto Arqueológico de Barueri : Cleide Franchi, Sergio Francisco S. Monteiro, Célia Maria Cristina Demartini e o arquiteto Paulo Monteiro.

(2) Outra ação de divulgação está relacionada à exposição sobre a origem do processo de ocupação da região que integra o conteúdo do Museu Municipal de Barueri.

As evidências arqueológicas identificadas no interior da capela estão expostas, pois sobre elas foram colocadas placas de vidro para permitir a sua proteção e visualização.

A transformação da antiga capela em um ponto de atração significa uma primeira ação de devolução



do conhecimento para a comunidade. Além do aspecto sagrado, pela presença da imagem de Nossa Senhora da Escada, estão presentes também as informações sobre o processo histórico de ocupação do local.

Neste sentido, a arqueologia cumpre o seu papel social, fazendo com que o passado seja utilizado no presente, em benefício da comunidade atual.

Com o apoio e entusiasmo da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Barueri, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo está desenvolvendo uma ampla pesquisa, tentando recuperar o registro arqueológico e a documentação textual do antigo aldeamento que foi a origem do processo de ocupação da região de Barueri.



*Fig. 1 – Vista da capela de Nossa Senhora da Escada antes da reforma e das escavações no entorno. Foto André Nicoletti.*



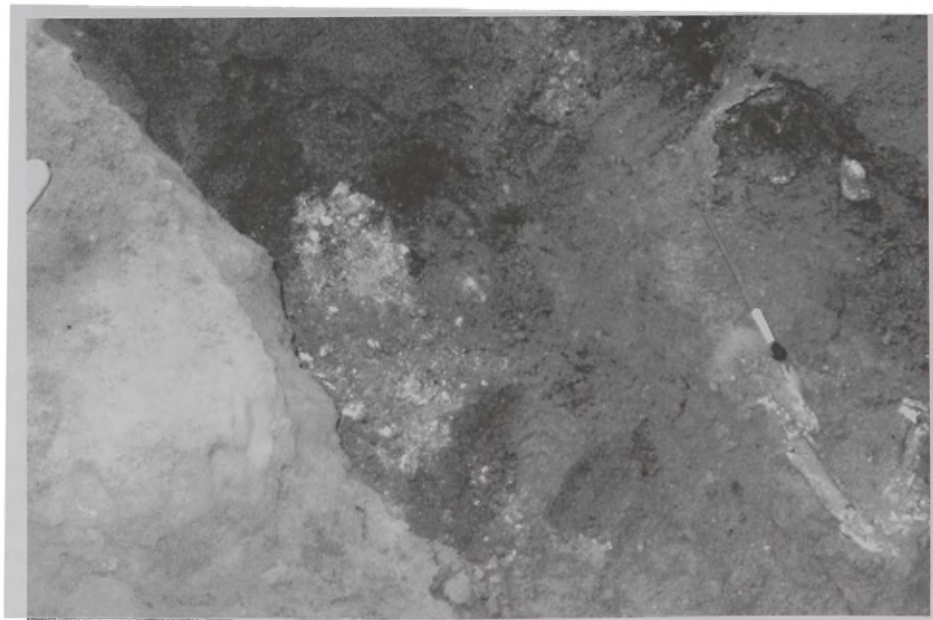
*Fig. 2 – Vista atual da capela de Nossa Senhora da Escada, inserida no registro arqueológico do antigo aldeamento de Barueri. Foto André Nicoletti.*



Fig. 3 – Vista interna da capela com o início da escavação arqueológica. Foto André Nicoletti.



*Fig. 4 – Aspectos das escavações no interior da capela com detalhe para os vestígios ósseos, remanescentes dos enterramentos realizados neste espaço. Foto André Nicoletti.*







*Fig. 5 – Vista do piso atual da capela de Nossa Senhora da Escada, deixando em exposição a fundação da parede de taipa de pilão da antiga igreja, os diferentes pisos de ocupação e os vestígios de enterramentos. Foto André Nicoletti.*

### Referências bibliográficas

- CAMARGO, MONS. P.F.S.  
1971 *História de Santana de Parnaíba*. São Paulo, Conselho estadual de cultura.
- SCATAMACCHIA, M.C.M.; FRANCHI, C.  
2001 Considerações sobre a pesquisa arqueológica na área urbana de Barueri. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 11, São Paulo: 327-329.
- 2001/2002 O levantamento das estruturas do antigo aldeamento de Barueri como *exemplo da pesquisa arqueológica em área urbana*. *Revista de Arqueologia, Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 14-15: 75-85.

*Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2003.*



## TENDÊNCIAS DA NUMISMÁTICA MODERNA. O XIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE NUMISMÁTICA – MADRID, SETEMBRO DE 2003

Maria Beatriz Borba Florenzano\*

O Congresso Internacional de Numismática, organizado a cada seis anos pela Comissão Internacional de Numismática, constitui um momento privilegiado de encontro dos mais variados especialistas da disciplina. Esta é a ocasião ideal para a realização de um balanço do desenvolvimento do estudo das moedas: das tendências perseguidas, dos progressos metodológicos da disciplina e das descobertas de material inédito. Além da publicação do programa do Congresso e dos resumos das comunicações apresentadas, nesta ocasião a Associação Internacional dos Numismatas Profissionais oferece uma publicação extremamente valiosa que é o *Survey of Numismatic Research*, que reúne em capítulos específicos, redigidos por especialistas, comentários e observações sobre todas as obras de Numismática que foram publicadas no decorrer dos seis anos entre um Congresso Internacional e outro. Assim, o numismata atento conta com instrumentos importantes de informação e de avaliação do desenvolvimento de sua disciplina.

Durante os cinco dias dedicados ao Congresso, foram apresentadas 378 comunicações distribuídas da seguinte maneira:

7 Sessões plenárias (conferências)

. 17 comunicações distribuídas por três mesas redondas temáticas

74 comunicações sobre a Grécia antiga

. 85 comunicações sobre Roma Antiga

. 65 comunicações sobre a Idade Média

. 24 comunicações sobre as Idades Moderna e

Contemporânea

. 34 comunicações sobre Numismática Oriental

19 comunicações sobre Medalhas

. 26 comunicações sobre temas gerais da

Numismática

. 27 comunicações diversificadas em formato

de pôsteres.

Já o volume que apresenta a produção numismática dos últimos seis anos, o *Survey* – que este ano totalizou exatas 1000 páginas – apesar de estar dividido nas mesmas seções em que se organizou o Congresso, possui no interior de cada seção, capítulos direcionados a uma enorme variedade de sub-temas. Desta forma, há muitas obras que são comentadas ou pelo menos citadas em mais de um capítulo. No caso da Numismática grega e de influência grega, por exemplo, que nos interessa mais de perto, são onze capítulos que atendem basicamente a critérios cronológicos (cunhagens da Grécia arcaica, da Grécia clássica e da Grécia helenística, por exemplo) ou geográficos/culturais (cunhagens dos Ptolomeus, cunhagens da Magna Grécia e Sicília e assim por diante). Os onze capítulos juntos totalizam 2098 citações de livros, capítulos de livros ou artigos.

Fundamentando-nos tanto na Programação do Congresso quanto no conteúdo do volume do *Survey*, apresentamos a seguir alguns comentários a respeito do que podemos chamar de ‘tendências da moderna numismática’

Dividiremos o nosso comentário nos seguintes itens: 1. As Sessões Plenárias e a tônica europeia da organização do XIII Congresso Internacional de Numismática; 2. Temas atuais nos estudos numismáticos em geral; 3. Tendências atuais no estudo da numismática grega; 4. Participação brasileira no Congresso.

### 1. As Sessões Plenárias e a tônica europeia da organização do XIII Congresso Internacional de Numismática

Foram apresentadas sete Sessões plenárias constituídas por sete Conferências ministradas por especialistas diversos. Em nosso entender, a escolha dos temas destas sessões – as únicas que

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

não tinham horários sobrepostos a outras atividades – obedeceu, sem dúvida, a critérios políticos e institucionais. Os temas abordados foram: a Numismática islâmica; a Numismática latino-americana de época colonial; as Coleções de moedas em instituições espanholas; a Numismática Ibérica; a Numismática Européia medieval; a Medalhística Européia e o Euro. Se, por um lado, estas sessões privilegiaram temas propriamente europeus apontando para a nova realidade política presente no cotidiano destes países a partir da adoção de uma moeda única (como no caso das mesas sobre moedas medievais, medalhística, o euro), por outro, prestigiaram temas locais/regionais, como que destacando a inserção da Espanha com a sua especificidade no conjunto maior das nações européias. Assim, adquirem sentido as conferências sobre as moedas ibéricas locais e sobre as moedas feitas na Espanha para a circulação na América Latina colonial, ou sobre as coleções dos Museus e Gabinetes numismáticos espanhóis. Até mesmo a conferência sobre a Numismática islâmica teve sentido no contexto espanhol e marcou uma diferença importante da Numismática deste país em relação à Numismática de seus parceiros na Comunidade européia: é indispensável lembrar a influência do mundo islâmico sobre a Península Ibérica em época medieval e a enorme quantidade de tesouros contendo moedas islâmicas que é, ainda hoje, encontrada em território espanhol.

## 2. Temas atuais nos estudos numismáticos em geral

### 2.1 A informatização na Numismática

Desde o Congresso Internacional de Bruxelas em 1991, a informatização de coleções e a divulgação de conhecimentos relativos à Numismática por mídias informatizadas vêm ocupando espaço cada vez mais significativo neste tipo de reunião científica. Tem se procurado sempre tornar acessível a um público mais abrangente a enorme quantidade de informações históricas que as moedas podem oferecer. Além disso, os dados informatizados têm servido de material de pesquisa para muitos numismatas. Neste sentido, vários tipos de produtos têm sido desenvolvidos: a) fichas cadastrais de coleções conservadas em Museus ou

Gabinetes Numismáticos; b) catálogos de coleções específicas; c) informatização de material de apoio a visitantes de exposições numismáticas.

No primeiro caso, é com satisfação que registro neste breve comentário, a apresentação de um pôster neste Congresso de Ângela Maria Ribeiro Gianezze, técnica do Museu Paulista/USP, sobre a informatização da coleção de moedas daquela instituição. Como esta comunicação, foram também apresentadas comunicações sobre a informatização de coleções de museus italianos, espanhóis ou ainda sobre a informatização de moedas provenientes de escavações ou achados fortuitos como o “Inventário suíço de achados monetários”, projeto empreendido por um conjunto de instituições na Suíça e em Lichtenstein. Em todas estas comunicações o dado que se destaca é a necessidade de uma ficha cadastral diferenciada para este tipo de objeto, por duas razões principais: em primeiro lugar, na maioria das vezes, as fichas cadastrais usuais em museus e coleções não possuem campos de preenchimento que atendam às especificidades do documento monetário e, em segundo lugar, é comum que uma coleção numismática institucional conte com um volume considerável de moedas que justifique a existência de fichas específicas.

A segunda temática vinculada à informatização de informações numismáticas diz respeito à elaboração de catálogos virtuais de moedas. Trata-se de produzir novos catálogos que sejam acessíveis na rede ou de transferir dados de catálogos impressos, já esgotados para a rede. Vale destacar neste esforço, o empreendimento do Museu Britânico no sentido de colocar em rede todo o antigo catálogo de moedas gregas daquele Museu, obra em 29 volumes produzida entre o final do século XIX e o início do XX. Além disto, o Museu Britânico em conjunto com o Ashmolean Museum de Oxford vem se esforçando para a publicação na rede do volume IV do *Roman Provincial Coinage*, catálogo de todas as moedas romanas emitidas nas províncias, hoje conservadas nos Gabinetes de Numismática destas duas instituições. Todos esses projetos e ainda outros foram apresentados no Congresso e foram alvo de acalorados e prolongados debates. O principal problema colocado gira em torno da unificação de critérios entre as várias instituições e a criação de um *site* único acessível a todas as coleções participantes, para alimentação constante. A outra questão de fundo colocada e

muito debatida é a que diz respeito à impossibilidade de substituir, de forma definitiva, os catálogos impressos por outros disponíveis apenas na rede virtual. O que aflige boa parte dos estudiosos é que estes últimos estarão acessíveis apenas enquanto durarem os serviços na rede, ao passo que os catálogos impressos seriam muito menos suscetíveis de destruição. Muito se refletiu também a respeito de como transpor para a rede, de forma competente, as centenas de catálogos – com milhares de moedas – que já existem impressos (como o do Museu Britânico de moedas gregas, acima mencionado). Neste momento, a conclusão que fica é que os catálogos impressos devem continuar a ser produzidos ainda por um bom tempo e que uma pesquisa numismática aprofundada pode receber subsídios importantes dos dados contidos na rede, mas, ao menos por enquanto, não poderá dispor exclusivamente deles.

Com relação à terceira temática relativa à informatização, constatamos que muito tem sido feito nesta área para atrair o público em geral, visitante de exposições, para o conhecimento fornecido pelo documento monetário. Foram expostos vários trabalhos que mostram a divulgação científica realizada por meio de CD seja para público adulto, ou para público escolar ou ainda orientação para professores da escola fundamental e média. Destaco aqui o projeto do Museu Cívico arqueológico de Bolonha de produção de um CD-ROM com o intuito de aproximar os escolares da Numismática. Trata-se de um produto multimídia empregado tanto por professores em sala de aula quanto para as atividades didáticas durante as visitas ao Museu.

O *Survey of Numismatic Research* traz um excelente capítulo (pp. 913-920) sobre o uso de computadores e da internet nos estudos numismáticos, escrito por David G. Wigg. Os progressos e as limitações desta área são descritos e um total de vinte obras sobre o tema são comentadas.

## 2.2 A preponderância de estudos a respeito das moedas gregas e das moedas romanas na tradição numismática

Uma observação rápida dos números das comunicações é suficiente para constatar que a Numismática grega e romana ou, se quisermos, a tradição de estudos clássicos de Numismática, continua sendo a principal linha de trabalho da

disciplina. Mesmo se pensarmos que o colecionismo talvez seja mais intenso em termos de moedas modernas e contemporâneas, é fato que, do ponto de vista dos estudos propriamente científicos, é a Numismática clássica que continua atraindo a maior parte dos especialistas. Destaque-se igualmente a importância da Numismática romana no conjunto das comunicações neste Congresso. Não se restringe apenas às 85 comunicações arroladas na sessão 'Antiguidade: Roma', mas também às oito comunicações que foram objeto de debate em uma das Mesas redondas que tratou do tema *Moeda e exército: o exemplo dos Júlio-Cláudios no Ocidente* e as nove comunicações em pôsteres também versando sobre moedas romanas. No *Survey of Numismatic Research*, há um total de 1130 obras comentadas nos vários capítulos dedicados às moedas romanas. Este fato é compreensível se lembrarmos que desde o seu nascimento, na Renascença, o colecionismo de moedas e por via dele o estudo numismático mais sistemático abordaram em primeiro lugar as moedas romanas. Longa tradição, já consolidada, que continua marcando a presença ainda hoje, em um congresso como este, mas também em publicações especializadas.

## 2.3 A consolidação de temas que tratam da origem da moeda e do dinheiro 'primitivo'

A questão da origem da moeda e por conseguinte a questão das funções desempenhadas pelas moedas na antiguidade é um tema que vem preocupando os especialistas há alguns anos. Note-se que no *Survey of Numismatic Research*, apresentado no Congresso de Bruxelas de 1991, não há um capítulo sequer que se ocupe em comentar as obras publicadas a respeito desta temática. Já no Congresso seguinte, o de Berlim de 1997, aparece no *Survey* um modesto capítulo que trata de objetos *pré-monetários* e da criação das primeiras moedas verdadeiras. No *Survey* deste ano há um capítulo importante em que 66 obras sobre este tema são comentadas. Por outro lado, há capítulos específicos sobre a Numismática africana, australiana, nova-zelandesa e oriental em que há inúmeras citações de artigos sobre objetos 'pré-monetários' e 'moedas-objetos' nos quais se nota um trabalho interdisciplinar em que a Numismática se associa à Antropologia, à História e à Arqueologia de uma maneira realmente profí-



cua. Assim, parece-nos que a temática da origem da moeda e do dinheiro primitivo é uma temática que vem se consolidando e que deverá receber ainda mais atenção dos especialistas em um futuro próximo.

#### 2.4 A consolidação de metodologias próprias de trabalho: a associação de cunhos, análises metalográficas, análises estatísticas

Este Congresso de 2003 demonstra que as metodologias específicas que surgiram a partir da década de 1970 para lidar com o documento monetário estão definitivamente consolidadas e que não importa a área estudada, Grécia, Roma, o Oriente, a Europa Moderna ou Medieval, em todas elas há quem aplique métodos estatísticos, métodos de ligação de cunhos, metodologias aproveitadas das disciplinas da Física e da Química e assim por diante. Por outro lado, o estudo dos tesouros monetários – tanto no que diz respeito à sua composição interna quanto à sua própria distribuição – tem sido revisto e percebe-se que hoje os resultados de sua análise são vistos com muito mais precaução do que anteriormente. A expectativa é de que a análise de tesouros esteja sempre respaldada por outras análises e estudos de sorte que cronologias e percursos da circulação monetária possam ser estabelecidos com maior segurança.

Também no *Survey*, a parte dedicada à metodologia adquiriu uma consistência não vista nos *Surveys* lançados em congressos anteriores: 49 títulos de estatística numismática e outros 24 títulos sobre análise científica em moedas são comentados.

#### 2.5 História das coleções monetárias e Museologia Numismática

A história de coleções monetárias é um tema novo no campo da Numismática, que adquiriu muitos adeptos nos anos mais recentes. Com efeito, seguindo uma tendência que abrange os estudos históricos e arqueológicos em geral, inúmeras comunicações neste Congresso de Numismática abordaram a formação de coleções menores e de grandes medalheiros europeus, muitos deles constituídos entre os séculos XIV e XVII. A inserção das coleções de moedas no colecionismo em geral; a vida e os objetivos de grandes colecionadores; as razões históricas do colecionismo e as

vicissitudes sofridas por muitas coleções foram temas de várias comunicações. A História das coleções monetárias e do colecionismo de moedas recebeu no *Survey* um capítulo à parte, com o comentário de nada menos do que 50 obras.

Notamos igualmente a presença de comunicações em que exposições de moedas tanto em museus públicos quanto em museus privados foram apresentadas, procurando explorar metodologias museológicas novas de sorte a dar um sentido documental às moedas. No *Survey of Numismatic Research*, constatamos também toda uma seção dedicada aos comentários das obras sobre exposições monetárias, restauro e conservação de moedas. Um total de 88 livros, capítulos de livros ou artigos sobre esta temática são comentados.

Por outro lado, também foram apresentadas oito comunicações que versaram sobre as falsificações de moedas, no passado e no presente. Moedas copiadas na Renascença, moedas de fantasia fabricadas no século XIX, falsificações contemporâneas destinadas ao mercado antiquário foram todos temas tratados neste congresso. As falsificações modernas destinadas ao mercado antiquário e que atingem um grau de perfeição absoluta têm sido uma preocupação constante tanto de estudiosos quanto de colecionadores e de negociantes. Não se trata mais, como na Renascença de imitar moedas, de criar medalhas inspiradas em motivos antigos ou mesmo de inventar novos modelos a partir de peças romanas ou gregas ou medievais para servir de souvenir, as famosas moedas de fantasia tão comuns no século XIX. Hoje, com o auxílio de uma tecnologia avançada, fabricam-se exemplares perfeitos, com pequenas variações de sorte a caracterizar peças únicas e chamar a atenção de colecionadores e estudiosos, embaralhando os estudos científicos. Essa preocupação levou justamente a *International Association of Professional Numismatists* a criar o *International Bureau for the Suppression of Counterfeit Coins* responsável pela Coordenação de uma mesa no Congresso sobre “Novas pesquisas sobre a autenticidade de moedas”. O objetivo foi justamente incentivar a colaboração entre colecionadores, negociantes e estudiosos de sorte a driblar o perigo de inundar as coleções com falsificações que acabarão por interferir nos estudos científicos.

De toda forma, se na Renascença se colecionava e se falsificava e imitava por algumas razões dadas historicamente, podemos afirmar com

segurança que também hoje há razões dadas historicamente, entre elas o mercado antiquário, tanto para o colecionismo quanto para a realização de falsificações.

### 3. Tendências atuais no estudo das moedas gregas

As 74 comunicações apresentadas sobre a Numismática grega foram distribuídas conforme o quadro abaixo:

Número de comunicações	Temas
23	classificação, cronologia e organização de oficinas monetárias específicas
22	achados e/ou tesouros monetários
14	moeda e história social, política ou econômica
6	aspectos técnicos de fabricação/ produção de moedas
4	temas relativos à iconografia monetária
3	análises físicas realizadas em moedas gregas
2	estudo da história de coleções de moedas gregas

A história recente da disciplina Numismática possui uma trajetória interessante: apesar de ser uma disciplina já existente desde a Renascença é apenas a partir da década de 1970 que começam a surgir estudos que propõem suprir a Numismática de um instrumental metodológico mais específico e rigoroso. As publicações que desencadearam este tipo de trabalho e que refletem a preocupação crescente dos especialistas daquele período são primeiramente a obra de J. B. Colbert de Beaulieu *Traité de Numismatique Celtique* – cujo primeiro volume é inteiramente consagrado à metodologia numismática – (Paris, Ed. De Boccard, 1972) e em seguida as atas de um colóquio ocorrido em Nancy em 1971 e editadas por Ph. Gauthier, J.M. Dentzer e T. Hackens *Numismatique antique: problèmes et méthodes*. (Louvain, Éditions Peeters, 1975).

Tanto em uma obra quanto em outra, as moedas que servem de documento de estudo são moedas da antiguidade greco-romana. A partir da publicação destas duas obras, começam a aparecer um sem número de trabalhos consagrados a aspectos puramente metodológicos da Numismática em que se procura firmar alguns princípios básicos da disciplina. Obras consagradas ao ritmo da produção monetária, ao estudo sistemático de tesouros monetários, aos aspectos técnicos da fabricação de moedas, às análises ponderais de moedas de prata, ouro e bronze, à aplicação da estatística às séries monetárias, às análises físicas dos metais monetários, aos estudos de associação de cunhos monetários, e assim por diante. Evidentemente estes foram estudos cuja aplicação se valeu de conjuntos monetários específicos, moedas de oficinas monetárias bem definidas, ou moedas de períodos históricos bem definidos. Entre estes conjuntos, as moedas gregas e também as romanas foram as primeiras a serem empregadas como massa documental para este tipo de estudos. Mas estes foram, de modo geral, estudos que focalizaram sobretudo aspectos propriamente metodológicos, dedicando-se grandemente à discussão dos meios de aplicação destas metodologias, de sua validade para o estabelecimento de cronologias fidedignas, de seqüências monetárias e assim por diante.

Hoje, o que se sente a partir das comunicações neste Congresso Internacional e a partir dos comentários das 2098 obras citadas no *Survey of Numismatic Research*, é que a Numismática grega abandonou um pouco estes estudos propriamente de metodologia numismática e encontra-se em uma fase de volta ao documento em si. Os estudos monográficos sobre oficinas monetárias únicas ou sobre emissões e séries produzidas sob uma autoridade emissora (como por exemplo os monarcas helenísticos) predominam. Há um número significativo de obras dedicadas ao estudo de achados monetários e a temas em que a nossa disciplina se associa às outras disciplinas como a História e à Arqueologia. É o caso, por exemplo, dos estudos relativos às origens econômicas ou não da moeda na Grécia, ao uso da prata como medida de valor e assim por diante. Não tanto entre as comunicações do Congresso, mas sim entre as obras comentadas no *Survey of Numismatic Research* nota-se também um retorno aos estudos de iconografia que procuram explicar melhor as imagens monetárias.

A leitura dos resumos das comunicações do Congresso permitiu-nos perceber que a metodologia tão explorada nas últimas décadas, não desapareceu, nem foi repudiada por não trazer resultados tão significativos quanto os que pareciam iam surgir há alguns anos passados; foi antes incorporada nestes estudos tomando-os mais objetivos e explicitando melhor como a moeda pode se tornar um documento da história das sociedades. Parece ser que a Numismática grega passa por um momento de reestruturação como disciplina, retomando o seu objeto próprio, a moeda, mas trabalhando mais interdisciplinarmente com a História e a Arqueologia. O futuro dirá se esta tendência se consolidará.

#### **4. Participação brasileira no XIII Congresso Internacional de Numismática**

Neste congresso em Madrid a participação brasileira foi destacada pelos organizadores em várias oportunidades durante o evento. Apenas como informação é interessante mostrar alguns números que revelam o crescimento da Numismática científica no Brasil.

##### *4.1 Comunicações apresentadas por brasileiros no Congresso:*

Alain Costilhes “Revising Brazilian gold bars”; Alfredo O.G. Gallas “Aufbau eines für die allgemeine

öffentlichkeit zugänglichen Numismatik-museums. Ein erfolgreiches Beispiel”; Ângela Maria Gianeze Ribeiro “La colección de Numismática en el sistema documental informatizado del Museo Paulista – USP”; Cláudio Umpierre Carlan “Las monedas de Constancio II del acervo del Museo Histórico Nacional/ Rio de Janeiro: características”; Eliane Rose Vaz Cabral Nery “Las emisiones monetárias de D. Alfonso V en la colección numismática del Museo Histórico Nacional en Rio de Janeiro”; Maria Beatriz Borba Florenzano “Demeter and Kore/Persephone on Sicilian coin types”; Maria Cristina Nicolau Kormikiari “Royal Portrait and military strength: Numidian kings and their coinage”; Rejane Maria Lobo Vieira “Contrefactions de monnaies de l’antiquité à la collection du Museu Histórico Nacional de Rio de Janeiro”; Vagner Carvalheiro Porto “La utilización pedagógica de los acervos numismáticos en las Universidades particulares en Brasil”

##### *4.2 Citação no Survey of Numismatic Research de trabalhos de numismática escritos por brasileiros*

Alain Jean Costilhes: 3 citações; Ângela M.G. Ribeiro: 1 citação; Cláudio Angelini: 2 citações; Cláudio Schroeder: 3 citações; Eugênio V. Caffarelli: 2 citações; Luis Galante: 2 citações; Maria Beatriz B. Florenzano: 8 citações; Rejane Maria L. Vieira: 2 citações.

*Recebido para publicação em 19 de dezembro de 2003.*

## RESUMOS DE TESES E DISSERTAÇÕES DO MAE/USP, 2003

### ABSTRACTS OF PHD AND MASTER DISSERTATIONS. MAE/USP, 2003

RAMAZZINA, Adriana Anselmi – As práticas funerárias da Sicília Púnica e da metrópole de Cartago: tipologias tumbais e interações. Tese de Doutorado.

**RESUMO:** Esta pesquisa de doutorado teve como objetivos definir os padrões funerários fenício-púnicos da Sicília com o estabelecimento de uma tipologia tumbal para as necrópoles dos quatro principais sítios: Mótia, Palermo, Solunto e Lilibeu. Além disso, confrontou essa tipologia com a das sepulturas da metrópole de Cartago para verificar, nas constantes, o que é originário da Fenícia, o que é cartaginês e o que é eminentemente produto do ambiente siciliano. Ela se insere no quadro geral dos estudos sobre a Civilização Fenício-Púnica no Mediterrâneo Antigo.

RAMAZZINA, Adriana Anselmi – Funerary practices in Punic Sicily and in Carthage: interaction and tomb typology. PhD Dissertation.

**ABSTRACT:** The purpose of this PhD dissertation is to determine funerary patterns in the Phoenician and Punic cemeteries of Sicily, Motya, Panormus, Solunto and Lilybaeum, defining a typology based on burial structure. This typology is then compared to another one, based on burials from the Carthaginian cemetery. Our intention is to find out through the analysis of these burials which elements are Phoenician, which were conceived in Carthage and how they mingled with new traces in the Sicilian context.

\* \* \*

DIAS, Adriana Schmidt – Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado.

**RESUMO:** O estilo tecnológico é o resultado de escolhas culturalmente determinadas que se refletem na seleção das matérias primas, nas técnicas e seqüências de produção e nos resultados materiais destas escolhas. A comparação entre estilos tecnológicos de diferentes indústrias líticas de uma mesma região permite, portanto, antever a possibilidade de distinção entre identidades sociais ou culturais no registro arqueológico. Buscando testar a validade desta premissa teórica para o estudo da variabilidade artefactual das

indústrias líticas do sul do Brasil, analisamos de forma comparativa os conjuntos líticos da região do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, relacionados a três distintos sistemas de assentamento, associados aos caçadores coletores da Tradição Umbu e aos horticultores das Tradições Guarani e Taquara.

DIAS, Adriana Schmidt – Settlement systems and technological style: a new interpretation for the pre-colonial occupation of Rio dos Sinos Valley, Rio Grande do Sul (Brazil). PhD Dissertation.

ABSTRACT: Technological style is a result of culturally determined choices, which reflects in the selection of raw materials, techniques and production sequences, as well as in the material results of these choices. Therefore, a comparison between technological styles of different lithic industries of a given region allows us to foresee the possibility of distinguishing social and cultural identities in the archaeological record. In search of testing the value of this theoretical assumption for the study of artifact variability in lithic industries in Southern Brazil, we have comparatively analyzed lithic assemblages from the Upper Rio dos Sinos, in Rio Grande do Sul State, linked to groups of hunter gatherers associated to the Umbu Tradition and to two distinct horticulturalist groups from the Guarani and Taquara traditions.

\* \* \*

RAMBELLI, Gilson – Arqueologia subaquática do Baixo Vale do Ribeira – SP. Tese de Doutorado.

RESUMO: O projeto de pesquisa: *Arqueologia Subaquática do Baixo Vale do Ribeira - SP* faz parte de um projeto mais amplo, o *Programa Arqueológico do Baixo Vale do Ribeira*, coordenado pela Profa. Dra. Scatamacchia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), e financiado pela FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo).

*Arqueologia Subaquática do Baixo Vale do Ribeira - SP* se posiciona em prol do patrimônio cultural subaquático no Brasil, e tem como meta conhecer – por meio de uma *Carta Arqueológica Subaquática* –, estudar e gerenciar os testemunhos materiais submersos da presença humana em seus processos de ocupação e de estabelecimento na região, contribuindo diretamente com o *Programa Arqueológico do Baixo Vale do Ribeira*, por meio de uma abordagem arqueológica subaquática. A pesquisa considera a Arqueologia Subaquática enquanto Arqueologia, enquanto ciência social, e compreende o arqueólogo como um agente social, que trabalha como detetive do passado, mas influenciado pelos contextos social, político e cultural contemporâneos ao mundo em que vive. Desta forma, este trabalho representa uma ferramenta para modificar a realidade imposta que envolve essa temática. Para isso, sugere uma abordagem teórica e metodológica que tem como base de sustentação a teoria social, possibilita a criação de mecanismos de defesa e, portanto, de soluções às ameaças ao patrimônio cultural subaquático, principalmente dos sítios arqueológicos de naufrágios. Assim, uma série de sugestões para o gerenciamento desses bens culturais além da *Carta Arqueológica Subaquática*, bem como programas de educação patrimonial, desenvolvimento sustentável através do turismo patrimonial subaquático, são temas que acompanham o desenvolvimento deste projeto.

RAMBELLI, Gilson – Underwater archaeology from Baixo Vale do Ribeira- SP. PhD Dissertation.

**ABSTRACT:** The research project: “*Underwater Archaeology from Baixo Vale do Ribeira- SP*” (*Arqueologia Subaquática do Baixo Vale do Ribeira – SP*) is part of the wider-ranging project “*Archaeological Program from Baixo Vale do Ribeira*” (*Programa Arqueológico do Baixo Vale do Ribeira*) coordinated by Professor Scatamacchia of Museum of Archaeology and Ethnology at University of São Paulo (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo) and financed by FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

*Underwater Archaeology from Baixo Vale do Ribeira – SP* favors the underwater cultural heritage in Brazil and its aim is to recognize, study and manage, through an *Underwater Archaeological Map*, the submerged cultural vestiges of human presence in their different steps of occupation and establishment in the region directly contributing to the *Archaeological Program from Baixo Vale do Ribeira* with underwater archaeological approach. The research considers underwater archaeology as social science and understands that the archaeologist is a social agent who works as a detective from the past, but is influenced by social, political and cultural contemporary contexts. So this work is a tool to modify the imposed reality that involves this theme. Hence it suggests a methodological and theoretical approach, which has the social theory as basis. It also makes the creation of defense mechanisms possible and therefore it promotes solutions to the threat to underwater cultural heritage, mainly the threat to shipwrecks. So the themes that follow the development of this project are related to management and protection of cultural heritage through the development of an *Underwater Archaeological Map* and educational programs on heritage.

\* \* \*

ALMEIDA, Márcia Bezerra de – O australopiteco corcunda – as crianças em um projeto de arqueologia pública na escola. Tese de Doutorado.

**RESUMO:** O presente trabalho trata da relação da Arqueologia com o público a partir do olhar de um grupo de crianças, participantes de um projeto educativo realizado em uma escola da rede privada de ensino no Rio de Janeiro. A Arqueologia foi apresentada aos alunos por meio de escavações realizadas em sítio simulado na própria escola, permitindo a introdução do método científico, a apreciação da cultura material e colaborando para a conscientização da importância do patrimônio arqueológico. Com base na Teoria das Representações Sociais, foram analisadas as entrevistas feitas com os alunos e os relatórios produzidos por eles. O exame destas fontes revelou alguns dos elementos formadores das representações da Arqueologia para a sociedade, reforçando a importância do papel de educador dos arqueólogos. Ao longo da tese são discutidos temas que permeiam a relação entre a Arqueologia e a educação escolar. Essas idéias conduziram a uma avaliação crítica acerca do papel social da Arqueologia e a uma reflexão da atuação do arqueólogo hoje.

ALMEIDA, Márcia Bezerra de – The hunchback australopithecus: a public archaeology project and schoolchildren. PhD Dissertation.

**ABSTRACT:** This work considers the relationship between Archaeology and the general public, especially a group of children that took part in an educational project developed at a private school in the city of Rio de Janeiro, Brazil. The creation of a simulated site, in which mock excavations took place at the school yard, provided the opportunity for the introduction of the scientific method, for the exploration of the significance of material culture and contributed for the children's understanding of the need to preserve our cultural heritage. Interviews with the children and the written reports they produced were used to discuss the social representations of Archaeology. The relationship between Archaeology and Formal Education was also examined. These ideas led to a critical evaluation of the role of the discipline for society and to a reflection of archaeologists' attitudes and performance nowadays.

\* \* \*

ARCURI, Márcia Maria – Os sacerdotes e o culto oficial na organização do estado mexica. Tese de Doutorado.

**RESUMO:** Este trabalho visa discutir algumas hipóteses sobre as funções dos sacerdotes na organização do Estado mexica, tema que se encaixa na discussão da história político-religiosa do México pré-hispânico, sobretudo no Período Pós-clássico tardio. Com esse objetivo são analisadas as práticas dos sacerdotes na organização do culto oficial, indagando sobre o grau de influência ideológica que podiam exercer no âmbito das relações sociais internas e externas de México-Tenochtitlan. Trata-se de entender, com base na análise comparativa das fontes arqueológicas, de que forma os sacerdotes influenciavam a política social e econômica do governo, sob a égide do culto oficial, uma vez que detinham o grau mais elevado de controle da educação e da ideologia da população. Procuramos demonstrar que na história mexica de ascensão ao poder e à hegemonia o culto oficial está nos alicerces da economia, do militarismo, da coerção e do controle social, enfim, em todas as esferas cotidianas articuladas pelo comando dos sacerdotes na organização do Estado.

ARCURI, Márcia Maria – Priesthood and official cult in the organization of the Mexica state. PhD Dissertation.

**ABSTRACT:** The aim of this study is to discuss the hypothesis concerning the role of the priesthood in the Mexica State organization, issue that is fitted in the political and historical discussions of pre-Hispanic Mexican religion, mainly in the late post-Classic period. Aiming the priesthood practices and official cult organization, our hypotheses were analyzed in the view of the ideological influence they could exercise in the overall external and internal social relationships at Mexico-Tenochtitlan. Based on a comparative analysis we try to understand the archaeological sources and how the priests could influence the governmental social politics and economy, under the shelter of official ritual worship, inasmuch as they had a high level of educational and

ideological control of the population. This study focuses on how the Mexica rose to power, to hegemony, and how the official cults were on the grounds of the economy, military policy, coercion and social control, and finally, how the priests were linked to all daily areas of the State organization.

\* \* \*

SOUZA, Margareth de Lourdes – Estudos de sítios pré-coloniais na bacia do Rio Tocantins: análise arqueológica. Tese de Doutorado.

**RESUMO:** O presente estudo reavalia a posição dos sítios arqueológicos levantados anteriormente no perímetro da área de inundação da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa, na bacia do rio Tocantins, no norte do Estado de Goiás, Região Centro-Oeste do Brasil; apresenta a diversidade de ocupações de grupos agricultores, ceramistas e construtores de aldeias em território goiano; destaca os contatos culturais que se expandiram, a partir do século X, com a nova articulação desses grupos vinculados às tradições tecnológicas Aratu, Uru e Tupiguarani; especifica essa situação de reorganização no bioma Cerrado, com a análise da cultura material dos sítios GO-Ni.124, GO-Ni.125, GO-Ni.128, GO-Ni.155 e GO-Ni.202, que se referem a ocupações mais recentes, entre 507 e 308 anos A.P. A partir de comparações arqueológicas e etnohistóricas destaca outros aspectos relevantes nessa área do trecho superior do alto Tocantins, como as ocupações mais antigas relacionadas aos grupos da tradição Uru (1.089 a 308 anos A.P.), a maior incidência de ocupações Uru e Tupiguarani e os carimbos corporais como traço cultural de organização social (hierarquias internas), tanto em contextos arqueológicos quanto em contextos etnográficos. Em nível geral, contribui para discussões sobre processos adaptativos locais, assim como para outras questões abertas, tais como a sedentarização de populações em aldeias, as influências internas e externas no surgimento de novos grupos culturais, os processos de mudanças culturais e os grupos etnográficos.

SOUZA, Margareth de Lourdes – Pre-colonial sites in the Tocantins river basin: archaeological analyses. PhD Dissertation.

**ABSTRACT:** The present study reevaluates the position of the archaeological sites already researched in the flooding area of Serra da Mesa Hydroelectric Power Plant, in the Tocantins river, northern part of the State of Goiás, Midwestern Region of Brazil. It shows how groups of agriculturists, ceramists and village builders in the territory of the State of Goiás occupied the area in very different ways. It also tries to enhance the growth of cultural contacts from the tenth century on, fact due to the new articulation of these groups linked to the technological traditions Aratu, Uru, and Tupiguarani. This study also specifies this situation of reorganization in the Cerrado biome, with the analysis of the material culture of the sites GO-Ni.124, GO-Ni.125, GO-Ni.128, GO-Ni.155, and GO-Ni.202, which refer to more recent occupations, between 507 years B.P. and 308 years B.P. Through archaeological and ethno historical comparisons, it enhances other relevant aspects in this area of the high course of the Tocantins river, with the older occupations related to the groups of the Uru tradition (1.089 years B.P. to 308 years B.P.), the highest incidence of Uru and Tupiguarani occupations, and the body stamps as a cultural trait of social organization (internal hierarchies), either in



archaeological contexts or in ethnographic contexts. At a general level, it contributes to the discussion on the local adaptive processes, as well as to other open issues, such as population sedentation in villages, internal and external influences in the appearance of new cultural groups, processes of cultural changes and ethnographic groups.

\* \* \*

DIAS, Carolina Kesser Barcellos – A produção de vasos na Lucânia e a questão do contato cultural no contexto da colonização grega. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** O principal objetivo de nossa pesquisa é observar nos registros materiais cerâmicos de uma região colonizada pelos gregos no sul da Itália – a Lucânia – traços que possam indicar um movimento de resistência desta população aos padrões culturais helênicos. A pesquisa é centrada nos vasos de figuras vermelhas produzidos no período entre 440 e 310 a.C. na Lucânia, analisados em dois níveis, o formal e o imagético. Através de um quadro estatístico que abrange a totalidade dos vasos lucânicos e da composição de um repertório de imagens relacionadas ao teatro e ao mundo dionísíaco, procuramos abordar alguns aspectos do contato entre essas duas culturas. Uma vez que esses objetos podem carregar em si informações sobre a cultura que os produziu, procuramos observar quais traços gregos puderam ser incorporados e reinterpretados pelos artistas lucânicos contemporâneos e posteriores à colonização, e quais traços lucânicos permaneceram evidentes durante a produção cerâmica nesse mesmo período.

DIAS, Carolina Kesser Barcellos – Lucanian pottery and the problem of cultural contact in Greek colonization. Master Dissertation.

**ABSTRACT:** The main goal of this research is to register in Lucania eventual traces of a resistance movement of this population against Hellenic cultural patterns. Research focuses the red-figure pottery produced between 440 and 310 BC in Lucania, analyzed in two levels, the formal and the iconographical. Through a statistical frame that reaches the totality of the Lucanian vases and the composition of a repertory of images related to theater and to Dionisiac world, we tried to approach some aspects of Greek and local culture. As these objects can carry in themselves information about the culture that have produced them, we tried to observe which Greek traits could be incorporated and reinterpreted by Lucanian artists during and after the colonization period, and which Lucanian traits remained evident during the pottery production in this same period.

\* \* \*

DUARTE, Cássio de Araújo – Aspectos da iconografia e significado do touro no Egito, desde o período pré-dinástico à 5ª dinastia. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** O touro tem sido uma importante fonte de significados para diversas sociedades no mundo desde tempos antigos. Suas conotações de fertilidade e poder refletem os desejos humanos de transcender suas limitações naturais diante da vida

selvagem e dos poderes da natureza. No Egito pré-dinástico, esses conceitos atraíram a imaginação das culturas Naqada espalhadas pelo Vale do Nilo e contribuíram para a própria constituição do caráter do rei, o qual incorporava essa fonte misteriosa de poder para usá-la na ordenação do universo. Com a domesticação dessa espécie, constitui-se mais claramente um imaginário dialético no qual as duas variedades, a doméstica e selvagem, opunham-se por representarem dois mundos diferentes mas complementares: o ordenado e o caótico. A oposição daí decorrente espelhou-se na iconografia, nos textos e estendeu-se às concepções do espaço, constituindo uma inter-relação de significados nos diversos níveis cognitivos da cultura egípcia desde sua aurora. A síntese desses conceitos orbita em torno do próprio modelo da sociedade egípcia, em que o rei, ao mesmo tempo touro selvagem e pastor, governa seu ordenado rebanho divino, o qual, por sua vez, amplifica a extensão do poder do Estado para além das fronteiras espaciais, temporais e imaginárias. O objetivo deste trabalho é revelar o complexo espectro de interações dessas idéias, desde o período pré-histórico até a 5ª Dinastia, através de fontes arqueológicas e textuais.

DUARTE, Cássio de Araújo – Iconographical aspects and meaning of the bull in Egypt from pre-dynastic period to the fifth dynasty. Master Dissertation.

**ABSTRACT:** The bull has been an important source of meanings for worldwide societies since ancient times. His fertility and power connotations reflect the human aims of transcending natural limitations when facing wild life and nature powers. In pre-dynastic Egypt these concepts attracted the imagination of the Naqada cultures spread along the Nile Valley and contributed to the constitution of the king's character itself, who embodied this mysterious source of power to use it in the ordering of the universe. With the domestication of that species it was more clearly established a dialectic imagery in which both varieties, the domestic one and the wild one, were opposed as they represented two different but complementary worlds: the ordered one and the chaotic one. That opposition was also reflected in the iconography, in the texts and was extended to spatial conceptions, constituting an inter-relation of meanings in the different cognitive levels of the Egyptian culture from its beginning. The synthesis of these concepts orbits around the model of the Egyptian society itself, in which the king, at the same time a wild bull and a herdsman, rules his ordered divine herd which, on the other hand, widens the influence of the State power beyond spatial, temporal and imaginary frontiers. The aim of this text is to reveal the complex spectrum of interactions of these ideas from the Egyptian pre-dynastic period until the 5th Dynasty in archaeological and textual sources.

\* \* \*

VILAR, Dalmo Dippold – Arqueologia Industrial e a evolução tecnológica do abastecimento de água na cidade de São Paulo: dos franciscanos à Companhia Cantareira. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** O conforto e o bem-estar proporcionados pela água encanada, jorrando habitualmente em quase todas as torneiras, encobrem toda uma luta de superação do homem com seu meio físico. Este estudo visa compreender, com a metodologia da Arqueologia Industrial, a árdua trajetória da evolução da técnica do abastecimento de

água na cidade de São Paulo, desde o primeiro sistema de adução em 1744 até 1877, quando foi implantado um eficiente projeto de captação e distribuição de água, considerado então o melhor do país. Nos primeiros tempos de sua fundação, a cidade abeberava-se das águas do Anhangabaú, do Tamanduateí, das bicas e nascentes que brotavam da colina histórica. Com o aumento populacional e a expansão da cidade o problema da adução da água transforma-se em necessidade prioritária exigindo obras de grande vulto que o Governo da Província não podia arcar. Em 1869, uma das tentativas para solucionar o problema, foi a colocação de canos de papelão revestidos de betume, para levar a água do tanque do Reúno ao chafariz do Jardim Público da Luz, que teve duração efêmera. Em 1875, as autoridades delegam a incumbência do abastecimento a particulares que fundam a Companhia Cantareira de Águas e Esgotos que a partir de então implanta um novo sistema de saneamento básico para a cidade.

VILAR, Dalmo Dippold – Industry archaeology and technological evolution of watersupply in São Paulo. Master Dissertation.

ABSTRACT: The comfort and well-being provided by water, spurting habitually out of almost every tap, covers a long fight of man to overcome his physical environment. This study aims to understand, through the industrial archaeology methodology, the hard evolution of the water supply technique in São Paulo city, since the first adduction system in 1744 until 1877, when an efficient project of water catchment and distribution was implemented and THEN considered the best in the country. In the early times of its foundation, the city used the waters from the Anhangabaú and Tamanduateí rivers, from water spouts and springs coming from the historic hills. With the population growth and the expansion of the city the water supply problems became a priority need demanding large and important works which the Province Government could not afford. In 1869, one of the attempts to solve the problem was by setting cardboard tubes coated with bitumen to take the water from the Reúno tank up to the fountain in the Light Public Garden which lasted for a short time. In 1875 the authorities delegated the water supply incumbency to the private sector which founded the Water and Sewage Cantareira Company and since then a new basis sanitation system for the city was implanted.

\* \* \*

SILVA, Elaine Cristina Carvalho da – O Lácio proto-histórico (séculos IX-VI a.C.): um estudo de mudança cultural. Dissertação de Mestrado.

RESUMO: A presente dissertação de Mestrado consiste na investigação dos processos de mudança cultural ocorridos no Lácio entre os séculos IX e VI a.C., por meio de um estudo dos relatórios de escavações e catálogos de exposições, além de textos de fundamental importância que estruturam a parte conceitual do trabalho. O período em questão assinala a passagem de formações sociais simples – que poderiam ser chamadas genericamente de comunidades de aldeias, baseadas principalmente em uma estrutura de parentesco – para uma formação mais complexa, na qual é evidente um processo de estratificação social permanente. O método de análise consiste na verificação dos indicadores arqueológicos que são profundamente afetados durante este processo de mudança cultural, concomitante à formação de uma sociedade de classes.

SILVA, Elaine Cristina Carvalho da – Proto-historic Latium (nine<sup>th</sup> to six<sup>th</sup> centuries B.C.): a study of cultural change. Master Dissertation.

**ABSTRACT:** The present Master Degree dissertation consists of the investigation of the processes of cultural change occurred in Latium between the IX<sup>th</sup> and VI<sup>th</sup> centuries B.C., by means of a study of excavation reports and exhibit catalogues, as well as texts of fundamental importance which gave structure to the conceptual part of the work. The period of time in question signals the passage from simple social formations – which could generically be called communities of villages, mainly based on a kinship structure – to a complex formation, in which a process of permanent social stratification is evident. The method of analysis consists in the verification of the archaeological indicators which are deeply affected along this process of cultural change, concomitant to the rising of a society of classes.

\* \* \*

FONSECA, Filomena Pugliese – Equipamento do Engordador: testemunho arqueológico industrial da captação de água na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** A história do abastecimento de água na cidade de São Paulo, em finais do século XIX e começo do XX, constituiu-se em verdadeira saga. Várias propostas foram apresentadas pelas autoridades constituídas e parte das tentativas para solucionar tão grave problema se mostrou totalmente ineficiente em uma cidade cujo crescimento demográfico e expansão econômica estavam além das previsões mais otimistas. A Serra da Cantareira abastecia a população paulistana desde 1881, por ser rica em mananciais considerados então puros e cristalinos. Suas águas chegavam à rede distribuidora por força gravitacional. Porém, em períodos de estiagem, que em alguns anos se prolongavam durante muitos meses, o volume de água era insuficiente para ser levado somente por ação da gravidade aos centros consumidores. A recém-criada Repartição de Águas e Esgotos, que havia substituído a Companhia Cantareira, em 1893, importa uma bomba elevatória a vapor de fabricação inglesa, que chega ao Brasil em 1903 para elevar as sobras do reservatório do Engordador à caixa d'água do "Gonçalves" e daí até a Consolação. Relíquia histórica dos primórdios do abastecimento, único exemplar conhecido no mundo, é um "monumento industrial" por excelência tombado pela Resolução nº 18 de 4 de agosto de 1983 do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado – CONDEPHAAT – e foi estudada com a metodologia da Arqueologia Industrial.

FONSECA, Filomena Pugliese – The 'Engordador' equipment: evidence of the water supply system in São Paulo (Brazil). Master Dissertation.

**ABSTRACT:** The history of the water supply in São Paulo, by the end of the XIX and beginning of the XX centuries became a real saga. Various proposals were made by the Authorities and some of the attempts to solve such a serious problem turned out to be totally inefficient in a city which demographic growth and economic expansion were beyond the most optimistic forecast. The Cantareira Hills supplied the São Paulo City population since 1881, for being rich in springs which were considered clear and

crystalline. The water reached the supply network by gravitational power. In the drought season, however, which in some years lasted for months, the water volume was insufficient to be taken to consumers only by the gravity power. The recently founded water and Sewage Department, which substituted the Cantareira Company, in 1893, imported a vapor lift pump made in England, which arrived in Brazil in 1903, to lift the water surplus from the Engordador reservoir to the Gonçalves water tank and then up to Consolação. A historic relic from the early water supply times, the unique specimen known in the world, it is an “Industrial Monument” par excellence and is now under state protection by the resolution nº 18 of August 4<sup>th</sup>. 1983 of the CONDEPHAAT.

\* \* \*

MOI, Flávia Prado – Organização e uso do espaço em duas aldeias Xerente: uma abordagem etnoarqueológica. Dissertação de Mestrado.

RESUMO: Dissertação elaborada de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos definidos pela Etnoarqueologia, tendo como objetivo formular um modelo de organização e uso do espaço a partir de estudos realizados em duas aldeias Xerente, localizadas na Terra Indígena Xerente, estado do Tocantins, Brasil. Os trabalhos de campo foram desenvolvidos em três momentos distintos do ciclo anual, definidos a partir de fatores ambientais e sociais próprios da cultura Xerente. Teve como procedimento básico a busca de inter-relações existentes entre cultura material, comportamento e cultura, quando foram observadas, descritas e mapeadas as estruturas e áreas de atividade de cada uma das aldeias, relacionando estes espaços à cultura material produzida, seus respectivos atores e períodos de utilização. A análise do conjunto de dados obtido resultou na construção de um modelo Xerente de uso do espaço, considerando não apenas os aspectos identificados como homogêneos entre as aldeias estudadas, mas também os aspectos diferenciadores, de forma que o modelo abranja, igualmente, as variações intrínsecas à forma de ocupação Xerente.

MOI, Flávia Prado – Space use and organization in two Xerente villages: an ethnoarchaeological approach. Master Dissertation.

ABSTRACT: This dissertation was written according to the theoretical and methodological principles of Ethnoarchaeology. Our aim was to elaborate and propose an ideal model of organization and of the use of space by the Xerente indigenous people, based on studies of two of their villages, both of them located at the *Terra Indígena Xerente*, in the state of *Tocantins*, Brazil. All fieldwork were carried out on three different times of the annual cycle of the village life, defined and chosen by environmental and social criteria originated by the Xerente culture itself. Our basic system of proceeding was guided by the search of patterns of relationship amid their material culture their behavior and their culture. Following this method of research, all living structures and activities areas of both villages were observed, described, noted and mapped. Structure and activities were then related to the production of material culture, to its producers and its period of use. The database originated by this work and its analyses resulted on the elaboration of an ideal model of the Xerente people's use of space. We took into account the homogenous variables and the differences

between the two villages, and this also gave us the possibility to analyze the variations that are inherent to the space occupation pattern of the Xerente people.

\* \* \*

SILVA, Imperatriz Ramos da – As estatuetas de terracota e o culto de Perséfone na Sicília: o caso de Morgantina. Dissertação de Mestrado.

RESUMO: O presente trabalho analisa as estatuetas femininas de terracota dos períodos clássico tardio e início do helenístico, recuperadas na antiga colônia grega de Morgantina, na região central da Sicília, durante as escavações realizadas pela Universidade de Princeton. As terracotas analisadas nesta dissertação compreendem os bustos femininos, as figuras femininas de pé, as figuras femininas com o porquinho e a tocha e as figuras femininas reclinadas, recuperadas em três diferentes contextos: as áreas públicas e residenciais, os santuários e as necrópoles. Todos esses tipos foram atribuídos por Malcolm Bell à deusa Perséfone. O objetivo principal de nosso trabalho é verificar em que medida os atributos presentes nessas terracotas permitem, ou não, identificar a deusa Perséfone como a principal divindade cultuada neste sítio.

SILVA, Imperatriz Ramos da – Terracotta figurines and Persephone's cult: the Morgantina example. Master Dissertation.

ABSTRACT: The present work analyses the terracotta female figurines from late classical period and hellenistic periods, recovered in the ancient Greek colony of Morgantina, in the central region of Sicily, during the excavations undertaken by the Princeton University. The terracotta figurines analysed in this dissertation comprehended female busts, the standing female figures, the female figures with piglet and torch and the reclining female figures. These terracotta figurines were recovered in three different contexts: public and residential areas, sanctuaries and necropolis. All of these types were attributed by Malcolm Bell to Persephone, and the aim of our work is to verify in what extent the attributes presented in these terracotta figures allow, or not, an identification of this Goddess as the main deity worshipped in this site.

\* \* \*

TEIXEIRA, João Luiz da Cunha – A malha paralela no levantamento arqueológico regional: um estudo de caso na planície litorânea do Norte Capixaba – Brasil. Dissertação de Mestrado.

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é, a partir do espaço geográfico – tomado como um todo nas suas variações internas e no seu dinamismo –, identificar os sistemas culturais pré-coloniais existentes na zona de transição fisiográfica que define a faixa costeira na planície Litorânea do Norte do Espírito Santo – Brasil. O modelo de amostragem utilizado no levantamento arqueológico sistemático foi a aplicação de uma malha paralela em seis áreas-piloto definidas de acordo com programas sísmicos 3D da Petrobrás. A interpretação dos padrões de assentamento, ainda que preliminar, dos

diferentes sistemas culturais identificados como agricultores ceramistas e pescadores, coletores e caçadores resultou de um exame “superficial” da natureza e distribuição dos vestígios arqueológicos na paisagem regional, levando a entender como esses grupos se adaptaram a esse espaço e dele se apropriaram, usando, para tanto, atributos exclusivos dos sítios – dispersão, concentração ou aleatoriedade – e variáveis ambientais.

TEIXEIRA, João Luiz da Cunha – Parallel grid in a regional archaeological survey: a case study in the coastal plains of northern Espírito Santo (Brazil). Master Dissertation.

**ABSTRACT:** The aim of this research is to identify the pre-colonial systems in the environmental transition zone which defines coastal region of the northern part of Espírito Santo – Brazil. Our point of departure is the geographical space taken as a whole, with all this inner variations and dynamism. The model of sampling adopted in the systematic archaeological survey was a parallel grid in six sample areas in the zone of environmental transition and determined by Petrobrás’ seismic programs. The interpretation of the settlement patterns of the recognized cultural systems – ceramist-agriculturists and fishermen, gatherers and hunters –, though preliminary, resulted of a “superficial” survey of the features and distribution of the archaeological remains in the regional landscape, providing hints on how these groups adapted themselves to this space and about how they took possession of it, using exclusive attributes of the sites (dispersion, concentration or randomness) and environmental variables.

\* \* \*

BERRA, Julia Cristina de Almeida – A arte rupestre na Serra do Lajeado, Tocantins. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** Este estudo da arte rupestre na Serra do Lajeado, Médio Tocantins, compreende cinco núcleos de sítios arqueológicos distribuídos em uma linha mais ou menos reta de 50 km. O principal objetivo é apresentar manifestações rupestres desconhecidas de uma região que exerce um papel particularmente importante na confirmação e refutação de hipóteses colocadas por vários pesquisadores que trabalham questões relacionadas à emergência de tradições culturais e de interação com áreas vizinhas. O conceito de estilo foi utilizado como acesso à grande variabilidade que existe nessa arte rupestre e como um meio de obter informação cronológica a ela relacionada. Os núcleos mostram muitas particularidades estilísticas assim como peculiaridades que podem ser associadas com sua inserção geográfica na área de pesquisa. Quando comparada à arte fora do Tocantins, observa-se, apesar de sua alta individualidade, que as pinturas na Serra do Lajeado compartilham características com regiões circunvizinhas, mas tão distantes como Piauí and Minas Gerais.

BERRA, Julia Cristina de Almeida – Rock art in Serra do Lajeado, Tocantins (Brazil). Master Dissertation.

**ABSTRACT:** This study of the rock art of Serra do Lajeado, Middle Tocantins, comprises five nucleus of archaeological sites distributed in a more or less straight line

of 50 kilometers in a ridge of mountains. The first concern is to introduce an unknown rock art located in a region that plays a particularly important role on the confirmation and refutation of hypotheses put forward by a number of researchers who investigate questions concerning the emergence of cultural traditions as well as exchange and interaction with neighboring areas. The concept of style was used as an access to the large variability that exists in this rock art and as a means to obtain chronological information relating to the art itself. The nucleus shows many stylistic peculiarities as well as similarities that can be associated with their geographical localization in the research area. When compared to rock art outside the Tocantins one observes, the high individuality of their expression notwithstanding, that the paintings in Serra do Lajeado share characteristics with surrounding regions, albeit as distant as Piauí and Minas Gerais States.

\* \* \*

LIMA, Luiz Fernando Erig – Levantamento arqueológico da área de interflúvio na área de confluência dos rios Negro e Solimões, AM. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** O enfoque da dissertação foi o levantamento de sítios arqueológicos localizados nas zonas de interflúvio dos rios Negro e Solimões, AM, visando contribuir para a resolução de dois problemas distintos de pesquisa: um geral e outro específico. O primeiro problema dizia respeito ao teste da aplicabilidade de modelos de adaptação humana na arqueologia amazônica, particularmente no que se refere à possibilidade de ocorrência de sítios arqueológicos de grandes dimensões na área de interflúvio. O segundo problema estava ligado à definição de uma tipologia dos sítios arqueológicos presentes na área de pesquisa.

A pesquisa resultou no achado de 18 sítios (alguns de grandes dimensões) e 10 ocorrências arqueológicas (peças arqueológicas encontradas de forma isolada, não associadas a um contexto arqueológico) no ambiente de interflúvio ou terra firme; e de 16 sítios e 3 ocorrências arqueológicas no ambiente de várzea, resultando em uma distribuição aproximada de 1,9 sítios/km<sup>2</sup>, indicando intensa ocupação da paisagem em época pré-colonial e histórica. Pela primeira vez na região, ocupações pré-ceramistas com datas muito antigas foram localizadas, indicadas pela tipologia dos artefatos líticos recuperados: peças plano-convexas, bifacias, pontas de projéteis e numerosas lascas e estilhas de retoque. Os demais sítios encontrados associam-se a grupos ceramistas que passaram a ocupar a região do séc. III a.C. ao séc. XVI d.C., representados pelas ocupações Manacapuru, Paredão e Guarita, e também por grupos luso-brasileiros, africanos e indígenas etno-históricos em período posterior. O predomínio dos sítios Guarita na área sugere a possibilidade de ter havido uma explosão populacional com intensa ocupação do espaço físico através de uma forma de organização social do tipo cacicado, com controle dos recursos ecológicos dos ambientes de várzea e interflúvio.

LIMA, Luiz Fernando Erig – Archaeological survey in the rio Negro and rio Solimões (Amazon) confluence. Master Dissertation.

**ABSTRACT:** This Master dissertation focus on an archaeological survey of sites located in the upland forest zone between Negro and Solimões rivers in the



Amazonas state, Brazil, aiming at a solution of two different problems. The first problem refers to the applicability of human adaptation models in Amazonian archaeology, in the event possibility of large archaeological sites in the upland forest area. The second problem was linked to the definition of a typology of the sites in the research area. The research resulted in the discovery of 18 sites (some of them with great dimensions) and 10 single archaeological finds (isolated archaeological pieces, without association with an archaeological context) isolated in the upland forest environment; and 16 sites and 3 single archaeological sites in the floodplain environment, resulting in an approximate distribution of 1,9 sites/km<sup>2</sup>, which indicate intense occupation of the landscape in pre-colonial and historical epochs. For the first time in the region, pre-ceramic occupations with very ancient dates were located, indicated by the lithic typology of recovered artifacts: plain-convex scrapers, bifacial pieces, arrow points and several chips and flakes obtained by retouching. The other sites are associated with ceramic groups which occupied the region since the III<sup>rd</sup> century BC to the XVI<sup>th</sup> century of Christian Age, represented by Manacapuru, Paredão and Guarita occupations, and Luso-Brazilian, African and ethno-historical indigenous groups in the historical later times. The hegemony of Guarita sites in the area suggests a possible demographic explosion with intense occupation of the region by means of a chiefdom social organization, with control of ecological sources from the upland and floodplain environments.

\* \* \*

MAROTTA, Marcelo Hilsdorf – O estatuto de arte etrusca – um estudo das representações do Ulisses e as Sereias nas urnas cinerárias etruscas do período helenístico no contexto da antiga Etrúria Setentrional. Dissertação de Mestrado.

RESUMO: A presente dissertação tem como objetivo realizar a revisão da bibliografia etruscológica no que se refere ao estatuto ontológico da arte etrusca. Em especial, serão analisadas as cenas nas urnas cinerárias etruscas do período helenístico que contêm a representação do tema do “Ulisses e as Sereias” a fim de se determinar se essas cenas revelam uma atitude original, da parte da mentalidade cultural etrusca, ou se, ao contrário, elas revelam uma atitude de banalização dos mitos gregos, tal como pode ser encontrada formulada na “Teoria da Banalização”. Ao mostrar que sem uma compreensão mínima do contexto cultural de produção e circulação das urnas não poderíamos definir os significados das representações nas urnas etruscas, tentaremos propor uma nova forma de olhar para a arte etrusca, que se distingue tanto da forma de olhar da Teoria da Banalização quanto das análises iconográficas que pressupõem uma originalidade cultural etrusca mas não a fundamentam adequadamente dentro do contexto que lhe é próprio.

MAROTTA, Marcelo Hilsdorf – Odysseus and the Sirens: a study on Etruscan art as displayed on hellenistic cinerary urns. Master Dissertation.

ABSTRACT: The present dissertation aims at reviewing the etruscological bibliography that deals with the ontological status of Etruscan art. Scenes in the Etruscan cinerary urns from the hellenistic period that bear the representations of the “Odysseus and the Sirens” are specially analyzed. In so doing we intend to

determine if there are in this representations traces of the cultural mentality of the Etruscans, or if they reveal a mere banalization of Greek myths, as is formulated by the “Banalization Theory” This dissertation demonstrates that the understanding of these representations depends on the study of the cinerary urns cultural, production and circulation context.

\* \* \*

GOMES, Marcelo José da Silva – Utilização de métodos geofísicos em sambaquis fluviais, região do Vale do Ribeira de Iguape – SP/PR. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** Este trabalho apresenta resultados obtidos com a aplicação de métodos geofísicos (eletromagnéticos e radiométricos) em três sambaquis fluviais: i) do Moraes; ii) Caraça e iii) Estreito. A interpretação conjunta dos dados geofísicos e arqueológicos permitiu o reconhecimento das feições macro-estruturais importantes na caracterização desses sítios. Os resultados obtidos sugerem interpretações específicas para cada situação, pois os sítios são constituídos por camadas de material antrópico e natural, sendo necessário criar parâmetros de diferenciação entre eles. Escavações foram realizadas para verificar as estruturas inferidas a partir das interpretações geofísicas. Neste processo, foram identificadas feições arqueológicas não visíveis em superfície embora algumas feições geofísicas mostraram-se associadas a materiais naturais existentes no solo. Estas informações, em conjunto com dados arqueológicos, permitem um melhor entendimento da distribuição dos materiais no espaço arqueológico possibilitando delimitar os sítios, determinar as espessuras das camadas, identificar camadas com conchas e localizar concentrações de fogueiras e materiais líticos.

GOMES, Marcelo José da Silva – Geophysical methods and fluvial shellmounds in the Ribeira Valley (S. Paulo-Brazil). Master Dissertation.

**ABSTRACT:** This work presents the results of the application of geophysical methods (electromagnetic and radiometric) to three fluvial sambaquis: i) Moraes; ii) Caraça and iii) Estreito. The joint interpretation of the geophysical and archaeological data allowed the recognition of important features in the characterization of these sites. The results suggest specific interpretations for each situation, for the sites are constituted by layers of anthropic and natural material, showing the necessity to create parameters of differentiation between them. Archaeological excavations have been carried out to verify structures inferred from the geophysical interpretation. In this process, it was possible to identify some archaeological features that were not visible in surface although some geophysical features were explained by natural material in the soil. This information and archaeological data indicated the distribution of the materials in the archaeological space, allowing to demarcate the sites, to determine thickness of layers, to identify layers with shells and to locate lithic materials and hearths.

\* \* \*

ALVES, Maria Cristina – Farinheiros e pescadores do interior da Ilha de São Francisco do Sul, SC. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** Este estudo pretende contribuir para o resgate e a valorização de segmentos da sociedade que se encontram à margem da historiografia oficial. Neste sentido, investiga os remanescentes materiais de duas comunidades extintas em meados do século XX, localizadas no interior da Ilha de São Francisco do Sul, litoral norte de Santa Catarina. O desenvolvimento da pesquisa deu-se a partir de diagnóstico e salvamento arqueológico em área destinada para a instalação de emissário de efluentes da indústria Vega do Sul S.A. Considerado o potencial arqueológico desse município, alçado a “vila” em 1660, o levantamento preocupou-se em registrar todos os vestígios arqueológicos observados. Como resultado, foram identificadas duas áreas de antigas comunidades de agricultores e pescadores: Figueira e Praia Grande. Do período pré-colonial foram registrados seis novos sambaquis e um abrigo-sob-rocha. O salvamento de um sítio do período histórico direcionou a pesquisa para a Arqueologia Histórica. Com base nos dados arqueológicos e em fontes documentais e orais, o estudo busca relacionar elementos indicadores dos estratos sociais existentes no interior dessas comunidades. Conclui que no contexto arqueológico há evidências significativas do contexto social.

ALVES, Maria Cristina – Flourdealers and fishermen in the Island of São Francisco do Sul – Santa Catarina (Brazil). Master Dissertation.

**ABSTRACT:** The present study intends to contribute to the knowledge of social groups which have been traditionally left aside official History. It investigates, for this purpose, the archaeological material remains of two former communities extinct by the mid-twentieth century, situated on the Island of São Francisco do Sul on the North Coast of the State of Santa Catarina. The development of the research began by archaeological diagnosis and archaeological rescue in an area which had been allocated to receive production debris of the factory of Vega do Sul S.A. Considering the archaeological potential of this district, elevated to “borough” in 1660, the goal of the field research was to record all the archaeological remains observed. Evidence has been found of the existence of two areas of former communities, “Figueira” and “Praia Grande” where fishermen and farmers lived. Six new shellmounds and one “shelter under rock” of the ancient period were recorded. The archaeological rescue of a site which developed in the historical period has directed the research towards Historical Archaeology. From the evidence of archaeological data, documentary and oral sources, this study intends to relate elements of knowledge about the social strata existing within these communities. The conclusion is that there is significant evidence of the social context in the archaeological context.

\* \* \*

DONATTI, Patricia Bayod – A ocupação pré-colonial da área do Lago Grande, Iranduba, AM. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** Este trabalho propõe entender o processo de ocupação da área do Lago Grande, focando em trabalhos mais intensivos em um dos sítios da área, sítio

Lago Grande. A hipótese da pesquisa é entender se os sítios arqueológicos da área representam uma única unidade sócio-política do passado. Dessa forma, através do levantamento e do estudo dos sítios da área, tentamos responder questões básicas referentes ao tamanho, densidade e duração dos assentamentos dessa região. Estudos sobre o caráter das ocupações humanas na Amazônia Central concentram-se em pólos divergentes. Por um lado há aqueles que acreditam que as características dessas ocupações não difeririam muito daquelas dos povos etnograficamente conhecidos. Por outro, uma série de pesquisas apontam para um quadro marcadamente diferente, indicativo da ocorrência de grandes assentamentos ocupados, durante longos períodos de tempo, por populações organizadas em estruturas sócio-políticas complexas e hierárquicas que se utilizavam, de maneira complementar, dos recursos da várzea e da terra firme. Estudos regionais específicos como o de levantamento dos sítios da região nordeste do lago Grande permitem o teste dessas hipóteses gerais porque a área de estudo escolhida representa um microcosmo da região amazônica central.

DONATTI, Patricia Bayod – Pre-colonial occupation of Lago Grande, Iranduba, AM. Master Dissertation.

**ABSTRACT:** The aim of the present work was to understand the prehistoric occupation process of a region around the site of Lago Grande, Iranduba-Am, where intensive field and lab work were carried out. The research problem investigated here is to understand archaeological sites as a result of a single social and political unit of past or as a result of reoccupation processes. Through surveys and case study, we tried to answer questions about size, density and duration of the occupations in the area. Most studies about human occupation in Central Amazon are divided in two distinctive perspectives. Some authors believe that the main characteristics of the past populations are not different from ethnographic groups. On the other hand, some researches propose the occurrence of long term occupations, showing evidences of complex socio-political and hierarchic structures. These groups would have used floodplains (várzea) and highlands (terra firme) resources. This work allows the test of these general models, as the study area represents a microcosm of central Amazon region.

\* \* \*

MACHADO, Paulo de Castro Marcondes – Os Santuários de Pico minóicos – interações entre estados primitivos e práticas de culto em Creta. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** A civilização minóica de Creta foi uma importante civilização do Egeu na Idade do Bronze. Muito de sua cultura influenciou povos contemporâneos, como os micênios, e posteriores, como os gregos clássicos. Dessa forma, o estudo da civilização minóica é fundamental para entendermos não apenas a própria civilização minóica, mas também outras civilizações do mundo grego. Neste trabalho empregamos metodologias úteis para a análise da formação de estados primitivos e mudanças culturais, com a esperança de entender a evolução desta civilização única – nossa meta foi lançar alguma luz nas discussões sobre o caráter da administração palacial

minóica e analisar como as práticas religiosas se encaixaram nas estratégias de poder das elites dos palácios. O estudo dos Santuários de Pico minóicos, que representam uma forma padronizada de culto em toda a ilha de Creta, é fundamental para o entendimento das práticas religiosas minóicas e pode auxiliar na análise da organização política minóica e sua relação com a religião ao longo da História.

MACHADO, Paulo de Castro Marcondes – Minoan Peak Sanctuaries: interation and religious cult in Crete. Master Dissertation.

**ABSTRACT:** The Minoan civilization of Crete was a major Bronze Age civilization of the Aegean. Much of its culture has influenced contemporary and later peoples, like the Myceneans and the classical Greeks. So, the study of the Minoan civilization is essential not only for the understanding of the Minoan civilization itself, but also of other civilizations of the Greek world. In this research we have tried to apply useful methodologies to the analysis of early state formation and culture change, in the hope of understanding the evolution of this unique civilization – our goal was to cast some light into the unending debates about the Minoan palatial administration and to analyze how religious practices have fit the palatial élites's power strategies. The study of the Minoan peak sanctuaries pattern of cult is primordial to the understanding of Minoan religious practices and may also help in our understanding of the Minoan political organization and its relation with religion in the course of History.

\* \* \*

PINTO, Renato – Arqueologia e 'romanização': os discursos arqueológicos e a cultura material da Bretanha romana. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** O presente trabalho procurará fazer uma análise discursiva do processo de 'romanização', termo habitualmente utilizado por arqueólogos e historiadores para explicar a assimilação da cultura e da identidade romanas pelas populações nativas das províncias anexadas ao território romano ao longo da República e, principalmente, do Principado. Torna-se cada vez mais evidente que o estudo dos discursos não pode ser reduzido a uma questão meramente semântica. Tendo em vista como alguns dos vários discursos acadêmicos (antigos e atuais) estiveram e/ou estão emaranhados em uma miríade de definições epistemológicas, uma aproximação crítica entre arqueólogos e historiadores – envolvidos com o tema da 'romanização' e com as recentes preocupações da Arqueologia Pós-processual – logra não somente revelar as origens, mas também, os efeitos empíricos do uso, por vezes indiscriminado, de nomenclaturas coadjuvantes da 'romanização' tais como: 'aculturação' 'urbanização' 'civilização' etc. Faz-se mister, ainda, escrutinar as renovadas preocupações de um número cada vez maior de pesquisadores com a natureza multifacetada dos atos de resistência e dominação gerados no processo de expansão do Império Romano. Tais preocupações mostram-se nitidamente afetadas pela releitura dos diversos significados atribuídos aos fenômenos étnicos, simbologias e ideologias, elementos imbricados no termo 'romanização', e têm sido fomentadas por novas críticas à forma de análise de documentos e registros arqueológicos. Alguns debates promovidos por arqueólogos e historiadores, tendo como foco a Bretanha Romana e a Gália, são indicativos de uma

nova forma de pensar que prospera entre os estudiosos da Antiguidade: a aparente ou real complexidade dos resultados e evidências não deve ser obliterada pela pressão por conclusões objetivas, que se mostram, não raramente, falaciosas e enviesadas. É, em especial, sob o olhar de uma Arqueologia cada vez mais crítica de seu papel na sociedade e no meio acadêmico, e de sua capacidade interpretativa, que a análise bibliográfica deste estudo se desenvolverá.

PINTO, Renato – Archaeology and ‘romanization’: archaeological discourse and material culture in Roman Britain. Master Dissertation.

**ABSTRACT:** This study will carry out a discursive analysis of the ‘romanization’ process, a term normally used by archaeologists and historians to explain the assimilation of the Roman culture and identity by the native peoples from the provinces added to the Roman territory throughout the Republic and, mainly, the Principate period. It is becoming more and more evident that the study of discourses cannot be reduced to a merely semantic issue. Considering how some of the many academic discourses (old and current) were and/or have been enmeshed in the making of a myriad epistemological definitions, a critical approach that brings together archaeologists and historians – involved with the theme of ‘romanization’ and with the recent preoccupations of Post-Processual Archaeology – succeeds in revealing not only the origins but, also, the empiric effects of the use, often as not indiscriminate, of *romanization*’s supporting nomenclatures, such as ‘acculturation’ ‘urbanization’, ‘civilization’, etc. It is also vital we scrutinise the renewed preoccupations of an increasing number of scholars with the multifaceted nature of acts of resistance and domination generated during the expansion of the Roman Empire. Such preoccupations, now, show themselves clearly affected by the reassessment of the various meanings ascribed to ethnic phenomena, symbolism and ideologies – all of which elements embedded in the term ‘romanization’ –, and have been fostered by new criticism towards the way documents and archaeological records are analyzed. Some debates promoted by archaeologists and historians, focusing on Roman Britain and Gaul, are indicative of a new mentality thriving among specialists in Ancient World history: the seemingly or real complexity of the results or pieces of evidence must not be obliterated by the pressure for objective conclusions, not rarely fallacious or biased. It is in view of an inquisitive Archaeology, increasingly critical of its role in society and in academia, as well as of its interpretative capacity, that this bibliographic study will develop.

\* \* \*



# REVISTA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

## Regulamento

### Objetivos

A Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia – USP (Rev. MAE), de periodicidade anual, destina-se à publicação de trabalhos originais inéditos, versando sobre Arqueologia, Etnologia e Museologia, com ênfase em África, América, Mediterrâneo e Médio-Oriente. Excepcionalmente, poderão ser aceitos trabalhos já publicados, para republicação em português.

### Constituição

A Rev. MAE é constituída pelas seguintes seções:

- Artigos: trabalhos de pesquisa
- Estudos de Curadoria: levantamentos e comentários sobre acervos arqueológicos e etnográficos; estudos sobre peças e coleções; estudos de conservação e documentação
- Estudos Bibliográficos: ensaios e resenhas
- Notas: projetos e resultados preliminares de pesquisa

### Instruções aos autores

– Os originais devem ser enviados ao editor em disquetes de formato MS - DOS, até 31 de maio do ano da publicação. Estes deverão ter sido digitados através do processador de textos MS-Word, em equipamento padrão IBM PC ou compatível. No mesmo disquete, um segundo arquivo deverá conter nome, endereço, e-mail, telefone e/ou fax dos autores e, ainda, informações sobre a versão e programa utilizados, caso não tenham sido aqueles aqui indicados. O material enviado deverá incluir uma cópia impressa e não será devolvido.

## Artigos e Estudos de Curadoria

– Os textos (30 páginas no máximo, incluindo tabelas, mapas e ilustrações) podem ser escritos em português, inglês, espanhol, francês ou italiano.

- Serão fornecidas gratuitamente 20 separatas.
- O texto deverá obedecer o seguinte padrão:

a) 65 caracteres por linha; 55 linhas por página.

b) A primeira folha deverá conter: 1) título (português e inglês); 2) nome dos autores e instituições a que pertencem; 3) um resumo bilíngue (inglês/português) de, no máximo, 10 linhas, contendo objetivos, metodologia e resultados; 4) unitermos (palavras-chave).

c) As figuras devem ser enviadas de preferência em mídia eletrônica ou originais em papel. Na elaboração das figuras, gráficos, tabelas, e fotografias (estas somente em branco e preto) deve-se levar em conta as dimensões úteis da Revista (18 x 27cm) a fim de que, no caso de redução, não se tornem ilegíveis; este material deve ser enviado juntamente com o disquete, devidamente acondicionado.

d) Escalas gráficas deverão ser sempre utilizadas em lugar de escalas numéricas.

e) As notas, numeradas na ordem em que aparecem no texto, devem estar situadas no final do arquivo, juntamente com os agradecimentos, apêndices, legendas das figuras e tabelas.

f) As notas de rodapé não deverão conter referências bibliográficas. Estas deverão ser inseridas no próprio texto, entre parênteses, remetendo o leitor à bibliografia. Ex.: (Barradas 1968:120-190).

g) A bibliografia seguirá a ordem alfabética pelo sobrenome do autor citado em primeiro lugar.

Exemplos:

BOCQUET, A.

1979 Lake bottom archaeology. *Scientific American*, 240(2): 56-75.

FOLEY, R. A.



- 1981 Off site archaeology: an alternative approach for the short sites. I. Hodder; G. Isaac and N. Hammond (Eds.) *Pattern of the Past Studies in Honor of David L. Clarke*. Cambridge, Cambridge University Press: 157-183.
- SANOJA, M.; VARGAS, I.  
1978 *Antigas formaciones y modos de producción venezolanos*. Caracas: Monte Avila Editores.

### ***Notas***

– 4 páginas, no máximo.

### ***Estudos bibliográficos***

- a) ensaios: 15 páginas, no máximo.
- b) resenhas: 5 páginas, no máximo.

## Regulations

### Aims

The Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia (Rev. MAE) publishes (annually) original works, not published elsewhere, on archaeology, ethnology and museology, with emphasis on Africa, America, Mediterranean Europe and Middle East. Exceptionally, translations into Portuguese of papers already published may be considered.

### Organization

The Rev. MAE will have the following sections:

- Articles: research works
- Curatorship Studies: surveys and comments on archaeological and ethnographical material; studies of artifacts and collections; studies of conservation and documentation
- Bibliographical studies: essays and reviews
- Notes: research projects and preliminary reports

### Instructions to the authors

The originals should be sent to the editor, in MS – DOS formatted diskettes, before May 31 of the publication year, preferably as files of MS – Word, in standard equipment IBM - PC, or compatible. A second file should contain name, address, e-mails, telephone and/or fax number, as well as information about the word processor employed. This material will should contain one printed copy and will be not sent back to the authors.

### Articles and Curatorship Studies

- The articles (30 pages at most, including tables, maps and illustrations) may be written in Portuguese, English, Spanish, French or Italian.
- 20 offprints will be provided free of charge.
- The text should conform to the following pathern:

- a) A page has 55 lines of 65 characters each.
- b) The first page should contain: 1) the title of the

work; 2) the names of the authors and the institutions to which they belong; 3) a bilingual abstract (Portuguese/English) having no more than 10 lines, containing aims, methodology and results. The Editors will prepare the abstract in Portuguese for foreign authors; 4) uniterms (keywords).

c) Drawings should be sent in electronic media or original printings. In preparing drawings, graphs, tables and (black and white) photographs, the working dimensions of Rev. MAE (18 x 27cm) must be kept in mind so that upon reduction, they do not become illegible.

d) Graphical scales should always be used instead of numerical ones.

e) Footnotes and references, numbered in the order of appearance, should be gathered at the file's end, with acknowledgements, appendices and figure- and table captions.

f) Footnotes should not contain bibliographical references. These should be inserted in the text between parenthesis, sending the reader to the bibliography. For instance: (Barradas 1968: 120-180).

g) The references should follow the alphabetical order (firstnamed author).

### Examples:

BOCQUET, A.

1979 Lake bottom archaeology. *Scientific American*, 240(2): 56-75.

FOLEY, R. A.

1981 Off site archaeology: an alternative approach for the short sites. I. Hodder; G. Isaac and N. Hammond (Eds.) *Pattern of the Past Studies in Honor of David L. Clarke*. Cambridge, Cambridge University Press: 157-183.

SANOJA, M.; VARGAS, I.

1978 *Antigas formaciones y modos de producción venezolanos*. Caracas: Monte Avila Editores.

### Bibliographical Studies

- a) essays: 15 pages at most.
- b) reviews: 5 pages at most.

### Notes

- 4 pages at most.

Edição Eletrônica e Tratamento de Imagem:  
*José Luiz de Magalhães Castro Neto*

## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Pró-Reitor: Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu

Pró-Reitoria de Pesquisa

Pró-Reitor: Prof. Dr. Luiz Nunes de Oliveira

## MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Diretor: Prof. Dr. Murillo Marx

Vice-Diretor: Prof. Dr. José Luiz de Moraes

Conselho Deliberativo: Prof. Dr. Murillo Marx

Prof. Dr. José Luiz de Moraes

Profa. Dra. Maria Ligia Coelho Prado

Prof. Dr. Waldenir Caldas

Profa. Dra. Marta Heloisa Leuba Salum

Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano

Profa. Marília Xavier Cury

Sra. Sandra Lacerda Campos

Sra. Cleide Franchi



CRENCIAMENTO E APOIO FINANCEIRO DO:  
PROGRAMA DE APOIO ÀS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS PERIÓDICAS DA USP  
COMISSÃO DE CRENCIAMENTO



ÁREA INTERDEPARTAMENTAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA USP

